

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE  
DOUTORADO EM TURISMO E HOSPITALIDADE**

**NEWTON FERNANDES DE ÁVILA**

**COMUNICAÇÃO *CORPOIESIS* E TURISMO:  
TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS PARA  
A (AUTO)TRANSPOIESE DE SUJEITOS E LUGARES,  
EM SÃO LUIZ GONZAGA, RIO GRANDE DO SUL**

**CAXIAS DO SUL**

**2023**

**NEWTON FERNANDES DE ÁVILA**

**COMUNICAÇÃO *CORPO/ESIS* E TURISMO:  
TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS PARA  
A (AUTO)TRANSPOIIESE DE SUJEITOS E LUGARES,  
EM SÃO LUIZ GONZAGA, RIO GRANDE DO SUL**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Cardinale Baptista

**CAXIAS DO SUL**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

Á958c Ávila, Newton Fernandes de

Comunicação *corpoiesis* e turismo [recurso eletrônico] : tramas turístico-comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, em São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul / Newton Fernandes de Ávila. – 2023.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2023.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Turismo - São Luiz Gonzaga (RS). 2. Comunicação. 3. Autopoiese. 4. Turismo cultural. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48(816.5)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

**NEWTON FERNANDES DE ÁVILA**

**COMUNICAÇÃO CORPOIESIS E TURISMO:  
TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS PARA  
A (AUTO)TRANSPOIESE DE SUJEITOS E LUGARES,  
EM SÃO LUIZ GONZAGA, RIO GRANDE DO SUL**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

**Aprovado em 14/07/2023**

**Banca Examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Paula Rech  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

---

Prof. Dr. Humberto Thomé Ortiz  
Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM)

---

Prof. Dr. Jakson Renner Rodrigues Soares  
Universidade da Coruña – Espanha (UDC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciane Todeschini Ferreira  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

Dedico este trabalho às quatro pessoas  
mais importantes da minha vida:  
minha mãe, meu pai,  
meu irmão e meu sobrinho.  
Obrigado.  
Muito obrigado por tudo!  
Agradecer e retribuir é o que me cabe.  
Agradecer a paciência.  
E retribuir o sorriso, os abraços,  
o carinho, a felicidade e o amor!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Nelcy, ao meu pai Osmar e ao meu irmão Igor, por acreditarem em mim e terem depositado, esse tempo todo, confiança, fé, alegria, carinho, felicidade, amor, nessa caminhada, que foi sofrida, porém intensa, mas que, valeu muito a pena.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo custeio dos meus estudos, no processo de Doutorado, no qual aprendi muito.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, pelo entusiasmo e amorosidade com que me recebeu, convicção e certeza que colocou no desenvolvimento do meu estudo, por muitas conversas e desabafos [teóricos, profissionais, pessoais] nas orientações. O meu muito obrigado pelos abraços [com um cheiro tão doce e uma energia tão sublime] e pelos ensinamentos e grandes contribuições de sua fala [que encanta, paralisa e provoca o pensar] que levarei para a vida inteira.

Agradeço ao atual Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Gestão 2021-2023, Prof. Dr. Pedro Alcântara Bittencourt César, pelo desempenho em manter a Pós-Graduação sempre em evidência, ampliando conhecimentos.

Agradeço à Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Gestão 2023-2025, Profa. Dra. Suzana Maria De Conto, pelo empenho e prontidão para manter a Pós-Graduação em constante evolução, e pela afetividade com que recebe os alunos, professores e funcionários.

Agradeço à ex-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Gestão 2010-2021, Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos, pela hospitalidade, acolhimento, sorrisos, conversas, e principalmente, pela dedicação, zelo e perfeição com que comandou a Pós-Graduação.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Profa. Dra. Luciane Todeschini Ferreira, Profa. Dra. Luciene Jung de Campos, Profa. Dra. Marcia Maria Cappellano dos Santos, Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, Profa. Dra. Susana de Araújo Gastal, Profa. Dra. Susana Maria De Conto, Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bitencourt César, Profa. Dra. Rosane Maria Lanzer, Prof. Dr. Silvio Luiz Gonçalves Vianna (*in-memorian*), Profa.

Dra. Vania Beatriz Merlotti Herédia, com os quais tive a oportunidade de aprender e apreender, nesse caminho percorrido. Obrigado pelo conhecimento que trouxeram, tornando a caminhada tão saborosa e peculiar.

Agradeço aos professores que integraram à Banca de Qualificação, Profa. Dra. Luciane Todeschini Ferreira, Prof. Dr. Jakson Renner Rodrigues Soares, Prof. Dr. Dr. Humberto Thomé Ortiz, pelas contribuições importantes, o cuidado com meu trabalho e a amorosidade com que trouxeram suas contribuições.

Agradeço aos colegas do doutorado, turma T5, do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Franciele Berti, José Almeida dos Santos, Marcelo Zaro, Rosalina Luiza Cassol Schvarstzaupt, Samara Camilotto, pela cumplicidade, momentos de angústia em que partilhamos, diálogos travados nos intervalos das aulas, troca de conhecimentos, desafios que vencemos, enfim, por todos os instantes vividos. Agradeço também, aos colegas de mestrado e doutorado de turmas anteriores e posteriores à minha entrada no programa, que tive convívio, trocando aprendizagens nas disciplinas e em eventos acadêmicos.

Agradeço à Secretária Administrativa do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), Regina de Azevedo Mantesso, pela atenção, disponibilidade, doçura e carinho recebido no atendimento. O sorriso, a simplicidade e a eficiência são marcas registradas dessa pessoa iluminada. Muito obrigado por tudo, aprendi em abundância contigo. E tenho a certeza de que o programa de pós-graduação tem muita sorte de ter você.

Agradeço a algumas pessoas especiais que estiveram por perto, nesse desafio que me dispus a encarar, dando apoio e incentivo. Retribuo, com meu reconhecimento, carinho e amizade: Adriana Crestani Zwan, Ana Marcon, Ana Paula da Silva, Bernardina Araújo, Carina Danna, Carlize Lopes, Daniele Amaral Teixeira, Darci Fernandes, Edith Dias, Eloá Lopes, Flávia Portolan, Henrique Rauch, Janaína Cunha, Josi Martins, Lisete Lomes, Mára Macena, Marcela Rhoden Santiago, Marcelina Nascimento, Maria Clara Magalhães, Maria Ivone Cunha, Marli De Faveri, Paulo Izolan, Rodrigo Zillioto, Sandra Regina Nascimento, Sérgio Araújo, Silvana Padilha Flores, Sonia Barcelos, Tassiara Badissera Camatti, Teresinha Izolan, Valdecir Rodrigues, Vera de Antoni, Wanda Werpachoski, William Fernandes Araújo.

Agradeço ao Prefeito e à Primeira-Dama de São Luiz Gonzaga (Gestão 2016-2020 e Gestão 2021-2024), Sidney Luiz Brondani e Maria de Lurdes Brondani, por

acreditarem, em reunião e conversas que tivemos, na contribuição da minha pesquisa ao município.

Agradeço à Secretária de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga (Gestão 2016-2020), Roseli de Oliveira Grings, por ter me recebido carinhosamente e ter ficado à disposição para contribuir com o que fosse preciso em minha pesquisa.

Agradeço à Secretária de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga (2020), Marli Miranda de Oliveira, por ter me socorrido com informações que não encontrei em alguns documentos, nos períodos em que não estava no município. Sempre educada e prestativa, compreendeu a importância de obter as referências completas para a pesquisa e conseguia os dados e me enviava rapidamente.

Agradeço à Secretária de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga (Gestão 2021-2024), Luiza Caterine Santos Panegalli, que auxiliou dando suporte nas informações e dados que busquei junto à secretaria pessoalmente ou virtualmente.

Agradeço à Presidenta do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, Anna Olívia do Nascimento e ao Coordenador do Centro de Memória e Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, Anderson Iura Amaral Schmitz, pela cordialidade e empenho em colocar à disposição dados e documentos para enaltecer o meu estudo de doutoramento.

Agradeço à Vice-Presidenta do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, Ivone Ávila, pelo carinho, pela cordialidade e pela recepção, inúmeras vezes, para conversar, dialogar e trocar informações sobre arte e sobre sujeitos-moradores da cidade, permitindo tornar possíveis, com as diversas prosas, um maior aprofundamento do conhecimento do lugar.

Agradeço aos meios de comunicação de São Luiz Gonzaga: Jornal A Notícia; Jornal Missioneiro; Rádio São Luiz FM; Rádio Missioneira FM; Rádio 97 FM; Rádio Cidade FM; TV Daqui, pelo espaço que me cederam na divulgação das ações artístico-culturais que executei no município em 2022.

Agradeço ao Diretor do Jornal À Notícia e proprietário da Nova Design, Vinícius Chollet, por acreditar na minha pesquisa de doutorado como uma possibilidade de promover turisticamente São Luiz Gonzaga e patrocinar, espontaneamente, com a criação dos troféus para a ação artístico-cultural Cartas de Amor, em que foram premiadas as cartas-destaque de cada categoria do concurso.

Agradeço à Presidenta da Casa do Poeta de São Luiz Gonzaga (POEBRAS/SLG), Vânia Maria Coimbra, por estender os braços com plena




disponibilidade para a realização da ação artístico-cultural Tertúlia Poética, acreditando e incentivando esse olhar poético-artístico para a construção/reconstrução de um lugar mais amoroso e responsável ecossistemicamente.

Agradeço à Neila Santana, por ter me acolhido em minhas idas a São Luiz Gonzaga, me dando hospedagem em sua casa, pela prontidão de sempre em ajudar e contribuir no meu estudo sugerindo pessoas para entrevistar, locais para visitaçã e outros olhares, e, também, pela amizade que temos que é verdadeira e sincera.

Agradeço a alguns amigos de São Luiz Gonzaga, que sempre que precisei de algo para a minha pesquisa, estiveram prontos a colaborar, conseguindo as informações, os contatos solicitados ou indicando possíveis parcerias, demonstrando, dessa forma que a amizade é uma potência nobre: Adriana Quadros, Anderson Heineck, Dania Trindade, Denis Henrique Fernandes, Denise Bressan Werle, Derli Rios, Elaine Fortes, Eliane Ribas, Eva de Quadros (*in-memorian*), Gabriele Quadros, Jearise de Mattos Rodrigues, Joselma Lisboa, Laura Santos, Lauriane de Mattos Rodrigues, Leandro Bremm, Luciane Rodrigues, Márcia Fagundes, Marieli Oara, Margareth Reichert, Márcio Greff, Matheus Ribas, Mauro Wolkmer, Marília Pires, Rejane Fagundes, Ricardo Amaral, Rose Nascimento Araújo, Suele Rodrigues, Valnir Almeida Marques, Verjane de Oliveira, Vicente Fagundes, Zélia Amaral.

Agradeço às empresas e instituições do município de São Luiz Gonzaga, por terem me recebido de braços abertos e contribuído de alguma forma na minha pesquisa.

Agradeço, especialmente, com um carinho imenso, aos moradores do município de São Luiz Gonzaga, que, em todas às vezes que estive na cidade, para fazer minha pesquisa, prontamente me receberam, com acolhimento e amorosidade – muitos em suas residências e tantos outros em seus locais de trabalho e até mesmo em espaços públicos, quando abordados para ‘com-versar’ lugar e turismo. A generosidade, a cortesia e a simplicidade de um povo que me acolheu sorrindo, sem medir esforços para contribuir – vários deles, sem me conhecer –, não tem preço. São traços registrados no coração e que ficarão na minha memória, para uma vida inteira.



*“Tive a vontade de escrever um texto que não é poesia de rima, é uma prosa de coração. Uma prosa de um missioneiro que tem orgulho de ser gaúcho e de ter nascido na Região das Missões. Uma prosa de um gaúcho que quando passam cavalos e cavaleiros por algum motivo, de festejo ou comemorações, para, aprecia, se sente pertencente ao Rio Grande do Sul. Um gaúcho que já morou em outros estados, já se sentiu à vontade em outros lugares, porque há outras cidades que preencheram esse coração com narrativas visuais, poéticas, textuais, artísticas, que fizeram bem, que voltei. Quem sabe, voltarei. E outros tantos lugares que ainda descobrirei. E aqui, no Rio Grande do Sul, na Região das Missões, na terra vermelha, esse missioneiro, que vem de vez em quando, adquire forças para prosseguir. Nas raízes, parece que o sol irradia mais intensidade de luz, entra pelo corpo e projeta no interior, uma energia esfuziante que se transforma em rizoma e descortina os caminhos que serão traçados. Assim, como em outros lugares que já passei, provocam, um revigorar das energias. E o missioneiro traça outros objetivos, caminha em outras direções, porque há muitos caminhos para serem conhecidos, desbravados. E também, outras pessoas e equipes para serem aprimoradas. Desta forma, esse missioneiro, gaúcho, segue a vida, distribuindo o conhecimento que aprendeu e contando histórias da terra em que leva no coração por onde vai.”*

**Newton Ávila**

## RESUMO

A presente tese tem como **foco de estudo**: Comunicação *Corpoiesis* e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS. Nesse sentido, o **objetivo geral** é propor a relação entre Comunicação *Corpoiesis* e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, como agenciadoras de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS. Desse modo, ficaram assim estabelecidos os **objetivos específicos**: fundamentar teoricamente a proposição *Corpoiesis*, como fusão teórico-conceitual de corpo e autopoiese – (auto)transpoiese; discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa; apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas; promover ações de Comunicação *Corpoiesis* relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga. Em **termos teóricos**, trata-se de estudo qualitativo transdisciplinar, envolvendo a perspectiva complexa ecossistêmica, na interface de vários saberes e linhas teóricas: Epistemologia da Ciência; Esquizoanálise, na abordagem da trama subjetiva; Turismo e Comunicação, em sua dimensão ecossistêmica; Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural. As **estratégias metodológicas** utilizadas foram: Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2014b; 2022a). A autora das estratégias propõe a produção do conhecimento, a partir de uma trama de trilhas investigativas, em interações múltiplas e processos geradores de leitura ampliada da realidade, considerando seu caráter complexo ecossistêmico, plurimetodológico e processual. As trilhas investigativas em processo para a pesquisa são: Trama dos ‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa; Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva; Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica; Usina de Produção ou Trama dos Fazer; e Dimensão Intuitiva da Pesquisa, possibilitando a combinação entre aproximações e ações investigativas, com procedimentos múltiplos, em coerência com os objetivos específicos. No estudo empírico, envolvendo o município de São Luiz Gonzaga, a pesquisa apresenta registro de relatos de moradores que direcionam para resultados que oferecem sinalizadores. Complementam as ações investigativas, o projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais, projeto de intervenção direta que foi aplicado no ecossistema Turístico-Comunicacional. Esse projeto possibilitou a obtenção de informações e, ao mesmo tempo, pela sua lógica processual, contribuiu para, nas interações com os sujeitos, repensar a potencialização e a resignificação de sujeitos e lugares turísticos. As narrativas de sujeitos envolvidos na pesquisa sinalizam a concentração de olhares em lugares relacionados: à memória (lembranças pessoais), ao patrimônio (valorização histórica), à natureza (ênfase para lugares que proporcionam calma), às relações (espaços que possibilitam encontros e convivência), à religião, aos Esportes, à Comunicação Social e à Arte (Dança, Artesanato e Música). Os sinalizadores denotam que o exercício de (re)ver lugares e (re)pensar vínculos pode acionar novas percepções, visando à valorização do turismo responsável ecossistemicamente e à consequente (auto)transpoiese de sujeitos e lugares turísticos.

Palavras-chave: Turismo; Comunicação; Trama; Comunicação *Corpoiesis*; Amorosidade.

## ABSTRACT

The present thesis has as its **study focus**: *Corpoiesis* Communication and Tourism, with the study of the Tourist-Communicational Wefts for the (auto)transpoiesis of subjects and places, considered from the relations of residents of São Luiz Gonzaga/RS. In this sense, the **general objective** is to propose the relationship between *Corpoiesis* Communication and Tourism, with the study of the Tourist-Communicational Wefts, as agents of (auto)transpoiesis of subjects and places, based on the relationships of residents of São Luiz Gonzaga/RS. Thus, the **specific objectives** were thus established: to theoretically support the *Corpoiesis* proposition, as a theoretical-conceptual fusion of body and autopoiesis – (auto)transpoiesis; discuss the concept of Tourist-Communicational Wefts, with with an ecosystem-complex; present São Luiz Gonzaga in its historical conception, general characterization, geographical materiality data and tourist potential; to promote *Corpoiesis* Communication actions related to the Tourist-Communicational Weaves involving subjects and places in São Luiz Gonzaga. In **theoretical terms**, this is a transdisciplinary qualitative study, involving the complex ecosystemic perspective, at the interface of various knowledge and theoretical lines: Epistemology of Science; Schizoanalysis, in the approach of the subjective weave; Tourism and Communication, in its ecosystemic dimension; Loving Biology, Knowledge Biology and Cultural Biology. The **methodological strategies** used were: Cartography of Knowledge and Rhizomatic Matrices (BAPTISTA, 2014b; 2022a). The author of the strategies proposes the production of knowledge, based on a web of investigative trails, in multiple interactions and processes that generate an expanded reading of reality, considering its complex ecosystemic, multi-methodological and procedural character. The investigative trails in process for the research are: Research 'Intertwining Knots' Weave; Personal Knowledge or Subjective Dimension; Theoretical Knowledge or Theoretical-Conceptual-Bibliographical Plot; Production Plant or Trama dos Fazer; and Intuitive Research Dimension, enabling the combination of approaches and investigative actions, with multiple procedures, in coherence with the specific objectives. In the empirical study, involving the municipality of São Luiz Gonzaga, the research presents a record of reports from residents who direct to results that offer flags. Complementing the investigative actions, the *Corpoiesis* Communication project: artistic-cultural practices, a direct intervention project that was applied in the Tourism-Communicational ecosystem. This project made it possible to obtain information and, at the same time, due to its procedural logic, it contributed to, in interactions with the subjects, rethinking the potentialization and re-signification of subjects and tourist places. The narratives of subjects involved in the research indicate the concentration of eyes in places related to: memory (personal memories), heritage (historical appreciation), nature (emphasis on places that provide calm), relationships (spaces that enable meetings and coexistence), religion, Sports, Social Communication and Art (Dance, Crafts and Music). The flags denote that the exercise of (re)seeing places and (re)thinking links can trigger new perceptions, aiming at valuing ecosystemically responsible tourism and the consequent (auto)transpoiesis of subjects and tourist places.

Key words: Tourism; Communication; Weave; *Corpoiesis* Communication; Lovingness.

## RESUMEN

La presente tesis tiene como **foco de estudio**: *Corpoiesis* Comunicación y Turismo, con el estudio de las Tramas Turístico-Comunicacionales para la (auto)transpoiesis de sujetos y lugares, consideradas a partir de las relaciones de los habitantes de São Luiz Gonzaga/RS. En ese sentido, el **objetivo general** es proponer la relación entre *Corpoiesis* Comunicación y Turismo, con el estudio de los Tejidos Turístico-Comunicacionales, como agentes de (auto)transpoiesis de sujetos y lugares, a partir de las relaciones de los habitantes de São Luiz Gonzaga /RS. Así, quedaron así establecidos los **objetivos específicos**: sustentar teóricamente la proposición de *Corpoiesis*, como fusión teórico-conceptual de cuerpo y autopoiesis – (auto)transpoiesis; discutir el concepto de Tramas Turístico-Comunicacionales, con una orientación ecosistema-complejo; presentar São Luiz Gonzaga en su concepción histórica, caracterización general, datos de materialidad geográfica y potencial turístico; promover acciones de *Corpoiesis* Comunicación relacionadas con las Parcelas Turístico-Comunicativas involucrando sujetos y lugares de São Luiz Gonzaga. En **términos teóricos**, se trata de un estudio cualitativo transdisciplinario, involucrando la perspectiva ecosistémica compleja, en la interfaz de varios saberes y líneas teóricas: Epistemología de la Ciencia; el Esquizoanálisis, en el abordaje de la trama subjetiva; Turismo y Comunicación, en su dimensión ecosistémica; Biología del amor, Biología del conocimiento y Biología cultural. Las **estrategias metodológicas** utilizadas fueron: Cartografía del Conocimiento y Matrices Rizomáticas (BAPTISTA, 2014b; 2022a). El autor de las estrategias propone la producción de conocimiento, a partir de un entramado de senderos investigativos, en múltiples interacciones y procesos que generan una lectura ampliada de la realidad, considerando su carácter complejo ecosistémico, multimetodológico y procedimental. Los caminos investigativos en proceso para la investigación son: Trama de Investigación 'Nodos Entrelazados'; Conocimiento Personal o Dimensión Subjetiva; Conocimiento Teórico o Trama Teórico-Conceptual-Bibliográfica; Planta de Producción o Trama dos Fazer; y Dimensión Intuitiva de la Investigación, posibilitando la combinación de enfoques y acciones investigativas, con múltiples procedimientos, en coherencia con los objetivos específicos. En el estudio empírico, involucrando al municipio de São Luiz Gonzaga, la investigación presenta un registro de relatos de vecinos que se dirigen a resultados que ofrecen señales. Complementando las acciones investigativas, el proyecto *Corpoiesis* Comunicación: prácticas artístico-culturales, proyecto de intervención directa que se aplicó en el ecosistema Turismo-Comunicacional. Este proyecto permitió obtener información y, al mismo tiempo, por su lógica procedimental, contribuyó a, en las interacciones con los sujetos, repensar la potencialización y resignificación de los sujetos y lugares turísticos. Las narrativas de los sujetos involucrados en la investigación indican la concentración de miradas en lugares relacionados con: la memoria (recuerdos personales), el patrimonio (valoración histórica), la naturaleza (énfasis en los lugares que brindan calma), las relaciones (espacios que posibilitan el encuentro y la convivencia), religión, Deportes, Comunicación Social y Arte (Danza, Artesanía y Música). Las banderas denotan que el ejercicio de (re)ver lugares y (re)pensar vínculos puede desencadenar nuevas percepciones, con el objetivo de valorar el turismo ecosistémicamente responsable y la consecuente (auto)transpoiesis de sujetos y lugares turísticos.

Palabras clave: Turismo; Comunicación; Trama; *Corpoiesis* Comunicación; Amorosidad.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Matrizes sempre em processo!.....	89
Figura 2 – Santuário de Madonna della Corona.....	141
Figura 3 – O <i>Grand Tour</i> e os jovens viajantes da época.....	144
Figura 4 – <i>Spas</i> e banhos como terapia.....	145
Figura 5 – A trama de relações.....	163
Figura 6 – Situando a cidade nos mapas e a localização da região da associação dos Municípios das Missões (adaptado de URI - IPHAN, 2008).....	168
Figura 7 – Santo Luiz de Gonzaga, padroeiro de São Luiz Gonzaga.....	169
Figura 8 – Monumento a Sepé Tiaraju.....	170
Figura 9 – Foto da Igreja da redução jesuítica em 1855.....	173
Figura 10 – Foto da segunda Igreja de São Luiz Gonzaga.....	175
Figura 11 – Ponte sobre o Rio Piratini (1898).....	176
Figura 12 – Intendência de São Luiz Gonzaga (1897).....	176
Figura 13 – Café Central (foto registrada em 1961).....	178
Figura 14 – Planta da Sede da Colônia Municipal de São Luiz Gonzaga (1923)....	180
Figura 15 – Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (inauguração em 12/12/1926)...	183
Figura 16 – Casa Gaúcha Odil Martins (1925).....	184
Figura 17 – Igreja Matriz em construção na década de 1940.....	186
Figura 18 – Vista da Praça da Matriz na década de 1940, pela torre da Igreja Matriz.....	187
Figura 19 – A Estação em 1943, no dia da inauguração.....	188
Figura 20 – A Igreja Matriz em 2019.....	189
Figura 21 – CTG Galpão de Estância.....	192
Figura 22 – Algumas das edificações residenciais dos arquitetos registradas por Magnus em São Luiz Gonzaga (MAGNUS, 2017, p. 93).....	192
Figura 23 – Brasão do Município de São Luiz Gonzaga.....	193
Figura 24 – Bandeira do Município de São Luiz Gonzaga.....	194
Figura 25 – Interior do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado.....	194
Figura 26 – Parque Centenário.....	196
Figura 27 – Sítio Arqueológico São Lourenço.....	201
Figura 28 – Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga.....	201
Figura 29 – O Centro Esportivo Cícero Cavalheiro.....	202
Figura 30 – Vista aérea de São Luiz Gonzaga.....	203
Figura 31 – Quatro Troncos da Música Missioneira.....	204

Figura 32 – Complexo Turístico Jayme Caetano Braun – Praça do Pajador.....	205
Figura 33 – Símbolo da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga....	205
Figura 34 – 1ª Cavalgada da Mulher Missioneira no JA.....	206
Figura 35 – Estação Férrea de São Luiz Gonzaga.....	207
Figura 36 – Natal Luz das Missões em São Luiz Gonzaga.....	208
Figura 37 – Natal Luz das Missões na Praça.....	208
Figura 38 – Rua Senador Pinheiro Machado.....	389
Figura 39 – Rua em frente à praça.....	390
Figura 40 – Rua do morador.....	390
Figura 41 – O jardim do morador.....	391
Figura 42 – A entrada da cidade.....	392
Figura 43 – Rua próximo ao Asilo de São Luiz Gonzaga.....	392
Figura 44 – Quintal da moradora.....	393
Figura 45 – Praça Cícero Cavalheiro.....	394
Figura 46 – Plantas da moradora.....	394
Figura 47 – Estação Férrea de São Luiz Gonzaga.....	395
Figura 48 – Rua em frente à casa da moradora.....	396
Figura 49 – Rua ao anoitecer.....	396
Figura 50 – Entrevista no Jornal A Notícia.....	410
Figura 51 – Divulgação no <i>Facebook</i> da Rádio Missioneira FM.....	411
Figura 52 – Entrevista no Programa Gente Daqui.....	412
Figura 53 – Pós-ação Tertúlia Poética.....	412
Figura 54 – Pós-ação Serata Missioneira.....	413
Figura 55 – Matéria do Jornal Missioneiro.....	413
Figura 56 – Pós-ação Cartas de Amor.....	414
Figura 57 – Identidade visual da ação Tertúlia Poética.....	415
Figura 58 – Registro da ação Tertúlia Poética.....	416
Figura 59 – Identidade visual da ação CiranDança.....	417
Figura 60 – Registro da ação CiranDança.....	420
Figura 61 – Identidade visual da ação Serata Missioneira.....	421
Figura 62 – Registro da ação Serata Missioneira.....	423
Figura 63 – Identidade visual da ação Cartas de Amor.....	424
Figura 64 – Registro da ação Cartas de Amor.....	428

Figura 65 – Identidade visual da ação Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga.....	429
Figura 66 – Breve história de vida do artista Vinícius Ribeiro.....	431
Figura 67 – Obras-criações do sujeito-artista Vinícius Ribeiro.....	431
Figura 68 – Breve história de vida da artista Vania Coimbra.....	432
Figura 69 – Obras-criações do sujeito-artista Vania Coimbra.....	432
Figura 70 – Breve história de vida do artista Beto Barreto.....	433
Figura 71 – Obras-criações do sujeito-artista Beto Barreto.....	433
Figura 72 – Breve história de vida da artista Claudia Moraes.....	434
Figura 73 – Obras-criações do sujeito-artista Claudia Moraes.....	434
Figura 74 – Breve história de vida da artista Noeli Schnorrenberger.....	435
Figura 75 – Obras-criações do sujeito-artista Noeli Schnorrenberger.....	435
Figura 76 – Breve história de vida da artista Neiva de Melo.....	436
Figura 77 – Obras-criações do sujeito-artista Neiva de Melo.....	436
Figura 78 – Breve história de vida da artista Guiomar Terra.....	437
Figura 79 – Obras-criações do sujeito-artista Guiomar Terra.....	437
Figura 80 – Breve história de vida da artista Solange Battirola.....	438
Figura 81 – Obras-criações do sujeito-artista Solange Battirola.....	438
Figura 82 – Breve história de vida da artista Tere Ferreira.....	439
Figura 83 – Obras-criações do sujeito-artista Tere Ferreira.....	439
Figura 84 – Breve história de vida da artista Lara Moreira.....	440
Figura 85 – Obras-criações do sujeito-artista Lara Moreira.....	440
Figura 86 – Breve história de vida do artista Vicente Fagundes.....	441
Figura 87 – Obras-criações do sujeito-artista Vicente Fagundes.....	441
Figura 88 – Breve história de vida da artista Margareth Reichert.....	442
Figura 89 – Obras-criações do sujeito-artista Margareth Reichert.....	442



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Referenciais teóricos de construção dos fios narrativos da tese.....	53
Quadro 2 – Matriz 1: Trama e Rizomas - Verificação da Coerência da Pesquisa.....	91
Quadro 3 – Matriz 2: Detalhamento do Rizoma - Relação ‘Entrelaços Nós’, Objetivos, Capítulos e Subcapítulos.....	92
Quadro 4 – Matriz 3: Composição Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Pesquisa [Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Cartografia dos Saberes].....	93
Quadro 5 – Matriz 4: Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa - Capítulos [Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes].....	95
Quadro 6 – Transformações no Século XVII e relação com o Turismo.....	143
Quadro 7 – Transformações no Século XVIII e relação com o Turismo.....	146
Quadro 8 – Transformações no Século XIX e relação com o Turismo.....	148
Quadro 9 – Transformações no Século XX e relação com o Turismo.....	151
Quadro 10 – Transformações no Século XXI e relação com o Turismo.....	155
Quadro 11 – Os 10 Santos Tombados em São Luiz Gonzaga.....	198
Quadro 12 – As 3 imagens que não foram Tombadas em São Luiz Gonzaga.....	199
Quadro 13 – Quadro-síntese de aproximações e ações investigativas.....	214
Quadro 14 – Empresas e instituições parceiras na pesquisa.....	215
Quadro 15 – Classificação dos participantes da primeira visitaçã.....	220
Quadro 16 – Narrativas de sujeitos do lugar de 12 a 24 anos (adolescência/juventude).....	221
Quadro 17 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas (adolescência/juventude).....	223
Quadro 18 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos).....	223
Quadro 19 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas (adultos).....	226
Quadro 20 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade).....	226
Quadro 21 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas (terceira idade).....	228
Quadro 22 – Classificação dos participantes da segunda visitaçã.....	231
Quadro 23 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude).....	232
Quadro 24 – Síntese sobre como moradores contam a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude).....	238
Quadro 25 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos).....	240
Quadro 26 – Síntese sobre como moradores contam a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos).....	255
Quadro 27 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade).....	256

Quadro 28 – Síntese sobre como moradores contam a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade).....	269
Quadro 29 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude).....	275
Quadro 30 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude).....	283
Quadro 31 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos).....	284
Quadro 32 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos).....	296
Quadro 33 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade).....	297
Quadro 34 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade).....	306
Quadro 35 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude).....	311
Quadro 36 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude).....	319
Quadro 37 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos).....	320
Quadro 38 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos).....	334
Quadro 39 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade).....	336
Quadro 40 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade).....	341
Quadro 41 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude).....	346
Quadro 42 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude).....	350
Quadro 43 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos).....	351
Quadro 44 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos).....	365
Quadro 45 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade).....	367
Quadro 46 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade).....	374
Quadro 47 – Classificação dos participantes da terceira visitação (crianç�as).....	380
Quadro 48 – Narrativas de sujeitos do lugar de 7 a 11 anos (crianç�as).....	380
Quadro 49 – Síntese sobre como moradores se relacionam com a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (crianç�as).....	384
Quadro 50 – Classificação dos participantes da quarta visitação (Contato <i>on-line</i> ).....	388
Quadro 51 – Síntese sobre o que a cidade faz os moradores sentir a partir de expressões-síntese relacionadas.....	397
Quadro 52 – Regulamento do concurso Cartas de Amor.....	425

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>ALVORECER DA TESE.....</b>	<b>23</b>
1.1	QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR).....	30
1.2	PERCURSOS DA TESE.....	41
<b>2</b>	<b>ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA...45</b>	
2.1	TRILHA DE SABERES PESSOAIS – PERCURSOS ACADÊMICO- PROFISSIONAIS.....	50
2.2	TRILHA TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL BIBLIOGRÁFICA.....	50
<b>2.2.1</b>	<b>Epistemologia da Ciência.....</b>	<b>53</b>
<b>2.2.2</b>	<b>Esquizoanálise.....</b>	<b>63</b>
<b>2.2.3</b>	<b>Ecosistema Turístico.....</b>	<b>69</b>
<b>2.2.4</b>	<b>Ecosistema Comunicacional.....</b>	<b>73</b>
<b>2.2.5</b>	<b>Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural.....</b>	<b>81</b>
2.3	TRILHA USINA DE PRODUÇÃO.....	86
2.4	TRILHA DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA.....	87
2.5	TRAMA DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS.....	88
<b>3</b>	<b><i>CORPOIESIS</i>.....</b>	<b>99</b>
3.1	CORPO + AUTOPOIESE = <i>CORPOIESIS</i> .....	99
<b>3.1.1</b>	<b>Do corpo tradicional ao corpo-trama.....</b>	<b>101</b>
<b>3.1.2</b>	<b>Da Autopoiese à (Auto)Transpoiese.....</b>	<b>122</b>
3.1.2.1	Autopoiese em sistemas abertos – (Auto)Transpoiese.....	134
<b>4</b>	<b>TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS.....</b>	<b>138</b>
4.1	TURISMO – RECORTES HISTÓRICOS.....	138
4.2	RUMO AO AVESSO DO TURISMO.....	156
4.3	A COMUNICAÇÃO TRAMA-TEIA COMPLEXA.....	161
<b>5</b>	<b>SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA.....</b>	<b>167</b>
<b>6</b>	<b>COMUNICAÇÃO <i>CORPOIESIS</i> EM TERRA MISSIONEIRA.....</b>	<b>212</b>
6.1	PRIMEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL.....	220

6.2	SEGUNDA VISITAÇÃO PRESENCIAL.....	231
6.2.1	Primeira pergunta aberta da segunda visitação presencial.....	232
6.2.2	Segunda pergunta aberta da segunda visitação presencial.....	275
6.2.3	Terceira pergunta aberta da segunda visitação presencial.....	311
6.2.4	Quarta pergunta aberta da segunda visitação presencial.....	346
6.3	TERCEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL.....	379
6.4	QUARTA VISITAÇÃO – CONTATO <i>ON-LINE</i> VIA WHATSAPP.....	387
6.5	PROJETO COMUNICAÇÃO <i>CORPO/ESIS</i> : PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS.....	405
6.5.1	Tertúlia Poética.....	414
6.5.2	CiranDança.....	416
6.5.3	Serata Missioneira.....	421
6.5.4	Cartas de Amor.....	424
6.5.5	Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga.....	429
6.6	‘COM-VERSAÇÕES’ A PARTIR DOS SINALIZADORES.....	451
7	VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE.....	461
	REFERÊNCIAS.....	469
	APÊNDICES.....	492
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ENTREVISTA).....	493
	APÊNDICE B – DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS-ARTISTAS SOBRE A RELAÇÃO COM A ARTE E A RELAÇÃO COM SÃO LUIZ GONZAGA/RS.....	494
	APÊNDICE C – LIVROS DE SUJEITOS-ARTISTAS DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS.....	511

**ANEXO D – INFORMATIVO PROJETO COMUNICAÇÃO  
CORPOIESIS E AÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS  
ENTREGUE À SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO  
E CULTURA DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS.....513**

**APÊNDICE E – IDEIAS PÓS AÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS  
ENTREGUES À SECRETÁRIA MUNICIPAL DE  
TURISMO E CULTURA DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS.519**

**ANEXOS.....521**

**ANEXO A – DECLARAÇÃO DO CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE  
PESSOAS NATURAIS E REGISTROS ESPECIAIS DA  
COMARCA DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS.....522**



*“Um corpo exala movimento, interage, se modifica e é modificado a todo instante. Brota, vive, conhece, descobre, se redescobre. É capaz de pulsar, vibrar, de se autoproduzir, de poetizar, de espalhar amor, de transformar: o ambiente, de dentro para fora, de fora para dentro, de cima para baixo, de baixo para cima, de si, do outro, do lugar. Um corpo que é sujeito, que é lugar, é vida, é possibilidade de descobertas e redescobertas, cotidianamente, profissionalmente, turisticamente.”*

*Newton Ávila*

## 1 ALVORECER DA TESE

Surge o primeiro sinal, é o despertar do dia, a brotação começa, o corpo acorda, se espreguiça e sente o calor: do sol, do vento, do ar, da chuva (se houver), enfim, o corpo se aquece e se alegra, em qualquer tempo – primavera, verão, outono ou inverno – com as pequenas nuances evidenciadas pelo alvorecer. Assim, no Alvorecer da Tese, paro e reflito sobre o **foco de estudo**: Comunicação *Corpoiesis* e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS. Inerente a essa reflexão, está a proposição *Corpoiesis* que expressa o objetivo de comunicar com intensidade, de sentir profundamente, de tal modo a contribuir para a produção de autoprodução, de reinvenção, de (auto)transpoiese. A expressão (auto)transpoiese é uma proposição de Baptista (2022b) e se trata de variação do conceito de autopoiese, cunhada pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (1997).

O conceito de autopoiese pode ser entendido, inicialmente, a partir do sentido estrito da palavra, como autoprodução, tendo sido associado por Baptista (2010) à ideia de reinvenção de si. Por isso, autoprodução e reinvenção aparecem na tese com a ideia de autoproduzir-se. Na proposição (auto)transpoiese, também há a ideia de autoprodução e reinvenção, mas, ampliando o pensamento de Maturana e Varela, Baptista explica que autoprodução e reinvenção só ocorrem em processos de transversalização de sujeitos entre si e com seus nichos ecológicos, em fluxos contínuos corporais e incorporais, também de intensidades abstratas, considerando a lógica de sistemas abertos e transversais entre si. Há uma migração, no pensamento de Baptista, da abordagem da Biologia Cultural e do Conhecimento, de Maturana e Varela, para a visão holística, que será esmiuçada posteriormente.

Essa lógica de (auto)transpoiese é produzida, então, em um corpo vibrátil<sup>1</sup>, que vibra, que é vivo, e sendo vivo e pulsante, agencia a potência de relações (consigo mesmo, com o outro, com o meio ambiente, com o lugar). Todas essas relações são fundamentais para o agenciamento, em um presente contínuo, de processo de (auto)transpoiese. Trata-se de uma lógica recursiva, de comunicação interligada ao

---

<sup>1</sup> Corpo vibrátil é um conceito da Esquizoanálise, uma das linhas teóricas de abordagem nesta tese. Está relacionado com a noção ampliada de corpo, para uma dimensão de intensidades que vibram e o potencializam.

ecossistema todo e de um corpo capaz de ser acionado e potencializado na e pela comunicação (verbal/não verbal) de diversos ambientes (cotidianos, organizacionais, turísticos). Com isso, outros ângulos poderão ser vistos e sentidos, sendo capazes de proporcionar outra comunicação e outras relações, entre sujeitos e lugares.

Nesse sentido, o **objetivo geral desta tese** é propor a relação entre Comunicação *Corpoiesis* e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, como agenciadoras de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS. **Especificamente, a tese objetiva:** fundamentar teoricamente a proposição *Corpoiesis*, como fusão teórico-conceitual de corpo e autopoiese – (auto)transpoiese; discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmica complexa; apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas; promover ações de Comunicação *Corpoiesis* relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga.

Esta tese é continuidade dos meus estudos sobre as tramas comunicacionais que envolvem os sujeitos, na interface com o Turismo. Tramas de relações, que se entrelaçam no cotidiano das pessoas, das organizações em geral e do turismo, e que se estabelecem, especialmente, pela comunicação e pelo que está sendo chamado nesta tese de *Corpoiesis*. Deste modo, envolvem: a relação consigo mesmo, em processo de autoprodução; as relações com o outro; as relações com o lugar de moradia ou visitação, que se estabelecem por meio do ‘con(viver)’.

Nessa perspectiva, a **orientação geral teórica** da tese está alinhada à epistemologia ecossistêmico-complexa, trabalhada nos estudos do Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese – Amorcomtur!, e que orienta a produção desta tese, com base em uma trama de autores contemporâneos, envolvendo, de acordo com as trilhas, em destaque: **Epistemologia da Ciência**, com Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos, Fritjof Capra, Roberto Crema, Ilya Prigogine; **Esquizoanálise**, com Félix Guattari, Gilles Deleuze, Suely Rolnik, Maria Luiza Cardinale Baptista; **Ecossistema Turístico**, com Mario Carlos Beni, Marutschka Moesch, Maria Luiza Cardinale Baptista; **Ecossistema Comunicacional**, com Gilson Vieira Monteiro, Sandro Adalberto Colferai, Maria Luiza Cardinale Baptista; **Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural** com Humberto Maturana, Francisco Varela, Ximena D’Ávila, entre outros.



A proposição conceitual *Corpoiesis* surgiu da associação entre corpo e autoipoiese (autoprodução), do que originou, no *insight*, a palavra '*Corpoiesis*'. Essa proposição considera o corpo como campo de produção de sentidos e de reinvenção. Corpo como platô existencial, no sentido esquizoanalítico, de plano de intensidade contínua, o que implica pensar corpos-sujeitos e corpos-lugares turísticos. Com isso, é possível pensar que essa condição *Corpoiesis*, de autoprodução constante, de (auto)transpoiese, demanda amor – na convivência, na comunicação e, também, no turismo –, sendo decorrente de processos intensos, delicados e complexos. Amor, neste texto, está sendo abordado em conformidade com os pressupostos dos estudos do Amorcomtur!, com fundamentação em muitos autores, mas como referência direta a Humberto Maturana (1998). Trata-se, portanto, de amor como ética da relação e do cuidado. Turismo, por sua vez, está sendo pensado pelo viés da complexidade, como ecossistemas turísticos, universos em constante produção, concepção que será esmiuçada posteriormente. Desse modo, em coerência com a proposição *Corpoiesis*, o corpo é pensado em dimensão ampliada, em movimento, como corpo vibrátil, em constante processo de (auto)transpoiese. Corpo que possibilita o entrelaçamento de sujeitos e suas complexidades, numa espécie de comunicação-trama, uma trama que envolve o todo e busca comunicar de maneira sensível.

Então para pesquisar as relações, que se entrelaçam no cotidiano dos sujeitos, em seus trabalhos e, também, em sua convivência com visitantes em São Luiz Gonzaga, município do Rio Grande do Sul, Brasil, parti do pressuposto de que cada sujeito estreita relações consigo mesmo, com as pessoas, com o meio ambiente e com o lugar [território que habita ou visita], para, por meio dessa trama – relacional e comunicacional –, modificar os modos de viver e interagir, como morador ou visitante. Com isso, fui percebendo ser possível buscar estreitamento da vinculação e do pertencimento, em relação ao lugar de moradia ou visita. Nesse sentido, construí a tese, que vai, aos poucos, demonstrando que o turismo, em sua complexidade e processualidade, se sustenta e deve ser desenvolvido a partir da disposição de acolhimento do sujeito do lugar. Assim, entendo que o turismo tende a ser mais profícuo, mais sustentável, se ele acontecer em coerência com a alma do lugar, como pontua Yázigi (2001), e envolver os moradores e, também, estiver em sintonia com as características singulares desse lugar.

Neste pensar, segundo essa lógica ecossistêmica, o corpo do sujeito acumula vivências e experiências, quando se relaciona e comunica. É possível dizer que o

corpo somente tem possibilidade de comunicar, quando, na sua expressão, pode se mostrar, gerando potência de interação na fluidez dos acontecimentos cotidianos. A comunicação vai acontecer, nesse processo, desde que haja interação entre sujeitos e compartilhamento de significações. Nesse sentido, a construção da comunicação acontece quando há interação. Desta forma, o corpo é capaz, por meio de interação, de afetar e ser afetado e, com isso, ressignificar-se, ao mesmo tempo em que contribui para ressignificações nos sujeitos e lugares com os quais interage. O corpo em produção produz-se e produz o ecossistema, ao mesmo tempo em que é produzido por ele, numa lógica recursiva de acoplamento gerador de vida.

Por conseguinte, no processo de produção de expressão, naturalmente estão envolvidas emoções. O corpo em intensidade vibrátil e autoprodução pode ser capaz de expressar-se de tal modo que aciona diferenciações na trama comunicacional. Assim, quando se manifesta, nas diversas linguagens, com mais liberdade, é possível dizer que o corpo produz texto diferenciado, em nuances informacionais implícitas e explícitas nos movimentos. Desse modo, este texto também expressa emoção, entendida por Maturana (1998) como dinâmica corporal, que tem a tendência de acionar a potência comunicacional. A expressividade do sujeito é um canal, um instrumento entre o mundo interior, com suas emoções e sentimentos, e o mundo exterior. Nessa perspectiva, isso ajudará o sujeito a (re)constituir percepções, redescobrir e transformar os olhares de si, do outro, do meio ambiente e do lugar, a partir de uma trama de interações recursivas.

Dessas reflexões, surge o questionamento preliminar: como o sujeito do lugar pode se constituir como participante da construção desse lugar e da construção da sua potencialidade para ser visitado? Trata-se, aqui, de construção em sentido amplo, também simbólico e imaginário, não apenas uma construção de edificações, em nível de materialidades, mas uma construção de olhares, quem sabe até de uma reconstrução. Para que seja possível essa mudança de olhar, no entanto, se faz necessário revisitar as percepções, até então já feitas, e permitir uma nova trama de visibilidade interior-exterior, desconstruindo e alterando os olhares. Arrisco expor, dessa forma, que as vivências e experiências são potenciais portas de entrada para novas percepções e consequentes alterações de olhares.

**Justifica-se** a realização desta pesquisa, pela importância da proposição de Comunicação *Corpoiesis*, no sentido de trazer para a discussão o corpo numa visão ampliada e transversalizada, com potência de mobilização dos sujeitos e de

ressignificação dos lugares turísticos. Trata-se de, ao mesmo tempo, corpo sem órgãos e corpo vibrátil – antecipando, aqui, conceitos esquizoanalíticos que serão trabalhados –, corpo com potência e que distribui intensidades; um corpo que pode ser tanto um sujeito, quanto um lugar. Assim, a pesquisa também tem caráter pioneiro na proposição da ideia de Comunicação *Corpoiesis* associada à Comunicação, como potencializadora de turismo de regiões, com a investigação empírica de uma região específica.

O estudo foi realizado também visando contribuir para o Turismo, já que corresponde a uma abordagem alinhada aos desafios contemporâneos, no sentido de pensar a reinvenção da área. A abordagem ecossistêmico-complexa permite repensar saberes e fazeres, de modo associado a um comprometimento de responsabilidade ecossistêmica<sup>2</sup>, de amorosidade e pela transformação advinda da autoipoiese/(auto)transpoiese. Deste modo, o estudo alinha-se à visão contemporânea da Ciência, de superação do paradigma clássico decorrente da Revolução Científica, do final do século XVI e início do século XVII e que predominou até o século XX.

Nesse sentido, esse olhar pode ampliar entendimentos, vínculos e relações. Isso é importante, já que essas relações também necessitam ser olhadas em sua complexidade. Assim sendo, vislumbra-se que seja possível “[...] comunicar ações para ativar as emoções dos consumidores para a sustentabilidade e envolvê-los” (MELO; FARIAS, 2018, p. 36).

Desse modo, diante do momento desafiador do planeta, em que buscamos acima de tudo a *sobrevivência*, o que ficou evidente com o enfrentamento da Pandemia COVID-19, é preciso buscar também reinvenção, nas relações, nas percepções, nos olhares e no turismo, adicionando cotidianamente, profissionalmente e turisticamente, outros modos de viver e interagir, que sejam carregados de responsabilidade ecossistêmica e de uma comunicação mais sensível e amorosa. Busca-se, além disso, romper com dinâmicas já estabelecidas do turismo, tornando o sujeito participante e envolvido na construção do seu lugar. Destarte, ampliando esse olhar, pode-se favorecer também gestores públicos, moradores e visitantes. Tais públicos, tais sujeitos, podem ser beneficiados, direta e indiretamente pela pesquisa.

O Turismo como universo complexo, resultante de processos de deslocamento de sujeitos de um lugar para outro, tem sido descrito, em grande parte

---

<sup>2</sup> Conceito proposto por Baptista, em 2016, em Conferência Magistral na Universidade da Coruña, durante o I Congresso Iberoamericano de Turismo y Responsabilidad Social (CITuRS).

das vezes, segundo uma lógica funcionalista, pragmática e utilitarista, no sentido de se limitar a apresentar mecanismos e características da ocorrência turística. Mesmo tendo havido transformação no seu conceito, na deriva histórica, ainda é apresentado, com frequência, na perspectiva desenvolvimentista e produtivista, ligada ao mercado, às lógicas das cadeias de produção e serviços turísticos. Essas abordagens e perspectivas, envolvendo saberes e fazeres turísticos, confrontam-se com o ponto de crise, com o qual nos deparamos no século XXI, hoje percebido claramente depois da ocorrência da Pandemia COVID-19, colocando em risco a relação entre moradores e visitantes de lugares, turísticos ou não.

Entende-se, como pressupostos para esta pesquisa, então, que daqui em diante, há uma importância maior, no sentido de construir um ‘com-versar’, entre sujeitos, entre sujeitos e lugares, construir tramas que sustentem a vida, que transversalizem sujeitos e lugares. Nessas tramas devem estar incluídas relações de amorosidade e autopoiese/(auto)transpoiese, relações baseadas em outro tipo de comunicação – comunicação-trama (BAPTISTA, 1996; 2000) –, relações que envolvam perceber outro Turismo e que favoreçam o ecossistema todo – o avesso do Turismo (BAPTISTA, 2018). A trama é constituída, então, de uma rede de relações que transversalizam o ‘com-versar’, que comunica de modo diferente e que é capaz de propor um outro turismo – pelo avesso, conforme Baptista (2018), indo na contramão das relações impositivas e dos códigos capitalísticos, pensando o ecossistema como um todo integrado. Nessa linha de raciocínio, o turismo é ecossistema em conexão com muitos outros ecossistemas mais amplos, dos quais emergem demandas urgentes.

Na direção dessa visão ampliada, Crema (2020) pontua que necessitamos urgentemente mudar para sobreviver, e que “Mudar o mundo é mudar o modo de olhar... Necessitamos, também, de uma escola da Escuta. Escutar antecede compreender. Precisamos transcender esta crise ab-surda, esta surdez diante dos alaridos e canções da realidade”. Há muito tempo o Turismo estava dando indícios de declínio, com a massificação desenfreada nos lugares. Era só uma questão de tempo e a Terra, Gaia, reagiria. E reagiu. E a natureza teve um respiro. A pandemia fez tudo silenciar. O mundo parou. Os espaços marcados pela globalização que vendia o imaginário dos lugares ficaram sem visitantes por um longo período. Na retomada, em escala planetária, há o risco de sermos atropelados pelo desejo de compensar ‘o tempo perdido’ para gerar um futuro lucrativo do turismo.

É, nesse sentido, de repensar atitudes, ações e modos de viver e interagir, que justifico a importância da minha pesquisa para o Turismo, na proposição que trago de Comunicação *Corpoiesis*, expressa por uma outra maneira de comunicar e de fazer turismo, quando aciono a comunicação-trama, o turismo-trama e o avesso do Turismo, proposições de Baptista. Neste sentido, a proposição desta tese entende o lugar, o território e o conjunto de pessoas como um corpo, um corpo-trama, sensível, vibrátil, que irá gerar a produção autopoiese/(auto)transpoiese. A proposta apresenta essa linha da discussão do corpo, *Corpoiesis*.

Em coerência com esse estudo, tem-se a seguinte **questão de pesquisa**: Quais sinalizadores da relação entre Comunicação *Corpoiesis* e Turismo podem ser obtidos com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, visando à (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS?

**Em termos metodológicos**, nesta pesquisa, a produção está orientada pela Estratégia Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014b; 2022a), em associação às Matrizes Rizomáticas, ambas estratégias de caráter plurimetodológico, processual e complexo. Trata-se de proposições alinhadas aos pressupostos da Ciência contemporânea, no sentido de outro modo de conhecer, de fazer Ciência, com leituras complexas e qualitativas da realidade. A estratégia considera a impossibilidade de separação entre sujeito e objeto na pesquisa, agenciando instrumentos de proximidade diferenciados, para se fazer Ciência. Constitui-se como trama de caminhos de pensamento e de prática, na abordagem da realidade, tendo como base inspiradora o conceito de cartografia, apresentado por Suely Rolnik (2011) e fundamentação mais geral, em autores contemporâneos relacionados à discussão epistemológica da Ciência, no cenário de mutação evidenciado desde o século passado.

A Cartografia dos Saberes é construída a partir de sinalizadores, em trilhas de saberes e produção investigativa: Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós' da Pesquisa, Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trilha dos Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa – e envolvem aproximações e ações investigativas, com recursos amplos e múltiplos, de coleta, sistematização, processamento e análise das informações. Nesta pesquisa, foram considerados os seguintes dispositivos de produção investigativa: levantamento bibliográfico,

observação direta, observação participante, rodas de conversa e relatos, expressos por sujeitos vinculados à cidade, pensada, aqui, como lugar de vida. Busca oferecer uma “[...] orientação metodológica mais humana e coerente com o cenário caosmótico que caracteriza a trama das relações humanas, econômicas, dos sujeitos e operadores do Turismo” (BAPTISTA, 2014b, p. 345).

Ainda em termos introdutórios, é importante apresentar minimamente o **lócus de pesquisa**. **São Luiz Gonzaga** é um município do sul do Brasil, com 336 anos de história, que está situado na Região das Missões, localizada na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Conforme Gomes (1981, p. 7), o município tem uma história riquíssima com personagens da história brasileira, com raízes na terra vermelha: “É o caso do Senador Pinheiro Machado, que foi uma das figuras mais importantes da então nascente República; Coluna Prestes, que partiu de São Luiz para percorrer todo o Brasil; do General Gois Monteiro, que conspirou a Revolução de 30 [...]”. Pelos relatos do autor, este último partiu de São Luiz, para assumir o comando militar do Movimento. São pessoas e fatos que trouxeram enriquecimento para o município e trazem até hoje, seja por meio da música missioneira – reconhecida dentro e fora do Estado, no país e fora dele –, seja pelo artesanato, belezas naturais, monumentos, arquitetura e moradores, que contam a trajetória do lugar e seus sujeitos.

Esta tese está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), da Universidade de Caxias do Sul (UCS), que tem a área de concentração em: desenvolvimento regional. Outra vinculação é o Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese – Amorcomtur!. Também menciono que, para a realização desta tese, tive o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da qual fui bolsista. A tese foi produzida de forma vinculada ao projeto de pesquisa “‘Com-versar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia”, coordenado pela orientadora, Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista.

Em coerência com a estratégia metodológica apresentada, apresento, a seguir, a Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, com a apresentação do sujeito-autor da pesquisa, com a trajetória e o vínculo com o lugar pesquisado.

### 1.1 QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR)

Neste ponto da tese, parto do reconhecimento de que o sujeito que pesquisa é integrante do fenômeno pesquisado. Em alinhamento com autores contemporâneos, como Morin (2001; 2004; 2012; 2013), Capra (2007; 2012) e Crema (1989), por exemplo, entendo que não há objetividade total na pesquisa e, por isso, o lugar do sujeito que pesquisa deve ser explicitado. Neste sentido, ao longo dos meus estudos, fui compreendendo, como propõe Baptista, a importância de resgatar processos pessoais, que expressam o autor da tese em associação a aspectos dos seus percursos de vida, que foram construindo os questionamentos e as reflexões fundamentais, para a constituição do corpo da proposição-tese. Nessa trilha, desse modo, o investigador reflete e escreve o que sabe, na sua trajetória vivida, em relação às temáticas envolvidas no estudo.

Então, quem sou eu, esse corpo que escreve a tese? Eu sou um corpo que é um sujeito amoroso e autopoietico. Gaúcho. Missioneiro. Cidadão que, pode-se dizer, é parte da terra vermelha da Região das Missões, onde vivi desde o nascimento, e em São Luiz Gonzaga, dos seis anos de idade à adolescência, para onde retornei depois, na idade adulta. Reconheço que ali, em São Luiz Gonzaga/RS, constituí vivências e experiências que me marcaram e também produziram inquietudes, que foram se entrelaçando, ao longo da vida, até confluírem para a proposição desta tese.

Sou um corpo (sujeito) que me relaciono intensamente com a natureza. Desenvolvo, há mais de 20 anos, uma proposta diferenciada de trabalho, com prestação de serviços para empresas e instituições, envolvendo corpo, comunicação e relações. Acredito no que faço. Sempre gostei de ensinar e, na minha mente, entendo que, por meio da Educação, tudo pode ser transformado – comunicação, relações, consciência, ações.

Nasci em São Borja/RS. Aos seis anos de idade, fui morar com minha mãe e meu pai, em São Luiz Gonzaga/RS. Das minhas vivências na cidade, resgato algumas cenas que se relacionam com os fios da trama de constituição da proposição da tese. Foram anos morando, conhecendo e reconhecendo o lugar a cada etapa da vida, a cada saída para passear, a cada volta para a cidade. Dentre eles, tiveram, na Educação, a passagem pela Escola Maria Mazzarello (da 1ª a 4ª série), Escola Amália Germano de Paula (5ª série), Escola Professor Osmar Poppe (6ª série) e Escola Gustavo Langsch (7ª série). Com a vivência nas várias escolas, pude compreender o

ecossistema de cada uma delas, entendendo um pouco mais do município e das diversas relações constituídas ao longo dos anos.

Excelentes lembranças de uma criança, que foi se forjando em coerência com o ecossistema local. Assim, os anos foram passando. Como morávamos de aluguel, íamos trocando de casa. Outra possibilidade de compreender os ecossistemas do lugar, conhecendo novas vizinhanças, que me fascinavam, e novos modos de viver e interagir, entrelaçando com particularidades dos moradores-vizinhos e de seus poderes aquisitivos.

Recordo-me, também, dos passeios que envolviam ir ao centro, ir às lojas com diversos segmentos de produtos. A descoberta de outros olhares para a cidade, como ver e admirar prédios, estruturas antigas de arquitetura, vitrines e casas de diversas formas, que eu brincava de dizer, pelos meus gostos, que uma ou outra daquelas casas seriam minhas um dia, era mágico. Cabe aqui uma citação de Rubem Alves, que diz que “Para as crianças o mundo é um vasto parque de diversões. As coisas são fascinantes, provocações ao olhar. Cada coisa é um convite” (ALVES, 2004, p. 10). Era exatamente uma novidade, a cada momento de visita e apreciação atenta de olhares, como bem pontua Rubem Alves, ao dizer que as crianças têm olhares encantados para as coisas e para os lugares.

Talvez, de certa forma, o que eu esteja propondo nesta tese seja o reencantamento do olhar para o lugar, para os lugares, para os destinos turísticos, com olhares de criança, com a inocência das crianças. Percebo ter vivido, eu mesmo, uma sequência de desterritorializações que me constituíram e, nesse sentido, também me ajudaram a ressignificar o lugar em que vivi na infância. Saí de São Luiz Gonzaga com 14 anos de idade, indo morar com minha família em outra cidade próxima, Santo Ângelo, em que permaneci por três anos, terminando o ensino médio, e depois, aos 17 anos, fui embora para Curitiba/PR, com a ideia de desbravar outros mundos, outros olhares, outras percepções.

As novas descobertas que adquiri em um outro ecossistema, deram possibilidades a novas percepções e olhares para o lugar que era visto por mim como um porto-seguro, pois, em minha permanência no Paraná, São Luiz Gonzaga era o lugar para onde eu sempre voltava, para recuperar as energias em família e rever amigos. Sempre pensava em voltar, para estar em um lugar sossegado, que abrigava parte da minha história e das minhas raízes. Esse retorno à cidade, que aconteceu no ano 2000, foi o início de minha proposta profissional, a partir de trabalho com alunos



de várias idades de escolas estaduais, municipais e particulares, na área de expressão corporal, envolvendo corpo e desinibição.

Para além dessas habilidades, houve outras inserções envolvendo a arte, a cultura e o turismo, na cidade de São Luiz Gonzaga. Numa delas, fui convidado pelo então proprietário do Jornal A Notícia, José Grisolia Filho, e aceitei o desafio, para criar uma coluna cultural no jornal local. Motivado por disseminar a cultura e suas inúmeras possibilidades, fui em busca de conhecer mais a cidade. Também participei do Rotaract Club, com reuniões semanais e criação de ações sociais; dei oficinas de expressão corporal em três academias: Academia Movimento; Academia Boa Forma e Academia Energia; coordenava um grupo de animação no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), sala cedida pela então diretora Irmã Leopolda Notari, grande incentivadora das artes e que batalhou arduamente, por vários anos, para manter a instituição aberta. Por meio desses e de outros trabalhos realizados, era convidado para eventos, reuniões e, também, para dar sugestões sobre atividades a serem desenvolvidas. Diante disso tudo, um *insight* brotou e percebi que São Luiz Gonzaga poderia ser o meu *lócus* de pesquisa no doutorado, possibilitando, com os estudos, ampliar interna e externamente os olhares para a localidade, podendo, como trazido nessa proposição, acionar e potencializar sujeitos e lugares.

Desta forma, ressalto que, mesmo tendo saído de lá, para usar um jargão popular: o lugar não saiu de mim. Hoje, com toda essa bagagem de conhecimentos e vivências, penso que é um desafio e um privilégio poder aprimorar a comunicação e as relações entre os públicos moradores, em seu cotidiano, nas organizações e no turismo. Ao mesmo tempo, representa meu comprometimento com minhas origens, com minha história, minha e do lugar. Lá residem memórias afetivas intensas, a imagem na lembrança de minha mãe e meu pai brincando comigo me mostrando valores, a importância de ser correto e ir atrás dos sonhos. Lá, presenciei a vida em família, as relações, o estar junto. Também era lá que eu via o acolhimento e o abraço das pessoas, conversava, ria e o tempo demorava a passar. Lá, com esses novos conhecimentos adquiridos ao longo da minha caminhada, desconstruindo, construindo e reconstruindo percepções, sinto que posso fazer algo e propor um novo olhar para um lugar que me ajudou a formar o que sou hoje, como pessoa e como profissional.

Essas passagens por São Luiz Gonzaga, que se deram entre idas e vindas, me trouxeram, nessa aproximação e afastamento, condições de refletir, sendo de

dentro e de fora ao mesmo tempo. Isso foi ganhando uma dimensão importante para a pesquisa, transversalizando olhares, percepções e possibilitando pensar que a proposição Comunicação *Corpoiesis* nas Tramas Turístico-Comunicacionais poderá servir, não somente para essa cidade, mas quiçá, para outras, pequenas, médias e grandes. A ideia é pensar uma matriz de ressignificação dos olhares, vivências dos sujeitos, em relação ao lugar, de tal modo que isso possa gerar (auto)transpoiese. Penso que, para tanto, é necessário acionar os sujeitos pelo corpo, em visão ampliada – Comunicação *Corpoiesis* – e pelas Tramas Turístico-Comunicacionais Subjetivas.

Trago também o relato da **construção de uma proposta diferenciada de trabalho**, com prestação de serviços para empresas, instituições e lugares/cidades, que desenvolvo há mais de 20 anos. Uma proposta que envolve corpo, comunicação e relações, inclui diversos públicos, de diferentes idades e profissões, e que busca acionar e potencializar sujeitos e lugares.

A ideia de constituir uma proposta profissional iniciou em 1998, através da minha primeira formação, com o curso Teatro/Expressão Corporal, que fiz na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba/PR, durante as noites de março a dezembro do mesmo ano. As aulas teóricas, com olhar voltado para o corpo e para a comunicação, mesmo com o foco direcionado para o trabalho de ator, fizeram com que eu me encantasse pelos temas apresentados. Dessa forma, ao vivenciar as técnicas, na prática, fui inculcando a certeza de que estava ali um dos ofícios que eu gostaria de fazer para o resto da vida. O curso foi suscitando, com muita intensidade, uma inquietação, que era o interesse pela expressividade do corpo, mas não como ator, e sim, no que se referia a pessoas em ambientes de trabalho e no convívio social desses e de outros ambientes. Assim, comecei a pensar que, como um facilitador, um instrutor, um entremeio nas relações entre funcionários e gestores, alunos e professores, dentre outros possíveis públicos, poderia, ao desenvolver as técnicas com os sujeitos, permitir aprimorar o conhecimento de si mesmo, do outro, buscar aperfeiçoar e destacar as potencialidades, e, alterar os modos de viver e interagir.

Igualmente, havia, nas aulas, o interesse pela comunicação, no sentido de como esse corpo podia se expressar, manifestar e comunicar o entendimento do que ouvia e do que dizia por meio da voz e de seus gestos, em diversas relações: sociais, afetivas, profissionais. Minhas ideias e pensamentos já tomavam uma direção. Ainda mais que, em paralelo a esse curso, eu estava matriculado em outro, na área da dança, com o nome de Dança Contemporânea, e, novamente, era a abordagem do

corpo na perspectiva da expressividade. Cursei, nas tardes de março a dezembro do mesmo ano (1998), na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba/PR.

Essas brotações foram trazendo à tona uma recordação da infância, em que eu, com aproximadamente dez anos de idade, criava técnicas, dinâmicas e jogos que tinham o foco de ver o corpo se expressando, comunicando e se relacionando, nas mais diferentes formas. Compartilhava essas criações, aplicando-as com os primos nas férias colegiais, quando ia visitá-los. Era pura diversão, eu, de um lado, propondo as atividades, e eles, de outro, executando, e, eu tentando entender as adversas reações com o que era proposto. A lembrança me fez intuir, naquele exato momento, que tudo estava fazendo sentido e comecei a vislumbrar que, posteriormente, a partir desses estudos, poderia transmitir a aprendizagem adquirida, para atender pessoas de todas as idades e profissões, em seus ambientes profissionais, sociais, de estudos e de lazer.

Ao finalizar os cursos, em meados de dezembro de 1998, fui embora de Curitiba/PR. No início do ano seguinte (1999), já morando no Rio de Janeiro/RJ comecei a colocar em prática, no formato de experimentação, as técnicas apreendidas com pequenos públicos, alterando o foco da preparação de ator para atingir o meu propósito. Paralelamente, por todo o ano referido acima, conciliei com outras experiências, ampliando conhecimentos: workshop Preparação de Ator e workshop Corpo e Movimento, ambos na Oficina Casa com Arte (OCA); preparação, montagem e manipulação do espetáculo de teatro de bonecos Meu Brasil, em parceria com o artista Binho Maturano, apresentado no mesmo ano no Programa Daniel Azulay, na Rede Bandeirantes. Posteriormente, estabeleci parceria com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) para apresentação de espetáculos de bonecos para crianças e jovens nas escolas. O espetáculo de teatro de bonecos Meu Brasil, passava a mensagem sobre as relações entre as pessoas e os cuidados com o meio ambiente, por meio de personalidades da arte musical no Brasil e fora dela. Também atuei na criação da oficina de cartões artesanais, topiarias (árvores em grãos) e velas artesanais, que foi aplicada, semanalmente, na Loja Helen's Artesanato. Surgia aí, também, meu gosto pelas artes manuais e, com a ampliação das experimentações, fui aumentando o gosto pelas Artes Visuais.

No ano seguinte (2000), tendo voltado a morar em São Luiz Gonzaga/RS, decidi colocar em prática, oficialmente, a proposta de trabalho profissional e, com isso, criar um nome, que foi pensado e escolhido como: **Workshop Expressão Corporal**.

Usei esse nome porque permitia às pessoas participar, praticando as atividades, não somente sendo espectadores. Assim, por meio de técnicas envolvendo desinibição, dinâmicas e narrativas (expressivas, criativas, corporais, textuais, visuais, poéticas, artísticas) trazia, para além da teoria, a aplicação prática, vivencial e experienciada. Comecei a empregar os saberes que obtive com alunos de diferentes idades (de 10 a 18 anos), em escolas e instituições públicas, municipais e particulares de São Luiz Gonzaga/RS – período em que voltei a morar no município, janeiro de 2000 até março de 2002. Dentre as escolas em que atuei, em atividades no contraturno das aulas, com duração de duas horas cada encontro e periodicidade de três vezes na semana, alternando o prazo de duração nas escolas (3 meses, 6 meses e 10 meses) estavam: Instituto Estadual Rui Barbosa; Instituto Estadual de Educação Professor Osmar Poppe; Escola Estadual de Ensino Médio Gustavo Langsch - Polivalente; Escola Cenecista de Ensino Médio São Luiz Gonzaga; Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA). Também foram públicos dessa proposta alunos de Serviços Socioassistenciais da Secretaria Municipal de Ação Social e Comunitária, Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), São Luiz Gonzaga/RS (2000 e 2001); e Secretaria Municipal de Assistência Social, Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), Santo Antônio das Missões/RS (2001).

O encantamento pelos resultados que começavam a ser obtidos fez com que eu, desde então, não parasse de buscar novos conhecimentos e ampliasse o repertório de técnicas, agregando outros saberes para serem ampliados aos já constituídos. Dessa forma, nos anos seguintes, após uma curta passagem de alguns meses morando em Rio Grande/RS, fui morar em Caxias do Sul/RS (a partir de 2002). Com isso, ganhei outros públicos, como funcionários e gestores de pequenas empresas, e participantes de grupos: Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), Grupos de Danças, Instituições com Serviços Socioassistenciais.

Em 2004, senti a necessidade de buscar uma formação em Artes. Embora já tivesse incluído algumas técnicas na proposta profissional, necessitava aprofundar meus conhecimentos nessa área. Fiz então, Artes Visuais, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), para trazer maior suporte teórico e aliar a arte à expressão corporal, como forma de manifestação do corpo, pois, entendo que o corpo se manifesta por diversas linguagens e, ainda, que esse corpo pode ser percebido em suas mais variadas expressões, individualmente ou coletivamente. Nas aulas teóricas e, também, nas práticas de desenho, pintura, escultura, releituras artísticas, ia

costurando ideias de representação de corpo, comunicação e relações, por meio da arte, para pôr em prática, agregando no Workshop Expressão Corporal que ofertava profissionalmente. Ao mesmo tempo em que ampliava os conhecimentos, no decorrer do curso, aproveitei para perceber, mais a fundo, os inúmeros perfis de pessoas que integravam os grupos que eu atendia – funcionários de empresas, gestores, alunos de CTGs, de Danças e de Serviços Socioassistenciais (neste último universo, eu atuava atendendo crianças e adolescentes).

A proposta de trabalho desenvolvida com o workshop era também pensada entendendo que, *a posteriori*, os participantes estariam buscando o mercado de trabalho. Obtive um excelente aprendizado com os públicos atendidos, que compreenderam a faixa etária de 15 a 17 anos e também com os públicos adultos. Dentre as instituições de Serviços Socioassistenciais atendidas estavam: Fundação de Assistência Social (FAS), Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), Caxias do Sul/RS (2004); Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, Programa Ações Educativas Complementares, Caxias do Sul/RS (2004 a 2007); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, Flores da Cunha/RS (2005 a 2007); Secretaria Municipal de Educação de Caxias do Sul, Programa AABB COMUNIDADE, Caxias do Sul/RS (2008).

Já ao trabalhar com pessoas de diferentes cargos nas empresas pude observar que havia uma carência em relação à expressividade e, igualmente, em relação à comunicação. Percebia uma disparidade na passagem de informações, no entendimento das regras, na execução das funções e na convivência, advindos de timidez de uns, excesso de poder de outros (mesmo que não necessariamente funções mais altas, mas entre colegas de mesma função), falta de preparo, paciência e conhecimento de outros tantos. Toda essa vivência foi evidenciando a importância do meu trabalho, fazendo com que sujeitos olhassem para si mesmos e redescobrissem potencialidades. Vi também que necessitava de mais conhecimentos, para poder dar conta de tais demandas.

Neste contexto, relato que, fui buscar novas aprendizagens, desta vez em duas disciplinas isoladas Vivências Corporais e Recreação e Lazer, no curso de Educação Física, na Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), por pensar que essas técnicas agregariam no meu propósito. E, ainda em 2008, fiz a formação de Educador Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), por entender

que o conhecimento de Educador Social traria um leque de informações permitindo outros olhares para possíveis necessidades dos públicos.

No ano de 2009, buscando ampliar o escopo de conhecimentos, iniciei a **Graduação em Comunicação Social - habilitação em Relações Públicas**, na Universidade de Caxias do Sul (UCS). A escolha do curso foi pensada a partir da identificação com as possibilidades, a partir da comunicação, que podem alterar relações, convivência, olhares, percepções, também com o corpo que comunica e pode aprender, apreender e se modificar (se necessário) nessa comunicação. Desse modo, a monografia, intitulada *Relações: meios e entre-meios*. O corpo como sujeito-objeto no processo de comunicação, trouxe o tema relações, seus meios e entre-meios e teve como objetivo analisar a importância do sujeito enquanto ser comunicador que utiliza seu corpo como meio. Assim, os estudos dos processos de comunicação, juntamente com a Semiótica, contribuíram para a construção de vínculos nas relações interpessoais, o que instigou a pesquisar o comportamento do sujeito e suas manifestações na relação-convívio em sociedade, com a finalidade de potencializar o corpo como elemento que vivencia, percebe e transforma as mensagens através da comunicação interpessoal. E através da hermenêutica de profundidade<sup>3</sup>, o trabalho de pesquisa visou possibilitar as ressignificações e reinterpretções coexistentes no mundo da comunicação. A conclusão desse estudo – análise da Central de Atendimento UCS – trouxe como resposta que, a expressão corporal (linguagem verbal e não verbal analisada), gerou, em grande parte, um relacionamento favorável entre a instituição e o aluno.

Fruto de muito estudo e dando continuidade às experimentações sobre corpo, comunicação e relações, a graduação (intensamente apreendida pelo prazo de cinco anos), teve o intuito de somar conhecimentos e ampliar o conjunto de técnicas na minha trajetória profissional.

Relevante trazer à cena um desafio que aceitei, em 2010, para elaborar **atividades didático-pedagógicas para o Programa Nacional ProJovem Adolescente**, que estava sendo implantado na Secretaria Municipal de Habitação e Assistência Social de Antônio Prado (SMHAS). O desafio aceito somou aprendizado e experiência que agreguei à minha proposta profissional. Destaco que, dos jovens

---

<sup>3</sup> Segundo Thompson (1995), a Hermenêutica de Profundidade (HP), resumidamente, é o estudo da construção simbólica significativa, que exige interpretação e contextualização social das formas simbólicas.

concluintes no PROJÓVEM de Antônio Prado de que fiz parte, nove deles, que se destacaram na trajetória pelo prazo dos dois anos, foram selecionados por empresas no município para viver sua primeira experiência profissional, dentre lojas, bancos e outros estabelecimentos comerciais. Com a experiência adquirida, pude ampliar meu trabalho para focos distintos: Expressividade Corporal (atividades feitas com gestos, movimentos e expressões, sem o uso da voz) e Comunicação Oral (atividades de preparação do corpo para falar em público).

É evidente que, em todos os percursos, há dificuldades, e que, mesmo uma proposta bem elaborada pode falhar; porém, a vontade de contribuir para o crescimento pessoal e profissional das pessoas, juntamente com a busca de conhecimento constante, fazem com que eu continue acreditando.

No decorrer dos anos de 2012 e 2013, em paralelo com as aulas da graduação (em que concluí em dezembro de 2013), participei de múltiplas aprendizagens teóricas e práticas, ampliando assim, os olhares, as percepções e o conjunto de técnicas. Isso suscitou novas inquietações em busca de mais conhecimento.

Foi então que, em 2014, julguei necessário fazer um **MBA em Gestão de Pessoas**, na área da Administração, para refinar o entendimento sobre as relações interpessoais nas empresas. O curso da Faculdade Anhanguera Caxias do Sul/RS, trazia disciplinas convidativas, para refletir as ações na prática, dentre elas: Estratégia Executiva; Dimensão Humana na Governança Corporativa; Desenvolvimento Organizacional; Gestão do Conhecimento; Consultoria e Processos em RH; Liderança; Seleção e Dinâmicas de Grupo; Treinamento e Desenvolvimento; Remuneração e Benefícios; Metodologia da Pesquisa Científica. A especialização trouxe uma outra dimensão, que ampliou a aplicação prática. O artigo escrito como finalização do percurso, sob o título A comunicação corporal como instrumento gerador de qualidade na transmissão e interpretação da mensagem, demonstrou o meu prosseguimento de pesquisa na área do corpo, da comunicação e das relações. O estudo foi desenvolvido com funcionários da Faculdade Anhanguera e visou contribuir para o desenvolvimento da imagem pessoal e profissional de cada sujeito. Analisou como o sujeito percebia o meio em que vivia e como se expressava nas diversas situações e tipos de ambientes, e, permeou os múltiplos comportamentos, possibilitando alteração nos modos de viver e interagir.

Um ano depois do término da Especialização, já em 2016 e com uma caminhada profissional de 16 anos, havia percebido que o direcionamento da proposta

profissional tinha tomado uma dimensão proporcionalmente grande em minha vida e que além disso, eu me via, futuramente, como docente de uma instituição, podendo disseminar o que aprendi e apreendi, aprendo e apreendo, atingindo também outros públicos. Com esse pensar, ingressei no **Mestrado em Turismo e Hospitalidade**, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), por entender que o corpo, a comunicação e as relações, às quais eu me referia até então, estavam relacionadas com o turismo, uma vez que os sujeitos, em seus cotidianos e profissionalmente, se deparavam com moradores e com visitantes, entrelaçando o 'con(viver)'.

No Mestrado me deparei com o estudo da hospitalidade e do acolhimento, e percebi, na dança, em especial na dança circular, uma interligação pertinente, cruzando a expressividade do corpo, a comunicação e as relações dos sujeitos. Aprofundei os conhecimentos teóricos referentes a esse estudo e nasceu, então, a dissertação intitulada Dança circular e Hospitalidade: um corpo que se expressa e acolhe com amorosidade. Esta pesquisa propôs a dança circular, como expressão de vínculos de acolhimento e amorosidade, em condições de oferecer sinalizadores para a hospitalidade. Foi analisada a relação eu e o outro, por meio do círculo e do auxílio mútuo entre as pessoas na roda, na dança circular, observada nos sujeitos-participantes, em diversos ambientes. Essa análise possibilitou a contiguidade com as pessoas, suas histórias de vida – absorvidas nos relatos –, o contato com tato, perfazendo, através do toque, a troca relacional. Também, perceptível nos resultados, por meio da dança circular, a criação de uma comunicação baseada na busca do consenso (aceitação e troca), tendo sido possível conceber o estabelecimento de laços de proximidade nas relações.

A finalização do Mestrado fez com que eu ampliasse o foco de atuação da proposta profissional, com o olhar no eu e no outro, também pelo viés do Turismo, pensando na coletividade, nos trabalhos em equipe. Dessa forma, a ampliação compreendeu: Relações Interpessoais (atividades executadas somente em grupo/equipe) e Processos Criativos (atividades de arte que fazem refletir o autoconhecimento e proporcionam um novo olhar para as situações).

Eis que, em 2019, instigado a aprofundar ainda mais meu conhecimento sobre a expressividade do corpo, da comunicação e das relações que se desenvolvem em diversos ambientes cotidianos, profissionais e de turismo, entrei no **Doutorado em Turismo e Hospitalidade**, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Nas primeiras conversas com minha orientadora, Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, após ela ouvir



o relato de meu histórico pessoal e profissional, e por já conhecer um pouco de minha trajetória, advinda da orientação no Mestrado, em alinhamento com a orientação da estratégia metodológica Cartografia dos Saberes, ela propôs que eu considerasse e compreendesse que meu projeto profissional é, como ela afirma, substrato profundo na constituição e contextualização da tese. E assim o fiz. Por isso, aqui foi trazida a narrativa da constituição de uma caminhada profissional, desenvolvida por mais de 20 anos, com um trabalho que foi sendo ampliado, conforme a percepção e a necessidade dos diversos públicos atendidos. Assim, depois de tantos conhecimentos adquiridos e experimentações feitas ao longo dos anos, a proposta profissional hoje, intitulada **NΞШT OИ Δ´V I L Λ Comunicação Corpóiesis**, abrange múltiplas técnicas, distribuídas em workshops, cursos, palestras e mentorias, através de aulas/atividades, com foco em acionar e potencializar sujeitos e lugares.

De igual forma, saliento que foi importante a trajetória acadêmica vivida no doutoramento. Destaco que, para além dos percursos de aprendizagem ocorridos nas aulas, também fizeram parte desse arcabouço de conhecimento, a participação em eventos nacionais e internacionais, a produção de artigos científicos e apresentações de trabalho em eventos, com debates teóricos e escuta atenta para apreender com outros olhares.

## 1.2 PERCURSOS DA TESE

Dito isso, finalizo os sinalizadores iniciais apresentando a estruturação do trabalho ou, melhor dizendo, os percursos da tese. Assim, para melhor compreensão do(a) leitor(a) dessa caminhada, esta tese está distribuída em capítulos que dialogam e se entrelaçam rizomaticamente. São percursos longos, com liames comunicantes, em fluxos de sentido. Há uma separação, um esforço de estruturação, para tentar indicar minimamente sinalizadores da viagem, em coerência com os ‘nós’ principais da trama da pesquisa e os objetivos específicos. Como sistemas, no entanto, vale dizer, os capítulos também são abertos e transversais entre si.

O **capítulo 2** apresenta as estratégias metodológicas escolhidas, a Cartografia dos Saberes em associação às Matrizes Rizomáticas. A Cartografia dos Saberes envolve cinco trilhas: ‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa; Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Trata-

se de trilhas que sinalizam caminhos percorridos para delinear a trama da pesquisa. A Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014b; 2022a), é outro modo de conhecer, de fazer Ciência, é outra leitura da realidade, com viés qualitativo, processual e multimetodológico em termos operacionais. Também, a cartografia deixa de apresentar em sua metodologia uma engrenagem dura e rígida, passando a ser construída nesse processo, a partir de sinalizadores.

O **capítulo 3**, sobre *Corpoiesis*, pensando uma comunicação diferente e um corpo em autoprodução e possibilidade de reinvenção, sustenta a escrita teórica, no sentido de analisar o corpo humano em sua trajetória (corpo tradicional), apresentando o corpo e suas transformações. Propõe, na trama comunicacional, um corpo vibrátil, da Esquizoanálise, bem como a autoprodução, a reinvenção de si a todo instante, pela autopoiese/(auto)transpoiese (corpo-trama).

O **capítulo 4**, Tramas Turístico-Comunicacionais, propõe (re)pensar as ações, pautadas na responsabilidade ecossistêmica. Assim, enredado pelas tramas que envolvem o turismo, a comunicação e as relações, mostra que pode haver o entrelaçamento da amorosidade nos sujeitos, discorrendo sobre o amor em sua plenitude, para proporcionar acolhimento e tornar as relações mais fraternas e éticas, nas bases de Humberto Maturana. Com isso, evidenciar as emoções trazidas e reforçadas por Maturana, para o expressar-se, o libertar-se, que impulsiona uma mudança emocional, reconhecendo **o outro como legítimo outro na convivência**.

O capítulo realiza percurso teórico, apresentando o olhar deste pesquisador e a construção do pensar científico sobre o avesso, que é proposta de Baptista. Depois faz uma passagem pela história do turismo, Turismo – recortes históricos, elencando dados de aproximação com o foco de estudo. Trata-se de entender como se chegou ao ponto a que se chegou e de encontrar pistas para as transformações ao longo do tempo, considerando que é possível perceber, em dias atuais, uma massificação turística com veiculação exorbitante das localidades e excessivamente reforço para o consumo, muitas vezes, não respeitando a estrutura física e as singularidades do lugar. Tratam-se, portanto, de fatores que sinalizam a intencionalidade da proposição do avesso, o avesso do Turismo, apresentado por Baptista (2018).

O capítulo também faz uma passagem pelas Teorias da Comunicação, mostrando as diferentes maneiras de abordagem comunicacional frente aos meios de comunicação e o impacto da reação dos sujeitos. A explanação ajuda a mostrar que essa comunicação utilizada em vários períodos já não dá mais conta da

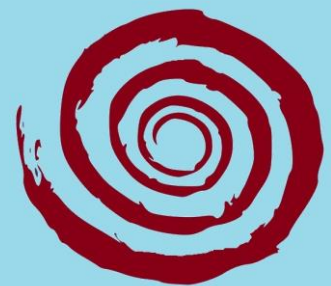
contemporaneidade, desse novo mundo, apresentando então, a Comunicação trama-teia complexa, de Baptista (1996, 2000) e os Entrelaços das Trilhas Teóricas – complementares no todo da discussão, para direcionar a compreensão da proposição desta tese, de Comunicação *Corpoiesis*.

No **capítulo 5**, é apresentada a Cartografia de São Luiz Gonzaga, enumerada num recorte de dados, resgatando, em ordem cronológica, a narrativa histórica dessa terra missioneira. Assim, contando o município desde a sua colonização com os jesuítas até os dias atuais, com seus altos e baixos, em que uma cidade pequena, do interior, pode apresentar. Nessa construção, foi pertinente trazer os fatos históricos que marcaram, situando o(a) leitor(a) sobre a importância deste município para o Rio Grande do Sul, elencando as obras religiosas riquíssimas que guardam o lugar. Também são apresentados os atrativos turísticos, diferenciados por uma calma e bem-estar na convivência. A história do município é plena de acontecimentos marcantes, na construção do universo do gaúcho do Rio Grande do Sul, que possibilitam compreender os traços dos moradores e da composição das tramas turístico-comunicacionais subjetivas.

O **capítulo 6** explicita a Comunicação *Corpoiesis* em Terra Missioneira e traz reflexões e discussões com os autores e a prática da pesquisa. Traz a construção de narrativas do sujeito do lugar, como o lugar é apresentado, como é vista pelos moradores e visitantes, qual é o sentimento existente nessa relação. Juntamente com isso, faz um contraponto dessas narrativas e entrecruza com o olhar de autores que dialogam na pesquisa para analisar a possibilidade de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares turísticos em São Luiz Gonzaga. E ainda, evidencia as ações feitas no *lócus*, através do projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais.

Por fim, o **capítulo 7**, apresenta Vislumbres ao Entardecer da Tese. Não são propriamente considerações finais, muito menos conclusivas. São vislumbres possíveis, resultantes de um estudo feito em determinado período e observado, na reação dos públicos, um determinado modo de viver e interagir, que possibilitaram considerar, temporariamente, essa percepção, que, devido ao corpo estar em movimento, é provável que em outro momento, sejam identificadas outras percepções, que intensificarão o que foi pesquisado ou poderão ir ao contrário da pesquisa desenvolvida.

## CAPÍTULO 2



*“Os momentos de felicidade mais pura, podem ser os mais simples: que são a família reunida, o riso que toma conta da casa e contagia todos, o entusiasmo e a coragem de seguir, acreditando e agradecendo. Acreditando que é possível fazer um mundo melhor, mais sensível e mais amoroso, basta alterar os modos de ver e sentir. Agradecendo porque a vida, por mais que, em momentos, pareça difícil, em tantos outros momentos maiores, traz perfumes que contagiam e energizam a caminhada.”*

*Newton Ávila*

## 2 ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa para esta tese foi produzida tendo como base os pressupostos científicos trabalhados no Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese – Amorcomtur!. O Amorcomtur! apresenta, em seus debates e produções, seis grandes linhas: Ciência, Educação, Comunicação, Turismo, Metodologia, Subjetividade, em que se trabalha Ciência pensando a partir da lógica ecossistêmica, complexa, holística, esquizoanalítica. Essa visão implica em pressupostos relacionados aos sistemas abertos, em amplas conexões, que estão embasados em uma trama de autores contemporâneos, que trazem balizadores sobre o que é Ciência para o grupo de estudos. O Amorcomtur! trabalha com uma visão sistêmica, mas uma visão sistêmica que considera os sistemas abertos (considerados a partir do século passado, século XX), e uma visão sistêmica esquizoanalítica, com Félix Guattari (2012), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995; 2010) e Félix Guattari e Suely Rolnik (2011), que vão falar que, especialmente pela esquizoanálise não se entende, não se pressupõe a possibilidade de fechamentos.

Nos estudos do Amorcomtur!, trabalha-se também com a visão de cosmologia contemporânea e com a visão de física quântica, com viés holístico. Desse modo, não há fechamentos porque há o entendimento de que somos o todo. O todo está em nós, nos fazendo componentes do todo, sem haver separação, pois somos transversalizados por todos os fluxos, por todas as energias. Dessa forma, somos planta, floresta, animal, estamos no todo. Por isso, segundo Baptista (2021) também entendemos e produzimos conhecimentos, considerando as transversalidades de universos de saberes.

Todos esses pressupostos pautam a discussão sobre trilhas, caminhos e descaminhos da produção da tese, ajudando a refletir porque produzimos Ciência do modo como produzimos Ciência. Entendemos a metodologia como o grande estudo dos métodos, mas essa visão ampliada do estudo dos métodos envolve desde a concepção epistemológica, a concepção teórica, a questão metódica e a questão técnica. Essas dimensões estão baseadas em proposições da professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes (1999), na Formulação de um Modelo Metodológico, que vem sendo trabalhado como uma das inspirações às estratégias metodológicas de Baptista (2014b, 2017, 2020a, 2022a), adotadas pelo Amorcomtur! e também nesta tese. Então, para compreender como foram desenvolvidas aqui e operacionalizadas

as estratégicas metodológicas, trarei, suscintamente, neste início de capítulo, os pressupostos científicos que balizam esta tese e entrelaçam os estudos Amorcomtur!, a partir da lógica ecossistêmica, complexa, holística e esquizoanalítica.

Na **lógica ecossistêmica complexa**, entende-se a correlação entre universos e ecossistemas, a partir de Frijof Capra, Edgar Morin, que contribuem para compreender os sistemas como abertos. Baptista (2022b) complementa, expressando que ecossistema pode ser compreendido como universo existencial, um universo vivo, dinâmico, em constante movimento e produção. “Assim, constituímos e pertencemos ecossistemas, universos existenciais, que se diferenciam, singularizam, mas também se conectam em existências mais amplas e ecossistemas ainda mais complexos” (BAPTISTA, 2022b, p. 264). A autora complementa que esses ecossistemas são subjetivos, são turísticos, são comunicacionais, são educacionais e são científicos, ressaltando que eles possuem singularidades e brotações que vão se misturando rizomaticamente a outros universos, ecossistemas com outras dimensões, que também são passíveis de se desmanchar, se produzir e se transformar. Há, aqui, portanto, a compreensão da densidade, do emaranhado desses entrelaçamentos, que são produzidos na lógica de complexidade de saberes.

Na **lógica holística**, com a visão de que essa lógica ecossistêmica complexa existe no todo e a partir do todo se transversaliza, temos a fundamentação nas conversações com autores<sup>4</sup> como James Lovelock, Fritjof Capra, Roberto Crema. É desafiador dizer isso, só que, compreendendo que o todo está entrelaçado, então não existe fechamento no sistema analisado. Baptista (2022b, p. 263) enfatiza que essa visão,

A **visão holística** vem sendo retomada desde o século passado, quando autores sinalizaram para os limites dos pressupostos da Revolução Científica, especialmente no que diz respeito à fragmentação do conhecimento em disciplinas, áreas e campos de saber. Holismo é uma palavra com origem etimológica ligada a “holos”, que, do grego, significa “todo”, o que, em um primeiro momento, pode parecer ingênuo se relacionado à Ciência, já que se sabe *a priori* que é impossível conhecer o todo. A visão holística, no entanto, não parte da pressuposição arrogante de tentativa de conhecer o todo, mas de reconhecer que toda e qualquer ocorrência é resultado de conexões, de acoplamentos, de entrelaçamentos com sistemas maiores, em constante transformação no desenvolvimento contínuo da vida em movimento. Mais do que religação de saberes no interior do Universo das Ciências, com a trama

---

<sup>4</sup> A referência a estes autores está sendo utilizada aqui a partir das conversações no Amorcomtur!, nos Seminários do Doutorado, nos textos de Baptista, e além disso, o contato direto com os autores em vários vídeos e aulas *on-line*.

complexa de subdivisão de áreas e disciplinas, a visão holística corresponde à abertura para saberes comuns, do mundo da vida ampliada [...].

A visão holística, conforme a autora, corresponde a uma reconexão com saberes que são múltiplos, e que estão para além dos produzidos pela Ciência Tradicional Acadêmica. Nesse sentido, é possível dizer que não há conhecimento isolado e que não pode ser dividido, nem fragmentado, necessita ser visto do todo para o todo. Mesmo quando nos atemos a focos de estudo, temos que nos lembrar que esses focos estão conectados com universos mais amplos e são constituintes desses universos.

Na **lógica esquizoanalítica**, trabalha-se com a pressuposição de transversalizações e agenciamentos constantes, o que também implica em abordagem segundo a lógica dos sistemas abertos. Baptista (2022b, p. 260) evidencia que na lógica esquizoanalítica há acoplamentos que transversalizam e que se constituem de “[...] diferentes fluxos e engendramentos, tanto corporais quanto incorporais, em agenciamentos de potência de máquinas autopoieticas, pautadas pela complexidade de potências de agenciamentos rizomáticos e autopoieticos”.

Assim, considerando e em coerência com esses pressupostos científicos epistemológico-teórico gerais, a estratégia metodológica que escolhi para conduzir este trabalho foi a Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014b; 2022a), um dispositivo científico de investigação, com orientação qualitativa, plurimetodológica e processual, em acoplamento à estratégia Matrizes Rizomáticas, da mesma autora.

A Cartografia dos Saberes foi inspirada, originalmente, em Rolnik, na sua abordagem cartográfica, como sinalizadora de modos de proceder a pesquisa. O cartógrafo, para Rolnik (2011) tem a tarefa de dar voz aos sentimentos que pedem passagens e está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. A autora ainda reforça que o critério de suas escolhas está em “[...] descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende entender” (ROLNIK, 2011, p. 65-66).

Cartografar, para Baptista (2014b) com base em Rolnik (2011), é construir mapas mutantes de leituras contínuas da transformação da paisagem da pesquisa. Trata-se de uma espécie de mapeamento, que direciona a partir da capacidade de percepção do pesquisador. Nesse sentido, a proposição se alinha ao pensamento evidenciado por Morin (2004), em que o conhecimento está sempre em movimento,

evidencia a percepção e, pode-se dizer, é seguido constantemente de uma reconstrução. Reforço as palavras de Morin (2012, p. 14), quando o autor pontua que “[...] podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar [...]”. Cartografar também é mergulhar “[...] no objeto/fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa [...]” (BAPTISTA, 2014b, p. 344).

A Cartografia dos Saberes é uma abordagem metodológica marcada pelo hibridismo cultural<sup>5</sup>, que, conforme Rodrigues, Teixeira, Oliveira, Fares e Fonseca (2006), implica uma nova ética do fazer Ciência, convergente e consciente. Está sintonizada com Morin (2013), quando ele afirma que o próprio pesquisador deve se incluir, ao observar, fazendo uma autocrítica sobre o conhecimento até então adquirido. Esse conhecer provoca no pesquisador outros olhares e, assim, o pesquisador, o cartógrafo, aborda os problemas e faz uma investigação global, propondo melhorias no campo de pesquisa, ao mesmo tempo em que repensa e redescobre a si mesmo. Nesse estudo, aplica-se ao turismo, à comunicação e às relações.

Nesse sentido, vale a referência à Educação feita por Santos (2007, p. 89-90):

[...] a educação é entendida como um sistema aberto, portanto, que interage com o ambiente, são realizadas trocas de energia, materiais e informação e desencadeados no sistema processos de auto-regulação, acomodação e assimilação. Essas trocas e processos assumem maior complexidade e relevância quando os vemos no intrincamento da rede conceitual e operacional tecida inter e intradimensões do próprio ato pedagógico –, referenciado por supostos ético-políticos, epistemológicos e psicopedagógicos – e no intrincamento com o contexto de inserção do processo educativo.

A Cartografia dos Saberes, para Baptista (2014b; 2022a), é outro modo de conhecer, gerador múltiplo e processual de outras leituras da realidade. A autora pontua que o universo da Ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Deixa de apresentar, em sua

---

<sup>5</sup> O hibridismo cultural “Representa uma abordagem que se materializou entre fronteiras de saberes pluri-inter-transdisciplinares, e se revelou como uma práxis de pesquisa intercultural, um caminho investigativo para dar conta da inter-multiculturalidade” (RODRIGUES; TEIXEIRA; OLIVEIRA; FARES; FONSECA, 2006, p. 3).



operacionalidade, uma engrenagem dura e rígida, passando a ser construída neste processo, a partir de sinalizadores. Procura romper com a separação de sujeito e objeto na pesquisa, trazendo instrumentos de proximidade diferenciados para se fazer Ciência, traduzindo o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, com base no conceito de cartografia, apresentado por Suely Rolnik (2011). Nessa orientação metodológica, Baptista (2014b) diz que o que realmente importa é a mobilização dos sujeitos investigadores, produtores de conhecimento em Turismo, com uma orientação metodológica mais sensível. Ela propõe que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas. Nas palavras de Baptista (2014b, p. 350), o processo de investigação é “[...] o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se renova, se re-faz [...]”.

A Cartografia dos Saberes propõe cinco processos-fluxos investigativos distintos, expressos em trilhas. São elas: Trilha Trama dos ‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa (são os nós que orientam e sintetizam a pesquisa); Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva (conhecimento prévio do pesquisador sobre determinado assunto, advindo de suas vivências e experiências); Trilha dos Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica (aprofundamento teórico sobre o objeto pesquisado); Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres (propõe o envolvimento do investigador, para criar situações que deem vida à pesquisa, em aproximações e ações investigativas); e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa (transversalizando todo o processo). As trilhas envolvem aproximações e ações investigativas, num espectro amplo, pautado pela qualidade, esmero e sensibilidade da coleta, processamento de dados, análise e produção de relato da investigação. Saliento que, para a realização desta tese, tudo foi sendo registrado em diário de pesquisa e discutido com a orientadora, ao longo do percurso, bem como apresentado nas conversas, dos Encontros Caóticos Amorcomtur!, realizados semanalmente, com pesquisadores de várias regiões do país e parceiros de outros países.

O caráter plurimetodológico expresso na Cartografia dos Saberes possibilita utilizar procedimentos vários, como: levantamento bibliográfico, observação direta, observação participante, rodas de conversa, relatos de vivências etc., para a abordagem de um determinado foco de estudo. No caso deste estudo, ainda foram associadas as ações planejadas para as atividades de Comunicação *Corpoiesis*, na cidade.

A seguir, apresento o que Baptista (2014b; 2022a) denomina como as trilhas, para a proposição da Cartografia dos Saberes, na prática da pesquisa.

A **primeira trilha** apresentada por Baptista (2022a) é a Trama dos ‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa. De acordo com a autora, são os nós que orientam a pesquisa e, nesta tese, está formada por: Turismo; Comunicação; Trama; Comunicação *Corpoiesis*; Amorosidade.

## 2.1 TRILHA DE SABERES PESSOAIS – PERCURSOS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS

A **segunda trilha** proposta é a que se refere aos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva. Nela, é importante o investigador refletir e escrever o que sabe sobre as temáticas envolvidas na escrita do foco de estudo. Neste processo de refletir e escrever, registrado em diário de pesquisa, o pesquisador se autoriza a expor seus pensamentos e sentimentos e a direcionar os assuntos. Assim foi desenvolvida a trilha de Saberes Pessoais desta tese, com registros constantes, compartilhados com a orientadora e com os integrantes do Amorcomtur!.

Saliento que a Trilha de Saberes Pessoais já foi descrita no item 1.1 QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR).

## 2.2 TRILHA TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL BIBLIOGRÁFICA

A **terceira trilha** a ser cartografada é a Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica. O pesquisador, tendo escolhido as temáticas para a construção do texto, percorre, então, as trilhas desses conhecimentos. Nesse sentido, Morin (2013) evidencia ao dizer que é o conhecimento vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do ser humano. E replico o que foi evidenciado por Morin (2013, p. 16) a respeito da Ciência, dizendo que a Ciência é, portanto, “[...] elucidativa (resolve enigmas, dissipa mistérios), enriquecedora (permite satisfazer necessidades sociais e, assim, desabrochar a civilização); é, de fato, e justamente, conquistadora, triunfante [...]”. Baptista (2014b) sugere que se monte um quadro para cada uma das linhas investigativas, envolvendo os assuntos e as referências teóricas e bibliográficas. E também, subtemáticas, expressas em palavras-chave, facilitando, dessa forma, a direção do trabalho teórico e a escrita. A autora explica que esses

quadros são “Alterados constantemente, como ambientes vivos em brotação e cuidado”<sup>6</sup>.

Saliento, ainda, que, a fim de verificar a pertinência do tema e a originalidade da tese, fiz, antes do desenvolvimento da escrita, uma pesquisa na Produção Científica, nas bases de dados das instituições de Ensino do Turismo no Brasil<sup>7</sup>. São elas: Instituto Federal de Educação e Tecnologia de Sergipe (IFS); Universidade Anhembi Morumbi (UAM); Universidade de Caxias do Sul (UCS); Universidade de São Paulo (USP); Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI); Universidade Estadual do Ceará (UECE); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Universidade Federal do Paraná (UFPR); Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Universidade Federal Fluminense (UFF). De todas, não encontrei dados que se assemelham à pesquisa, porém, na Universidade de Caxias do Sul (UCS), pesquisas advindas do campo da comunicação, amorosidade e autopoiese, contribuíram para a leitura e produção de texto, por serem dissertações do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (LIMA, 2017; LEONI, 2017; MELO, 2018; THOMAZI, 2019; EME, 2021; BERNARDO, 2021)<sup>8</sup>.

Também, busquei dados nas dissertações e teses do Banco de Dados da CAPES, dissertações do SciELO – *Scientific Electronic Library Online* (Biblioteca Científica Eletrônica *On-line*) e Google. Nas bases de dados da CAPES, usando as palavras-chave: corpo, comunicação, turismo, amorosidade, autopoiese, encontrei 363 trabalhos/artigos. Nos trabalhos encontrados, houve pouca aproximação em relação ao foco temático abordado da tese. Nas dissertações do SciELO, encontrei 464 com corpo, 778 com comunicação, 147 com turismo, 11 com amorosidade e 33 com autopoiese. Não foram encontrados periódicos com o foco proposto. E ainda,

---

<sup>6</sup> BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Declaração em orientação, segundo semestre 2022. Registro em Diário de Pesquisa.

<sup>7</sup> Conforme a base de dados Plataforma Sucupira. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoles.jsf?areaAvaliacao=27&areaConhecimento=61300004>. Acesso em: 20 jul. 2021 e depois em 15 fev. 2023.

<sup>8</sup> As referências citadas dizem respeito às dissertações: Turismo, Hospitalidade e Amorosidade: os sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, de Renato dos Santos Lima, 2017; Jammo in Cantina? C que Sabe! A Italianidade na Gastronomia Paulistana: Marcas de Hospitalidade e Amorosidade, de Carlos Leoni, 2017; Caminhada noturna do turismo: tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização, de Camila Carvalho de Melo, 2018; Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional, de Mara Regina Thomazi, 2019; ‘Quem não vive do mar, vive de quê?’ Sinalizadores de ‘repuxo’ do turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores, de Jennifer Bauer Eme, 2021; Trama de marcas turístico-comunicacionais no processo de desterritorialização desejanste de sujeito ‘entre mundos’, de Joice dos Santos Bernardo, 2021).

analisei trabalhos apresentados e publicados, como resumos, em dois eventos importantes na área de Turismo, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR) e Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR). Considerando o caráter qualitativo desta proposição de tese, não se pretende analisar a métrica desse levantamento, mas se salienta a importância da visão panorâmica sobre as produções existentes sobre as temáticas, envolvidas na tese, ainda que não haja estudos específicos sobre a trama-foco do problema de tese.

Evidenciados os dados sobre o tema da pesquisa, é pertinente trazer os **entrelaçamentos das linhas teóricas** que, rizomaticamente, se misturam na composição da tese, e complementam a compreensão da Comunicação Trama-Teia Complexa, proposta por Baptista e trabalhada nos estudos Amorcomtur!, evidenciando um outro jeito de pensar, de viver e de produzir Ciência.

Para compor esta tese entrelacei algumas linhas teóricas que são complementares no todo da discussão. A linha teórica **Epistemologia da Ciência** ajuda a compreender o todo, ajudando a compor olhares não capitalísticos, não desenvolvimentistas, não produtivistas e implica uma religação de saberes. A linha teórica **Esquizoanálise**, através de conhecimento não rígido, possibilita entendimentos e transversalizações que se relacionam tanto ao Turismo, à Comunicação e à Subjetividade. A linha teórica **Ecossistemas Turísticos** propõe um olhar para as mudanças, para os questionamentos sobre a Ciência, com a compreensão de conexões. A linha teórica **Ecossistemas Comunicacionais** propõe que uma comunicação afetiva e sensível esteja presente para fortalecer relações. A linha teórica **Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural** expressa nas emoções, no amor, o que dá sentido nas relações, tendo como vinculação direta à abordagem da Autopoiese, que possibilita a autoprodução e a reinvenção constante de sujeitos e lugares. Todos esses aspectos em síntese, representam uma visão ecossistêmica e uma preocupação de compreender a vida, seja no turismo, seja na comunicação. Dessa forma, posso dizer que tive encontros, diálogos e conversas com esses autores, pois os estudos evidenciados por eles entrecruzaram com o meu pensar e fizeram amarrações na proposição da tese.

Para melhor compreensão, a seguir apresento um quadro síntese dos autores que contribuíram para a construção da escrita da epistemologia ecossistêmica complexa e, depois, faço uma breve descrição, separadamente, do percurso de

aprendizagem no entrelaçamento das teorias que enredam a conversação no pensar da tese: Epistemologia da Ciência; Esquizoanálise; Ecosistema Turístico; Ecosistema Comunicacional; Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural.

Quadro 1 – Referenciais teóricos de construção dos fios narrativos da tese

Epistemologia da Ciência	Boaventura de Sousa Santos Edgar Morin Fritjof Capra Roberto Crema Ylia Prigogine Maria Luiza Cardinale Baptista
Esquizoanálise	Félix Guattari Gilles Deleuze Suely Rolnik Maria Luiza Cardinale Baptista
Ecosistema Turístico	Mario Carlos Beni Marutschka Moesch Maria Luiza Cardinale Baptista
Ecosistema Comunicacional	Gilson Vieira Monteiro Sandro Adalberto Colferai Maria Luiza Cardinale Baptista
Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural	Humberto Maturana Francisco Varela Maria Luiza Cardinale Baptista Ximena D'Ávila

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2021.

Destaco que serão apresentados apenas alguns autores, pelo peso teórico nesta tese, ainda que alguns outros autores, não citados no referencial teórico, aparecerão na construção da escrita, pois, nesse pensar transversalizado, autores e leituras foram conversando e entrecruzando com o entrelaçamento dos fios da narrativa.

### 2.2.1 Epistemologia da Ciência

Na linha teórica da Epistemologia da Ciência, foram importantes para mim o encontro com: Edgar Morin (2001; 2004; 2012; 2013), Boaventura de Sousa Santos (2008), Fritjof Capra (2012), Maria Luiza Cardinale Baptista (2014a; 2014c; 2019; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e). Esses autores querem compreender as amarras profundas desses campos de complexidade. Essas amarras, esses fios que se

entrelaçam, fazem conexões com o ecossistema todo e evidenciam uma visão de sobrevivência plena para o futuro, provocando os sentidos, os afetos e fazendo refletir. É um convite a ampliar a consciência e acionar intensidades de devires íntimos e sentires coletivos. Também evidencio que, no decorrer desse percurso da Epistemologia da Ciência trarei, alguns outros autores que dialogam, que entram na conversa, para além dos anteriormente citados, porque há uma convergência de pensamento e de estudos.

Na conversação com Edgar Morin, sociólogo, antropólogo e filósofo, nascido em Paris, na França, que se debruçou no campo de estudo da complexidade, pude ampliar o conhecimento evidenciado em seus estudos que se baseiam em propor uma religação dos saberes com novas concepções sobre o conhecimento e a educação. Morin (2013, p. 98) faz refletir sobre o conhecimento e expõe:

Agora, duas palavras sobre o problema do conhecimento. O poeta Eliot dizia "que conhecimento perdemos na Informação e que sabedoria perdemos no Conhecimento?", querendo dizer com isso que o Conhecimento não é harmonia e comporta diferentes níveis que se podem combater e contradizer. Conhecer comporta "informação", ou seja, possibilidade de responder a incertezas, mas o conhecimento não se reduz a informações; ele precisa de estruturas teóricas para dar sentido às informações; percebemos, então, que, se tivermos muitas informações e estruturas mentais insuficientes, o excesso de informação mergulha-nos numa "nuvem de desconhecimento", o que acontece frequentemente, por exemplo, quando escutamos rádio ou lemos jornais.

O conhecimento é algo vivo que conduz a grande aventura da descoberta do universo, da vida, do homem. Sobre o problema da complexidade, Morin (2013) pontua que ela não é uma completude, mas que se dá na incompletude do conhecimento. E relata que em se tratando de pensamento complexo, "[...] é evidente que a complexidade é aquilo que tenta conceber a articulação, a identidade e a diferença de todos esses aspectos, enquanto o pensamento simplificante separa esses diferentes aspectos, ou os unifica por uma redução mutilante" (MORIN, 2013, p. 176). O pensamento complexo então, tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante costumam excluir e se desfazer. Nessa solução encontrada pela Ciência de resolver pela fragmentação, põe o ser humano em uma redução física, com uma possibilidade limitada de ampliar os conhecimentos e torna inviável perceber o todo. Faz-se necessário lutar contra a mutilação e não contra a incompletude. É então pensar em uma nova forma de reformar o pensamento (MORIN, 2012).

Nos seus estudos, Edgar Morin (2001) ensina que a Ciência Contemporânea tem como uma das características o reconhecimento da importância da epistemologia, a explicitação do lugar de onde se produz conhecimento, os pressupostos a partir dos quais são promovidas as buscas e produzidos os saberes. A respeito do saber teórico, o fazer Ciência, o saber científico, Morin (2013) discorre, dizendo que há três séculos, o conhecimento científico não faz mais do que provar suas virtudes de verificação e de descoberta em relação a todos os outros modos de conhecimento. Relata também que a Ciência é, portanto, elucidativa, enriquecedora, conquistadora, triunfante (MORIN, 2013). A Ciência é para o autor, **um conhecimento vivo**, que “[...] progride porque tem regras de jogo, que dizem respeito a verificação empírica e lógica” (MORIN, 2013, p. 149). Produzir Ciência então, envolve responsabilidade e ética. Dessa forma, o fazer turístico também implica uma nova maneira de olhar, de perceber, de agir.

Nesse diálogo, Morin (2013) também expõe que na construção intelectual, o ser humano constitui-se sempre a partir do outro, constrói e se reinventa nunca sozinho, mas, em grupo, em sociedade. Sendo preciso conhecer-se e reconhecer-se, a fim de conseguir entender o outro. Aqui cabe uma explanação do autor que faz pensar nas ações humanas.

Quanto à vida, também há a possibilidade de três olhares: à primeira vista, era a fixidez das espécies, reproduzindo-se impecavelmente, de forma repetitiva, ao longo dos séculos, dos milênios, em ordem imutável. E depois, ao segundo olhar, parece-nos que há evolução e revoluções. Como? Por irrupção do acaso, mutação ocasional, acidentes, perturbações geoclimáticas e ecológicas. Posteriormente, vemos que há desperdícios enormes, destruições, hecatombes não só na evolução biológica (a maior parte das espécies desapareceu), mas também nas interações dentro dos ecossistemas, e eis-nos confrontados com a necessidade de um terceiro olhar, isto é, de pensar conjuntamente a ordem e a desordem, para conceber a organização e a evolução vivas (MORIN, 2013, p. 195-196).

O autor evidencia que, na história humana, houve o olhar da desordem em que aconteceram inúmeras guerras, conspirações, batalhas e mortes, dentre outros fatores. Ao falar das revoluções, Morin destaca que, mais precisamente a partir do final do século XX, houve um esforço para reduzir a aleatoriedade e a desordem quando foram estabelecidos determinismos econômicos, demográficos, sociológicos. Eis que se faz urgente pensar conjuntamente como pontua Morin, é preciso ir além, buscar o todo para que possamos *sobreviver*. E nesse mergulho de refletir as ações humanas, achei pertinente trazer, novamente as palavras de Morin.

Nosso universo, na minha opinião, não é produzido por um mundo anterior platônico das ideias que se encarnariam no nosso mundo de fenômenos. Também não é o produto de um universo pitagórico dos números. Em vez disso, eu diria que nosso universo é tão rico que produziu um Platão e seu mundo anterior ideal, um Pitágoras e seus números. E o mundo produz ideias, cálculos, antiideias e anticálculos, sem cessar. Sim, há ordem nesse universo, mas essa ordem se cria, se desenvolve, se corrompe, se destrói. Existe muita poeira cósmica (ela é em maior quantidade do que a matéria organizada) e há muita poeira doméstica quando paramos de varrer, de espanar, de limpar, isto é, quando deixamos as coisas de lado... No nosso universo, as estrelas cospem fogo, ardem e finalmente explodem. Há um incessante barulho de fundo, barulhos diversos no silêncio infinito do espaço (MORIN, 2013, p. 229).

Com o autor, nas suas afirmações teóricas, também aprendi que, diante dos problemas complexos que se mostram em nossa sociedade, na contemporaneidade, necessitamos, para obter resultados satisfatórios, de estudos de caráter inter-poli-transdisciplinar. "Afinal, de que serviriam todos os saberes parciais senão para formar uma configuração que responda a nossas expectativas, nossos desejos, nossas interrogações cognitivas?", questiona Morin (2012, p. 116). Morin, considerado um dos maiores pensadores contemporâneos, centenário (cem anos completados em julho de 2021), ensina, provoca e faz refletir.

Na conversação com Boaventura de Sousa Santos, poeta e Doutor em Sociologia do Direito, professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, aprendi sobre sua posição epistemológica contrária ao paradigma positivista (antipositivista), rejeitando o empirismo que se apresenta como uma unidade metodológica entre as diferentes ciências. O autor fundamenta essa posição nos debates que entrelaçam na Matemática e na Física. Também relato que os seus estudos têm foco na sociologia política, na ecologia dos saberes, nos direitos humanos, na epistemologia, na democracia participativa, dentre outros, que ajudam a pensar e propor um mundo melhor.

Nesse sentido, de propor um mundo melhor, aponta Boaventura (2008), no livro 'Um discurso sobre as Ciências', que emerge um novo paradigma, "[...] paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente" (SANTOS, 2008, p. 7), saindo da racionalidade científica para um conhecimento que possibilite entrelaçar o todo. Para justificar sua proposição, apresenta em seus estudos, um conjunto de teses que vão dando arcabouço na pesquisa: a) todo o conhecimento científico-natural é científico-social; b) todo conhecimento é local e total; c) todo conhecimento é



autoconhecimento; d) todo conhecimento científico visa a se constituir em senso comum. Igualmente ele pontua um resgate da história das ciências que vão desde o paradigma dominante que se encontra na modernidade, com o enfrentamento das crises, até adentrar o modo proposto de pensamento.

A superação da dicotomia ciências naturais/ciências sociais tende assim a revalorizar os estudos humanísticos. Mas esta revalorização não ocorrerá sem que as humanidades sejam, elas também, profundamente transformadas. O que há nelas de futuro é o terem resistido à separação sujeito/objeto e o terem preferido a compreensão do mundo à manipulação do mundo (SANTOS, 2008, p. 70-71).

Uma pergunta fundamental é sabermos que tipo de vida queremos ter e expandindo a discussão, nas palavras de Boaventura, devemos também nos questionar: Que tipo de conhecimento queremos produzir?. Isso fará pensar, refletir e agir, para que possamos entender que a conversa do mundo precisa ser ampliada, necessita ser pensada no todo, para que possamos olhar com outros olhos e criar outros traços. Com isso, precisamos ir na contramão da velocidade que é imposta no mundo contemporâneo e pausar, refletir. Enfatiza Boaventura que, “É pois necessário descobrir categorias de inteligibilidade globais, conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade” (SANTOS, 2008, p. 72). É preciso sentir. Senão, tudo será só um conjunto de normas, leis, regras, que serão impostas e me parece que essa não é a condição que buscamos para a *sobrevivência*. Nesse sentido, Boaventura pontua que a incerteza que foi apregoadada pela Ciência Moderna como uma limitação técnica, na proposição emergente, transforma-se no entendimento do mundo, que mais do que ser controlado, tem de ser contemplado. Precisamos, dessa forma, sair de uma concepção mecanicista e nos utilizar de estratégias diferentes, para agir no turismo e notar as novas construções de conhecimentos que propõem a *sobrevivência* plena.

Na conversação com Fritjof Capra, físico teórico e escritor que se dedica extensamente sobre as aplicações filosóficas da nova ciência e também, promove em seus estudos, o desenvolvimento da educação ecológica, aprendi, com suas teorias que o pensar ecológico, vai além, que necessitamos compreender a importância de se sentir parte do todo para entender o todo. É importante que exista uma transição entre a visão mecanicista da vida para uma visão sistêmica, que apresenta o mundo como uma rede de conexões.

Cabe elucidar que, nos séculos XVI e XVII, conforme evidenciado por Capra (2012), a visão de mundo mudou bruscamente, do que até então se apresentava na era medieval, baseada na filosofia aristotélica e na teologia cristã. Só que, nesse período, a noção do mundo como uma máquina entrou fortemente como sinônimo de progresso, deixando de lado a noção de um universo orgânico, vivo e espiritual. “Essa mudança radical foi realizada pelas novas descobertas em física, astronomia e matemática, conhecidas como Revolução Científica e associadas aos nomes de Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton” (CAPRA, 2012, p. 34). Continua o autor que, ainda no final do século XVIII e início do século XIX, houve, uma objeção ao paradigma que era cartesiano mecanicista, e isso ocorreu com o movimento romântico expressado na arte, na literatura e na filosofia.

A visão romântica da natureza como "um grande todo harmonioso", na expressão de Goethe, levou alguns cientistas daquele período a estender sua busca de totalidade a todo o planeta, e a ver a Terra como um todo integrado, um ser vivo. Essa visão da Terra<sup>9</sup> como estando viva tinha, naturalmente, uma longa tradição. Imagens míticas da Terra Mãe estão entre as mais antigas da história religiosa humana. Gaia, a Deusa Terra, era cultuada como a divindade suprema na Grécia antiga, pré-helênica. Em épocas ainda mais remotas, desde o neolítico e passando pela Idade de Bronze, as sociedades da "velha Europa" adoravam numerosas divindades femininas como encarnações da Mãe Terra. A ideia da Terra como um ser vivo, espiritual, continuou a florescer ao longo de toda a Idade Média e a Renascença, até que toda a perspectiva medieval foi substituída pela imagem cartesiana do mundo como uma máquina. Portanto, quando os cientistas do século XVIII começaram a visualizar a Terra como um ser vivo, eles reviveram uma antiga tradição, que esteve adormecida por um período relativamente breve (CAPRA, 2012, p. 38).

Na continuidade, na segunda metade do século XIX, houve o retorno ao mecanicismo, resultado do aperfeiçoamento do microscópio, trazendo inúmeros avanços na Biologia. Capra (2012) evidencia que o século XIX foi conhecido pelo estabelecimento do pensamento evolucionista. Esse pensamento, segundo o autor, possibilitou ver que ocorreu na formulação da teoria das células, a ascensão da microbiologia, dentre outras descobertas. Relata o autor que essas novas descobertas fortaleceram a Biologia trazendo, nos cientistas, um novo fôlego para procurar explicações físico-químicas da vida.

---

<sup>9</sup> James Lovelock (1991, p. 7) evidencia que “A ideia de que a Terra está viva provavelmente é tão velha quanto a humanidade. A primeira expressão pública desta ideia como fato científico é de um cientista escocês, James Hutton. Em 1785, numa reunião da Royal Society de Edimburgo. Hutton afirmou que a Terra era um superorganismo e que o estudo mais adequado para ela seria a fisiologia”.

Ampliando os olhares, Capra (2012) pontua que é, então, a natureza para os indígenas, o organismo vivo visto como um todo e não em partes. O autor, em conformidade com esse pensamento, evidencia que surgem também os conceitos de ecologia rasa e ecologia profunda, propostos pelo norueguês Arne Naess. Segundo Capra, a ecologia rasa é antropocêntrica, ou centralizada no ser humano, situando os seres humanos acima ou fora da natureza e que ela se refere ao uso da natureza. Já a ecologia profunda, conforme o autor, não separa seres humanos – ou qualquer outra coisa – do meio ambiente natural. Diz o autor que há uma rede de “[...] fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida” (CAPRA, 2012, p. 26). O autor ainda expõe que a percepção ecológica profunda faz o reconhecimento de que há uma correlação entre todos os fenômenos. Dessa forma, é possível afirmar que estamos inseridos nos processos cíclicos da natureza, também, possivelmente dependentes desses processos. Ainda afirma Capra (2012, p. 41) que “O pensamento sistêmico é ‘contextual’, o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo”.

Necessitamos pensar em ecologia profunda para a *sobrevivência*, pois como nos aponta Capra (2012), a ecologia rasa é centrada no ser humano, que se vê acima ou fora da natureza e como fonte de todos os valores. O que se presume, não é o mais adequado, acredito que nem sequer, adequado. Já a ecologia profunda, seria um conhecimento sofisticado, o entendimento de tudo que cerca o ser vivo. Dessa forma é possível perceber que fazemos parte de uma teia e que como seres humanos, somos apenas um dos fios na teia da vida.

Ao longo dos últimos 30 anos, Capra desenvolveu um entendimento da vida a partir de quatro dimensões complementares: biológica, cognitiva, social e ecológica e suas ideias apontam para uma revolução iminente em todas as ciências. E num futuro bem próximo, quiçá, a partir de hoje, precisamos incorporar valores éticos e valores de uma ética ecológica. Valores que reconhecem que somos parte da comunidade terrestre e dependemos dela. Mudar, de pensamento, de atitude, de ações, é mudar por completo, porque tudo está interligado a tudo.

Capra provocou em mim uma reflexão profunda, em meus estudos teóricos, com assuntos que instigam a pensar sobre a sobrevivência do planeta e que

necessitamos ter uma visão sistêmica para que possamos enfrentar os problemas globais. Um bom exemplo disso é o coronavírus que assola o mundo e que Capra, em 2020, numa conferência *on-line* na plataforma digital do canal Fronteiras do Pensamento, evidencia que esse vírus deveria ser encarado como uma resposta biológica de Gaia, fazendo repensar o que a humanidade causou para si mesma. Esse repensar deveria dar conta de entender que o desequilíbrio ecológico tem consequências que são drásticas e são em razão de desequilíbrios econômicos e sociais.

O planeta precisa respirar, libertar-se do sufocamento que está acometido pelo excesso de consumismo, pela falta de cuidado com a natureza, pela falta de relações éticas e relacionais entre as pessoas. Dessa forma, a falta e o excesso se traduzem como precursores de um cotidiano no caos, fragmentado, enfraquecido. Nessas condições, o dia a dia de sujeitos em organizações e no turismo não suportará tamanha falta de amor [pelo outro/pela Terra] e excesso de desprezo [pela Terra, pelo outro].

É preciso desfazer com urgência o conflito criado pelo ser humano. É questão de sobrevivência da espécie, porque a Terra se regenera, mas o ser humano, frágil, pode ser que não. Sair do materialismo, sair do crescimento contínuo através da promoção do consumo excessivo e de uma economia baseada em descartes, com alta demanda de energia e recursos, deve ser uma prioridade. Assim como, a vacinação deve ser uma prioridade para a vida das pessoas. Nas palavras de Capra, ainda na conferência, em 2020, o destaque fica por conta de que devemos nos desafiar e migrar de um sistema econômico sedimentado para outro que seja, ao mesmo tempo, ecologicamente sustentável e socialmente justo.

Devemos também, sair da miopia que tem causado perdas sociais e ambientais, poluições e destruições (do ar, da água, da terra), repensar e rever o que o colapso tem feito com todos e modificar os modos de viver e interagir. Assim, parece que o entendimento de que, **se unidos nos tornamos mais fortes**, podemos ir mais longe e viver melhor. Já que nessa falta de consciência, o final do trajeto de vida é capaz de chegar para todos, afetando primeira e cruelmente, a vida humana.

Essas inúmeras reflexões que ecoaram em mim na conversa com Capra, nesse diálogo longo e prazeroso, possibilitaram potencializar, ainda mais, a vontade e a força de continuar disseminando a semente da visão ecossistêmica complexa holística. Esse pensar entrelaça uma fala do filme 'O ponto de Mutação', inspirado no

livro de Fritjof Capra (produzido em 1991), que diz: “Toda manhã cruzo a ilha a pé, com qualquer tempo, tentando entender a linguagem dela”. É necessário, nesse pensar, se envolver, sentir e aprofundar o conhecimento para descobrir e redescobrir o que está em volta.

Na conversação com Maria Luiza Cardinale Baptista, jornalista, cientista holística, Doutora em Ciências da Comunicação e Pós-Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia, coordenadora do Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese – Amorcomtur!, que realiza investigações orientadas pela epistemologia ecossistêmico-complexa transdisciplinar, especialmente nas áreas do Turismo, da Comunicação e dos Estudos da Subjetividade, aprendi e aprendo sobre o entendimento de que uma visão ecossistêmica e holística, por mais complexa que seja, oferece, em seus fios, um entrelaçamento de saberes que são capazes de potencializar os sujeitos para uma nova direção. Igualmente com ela a aprendizagem também se dá no pensar de uma comunicação que provoque o sentir, que faça sentido, de relações que preconizem a amorosidade e que permitam a reinvenção constante pela (auto)transpoiese dos sujeitos e dos lugares.

No diálogo com Baptista, foi possível refletir como construtor de Ciência, como pesquisador, que, ao aprofundar os saberes, é necessário um “[...] resgate de autoria, do reconhecimento de que o pesquisador, o cientista, é sujeito do seu tempo e de sua história e de seu contexto” (BAPTISTA, 2014b, p. 345). Com isso, o pesquisador de certa forma cartografa, mapeia os universos turísticos em transformação. Destarte, não somente o pesquisador, o cientista, igualmente, o morador, o visitante, o empresário, o governante, são capazes de alterar e reinventar o turismo. É preciso observar, contudo, um “[...] mundo de mudanças exacerbadas, o que evidencia o caos e ao mesmo tempo, mudanças marcadas por aglutinações, novas conjunções, por reconfigurações constantes dos cenários, no mundo no cosmo” (BAPTISTA, 2014a, p. 346). Dessa forma, ensina a autora que é preciso observar as mudanças e encarar a realidade como se fosse uma teia, uma rede de relações, que de forma conectada podem abarcar um horizonte mais amplo. Ela também destaca que,

O que se percebe é que o sujeito que narra, em grande parte das situações, não lê o lugar, não vê o lugar, nem o sujeito dali, nem o sujeito turista, muito menos a trama constituidora do ecossistema. Desse modo, não se afeta intensamente pela confluência de traços e energias, que constituem o diferencial desse destino turístico e, assim, fica na superfície, produz narrativas rasas (BAPTISTA, 2019, p. 54).

Nesse sentido, ao observar é preciso sair do raso, ir mais pro fundo, ir a fundo no conhecimento, seja dos sujeitos, seja dos lugares, e agir diferente, pois somente dessa maneira poderemos alterar e construir mais pontes, ampliando o conhecimento, ampliando o turismo, num respeito ao ecossistema do lugar.

Quando Baptista fala de ecossistema todo ela pontua que “[...] implica reconhecer o conjunto dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente, contínuo dinamismo, o fato de que o ecossistema não é determinado por seu tamanho, mas por sua estrutura e seus padrões de organização” (BAPTISTA, 2020a, p. 48). Nos seus textos, há um entrelaçamento de ideias que vão se acoplando e trazendo entendimentos mais amplos sobre o pensar da trama ecossistêmica. A autora também evidencia que é preciso compreender que o sentido se faz no percurso, lugar de produção, dos sabores e dissabores, e que vão compondo as marcas dos ecossistemas percorridos e dos que ainda iremos percorrer, possibilitando outros olhares, sempre com respeito e ética na relação.

Ensina, no Amorcomtur!, nas palestras que profere, nas aulas que dá, nos encontros com outros estudantes de graduação e pós-graduação, que devemos refletir sempre sobre nossas ações para o mundo. Essas falas, também em forma de texto, ficam evidentes em sua teoria, quando propõe o avesso, o outro lado do trançado, que é ver um turismo não cartesiano e não mecânico. Esse pensar evidencia que o turismo não pode ser de fachada, não pode ser engessado e nem pensado somente como produto estético e pré-fabricado para o consumo. Também não pode ser pensado em ações humanas que são desumanas, que provocam massificação turística acarretando inúmeros malefícios ao lugar, numa visão que só percebe o consumo, a dominação, etc. O turismo, para a autora, deve ser pensado em seus pormenores, em suas nuances, em que há um compartilhamento, dessa forma é que o avesso prevalece, quando beneficia a vida, do sujeito e do lugar.

Destarte, mesmo com tantos pesquisadores e pensadores se debruçando a respeito da evolução sistêmica, ainda hoje, em pleno século XXI, vivemos enfrentando uma visão mecanicista e desenvolvimentista em vários segmentos do cotidiano, igualmente das organizações e do Turismo, enredado por pessoas que ainda não se permitiram perceber que somos um todo, pessoas, ambiente, animais, plantas, planeta. São fatos e acontecimentos que preocupam:

- crises psicológicas, mercadológicas, de relações, que impactam na individualização dos sujeitos;
- consumismo (que gera excesso de produção, que gera excesso de efeitos negativos ao meio ambiente);
- controle sobre o capital (com os detentores do poder, que muitas vezes, só se interessam com os próprios benefícios);
- controle sobre a natureza (com os desmatamentos);
- controle sobre a vida humana (com o descaso, pelo comando federal, negligenciando o apressar da vacinação da COVID-19);
- desigualdades sociais, fome, desemprego.

Dentre muitos outros fatores alarmantes, que necessitam, com urgência, serem revisitados, repensados, refeitos, para que haja um futuro: na vida, no trabalho, no Turismo. Esse visitar, repensar, refazer, são intenções do avesso, que busca potencializar e conectar o ecossistema todo, transversalizando os sujeitos em suas relações, cotidianas, organizacionais, turísticas.

Dessa forma, se no pensar holístico, ecossistêmico, ecológico, tudo está ligado a tudo, não há como separar em partes o todo e se tornará mais fácil propor um novo ecossistema turístico.

### **2.2.2 Esquizoanálise**

Na linha teórica da Esquizoanálise, o meu encontro foi com os aurores: Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995; 2010), Félix Guattari (2012), Félix Guattari e Suely Rolnik (2011), Suely Rolnik (2003; 2011), em alguns casos Maria Luiza Cardinale Baptista (2014b; 2014c; 2019; 2020a; 2020b; 2020c; 2020e). Gilles Deleuze, nascido em Paris, França, em 1925, foi um filósofo que trouxe em seus estudos temas como sociedade, política e subjetividade e que ainda são palcos de muitos debates contemporâneos. Félix Guattari, nascido na França, em 1930, foi um filósofo, psicanalista, semiólogo, roteirista e ativista revolucionário francês. Guattari foi um dos fundadores da Esquizoanálise. Ele tem uma abordagem que contribui muito pela questão da caomose, o conceito de caomose que eu trabalhei na formulação da questão de pesquisa. Suely Rolnik, nascida em 1948, no Brasil, é uma psicanalista, professora universitária, escritora, crítica de arte e da cultura. Maria Luiza Cardinale Baptista, autora já citada em outro momento, sendo apresentadas suas linhas de

estudo e que muito contribuem e transversalizam as discussões dos outros três autores acima. Esse encontro foi importante para mim, porque me ajudou a ampliar as discussões sobre a subjetividade humana, em que os autores pensam o inconsciente como uma usina, aberta à fabricação, e demonstram que o desejo está atrelado à produção social. Igualmente foi importante porque essa perspectiva auxiliou a interação com os sujeitos pesquisados e com o ecossistema investigado, considerando também sua dimensão trama-complexa constituinte e ampliando a coleta para aspectos complexos e sutis. Também evidencio que, no decorrer desse percurso da Esquizoanálise trarei, alguns outros autores que dialogam, que entram na conversa, para além dos anteriormente citados, porque há uma convergência de pensamento e de estudos.

A Esquizoanálise é uma orientação epistemológico-teórica que nos convida a refletir até mesmo as bases conceituais sobre epistemologia e teoria. Isto quer dizer que a Esquizoanálise não é apenas a proposição filosófica do pensamento, de um conjunto de explicações ou questionamentos sobre os motivos de produzir ciência, mas também, uma práxis intervencionista e de produção de saberes em conexão. O termo Esquizoanálise foi proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, depois do lançamento de livro basilar, intitulado 'O Anti-Édipo', em 1972. Os autores são conhecidos pela proposição de orientações para a compreensão da subjetividade em produção, nas suas múltiplas conexões.

Destaca-se, especialmente, para a compreensão da noção de trama subjetiva esquizoanalítica, a noção de rizoma. Rizoma na definição de Deleuze e Guattari (1995) é uma linha de intensidade que pode percorrer vários caminhos, sem aprisionamento. O rizoma então não se fecha em si, está sempre aberto a experimentações. A definição dos autores se alinha com a proposta desta tese, ao refletir o processo de construção das representações e propor a ética da relação e, ainda, na busca de amorosidade nas relações cotidianas entre moradores.

Dito isso, Deleuze e Guattari (2010) expõem o objetivo da esquizoanálise:

O objetivo da esquizoanálise é, pois, o seguinte: analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político, e assim mostrar como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão no sujeito que deseja (daí o papel da pulsão de morte na junção do desejo e do social). Tudo isto se passa não na ideologia, mas muito mais abaixo. Um investimento inconsciente de tipo fascista, ou reacionário, pode coexistir com um investimento consciente revolucionário. Inversamente, pode acontecer (raramente) que um investimento revolucionário, no nível do desejo, coexista



com um investimento reacionário conforme a um interesse consciente. De qualquer maneira, mesmo quando coincidem e se sobrepõem, os investimentos conscientes e os inconscientes não são do mesmo tipo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 143-144).

A orientação esquizoanalítica ajudou a construir a proposição da tese também em conjunto com Baptista (2000), que explicita o conceito de sujeito-trama, em que tudo está entrelaçado. Igualmente aos estudos de Rolnik (2011) que evidencia pensar o corpo em corpo vibrátil (somente chamada assim, oficialmente, pela autora, no livro 'Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo', em 1989. São ideias que se entrelaçam ao trabalho elaborado em parceria com Félix Guattari, livro sob o título de 'Micropolíticas: Cartografias do Desejo', tendo sua primeira publicação no ano de 1986).

Nessa linha de considerações, conceber o corpo como elemento que interage: vive, conhece, toca, comunica, vivencia, relaciona-se, percebe e transforma. Bem como é transformado por meio dessa interação, é considerar sua potência dotada de multiplicidade irreduzível, território de experiências e lugar de proposições. Montagu (1988) com relação ao tato, ao toque, diz que na evolução dos sentidos, ele foi o primeiro a surgir. "O tato é a origem de nossos olhos, ouvidos, nariz e boca. Foi o tato que, como sentido, veio a diferenciar-se dos demais, fato este que parece estar constatado no antigo adágio 'matriz de todos os sentidos'" (MONTAGU, 1988, p. 21). Baptista (2004) ao referir-se ao termo interação expõe que se trata de uma noção pensada como encontro de corpos. Complementa a autora que, "Há sujeitos que se encontram, como espécie de 'corpos-existência' e, nesses encontros, transformam-se, misturando-se na informação partilhada. Produção múltipla, produção conjunta, 'inter-ação', 'trans-form-a-ção'" (BAPTISTA, 2004, p. 4).

Por conseguinte, o corpo não se dá como receptáculo passivo das sensações, mas como ele próprio ator da experiência, sendo, portanto, capaz de afetar e ser afetado (MERLEAU-PONTY, 2011). Assim, se necessário, é possível alterar os modos de viver e interagir. Descobrir e redescobrir em si a potência de um corpo que vibra.

O corpo vibrátil, para Rolnik (2011, p. 31), é tomado por uma mistura de afetos que tem em si intensidades. Pontua a autora que as intensidades em si mesmas não possuem forma nem substância, "[...] a não ser através de sua afetuação em certas *matérias* cujo resultado é uma máscara, ou seja, intensidades em si mesmas não existem: estão sempre efetuadas em máscaras – compostas, em composição ou em

decomposição” (ROLNIK, 2011, p. 35) [grifos da autora]. Continua a autora, que as máscaras funcionam como um condutor de afeto, assim ganha contorno real, é viva e à medida que deixa de ser esse condutor, deixa de fazer sentido. Ainda para Rolnik, a vibratibilidade do corpo, assim como sua capacidade de percepção, evidencia uma relação paradoxal. O paradoxo do sensível evidenciado pela autora é o motor que impulsiona a construção da realidade de si e do mundo. E é essa tensão que potencializa a criação, “[...] na medida em que nos coloca em crise e nos impõe a necessidade de criarmos formas de expressão para as sensações intransmissíveis por meio das representações de que dispomos” (ROLNIK, 2011, p. 13). Nesse sentido, conduz Rolnik (2011, p. 13) ao pensamento de que devemos ser forçados a todo instante, a “[...] pensar/agir de modo a transformar a paisagem subjetiva e objetiva”. Por este ângulo, é possível conhecer o mundo como forma e como força. Como forma, evidencia trazer a percepção que se traduz pela sensibilidade em sua experiência e observação (empírico). Como força, experiência de subjetividade, convida a sensação, “[...] operada pela sensibilidade em seu exercício intensivo e engendrada no encontro entre o corpo, como campo de forças, decorrentes das ondas nervosas que o percorrem, e as forças do mundo que o afetam” (ROLNIK, 2003, p. 2).

Importante trazer à cena que a percepção e a sensação se referem, para Rolnik (2003), como potências que são distintas do corpo sensível. Pontua a autora que, “[...] se a percepção do outro traz sua existência formal à subjetividade, existência que se traduz em representações visuais, auditivas, etc., já a sensação traz para a subjetividade a presença viva do outro, presença passível de expressão, mas não de representação” (ROLNIK, 2003, p. 2).

Dani Lima (2020, p. 351-352) evidencia ao dizer que “Este modo de conhecer abre espaço para um mundo em contínua transformação e para a criação de novas cartografias corporais, subjetivas e sociais”. E a autora ainda complementa que “Todo estímulo que chega a nós é experienciado sensorialmente pelos órgãos dos sentidos e conduzido ao sistema nervoso, processado e elaborado em padrões de percepção e de interpretação, os quais lhe conferem sentidos” (LIMA, 2020, p. 354). E mesmo que sejam inconscientes demonstram nossas respostas habituais ao mundo. Então, para que seja possível experimentar algo totalmente novo, se faz necessário, se libertar da relação semiotizante que se tem com o mundo.

Com igual intensidade, Guattari e Rolnik (2011, p. 31), a respeito da subjetividade, complementam:

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microsociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quando de natureza infra-humana, intrapsíquica, intrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e de produção idéica, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.).

A essa potência de corpo que percebe, Merleau-Ponty (2011) pontua que a experiência da percepção é o ponto de partida no mundo, e esse corpo por meio de seus sentidos – tocar, sentir, falar, cheirar, ouvir – e mais ainda, ao explorar e ter desejo, oferece a possibilidade de estar entre e interagir, com pessoas e objetos. Igualmente Rolnik (2011) ao perceber um corpo que vibra, que é tocado pelo invisível, evidencia o desejo. Esse corpo se apresenta em três movimentos, visto aqui como “[...] movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos” (ROLNIK, 2011, p. 36). E que esse movimento do desejo só funciona em agenciamento, dos agenciamentos que os corpos fazem, de suas afetuações como corpos que vibram. O afetar é o efeito exercido através da ação de um corpo sobre o outro, quando provoca o encontro. Para isso, cada um de nós deverá buscar no interior de si, o fator de a(fe)tivação que irá estimular o corpo vibrátil e este, no caos, indicará as direções que serão tomadas, os agenciamentos que serão feitos (ROLNIK, 2011). Caos aqui pensado “[...] como campo de possibilidades de criação e não como desordem” (BAPTISTA, 2020c, p. 367).

O primeiro movimento evidenciado por Rolnik (2011) é a linha do invisível e inconsciente. Essa linha “[...] faz um traçado contínuo e ilimitado, que emerge da atração e repulsa dos corpos, em seu poder de afetar e serem afetados” (ROLNIK, 2011, p. 49). É um fluxo que nasce entre os corpos, alterando sua fluidez, alterando atrações e repulsas, modificando a forma de expressão. Pontua a autora que enquanto estamos vivos não paramos de fazer contato com outros corpos (que não necessariamente humanos).

O segundo movimento é uma linha maleável, a linha da simulação, que, conforme a autora, faz um vaivém, um duplo traçado inconsciente e ilimitado. Nas palavras de Rolnik (2011, p. 51), a linha “[...] vai traçando processos de segmentação flexível: lascas que se desprendem das máscaras vigentes, causando nelas pequenas fissuras, microrrachaduras pessoais ou coletivas” (ROLNIK, 2011, p. 51). Essas lascas, segundo a autora, vão gerando novas máscaras, novos mundos; mutações secretas. E vão criando um plano instável no seu traçado. Chama a atenção a autora que esse percurso é um movimento de territorialização. E quando se refere ao lado inverso, o outro traçado, que ele vem do que é “[...] visível, inconsciente, dos afetos escapando. É o percurso do movimento de desterritorialização” (ROLNIK, 2011, p. 50).

O terceiro movimento é chamado de linha finita, visível e consciente da organização dos territórios (macropolíticas – que são para Rolnik, as políticas do plano concluído pela terceira linha, plano dos territórios: mapa). Esmiúça Rolnik que essa linha é finita porque finita é a duração dos territórios e a funcionalidade de suas cartografias. Dessa forma, a autora evidencia que sempre escaparão afetos aos territórios apresentados por uma linha enrijecida em seu traçado. “Essa linha evolui por grandes cortes perfeitamente designáveis. Por isso, nela as rupturas são negociáveis” (ROLNIK, 2011, p. 51-52). E ainda a autora diz que toda e qualquer formação do desejo no campo social se dá através do exercício ativo dessas três linhas, que estão sempre interligadas. Com relação ao desejo, para Rolnik (2011, p. 58), **“[...] não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização por um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade”** [grifos da autora].

Assim, somos sempre atravessados por inúmeros fatores (micropolíticas – que são para Rolnik, as políticas do plano gerado na primeira linha: cartografia) que alteram o todo, e são possíveis de nos fazer pensar diferente, sentir diferente, perceber e agir de outro modo. Conforme ensina Rolnik, trata-se de, “[...] mundos que se criam e se desmancham, nessa incessante atividade do desejo, englobam sua existência em todas as dimensões: pré-individual, individual, grupal e/ou de massa” (ROLNIK, 2011, p. 57).

Dito isso, pode-se notar que o corpo com o passar dos séculos teve diversas concepções, modificando as formas de ser e de sentir, provocando até estranhamento e individualização. Necessitando se rever, se organizar, se redescobrir, para buscar

em seu interior a potência e exteriorizar novas brotações que permitam o corpo vibrar. No pensar de Rolnik (2020), um corpo necessita ultrapassar os limites do conhecido para poder explorar novos mundos. Faz-se necessário deixar morrer esse corpo em andamento para que um novo corpo possa nascer e agenciar novas a(fe)tivações e intensidades.

O encontro com a Esquizoanálise fez perceber que um sujeito esquizo é um sujeito em produção que tem redes visíveis e invisíveis que vão se conectando, pois, nessa visão aberta, com engendramentos, permite múltiplas possibilidades. Permite também que se acione o amor, a amorosidade, nas relações.

### **2.2.3 Ecosistema Turístico**

Na linha teórica do Ecosistema Turístico, as leituras foram em torno de: Mario Carlos Beni e Marutschka Moesch (2016; 2017), também são decorrentes do projeto de Baptista (2018), intitulado Ecosistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica, e ainda, os estudos de Dirce Maria Antunes Suertegaray (2015). Mario Carlos Beni é engenheiro civil, advogado e Doutor em Ciências da Comunicação, tem seu olhar nos estudos sobre a construção de um Sistema Turístico, evidenciando os conjuntos de sistemas e subsistemas que interagem entre si e formam a atividade turística. Marutschka Moesch é Doutora em Comunicação Social, pesquisadora nos temas de epistemologia, metodologias de pesquisa, Educação e qualificação em Turismo, políticas públicas e planejamento em Turismo. Maria Luiza Cardinale Baptista, autora já citada em outro momento, sendo apresentadas suas linhas de estudo apresenta considerações importantes nessa linha teórica. Dirce Maria Antunes Suertegaray é professora, graduada em Geografia, Doutora em Geografia (Geografia Física), atua no campo da Geografia, especialmente com estudos na natureza. Estão em suas temáticas de pesquisa, assuntos como desertificação/arenização, ambiente e cidade, ensino de Geografia e Epistemologia da Geografia.

Na leitura, esses autores demonstraram que há inúmeras fragilidades no que tange as teorias empíricas e com atitude positivista, ocorrendo claramente uma subordinação no que se refere ao imaginário. Fazem os autores, uma reflexão

epistemológica, que visa rever a pertinência dos conceitos, das teorias e dos métodos. Dizem ainda que,

Esse processo de produzir ciência tem por princípio a universalidade, que deve conter cada conceito, pois sua validade não pode ser generalista e nem ocasional, mas sim produto do movimento da história, em que: [...] Em primeiro lugar, o ser em seu conjunto é visto como um processo histórico; em segundo, as categorias não são tidas como enunciados sobre algo que é ou que se torna, mas sim como formas moventes e movidas da própria matéria [...] (BENI; MOESCH, 2017, p. 431).

Produzir Turismo é produzir Ciência. Assim, necessitamos estar desarmados para pensar Ciência, tendo autoconhecimento e buscando conhecimento científico. Há, nesse ínterim, a busca pela transdisciplinaridade em que possibilita um olhar amplo e aberto para reconstruir de maneira orgânica e complexa a relação com o sujeito e também com o lugar.

Beni e Moesch (2016, p. 19), em relação ao sistema turístico, pontuam que “[...] o sistema turístico, assim entendido, é um sistema aberto, contrapondo-se a concepção histórica sobre sistemas fechados, utilizados pelos físicos e biólogos”. Essas afirmações fazem refletir a necessidade de outro turismo, um turismo ecossistêmico e amoroso, que se preocupe com o ambiente e com as relações estabelecidas pelos sujeitos, num amplo contexto.

Os autores então, explicitam sua visão de Turismo:

Entender o turismo como um campo de práticas histórico-sociais, que pressupõem o deslocamento do(s) sujeito(s), em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, mas possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades, e explicitador de uma estética diante da busca do prazer, é posicionar-se a partir de sua complexidade numa atitude interdisciplinar (BENI; MOESCH, 2017, p. 445).

O Turismo precisa ser visto de outra forma, porque o Turismo é processo humano de desterritorialização, “[...] ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. Como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como bens culturais” (BENI; MOESCH, 2017, p. 453).

Beni e Moesch (2016; 2017), por perceberem que, no Turismo, as trocas energéticas, materiais e informacionais ocorrem entre o sistema e o ambiente,

acrescentam que se faz necessária urgência, para a *sobrevivência*, que sejam descobertas as relações ecossociais dos sistemas complexos.

Baptista (2018, p. 8) por sua vez, expõe que existem complexas tramas-teias que acionam e direcionam desterritorializações, fazendo com que o ecossistema turístico se reinvente constantemente, possibilitando conexões nas tramas ecossistêmicas midiáticas e subjetivas, “[...] que é agenciada pelo capital, mas, que também vem se reinventando e buscando modos de se autopoietizar”. Entender dessa forma, com um acionamento de (auto)transpoiese, facilita a compreensão na comunicação, sendo capaz de diminuir ou eliminar a incomunicabilidade sentida por relações mecânicas e superficiais, a qual, muitas vezes, estamos impregnados no cotidiano, nas organizações e no turismo.

Tranversalizando o que foi evidenciado por Baptista acima, na conversação com Suertegaray (2015), ao tratar da ecologia, quando ressalta que, no conceito de ambiente (inicialmente Biologia e posteriormente Ecologia) deriva o conceito de ecossistema, que traz na sua origem a relação dos organismos com o meio. Suertegaray no que se refere ao termo meio, evidencia que ele vai lembrar a relação individual ou até mesmo coletiva juntamente com a cidade. Pontua a autora que essa era a base da Ecologia, período em que era chamada de ecologia natural.

Ao longo da sua história, a Ecologia “[...] incorpora a dimensão humana, e vai falar em ‘ecologia humana’, mas, ainda assim, é uma ecologia que pensa o humano como espécie natural: é o humano ou homem enquanto espécie, o predador da natureza” (SUERTEGARAY, 2015, p. 130). A autora ainda faz refletir, em relação ao ambiente, que é a relação existente entre os seres e a cidade que entrelaça a dimensão ampla do viver, embora essa relação não esteja sendo vista dessa forma. Pontua a autora que a natureza está sendo morta aos poucos e tem sido vista pelo capitalismo, como uma produção de mercadoria com valor mercadológico. Igualmente Suertegaray faz refletir que, “Hoje, em nossa sociedade não se mata só a natureza, ‘todo mundo mata todo mundo’, é grave, mas do ponto de vista da cultura indígena não se mata (nem se degrada) a mãe natureza” (SUERTEGARAY, 2015, p. 135). E a autora ainda complementa que, quando há conflitos ecológicos distributivos, estes, não acontecem fora do espaço em que estão, eles acontecem interligados em seus territórios, porque como bem diz Suertegaray (2015), não tem como separá-los.

Para pensar o todo e não somente as partes fragmentadas, que vem perdendo força a cada catástrofe que acontece no mundo, é preciso pensar a natureza como

um sistema vivo que integra tudo e não fragmenta nada. Um bom exemplo, nesse sentido, é a representação que os conhecimentos ancestrais sobre a natureza trazem, aqui evidenciado com indígenas, que além de ser um conhecimento diferente do nosso contexto social, é pela defesa de seus territórios que possuem a significação de vida. Nesse sentido, essas constatações conectam-se com o pensar de Crema (2013, p. 7), quando expõe que “Aprender a conhecer e a fazer de forma integrada, através da experiência viva e com discernimento continua sendo uma arte a ser devidamente aplicada e aperfeiçoada”. Coaduna com as elucidações evidenciadas, a concepção referente a etnoconhecimento, ou comumente conhecidos de conhecimentos tradicionais, que conforme Miranda (2009, p. 3), esses conhecimentos são

[...] aqueles conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal. São conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos.

Na raiz da palavra etnoconhecimento, etno vem do grego *ethnos*, que significa identidade de um povo. E conhecimento, palavra fácil de descobrir, trata-se do ato de perceber ou compreender por meio da razão e/ou da experiência. Dessa forma, etnoconhecimento faz referência ao que os povos de comunidades tradicionais ou locais, que buscam viver em sintonia com o ambiente e seus recursos naturais, têm a ensinar. A esse tipo de conhecimento, frutificados coletivamente e transmitidos pela oralidade entre os sujeitos, a partir de experiências e práticas sociais, pode-se denotar uma grande valoração que se situa no conhecimento popular, e que, em muitas situações, também puderam ser comprovados cientificamente. Miranda (2009, p. 3) ainda afirma que o etnoconhecimento se trata de “[...] uma construção sócio-cultural em que cada grupo étnico e cultural tem um modo próprio de ver, entender e representar o mundo”. Desse modo, são possíveis os entrelaçamentos de conhecimentos num todo, ecossistemicamente falando, interligando pessoas, culturas, natureza, sabedoria, crenças e tradições. Necessitamos, então, abrir o olhar e ter uma escuta atenta, da natureza, das outras pessoas, do ambiente em que nos encontramos, para, de fato, ampliar o conhecer e modificar os rumos. E introduzindo Prigogine (2009), no diálogo, ao evidenciar seus estudos sobre as Estruturas



Dissipativas, o autor diz que se somos sistemas não-lineares em estado afastado de equilíbrio, somos capazes de evoluir, de auto-organização.

Pensar o Turismo numa outra lógica, como evidenciada por Beni e Moesch, por Baptista, na lógica do avesso, e também por Suertegaray, é entender e respeitar as diferenças de cada sujeito (morador ou visitante), incluindo cuidado, confiança, ética da relação.

É também, nesse sentido, buscar entender o ecossistema comunicacional com seus sentires e devires íntimos, entrelaçados pela amorosidade e pelo sensível ao fazer comunicação.

#### **2.2.4 Ecossistema Comunicacional**

Na linha teórica do Ecossistema Comunicacional, estão os autores Gilson Vieira Monteiro e Sandro Adalberto Colferai (2011), Gilson Vieira Monteiro (2017), Sando Adalberto Colferai (2014), e Maria Luiza Cardinale Baptista (2014a; 2014c; 2019; 2020a; 2020b; 2020c; 2020d; 2020e). Gilson Vieira Monteiro, é Doutor em Ciências da Comunicação e atua na pesquisa de ecossistemas e tecnologias da inteligência. Sandro Adalberto Colferai, é Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, e atua na pesquisa de espaços e temporalidades, com interesses voltados para a pesquisa em Comunicação na Região Amazônica. Maria Luiza Cardinale Baptista, com grande importância para a discussão da comunicação, já foi citada em outro momento, sendo apresentadas suas linhas de estudo.

Saliento que, antes de falar desses autores, faço uma abordagem do percurso das teorias da comunicação. Apresento um panorama dessas teorias, que impactaram no desenvolvimento da comunicação e que também a mostraram, dentre outros modos, num viés mercadológico e capitalista. Esse percurso é importante, porque ele é paralelo ao desenvolvimento do capitalismo e da lógica do turismo de fachada. Nesse sentido, tanto a Comunicação Social, como os estudos relativos a esse ecossistema fizeram uma trajetória capitalística, cartesiana e mecanicista, até chegar ao conceito de Ecossistema Comunicacional, que se relaciona a autores (supracitados) que pensam e propõem uma comunicação diferente, uma comunicação que envolve o sentir para tonificar as relações, bem como a ênfase nas conexões e nos processos.

Ao fazer o resgate das Teorias da Comunicação até chegar ao conceito de Ecosistema Comunicacional, tem-se a pretensão de elucidar a importância de cada estudo, e também, de pontuar que numa lógica capitalística e mecanicista, na qual as teorias da comunicação estavam ancoradas, não é mais possível comunicar. Ainda mais depois de uma Pandemia, a COVID-19, que assolou o mundo inteiro. É preciso avançar os olhares, as percepções, e produzir outros caminhos possíveis. Nesse ínterim, me parece evidente que, o caminho que respeita o ecossistema como um todo, em que sujeitos, lugares, plantas, animais, meio ambiente, todos fazem parte de um só, seja um caminho relacional e comunicacional para a *sobrevivência* plena.

A comunicação, desde a pré-história até a contemporaneidade, sempre esteve presente no desenvolvimento da sociedade e da evolução humana, visto que, ainda hoje, há a necessidade humana em se comunicar diariamente e por vários motivos. A comunicação passa pela comunicação não verbal, comunicação verbal, comunicação intrapessoal e comunicação interpessoal. Sucintamente, contextualizarei cada uma delas.

Com relação à comunicação não verbal, Knapp e Hall (1999) pontuam que na primeira metade do século XX, diversos foram os autores que realizaram estudos isolados da voz, da aparência e da face, e que esses estudos se sobressaíram por volta de 1925. Também os mesmos autores pontuam que, em 1941, apresentaram-se outras maneiras que trouxeram inovação para estudar a linguagem do corpo, demonstraram, dessa forma, a modelagem dos gestos, que se fez importante para classificar bases não verbais que influenciam, ainda hoje, nos modos de viver e interagir dos sujeitos. Aqui se sobressai o ser psicológico, sendo sua principal função a demonstração dos sentimentos.

A comunicação verbal, conforme Chiavenato (2011, p. 143): “[...] surge a partir do código linguístico e inclui a comunicação escrita (com seu auge nas organizações burocráticas que seguem os princípios da Teoria da Burocracia, enunciados por Max Weber em 1909) e também a comunicação oral”. É possível dizer que, neste tipo de comunicação, através da linguagem, o ser social se sobressai exteriorizando as ideias.

A comunicação intrapessoal é a que acontece no nosso interior, na nossa mente, antes de exteriorizar em ações, propriamente dito, os pensamentos.

A comunicação interpessoal se refere a um processo contínuo no qual os sujeitos criam em conjunto uma realidade social única: a sua relação. E essas relações

surgem a partir dos padrões de interação que ocorrem entre si. Dessa forma, tem-se o surgimento da comunicação interpessoal nas sociedades orais, isto é, naquelas que não dispunham de nenhum sistema de escrita e a comunicação entre as pessoas era direta. No caso dessas sociedades, “[...] mensagens eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas” (LÉVY, 2000, p. 114). Conforme o autor, a invenção da escrita foi a primeira grande revolução na área da comunicação interpessoal e proporcionou evidenciar pensamentos de diferentes pessoas e épocas, tornando-os conhecidos por outras pessoas ao redor do mundo. Como exemplos podem ser citados pergaminhos, papiros, livros, etc. Lévy aponta ainda que, nesse contexto, foi possível perceber, pela primeira vez, que os discursos foram separados do contexto em que ocorriam, sem o contato direto com a pessoa que criou determinado pensamento. E diz que, mesmo havendo nos sujeitos algumas características cognitivas universais, as formas pelas quais os seres humanos conhecem, sentem ou pensam, são, em suma, determinadas pela época, igualmente cultura e circunstâncias em que vivem. Levy (2000) a isso chama de transcendental histórico e pontua que se trata daquilo que estrutura a experiência dos sujeitos.

Para Martino, França e Hohlfeldt (2015), o termo comunicação, bem como o seu processo, é muito rico de sentidos. Com origem etimológica do latim *communicatio* (comunicação), dá a ideia de atividade, e segundos eles, o termo é empregado pela primeira vez no vocabulário religioso. Conforme os autores, o ponto de partida será tomado a partir da invenção da escrita pelos sumérios<sup>10</sup>, em 3.500 a.C. A Grécia, no século V a.C., a partir dos filósofos chamados pré-socráticos, foi considerada palco da primeira reflexão sobre comunicação humana. Teve-se com isso que o nível de estudos, nessa época, atingiu dimensões exorbitantes, em que os sofistas, manipulavam a mente dos homens. Assim, Platão foi quem desenvolveu os primeiros estudos sobre esse fenômeno, anunciando que o homem, de maneira permanente, estava em contato com dois tipos de realidade: a inteligível, que era considerada imutável, e, a sensível, que afetava todos os sentidos do corpo. Já Aristóteles, indo ao contrário de Platão, acreditava que o homem só poderia viver a existência de um único mundo, o mundo vivido e falado.

---

<sup>10</sup> Suméria é a civilização mais antiga da humanidade, localizada no sul da Mesopotâmia, entre o rio Tigre e Eufrates. Foi nessa região que se deu grande passo para o desenvolvimento da linguagem, porque era rica economicamente e intensa em atividades mercantis (ABRANTES, 2018).

Com relação a invenção da escrita, McLuhan (2001) evidencia que séculos após a invenção da escrita ocorreram o desenvolvimento de outros meios de comunicação. Dentre elas, a tipografia, produzindo os primeiros livros impressos. Igualmente ocorreu o desenvolvimento da imprensa que foi acompanhada das necessidades comunicacionais e de sua evolução. Conforme o autor, essa evolução prossegue até os dias atuais, sendo possível perceber a comunicação instantânea através da internet. Dessa forma, o campo comunicacional se amplia de acordo com a evolução da humanidade.

Indo, mais especificamente, para as teorias da comunicação, conforme Mattelart e Mattelart (2009) houve a primeira importante tentativa de estudos de centros urbanos, a Escola de Chicago. A Escola Sociológica de Chicago, ou Escola de Chicago, teve seu surgimento com sociólogos americanos que integravam o corpo docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. Esse surgimento, na década de 1910, nos Estados Unidos, estava atrelado ao processo de expansão urbana e crescimento demográfico da cidade de Chicago, que presenciou o aparecimento de fenômenos sociais urbanos (desemprego, crime, pobreza, entre outros).

Mattelart e Mattelart (2009) ressaltam que essa escola, a Escola de Chicago, estava sob o enfoque microssociológico (estuda questões como a natureza das interações sociais humanas cotidianas) dos modos de comunicação na organização da comunidade. Ainda afirmam os autores que a comunicação (nos Estados Unidos), nessa época, encontrava-se ligada ao projeto de construção de uma Ciência Social sobre as bases empíricas (sabedoria adquirida por percepções). Com isso, houve o surgimento de novas teorias para disseminar os saberes e comunicar a informação.

A Teoria Hipodérmica, Teoria da Agulha Hipodérmica, também chamada de bala mágica, surgida nos anos de 1930, estudou o fenômeno da mídia a partir das premissas behavioristas (é a psicologia do modo de viver e interagir, corrente segundo a qual a psicologia tem por objetivo analisar o exterior do homem). Conforme Mattelart e Mattelart (2009), essa teoria aconteceu num período em que houve aumento dos regimes ditatoriais e violentos na Europa. Martino et al. (2015) evidenciam que, segundo essa teoria, as pessoas são comparadas a tecidos do próprio corpo humano que quando atingidos pela informação (a substância aplicada pela agulha ou pela bala), tem todo o corpo social também atingido. É o estímulo/resposta que reforça para atingir o alvo.

Logo após, surgiu o Modelo de Laswell, conforme Martino et al. (2015) citando Lasswell (1948). De acordo com esse modelo, faz-se necessário responder a perguntas do emissor (Quem?), da mensagem (Diz o quê?), do meio (Através de que canal?) e da resposta (Com que efeito?). Explicando melhor, o quem está ligado a quem emite a mensagem, o diz corresponde a capacidade da mensagem (o seu conteúdo), o canal é onde se faz a análise dos meios e o efeito é o alcance (referente a análise da audiência e dos reflexos na sociedade). Para Lasswell, estar em vigilância do meio, fazer o estabelecimento de relações que estão entre os componentes da sociedade que irão auxiliar na produção de uma resposta ao meio e também a transmissão da herança social, são as três funções principais na sociedade que cumprem o processo de comunicação.

Outra teoria que se desenvolveu a partir dos anos de 1940 foi a Teoria da Persuasão, também chamada de Teoria Empírico-experimental. Segundo essa visão teórica, “Persuadir os destinatários é um objeto possível, se a forma e a organização da mensagem forem adequadas aos fatores pessoais que o destinatário ativa quando interpreta a própria mensagem” (WOLF, 2002, p. 31). Fica estabelecida, assim, uma estrutura lógica, baseada em causas (que são os estímulos) e os processos psicológicos intervenientes, os efeitos (que são as respostas). Dessa forma, Mattelart e Mattelart (2009) expõem que as teorias subsequentes irão apresentar diretrizes distintas, trazendo contribuições para aperfeiçoar a Teoria Hipodérmica.

A Teoria Empírica de Campo, também conhecida como Teoria dos Efeitos Limitados, surgiu na década de 1940 e baseou suas pesquisas na Sociologia, concluindo que a mídia cumpria papel limitado no jogo da influência das relações comunitárias. Nesta teoria, é possível dizer que os processos comunicativos de massa são associados às características que compõem o contexto social em que estes se realizam, e neles, estão duas correntes distintas: o estudo da composição diferenciada dos públicos e dos modelos de consumo da comunicação de massa; as pesquisas sobre a mediação social que caracteriza esse consumo (ÁVILA, 2012). Desde modo, foi criado o modelo do “*two step flow communication*”. O meio seleciona o público e só posteriormente exerce a influência sobre esse público, conforme afirma Lazarsfeld (precursor dessa teoria), em 1940, citado por Mattelart e Mattelart (2009), responsável por contribuições no campo de estudos de opinião pública, marketing político e mídia de massa.

Cabe ressaltar que em 1947, o psicólogo alemão Kurt Lewin identifica os canais por onde flui a sequência de comportamentos relativos a um determinado tema e elabora o conceito de *gatekeeper* (selecionador), um estudo “[...] sobre as dinâmicas que agem no interior dos grupos sociais, em especial no que se refere aos problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares” (WOLF, 2002, p. 161).

A Teoria da Informação surgiu ao final dos anos de 1940 e ocupou um papel central manifestando que a noção de informação poderia reproduzir a mensagem de um ponto a outro, a partir do pensamento do americano e conhecido como pai dessa teoria, Claude Shannon, em 1948. Esse esquema, “[...] em que a fonte de informação que reproduz a mensagem através do emissor, por meio do canal, a transforma em sinais a fim de torná-la acessível ao receptor” (ÁVILA, 2012, p. 15), tem como exemplo o uso do telefone. Aqui já se evidenciava, no esquema comunicativo, a existência de um outro elemento, o código, necessitando haver uma compreensão por parte do destinatário quer no momento da transmissão, quer no momento da recepção. Em relação ao código, Eco (1975) expõe que o processo de significação só se verifica quando existe um código que une entidades presentes e ausentes. Desse modo, "Todo processo de comunicação entre seres humanos – ou entre quaisquer outros tipos de aparelhos inteligentes, tanto mecânicos quanto biológicos – pressupõe um sistema de significado como condição necessária" (ECO, 1975, p. 6).

Posteriormente, surgiu a Teoria Funcionalista, propriamente dita, fundamentada no positivismo de Auguste Comte, que constituiu uma abordagem global aos meios de comunicação de massa no seu conjunto. Isso deu abertura a outras análises referentes aos fenômenos sociais como a sociologia desenvolvida por Emile Durkheim – que definia a sociedade como o organismo composto por partes que garantem a sobrevivência do todo por meio do desempenho de funções específicas. A Teoria Funcionalista visava analisar o funcionamento da sociedade e sua contribuição dos meios de comunicação de massa em que as questões principais não eram os efeitos e sim as funções sociais exercidas pela comunicação.

A Teoria Crítica, inaugurada pela Escola de Frankfurt, partiu do pressuposto das teorias marxistas que influenciaram a maneira de ver o homem, a cultura e a sociedade. Neste sentido, investigava a produção midiática como típico produto da era capitalista (MARTINO et al., 2015). Integraram o grupo de pensadores e cientistas sociais alemães desta escola, os filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer (1937) – criadores do conceito de indústria cultural –, juntamente

com – os também filósofos e sociólogos alemães – Erick Fromm e Herbert Marcuse (1936) (ÁVILA, 2012). Dessa forma, foi possível afirmar que os frankfurtianos vieram a descobrir a crescente importância dos fenômenos de mídia e também da cultura de mercado, que impactaram na formação do modo de vida contemporâneo.

A Teoria Cultural, criada na década de 1960, teve sua característica fundamental no “[...] estudo da cultura de massa, distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objeto de consumo” (WOLF, 2002, p. 89).

A partir dos anos 1960, conforme Mattelart e Mattelart (2009) prosperaram múltiplos estudos que alinhavam a teoria da Modernização. Na década seguinte, nos anos 1970, as contribuições do autor, historiador e palestrante de Nova Iorque, Stuart Ewen<sup>11</sup>, trouxeram enriquecimento a respeito da perspectiva crítica americana.

Também nos anos 1970, a Teoria do Agendamento ou Agenda-setting (é referido como uma hipótese devido às dificuldades metodológicas impostas por suas premissas e conclusões), formulada pelo norte-americano Maxwell McCombs e por Donald Shan, determinou a pauta para a opinião pública, ao destacar determinados temas (ÁVILA, 2012). Essa perspectiva teórica defendeu que os *mass media* eram eficazes na construção da imagem da realidade que o próprio sujeito vinha estruturando. Essa teoria, para Wolf (2002), podia ser articulada com as mais diferentes teorias no campo da Comunicação Social e podia ser também combinada com as demais hipóteses antes mencionadas.

Outra perspectiva importante foi a de *Newsmaking* (refere-se a um estudo ligado à sociologia das profissões, no caso, o jornalismo). Tratou-se, portanto, mais de uma teoria do Jornalismo do que propriamente da Comunicação, mas tem sido estudada genericamente sob a perspectiva comunicacional. “A hipótese de *newsmaking* dá especial ênfase à produção de informações, ou melhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia” (MARTINO et al., 2015, p. 203).

Essa digressão histórica e teórica ajuda a compreender que tanto a Comunicação Social, o Ecossistema Comunicação, como ela é entendida aqui, como as teorias a seu respeito também tiveram um longo processo de desenvolvimento,

---

<sup>11</sup> Stuart Ewen baseou seus estudos em mídia e cultura de consumo, publicando uma história do dispositivo publicitário e estudos sobre os fundamentos da ideologia do consumo associada a ideia de democracia.

correlato ao desenvolvimento processual da lógica capitalística, de industrialização, urbanização e disseminação da trama tecnológica. Assim, desde essas teorias que buscam compreender, desde o conceito de Comunicação, até a trama midiática e a multiplicidade de códigos e a complexidade de relacionamento com os receptores, passa-se para uma Comunicação também ecossistêmica complexa processual. Em termos teóricos, foram vários os sinalizadores dessa transmutação da abordagem, em direção à complexidade. Teorias chamadas de Pós-68, Pós-Modernas, Nova Teoria da Comunicação, Bios Midiático, juntaram-se às bases da visão crítica da Comunicação, com a Escola de Frankfurt, Teoria da Dependência, Escola Latino-Americana da Comunicação, Teorias da Recepção, para direcionar para a visão complexa, que sintetizamos, no Amorcomtur!, com as denominações Ecossistemas Comunicacionais ou Comunicação-Trama.

Ponto que se fez importante o percurso da comunicação com um recuo histórico, para trazer a dimensão com que a comunicação tem em nossas vidas. Diante do exposto, é preciso ir além, fazer uma reforma no pensar, porque após uma crise que assola o mundo, advinda da Pandemia COVID-19, já sentida antes mesmo do vírus, necessitamos, para a *sobrevivência* de todos, de uma comunicação que toque e faça sentido. Necessitamos de uma outra comunicação, que fortaleça a trama de relações, que envolva o sentir e esteja entrelaçada à amorosidade e à autopoiese. Apresento então, os autores que refletem e dialogam uma outra comunicação, o Ecossistema Comunicacional.

Monteiro e Colferai (2011), nos seus estudos, evidenciam que a concepção de ecossistemas comunicacionais, genuinamente amazônica, teve surgimento através de estudos sobre ecossistemas comunicativos, que, em contato com vários trabalhos, foram ampliando as discussões. Monteiro (2017, p. 110) pontua que os ecossistemas comunicacionais

[...] são resultado de um processo enativo de evolução das teorias, reforça a minha tese de que tecnologias, por mais modernas que sejam, resultam de processos enativos, e são, portanto, extensões do corpo. E, mais ainda: extensões do corpo para garantir a sobrevivência.

Monteiro (2017) contextualiza que a ampliação do conceito de ecossistemas comunicacionais foi mais fortemente sentida na defesa da tese Um jeito amazônica



de ser mundo. A Amazônia como metáfora do Ecosistema Comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região, que foi defendida por Sandro Adalberto Colferai.

A Amazônia é apenas um dos Ecosistemas Comunicacionais, um recorte do Ecosistema Comunicacional, um exemplo, não uma redução, posto que o conceito já é uma redução explicativa. É explicitação para uma leitura do Ecosistema Comunicacional, uma vez que nela está presente o que há de mais fundamental no Ecosistema Comunicacional: a inseparabilidade entre natureza, sociedade e as sensibilidades amplificadas pelos suportes tecnológicos da comunicação e informação. Uma vez admitida esta inseparabilidade, pode ser percebida com clareza a penetração, por continuidade, de princípios do meio natural na tecnologia. Há o acoplamento entre o ambiente e o homem, mas também com e nas tecnologias que amplificam a cognição, que alteram a percepção do tempo e do espaço (COLFERAI, 2014, p. 23).

Colferai, também evidencia na sua tese, o conceito de enação, trazido para a comunicação. O termo enação (conectado à realização biológica de um organismo – havendo circularidade entre ação e percepção) foi cunhado por Humberto Maturana e Francisco Varela, nos anos 1980.

Nesse diálogo é possível dizer que o conceito de Ecosistemas Comunicacionais vem sendo associado à proposição de trama comunicacional e vem sendo trabalhado por Baptista de modo intrinsecamente ligado aos ecossistemas turísticos e subjetivos, tendo a palavra trama como síntese ecossistêmica.

### **2.2.5 Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural**

Na linha teórica da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural, destaca-se a conversação com Humberto Maturana (1998), Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), Humberto Maturana e Ximena D'Ávila (2009), e Maria Luiza Cardinale Baptista (2014a; 2020c; 2019; 2020a; 2020b; 2020d). Humberto Maturana, nascido em Santiago, no Chile, foi um neurobiólogo, crítico do realismo matemático e criador da teoria da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, juntamente com Francisco Varela. Francisco Varela foi um biólogo e filósofo chileno, aluno e depois parceiro de pesquisa e escrita teórica com Maturana. Ximena Paz D'ávila Yáñez também nascida no Chile, é professora, estudou Orientação em Relações Humanas e Família com ênfase nas Relações do Trabalho no Instituto Carlos Casanueva. Atuou em parcerias teóricas com Humberto Maturana. É co-fundadora do Instituto Matrízico e co-criadora da Biologia Cultural. Maria Luiza Cardinale Baptista, autora já citada em outro

momento, sendo apresentadas suas linhas de estudo. Os textos de Maria Luiza Cardinale Baptista ajudaram a conversar com as proposições de Maturana, especialmente nas discussões de seus estudos sobre o amor em todas as instâncias da vida. Também contribuíram para atualizar a abordagem de Maturana, para o trabalho mais recente, em associação com Ximena D'Ávila, que passou a se denominar Biologia Cultural. Com eles, muito tenho aprendido sobre a importância do amor para as relações, de turismo, de comunicação, de sobrevivência. Também evidencio que, no decorrer desse percurso da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural trarei, alguns outros autores que dialogam, que entram na conversa, para além dos anteriormente citados, porque há uma convergência de pensamento e de estudos.

Neste contexto, com base nesses autores, é compreensível falar de amorosidade. Para Maturana (1998), o amor é o que funda o social, na composição de laços de emoção, produzido pela recorrência de ações compartilhadas. Assim, a amorosidade, pode-se dizer, garante amor e acolhimento, convivência. Segundo Maturana (1998), o amor é o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência. Desse modo, essa atitude não faz distinções, tampouco pré-conceitos. Permite que se aproximem as pessoas do conjunto de virtudes, pois, na amorosidade, estão incluídos o cuidado, o respeito, a confiança. Entende-se, aqui, então, a importância de construção de relações de amorosidade, nas transversalizações sujeitos e lugares.

Maturana (1998, p. 23) igualmente afirma que “A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor”. É essa emoção que determina condutas humanas e tece o convívio social, porém, sinaliza o autor que nem toda convivência é social. Do mesmo modo, afirma Maturana (1998) que sem a aceitação do outro na convivência não há o fenômeno social. E para o autor, as relações só se tornam sociais quando há a aceitação e há uma conduta de respeito. Contribuindo, Baptista (2004, p. 4-5) evidencia que “[...] o amor implica em aceitar o Outro, no reconhecimento das diferenças e limitações. Aceitar, não concordar. Esforçar-se por entender e, acima de tudo, querer compartilhar”. A autora ainda pontua que o construto teórico de Maturana, em relação ao amor, torna fácil o entendimento de que amorosidade e comunicação estão entrelaçados. Por fim, Baptista (2004) ainda diz que não há comunicação sem que se acione planos amorosos que envolvem a

disposição de estar juntos e também que sejam acionados os investimentos em si mesmo e na compreensão de se colocar no lugar do outro.

A amorosidade, pode-se dizer, visa garantir amor e acolhimento, para tornar as relações mais agradáveis. Sobre o acolhimento, é possível dizer que ele traz consigo o reconhecimento do outro na convivência. Também é possível dizer que é capaz de mudar a forma de se relacionar. Acolher é então, se envolver, trocar e entrelaçar. A discussão proposta pela Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural tem aproximações com as reflexões de Santos e Baptista (2014) que, ao discorrerem sobre hospitalidade e acolhimento, como fenômenos relacionais, considerando que ambos compartilham e convergem. Evidenciam Perazzolo, Pereira e Santos (2013, p. 3), dizendo que, para que uma relação se estabeleça, “[...] é necessário que, pelo menos, dois sujeitos (ou grupos) estabeleçam uma interlocução da qual se origine um espaço ‘entre’ um e outro: o espaço do acolhimento, um espaço externo ao ‘eu’ e compartilhado por ambos [...]”. As autoras ainda acrescentam que acolher pressupõe disposição para sair de si, transitar, dessa forma, pelo espaço que é também do outro, dessa maneira, pressupõe-se acolher e ser acolhido. Nessa mesma linha de considerações, tem aproximações com a Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural, o pensamento de Ricoeur (1991) que afirma que, ao estar disposto ao acolhimento, o ser humano abre o espaço pessoal, despe-se de pré-julgamentos e desconfianças. Dessa maneira, o ser humano, sem se importar quem é a outra pessoa, acolhe com amor.

Maturana em uma entrevista a Reis (2016) complementa que “[...] apesar de vivermos um momento de negação do amor, só sobrevivemos porque essa emoção persiste nos vínculos que definem a vida em sociedade. É no amor que alcançamos o bem-estar e realizamos nossa condição humana”. Dessa forma, é possível pensar que é também o amor que dá a possibilidade de compartilhar a vida e viver experiências com outras pessoas. O amor é ainda para Maturana, responsável pelos laços de comunicação e que inclui ações, emoções e sentimentos.

Ao referir-se às emoções, Sodré (2018), que também tem aproximações com a proposta da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural, transversaliza a conversa ao evidenciar que, a palavra “[...] deriva do latim *emovere*, *emotus* – donde, *commuovere*. Infinitivo e passado verbais referem-se a um ‘movimento’ energético ou espiritual desde um ponto zero ou um ponto originário na direção de um outro” (SODRÉ, 2018, p. 29). O autor pontua que é possível perceber como consequência,

que há uma certa tensão, capaz de afetar organicamente o corpo humano. Maturana (1998, p. 92), ainda sobre emoções, afirma que “[...] o viver humano se dá num contínuo entrelaçamento de emoções e linguagem como um fluir de coordenações consensuais de ações e emoções [...]”. Na afirmação, o autor ressalta que as relações se dão pela conversação e diz que, para que possamos entender as ações humanas, devemos observar as emoções. Reafirma esse pensar Sodré (2018, p. 52-53), quando evidencia que “Quanto mais emoções sentirmos, mais desperto estará o sentido da consciência identificada com a corporeidade. Bloqueá-las, impedi-las de se exprimir, seria fechar em si mesmo a porta de passagem para a revelação de uma dimensão do real”. Dessa forma, o autor pontua que se a emoção é aceita é permitida a sua expressão, sendo possível a aceitação irrestrita da diferença que não prevê julgamento intelectual.

Tranversalizando a conversa, outros autores como Sabino (2012), DeCarli e Fraga (2019), Freire (2019) e Chico César (2019), em suas reflexões, também tem aproximações com a proposta pela Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural e dialogam, a seguir.

No que diz respeito aos sentimentos, à afetividade, bem como o respeito e a ética, são dimensões relevantes para a humanidade (SABINO, 2012). A afetividade potencializa o ser humano a revelar os seus sentimentos em relação a outros seres. E, conforme DeCarli e Fraga (2019, p. 15), “Afetividade é uma mistura de todos os sentimentos como: amor, motivação, ciúme, raiva e outros, e aprender a lidar adequadamente com essas emoções é o que proporciona ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada [...]”.

Ao apresentar essa diferenciação entre emoção e sentimento, é possível perceber que as emoções fazem parte do cotidiano dos sujeitos, seja nas organizações ou no contexto turístico. A convivência, a relação eu e o outro, preconiza uma aceitação mútua – que deve ser entendida respeitando as diferenças –, que é expressa pelas trocas relacionais, com aceitação e entendimento. Assumem então, as emoções, um importante papel na busca de amorosidade entre as pessoas.

A ação do amor, da amorosidade, é capaz então, de permitir que as pessoas se aproximem de um conjunto de virtudes, pois nela estão inclusos o cuidado, o respeito, a confiança, a ética da relação. Neste sentido, Paulo Freire (2019) diz que, sem certas qualidades, não será possível aprender e apreender na relação. A

amorosidade consegue ter, então, uma força brutal podendo impactar na convivência dos sujeitos, no turismo, na comunicação e nas relações.

Chico César, cantor, compositor, escritor e jornalista brasileiro, na divulgação, no Canal Curta!, do novo álbum em 2019, *O Amor É Um Ato Revolucionário*, reafirma sobre o amor na contemporaneidade: “É necessário nesse momento, amarmos radicalmente, em nível de meio ambiente, em nível de política, de relações humanas, né, de direitos humanos ameaçados [...]” (CANAL CURTA!, 2019).

Ao falar de relações, manifestadas por um corpo que convive e é capaz de se expressar e comunicar (cotidianamente, profissionalmente, turisticamente), pode-se dizer que relações são produzidas pelas trocas estabelecidas pelos sujeitos. Também é possível dizer que “[...] somos sempre um outro para o outro. E por isso é que a relação entre seres humanos é tão significativa, constituindo a experiência de alteridade por excelência [...]” (BAPTISTA, 2008, p. 9). As relações podem ser compreendidas, então, conforme Isabel Baptista, como esse entrelaçamento que envolve o estar aberto a receber o outro, como o entendimento de que há diferenças entre o eu e o outro e, para que a comunicação seja entendida – mais que isso, sentida –, é necessário haver ligação entre informações e expressões dos sujeitos. É dessa relação que envolve essa outra comunicação – que afeta e acarinha o sujeito – a que me refiro quando falo do avesso e que proponho que seja integrado ao ‘con(viver)’. Igualmente exponho que é desse turismo que me refiro, um turismo amoroso.

Arrisco exemplificar a partir de uma metáfora, para falar das relações no conviver que está contida no filme ‘O ponto de Mutação’, inspirado no livro de Fritjof Capra: “[...] a árvore também não sobrevive sozinha. Para tirar água do solo, precisa de fungos, que crescem na raiz, o fungo precisa da raiz e a raiz do fungo” (TRIXMAXXI, 2016). Assim é compreensível dizer que são as relações que formam uma teia envolvendo convivência, comunicação, homem, planeta, animais, solo... O ‘con(viver)’, a convivência, assinala Boff (2005, p. 27) que é preciso que seja entendida ao invés de uma definição fechada, como “[...] uma visão com contornos claros, visão que significa o resultado final de processos de aproximação e de conhecimento do outro e do diferente [...]”. O autor ainda complementa, dizendo que, antes de tudo, o outro representa sempre um desafio, seja pela estranheza que provoca, seja pelo fato de não ser alguém do nosso mundo, um desafio de compreensão e deciframento.

Assim, os olhares entrelaçados da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural, são as construções que fazemos na teia de relações conosco

mesmos, com o outro, com nossa família, com nossos amigos. São também, sempre reconstruções, desterritorializações que provocam ir em direção ao interior de si, ao desconhecido, que incita o desejo numa pulsão de vida, de conseguir exteriorizar a máquina que é desejante, que é autopoietica, o tempo todo, em fluxo constante.

Para finalizar, como já dito na tese, falar de tramas é entrelaçar corpo, sujeitos, lugares e comunicação, entremeados em suas relações. Relações cotidianas, relações organizacionais, relações turísticas. A trama comunicacional que envolve o corpo (sujeito e lugar) é o cerne da pesquisa, bem como o propósito de acionar a (auto)transpoiese de São Luiz Gonzaga, a partir das ‘com-versações’ de sujeitos e lugares. E em conversa com Baptista (2020)<sup>12</sup> dialogando sempre sobre todo esse pensar diferente sobre a comunicação, o turismo e as relações, expressamos nessa proposição, que queremos que esse lugar se reinvente. Assim, será possível a cidade se rever, se sentir mais intensamente, podendo honrar e valorizar o seu passado e, também, a sua natureza. E mais do que isso, nesse pensar, é capaz que sejam ampliadas as relações dos sujeitos consigo mesmos, com o outro e igualmente com o lugar. Com esses entrelaçamentos, nas palavras de Baptista “Os diversos elementos e substâncias, matérias, seres vivos e não vivos que compõem São Luiz Gonzaga podem florescer com mais vida”, alterando modos de viver e interagir, no cotidiano, nas organizações e principalmente, no turismo.

### 2.3 TRILHA USINA DE PRODUÇÃO

A **quarta trilha**, chamada por Baptista (2014b; 2022a) de Usina de Produção ou Trama dos Fazeres, propõe o envolvimento do investigador para criar situações que deem vida à pesquisa. A autora fundamenta que se faz necessário ir a campo, já nas aproximações investigativas, para dar ênfase ao que se pretende pesquisar, alinhando assim, com a definição dos objetivos e depois nas ações investigativas. Com isso, a Cartografia dos Saberes vai propondo respostas que se imbricam no apreender, envolver e pertencer. A Usina de Produção ou Trama dos Fazeres será apresentada, na íntegra, no capítulo da tese em que será abordada a Comunicação *Corpoiesis* em Terra Missioneira. No que diz respeito à Usina de Produção ou Trama

---

<sup>12</sup> Conversa que aconteceu em orientação em setembro de 2020.

dos Fazeres, saliento que realizei, no *lócus* de pesquisa, aproximações e ações investigativas, entre 2019 e 2022. Dentre elas, estão:

**Aproximações investigativas** – observação e revisão dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva e dos Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica; levantamento bibliográfico; levantamento de documentos, análise de documentos; levantamento de dados na internet; construção de texto teórico; produção de fotografias; observação sistemática; observação direta, observação participante; rodas de conversa, relatos de vivências, ‘com-versações’.

**Ações investigativas** – elaboração de texto a partir dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva e dos Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica; continuidade do levantamento bibliográfico, ‘com-versações’ a partir dos dados e reflexões teóricas; redação de textos teóricos, sínteses explicativas a partir desse referencial; revisão e complementação do trabalho; e a aplicação do Projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais.

## 2.4 TRILHA DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA

A **quinta trilha**, chamada de Dimensão Intuitiva da Pesquisa, é um processo em que o pesquisador, o cartógrafo, deve levar em consideração também, os pensamentos picados, segundo a autora, brotações autônomas de pensamentos sinalizadores, que podem ser pistas para sinalizar direções na pesquisa. Baptista (2014b, p. 352) ressalta, nesse sentido, que o conhecimento e a pesquisa não se produzem “[...] apenas na consciência, nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa, e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]”. A autora pontua que, ao registrar as brotações, essas ajudam a desenvolver as trilhas de saberes. É, no entanto, central o papel do pesquisador, que precisa considerar e registrar percepções, sensações e, em igual intensidade, afetividades vivenciadas para produzir conhecimento.

Evidencio que as ‘com-versações’ dos ‘Entrelaços Nós’ da Pesquisa, com os Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, com os Saberes Teóricos ou Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica e também as inserções com a Usina de Produção ou Trama dos Fazeres, através de aproximações e ações investigativas, e a Dimensão Intuitiva da Pesquisa, que transversaliza todo o processo, contribuíram para refletir

sobre desafios e sinalizadores de reinvenção do Turismo, e, conseqüentemente, propõem sinalizadores para São Luiz Gonzaga. Ajudaram no exercício de (re)ver lugares e (re)pensar vínculos para poder acionar novas percepções, visando à valorização do turismo responsável ecossistemicamente e à conseqüente (auto)transpoiese de sujeitos e lugares turísticos.

## 2.5 TRAMA DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS

A partir deste ponto, a proposição da tese avança para a apresentação das Matrizes Rizomáticas. Essas matrizes correspondem a uma organização lógica de verificação do **equilíbrio fluente** da pesquisa, conforme foi proposto por Baptista (2017; 2020a; 2020b; 2020e, 2022a). Trata-se de estratégia metodológica desenvolvida e aplicada em acoplamento à Cartografia dos Saberes. De acordo com a autora, as matrizes são construídas em alinhamento aos pressupostos da Ciência Contemporânea, em seu caráter ecossistêmico-complexo.

Baptista (2017), citando Capra (1997, p. 52), evidencia que a expressão equilíbrio fluente tem origem na década de 1920, nos estudos de Ludwig von Bertalanffy, que “Reconheceu que os sistemas vivos são sistemas abertos, que operam afastados do equilíbrio, e estudou cuidadosamente seus processos de regulação e auto-regulação”. A autora também ressalta que, algumas décadas depois, na década de 1970, Ilya Prigogine formulou a nova termodinâmica de sistemas abertos, com a proposição da auto-regulação de estruturas dissipativas.

As Matrizes Rizomáticas são apresentadas em formas de quadros, mas representam brotações que acontecem de forma irregular, espontâneas, em lógica rizomática<sup>13</sup>, ao longo do processo de construção da pesquisa. Desafiam, nesse sentido, o pensamento e as práticas do pesquisador para dar uma direcionalidade às construções. Destaca a autora que, no rizoma das matrizes, cada ponto de bifurcação permite passagem acionando conexões em confluência e abrindo um fluxo de possibilidades e potencialidades.

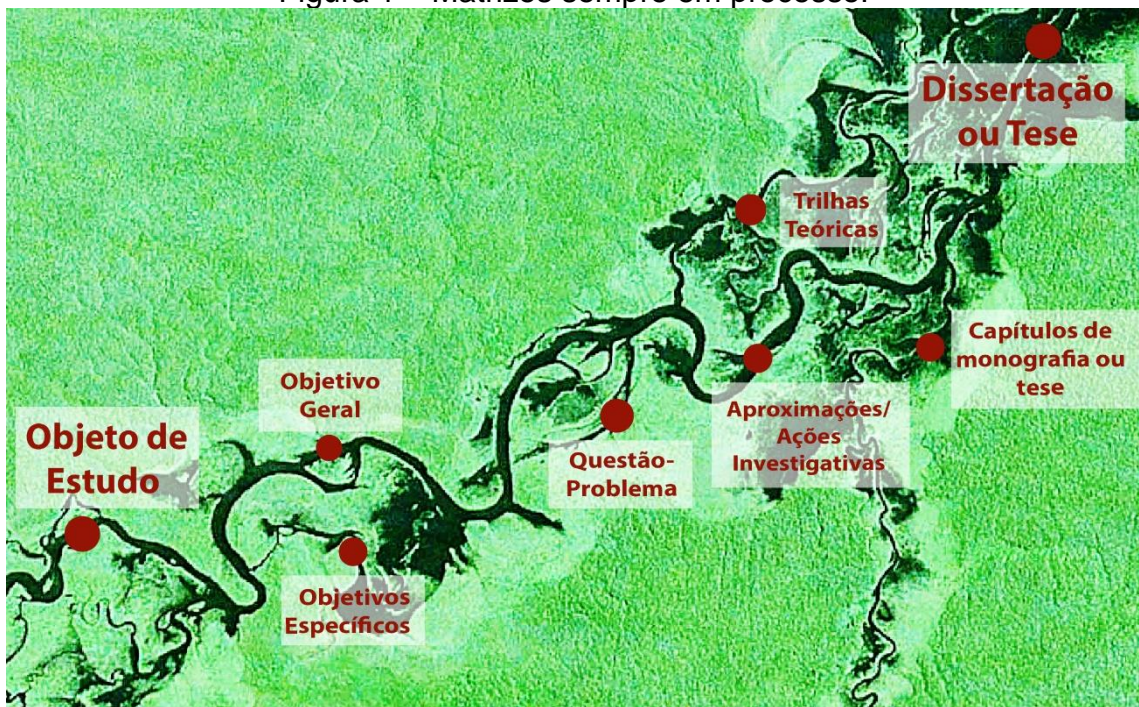
---

<sup>13</sup> Rizoma aqui refere-se à esquizoanálise que, na definição de Deleuze e Guattari (1995) é uma linha de intensidade que pode percorrer vários caminhos, sem aprisionamento. Rizomas são brotações espontâneas e que mostram sinalizadores, inflexões naturais. Sendo assim, o rizoma não se fecha em si, ele se descortina, é aberto a experimentações, pulsa, constrói e desconstrói. A definição dos autores se alinha com a proposição desta tese. Saliento também, que esse conceito será discutido ao longo da tese.



Em coerência com a epistemologia da Ciência Contemporânea, as matrizes foram construídas com a inspiração na visualidade dos rios amazônicos (Figura 1), que vivos denotam a fluidez dos acontecimentos no percurso – no caso da pesquisa, no percurso da viagem investigativa, conforme entendimento de Baptista. A passagem para os quadros ocorre apenas para facilitar a visualização das correlações e a coerência interna da pesquisa, segundo a autora.

Figura 1 – Matrizes sempre em processo!



Fonte: BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale, 2022a. [Projeto de Pesquisa]

Vale ressaltar, no entanto, o fato de que os padrões e os sinalizadores brotam das minúsculas ações de partículas e processos inerentes ao sistema. Sua apreensão exige cuidado, esmero, mergulho, por parte do pesquisador, e não apenas o estabelecimento de protocolos rígidos apriorísticos. Assim, entende-se que tudo está em transmutação, mas existem sinais inerentes e emergentes, que podem e devem ser lidos e considerados, na produção, na “leitura” e no reconhecimento das produções investigativas (BAPTISTA, 2017, p. 3).

Conforme Baptista (2017; 2020a; 2020b; 2020e, 2022a), as matrizes produzem inscrições, criações e acionamentos de saberes e convidam a refletir o processo de investigação, que é sempre marcado pela lógica processual, pela dimensão intuitiva da pesquisa, por transversalizações e por incertezas. Fazem, dessa forma, com que o pesquisador realize uma **viagem investigativa**, permeada de uma trama de entrelaçamentos do fenômeno investigado, que, assim como o sujeito, está sempre em movimento.

A seguir, trarei os quatro quadros que compõem a construção das matrizes, lembrando que estão sempre em processo, na lógica do equilíbrio fluente da pesquisa.

Em função do leiaute (*layout*), com a troca da página do modo retrato para o modo paisagem [para melhor compreensão do(a) leitor(a)], as matrizes serão apresentadas em sequência nos quadros: Quadro 1, Quadro 2, Quadro 3 e, por fim, Quadro 4.

No Quadro 2, a Matriz 1, traz itens como: título, foco de estudo, objetivo geral, questão de pesquisa, objetivos específicos e capítulos da tese.

No Quadro 3, a Matriz 2, traz itens como: 'entrelaços nós' da pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos e capítulos e subcapítulos da tese.

No Quadro 4, a Matriz 3, traz itens como: objetivo geral, objetivos específicos, trilhas teórico-conceituais bibliográficas, autores, capítulos e subcapítulos da tese.

No último quadro, a Matriz 4, a coerência operacional e dinâmica da pesquisa, apresenta a relação entre os objetivos específicos, o *lócus* de pesquisa, as fontes de pesquisa, as aproximações e as ações investigativas, os recursos de apresentação da pesquisa e os capítulos e subcapítulos, para a composição da tese.

Essas quatro Matrizes Rizomáticas, que serão apresentadas nos quadros a seguir, exemplificam a sustentação da tese. Como pontua Baptista (2017; 2022a), a brotação das matrizes contribui para que não haja um desalinhamento, um desvio, da construção teórica, orientando o caminho do pesquisador. Dessa forma, com uma revisão constante das grandes trilhas teóricas, e das trilhas de aproximações e ações investigativas, tendo como referência os objetivos específicos e como vislumbre os capítulos, trabalhei com a compreensão de que existe uma direcionalidade, mesmo que rizomática, mantendo o alinhamento e a coerência da proposição investigativa.

Quadro 2 – Matriz 1: Trama e Rizomas - Verificação da Coerência da Pesquisa

<b>Título</b>	<b>Foco ou delineamento de estudo</b>	<b>Objetivo geral</b>	<b>Questão de pesquisa</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Capítulos</b>
Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo: Tramas Turístico-Comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, em São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul.	Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS.	Propor a relação entre Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, como agenciadoras de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS.	Quais sinalizadores da relação entre Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo podem ser obtidos com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais visando à (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS?		<b>1 ALVORECER DA TESE</b>
					<b>2 ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA</b>
				- Fundamentar teoricamente a proposição <i>Corpoiesis</i> , como fusão teórico-conceitual de corpo e autopoiese – (auto)transpoiese.	<b>3 CORPOIESIS</b>
				- Discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa.	<b>4 TRAMAS TURISTICO-COMUNICACIONAIS</b>
				- Apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas.	<b>5 SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA</b>
				- Promover ações de Comunicação <i>Corpoiesis</i> relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga.	<b>6 COMUNICAÇÃO CORPOIESIS EM TERRA MISSIONEIRA</b>
					<b>7 VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE</b>

Fonte: Elaboração do pesquisador, conforme Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2022a).

Quadro 3 – Matriz 2: Detalhamento do Rizoma - Relação ‘Entrelaços Nós’, Objetivos, Capítulos e Subcapítulos

'Entrelaços Nós' da Pesquisa	Objetivo geral	Objetivos específicos	Capítulos e Subcapítulos
Turismo; Comunicação; Trama; Comunicação <i>Corpoiesis</i> ; Amorosidade.	Propor a relação entre Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, como agenciadoras de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS.		<b>1 ALVORECER DA TESE</b> 1.1 QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR) 1.2 PERCURSOS DA TESE
			<b>2 ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA</b> 2.1 TRILHA DE SABERES PESSOAIS – PERCURSOS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS 2.2 TRILHA TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL BIBLIOGRÁFICA <b>2.2.1 Epistemologia da Ciência</b> <b>2.2.2 Esquizoanálise</b> <b>2.2.3 Ecossistema Turístico</b> <b>2.2.4 Ecossistema Comunicacional</b> <b>2.2.5 Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural</b> 2.3 TRILHA USINA DE PRODUÇÃO 2.4 TRILHA DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.5 TRAMA DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS
		- Fundamentar teoricamente a proposição <i>Corpoiesis</i> , como fusão teórico-conceitual de corpo e autoipoiese – (auto)transpoiese.	<b>3 CORPOIESIS</b> 3.1 CORPO + AUTOPOIESE = <i>CORPOIESIS</i> <b>3.1.1 Do corpo tradicional ao corpo-trama</b> <b>3.1.2 Da Autoipoiese à (Auto)Transpoiese</b> 3.1.2.1 Autoipoiese em sistemas abertos – (Auto)Transpoiese
		- Discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa.	<b>4 TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS</b> 4.1 TURISMO – RECORTES HISTÓRICOS 4.2 RUMO AO AVESSO DO TURISMO 4.3 A COMUNICAÇÃO TRAMA-TEIA COMPLEXA
		- Apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas.	<b>5 SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA</b>
		- Promover ações de Comunicação <i>Corpoiesis</i> relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga.	<b>6 COMUNICAÇÃO CORPOIESIS EM TERRA MISSIONEIRA</b> 6.1 PRIMEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.2 SEGUNDA VISITAÇÃO PRESENCIAL <b>6.2.1 Primeira pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.2 Segunda pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.3 Terceira pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.4 Quarta pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> 6.3 TERCEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.4 QUARTA VISITAÇÃO – CONTATO <i>ON-LINE</i> VIA WHATSAPP 6.5 PROJETO COMUNICAÇÃO <i>CORPOIESIS</i> : PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS <b>6.5.1 Tertúlia Poética</b> <b>6.5.2 CiranDança</b> <b>6.5.3 Serata Missioneira</b> <b>6.5.4 Cartas de Amor</b> <b>6.5.5 Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga</b> 6.6 'COM-VERSAÇÕES' A PARTIR DOS SINALIZADORES
	<b>7 VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE</b>		

Fonte: Elaboração do pesquisador, conforme Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2022a).

Quadro 4 – Matriz 3: Composição Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Pesquisa  
[Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica da Cartografia dos Saberes]

(Continua)

Objetivo geral	Objetivos específicos	Trilhas Teórico-Conceituais Bibliográficas	Autores	Capítulos e Subcapítulos
Propor a relação entre Comunicação <i>Corpoiesis</i> e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais, como agenciadoras de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS.		Epistemologia da Ciência	Boaventura de Sousa Santos; Edgar Morin; Fritjof Capra; Maria Luiza Cardinale Baptista; Roberto Crema; Ylia Prigogine	<b>1 ALVORECER DA TESE</b> 1.1 QUEM É QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR) 1.2 PERCURSOS DA TESE
		Epistemologia da Ciência  Metodologia da Pesquisa	Boaventura de Sousa Santos; Edgar Morin; Fritjof Capra; Maria Luiza Cardinale Baptista; Roberto Crema; Ylia Prigogine  Antonio Joaquim Severino; Maria Immacolata Vassalo de Lopes; Miriam Goldemberg	<b>2 ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA</b> 2.1 TRILHA DE SABERES PESSOAIS – PERCURSOS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS 2.2 TRILHA TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL BIBLIOGRÁFICA <b>2.2.1 Epistemologia da Ciência</b> <b>2.2.2 Esquizoanálise</b> <b>2.2.3 Ecossistema Turístico</b> <b>2.2.4 Ecossistema Comunicacional</b> <b>2.2.5 Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural</b> 2.3 TRILHA USINA DE PRODUÇÃO 2.4 TRILHA DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.5 TRAMA DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS
	- Fundamentar teoricamente a proposição <i>Corpoiesis</i> , como fusão teórico-conceitual de corpo e autopoiese – (auto)transpoiese.	<i>Corpoiesis</i> :  Corpo      Esquizoanálise	Ashley Montagu; Érica Silva Cassimiro; Francisco Flávio Sales Galdino; Geraldo Mateus de Sá; Lola Brikman; Maurice Merleau-Ponty; Norval Baittelo Junior  Félix Guattari; Gilles Deleuze; Maria Luiza Cardinale Baptista; Suely Rolnik	<b>3 CORPEIESIS</b> 3.1 CORPO + AUTOPOIESE = <i>CORPOIESIS</i> <b>3.1.1 Do corpo tradicional ao corpo-trama</b> <b>3.1.2 Da Autopoiese à (Auto)Transpoiese</b> 3.1.2.1 Autopoiese em sistemas abertos – (Auto)Transpoiese
	- Discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa.	Ecossistema Turístico  Ecossistema Comunicacional  Epistemologia da Ciência	Mario Beni; Marutschka Moesch  Gilson Vieira Monteiro; Maria Luiza Cardinale Baptista  Boaventura de Sousa Santos; Edgar Morin; Fritjof Capra; Maria Luiza Cardinale Baptista; Roberto Crema; Ylia Prigogine	<b>4 TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS</b> 4.1 TURISMO – RECORTES HISTÓRICOS 4.2 RUMO AO AVESSE DO TURISMO 4.3 A COMUNICAÇÃO TRAMA-TEIA COMPLEXA

(Conclusão)

		Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural	Humberto Maturana; Francisco Varela; Maria Luiza Cardinale Baptista; Ximena D'Ávila	
	- Apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas.		Anna Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira; Anderson Iura Amaral Schmitz; Lauro Machado de Oliveira; José Gomes; Vânia Maria Coimbra; Pâmela Andrade de Moraes; Maria Rita Dutra Giacomelli; Fabiana Cristina Hansen; Ary Portella Lopes; Clara de Lima Lucas; Lucas Dorneles Magnus; Ariane da Rosa; Sérgio Venturini; Sonia Bressan Vieira.	<b>5 SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA</b>
	- Promover ações de Comunicação <i>Corpoiesis</i> relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga.			<b>6 COMUNICAÇÃO CORPOIESIS EM TERRA MISSIONEIRA</b> 6.1 PRIMEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.2 SEGUNDA VISITAÇÃO PRESENCIAL <b>6.2.1 Primeira pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.2 Segunda pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.3 Terceira pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> <b>6.2.4 Quarta pergunta aberta da segunda visitação presencial</b> 6.3 TERCEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.4 QUARTA VISITAÇÃO – CONTATO <i>ON-LINE</i> VIA WHATSAPP 6.5 PROJETO COMUNICAÇÃO <i>CORPOIESIS</i> : PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS 6.6 CONVERSÇÕES A PARTIR DOS SINALIZADORES 6.5.1 Tertúlia Poética 6.5.2 CiranDança 6.5.3 Serata Missioneira 6.5.4 Cartas de Amor 6.2.5 Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga 6.6 'COM-VERSAÇÕES' A PARTIR DOS SINALIZADORES
				<b>7 VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE</b>

Fonte: Elaboração do pesquisador, conforme Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2022a).

Quadro 5 – Matriz 4: Coerência Operacional e Dinâmica da Pesquisa - Capítulos  
[Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres da Cartografia dos Saberes]

(Continua)

Objetivos específicos	Lócus de Pesquisa [Ecossistema/ Universo Investigado]	Fonte de Pesquisa [Lugares, Sujeitos, Materiais, Documentos, Bibliografia]	Aproximações e Ações investigativas [Procedimentos de Pesquisa – Coleta e Processamento]	Recursos de Apresentação/ Descrição e Tratamento Reflexivo/Análise [Procedimentos e Descrição e Reflexão Analítica]	Capítulos e Subcapítulos
- Fundamentar teoricamente a proposição <i>Corpoiesis</i> , como fusão teórico-conceitual de corpo e	São Luiz Gonzaga/RS	LUGARES - praças, bairros, ruas, organizações públicas e privadas	<b>Aproximações:</b> Observação dos lugares; registros fotográficos dos lugares; pesquisa de fotos sobre os lugares.  <b>Ações:</b> Construção narrativa/dissertativa com a observação dos lugares.	Texto narrativo/dissertativo com apresentação de fotografias (coletadas pelo pesquisador). Apresentei fotos (pesquisadas dos lugares).	<b>1 ALVORECER DA TESE</b> 1.1 QUEM É O CORPO QUE FALA (SUJEITO PESQUISADOR) 1.2 PERCURSOS DA TESE  <b>2 ENTRE TRILHAS, CAMINHOS E DESCAMINHOS DA PESQUISA</b> 2.1 TRILHA DE SABERES PESSOAIS – PERCURSOS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS 2.2 TRILHA TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL BIBLIOGRÁFICA <b>2.2.1 Epistemologia da Ciência</b> <b>2.2.2 Esquizoanálise</b> <b>2.2.3 Ecossistema Turístico</b> <b>2.2.4 Ecossistema Comunicacional</b> <b>2.2.5 Biologia Amorosa, do Conhecimento e Biologia Cultural</b> 2.3 TRILHA USINA DE PRODUÇÃO 2.4 TRILHA DIMENSÃO INTUITIVA DA PESQUISA 2.5 TRAMA DAS MATRIZES RIZOMÁTICAS  <b>3 CORPOIESIS</b> 3.1 CORPO + AUTOPOIESE = <i>CORPOIESIS</i> <b>3.1.1 Do corpo tradicional ao corpo-trama</b> <b>3.1.2 Autoipoiese</b>
		SUJEITOS - sujeitos da pesquisa (sujeitos-moradores) - sujeito-pesquisador	<b>Aproximações:</b> Observação cotidiana dos sujeitos nos diversos espaços da cidade; visitas a empresas e instituições com conversas preliminares informais; agendamento de rodas de conversa; interação telefônica; produção de diário de pesquisa; textos de resgate de lembranças da trajetória, vivências e saberes pessoais.  <b>Ações:</b> Rodas de conversa com relatos e respostas a perguntas abertas; interação com perguntas e fotografias via WhatsApp; produção de diário de pesquisa; textos de resgate de lembranças da trajetória, vivências e saberes pessoais.	Os relatos das rodas de conversa foram apresentados em quadros-síntese com trechos de depoimentos em expressões-síntese. A produção fotográfica foi apresentada pelas fotografias e fragmentos dos relatos dos sujeitos-moradores.	
		MATERIAIS - fotos, vídeos, sites, blogs, redes sociais, narrativas	<b>Aproximações:</b> Leitura preliminar com observação de conteúdo; acesso a fotografias documentais; visita a sites e blogs.	Texto narrativo/dissertativo com utilização de eventuais citações.	

(Conclusão)

<p>autoipoiese – (auto)transpoiese.</p> <p>- Discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa.</p> <p>- Apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas.</p> <p>- Promover ações de Comunicação <i>Corpoiesis</i> relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga.</p>			<p><b>Ações:</b> Revisão de leitura com observação de conteúdo; revisão de fotografias documentais; revisão de visitação a sites e blogs.</p>	As fotografias foram apresentadas nos capítulos juntamente com a construção teórica.	<p><b>4 TRAMAS TRUISTICO-COMUNICACIONAIS</b> 4.1 TURISMO – RECORTES HISTÓRICOS 4.2 RUMO AO AVESSO DO TURISMO 4.3 A COMUNICAÇÃO TRAMA-TEIA COMPLEXA</p> <p><b>5 SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA</b></p> <p><b>6 COMUNICAÇÃO CORPOIESIS EM TERRA MISSIONEIRA</b> 6.1 PRIMEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.2 SEGUNDA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.2.1 Primeira pergunta aberta da segunda visitação presencial 6.2.2 Segunda pergunta aberta da segunda visitação presencial 6.2.3 Terceira pergunta aberta da segunda visitação presencial 6.2.4 Quarta pergunta aberta da segunda visitação presencial 6.3 TERCEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL 6.4 QUARTA VISITAÇÃO – CONTATO <i>ON-LINE</i> VIA WHATSAPP 6.5 PROJETO COMUNICAÇÃO <i>CORPOIESIS</i>: PRÁTI CAS ARTÍSTICO-CULTURAIIS 6.5.1 Tertúlia Poética 6.5.2 CiranDança 6.5.3 Serata Missioneira 6.5.4 Cartas de Amor 6.5.5 Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga 6.6 'COM-VERSAÇÕES' A PARTIR DOS SINALIZADORES</p> <p><b>7 VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE</b></p>
		DOCUMENTOS - pesquisa documental	<p><b>Aproximações:</b> Primeira leitura com identificação de destaques de aspectos que pudessem ser úteis para a pesquisa.</p> <p><b>Ações:</b> Releitura desses aspectos para a seleção de dados a serem citados na pesquisa.</p>	Texto narrativo/dissertativo	
		BIBLIOGRAFIA - base de dados de textos	<p><b>Aproximações:</b> A busca preliminar de textos nas bases de dados; leituras iniciais; fichamento; conversações no grupo de pesquisa; conversações com a orientadora.</p> <p><b>Ações:</b> Revisão de todos os dados coletados; elaboração de síntese; elaboração de quadro-síntese; produção de texto narrativo/dissertativo.</p>	<p>Texto narrativo/dissertativo</p> <p>Quadros-síntese do texto narrativo/dissertativo</p> <p>Associação com material fotográfico.</p>	

Fonte: Elaboração do pesquisador, conforme Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2022a).



Por fim, é importante salientar, em relação ao último Quadro, o quadro da Matriz 4, que o detalhamento das aproximações e ações investigativas relativas aos sujeitos será feito no capítulo 6 – Comunicação *Corpoiesis* em Terra Missioneira. Em síntese, os procedimentos múltiplos, em coerência com os objetivos específicos, utilizados na tese foram: cartografia teórico-bibliográfico-conceitual; cartografia e análise de documentos; cartografia de dados na internet; construção de texto teórico e quadros-síntese; produção de fotografias; observação sistemática; observação direta, observação participante; rodas de conversa, relatos de vivências, ‘com-versações’; e aplicação do projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais.

Em cada uma das etapas realizadas, houve um mergulho profundo em que procurei me esmerar para buscar dados e informações relevantes para a constituição teórica. De igual forma, vivi o envolvimento direto com a observação sistemática, observação direta, a observação participante e as rodas de conversa, que, conjuntamente, trouxeram narrativas (textuais, corporais, visuais e poéticas) para a sustentação da escrita. Entre as aproximações investigativas houve várias visitas à localidade, que oportunizaram interação com moradores, tanto por meio de conversas informais na rua, nos bairros ou em empresas locais, quanto em rodas de conversa que tiveram o propósito de colher informações do olhar dos moradores em relação à cidade e à trama de relações. Essas ‘com-versações’ resultaram em alguns sinalizadores preliminares, que são capazes de potencializar para o agenciamento de um turismo amoroso e ecossistêmico. Também ficou evidente o forte vínculo com a cidade e especial valorização nos espaços de convivência. Memória (lembranças pessoais), patrimônio (valorização histórica), natureza (ênfase para lugares que proporcionam calma), relações (espaços que possibilitam encontros e convivência), religião, Esportes, e Comunicação Social e Arte (Dança, Artesanato e Cinema).

Nas ações investigativas, além do processamento das informações, a sistematização e a descrição com produção de narrativas que foram feitas, houve, o Projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais<sup>14</sup> que foi aplicado com moradores, em 2022, que também trouxeram sinalizadores de potência em relação ao lugar.

---

<sup>14</sup> Sucintamente, o projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais foi a criação de ações artísticas que entrelaçaram a cultura e a essência do lugar, envolvendo música, dança, poesia, pessoas e lugares.



*“Um sujeito profundo e intenso, poético e rizomático, persistente e inquieto, em sua infinitude; manso, sereno, tranquilo, na maior parte do tempo e bravo, feroz, selvagem, quando a situação necessita. Que se permite a autoprodução constante, desbravador. Assim sou eu, é um pouco de mim, e assim tem sido minha pesquisa, um corpo vivo que pulsa, observa e se entrelaça no desconhecido. Um corpo que habita, que busca respostas, que busca alimento. Porque estou sempre sentindo... apreendendo com vivências, experiências, trocas relacionais, olhares...”*

*Newton Ávila*

### 3 CORPOIESIS

Conforme foi apresentado anteriormente, a proposição desta tese tem como definição o seguinte foco: Comunicação *Corpoiesis* e Turismo, com o estudo das Tramas Turístico-Comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, considerada a partir das relações de moradores de São Luiz Gonzaga/RS. Dessa forma, pesquisar e construir teoricamente, na tese, o conceito de *Corpoiesis* (corpo + autopoiese), em concordância com o que será apresentado em seguida, alinhado à comunicação e também à proposição de (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, solidificou o direcionamento da minha atuação profissional, com sinalizadores desde 1998, quando iniciei minhas formações (acadêmicas e complementares).

Apresento, neste trecho da tese, os fios de composição do corpo e da **autopoiese**, trilhas investigativas derivadas do foco de estudo e constituintes da proposição autoral Comunicação *Corpoiesis*. É pertinente trazer à cena, que, na produção da tese, fomos percebendo, eu e a orientadora, que o trajeto já percorrido tem certa extensão, o que nos orientou no sentido de tentar deixar bem demarcada a passagem por esses *phyluns*, esses fios, constituidores da proposição central de tese. Vamos a eles, iniciando em direção à noção de *Corpoiesis*, com a abordagem do corpo (corpo tradicional e do corpo-trama) e, na sequência, à abordagem da relação com o conceito de autopoiese em direção à (auto)transpoiese.

#### 3.1 CORPO + AUTOPOIESE = CORPOIESIS

A concepção ***Corpoiesis*** resulta do entrelaçamento das palavras: corpo + autopoiese, para formar '*Corpoiesis*'. A palavra surgiu para mim, como brotação espontânea, o que, no Amorcomtur!, chamamos de Dimensão Intuitiva da Pesquisa<sup>15</sup> (BAPTISTA, 2014b). Em 2019, no início do doutorado, já imerso nos estudos relacionados ao corpo e em contato com o conceito de autopoiese, pareceu-me natural a proposição. Após o *insight*, fiz um levantamento de possibilidades de existência do termo *Corpoiesis*. Eis que encontrei uma tese de Doutorado, intitulada

---

<sup>15</sup> Dimensão Intuitiva da Pesquisa é uma das trilhas investigativas que caracteriza a estratégia metodológica desta tese, a Cartografia dos Saberes, em associação com as Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2014b; 2017; 2020a; 2020b; 2020e, 2022a).

Corpoiesis: um ator, uma escrita, de Newton Freire Murce Filho<sup>16</sup>, da Universidade Estadual de Campinas/SP (UNICAMP), no ano de 2006, mostrando a poesia do corpo, enquanto criação do personagem em cena. Encontrei, também, uma companhia de dança, a Cia. Corpoiesis<sup>17</sup>, de Petrópolis/RJ e uma ONG de Cultura Corpoiesis<sup>18</sup>, na cidade de Pedreira/SP. Em todas as situações localizadas, no entanto, o termo trazia um pouco da concepção que apresento.

Forjada no entrelaçamento, na proposição linguística decorrente do acoplamento fundante do conceito, como recurso de apresentação, neste texto, discutirei a noção de *Corpoiesis*, com a abordagem do corpo (corpo tradicional e do corpo-trama) e, na sequência, a abordagem de autopoiese em direção à (auto)transpoiese. Em relação à *Corpoiesis*, se não é totalmente original – nem existe preocupação neste sentido – tem potência de originalidade para a Comunicação, na configuração de uma tese no campo do Turismo.

O corpo aqui é considerado além de um corpo físico. Ele é também pensado em seu interior e seu exterior, com sentimentos e emoções. Um corpo que produz, um centro de energias, corpo vibrátil, que pulsa, no sentido proposto pela Esquizoanálise<sup>19</sup> (GUATTARI; ROLNIK, 2011). Nessa proposição, o corpo é pensado como lugar de vida e, neste sentido, nesta tese, envolve, sujeito e lugar. O sujeito é um corpo, bem como o lugar é um corpo vibrátil, um campo de energias, engendramentos de processos e pulsação de vida. Os dois demandam cuidados e olhares.

A concepção de corpo, aqui considerada, também é decorrente da proposta profissional que venho desenvolvendo com empresas, instituições e lugares/cidades, desde o ano 2000, atendendo diversos públicos de diferentes idades, trazendo o corpo

---

<sup>16</sup> A Tese pode ser encontrada em endereço eletrônico. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271089/1/MurceFilho\\_NewtonFreire\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/271089/1/MurceFilho_NewtonFreire_D.pdf). Acesso em: 5 jul. 2019.

<sup>17</sup> Essa companhia traz em sua concepção “Artistas que permeiam o espaço criativo buscando explorar e extrair do corpo sua poesia”, retirado do Instagram da Cia. Corpoiesis. Disponível em: <https://www.instagram.com/corpoiesis/>. Acesso em: 5 jul. 2020.

<sup>18</sup> A ONG atua desde o final de 2011. Teve seu início em 2009, como projeto, na Universidade Júlio de Mesquita Filho (UNESP), na cidade de Marília, com a intenção de formar um grupo de pesquisa e prática voltadas ao teatro, à dança, à literatura e, como consequência, à Filosofia. Apresentam a finalidade de semear o conhecimento das artes, não somente como entretenimento. Disponível em: <https://www.facebook.com/corpoiesis3/>. Acesso em: 5 jul. 2020.

<sup>19</sup> A Esquizoanálise foi desenvolvida pelo filósofo francês Gilles Deleuze e pelo filósofo, psicanalista e militante revolucionário francês Félix Guattari, inicialmente no livro ‘O Anti-Édipo’, em 1972, e depois no livro ‘Mil Platôs’ em 1980 (trata-se de uma coletânea de cinco livros, sendo este o primeiro).

como sujeito, no processo de comunicação e nas relações do cotidiano, das organizações, do turismo. Esse percurso compõe a trama de Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva<sup>20</sup>, anteriores ao Doutorado, ajudando a refletir, a partir de workshops, cursos, palestras e mentorias, envolvendo atividades com teoria e prática, sempre entrelaçadas à arte, nas suas inúmeras manifestações.

Igualmente, conforme salientei anteriormente, venho trabalhando o entrelaçamento de corpo e comunicação nas relações entre os sujeitos, desde o ano 2000, quando iniciei minha proposta profissional, voltada para a expressão do corpo em gestos, postura e fala, atendendo escolas e instituições públicas, municipais e particulares de São Luiz Gonzaga/RS. Aos poucos, fui acrescentando conhecimentos teóricos e técnicos. Assim, o trabalho foi ganhando densidade e consistência. Hoje, muitos anos depois do início de tudo, percebo nitidamente o crescimento que obtive com a aprendizagem agregada na bagagem (pessoal e profissional), agenciada no trabalho com sujeitos, no cotidiano, nas organizações, no turismo, com o foco em acionar e potencializar sujeitos e lugares, alinhadas à autopoiese<sup>21</sup>.

A seguir apresento um aprofundamento do processo de transformações do corpo, ao longo dos séculos – do corpo tradicional ao corpo-trama – e, mais adiante, será aprofundada a discussão sobre a autopoiese em direção à (auto)transpoiese. Estamos a caminho do conceito de *Corpoiesis*, na deriva histórica conceitual. Em relação ao corpo, farei um resgate, passando por momentos da história, até abordar o modo de sentir o corpo, com a apresentação do corpo vibrátil da Esquizoanálise, especialmente a partir de Suely Rolnik (2003; 2011).

### 3.1.1 Do corpo tradicional ao corpo-trama

Discorrer sobre o corpo, em um primeiro momento, é expressar seus atributos físicos como pele, órgãos e ossos, mas é também expressar que possui emoções. O corpo fala, sente, age, reage, comunica, interage e está sempre em movimento. Disse

---

<sup>20</sup> Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva é uma das trilhas investigativas que caracteriza a estratégia metodológica desta tese, a Cartografia dos Saberes, em associação com as Matrizes Rizomáticas (BAPTISTA, 2014b; 2017; 2020a; 2020b; 2020e, 2022a).

<sup>21</sup> O conceito de autopoiese vai ser discutido aos poucos, nesta tese, mas adianto que se trata de referência, especialmente, ao pensamento de Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), que concebem a proposição como um processo de autoprodução, como ações coordenadas na célula. Expressam, dessa forma, que os seres vivos produzem a si próprios, através de mecanismos autorreguladores de um sistema fechado.

Norval Baitello Junior certa vez, “Corpos nascem de outros corpos e se alimentam de outros corpos. Assim, a rigor, todo gesto reprodutor do corpo pressupõe uma doação de si mesmo para o novo ser em formação” (BAITELLO JUNIOR, 2002, p. 4). Nesse contexto, ainda Baitello Junior, em uma entrevista à TVPUC, aponta que “[...] o corpo é pensado como ponto de partida e chegada de toda comunicação humana” (TVPUC, 2013). O corpo é visto aqui – na tese, por mim e na minha proposta de trabalho profissional – como sujeito no processo de comunicação e nas relações do cotidiano, das organizações, do turismo. Deste modo, esse corpo que é sujeito “[...] propicia interações e pressupõe relações, estende ramificações de convívio e também pode ser humanizador de seu próprio espaço” (ÁVILA, 2017, p. 41).

Avançando nessa reflexão, resgato outro pensamento construído para a dissertação em Turismo e Hospitalidade, defendida em 2017, a respeito do questionamento sobre que corpo é esse que enreda o viver e o conhecer? É um corpo que tem “Reflexo, imagem, substância, carne, exterior, físico, objeto de estudos, e/ou do desejo?” (ÁVILA, 2017, p. 42). Continuo dizendo que, “Partindo do pressuposto de que o corpo é elemento de expressão cultural, que carrega em seu bojo marcas distintas [...]” (ÁVILA, 2017, p. 42), então, é possível afirmar o corpo como um composto de tudo que foi citado. Assim, é possível dizer que, além desse corpo inter-relacionar-se com o mundo e com o outro, ele é capaz de alterações nos modos de viver e interagir.

Dessa forma, para elucidar esse modo de pensar, interligado na proposição deste estudo, apresento duas formas pelas quais é possível ver o corpo: corpo tradicional e corpo-trama. O corpo tradicional é uma estrutura física, cabeça, tronco e membros, com órgãos internos e que se divide em tecidos, células, cartilagens, etc. O corpo-trama é um corpo que não é só o exterior, mas que é, também, o interior, com sentimentos e emoções, o corpo com a densidade de seus sentires íntimos e as conexões com os processos dinâmicos que o constituem continuamente. É também um corpo que é usina de produção, que é um corpo vibrátil<sup>22</sup>, segundo a lógica esquizoanalítica. Nesse sentido, quase não há o fora e o dentro, mas uma concentração de energias, substâncias, matérias, em constante produção, em denso acoplamento com todo o ecossistema, em processos de fluxo constante.

---

<sup>22</sup> Corpo vibrátil, segundo a Esquizoanálise, é um corpo que possui um campo de forças capaz de afetar (por meio das sensações), é um corpo que acolhe a vida, que tem intensidades, que pulsa, que possibilita um poder de vibração em relação as forças do mundo (ROLNIK, 2011).

O **corpo tradicional** é o corpo que vai ser pensado em associação com a Ciência Clássica, com a visão tradicional de Ciência, que enaltece e que valoriza a materialidade, em uma lógica reducionista e mecanicista. O reducionismo é a tendência de redução do fenômeno a suas manifestações concretas, tendência decorrente do pensamento de Francis Bacon, discutida por diversos autores contemporâneos, por suas limitações (CAPRA, 2012; CREMA, 1989; BAPTISTA, 2000, 2020a, 2020d). Quando associada ao corpo, trata-se de uma visão que parte do corpo pela sua dimensão física. O mecanicismo trabalha com as mecânicas de engates e de funcionamento dos diversos órgãos ou elementos de um sistema. Dessa forma, o corpo mecanicista é pensado como, fragmentado (lógica cartesiana), nas suas diferentes partes e o mecanismo de funcionamento mecânico dessas diferentes partes interagindo entre si. Então, na visão do corpo tradicional há um corpo físico, como um conjunto de elementos, de partes, de órgãos, de membros, que interagem, cada um com a sua função, com a sua funcionalidade, girando o funcionamento do sistema. Há aqui, então, os pressupostos relacionados à visão clássica de Ciência, decorrente da Revolução Científica (LOVELOCK, 1991; CAPRA, 2012; CREMA, 1989; BAPTISTA, 2020a, 2022b).

Na abordagem do corpo tradicional, trago a ideia de corpo, construída por meio de conversações e diálogos teóricos, envolvendo pensadores e pesquisadores, desde a Antiguidade até suas modificações, sua fragmentação sentida nos dias de hoje. Faz-se importante dizer que há, entre os períodos, uma concatenação ao longo do tempo.

O corpo na Grécia Antiga era abordado, além de assuntos considerados mais importantes como Política e Ética. Dentre autores, filósofos como Sócrates pensavam o corpo na integração de corpo e alma, num processo de interação com o mundo. Platão afirmava que o corpo servia de prisão para a alma (CASSIMIRO; GALDINO; SÁ, 2012). E Aristóteles defendia a ideia de ações humanas em conjunto, entre corpo e alma, com proximidade do pensamento de Sócrates, levando a um processo contínuo de realização. As ideias dos filósofos representam uma base de apresentações sobre corpo, nas diferentes concepções criadas ao longo da formação da sociedade ocidental. O corpo grego era também idealizado, treinado e produzido em busca da perfeição, igualando o corpo belo à intelectualidade. Além disso, o corpo “[...] era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25), característica que ainda hoje é uma referência, em

alguns círculos de discussões. Alertam ainda as autoras que os prazeres eram de domínio masculino somente, em um universo em que os homens exibiam suas formas torneadas. Para a civilização grega, a mulher não estava incluída no estereótipo de corpo perfeito. Ela tinha que usar determinadas roupas em casa e cobrir seu corpo para sair.

Já os romanos, cuidavam do corpo, mas cuidavam mais da alma. Isso se deu em decorrência da religião, fortemente marcada pelo Cristianismo, que possui uma relação peculiar com o corpo e que “[...] durante muito tempo centralizou a espiritualização e o controle de tudo que é material” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26). Teve-se com isso, uma nova percepção de corpo e passou-se da expressão de beleza para fonte de pecado, de proibição<sup>23</sup>.

O bem-estar da alma deveria prevalecer acima dos desejos e prazeres da carne. O corpo, prisão da alma, era pois um vexame, devia ser escondido. Então, durante os mil e quinhentos anos seguintes – do decreto de Teodósio suprimindo em 393 com os jogos olímpicos até à sua restauração pelo Barão de Coubertin em 1896 – o Ocidente, vexado de si mesmo, carregado de culpas por ser feito de carne e de sexo, assaltado por pudores, encobriu os seus membros e os seus músculos (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26).

O Cristianismo permaneceu forte também na Idade Média (séc. X ao XV), com o corpo continuando a ser sexuado e desvalorizado, com pulsões e desejo carnal amplamente reprimido, fazendo com que sua renúncia fosse a base para a sustentação do discurso de salvação desse corpo. No caso, segundo essa lógica, o corpo devia ser concebido como vestimenta da alma (CASSIMIRO; GALDINO; SÁ, 2012).

Na Idade Média, o corpo se consolidou nas relações sociais, em sintonia com o fato de que a sociedade feudal era constituída, essencialmente, pela característica agrária. Pode-se refletir aqui as implicações das “[...] características físicas como a altura, a cor da pele e peso corporal, associadas ao vínculo que o indivíduo mantinha com a terra, eram determinantes na distribuição das funções sociais” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26). Recordam as autoras que a instituição religiosa não permitia nenhuma manifestação que fosse mais criativa, deixando, dessa forma, o

---

<sup>23</sup> “Foi um morador do deserto, Santo Agostinho, o bispo de Hipona, a Tunísia de hoje, quem lançou o mais pesado manto da vergonha sobre a nudez do paganismo” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26).



homem medieval extremamente contido. E isso podia ser sentido com a união da Igreja e Monarquia, que atenuou maior rigidez dos valores morais.

Conforme Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 27), nesse período, aparece a “[...] nova figura literária do cavaleiro andante, do amor cortês, refletindo, deste modo, uma visão muito diferente do corpo e das suas relações”.

Vale fazer outro destaque importante, para o corpo, referente as ações de bruxaria, conforme Barbosa, Matos e Costa (2011).

A ideia central da bruxaria era a de que o demônio procurava fazer mal aos homens para se apropriar das suas almas. E isto era feito essencialmente através do corpo e esse domínio seria efetuado através da sexualidade. Pela sexualidade o demônio apropriava-se primeiro do corpo e depois da alma do homem. Como as mulheres estão ligadas essencialmente à sexualidade, e “porque nasceram de uma costela de Adão”, nenhuma mulher poderia ser correta, elas tornavam-se “agentes do demônio” (feiticeiras). De fato, os processos inquisicionais sobre acusações de bruxaria enfocavam, principalmente, os corpos das bruxas: elas eram despidas, os cabelos e pêlos eram rapados e todo o corpo era examinado à procura de um sinal que as pudesse comprometer (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 27).

Ampliando as informações relativas ao corpo, em especial, a como o corpo das mulheres era tido em virtude das ações relativas à bruxaria, Silvia Federici, no livro ‘Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva’ (2019) expõe que o ódio ou aversão às mulheres, ou mesmo o contato sexual com as mulheres, foi inspiração para abordagens acadêmicas relativas à caça às bruxas, com um viés de escrita favorável para a execução das mulheres. Isso possibilitava deixar tais vítimas enfraquecidas, na sua condição de mulher, tornando-as pervertidas ou puramente libidinosas. Relata Federici (2019) que as feministas, no entanto, reconheceram que mulheres não poderiam ter sido submetidas às violências cruéis que sofreram. Conforme pontua a autora, porém, na transição que se dava ao capitalismo, foi esquecido o assunto de caça às bruxas, causando torpor em relação à luta de classes. Nesse ínterim, faz-se importante também salientar que,

Deveria parecer significativo que a caça às bruxas foi contemporânea ao processo de colonização e extermínio das populações do Novo Mundo, aos cercamentos ingleses, ao começo do tráfico de escravos, à promulgação de “leis sangrentas” contra vagabundos e mendigos, e que alcançaram seu ponto culminante no interregno entre o fim do feudalismo e a “guinada” capitalista, quando os camponeses na Europa alcançaram o ponto máximo do seu poder, ao mesmo tempo que sofreram a maior derrota da sua história. Até agora, no entanto, este aspecto da acumulação primitiva tem permanecido como um verdadeiro mistério (FEDERICI, 2019, p. 296-297).

Ainda Federici (2019) evidencia que a caça às bruxas foi um elemento essencial de acumulação primitiva que ocorreu na transição ao capitalismo, e isso fez tornar-se ainda mais funda a divisão entre homens e mulheres, acirrando a desigualdade. Estimulou nos homens o medo relacionado ao poder das mulheres, desestabilizando relações sociais que poderiam ter se dado de uma outra forma. A autora complementa, afirmando que se pode dizer, relativo ao contexto histórico, de intensa crise e luta social, que a caça às bruxas na Europa, “[...] foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e ao poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, seu controle sobre a reprodução e sua capacidade de curar” (FEDERICI, 2019, p. 309-310). E Federici (2019) expõe que esse pano de fundo da caça às bruxas gerou, como hipótese, que, em boa parte, se tratava de uma tentativa para que se pudesse criminalizar o controle do nascimento infantil e, que ao mesmo tempo, colocasse o corpo feminino a serviço de uma produção de natalidade, provocando, nesse aumento de pessoas no mundo, um acúmulo da força de trabalho.

Inclui-se que, juntamente com a caça às bruxas, ocorreu a expansão do capitalismo rural. Nessa assertiva, na maioria das vezes, as mulheres que eram alvo de castigo eram camponesas pobres (muitas vezes acusadas por mulheres com mais condições financeiras que tinham prestígio na sociedade). Assim, era mais fácil para os detentores do poder (senhores feudais, mercadores patrícios, bispos e papas) tentar a expropriação de terras, conseguindo, dessa forma, deteriorar as relações coletivas. Eram também atacadas mulheres velhas, que viviam da assistência pública, ou seja, causavam prejuízo ao Estado. Pode-se dizer que a batalha contra a magia fez e faz parte do capitalismo, em que, para se ter poder, os obstáculos deveriam e devem ser desviados, quando não eliminados. A magia era e é uma rejeição ao trabalho, servia e serve como uma resistência de base ao poder. Com isso, era e é necessário desencantar para poder dominar (FEDERICI, 2019). Dessa forma, as pessoas “[...] ao recorrerem ao poder da magia, debilitavam o poder das autoridades e do Estado, dando confiança aos pobres em sua capacidade para manipular o ambiente natural e social e, possivelmente, subverter a ordem constituída” (FEDERICI, 2019, p. 317-318). Conclui a autora dizendo que a caça as bruxas permaneceu por dois séculos, findando-se somente quando a classe dominante manifestou uma crescente sensação de segurança em relação ao seu poder.

No século XV, conforme Cassimiro, Galdino e Sá (2012), surge o Renascimento, como transição da Idade Média para a Modernidade, em algumas cidades da Europa e se expandindo a alguns países. Esse processo representou, para a sociedade, além da mudança econômica, a modificação no pensamento e organização política das pessoas. Nunes (2014, p. 15) evidencia dizendo que no Renascimento,

O discurso renascentista desvinculava a ação humana da obra divina e lhe dava autonomia, uma concepção que mudou significativamente a forma como a sociedade se relacionava com seu próprio corpo: aos poucos, foi se estabelecendo uma compreensão corporal – mais funcional do que religiosa – resultante do avanço do conhecimento da anatomia e da fisiologia. O corpo como centro do universo, como fundamento que vinculava o humano ao ambiente, um novo imaginário técnico iria trazer novas representações, o surgimento do homem público e de novas formas de disciplinamento dos corpos. A concepção iluminista trouxe o domínio da natureza como condição necessária para a autonomia humana e a organização espacial se tornou parte de seu projeto de mundo.

A Modernidade, para Cassimiro, Galdino e Sá (2012), caracterizou-se pelo surgimento da Ciência Moderna e de uma nova concepção do ser humano, que fez com que as pessoas passassem a ser responsáveis pela produção de conhecimento. E abriu espaço para o desenvolvimento da racionalidade. Evidenciam ainda os autores que, no final do século XVII, com o nascimento da burguesia, uma nova classe detentora de poder, o corpo humano foi considerado pelas Ciências Biológicas como uma máquina cheia de engrenagens. Com isso, com a disseminação da concepção mecanicista, em várias áreas, foi favorecido o desenvolvimento das indústrias e, também, a consolidação do Capitalismo. Entremeia essas explanações a contribuição de Federici (2019), reforçando que a caça às bruxas foi um dos fatores balizantes para a passagem ao capitalismo. Assim, antes de transformar o homem em máquina, o sistema capitalista anulou as mulheres e as condicionou ao corpo atual. De certa forma, há a difusão desse condicionamento também sentidos no corpo do homem, que se evidenciam, especialmente, em tempos mais recentes. Huberman (2010, p. 157) expõe que “Uma vez iniciada uma indústria moderna, ela obtém seus lucros e acumula seu capital muito depressa”, pois, com o capital acumulado, o capitalismo industrial – desenvolvido inicialmente na Inglaterra – ganhou força e se estende até os dias de hoje favorecendo uma minoria. Em relação à acumulação de capital, Huberman (2010) destaca que veio do comércio primitivo, acrescido de trabalhadores que não possuíam propriedades, dando indícios do capitalismo industrial. Também

evidencia o autor que, houve uma acumulação de riqueza maior no sistema fabril, onde os donos, “[...] educados na crença de que o Reino dos Céus era deles, se economizassem e reinvestissem suas economias, empregavam novamente seu capital em fábricas. Assim, o sistema moderno, tal como o conhecemos começou a existir” (HUBERMAN, 2010, p. 170). O mesmo autor expõe que continuou, entre os séculos XVI a XIX, a privação do camponês para ter direito a terra, e que na Inglaterra, esse camponês praticamente desapareceu, devido ao desenvolvimento rápido do sistema capitalista industrial. Ainda enfatiza Huberman (2010, p. 249) que,

Enquanto o capitalismo continuar capitalismo, o capital excedente não será usado com o objetivo de elevar o padrão de vida das massas, pois isso significaria uma queda nos lucros dos capitalistas: ao invés disso, será usado para aumentar os lucros pela exportação do capital para o exterior, para os países atrasados. Nesses, os lucros são habitualmente altos, pois o capital é escasso, o preço da terra é relativamente baixo, os salários são baixos e a matéria-prima é barata.

Guattari e Rolnik (2011, p. 15) colaboram nas reflexões, no sentido de que, ao criar as indústrias, conseqüentemente levando a uma produção capitalística se estabelece um “[...] modo de controle da subjetivação [...]”. Destarte, é possível entender que a subjetividade, que possibilita a criação do sujeito em diferentes perspectivas, sofre uma interrupção, e nesse sentido, “*É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também na tomada de poder da subjetividade*” (GUATTARI; ROLNIK, 2011, p. 16) [grifo dos autores]. Novaes (2003) auxilia nesse pensar, referindo que há uma substituição do ser e de suas experiências de vida, quando há a manipulação do corpo, ditada pela Ciência, transformando o homem em máquina, um duplo mundo de descobertas que oferece tanto a beleza quanto o perigo.

Contribuem Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 27), dizendo que, “No renascimento, as ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico, começa a haver uma maior preocupação com a liberdade do ser humano”. Assim, segundo as autoras, o corpo sob esse olhar serviu de objeto de estudos e experiências, sendo analisado, investigado e descrito, entrecruzando a valorização do trabalho artesão e pensamento científico.

Na realidade, o filósofo Descartes parece ter instalado definitivamente a divisão corpo-mente; o homem era constituído por duas substâncias: uma pensante, a alma, a razão e outra material, o corpo, como algo

completamente distinto da alma. Mesmo se já se pensasse o ser humano como constituído por um corpo físico e uma outra parte subjetiva, a partir de Descartes essa divisão foi realmente instituída e o físico passou a estar ao serviço da razão (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28).

Evidenciam as autoras que algumas condições foram promovidas para o desenvolvimento da indústria moderna, fazendo surgir o sistema capitalista, como “[...] o crescimento e aperfeiçoamento da produção agrícola e dos meios de transporte da sociedade feudal, assim como o acréscimo da produtividade agrícola aliado à expansão comercial [...]” (BARBOSA, MATOS, COSTA, 2011, p. 28).

Essa mudança, ocorrida a partir do século XVII, tornou um corpo oprimido e manipulável (percebido como uma máquina, favorecendo o acúmulo de capital), alterando as relações com os trabalhadores. Disciplina era a nova palavra de ordem, sendo o corpo controlado e atuando mecanicamente, colocado a serviço da economia e da produção. “Com o início da revolução industrial a divisão técnica do trabalho acabou por reduzir o trabalho a uma simples ação fisiológica, desprovida de criatividade (o trabalho em série)” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28). Foucault (2014) expõe que a disciplina trouxe que o corpo foi descoberto como alvo do poder, que a ele são impostas obrigações e também proibições. Assim, fácil de ser moldado – manipulado, modelado, treinado –, impuseram limitações em seu fazer.

Segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia” de soldado (FOUCAULT, 2014, p. 162).

Sobre a disciplina, Foucault (2014) vai dizer que, nessa época, século XVII e XVIII, fortemente o controle e o poder se manifestaram em formato de dominação de um corpo que se mostrava com docilidade, embora necessitasse ter utilidade. Nesse contexto, não se descartava suas habilidades enquanto corpo humano, mas o que realmente interessava era o estabelecimento de uma relação de obediência *versus* utilidade. Relação esta que, é possível dizer, ocupa os dias atuais, mesmo se apresentando com outros nomes. O corpo ainda sofreu uma coerção que manipulou seus gestos e seus comportamentos, como pôde ser visto na citação do soldado, sendo que não foi a primeira vez e, é bem provável, não seja a última. Foucault (2014,

p. 164) expõe as diferenças que entremeiam a disciplina de outras formas de dominação:

Diferentes da escravidão, pois não se fundamentam numa relação de apropriação dos corpos; é até a elegância da disciplina dispensar essa relação custosa e violenta obtendo efeitos de utilidade pelo menos igualmente grandes. Diferentes também da domesticidade, que é uma relação de dominação constante, global, maciça, não analítica, ilimitada e estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão, seu “capricho”. Diferentes da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada, mas longínqua e que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência. Diferentes ainda do ascetismo e das “disciplinas” de tipo monástico, que têm por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade e que, se implicam em obediência a outrem, têm como fim principal um aumento do domínio de cada um sobre seu próprio corpo.

Assim, “Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada” (FOUCAULT, 2014, p. 165). Nesse contexto, é coerente dizer que a disciplina propõe um alinhamento. O alinhamento demarca ordem, controle. E o controle ajuda no desenvolvimento de uma sociedade que tem, na indústria, o foco para a riqueza. Sobre esse alinhamento Foucault (2014, p. 173) acentua que,

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados.

Barbosa, Matos e Costa (2011) descrevem que o desenvolvimento da sociedade industrial trouxe, em especial, à elite burguesa moderna, a experimentação das novas tecnologias. Com isso, havendo maior expectativa de vida, fácil acesso à informação e com “[...] os novos meios de transporte e comunicação expandiram as formas de interação e realização de atividades corporais” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28). E a partir dos séculos XVIII e XIX, o saber, o conhecimento,

passou a ter maior relevância, o que veio a contrariar as práticas mecanicistas. Houve, também, uniformização dos conceitos de beleza, reveladas com as novas tecnologias, que ficou convencionada à prática do consumo. Era também vista a chegada de uma sociedade anônima em que as pessoas já não mais se conheciam. Isso favorece que o ser humano passe a se proteger do olhar dos outros. Igualmente, conforme Barbosa, Matos e Costa (2011), um isolamento se evidenciava, um corpo que devia então, administrar a ausência de contatos. As autoras complementam, afirmando que: “Esta vivência passiva e defensiva é notória na forma como as pessoas caminham, no modo como se movem e evitam o contato físico, criando guetos individuais” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28). Essas constatações me parecem dialogar perfeitamente com o poema *Eu Etiqueta* de Carlos Drummond de Andrade, em que o poeta traça um retrato social dos reflexos advindos do consumo que também preconizam o isolamento, a individualidade.

Em minha calça está grudado um nome  
que não é meu de batismo ou de cartório,  
um nome... estranho.  
Meu blusão traz lembrete de bebida  
que jamais pus na boca, nesta vida.  
Em minha camiseta, a marca de cigarro  
que não fumo, até hoje não fumei.  
Minhas meias falam de produto  
que nunca experimentei,  
mas são comunicados a meus pés.  
Meu tênis é proclama colorido  
de alguma coisa não provada  
por este provador de longa idade.  
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,  
minha gravata e cinto e escova e pente,  
meu copo, minha xícara,  
minha toalha de banho e sabonete,  
meu isso, meu aquilo,  
desde a cabeça ao bico dos sapatos,  
são mensagens,  
letras falantes,  
gritos visuais,  
ordens de uso, abuso, reincidência,  
costume, hábito, premência,  
indispensabilidade,  
e fazem de mim homem-anúncio itinerante,  
escravo da matéria anunciada [...] (ANDRADE, 2015, p. 49).

A partir da ascensão do capitalismo, na sociedade contemporânea, descreve Manuel Castells (2008), citado por Ávila e Flores (2015, p. 3), que as representações do corpo “[...] passam a implicar uma revolucionária problematização do par natureza/cultura, principalmente em função das possibilidades abertas pela

virtualidade cibernética e pelo caráter tecnológico advindo da tecnologia da informação”.

No século XX, então, é possível ver outra concepção de corpo, em que Foucault (2004) diz surgir um corpo enquanto objeto científico, o corpo como objeto de estudo na Ciência. E percebe-se, entra em crise, em que sua expressividade se altera em aspectos de interioridade, subjetividade e exterioridade. É possível dizer que essa alteração que o sujeito teve, no convívio, foi devido aos seus modos de viver e interagir que se modificaram. Sobre esse assunto, Le Breton (2007, p. 10) pontua que o corpo, sob a luz dos holofotes, “[...] entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurecimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade”.

Com isso, Cassimiro, Galdino e Sá (2012) complementam que o corpo foi ganhando evidência, por meio de novas tecnologias e comportamentos, principalmente através do uso dos meios de comunicação. Também, o estilo de vida e o desejo de obter a perfeição física levaram o sujeito da “[...] sociedade industrial a buscar, excessivamente, um novo padrão de beleza, satisfazendo um desejo que não é próprio de sua natureza, mas, sim, de uma exigência para a sua inclusão na sociedade, em que tudo pode virar mercadoria” (ÁVILA, 2017, p. 43-44).

Nesta mesma linha de considerações, Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 28) acrescentam que “Modelos corporais são evidenciados como indicativo de beleza, num jogo de sedução e imagens. Veicula-se a representação da beleza estética associada a determinados ideais de saúde, magreza e atitude”. As autoras evidenciam ainda que a crescente ideia de se encaixar no padrão estético de beleza adotado fez com que o corpo, aparentemente, entrasse em crise, se tornando refém da indústria da beleza e da saúde, para chegar à imagem ideal de belo, preconizada pela publicidade. “O corpo é construído, decorado e expressa-se individualmente, é um projeto pessoal, flexível e adaptável aos desejos do indivíduo” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 29). Coube ao ser humano, então, para ser aceito e inserido num modelo de cultura e sociedade, modificar e alterar partes de seu corpo, com cirurgias ou uso de substâncias químicas, entre outras tantas formas. E nessa busca de adaptação, homens e mulheres se anularam, inúmeras vezes, de sua liberdade de ação e de sua expressividade, para não provocar a rejeição e a estigmatização. Evidenciam as autoras que, mesmo com a tecnologia trabalhando para ampliar os



cuidados e a preservação do corpo, no entanto, ficou evidente a sua crise – deixou de ser um composto de corpo físico e corpo com alma.

O físico agora decompõe-se em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais, etc. A publicidade ou os avanços da medicina, parecem transformar cada um destes pedaços num potencial alvo de consumo e de tratamento (ex.: reconstrução do nariz, implantação de cabelo, preenchimento de rugas, cirurgia corretiva das mamas e já decorre uma fragmentação maior – a descodificação do código genético do corpo humano) (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 30).

E isso permaneceu e permanece em evidência no século XXI, na contemporaneidade, quando esse corpo se mostra [em sua grande maioria], pressupondo-se uma tendência de afastamento às outras pessoas, às relações, possivelmente pelo excesso de informações e aparatos tecnológicos. Igualmente, despreocupação e desrespeito com o outro e com a cidade [meio ambiente, espaços públicos].

Exposto o corpo tradicional, com suas modificações, na deriva histórica é pertinente trazer a proposição de **corpo-trama**<sup>24</sup>, um corpo pensado como um campo de complexidade. Esse conceito de corpo é transversalizado por vários autores, a partir de Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), que explicitam essa visão de um corpo como um sistema fechado e integrado e suas dinâmicas moleculares, num processo contínuo, em que eles já sinalizam para os acoplamentos como um todo e que o organismo não existe separado do seu nicho. Pontuam Maturana e Varela que, ao mesmo tempo em que o sistema nervoso é um sistema fechado, o organismo não existe fora do seu nicho ecológico, percebido desde o primeiro momento do surgimento do organismo.

O conceito de corpo-trama contempla o avesso do sistema corpo, como metáfora reflexiva utilizada por Baptista (2020e), inicialmente em relação ao turismo. A autora apresenta a proposição conceitual do avesso do Turismo, lembrando que, no avesso, é possível perceber a trama complexa dos nós e laços, sua complexidade de amarrações e fios soltos. Trata-se, portanto, de um convite no sentido de abordar os fenômenos no seu todo e em sua dimensão complexa, com suas múltiplas amarrações e linhas derivadas, segundo a autora. Nesse sentido, o conceito de corpo-trama contempla também o avesso, tal como ele está presente nas discussões do

---

<sup>24</sup> Denominação inspirada na concepção de comunicação-trama, de Baptista (2000), trabalhada também nesta tese, na discussão sobre comunicação.

Amorcomtur!, que entrelaçam o turismo, a comunicação e as relações subjetivas. A metáfora do avesso se alinha ao desejo de compreender os fenômenos, tentando entender as amarras profundas desses campos de complexidade. Dessa forma, ao quisermos entender o corpo, como acoplado no seu nicho ecológico, como nos ensina Maturana, nós queremos entender esse corpo como um corpo vibrátil, como um corpo sem órgãos, como traz a Esquizoanálise, com Félix Guattari (2012), Félix Guattari e Gilles Deleuze (2010), Félix Guattari e Suely Rolnik (2011), Suely Rolnik (2011).

Nessa maneira de pensar e nessa visão de corpo, não é apenas a materialidade desse corpo, com seus outros órgãos, que nos interessa, mas é o corpo como um campo de complexidade, como um campo de singularidade, que nos leva a refletir que não existe um dentro e um fora (reflexões deleuzianas). O que existe é um campo de concentração de energias e de potencialidades. A visão esquizoanalítica é pautada pela ideia de agenciamentos e transversalizações constantes, na produção dos sujeitos.

No corpo-trama, está incluída a possibilidade do sentir e do amor, em sua dimensão de ética da relação. Um corpo que se apresenta tanto como complexo interno como complexo externo, que envolve sentimentos e emoções. É um corpo que acolhe. Que sente. E nesse pensar está o corpo do sujeito e do lugar, que também é um corpo. Quando eu digo que esse corpo sente, isso envolve o amor em sua plenitude e na sua dimensão de ética da relação. Isso se verifica, porque, para olhar para o outro (sujeito) ou para o lugar, e entendê-lo como parte ou extensão de si, se faz necessário sentir. E para sentir é preciso envolver-se. Entregar-se. Acolher. Nesse sentido,

A emoção que funda o social como a emoção que constitui o domínio de ações no qual o outro é aceito como um legítimo outro na convivência é o amor. Relações humanas que não estão fundadas no amor – eu digo – não são relações sociais. Portanto, nem todas as relações humanas são sociais, tampouco o são todas as comunidades humanas, porque nem todas se fundam na operacionalidade da aceitação mútua (MATURANA, 1998, p. 26).

Faz-se importante aceitar o outro como legítimo outro na convivência, como nos diz Maturana (1998), entendendo as diferenças e ‘com-versar’, fazer a conversação **entre** sujeitos e lugares para que possa haver uma sintonia e uma fluência indo para a mesma direção. Maturana também reforça, em relação à realidade que se constitui nas conversações e diz: “Nós, seres humanos, vivemos em

conversações, e tudo o que fazemos como tais o fazemos em conversações como redes de entrelaçamento consensual de emoções e coordenações de coordenações de comportamentos consensuais” (MATURANA, 2001, p. 179). É possível, diante disso, comungar dessas ideias que tornarão mais fáceis o sentir, dando mais sentido ao avesso e simplificando as narrativas que envolvem lugares e sujeitos. Contribui Baptista (2019, p. 67), expressando que “Narrar lugares e sujeitos implica, necessariamente, misturar-se, lambuzar-se com o gosto do outro, dos outros sujeitos, lugares, existências, energias constituidoras do ecossistema todo”.

E ainda, Maturana (1998, p. 22) assinala sobre o amor que “As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência”. Assim, é possível antever que as relações baseadas numa troca relacional envolvendo o afeto, o amor e as emoções podem ser mais facilmente internalizadas e exteriorizadas pelos sujeitos, não obstante, pelos lugares.

O amor constitui um espaço de interações recorrentes que se amplia e pode estabilizar-se como tal. É por isto que o amor constitui um espaço de interações recorrentes, no qual se abre um espaço de convivência onde podem dar-se as coordenações de conduta de coordenações consensuais de conduta que constituem a linguagem, que funda o humano. E é por isto que o amor é a emoção fundamental na história da linhagem hominídea a que pertencemos (MATURANA, 1998, p. 66-67).

Ampliando as considerações, Humberto Maturana e Ximena D’Ávila falam sobre o amor, em uma entrevista à Revista Bons Fluídos, que concederam em 2016. Os autores, no ano 2000, fundaram o Instituto Matriztico, em Santiago, no Chile, tornando-se em 2010, a Escuela Matríztica Santiago – espaço que estimula a conversa e a reflexão sobre a natureza humana e as relações entre os homens. Trago um pequeno fragmento dessa entrevista à Revista Bons Fluídos, utilizando somente de duas perguntas, que, a meu ver, dão conta de potencializar o pensar do avesso, que, por sua vez, ajuda a pensar o corpo-trama.

Uma das perguntas aos pesquisadores foi: o que significa colocar o amor como um fundamento biológico do ser humano? Em resposta, Humberto Maturana responde, reforçando o pensamento evidenciado em 1998, e descreve que “O ser humano não vive só. A história da humanidade mostra que o amor está sempre associado à sobrevivência. Sobrevive na cooperação. E [...] nós precisamos de um solo acolhedor para nos desenvolver. Nosso solo acolhedor é o amor” (REIS, 2016).

A outra pergunta foi sobre a definição de amor. Ximena D'Ávila responde, explicando que “Amar é uma atitude em que se aceita o outro de forma incondicional e não se exige ou se espera nada como recompensa” (REIS, 2016). Ximena ainda complementa que implica ocupar-se do bem-estar do outro e do meio ambiente. Humberto Maturana, por sua vez, formula uma resposta que evoca o pensamento sobre o amor construído em 1998, “[...] emoção fundamental que tornou possível a história da humanidade. Ele determina as condutas humanas, que, por sua vez, tecem o convívio social, entendendo aqui emoção não como um sentimento, mas como formas de relacionamento” (REIS, 2016). E intensifica Maturana que o amor dá a possibilidade de compartilhar a vida, de compartilhar o prazer de viver experiências com outras pessoas.

Na sequência das reflexões sobre o corpo-trama, há também, no entanto, neste século, uma crescente modificação nas escolhas e na identidade de cada um, instalando-se uma mistura de gostos e estilos. O corpo é “[...] construído numa espécie de simulação, uma aparência sem realidade” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 30). Revela-se, nessa modificação constante de ser, uma fragmentação perceptível por uma identidade frágil, que é também instável, advinda de suas relações (menos pessoais e impulsivamente mais virtuais). Lévy (2000), nesse ponto de vista, expõe que há um mergulho na virtualidade, possivelmente aproximando o sujeito de “homem-máquina/tecnologia”, mas defende que não há uma substituição do real para o virtual. Pode o sujeito querer aprofundar seu cotidiano no mundo *on-line* e dele fazer seu mundo real, impactando e fragmentando suas relações de convívio, como percebido no corpo do século XXI; porém, Lévy (2000, p. 223) argumenta, dizendo que “Se o virtual reveste a informação e a comunicação de suporte digital, a proposição é absurda: continuaremos a comer, a fazer amor corpo a corpo, a nos deslocarmos no mundo, a produzir e a consumir bens materiais etc.”. Há, nesse ínterim, uma perspectiva de alterações nos modos de viver e interagir, pressupondo que o sujeito possa se (re)ver, se (re)organizar, se (re)descobrir. Indo ao encontro de um novo pensamento a respeito do sujeito, Cobra (2017) expõe uma reflexão que envolve essa correria desenfreada de homem-máquina/tecnologia:

Precisamos nos convencer, definitivamente, de que o ser humano não é máquina e, embora os estímulos não cessem, o homem tem de aprender que tem de parar. Tem de saber parar. Tem de, intimamente, resgatar seu ancestral que acendia a fogueira no final do dia para repensar a vida, integrar o pensado, compreender o aprendido e, enfim, descansar. Dormir

profundamente. Deixar brotar o novo dia, para, aí sim, entregar-se de novo à nova batalha... (COBRA, 2017, p. 44).

Nas palavras de Cobra (2017), em diálogo com as proposições expostas, há a sinalização de que, para que as alterações na vida aconteçam, é necessário também ir mudando gradativamente os hábitos de vida. O autor salienta: “[...] só no amor, na entrega pura e verdadeira, um ser humano poderia realizar algo em benefício de seu semelhante” (COBRA, 2017, p. 12). É, de fato, uma possibilidade aos sujeitos, no sentido de se reinventarem nas relações, entrelaçados pelos sentimentos e pelas emoções, para que, então, possam reconstruir, imbuídos pelo amor, bases de *sobrevivência humana*.

Em certo sentido, porém, “Poder-se-á dizer que o corpo pós-moderno não se desvincula da modernidade, mas é capaz de recriar, de inovar e fazer rupturas” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 30-31). É possível dizer que esse corpo está em metamorfose constantemente, com isso, para juntar suas partes, saindo da fragmentação, pode ser corrigido e reconstruído, por meio de outros olhares. É assim, um alívio poder imaginar que o corpo (sujeito e lugar) pode produzir, vibrar. Ao pensar em metamorfose, como metamorfoses da subjetividade, estas “[...] então se operam, primeiro sob os efeitos tóxicos da ditadura que adoecem o corpo vibrátil e, em seguida, com as estratégias de sobrevivência desejante que se inventam para neutralizar o veneno” (ROLNIK, 2011, p. 16).

Nas afirmações trazidas, é possível incluir o pensamento de Espinosa (2015) em relação à Ética, quando o filósofo acredita que corpo e alma são unidos e possuem potência idêntica. O filósofo aponta que a Ética nasce dos próprios afetos e faz com que estejamos sempre em equilíbrio com a mente e com as ações. Dessa forma, é possível que entremos em contato com a interioridade de nosso corpo, para que possamos sentir o que ele nos diz. Azevedo (2017, p. 84), referindo-se à Ética espinosiana, complementa que ela implica uma prática, “[...] uma experimentação de maneiras de nos deixarmos contagiar pela alteridade, para conhecer o que fortalece nosso conatus e nosso potencial criativo e espontâneo, de modo que estejamos aptos a constituir encontros alegres”. Essas reflexões espinosianas são capazes de apontar que é pelo caminho das afetividades, da amorosidade, que as relações podem ser revistas. É necessário repensar “O que pode o corpo?” e trazer que, dessa resposta, é impossível sabê-lo, quando não se conhecem os limites em que o ser humano afeta e é afetado na interação com o meio em que circunda.

O bom encontro é aquele em que nos relacionamos com um corpo que convém com a natureza do nosso, no sentido de que ele se combina com a relação de movimento e repouso que caracteriza nosso corpo, aumentando a sua potência de agir. O mau é o encontro com um corpo que não combina com o nosso, no sentido de que o afeta destruindo ou decompondo sua relação característica – tal como acontece no envenenamento, indigestão, intoxicação (DELEUZE, 2003 citado por AZEVEDO, 2017, p. 82).

No pensamento e vislumbre espinosiano – com inspiração renascentista e barroca –, “[...] o corpo humano é uma multiplicidade ou uma complexidade, composta de corpos diversos, cada um dos quais, por sua vez, implica outras composições” (SODRÉ, 2018, p. 23). O corpo foi se constituindo ao longo dos séculos, alterando formas e formatos de se mostrar no mundo. Ora, tímido. Ora, extravagante. Dito isso, que corpo é esse que se movimenta? Que vive, conhece e convive? Age, reage e interage? É um corpo que carrega uma história.

Azevedo (2017) evidencia que a concepção de Espinosa constituiu uma ruptura com a separação radical cartesiana, quando se apresentava corpo e alma. Esse rompimento no dualismo cartesiano corpo-alma, propôs uma inovação sem precedentes. Com isso, Espinosa provocou a quebra de uma tradição hierárquica de superioridade da alma sobre o corpo, possibilitando o entendimento de que corpo e alma possuem igual potência e que são unidos. “A união corpo e mente configura não só a comunicação entre eles, como também o fato de que há correspondência entre os acontecimentos físicos e psíquicos” (AZEVEDO, 2017, p. 79). As contribuições trazidas ajudam a ampliar o entendimento de corpo-trama, no sentido de considerar corpo e alma, como modos de expressão de uma única e mesma substância. Assim, como o corpo carrega uma história, ele pode impregnar-se de particularidades estabelecidas, de vivências e experiências que poderão alterar os modos de viver e interagir.

Pode-se dizer que a história do corpo humano é a história da civilização, conforme pontua Barbosa, Matos e Costa (2011), em que “[...] cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 24). Continuam ainda as autoras dizendo que, nesse contexto, são criados padrões de beleza, também de sensualidade e de postura para se constituírem como homens e como mulheres.

E para avançar, para constituir, então, um outro olhar, “O arranjo de cada corpo depende da maneira pela qual ele se compõe com os demais, ou seja, a configuração do corpo está diretamente relacionada com as suas experiências, isto é, com a forma pela qual afeta e é afetado pelos demais” (AZEVEDO, 2017, p. 79).

Parece ficar evidente que a conversação, o ‘com-versar’ (sujeitos e lugares), em um corpo que é lugar de vida, que é lugar de existência, imbuído de amor, respeito, ética, são passos importantes para enredar outros olhares, sentir.

À vista disso, para que esse corpo possa existir, ele precisa estar em uma dinâmica constante de autopoiese, ele precisa ser nutrido. E para esse corpo ser nutrido, isso se dá em amor. Isso se dá nas relações. Isso se dá no linguajar. Nas múltiplas interações possíveis. E à medida que fazemos conexões, nos renovamos. Afetamos e somos afetados. E isso faz com que esse corpo, organismo-vivo, vibre numa frequência mais alta e ele começa a se reproduzir, se reinventar.

Nesse pensar, está entrelaçada a metáfora do avesso quando Baptista (2020e) fala do avesso do Turismo, avesso da Comunicação, avesso das Relações. Segundo ela, o avesso é o lugar onde existem as costuras que seguram toda a trama existencial. No avesso estão as conexões. Isso vale para o Turismo, a Comunicação, a Subjetividade e para todos os processos e fenômenos em investigação. Assim, essa visão de corpo-trama não desconsidera o corpo tradicional, apenas vai além do corpo composto de órgãos, com cabeça, tronco e membros. A visão do corpo-trama é a visão de um corpo que tem potência em seu interior, a partir do fluir interno de suas conexões e sua estrutura. É um corpo usina de produção, um corpo vibrátil. Ele, o corpo, é o próprio sujeito esquizoanalítico, em certo sentido, porque o sujeito esquizoanalítico é a usina de produção. Vale dizer, contudo, que o sujeito esquizoanalítico é tanto uma pessoa, quanto uma casa, quanto uma universidade, quanto um lugar. Assim, vale lembrar, o corpo não é só humano, o corpo é o universo agenciador de potência de vida.

Conforme vem sendo apresentado aqui, o corpo visto pela Esquizoanálise, então, não é um corpo físico, material, em desenvolvimento e que tem que ser controlado e moldado, é um corpo que vibra, é um corpo vibrátil. Corpo vibrátil para além do corpo físico, é uma “[...] trama de energias em pulsação e movimento, que constituem o sujeito, levando-o, desse modo, à produção de vida, às produções que o provoquem continuamente a continuar produzindo” (BAPTISTA, 2019, p. 64). Esse corpo também não desconsidera a materialidade, mas ele é um corpo que emana. É

um corpo que se mistura e, quando misturado, entrelaça energia. E como energia, somos potencializados ou não, dependendo de que energia nós estamos produzindo. “Quando um corpo encontra outro corpo, ou uma ideia encontra outra ideia, a maneira como eles se relacionam pode compor um aumento da potência de agir ou um pode decompor o outro, destruindo a coesão de suas partes” (AZEVEDO, 2017, p. 81). Assim, ele é um corpo que tem “[...] as formas culturais e existenciais engendradas numa relação viva com o outro [...]” (ROLNIK, 2011, p. 16). A esse corpo que vibra, que afeta e é afetado pelo meio, que vê e sente além do visível, que extrapola suas sensibilidades, que é intenso, que vivencia, que experimenta, ele agencia e engendra novas possibilidades de olhar o mundo, de redesenhar o que está à sua volta.

O corpo-trama quando visto pelo corpo do sujeito, ser vivo, ser vivente, que tem pele, sentimentos, se movimenta, vibra, tem materialidades, líquidos, gases, que constituem esse corpo. Tem o exterior que circunscreve o interior e dá visibilidade ao que é esse corpo para o exterior, mostrando a outras pessoas que vem de outros lugares, quem são. Destarte, o lugar é um corpo que tem vida, que conta histórias, registra culturas, constituindo-se como campo onde se estabelecem relações, encontros, convivência, além de negócios e turismo. E assim como o corpo do sujeito humano, o corpo que também é lugar tem a sua natureza, tem a sua origem histórica, tem elementos biológicos, tem elementos fisiológicos. Dessa forma, o corpo usina de produção está todo tempo em transformação e produz marcas. As marcas do território, desse corpo pessoa e as marcas do território, desse corpo lugar, são marcas para serem conhecidas, valorizadas e cuidadas (sejam pessoas, animais, construções, meio ambiente).

Cuidar do interior e do exterior de si, do lugar onde se vive e visita, cuidar das fronteiras em que cada um está, é fazer escolhas de como quer se mostrar e como quer ser visto (sujeito e lugar). Nesse sentido, é um corpo visto como um ecossistema. Não um ecossistema fechado, e sim um ecossistema aberto, que tem a parte de dentro, a parte de fora, entendendo que, as fronteiras desse corpo não são fechadas e nem são limitantes. As fronteiras são espécies de membranas que dão passagem para tudo que é exterior. Por isso, o corpo que é sujeito e o corpo que é lugar se fundem na tese. É por isso também que é expresso na Esquizoanálise, como resultante de atravessamentos e transversalidades. E as Tramas Turístico-Comunicacionais, assim como a autopoiese nesses dois corpos: sujeito e lugar, são vistas como parte importante para a autoprodução constante.



Diante do que foi exposto até agora, o corpo-trama é um corpo que pode ser trabalhado para gerar Comunicação *Corpoiesis*. O corpo (sujeito e lugar) entendido como sistema de vida, como corpo território existencial de produção de vida, que tem pele, físico, fachadas, fronteiras (limites de município – que são delimitações territoriais, mas que não impedem sua invasão nas imaterialidades do pensamento), sentimentos, movimento, vibração, cuidado, é uma visão ecossistêmica desse corpo, que envolve. É uma noção que transcende, que amplia a ideia de corpo. E que convida a sentir, a ter autoestima, estimar a melhora (do sujeito, do lugar de moradia e visitação).

Dito isso, a *Corpoiesis* é o reconhecimento de que nós (sujeitos e lugares) vivemos em territórios usinas de produção de vida. Como já evidenciado, o corpo é um território usina de produção de vida. Esse corpo território usina de produção de vida tem características para além das materialidades da construção desse território, existem também imaterialidades, níveis abstratos de conformação e que vão compondo um platô existencial – um plano de intensidade contínua. As relações que travamos são compostas de energia. Emanamos energia e nos conectamos com outras energias. Necessitamos então, de autoprodução constante. Cultivar a *Corpoiesis*, por meio do corpo e da autopoiese/(auto)transpoiese. Respeitar as características que cada sujeito e lugar tem, buscando se reinventar sempre, com a vizinhança, com as pessoas que chegam, que se aproximam, fazendo se sentir bem, estreitando e fortalecendo laços que vão impactar na relação-convívio do sujeito e do lugar. E dessa maneira, é possível criar uma teia da vida potente, que vai alimentando o próprio corpo (sujeito e lugar), e isso será capaz de produzir mais vida.

O corpo-trama, vibrátil, é um corpo que eu, como pesquisador, pessoa, profissional, penso como *Corpoiesis*. Um corpo que enreda o meu viver, o meu conhecer, o meu trabalho, nos meus saberes, nos meus fazeres. Dessa forma, sinto essa potência, que é trabalhar a Comunicação *Corpoiesis* dos sujeitos e dos lugares, nessa proposição de corpo que possibilita a (auto)transpoiese. E é um corpo que pode se (auto)transpoietizar se reinventando no cotidiano, nas organizações, no turismo. É um corpo também que, na comunicação e nas relações, não só se movimenta, ele é um corpo que comunica e se relaciona de todas as formas. Corresponde a um corpo que se movimenta e que também vibra, no cheiro, no som, no viver, no conhecer, na inter-relação com o outro, com o lugar, na combinação de tudo isso. E é capaz de se autoproduzir a todo instante. Igualmente, a proposição da *Corpoiesis* – corpo +

autopoiese –, é capaz de, no aparato da trama comunicacional, ajudar a trabalhar o acionamento e a potencialização de sujeitos e lugares [turísticos ou não].

### 3.1.2 Da Autopoiese à (Auto)Transpoiese

A Autopoiese, conceito fundamental na composição da proposição *Corpoiesis* se entrelaça na conversação com alguns autores. Nesse ponto, a conversa se deu, no início, principalmente com Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), cuja produção intelectual extrapolou o campo da Biologia, para significar uma grande contribuição para outras áreas, como a Educação, a Política, a Subjetividade. Do mesmo modo, demais autores dialogam com a proposição da Autopoiese e serão trazidos para a conversação ao longo do texto.

Saliento que o conceito de autopoiese, que Maturana e Varela (1997) apresentam, ajuda a construir minha tese porque ele sinaliza para a potência dos sujeitos e, igualmente, dos lugares a estarem em constante autoprodução de si. Trata-se, já adiante, de uma leitura do conceito, um modo de pensá-lo, em associação com os pressupostos ecossistêmicos desta tese. Também evidencio que alguns outros autores entram na conversa, para além dos anteriormente citados como referência principal porque há uma convergência de pensamento e de estudos. Há conexões entre as abordagens conceituais.

A autopoiese foi cunhada pelos biólogos chilenos Humberto Maturana<sup>25</sup> e Francisco Varela<sup>26</sup>, em uma conversação em Santiago do Chile, em 1970. Ressalto que uma das provocações para Maturana dedicar-se a estudos que resultaram no conceito foi a pergunta de um aluno, que ele não soube de imediato responder, mas refletiu sobre a indagação. Em suas reflexões, ele se deu conta de que não tinha tal resposta, embora tivesse se preparado para responder questões semelhantes a essa. A pergunta foi a seguinte:

Senhor, você diz que a vida se originou na terra faz mais ou menos três mil e quinhentos milhões de anos. Que aconteceu quando se originou a vida? O

---

<sup>25</sup> Humberto Maturana iniciou suas reflexões acerca da autopoiese, ainda nos anos 1960, como professor na Faculdade de Medicina na Universidade do Chile, quando retornou ao Chile, após ter obtido o Doutorado em Biologia (PhD), na Universidade de Harvard.

<sup>26</sup> Francisco Varela foi aluno de Humberto Maturana no curso de Biologia, sendo 18 anos mais novo que o professor, o que, segundo Maturana (1997), se faz muito pequena ou nula a diferença, em relação à vida científica.

que começou a iniciar a vida, de maneira que o senhor possa dizer agora que a vida começou nesse instante? (MATURANA; VARELA, 1997, p. 10).

Maturana, ao refletir, tomou como primeiro ato, formular a si, a pergunta de uma maneira completa e fez dela o início de aprofundamento de seus estudos. Nas suas formulações, estavam as indagações sobre o que começava quando os seres vivos começavam na terra, buscando entender que classe de sistemas é um ser vivo. Maturana ainda relata que é tarefa principal de um biólogo o entendimento e a compreensão dos seres vivos como sistemas, buscando compreender a sua atuação autônoma e as relações de convivência. Conclui Maturana que, a partir dessas reflexões, passou a ter uma dupla tarefa, para responder à pergunta proposta. O aprofundamento das pesquisas de Maturana o levaram a inúmeras inquietações, que foram sendo construídas aos poucos e sempre com forte embasamento, ora sozinho, ora com parcerias.

A autopoiese é parte desse pensar de Maturana<sup>27</sup>, que já aparecia anos antes, com a ideia de expressar que os seres vivos produzem a si próprios através de mecanismos autorreguladores de um sistema fechado. No começo, entre 1958 e 1959, Maturana usou o termo – autorreferidos –, não satisfeito, percebeu que esse termo não dava conta de suprir o que buscava em relação aos seres vivos. O motivo era porque, segundo ele, essa noção de – autorreferência – dominava a visão do operar dos componentes que não dava conta do que ela gerava. A partir dos anos 1960, Maturana orientou suas reflexões no sentido de procurar uma maneira de falar dos seres vivos que “[...] abrangesse a constituição de sua autonomia como sistemas nos quais tudo o que acontece com eles em sua atuação como unidades separadas, seja em sua dinâmica relacional como em sua dinâmica interna, se refere somente a eles mesmos [...]” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 12).

Nessa época, em 1960, já havia cientistas debruçados em pesquisar respostas para a pergunta: Que classe de sistema é um ser vivo?, porém, os olhares eram outros. Só para citar alguns conceitos, trago dois exemplos: os olhares de Ludwig von Bertalanffy e os olhares de Niklas Luhmann. Na primeira metade do século XX, com a Teoria dos Sistemas de Bertalanffy, conforme Pellanda (2003), ficou cada

---

<sup>27</sup> Conforme Moreira (2004, p. 598), “Além da Biologia, Maturana interessou-se por Filosofia, Antropologia, Anatomia, Genética e Cardiologia (estudou Medicina durante quatro anos). Quer dizer, preparou-se no âmbito biológico de maneira ampla [...]”. Mesmo assim, seu interesse fundamental esteve centrado no humano.

vez mais clara a passagem de um paradigma com referência externa para um outro auto-organizativo. Prosseguindo, a autora pontua que, algum tempo depois, já na segunda metade do século XX, “Os estudos de Ilya Prigogine fazem uma releitura da II Lei da Termodinâmica, elaborada ainda no século XIX, segundo a qual tudo o que existe no universo tenderia para a morte térmica (entropia)” (PELLANDA, 2003, p. 1381). Conforme a autora, Prigogine sugere que, nos sistemas longe do equilíbrio, em que estão os seres vivos, a sociedade e igualmente a linguagem, é possível haver uma reversão pela auto-organização, que se dá pela interação. Com relação ao século XX, Pellanda (2003) afirma que eram perceptíveis as mudanças, já que não davam mais conta dos desafios da Ciência do século XIX, em que foram “[...] substituindo o cartesianismo por um sistema que se ia construindo em torno do conceito de auto-organização” (PELLANDA, 2003, p. 1380).

Os olhares de Niklas Luhmann apontam que “Os sistemas autopoieticos consistem em sistemas de comunicação, em que os seres vivos, em particular os humanos, não fazem parte dos sistemas sociais, mas constituem aspectos de seu meio” (TONET, 2014, p. 9-10). Maturana, segundo Tonet, é contrário a esse posicionamento, ao pensar que os sistemas de comunicação estariam estreitamente ligados aos processos de comunicação e que, sem esses processos, a comunicação não poderia acontecer. Maturana, em seu conceito, evidenciou que a autopoiese estava ligada aos organismos vivos, enquanto, para Luhmann, a autopoiese ganhou o sentido de *autopoiesis* social, estando conectada à autoprodutividade sistêmica. Esses sistemas fechados faziam a comunicação com seus códigos e estavam ligados a um sistema aberto para formar a autopoiese (TONET, 2014). O conceito de autopoiese tem se diferenciado no decorrer dos tempos, dependendo do olhar aplicado.

Dando continuidade à autopoiese evidenciada por Maturana, em 1964, o biólogo, em conversa com um amigo microbiólogo, Dr. Guillermo Contreras, buscava saber sobre citoplasma e núcleo e se poderia haver, nesse percurso, um fluxo de informações. Da conversa ao prosseguimento das pesquisas, Maturana percebeu sobre a autonomia<sup>28</sup> que constituía os seres vivos se dava por serem unidades

---

<sup>28</sup> “Importante frisar que a compreensão de autonomia não é aquela da liberdade completa, mas de descentração, implicando considerar o outro, exigindo responsabilidade nas ações e decisões. Esta distinção evidencia outra perspectiva de aprender, baseada nas relações sociais definidas pela cooperação e reciprocidade, absolutamente como um discurso ausentado de realidade” (ALONSO; SILVA; SILVEIRA; STROBEL, 2012, p. 1077).

separadas e com uma circularidade de produção em seus componentes (MATURANA; VARELA, 1997).

Naquele momento, Maturana percebeu que o ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular.

Um ser vivo ocorre e consiste na dinâmica de realização de uma rede de transformações e de produções moleculares, de maneira tal que todas as moléculas produzidas e transformadas no operar dessa rede fazem parte da rede, de maneira que com suas interações: a) geram a rede de produções e de transformações que as produziu ou transformou; b) dão origem aos limites e extensão da rede como parte de seu operar como rede, de maneira que esta fica dinamicamente fechada sobre si mesma, conformando um ente molecular que o contém por seu próprio operar molecular; e c) configuram um fluxo de moléculas que ao incorporarem-se na dinâmica da rede são partes ou componentes dela, e ao deixarem de participar na dinâmica da rede deixam de ser componentes e passam a fazer parte do meio (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15).

Em 1965, Maturana buscava uma palavra que desse mais sentido ao estudo que vinha fazendo e que, até então, utilizava a expressão organização circular. A partir de então, entre conversações e diálogos com amigos, e reflexões teóricas com Varela (seu ex-aluno e parceiro de pesquisa), em 1970, Maturana, propõe o nome autopoiese, para se referir à organização dos seres vivos.

A palavra autopoiese, dos vocábulos gregos "auto" (por si) se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores e "poiesis" (produção), significa criação, construção, fabricação (SIMONINI; ROMAGNOLI, 2019). Desta forma, autopoiese representa a significação de autocriação, autofabricação e até mesmo de autoprodução. Simonini e Romagnoli (2019, p. 7) relatam que é "[...] a essa característica de máquina autoprodutiva que a célula é considerada uma entidade vivente: um microuniverso capaz tanto de se autoproduzir, reproduzir e de se reinventar nessa produção". Moreira (2004, p. 598) pontua afirmando que a célula é um exemplo de unidade<sup>29</sup> autopoietica, em que "[...] seu metabolismo consiste em uma rede de interações que interconecta seus componentes moleculares e produz moléculas que formam parte da própria célula". O autor descreve que as moléculas que são produzidas pela célula "[...] são produtos da dinâmica celular e ao mesmo tempo insumos para seu próprio funcionamento" (p. 598). Ao se referir à máquina, Simonini e Romagnoli (2019, p. 7) reforçam, ao dizer que Maturana e Varela (1997)

---

<sup>29</sup> "A unidade autopoietica é produzida a partir de um conjunto de relações e por um processo de transformação" (ANDRADE, 2012, p. 112).

“[...] capturaram do conceito de máquina não o seu aspecto de serialização mecânica, mas seu aspecto de produção, de fabricação e funcionamento”. Maturana e Varela (1997, p. 71) dizem que “Uma máquina autopoietica é uma máquina organizada como um sistema de processos de produção de componentes concatenados”, entrelaçados de tal maneira que geram e produzem relações, através de suas contínuas interações e transformações. “Podemos dizer, então, que uma máquina autopoietica é um sistema auto-homeostático que tem a sua própria organização como a variável que mantém constante” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 71).

Simonini e Romagnoli (2019) contribuem ao evidenciar que até o século XVIII o entendimento da vida, do corpo e do cosmos era feito como uma máquina mecânica que continha a previsibilidade calculável em seus movimentos. No século XIX, eram tidas como máquinas térmicas que possuíam desdobramentos advindos da física e da cibernética. No final do século XX, o conceito de máquina autopoietica, com o trabalho de Maturana e Varela, “[...] ganhou relevância nos estudos sobre a vida e sobre a cognição, sendo este apropriado por Félix Guattari no desenvolvimento de seu conceito de produção de subjetividade e suas problematizações em torno dos processos de subjetivação” (SIMONINI; ROMAGNOLI, 2019, p. 1).

É possível, conforme Maturana e Varela (1997), também pensar em sistemas autopoieticos fora do âmbito molecular. Neste contexto, os autores evidenciam que existem diferentes ordens, segundo o domínio no qual eles se efetuam. Expõem que as células (de primeira ordem) são sistemas autopoieticos que existem diretamente como sistemas autopoieticos moleculares. Expõem Maturana e Varela também que, como organismos (de segunda ordem), os sistemas são estabelecidos como agregados celulares. Os autores ainda possibilitam pensar em sistemas autopoieticos de terceira ordem, quando exemplificam, por meio de uma colmeia, de uma família, ou até mesmo de um sistema social, “[...] como a classe particular de sistema que cada um desses sistemas é” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 19). Os autores continuam e dizem que, independentemente das ordens, há uma transformação que ocorre modificando o ser vivo. Demonstram ainda que a autopoiese molecular, além de caracterizar o viver, o realiza totalmente, considerando que é o todo fenômeno biológico que envolve a realização da autopoiese.

Moreira (2004) contribui, ao dizer que há uma permanente mudança estrutural que faz, dessa forma, com que o ser vivo, em sua organização, seja denominado estruturalmente de máquina autopoietica (sistema dinâmico), com sua estrutura que

está constantemente se modificando. Por organização, Maturana e Varela (2011, p. 87) entendem que são as relações que se dão entre esses componentes de um sistema. Por estruturas os autores evidenciam que são a unidade constituída nessas relações para realizar sua organização. Portanto,

[...] uma organização autopoietica constitui um domínio fechado de relações especificadas somente com respeito à organização autopoietica que elas compõem, determinando desta maneira um espaço no qual tal organização pode materializar-se como sistema concreto, espaço cujas dimensões são as relações de produção dos componentes que o constitui em: i) Relações constitutivas, que determinam que os componentes produzidos constituam a topologia em que se materializa a autopoiese. ii) Relações de especificação, que determinam que os componentes produzidos sejam justamente aqueles componentes definidos por sua participação na autopoiese. iii) Relações de ordem, que determinam que a concatenação dos componentes em suas relações de especificidade, constitutivas e de ordem sejam as especificadas pela autopoiese (MATURANA; VARELA, 1997, p. 81-82).

Em concordância com esse pensar, Claudia Castro de Andrade (2012) afirma que, para Maturana e Varela (1997), o funcionamento de todos os organismos se dá por acoplamento estrutural. Desse modo, é possível afirmar que a interação que acontece com o meio, não acaba enquanto houver vida (mudança estrutural contínua). E ainda se dá, de igual forma, com a conservação da relação de circularidade de transformação, que acontece entre o organismo e o meio.

Andrade (2012, p. 99) expõe que, “[...] embora sejamos determinados por uma estrutura biológica, essa determinação estrutural não implica num reducionismo biológico, pois o meio interfere na forma com que iremos interagir com nossas próprias estruturas”. Assim, na dinâmica relacional, as perturbações do meio só interferem, mas não determinam o que acontece com o ser vivo, por este ser autônomo. O que determinará o que irá acontecer é a sua estrutura enquanto ser vivo, havendo, por parte do observador, uma correlação entre a dinâmica interna e o meio, e ele o faz, a partir de sua perspectiva externa.

À vista disso, como sistemas autopoieticos, os seres vivos são, ao mesmo tempo, produtores e produtos. A esta noção de autonomia, segundo Alonso et al. (2012), estaria ela vinculada à dependência ou independência, que são inseparáveis da auto-organização. Também, pode-se dizer que, está vinculada ao conhecimento, onde os seres vivos conhecem o mundo. “Viver é interagir, e interagir é conhecer, por extensão, viver é conhecer” (ANDRADE, 2012, p. 100).

Desta maneira, inseparáveis o viver e o conhecer, como uma ação que se efetiva enquanto ser vivo, Alonso et al. (2012), baseados no pensamento de Maturana e Varela (1997), expõem que os componentes engendriam o sistema circular que os produz. Assim, salientam Alonso et al. (2012) que sendo a vida um processo que envolve o conhecimento, a interação é o modo como esse conhecimento acontece, aprendendo vivendo e vivendo aprendendo.

O conhecimento então, proposto pela Biologia do Conhecer de Maturana e Varela, depende do corpo físico, mas também implica das interações e das reflexões. Sobre a reflexão, comentam Maturana e Varela (1997) que é um ato que nos faz voltar a si mesmos permitindo desvendar nossas cegueiras e reconhecer que há incertezas no processo.

Nesse conhecimento evidenciado por Maturana e Varela (1997), está implicado o conhecedor que é o ser vivente, o ser humano, numa correlação entre observar e ser observado, na interação pela linguagem. Dessa forma, um observador que observa e se observa, em seu próprio ato de observar, pode até produzir uma circularidade que causará estranheza (ANDRADE, 2012). Ao se reconhecer como parte integrante do fenômeno em que está envolvido, ao observar e se observar, o conhecedor aumenta as possibilidades do conhecer, do conhecimento.

Andrade (2012) ainda acrescenta que o conhecimento do ser humano é fruto de uma correlação interna que, quando organizadas pelo entendimento, são exteriorizadas pelos modos de viver e interagir. “Nesse aspecto, a realidade não existe independentemente do observador. As coisas não existem independentemente da pessoa e de todo o seu aparato biológico que lhe oferece as condições necessárias para que essa correlação se efetive” (ANDRADE, 2012, p. 100).

O autor expõe que a autopoiese, ao ressaltar a correlação interna, que somos nós, seres vivos, seres viventes, enquanto observadores, que atribuímos sentido à realidade nas distinções, compreensões e interpretações que fizemos sobre algo ou alguma coisa. Somos, o tempo todo, influenciados externamente, por fatores sociais, psicológicos e culturais, e internamente, pelo modo de pensar e agir, somos atravessados por um aparato de complexidade e diferenças. Então, devemos perceber e suspender as certezas de como apreendemos o mundo.

A visão particular de cada um é somente a visão de cada um, não uma certeza absoluta e válida indiscutivelmente. Do mesmo modo, devemos reconhecer que é necessária a mediação biológica e cultural presente em nosso processo cognitivo que



estão a todo momento se relacionando, influenciando e também determinando mutuamente as relações recíprocas, conforme Andrade (2012).

Com relação à linguagem, o ser humano, com capacidade de reflexão, “[...] é o que torna tipicamente humano o modo de viver, pois permite a experiência social da pergunta (do conversar) sobre e pelo conhecimento, à medida que somos os únicos seres a termos como modo de vida a imersão na linguagem” (SACHET, 2008, p. 21-22).

Maturana e Varela (1997) acrescentam que, juntamente com o conhecer, a linguagem e os modos de viver e interagir, a percepção e o sistema nervoso, também ocorrem num processo cíclico, com correlações internas. Sachet (2008) se referindo ao sistema nervoso, este reforça o caráter autônomo do ser vivo, causando o processo do viver que envolve na sua arquitetura o processo de conhecimento.

A autora continua e diz que no conceito de autopoiese pode ser percebido duas importantes noções. São elas: a primeira é de que o conhecimento possui um caráter que é particular, num encadeamento circular, misturando ação e experiência. E “A segunda é a ideia de que não há uma descontinuidade entre o social, o humano e suas raízes biológicas. O conhecer pertence a uma só construção, pois em todos os seus âmbitos está fundado de uma mesma maneira” (SACHET, 2008, p. 34). Baptista (2004, p. 10) afirma ao evidenciar que o sujeito então se “[...] autoproduz e se reinventa a cada instante, nas múltiplas interações-relações, a partir dessa espécie de ‘motor interno autonomizador’, e dos vínculos com outros sujeitos autopoieticos”.

A respeito do ser vivente (autopoietico), Maturana e Varela (1997) afirmam que a autopoiese mostra que o ser vivo é um ente sistêmico, mesmo que sua realização derive do caráter molecular.

A teoria da autopoiese permite, além disso, entender os fenômenos da simbiose celular e de formação de sistemas multicelulares como fenômenos espontâneos de conservação sistêmica de uma nova organização, quando agrupamento de células, ou de organismos, dão origem a alguma configuração de relações preferenciais que os separa como conjunto de um meio que os contém. Finalmente, ao entender que o fenômeno do viver é a dinâmica autopoietica molecular, se pode entender: a) que o acontecer histórico dos seres vivos é um processo espontâneo de conservação de linhagens e de formação de novas linhagens na conservação reprodutiva de diferentes formas de vida (ou fenótipos ontogênicos), em uma derivação ontogênica e filogênica, b) que as variações nos modos de vida que dão origem a novas linhagens ao conservar-se na reprodução, surgem como variações epigênicas que se conservam na reprodução em circunstâncias na qual a herança ocorre como um fenômeno sistêmico da relação organismo-meio, e não como um fenômeno de determinação molecular, e c) que o

destacado com a noção de seleção natural é o resultado da conservação diferencial da variação na diversificação de linhagens, não o mecanismo gerador dela (MATURANA; VARELA, 1997, p. 24-25).

Nessa mesma linha de considerações, Andrade (2012) diz que a teoria autopoietica proporcionou o estímulo ao diálogo com outras áreas do conhecimento. Dentre elas, Sociologia, Filosofia (mente e linguagem), Educação e Epistemologia. No entanto, precisamos estar cientes de que mudanças alteram olhares, ações. E que sermos potentes também implica sermos interligados com o ecossistema todo. Isso é importante, porque, nessa rede de relações – eu, o outro, o lugar –, somos todos, parte interligada de sobrevivência. A Natureza com certeza prevalecerá, independente de nossa mudança ou não.

Ao me referir à sobrevivência da Natureza, trago para o diálogo uma pequena passagem da palestra Constelações insurgentes: fim do mundo e outros mundos possíveis, com Ailton Krenak e Suely Rolnik, em que Rolnik se refere à sobrevivência de um rio (o Rio Doce) que foi afetado pelo lixo. Suely Rolnik diz que: “[...] aparentemente o rio estava morto, e depois de algum tempo eles descobriram que o rio tinha voltado a fluir por debaixo da terra, no subterrâneo” (FÓRUM, 2019). A autora propõe refletir que o rio não estava morto, mas que ele tinha, segundo suas palavras, um germe de vida. Esse germe mesmo massacrado, reagiu, voltando a fluir. Conforme Rolnik, “Ele criou as condições para que a vida ganhasse uma nova possibilidade de retomar seu fluxo e de recobrar um equilíbrio, um novo equilíbrio” (FÓRUM, 2019).

Penso que nós, seres humanos, vivos, aprendentes, tão intensos de vida, de energia, de ideias, podemos perceber que a atitude interna de cada um de nós, nos fará diferentes, mais potentes e intensos. Ao pensar sobre nossos afazeres diários, nossa relação com os outros sujeitos (diferentes, complexos, subjetivos) em ambientes organizacionais ou até mesmo em ambientes turísticos, em que implica a interação, há que se pensar nessas relações como um embrião de sobrevivência. Esse pensar, poderá gerar em nós, a reinvenção, e com isso a autoprodução, que poderá nos colocar em estado de *Corpoiesis*, entrelaçados com o ecossistema todo, gerando vida, preservando, respeitando, potencializando os sujeitos para comunicar e se relacionar com os lugares.

No relato de Suely Rolnik ao pensar a vida, a autora diz que, para ela perseverar, “[...] ela se constitui num processo constante de transfiguração toda vez que ela se vê ameaçada. Toda vez que esse germe de vida, não encontra condições

de germinar, esse embrião de vida, não encontra condições de germinar” (FÓRUM, 2019). Assim, para germinar, continua apontando Rolnik que é preciso tomar uma nova forma, diferente da forma anterior.

E ainda, é provável que tenhamos deixado de lado a intensidade da convivência relacional, a preocupação com o lugar e com o meio ambiente. Nas palavras de Maturana e Varela (1997, p. 33), há uma cegueira em nós que nos faz perder o olhar da vida cotidiana “[...] que permite ver a harmonia do mundo natural ao qual pertencemos, e já quase não somos capazes da concepção poética que trata desse mundo natural, da biosfera em sua harmonia histórica fundamental”.

Após esta constatação, pertinente trazer à cena uma reflexão de Maturana e Varela (1997) que convida a pensar sobre o caminho da destruição do mundo. Os autores pontuam que, nesse sentido, o conhecimento quando vier acompanhado de um refletir conscientemente, pode trazer responsabilidades nas ações. Dessa forma, há a consciência dos atos. E faz pensar que vivemos na linguagem, “[...] existimos no fluir recursivo do conviver coordenações de coordenações condutuais consensuais, e configuramos o mundo que vivemos como um conviver que surge na convivência em cada instante segundo como somos nesse instante” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 32).

Neste contexto, as discussões sobre as reações dos sujeitos, já estava presente desde 1997 e, continuam na contemporaneidade. Assim, ensinar por meio da amorosidade é desvelar a autopoiese de cada participante, pois, em um ambiente em que se constrói respeito e afeto é possível obter maior abertura para as relações, tendo o sujeito-participante como protagonista do processo.

Os seres vivos existimos em dois domínios, no âmbito da fisiologia onde ocorre nossa dinâmica corporal, e no domínio da relação com o meio onde tem lugar nosso viver como a classe de seres que somos. Esses dois domínios, ainda que diferentes, se modulam mutuamente de uma maneira generativa, de modo que o que acontece em um muda, de acordo com o que acontece no outro. É no domínio da relação com o outro na linguagem que sucede o viver humano, e é, portanto, no âmbito ou domínio da relação com o outro que tem lugar a responsabilidade e a liberdade como formas de conviver. Porém, é ali, também, que ocorrem as emoções como modo de conduta relacional com o outro ou ao outro, e é ali, no que é o fundo da alma humana, que está a frustração e a revolta dos seres humanos jovens. Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nosso “que fazer” e em nossas relações com outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado. Amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento. Além disso, o amor é fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social, e em particular fez e faz possível

o humano como tal na linhagem de primatas bípedes a que pertencemos (MATURANA; VARELA, 1997, p. 33).

Diante de tais fatos legítimos, concordo com o pensar de Maturana e Varela (1997) quando dizem que se continuarmos nessa cegueira iremos perder o fio condutor da vida. É preciso, então, frear o que estamos fazendo erroneamente e atentar para outros olhares, outras percepções que envolvem o viver e o sobreviver.

Andrade (2012) em relação a isso, expõe que o ser humano está em constante construção e autoconstrução e que para que haja uma circularidade não deve haver sobreposição e nem determinação na relação homem e meio. Dessa forma, é possível pensar que o ser vivente, o ser humano, o sujeito só existe a partir de um nó numa rede de conexões (PELLANDA, 2003). À vista disso, podemos ser capazes de reinventar olhares, percepções, modos de viver e interagir, pois, a possibilidade de auto-organização é capaz de desencadear uma autoprodução constante, a autopoiese, que envolve a capacidade de cada ser vivo produzir a si mesmo (MATURANA; VARELA, 1997) e também ao lugar. Maria Luiza Cardinale Baptista complementa, inspirada em Maturana, que a autopoiese “[...] se faz no encontro, no entrelaçamento, nas redes de afetos e vínculos, no ‘refazendo’, no processo de vivenciar o ‘estar junto’, a convivência” (BAPTISTA, 2019, p. 73).

Destarte, o conhecimento, o viver e o autoconhecimento são importantes para que seja possível constituir a própria existência, a convivência e as relações que darão significação para a reinvenção de sujeitos e lugares. Autoproduzir-se a todo instante é uma ação que implica cuidado consigo, com o outro e com o lugar, pois, nessa produção devem estar incluídos o amor e a entrega com envolvimento. Só assim, a autopoiese fará sentido para o viver e o ‘con(viver)’.

Ao finalizar a conceituação de Autopoiese, que compõe esta tese, nessas inúmeras reflexões trazidas, foi possível perceber que não estou sozinho na conversação. Igualmente que não construímos nada só para nós mesmos e sim para o outro, construímos para as relações estabelecidas, relações que nutrem e alimentam a *sobrevivência* humana. Faz pensar também que, nascer, renascer, pode resultar num outro turismo, numa outra comunicação, que seja relacional (BENI; MOESCH, 2016; 2017; MEDINA; GRECO, 1998; BAPTISTA, 2004), compreendendo a importância de ser responsável em relação a todos os ecossistemas, não apenas ao ecossistema social.

Entrelaça esse pensar, a esquizoanálise que mostra o quanto somos nômades, mutantes e as possibilidades rizomáticas que temos na criação de nos apresentar e de nos colocar no mundo. Também de pensar que esses muitos que somos, esses muitos que habitam em nós e que nós habitamos em relação ao espaço que ocupamos, nos valem do sentido da multiplicidade de nossas experiências e de nossas vivências. Assim, as experiências e as vivências, como fruto de olhares e experimentações, advindas dos sujeitos e que contam história, narram seus modos de viver e interagir, devem ser sentidas com intensidade, devem ser feitas com amor, com amorosidade (MATURANA, 1998; BAPTISTA, 2014). Devem também, ser percebidas com a alma que existe no lugar, trazendo Yázigi (2001) para o diálogo, pois, os lugares têm a sua constituição, a sua essência.

Para além disso, há que se rever que marcas iremos querer produzir, para 'com-versar' sujeitos e lugares, num tempo de reparos, na comunicação, nas relações, no turismo. É tempo de amor. Amorosidade sem restrições. A amorosidade consegue ter, então, uma força grandiosa, que transversaliza e constitui a convivência dos sujeitos. A ação da amorosidade é capaz de permitir que se aproximem as pessoas do conjunto de virtudes, pois, nela, estão incluídos o cuidado, o respeito, a confiança, a ética da relação. Neste sentido, Paulo Freire adentra a conversa e ensina:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática político-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 2019, p. 120).

Esse novo pensar, essas novas brotações, podem levar a percorrer pela autopoiese, a autoprodução, a reinvenção de si a todo instante (MATURANA; VARELA, 1997), possibilitando modificar caminhadas, voos e pousos.

Nesse sentido, vale dizer, Turismo é pensado nesta tese, com um processo de desterritorialização, que envolve o acionamento e mobilização de um complexo sistema integrado, de pessoas, lugares, meio ambiente, de uma comunicação relacional, uma comunicação-trama, que demanda responsabilidade ecossistêmica, para que as relações sejam marcadas pela amorosidade e pela transformação provocada pela autopoiese.

### 3.1.2.1 Autopoiese em sistemas abertos – (Auto)Transpoiese

O conceito de autopoiese, um dos pressupostos desta tese e do grupo de pesquisa Amorcomtur!, está sendo utilizado com uma proposição de diferenciação, a partir da proposição de Baptista, com o termo (auto)transpoiese. Baptista (2022b) explica que não se trata, exatamente, de um sistema fechado, ainda que ele seja assim apresentado por Maturana. Seguindo os ensinamentos sobre os acoplamentos organismo-nicho, de Maturana e D'Ávila (2015), a autora entende que, para haver a autoprodução, é preciso um sistema aberto, pois o corpo, ao estar em contato, ter interações, afeta e é afetado, provocando uma ressignificação nas ações e reações diante do seu cotidiano, das organizações, do turismo. Também, no entendimento da autora, o acoplamento não é somente estrutural, mas pautado com feixes complexos de entrelaçamentos em que ocorrem fluxos interacionais de materialidades e imaterialidades. “Trata-se de uma mudança epistêmica, de migração de alinhamento da discussão à Esquizoanálise e à Física Quântica, o que remete à lógica dos sistemas complexos abertos” (BAPTISTA, 2023)<sup>30</sup>. Daí a proposição de ampliação da noção de autopoiese para (auto)transpoiese, por parte de Baptista (2022b) e que assumo também nesta tese.

O pensamento de Fritjof Capra (2012) também é referência para a compreensão sobre os sistemas abertos, com os quais trabalhamos no grupo de estudos e que também orienta esta tese. Este autor, no livro ‘Teia da Vida’, demonstrou o percurso de desenvolvimento da Teoria Sistêmica, ao longo dos tempos, evidenciando que, no princípio, a teoria dos sistemas era funcionalista. Para Capra então, o passo adiante da teoria dos sistemas era sinalizar que as coisas acontecem de forma encadeada, de forma interdependente, de tal modo que o acontecimento de uma coisa altera outra. Isso inicialmente foi intitulado sistema, considerando uma lógica circunscrita (limitada), tendo como inspiração a ideia de corpo, uma ideia de ser vivo. Então, corpo era entendido como um sistema em que tudo depende de tudo e que tudo acontece interconectado, dentro do sistema.

Juntamente com isso, a ideia de ser vivo era entendida tendo como base a ideia de máquina que também era interpretada como um sistema. Então, o salto nesse caso, apresentado por Capra (2012), é que nas máquinas e seres vivos não há peças

---

<sup>30</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista, Declaração Pessoal ao pesquisador, em reunião de orientação. 2023. Diário de Pesquisa.

desconectadas. Trata-se de um sistema fortemente conectado, onde tudo acontece de forma entrelaçada e que pulsa sincronicamente, numa lógica já de teia da vida em que uma falha numa coisa altera todo sistema e um movimento ou aumento da potência de um lado altera todo o sistema circunscrito. Então, em fases iniciais, a concepção da visão sistêmica, assim como a concepção da visão sistêmica para a tecnologia, para a Biologia, para a Geografia, para todas as áreas, era uma visão funcionalista. E a ideia de que existia um sistema, só que esse sistema era fechado, era circunscrito.

Então, Humberto Maturana concebe o conceito de autopoiese juntamente com Francisco Varela (1997), compreendendo essa lógica sistêmica de um sistema fechado. Apesar disso, Maturana e Varela (1997) já compreendem que esse sistema fechado não existe isolado, que ele existe acoplado a um nicho ecológico. Então, o organismo como um sistema fechado, existe acoplado a um nicho ecológico, sendo esse acoplamento de caráter estrutural. Há uma estrutura do organismo que é acoplada a outras estruturas e que se nutrem mutuamente. O raciocínio de Baptista (2022b), no entanto, e que vem sendo conversado amplamente no Amorcomtur! é que se esse organismo existe somente em relação ao nicho ecológico e se existe em acoplamento e se organismo e nicho se nutrem mutuamente, se alteram constante e mutuamente, então não há fechamento no sistema. Essa compreensão está relacionada com o avanço das Teorias Sistêmicas, amplamente trabalhado por Capra e Luisi (2014), intitulado *A Visão Sistêmica da Vida*.

A (Auto)Transpoiese é, para Baptista (2022b), pertencente a algo que acontece no sujeito através de transversalizações resultantes dos acoplamentos internos e externos ao sujeito. Evidencia a autora que, conforme a lógica esquizoanalítica, “[...] os acoplamentos são constituídos de diferentes fluxos e engendramentos, tanto corporais quanto incorporais, em agenciamentos de potência de máquinas autopoieticas, pautadas pela complexidade de potências de agenciamentos rizomáticos e autopoieticos” (BAPTISTA, 2022b, p. 260). Nesse sentido, a (auto)transpoiese, como variação do conceito de autopoiese, acrescenta à ideia de autoprodução e reinvenção, conforme Baptista, a explicitação de que só há a possibilidade de autoproduzir-se e reinventar-se se ocorrerem processos de transversalização de sujeitos e seus nichos ecológicos. A autora ainda complementa, sobre a proposição da (auto)transpoiese, evidenciando o pensamento de Maturana, que

Assim, a partir de suas pesquisas, que se destacaram mundialmente, ele entendeu que a vida surgiu em decorrência de uma sequência de mutações e transformações do nicho ecológico, que geraram a primeira bactéria e, depois disto, compreendeu que o organismo que surgiu só passou a existir em função de que, ao mesmo tempo, surgia um determinado nicho ecológico, que possibilitava que ele surgisse e seguisse existindo, em uma dinâmica de autoprodução. Quer dizer, ele entendeu que os organismos vivos são seres complexos (resultados de complexificação), que existem em função de uma dinâmica de autoprodução – daí cunhou o termo ‘autopoiese’, que significa, literalmente, auto+produção. Estes seres só existem porque existe um nicho ecológico do qual são coprodutores, a partir do que ele chama de acoplamentos estruturais para fluxos constantes, em um presente contínuo. Todo este processo também está diretamente relacionado ao que Maturana chama de conversar, que envolve o processo de coexistir, em uma lógica recorrente de compartilhamentos de sentidos, pautada pela lógica de deixar o outro aparecer, uma lógica amorosa, de reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência. Isto, para ele, é o amor, que, por sua vez, é a base do estabelecimento dos laços sociais (BAPTISTA, 2022b, p. 259).

É possível dizer, então, que ao falar de (auto)transpoiese se fala em conversações, que transversalizam o pensar e o agir dos sujeitos, sendo capazes de acionar e potencializar suas ações. Assim, conforme Baptista (2022b, p. 258), essas conversações, tão necessárias em tempos de mudanças, “[...] são (auto)transpoiéticas, porque são transversais, relacionadas à potência de reinvenção no movimento, tanto o movimento do sujeito nos lugares, mas também o movimento entre os sujeitos que ‘com-versam’, produzem ‘com-versações’”.

Dessa forma, a (auto)transpoiese é produzida sempre em trânsito, segundo Baptista, sendo capaz de alterar o sistema, os modos de viver e interagir, em diferentes amplitudes e dimensões. Também é um processo de desterritorialização que é capaz de acionar uma teia de materialidades e imaterialidades que transversalizam, se complementam e, rizomaticamente, abrem outras possibilidades.

Nesse sentido, posso dizer que o conceito de autopoiese, cunhado por Humberto Maturana e Francisco Varela (1997), acrescido das discussões de Baptista (2022b), com o conceito de (auto)transpoiese, que amplia rizomaticamente, o olhar da autopoiese, como sistema aberto, reinventando e autoproduzindo sujeitos e lugares na transversalização de seus nichos ecológicos, foi um caminho elucidativo para chegar aos objetivos propostos. As ‘com-versações’ realizadas em São Luiz Gonzaga são expressão viva desse conceito e dos entrelaçamentos possíveis, para potencializar ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos.





*"Inspir[ação] em transformação, brotação que vem de dentro para formar a ação, trans(form[ação]). Transformar com intensidade, com amor a inspiração, é sobre viver na vida, para sobre(viver) ã vida, conscientemente, responsável ecossistemicamente, colaborando, estendendo e entrelaçando as mãos, unindo-se, para um futuro possível."*

*Newton Ávila*

## 4 TRAMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS

Falar de **tramas** é entrelaçar corpo, sujeitos e comunicação, entremeados em suas relações. Relações cotidianas, relações organizacionais, relações turísticas. Ao pensar as relações, sabe-se que o mundo está permanentemente em movimento e, também, que há diferentes formas de agir e reagir, bem como de produzir turismo. Por relações, conforme Chanlat e Torres (1993), entendem-se as trocas estabelecidas pela convivência. As relações são baseadas em modos de viver e interagir aplicados (que podem causar a aproximação ou o distanciamento). Logo, é possível compreender que os modos de viver e interagir são algo situacionais, que pode mudar de acordo com o momento, o ambiente e a situação. A noção das Tramas Turístico-Comunicacionais é alinhada aos estudos de Baptista (2018), de orientação ecossistêmico-complexa. A autora propôs o termo trama, relacionado à Comunicação, em sua dissertação de mestrado defendida em 1995 e publicada no ano seguinte (BAPTISTA, 1996), envolvendo as múltiplas dimensões de entrelaçamentos que compõem o processo complexo de interação de sujeitos. Depois, ela mesma fez a transposição do termo para o Turismo, do que resulta o conceito de Turismo-Trama.

Neste capítulo, apresentarei pressupostos reflexivos relacionados às Tramas Turístico-Comunicacionais que constituem este estudo. Começarei pelo recuo histórico do Turismo, para compreender o processo de constituição desse universo de saberes e fazeres e contribuir para refletir sobre a visão apresentada nesta tese, de Turismo relacionado à *Corpoiesis*. Na sequência, apresento reflexões sobre o avesso do Turismo, em conexão com os desafios das demandas contemporâneas. E, por fim, abordo a comunicação como trama-teia complexa, o que vai me ajudar, na sequência da tese, a apresentar o *lócus* da pesquisa, São Luiz Gonzaga e, depois, as múltiplas conversações com os moradores, para chegar à proposição do Projeto Comunicação *Corpoiesis*.

### 4.1 TURISMO – RECORTES HISTÓRICOS

Para falar sobre Turismo, irei fazer um recuo histórico com o objetivo de refletir sobre o processo de desenvolvimento do Turismo, de compreender mais profundamente suas tramas, seus imbricamentos, complexidades e potencialidades de devires. Parto do pressuposto de que esse processo – o turismo – decorre de uma

trama de conexões com muitos fatores: econômicos, políticos, sociais, entre outros. Depois de apresentar o recuo histórico, irei refletir, mais detidamente, em uma outra lógica de pensar o Turismo, com olhar holístico e ecossistêmico.

Ressalto que não tenho a pretensão de um levantamento histórico exaustivo, apenas de realizar alguns destaques, que denominei aqui recortes históricos, com aspectos relevantes para compreender o processo de construção da abordagem nesta tese. Trata-se de refletir sobre aspectos históricos do Turismo, que ocorreram em sintonia a ecossistemas mais amplos e que, por isso mesmo, precisam ser repensados.

Nesse sentido, em se tratando de história de viés mais Ocidental, pode-se pensar em origens remotas, desde as mais antigas civilizações. O século I (o primeiro século da Era Cristã, datado do ano 1 a 100) trazia o surgimento do Cristianismo e o auge do Império Romano (CUMONT, 2004). Nesse período, existiam as termas, as estâncias que abrigavam viajantes e os jogos de azar. No século III (201 a 300), o destaque é a construção de termas luxuosas, em que o mais humilde romano podia ter acesso diário, por uma pequena moeda de cobre, usufruindo a pompa e o luxo do lugar, em um banho público (DE MASI, 2003). Há que se destacar que, nesses primeiros séculos, havia indícios de deslocamento, ainda muito pequenos, mas que possibilitariam, futuramente, com o desenvolvimento econômico e a instalação da lógica capitalística, uma expansão nos motivos de viagem, apresentando maior expressividade a cada passagem de século. Fica aqui o registro de uma origem remota relacionada à busca de saúde e à experiência de bem-estar, diversão ou esportes. Não se tratava, ainda, de uma atividade organizada, como negócio, na lógica que se conhece hoje, mas de momentos seminais, que ajudam a refletir o surgimento de mobilizações de sujeitos, de deslocamentos, envolvendo uma trama de recursos.

Num salto para o século XIII (1201 a 1300), destaca-se o fato de que, no ano de 1282, os proprietários das principais pousadas de Florença, na Itália, reuniram-se para fundar o primeiro grêmio de proprietários de pousadas, com o propósito de transformar a hospedagem – até então quase sempre uma ação de caridade – numa atividade comercial (PIRES, 2001).

No século XV (1401 a 1500), há registros oficiais relativos à ‘descoberta’ da América, em 1492, com a chegada dos espanhóis ao continente americano. Houve então, o início do processo de colonização e a disputa por terras com os portugueses.

Outro fato é a Renascença (BOYER, 2003), que, mesmo sem precisão de datas específicas para seu início e seu fim, pelos historiadores, pode-se dizer que aconteceu entre meados do século XIV e fim do século XVI. A Renascença ou Renascimento foi um período da história da Europa que trouxe transformações na cultura, na economia, na política, na religião, alterando a manifestação em sociedade. Simultaneamente, caracterizou-se a transição do sistema feudalismo para o sistema capitalista. A Renascença contribuiu para despontar o turismo, fazendo impulsionar viagens culturais e mercantis (LICKORISH; JENKINS, 2000).

Destaca-se também que, na Idade Média, era possível perceber que a sociedade feudal era formada por três classes, sendo os sacerdotes, os guerreiros e os trabalhadores (HUBERMAN, 2010). Ao homem trabalhador, cabia a incumbência do trabalho e da produção para as outras duas classes. Desde então, o trabalhador (aqui camponês) era o responsável pelas terras. A esse camponês era dada a incumbência de cultivar a terra para o seu senhor, chefe, em que os benefícios da colheita seriam somente do dono. Numa segunda divisão de terras, o cultivo seria entre vários arrendatários. Os camponeses trabalhavam, diariamente, em média de 6 a 12 hectares, na Inglaterra, e 15 a 20, na França, sendo primeiro para o seu senhor e por último para o seu cultivo próprio. Os deslocamentos, nessa época, ocorriam em passeios que se davam a cavalo ou em charretes. Além disso, havia o registro de viajantes que, no período de verão, procuravam as praias do mar Mediterrâneo. Também, nesse período, houve o início das grandes navegações, as viagens marítimas de longa distância, que foram ganhando novas dimensões e que contribuíram para alterar os ritmos de vida. Traziam como propósitos, os interesses financeiros e consideravam o saber através de outras culturas e povos, com a possibilidade de conhecer outros lugares (BOYER, 2003).

No século XVI (1501 a 1600), de acordo com Lickorish e Jenkins (2000), o turismo foi inventado, de forma efetiva, em moldes mais próximos do que conhecemos como turismo. “As primeiras antecipações ocorreram com alguns viajantes humanistas que tiveram curiosidade pela Itália e o apetite pela Antiguidade” (LICKORISCH; JENKINS, 2000, p. 20). A Itália passou, então, a ser o grande destino cultural e, com isso, houve a construção das mansões de verão, em torno das cidades italianas. (A Figura 2 demonstra uma dessas curiosidades).

Figura 2 – Santuário de Madonna della Corona<sup>31</sup>



Fonte: Igreja italiana do século XVI<sup>32</sup>.

No século seguinte, o XVII (1601 a 1700), Huberman (2010) pontua que houve os primeiros sinais de crescimento industrial, que ainda eram pequenos, mas consideráveis. Assim, foram registrados indícios de modificações no cotidiano da vida das pessoas e de conseqüente emergência da ideia de turismo. Importante trazer, aqui, as contribuições de Huberman (2010, p. 114-115), quando evidencia um sumário das fases sucessivas da organização industrial:

1. Sistema familiar: os membros de uma família produzem artigos para seu consumo, e não para a venda. O trabalho não se fazia com o objetivo de atender ao mercado. Princípio da Idade Média.
2. Sistema de Corporações: produção realizada por mestres artesãos independentes, com dois ou três empregados, para o mercado, pequeno e estável. Os trabalhadores eram donos tanto da matéria-prima que utilizavam como das ferramentas com que trabalhavam. Não vendiam o trabalho, mas o produto do trabalho. Durante toda a Idade Média.
3. Sistema doméstico: produção realizada em casa para um mercado em crescimento, pelo mestre artesão com ajudantes, tal como no sistema de corporações. Com uma diferença importante: os mestres já não eram independentes; tinham ainda a propriedade dos instrumentos de trabalho, mas dependiam, para a matéria-prima, de um empreendedor que surgira entre eles e o consumidor. Passaram a ser simplesmente tarefeiros assalariados. Do século XVI ao XVIII.
4. Sistema fabril: produção para um mercado cada vez maior e oscilante, realizada fora de casa, nos edifícios do empregador e sob rigorosa supervisão. Os trabalhadores perderam completamente sua independência. Não possuem a matéria-prima, como ocorria no sistema de corporações, nem os instrumentos, tal como no sistema doméstico. A habilidade deixou de ser

<sup>31</sup> Localizado na encosta de um penhasco no norte da Itália, perto do Lago de Garda no Monte Baldo. O local da igreja era originalmente um eremitério, onde os homens santos se reuniam para a contemplação silenciosa. Mais tarde, em 1530, a construção da igreja foi iniciada e foi continuamente expandida ao longo do século XIX. (Fonte: Site Tendencee).

<sup>32</sup> Disponível em: <http://tendencee.com.br/2019/06/descubra-esta-igreja-italiana-do-seculo-xvi-que-foi-construida-ao-lado-de-um-penhasco/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

tão importante como antes, devido ao maior uso da máquina. O capital tornou-se mais necessário do que nunca. Do século XIX até hoje.

Compreender essas fases é importante porque, em paralelo à transformação da sociedade e dos modos de produção, ocorreu, do mesmo modo, a transformação do tempo livre e das possibilidades e motivos de deslocamento e viagens para lazer. Em todo esse processo, houve, também, o acúmulo de riqueza e as classes comerciantes proliferaram, dando indicativos de melhorias. Huberman (2010) pontua que o capital passa, então, a registrar um papel de suma importância, a partir do sistema de produção doméstica. Evidencia-se, com isso, a necessidade de ter muito dinheiro para a compra de matéria-prima que iria permitir a produção dos trabalhadores, ficando a cargo de quem detinha o poder, o capitalista, que tinha o dinheiro e que comandaria a produção. O autor também sinaliza para o fato que, entre o século XVI e XVIII, os artesãos, sem ter muita procura pelo seu trabalho, começaram a desaparecer, dando lugar ao surgimento dos assalariados, que foram ficando dependentes dos detentores do dinheiro e do poder. Essa dependência envolve tanto o tempo de trabalho quanto o tempo livre, em que haveria a possibilidade de viagens.

Nessa linha de considerações é possível dizer que houve o aumento do comércio e que, conforme se expandia, surgiam cidades, nos locais em que as estradas se encontravam (HUBERMAN, 2010). Isso fez com que o trabalhador, camponês, lutasse para conseguir ser dono de um pedaço de terra e ter a isenção de pagamento pelo cultivo da terra. Destarte, houve também a expansão do mercado, que começou a produzir a indústria capitalista. Houve então uma grande diferença na produção, que antes era para um mercado pequeno e estável e, depois, cresceu para além dos limites de uma cidade. Trouxe, com isso, o intermediário, “[...] que chamou a si a tarefa de fazer com que as mercadorias produzidas pelos trabalhadores chegassem ao consumidor, que podia estar a milhares de quilômetros de distância” (HUBERMAN, 2010, p. 109). Os deslocamentos que começavam a ficar voltados para as viagens de lazer, considerados como a base do turismo moderno, eram em grande parte pela elite – também por jovens da elite que eram acompanhados por professor particular – que tratava da saúde e ao mesmo tempo se divertia. Além disso, viajantes fora de suas moradias experimentavam a alegria de estar à mesa com um turismo que enredava a gastronomia e trazia a descoberta de novos gostos e sabores dos locais visitados (BOYER, 2003).

A seguir, trarei um quadro síntese do século XVII, com dados sobre a explanação acima do Turismo.

Quadro 6 – Transformações no Século XVII e relação com o Turismo

● Primeiros sinais de crescimento industrial.
● Indícios de modificações no cotidiano das pessoas e estimulação da ideia de turismo.
● Começo do acúmulo de riqueza e das classes comerciantes, que proliferaram e melhoraram seus estabelecimentos.
● Primeiros momentos de valorização da gastronomia e reconhecimento das diferenças pela descoberta de novos rumos e sabores dos locais visitados.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O século seguinte, o século XVIII (1701 a 1800), foi marcado pelas grandes descobertas e transformações em dinâmicas e processos sociais. O *The Tour* ou *Grand Tour* é, no turismo, um exemplo desse período.

O *Grand Tour* foi um fenômeno social que era típico da cultura europeia, nesse século, em que ocorriam as viagens aristocráticas pelo continente europeu. Eram “[...] anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo” (SALGUEIRO, 2002, p. 290). A autora pontua que o *Grand Tour*, após ocorrer o Tratado de Paz de Utrecht, em 1715, foi acontecendo com mais frequência. Com isso, na segunda metade do século XVIII, o *Grand Tour* teve o primeiro reconhecimento do turismo, como um negócio em potencial. Dessa forma, viajar por prazer, então, foi percebido não só como um ato isolado, mas também como um fenômeno social que tinha destinos específicos. Registra Salgueiro (2002) que os principais destinos do *Grand Tour* eram Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles.

Os viajantes, conforme Salgueiro (2002), tinham o costume de viajar de vários jeitos: uns a pé; outros em carroças; outros ainda em carruagem, cavalos, mulas, diligências, sediolas (tipo de carro de um único assento) e até em barcos a vela. Também acrescenta a autora que os viajantes, com a ajuda dos guias, desbravavam e conheciam morros. Já nas estradas, que eram ainda precárias, sofriam ataques de ladrões e, também, de contrabandistas. Para guiar as viagens, havia relatos, obras célebres, pessoas amigas, moradores locais e uma rede de contatos apoiada em comerciantes, banqueiros, diplomatas, artistas e estudiosos (SALGUEIRO, 2002). E

depois de percorrer as estradas os viajantes ficavam em acomodações que não tinham luxo; às vezes, em acomodações familiares e outras, em albergues.

Ainda foi possível ver que “[...] as viagens formam a juventude” (BOYER, 2003, p. 22). Conforme o autor, os lugares mais prestigiosos de hoje foram inventados, em uma época em que somente as pessoas de alta renda – ou quase – eram turistas. E os jovens retornariam para enriquecer seu próprio país, com os benefícios de suas viagens (Figura 3).

Figura 3 – O *Grand Tour* e os jovens viajantes da época



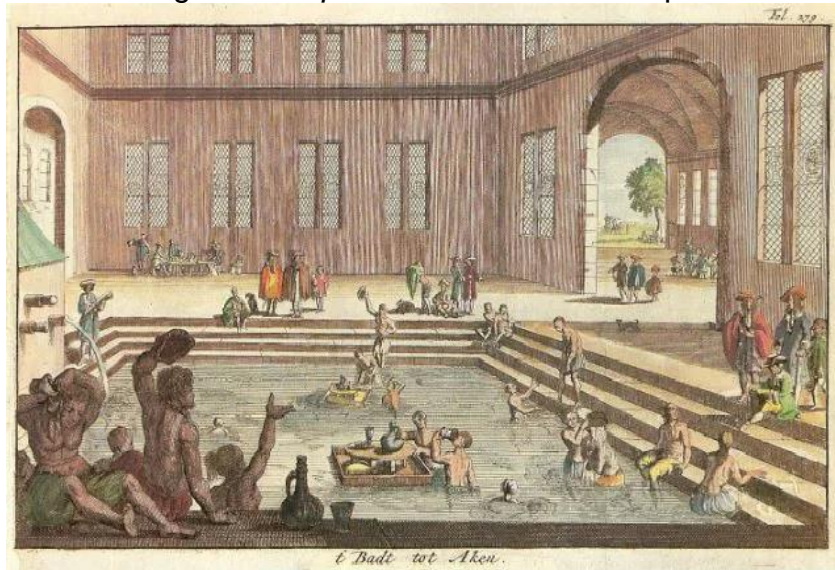
Fonte: Os mochileiros do século XVII e XVIII<sup>33</sup>.

As viagens trouxeram de volta, também, o gosto de estar próximo às águas. Além de desfrutar o prazer do beira-mar, essa aproximação também estava relacionada a tratamentos que proporcionavam a cura terapêutica. Consolidava-se, então, mais um motivo de deslocamento. Nessa nova busca, que envolvia a cura, Pires (2001) afirma que um médico, chamado Dr. Russel, foi o principal propagandista dos méritos do banho de mar. Surgiram, dessa forma, como alternativas, as estâncias costeiras que, futuramente, tornaram-se preferências entre viajantes. Igualmente, com a descoberta do uso do mar, houve o desenvolvimento dos *spas* (Figura 4), começando, primeiramente, nos balneários e depois se estendendo para as áreas litorâneas (LICKORISH; JENKINS, 2000). Os *spas*, apontam os autores, despertaram o interesse também da classe média da época. Até então eram frequentados somente pela classe mais alta e pela família real.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://medium.com/@brunacaricati/os-mochileiros-do-s%C3%A9culo-xvii-466094fd1913>. Acesso em: 10 mai. 2021.



Figura 4 – Spas e banhos como terapia



Fonte: Os spas do século XVIII<sup>34</sup>.

Similarmente é possível evidenciar a multiplicação das quintas (casas de lazer), as villas. E ainda, surgiu o amor pelo campo, que se tornara lúdico.

É possível dizer que, nesse século (XVIII), o turismo estava visivelmente se tornando um movimento e um negócio por si só. Além das novas forças econômicas, talvez o fator novo mais importante fosse a mudança na demanda ou no padrão, provenientes nos estilos de vida e nas preferências. Do mesmo modo, apenas as classes denominadas ricas, de elite, tinham o direito às viagens e ao lazer. Juntamente, a expansão do turismo, com o crescimento da população e o aumento da riqueza, foi estimulada por determinantes clássicos da demanda – lazer, tempo, dinheiro e interesse – ou o que é agora denominado preferência do consumidor (BOYER, 2003).

É interessante o que nos ensina sobre essa época Lickorish e Jenkins (2000), mais precisamente em fins do século XVIII, quando dizem que o movimento do romantismo, que aconteceu na Arte e na Literatura, trouxe o estímulo para o gosto pela natureza, juntamente com os gostos de apreciação pela arquitetura, igualmente pela arte e pelos locais históricos. Contribui Salgueiro (2002), ao afirmar que, entre as atrações estavam as ruínas, que estimulavam a curiosidade e a imaginação dos viajantes.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.mundoagua.com.br/blog/historia-e-origem-dos-spas-e-banhos-como-terapia/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

A seguir, trarei um quadro síntese do século XVIII, com dados sobre a explanação acima do Turismo.

#### Quadro 7 – Transformações no Século XVIII e relação com o Turismo

<ul style="list-style-type: none"> <li>● Primeiro reconhecimento do turismo como um negócio em potencial através do <i>Grand Tour</i>, sendo os principais destinos: Paris, Roma, Veneza, Florença e Nápoles.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Descoberta das viagens por prazer, principalmente pela nobreza. Viagens que deixaram de ser um ato isolado para serem vistas como fenômeno social.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Gosto de estar próximo das águas, o que, além de permitir desfrutar o prazer do beira-mar, proporcionava a cura terapêutica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Desenvolvimento dos <i>spas</i>, que começaram primeiramente nos balneários e depois se estenderam para as áreas litorâneas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve a multiplicação das quintas (casas de lazer).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Surgiu o amor pelo campo, que se tornara lúdico. Assim, o movimento romântico da época, trouxe o gosto pela natureza.</li> </ul>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O século XIX (1801 a 1900) teve uma enorme expansão econômica, marcada pela ampliação da Revolução Industrial e Científica. As mudanças representaram alterações, quando trens e navios transformaram as oportunidades de viagens. Nos trens, inicialmente, as viagens eram especificamente para o transporte de carga. Posteriormente, foram abrindo espaço para o transporte de pessoas. Nos navios, era possível dizer que se constatava perigo e desconforto dos passageiros, nas viagens transoceânicas, tendo havido melhorias com o passar dos anos. Igualmente se constatou recreação nos navios, tornando a viagem mais agradável. Nesse período, observa-se o desencadeamento de um processo de massificação das viagens, com o desenvolvimento da infraestrutura, que proporcionou, posteriormente, a criação de *resorts* (LICKORISH; JENKINS, 2000).

Ainda em relação às ferrovias, numerosos economistas e administradores, na Alemanha, no ano de 1835, viram a vantagem de unificar seu território politicamente fragmentado, construindo, então, o primeiro trecho. E com a inauguração de uma linha Leipzig-Dresden, cada cidade desejou ligar-se à vizinha ou converter-se num entroncamento (PIRES, 2001).

Na continuidade, por volta de 1841, Thomas Cook organizava as primeiras excursões, de forma coletiva na Inglaterra. Foram os primeiros indícios de um esboço

para o turismo social<sup>35</sup>, marcando sucesso em relação à organização do primeiro pacote turístico (BOYER, 2003). Colaboram e afirmam Lickorish e Jenkins (2000) que Thomas Cook trouxe a contribuição excepcional da organização da viagem completa – transporte, acomodação e atividade ou satisfação em um novo e desejado destino – o verdadeiro produto do turismo. Sua invenção foi copiada por todo o mundo, alterando a percepção da imagem das viagens para o prazer, ocasionando entretenimento e modificando, também, a percepção de férias.

Com isso, houve a proliferação das viagens e da estrutura profissional que organizava esses deslocamentos, formada por agências e operadoras de turismo. Esse processo proporcionou a criação de novos métodos de marketing, como excursões organizadas, pacotes turísticos, pôsteres e folhetos. Dessa forma, conforme as demandas iam crescendo, as agências especializadas ofereciam, a seus membros, atividades culturais e esportivas, com preços mais acessíveis. Estavam lançadas as bases para o que se convencionou chamar de Turismo de Massa, seguindo a lógica funcionalista (PANAZZOLO, 2005; SILVA, 2009; NOSCHANG, 2014).

Nos anos que seguiram, após a metade do século XIX, foram perceptíveis as alterações nos modos de apreciar as viagens. Entremeavam as apreciações, vários entretenimentos, que foram criados como forma de negócio. Entre eles: teatros, shows e eventos. Com o crescimento de um novo negócio, no ano de 1876, foi possível perceber melhorias nos transportes, trazendo viajantes motivados “[...] pela curiosidade e pelo encanto dos valores educacionais e de novas experiências” (LICKORISH; JENKINS, 2000, p. 31). E mais ao fim do século, com o aperfeiçoamento da bicicleta, e, também, do automóvel a motor, foi perceptível, conforme acrescenta Boyer (2003), um turismo que se deu de forma individual e maciça.

O Turismo teve seu reconhecimento e seu crescimento como atividade a partir desse século, atribuído a fatores como revolução da tecnologia, evolução dos meios de transportes, economia de alguns países, dentre outros (TRONCA, 2019). Foi

---

<sup>35</sup> Tradicionalmente, a denominação turismo social é atribuída às práticas turísticas relacionadas a pessoas de classes mais populares, com rendimentos mais reduzidos. Essas classes mais populares derivavam de uma concentração populacional em torno das máquinas (com o desenvolvimento capitalístico, associado a Revolução Industrial, também associada a urbanização, que aumentou a industrialização e a produção, provocando com isso o turismo de massa). Nesse sentido, depois de um período exaustivo de trabalho, através das férias remuneradas, esse público de classes mais populares, usufrui do turismo, com viagens de lazer, gerando consumo e visitas, independente da idade, bem como, da situação econômica ou cultural que possui (SILVA, 2009; NOSCHANG, 2014; PANAZZOLO, 2005).

possível também notar que, nessa época, a indústria e o comércio superaram a agricultura, como principal fonte de riqueza e força econômica. Com isso, tendo uma maior distribuição da riqueza foram proporcionadas, conforme apontam Lickorish e Jenkins (2000), melhorias na alfabetização e, conseqüentemente, na comunicação. Surge também, a vontade de conhecer novos países, novas culturas. Através da visitaçã, abriu-se o despertar do interesse pelo local, possibilitou conjuntamente a entrada de imigrantes<sup>36</sup> em diversos países.

A seguir, trarei um quadro síntese do século XIX, com dados sobre a explanação acima do Turismo.

Quadro 8 – Transformações no Século XIX e relação com o Turismo

<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve significativa expansão econômica, como consequência do processo de Revolução Industrial e Científica.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve a transformação das oportunidades de viagens, com trens e navios.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Foram organizadas, em 1841, as primeiras excursões de forma coletiva, na Inglaterra, evidenciando os primeiros indícios de um esboço para o turismo social. Thomas Cook proporcionou a organização da viagem completa com transporte, acomodação e atividade ou satisfação em um novo e desejado destino, que foi o verdadeiro produto do turismo.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve a introdução da indústria de viagens, com excursões organizadas, pacotes turísticos, pôsteres e folhetos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● O Turismo teve seu reconhecimento e seu crescimento como atividade a partir desse século, atribuído a fatores como revolução da tecnologia, evolução dos meios de transportes, economia de alguns países, entre outros.</li> </ul>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O século XX (1901 a 2000) representou a abertura para novos tempos e consolidação de processos anteriores, relacionados ao turismo. Nesse século ocorreu a socialização do Turismo que teve dois pontos distintos que se conectaram, em alguns momentos – turismo social e turismo de massa. O turismo social desenvolveu-se a partir de políticas públicas que, considerando a importância de um maior acesso das camadas populares ao turismo, apresentou propostas de rupturas e mudanças.

<sup>36</sup> Hansen (2017, p. 43), em relação aos imigrantes, ressalta que “A vinda de imigrantes estrangeiros para o Brasil no século XIX é um movimento que se insere no processo mais amplo da expansão do capitalismo em âmbito mundial. No plano europeu, o desenvolvimento do capitalismo em países como Alemanha e Itália foi capaz de gerar um excedente populacional sem terra e sem trabalho, que se converteu num foco de tensão social intenso. A presença de uma massa populacional excedente em termos de ocupação, de certa forma, ameaçava a estabilidade interna das nações. O envio de imigrantes para os chamados ‘países novos’ tornou-se um negócio vantajoso, possibilitando o processo de transição de mão de obra escrava para a mão de obra livre”.

O turismo de massa decorre de acontecimentos anteriores ao século XX, mas ele se consolida no século XX, aliado ao acirramento do processo capitalístico e da industrialização.

No ano de 1914, devido a 1ª Guerra Mundial, houve uma interrupção das ferrovias, fazendo com que o turismo ficasse estagnado por um certo tempo. Com o fim da 1ª Guerra, em 1918, desencadeou-se um processo de retomada da produção e do consumo e, por consequência, também de retomada do turismo. Além disso, segundo Lickorish e Jenkins (2000), aconteceu o aumento dos padrões de vida, seguido do interesse pela paz e pelo entendimento mútuo, bem como as mulheres tiveram um papel mais ativo de participação. Esse período também era conhecido como a era da mobilidade e das comunicações. As pessoas registraram um interesse maior pelo turismo de férias (turismo social), sendo que tirar férias<sup>37</sup> passou a ser um privilégio normal dos trabalhadores. Salienta-se que, “A partir da década de 1920, países como União Soviética, Itália e Alemanha criaram infraestruturas e incentivos para que os trabalhadores de baixa renda tivessem acesso ao turismo em grupos” (CHEIBUB, 2014, p. 252).

Enquanto isso, no Brasil, pode-se dizer que o turismo, conforme Paixão (2007), viveu, em 1920, os anos dourados. Segundo esse autor, havia cassinos em hotéis de luxo, nas estâncias termais, hidrominerais ou climáticas. Isso fazia com que a classe considerada elite, no País, pudesse ter a mesma sensação vivenciada com a moda e a vida europeia que estava acostumada. Paixão (2007, p. 134) complementa que “[...] aproveitando os recursos naturais, de forma a produzir efeitos terapêuticos, surgiram edificações de porte, locais magníficos de realização de jogos e espetáculos”. O autor ainda pontua que, em 1925, houve o avanço do turismo de saúde, e que prosperou devido à aviação comercial brasileira. Assim, o lazer aliado ao jogo e a proposta de recuperação de saúde podem ser consideradas estratégias para que mais públicos fossem atingidos.

Ainda no Brasil, um ano depois, em 1926, houve o nascimento da Sociedade Anônima Empresa de Aviação Aérea Rio Grandense – Varig, que trouxe inúmeros avanços para o turismo (GASTAL, 2009). Inicialmente as aeronaves quase não

---

<sup>37</sup> Na década de 1930, Cheibub (2014) salienta que, com um exaurimento físico e mental percebido nos trabalhadores, passou a ter então uma preocupação por parte dos sindicatos, o que favoreceu a difusão das férias e também do turismo.

transportavam pessoas, pela precariedade das acomodações. Com o tempo e a demanda, o serviço foi sendo sofisticado e atendendo às necessidades e ao mercado.

Voltando para o turismo no mundo, em 1929, com a Crise<sup>38</sup> e a quebra da bolsa de valores em Nova Iorque, foi propiciada uma nova interrupção das rodovias. Houve, também, uma modificação da sociedade, que continuava a ser uma pirâmide com pessoas da alta renda, na parte de cima, e com trabalhadores na parte de baixo (BOYER, 2003). A mudança, conforme o autor, se situa na difusão das classes. E, as novas estrelas já não eram mais príncipes e, sim, as estrelas que brilhavam no cinema em Hollywood, assim como os famosos conhecidos na arte, pelo teatro e, também, pela literatura.

Alguns anos depois, teve início a 2ª Guerra Mundial, em 1939, impactando negativamente o desenvolvimento do turismo, até 1945. Ressalta-se, entretanto, que o pós-guerra, iniciado em 1945, efetivou uma nova decolagem do turismo. Lickorish e Jenkins (2000) explicam que foi possível perceber que, tanto o transporte quanto outras formas de comunicação, mais especificamente a televisão, trouxeram um reforço para os fatores econômicos. Dessa forma, fortaleceram o turismo, através de propagandas que eram constantes, “[...] sobre os interesses e as variedades de atrações dos países estrangeiros. Gradualmente o apelo comercial pelos destinos internacionais superou o interesse pelo produto interno e pela vontade de ficar em casa” (LICKORISH; JENKINS, 2000, p. 37). Ainda conforme os autores, na era dos automóveis, da revolução da tecnologia, de mudanças e desenvolvimento industrial de massa, esse último concentrado nos países industrializados, houve uma aceleração nas riquezas e rendas. Dessa forma, foi perceptível um crescimento das viagens chamadas particulares, o que impulsionava um novo jeito de viver, advindo das propagandas relacionadas ao turismo juntamente com o direito a férias. Não obstante, com o aumento das férias pagas, foi possível aumentar a oferta de novos divertimentos de lazer recreativos. Segundo Lickorish e Jenkins (2000), ainda foram adicionadas outras formas, aos divertimentos, para ampliar o público que passaria a

---

<sup>38</sup> Nessa mesma linha de considerações, após a Crise de 1929, as pessoas passaram a consumir, não somente pela necessidade, como era até então – que consumiam quando algo acabasse –, mas pelo desejo de ter (Isso é claramente mostrado no documentário audiovisual – O minimalismo como alternativa na sociedade de consumo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=GtZ28H9-q\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=GtZ28H9-q_I). Acesso em: 14 mai. 2021). Constata-se ainda que, a partir de 1930, o governo americano criou uma série de incentivos para o consumo, devido à crise e quebra da bolsa de valores, sendo que isso foi impactando no mundo todo (DEFRUTANDO A VIDA, 2018).

desfrutar de tempo livre, como *campings* e a difusão de um transporte mais barato, possibilitando o fretamento de ônibus. Foi registrado, também, um considerável aumento no interesse por viagens ao exterior.

Com relação à tecnologia, é possível dizer que, na aviação, ocorreu o mais revolucionário desenvolvimento que, conforme Lickorish e Jenkins (2000), foi a rapidez e a segurança do transporte para viagens longas, aliado ao decréscimo dos valores das passagens. Isso trouxe maior interesse dos viajantes e crescimento no setor. Essa decolagem no setor, proporcionou, em 1950, um aumento do número de agências de turismo e de pacotes de viagem. Devido a esse aumento de agências e conseqüentemente de pessoas viajando, os hotéis, com o passar dos anos, foram melhorando suas acomodações, oferecendo quartos com banheiros, e passaram a oferecer serviços para ampliar o tempo gasto pelos clientes em suas dependências.

Na década de 1960, o Turismo foi visto como competição *versus* tradição, num processo marcado pela grande massificação turística.

Adiante alguns anos, no ano de 1989, com a Queda do Muro de Berlim, a Europa Ocidental do Leste se abre ao turismo. E para fechar o século, o ano 2000 foi considerado ano objeto de consumo, em que lugares e países foram atraídos em massa para visitaçã. Houve, com isso, a possibilidade de crescimento no setor de turismo, evidenciando a possibilidade de viagens a destinos distantes.

A seguir, trarei um quadro síntese do século XX, com dados sobre a explanação acima do Turismo.

#### Quadro 9 – Transformações no Século XX e relação com o Turismo

(Continua)

<ul style="list-style-type: none"> <li>● Ocorreu a socialização do Turismo com turismo social e turismo de massa.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve uma estagnação do turismo em decorrência da 1ª Guerra Mundial, em 1914, com uma interrupção das ferrovias. Ao fim da Guerra, em 1918, ocorreu a retomada da produção e do consumo, o que contribuiu para a retomada do turismo.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve um aumento dos padrões de vida, seguido do interesse pela paz e pelo entendimento mútuo, bem como as mulheres tiveram um papel mais ativo de participação.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve no Brasil, uma explosão do turismo em 1920, chamado de anos dourados, oferecendo cassinos em hotéis de luxo e nas estâncias termas, hidrominerais ou climáticas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>● Houve também, no Brasil, avanço do turismo de saúde, com a prosperidade da aviação comercial brasileira.</li> </ul>

(Conclusão)

- Houve um impacto negativo no desenvolvimento do turismo de 1939 até 1945, devido ao início da 2ª Guerra Mundial. Com o final da guerra, houve a decolagem do turismo.
- Houve o crescimento das viagens chamadas particulares, o que impulsionava um novo jeito de viver, advindo das propagandas relacionadas ao turismo juntamente com o direito a férias.
- Houve, com a tecnologia, desenvolvimento na aviação com rapidez e segurança, ampliação das agências de viagem e hotéis, proporcionando melhores acomodações e atrativos para a ampliação no tempo gasto dos clientes.
- Na década de 1960, o Turismo foi visto como competição *versus* tradição, num processo marcado pela grande massificação turística.
- No ano de 1989, com a Queda do Muro de Berlim, a Europa do Leste se abre ao turismo.
- Para fechar o século, o ano 2000, foi considerado ano objeto de consumo, em que lugares e países foram atraídos em massa para visitação. Houve, com isso, a possibilidade de crescimento no setor de turismo, evidenciando a possibilidade de viagens a destinos distantes.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O século XXI chegou com muita velocidade, muitas informações, muitas tecnologias. Neste século ficou claro, desde o início, que o corpo necessita estar em evidência – as postagens e as *selfies* ganham muita força, em que o *status* é mais importante do que as relações. O mundo do olhar para a tela e não para o outro toma proporções absurdas. Igualmente, algumas intempéries com adversas reações entre as pessoas e com o meio ambiente. Nos seus primeiros 10 anos, foram registrados alguns fatos que marcaram e impactaram o Brasil e também o mundo, assim como ocorreu na segunda década. Impossível passar por esses acontecimentos sem mencioná-los. Citarei apenas alguns, dentre tantos outros, que assolaram o dia a dia das pessoas.

A simples menção desses acontecimentos<sup>39</sup>, além de manifestar minha preocupação com o ecossistema todo, pode contribuir para repensar os rumos da vida no planeta e, conseqüentemente, a vida do Turismo. São percepções e conexões com um ecossistema existencial mais amplo, que nos convidam a refletir sobre os avessos do Turismo, sobre a necessidade de reinvenção das relações de sujeitos e lugares, como tem sido trabalhada nesta tese, no sentido de (auto)transpoiese. Entre esses acontecimentos, podem, então, ser destacados:

<sup>39</sup> Os acontecimentos que serão evidenciados foram pesquisados dos seguintes sites: G1, 2009; Web Artigos, 2010; Correio do Povo, 2010; Revista Exame [Online], 2011; Opinião & Notícia, 2013; Correio Brasiliense, 2014; Super Interessante, 2015; O Povo Online, 2019; Politize!, 2020; CNN Brasil, 2021; GZH, 2023.



- ✓ 11 de setembro de 2001, Estados Unidos, ataque das Torres Gêmeas e Pentágono, morreram 2.973 pessoas.
- ✓ 26 de dezembro de 2004, no Oceano Índico, na Indonésia, tsunami fez mais de 220.000 mortos.
- ✓ 12 de maio de 2008, no sudeste da China, terremoto vitimou mais de 87.000 mortos.
- ✓ Janeiro de 2010, Haiti, terremoto registra mais de 150 mortes pelo abalo sísmico. E com a destruição de imóveis, também a escassez de comida e a falta de saneamento básico provocou um surto de cólera no país. Nesse mesmo mês, no Peru, nas proximidades de Machu Picchu, deslizamentos de terra, além de inundação de casas, prenderam mais de 2 mil turistas.
- ✓ Abril de 2010, na Islândia, uma intempérie natural causou pane no sistema internacional, advindas das cinzas do vulcão Eyjafjallajokull. Nesse mesmo mês, um desastre ambiental espalhou cerca de 780 milhões de litros de petróleo, assolando o Golfo do México e a costa dos estados da Lousiana e do Mississipi.
- ✓ Em 2011, em Fukushima, no Japão, tsunami gigante deixou cerca de 20.000 mortos.
- ✓ Novembro de 2013, Filipinas, tufão Haiyan (considerado muito forte e de categoria 5) – milhares de feridos e registradas mais de 5 mil mortes. Cidades inteiras destruídas com a força do tufão, desabrigando milhares de moradores.
- ✓ Em 2014, epidemia de febre hemorrágica do vírus Ebola, matou mais de 6.800 pessoas, principalmente na Libéria, em Serra Leoa e na Guiné, no continente africano.
- ✓ Em 2015, constata-se que o planeta se encontra mais quente, em relação à década de 1990.
- ✓ Ainda em 2015, no Brasil, em Mariana, Minas Gerais, o estouro de uma barragem que teve lama jorrada, causou a morte de 15 pessoas.
- ✓ Janeiro de 2019, em Brumadinho, Minas Gerais, Brasil, um acidente de mineração trouxe, com o rompimento da barragem, mais de 250 mortos.
- ✓ 8 de fevereiro de 2019, curto circuito de um ar-condicionado, provocou incêndio no alojamento do Ninho do Urubu do Clube Flamengo, São Paulo, Brasil, matando os atletas da base do time carioca.
- ✓ 13 de março de 2019, em Suzano, São Paulo, Brasil, violência e morte de sete pessoas em escola estadual.

✓ Ainda no mesmo ano, 2019, no Brasil, uma série de incêndios atingiu a Floresta Amazônica (entre os meses de janeiro e outubro, em torno de 161.236 focos de incêndio foram causados). E manchas de óleo, concentradas no Nordeste, durante meses atingiram o litoral brasileiro. Esse vazamento afetou a economia do local e a vida marinha.

✓ Em nível mundial, no ano de 2020, houve ataque dos Estados Unidos ao Iraque. E a Pandemia COVID-19. O coronavírus foi declarado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma emergência internacional.

✓ A Pandemia COVID-19 invadiu o ano de 2021 e levou mais de 3 milhões de vidas pelo mundo.

✓ Fevereiro de 2022, registrada a Guerra da Rússia com a Ucrânia.

✓ Em 2023, em relação à Pandemia COVID-19, registradas mais de sete milhões de mortes no mundo. A OMS declarou, em maio de 2023, o fim da emergência global de Covid.

Em contraponto às intempéries, avanços tecnológicos, científicos e também aprofundamentos em estudos sobre o Turismo validaram ainda mais esse fenômeno como um dos universos da Ciência.

Na perspectiva desta tese, a proposição de turismo pensada para uma cidade como São Luiz Gonzaga é a das amarras que envolvem um planejamento ético, ecológico, com responsabilidade ecossistêmica, que respeita as características do lugar, que respeita os moradores, que respeita o ambiente. Então, todas essas catástrofes ajudam a dizer que, na compreensão das tramas turístico-comunicacionais subjetivas, a proposição que é feita é a de que os lugares sejam pensados, partindo de recursos próprios, de suas singularidades, em sintonia com o contexto vivido em sentido amplo, em ecossistemas mais amplos. Para isso, é necessário que haja conversas com sujeitos e lugares, para que o turismo se desenvolva sim, mas de forma ética, amorosa e de cuidado com o ecossistema. O olhar ampliado permite compreender a força dos entrelaçamentos com ecossistemas mais amplos e a compreensão da importância de consciência cosmológica. Desse modo, trata-se de pensar o Turismo não numa lógica de fachada, desenvolvimentista e produtivista, mas que se desenvolva considerando os seus avessos, todos os nós, os 'entrelaços nós', com todas as características intrínsecas, respeitando o todo.

A seguir, trarei um quadro síntese do século XXI, com dados sobre a explanação acima do Turismo.

#### Quadro 10 – Transformações no Século XXI e relação com o Turismo

- O século XXI chegou com muita velocidade, muitas informações, em que o corpo necessita estar em evidência – as postagens e as *selfies* ganham muita força, em que o *status* é mais importante do que as relações.
- Catástrofes, ataques, bombas, tsunamis, terremotos, vazamentos, queimadas, epidemias, mortes, desentendimentos, desempregos, desabrigados, fome, destruição do meio ambiente, imprudência, descaso, desinteresse, ganância, são algumas das intempéries que assolaram o Brasil e o mundo nessas duas décadas de século.
- Em contraponto às intempéries, avanços tecnológicos, científicos e também aprofundamentos em estudos sobre o Turismo validaram ainda mais esse fenômeno como um dos universos da Ciência.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Saliento que essa abordagem do século XXI tem como finalidade ressaltar o caráter ecossistêmico e fatores que transversalizam o universo do turismo. E tem-se claro que isso ocorreu em outros séculos, mas, por uma questão de proximidade aos fenômenos que estão sendo analisados mantive a ocorrência com maior aderência de notícias no século XXI, entendendo que a reflexão necessita ser amplamente revisitada. Como afirma Baptista, nas reuniões do Amorcomtur! e nas orientações de pesquisa: “Está em pauta, constantemente, a reflexão sobre que planeta queremos seguir construindo e que turismo podemos seguir produzindo, se queremos sobreviver e ajudar a criar condições de sobrevivência, amplas, ecossistêmicas”.

Evidencio que esse recuo histórico se fez importante para pensar, daqui para frente, as tramas de relações que envolvem o turismo e a comunicação. As tramas históricas possibilitaram fazer um panorama de como o turismo foi se consolidando e se apresentando nos mais diferentes lugares. Também pôde-se notar que o turismo, em nível mundial, com proporções gigantescas, pôde ser sentido, em grande parte, com uma lógica desenvolvimentista e produtivista. Ainda foi possível perceber que, em grande parcela, não houve o respeito pela capacidade dos lugares, não houve o respeito aos moradores e nem o respeito ao meio ambiente. Embora, no turismo, até então, houvesse altos índices econômicos, em termos de faturamento, a massificação dos lugares traria, logo, um colapso. Colapso esse que foi sentido com a Pandemia, quando a Terra, Gaia, fez com que as máquinas parassem.

Há, nesse frear, a convocação a repensar, para que possa ser possível o futuro do Turismo, a *sobrevivência* plena, envolvendo pessoas e meio ambiente. Há também, nesse repensar, embutido o cruzamento dos fios que constituem a trama desta tese, o avesso do Turismo, o avesso da Comunicação, o avesso das Relações. Fica evidente nesse outro pensar a importância de ‘com-versar’ sujeitos e lugares, evidenciando a necessidade da escuta. Em coerência aos estudos Amorcomtur!, nessa trama de avessos, estão transversalizadas as temáticas: amorosidade e autopoiese.

#### 4.2 RUMO AO AVESSO DO TURISMO

Ao estudar todo esse percurso apresentado anteriormente, posso dizer que ele ajuda a compreender que o Turismo hoje, no mundo, com suas contradições, suas complexidades e seus desafios, resulta de um processo histórico. Diante disso, manifestarei outra visão, a visão do avesso, conforme vem sendo trabalhada no Amorcomtur!, a partir da proposição de Baptista (2020e), com uma visão ecossistêmica complexa holística. Com base na visão ecossistêmica complexa, entende-se que existe um grande interesse nesta tese, no sentido de analisar todos os fenômenos e, também, o Turismo a partir das conexões. Trata-se de construção alinhada a pensadores contemporâneos do Turismo, que contribuem para a produção desta tese.

Beni e Moesch (2017, p. 23) compreendem o Turismo “[...] como uma amálgama na qual tempo, espaço, diversão, economia, tecnologia, imaginário, comunicação, diversão, ideologia, hospitalidade são categorias fundantes de um fenômeno social contemporâneo”. Os autores sinalizam que o protagonista no Turismo é o sujeito, seja como produtor ou consumidor dessa prática social, tida como um sistema aberto e em constante transformação (BENI; MOESCH, 2016). Beni e Moesch (2017) ainda referem que o Turismo é processo humano, e que esse processo vai além do que se entende por função de um sistema econômico. Assim, para eles, é necessário que haja um outro olhar – nesse outro olhar está o que Baptista (2020e) denomina como avesso do Turismo –, que **vá na contramão das relações impositivas**, também, dos códigos capitalísticos e que os valores não sejam incluídos somente como bens culturais. Nesse significativo sentido, os sujeitos e suas relações (através de sua comunicação) têm primordial importância para direcionar e alterar (se

necessário), os rumos do fazer turístico. Na lógica ecossistêmica, mais recentemente apresentada por Baptista, reconhece-se “[...] a ampliação do processo, para além do humano, o que implica o direcionamento para a compreensão da vida como decorrência da lógica ecossistêmica e de coexistência multiespécie, com superação do Antropoceno”<sup>40</sup>.

Dito isso, “O estudo do Turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente” (BENI; MOESCH, 2016, p. 21). Devemos buscar produzir Ciência com responsabilidade e ética. E acompanhado disso, precisamos, como diz Morin (2013), ir além, buscar a transdisciplinaridade, que trará sentido ao todo, sem a fragmentação do saber. A “Transdisciplinaridade, segundo Jantsch (1980), é o reconhecimento da interdependência de todos os aspetos da realidade, a consequência normal da síntese dialética provocada pela interdisciplinaridade, quando esta for bem-sucedida” (BENI; MOESCH, 2016, p. 24). A transdisciplinaridade envolve a permeabilidade na interação dos saberes. Assim, conforme Beni e Moesch (2017, p. 434), é compreensível pensar que a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade “[...] são fundamentais à análise do turismo como fenômeno social, cultural, comunicacional, econômico, possuidor de uma prática social, e, por isso, também, subjetivo, colocando o pesquisador em uma posição de avanço sob as fronteiras [...]”. Fica clara, aqui, a necessidade de ir além de um único campo de saber. Saliento que essas reflexões se relacionam com a noção de turismo-trama, turismo numa trama de relações, e com a noção de avesso do Turismo, para poder ajudar a fazer as conexões (BAPTISTA, 2017; 2020e).

Necessitamos então, mudar a forma e o formato pelo qual temos tratado o conhecimento em sentido amplo e, igualmente, o Turismo, como campo transversal de saberes e fazeres, até então. Conforme explica Molina (1986) citado por Korstanje (2014, p. 25), é preciso analisar o Turismo por diversos vértices, pois,

[...] turismo é articulado através de um conjunto de subsistemas relacionados com um objetivo comum: a) uma superestrutura, formada por leis, normas e regulamentos; b) uma demanda, representada por turistas; c) infraestrutura cuja função é apoiar e permitir a comunicação entre as partes; d) atrativos que os classifica como naturais ou culturais; e) equipamentos, ligados a hotéis, agências de viagens e outras empresas; f) a comunidade ou grupo receptor, que se refere aos moradores do local.

---

<sup>40</sup> Declaração pessoal, em reunião de orientação, via Google Meet, no primeiro semestre de 2023. Registro em Diário de Pesquisa.

Destarte, ainda é possível acrescentar que, nós pesquisadores precisamos, buscar a profundidade do conhecimento e das bases epistemológicas do Turismo, com a “[...] intencionalidade, a do sujeito (pesquisador), a do objeto como expressão da realidade a que pertence e da concepção de ciência (estrutura do conhecimento) que o apreenderá conforme o método utilizado” (BENI; MOESCH, 2016, p. 12). Também é importante compreender que o saber do turismo não é linear. E segundo os autores, não há evolução, “[...] mas ‘revolução’, progredindo por reformulações, por refusões no seu corpo teórico, por retificações dos seus princípios básicos. É assim que ela marcha em direção a um saber sempre mais objetivável, jamais inteiramente objetivo” (BENI; MOESCH, 2016, p. 10).

Nesse processo de busca de conhecimento e de produção do Turismo, necessitamos de mais cooperação e menos competição, porém, ainda temos, em vários segmentos, um Turismo atrelado ao capitalismo, ao consumismo e à massificação do local. Essa vinculação ocorre, inúmeras vezes, sem se importar com a capacidade desse local para receber tantos turistas, ou sem se importar com a opinião dos moradores, sobre uma melhor forma de proporcionar turismo no lugar. Falta também, em muitos casos, questionamento sobre como mostrar os atrativos do lugar, naturais ou físicos. Frente a isso, é que precisamos alterar o olhar, modificar a caminhada, em direção a um turismo-trama ou, como está sendo chamado aqui, ao avesso do turismo tradicional.

Nesse ínterim, depois de revisitar o percurso histórico do Turismo, o que estou propondo nesta tese é um Turismo pensado a partir de interações de sujeitos, pautadas pela ética e pela responsabilidade ecossistêmica. Isso significa que não está sendo pensado aqui em um turismo de fachada, num Turismo artificial, num Turismo fabricado na mesma lógica industrial, que durante muito tempo resultou na denominação de indústria do Turismo. A expressão refere-se a um Turismo que foi produzido com base nos princípios das indústrias, que foi forjado e que, ainda, é referência para muitas pessoas e instituições.

Baptista (2019, p. 68) evidencia que

São vários os pensadores que sinalizam, no entanto, em diversas áreas, a crise, a falência, do modelo com ênfase produtivista a qualquer custo, que espolia, destrói e desconsidera a nossa humana condição e a ecologia em sentido amplo. Há tempos já se tem claro que há poucas chances de sobrevivência para a humanidade, para o planeta, com a manutenção da

lógica evolucionista, racional e objetivista da Ciência Clássica e dos modelos produtivos também mecanicistas. Em várias áreas do conhecimento, vai surgindo a consciência de necessidade de outras práticas relacionais, dos sujeitos entre si, dos sujeitos com o trabalho, com o consumo, com o lixo, com o ambiente em sentido amplo, dos sujeitos com o turismo e os destinos turísticos.

Deve-se pensar, então, que a mudança não deve ser produzida apenas para o bem da humanidade, do ser humano, mas para a *sobrevivência* do ecossistema todo, conforme estamos discutindo no Amorcomtur!. Igualmente, o Turismo – pensando em um Turismo pós-pandemia – deve se pautar pela ética da relação e o cuidado com todos os sujeitos e elementos envolvidos em suas práticas, sendo que esses – sujeitos e elementos – extrapolam o universo dos humanos (MATURANA, 1998). De igual forma, podem ser criados outros contornos, outros delineamentos, em que os olhares podem se modificar, sendo capazes de uma (auto)transpoiese, de sujeitos e de lugares.

Em relação ao avesso do Turismo, conforme já mencionado, é uma discussão proposta por Baptista (2020e) a partir da metáfora do cotidiano da costura, que é pensado com todas as amarras. Nesse avesso, está a constituição complexa da trama com os nós, com os fios, com os arremates, com os fios soltos, com as emendas (porque somos constituídos não só de fios plenos, mas, também, de emendas). Nessas costuras, os pequenos nozinhos (recosturas) foram tomando forma e dimensão, nos constituindo, enredando a trama de conexões diante da vida. Pensar o avesso é pensar diferente. É querer ver um mundo melhor, com ações e reações mais agradáveis, com ética e com cuidado, geradoras de bem-estar coletivo. O avesso é o outro lado do trançado, que implica outros olhares e outras percepções. No caso do Turismo, esses outros olhares e essas outras percepções, não mercadológicas e não de relações impositivas e massificadas, entrelaçam os estudos e discussões do Amorcomtur!, que propõem um outro Turismo. A esse outro turismo também se aplica uma outra comunicação e outras formas de relações, mais afetivas e amorosas.

Existem linhas gerais sinalizadoras desse outro Turismo possível, que, inclusive, vem sendo sinalizadas em produções acadêmicas e eventos, tanto científicos quanto eventos que reúnem diferentes segmentos da sociedade. 'Um outro turismo é possível', foi livro organizado por Susana de Araújo Gastal e Marutschka Moesch (GASTAL; MOESCH, 2004); foi tema do Fórum Social Mundial Porto Alegre, que aconteceu em janeiro de 2005, propondo reflexões sobre desigualdades,

resistências e alternativas no desenvolvimento turístico; e também foi tema, em 2018, do 9º Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (Semintur Jr.). Um tema abrangente e emergente a ser tratado que reverbera em diferentes momentos, mostrando a importância da discussão. Essas linhas passam pela ética da relação e do cuidado, e pelo enfrentamento de grandes temas desafiadores para a sobrevivência do Turismo – tais como: a gentrificação (processo de segregação socioespacial vivenciado em áreas urbanas), a turismofobia (associada ao fetiche e ao espetáculo que envolve a atividade do turismo), os conflitos urbanos, os conflitos populacionais, o esgotamento dos territórios, entre outros.

Partindo dessa compreensão, explicita-se outra lógica de Turismo – o avesso do Turismo –, indo ao lado contrário das relações impositivas e da massificação turística e capitalística, na construção de um Turismo pautado pela Responsabilidade Ecológica, alinhado aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Vale destacar, contudo, que segundo Baptista, “O avesso não é apenas ou simplesmente o contrário. Não há a proposta de trocar um lado pelo outro, mas o que está em questão é ampliar o olhar, para a dimensão em que é possível enxergar o todo da trama, do Turismo-Trama, com seus nós, enlaces, desenlaces. Trata-se do lugar onde o bonito e o feio se misturam, numa trama completa”<sup>41</sup>.

Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas, demonstram os vislumbres propostos na Agenda 2030 pela ONU Brasil. Com o objetivo de estimular a ação para os próximos 15 anos (de 2015 a 2030), a Agenda 2030 intensifica o cuidado e o zelo em áreas de importância crucial para a humanidade e para o planeta.

Vico e Uvinha (2014, p. 136) com o pensar, num contexto ecossistêmico, afirmam quando salientam que, ao enfrentar “[...] o problema das alterações climáticas e da tutela do meio ambiente de maneira socialmente responsável, se ajudará a indústria turística a inovar os seus produtos e serviços e a melhorar a qualidade e o valor dos destinos turísticos [...]”. Enfatizam os autores que, para que possamos alcançar um equilíbrio no que se refere ao bem-estar dos visitantes/turistas, moradores e as exigências do contexto natural, é necessário que haja uma estratégia política integrada e holística, partilhando, dessa forma, dos mesmos objetivos. Vico e

---

<sup>41</sup> Declaração pessoal, em reunião de orientação, primeiro semestre de 2023. Registro em Diário de Pesquisa.



Uvinha abordam a situação climática que vem tomando proporções maiores nas últimas décadas, entre fatores como poluição ambiental e também sobre o aquecimento global, colocando em risco o ambiente e a vida de milhares de espécies.

No caso específico desta tese, ao apresentar a proposição de Baptista (2020e) sobre o avesso do Turismo e sua contribuição, tenho como um dos princípios mobilizadores da investigação o de contribuir para a melhoria do Turismo em São Luiz Gonzaga. Entendo que a proposição do avesso do Turismo circunda diálogo e escuta, envolvendo uma dimensão ética, com conscientização e responsabilidade ecossistêmica, sentida por todos, faz com que o sujeito tenha outro olhar para com o lugar de visitação e até mesmo para o lugar de moradia. O avesso é avesso a uma comunicação superficial, rasa, é avesso ao capitalismo, é avesso ao desrespeito ao morador, é avesso a uma produção artificial do Turismo. Então, compreender o avesso é compreender as conexões e os arremates. No avesso que envolve a comunicação e o Turismo, se percebe que toda a ação comunicacional e turística tranvesaliza o ecossistema que é visitado, e isso precisa ser pensado a partir das conexões.

Conforme ensina Baptista, a valorização de um Turismo do avesso é o empreendimento de sua totalidade, pois a proposição do avesso engloba uma completude, considera a sua própria condição de (auto)transpoiese constante. O avesso é o chamamento para que se discuta o Turismo, a partir das suas potencialidades geradoras de bem-estar, alegria, condições de sobrevivência, desenvolvimento. Compreende-se que é preciso pensar no desenvolvimento, mas não um desenvolvimento produtivista, capitalista, um desenvolvimento de condições de *sobrevivência* plena.

#### 4.3 A COMUNICAÇÃO TRAMA-TEIA COMPLEXA

Em termos de comunicação, a tese também se orienta pela epistemologia ecossistêmica e complexa. A comunicação é lida como um processo complexo de interação, um estar junto; desse modo, apenas o que se vive junto pode ser compartilhado. Assim “[...] comunicar é servir-se daquilo que se tem em comum” (MAFFESOLI, 1995, p. 82). O autor, em outro texto, expõe que “A sociedade é formada por um conjunto de relações interativas, feito de afetos, emoções, sensações que constituem, *strito sensu*, o corpo social. A comunicação, enquanto interação,

acontece quando se pode comungar um afeto” (MAFFESOLI, 1996, p. 73). Dessa forma, Maffesoli manifesta que a comunicação se dá a partir do experimentar junto, do viver em comum, concatenado com uma experiência que pode ser prazerosa ou infeliz, importando apenas o sentido coletivo da ação.

A comunicação é, então, a relação que se estabelece entre o sujeito e o meio. Sodré (2018, p. 20-21), citando Paulo Freire, pontua que a “Comunicação era, para ele, a ‘co-participação dos sujeitos no ato de pensar’, implicando um diálogo ou uma reciprocidade que não pode ser rompida”. Assim, para Freire, contato e afeto são centralidades de compreensão para as ações comunicacionais.

Mattelart e Mattelart (2009) evidenciam que a história da comunicação e seus processos possuem progressivos deslocamentos, que se operam de uma significação centrada sobretudo na mídia, para uma comunicação que assume, aos poucos, uma definição totalizante, mesclando tecnologias múltiplas destinadas a estruturar uma nova sociedade.

Em relação ao processo comunicativo, Baitello Junior (1998, p. 11) pontua que “[...] todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo. O que se denomina ‘comunicação’ nada mais é que a ponte entre dois espaços distintos”. Baitello também pontua que a consciência deste espaço, enquanto entidade autônoma<sup>42</sup>, inicia-se no momento do nascimento. Para o autor, o corpo, essa instância fundante para o processo comunicativo, com sua expressividade, com sua fala, é quem processa a interação. Ainda afirma,

É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão da horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos. Mas é também aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outros (BAITELLO JUNIOR, 1998, p. 12).

Guareschi (1994, p. 11) complementa, evidenciando que “O estudo da comunicação é amplo e sua aplicação é ainda maior”. Pode-se dizer, com isso, que a comunicação apregoada pelas tradicionais teorias da comunicação já não se sustenta.

---

<sup>42</sup> Essa condição de entidade autônoma não é exatamente a proposição da Esquizoanálise, nem da Biologia Cultural, referenciais teóricos desta tese, mas, apesar disso, ajuda a pensar alguns aspectos da territorialização informacional e do corpo como *locus* de produção, ainda que não seja totalmente autônomo.

É preciso olhar além. De forma diferente. Hoje, é possível pronunciar que foram incluídas outras formas de manifestar o processo comunicativo, com as novas tecnologias e os grandes maquinismos abstratos que constituem o todo.

Diante das afirmações e das reflexões evidenciadas, é necessário dizer que necessitamos avançar, comunicar de uma outra forma, pois, estamos em um novo recomeço, em que o sensível pode estar em sincronia com o que realmente toca, com o que realmente representa, com o que realmente move, assim como também com o que mobiliza o sujeito. Nesse outro pensar da comunicação, que não vê o comunicar como um depósito de informações que massificam, que se baseiam em relações impositivas e capitalísticas, está a comunicação como trama-teia complexa, conforme denominação de Baptista (1996; 2000) alinhada à Esquizoanálise com Deleuze e Guattari (1995; 2010); ao bios midiático proposto por Sodré (2012), num repensar da esfera comércio e tecnologia, na relação dos sujeitos e do capital financeiro; e à Nova Teoria da Comunicação, de Marcondes Filho (2001).

Nesse instante, trago a noção de trama, evidenciada nas relações, para além do texto teórico que será contextualizado a seguir. Trama para mim é um fluir de relações que se dão através de vários encadeamentos, como esse expresso na Figura 5, que traz uma imagem de uma cesta indígena, que, na sua composição, entrelaça linhas horizontais e verticais cuidadosamente elaboradas para formar uma grande teia circular.

Figura 5 – A trama de relações



Fonte: Registro pessoal do pesquisador, 2021.

Assim como a fotografia, somos entremeados por diversas formas e forças desalinhas, que possibilitam criar conexões e direcionamentos com atravessamentos múltiplos de pessoas, de lugares, que podem causar interferência nos modos de viver e interagir. A trama, então, é complexa porque somos subjetivos, mas permite a circularidade no final, porque o ‘com-versar’ transversaliza essas relações, que poderão ser potencializadas pela proposição da teia. Envolve uma comunicação mais sensível, com escuta. Envolve um turismo mais amoroso, com ações e atitudes que pensem no lugar como um todo. Envolve relações autopoéticas, com possibilidade de autoprodução constante.

Nessa linha de considerações, essa proposição de comunicação trama-teia complexa também está interligada ao avesso das relações. Igualmente, trata-se de pensar uma comunicação que se diferencie, com embasamento no ‘com-versar’, que tenha em sua essência o sentir, a empatia, o afeto e a amorosidade. Trata-se da comunicação-trama, proposta por Baptista (2000, p. 33-34):

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpóricas, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. Quer dizer, encontro de universos de sujeito, universos subjetivos.

Baptista (2004, p. 5) também fala da comunicação amorosa, em que acredito, compreendendo que este tipo de comunicação implica investimento na relação, “[...] em lançar mão de tempo, de recursos e capacidades para estar junto, buscando coexistência no campo da produção de significações”. Dessa forma, conforme a autora, a comunicação se efetiva onde há amorosidade, é uma comunicação-trama, que envolve – em sentido amplo – o sujeito e suas relações.

A proposição de Baptista fundamenta-se em vários autores, com ênfase na influência do pensamento de Guattari, que evidencia que é preciso ir ao contrário das ações mecânicas em que se estabelece o capitalismo, ofuscam o sentir e dificultam uma comunicação sensível.

A consideração dessas dimensões maquínicas de subjetivação nos leva a insistir, em nossa tentativa de redefinição, na heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade, já que encontramos aí: 1. Componentes semiológicos significantes que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião,

da arte, do esporte; 2. elementos fabricados pela indústria dos mídia, do cinema, etc. 3. dimensões semiológicas asinificantes colocando em jogo máquinas informacionais de signos, funcionando paralelamente ou independentemente, pelo fato de produzirem e veicularem significações e denotações que escapam então as axiomáticas propriamente linguísticas (GUATTARI, 2012, p. 14).

De igual forma, no pensar da Nova Teoria da Comunicação, há que se empreender um repensar sobre a pergunta colocada na entrevista de Marcondes Filho: “Será possível amar a uma coletividade se não se amou profundamente uma simples pessoa humana?” (2019, p. 170) e ampliar: Para amar a uma coletividade é preciso amar profundamente pessoas, cidades e meio ambiente. Aí residirá a intencionalidade da profundidade do sensível, que poderá impactar seres humanos a fazer ações com o coração, efetivamente. Só assim o grito será ecoado. Dessa forma, fazendo com que as palavras de fechamento de Marcondes Filho tenham e ganhem mais sentido, quando diz que a Nova Teoria da Comunicação, é “[...] a aproximação daquilo que outros chamam de insondável, imperscrutável, impalpável, intangível, furtivo, ou seja, das coisas sutis que, mesmo assim, têm a capacidade de mexer conosco, de nos transformar, às vezes profunda e definitivamente [...]” (MARCONDES FILHO, 2019, p. 178).

É essa outra comunicação, a comunicação que trama, que é capaz de enredar significações na vida dos sujeitos, nos lugares que os sujeitos habitam, seja no seu cotidiano, no seu profissional, ou ainda, turisticamente. Estou falando aqui de um acionamento do sensível, dos sentires íntimos, como ensina Maturana e D’Ávila (2015), de tal modo a perceber que a comunicação se efetiva na transversalização de componentes, em ação constante e mutante, numa trama complexa.



*“O olhar que estendemos à coisas, pessoas e lugares, pode ver cores intensas, ondulações nas formas, linhas retas, imperfeições, poesia. O olhar pode ver o que quiser, pode querer ver uma paisagem que transcende e provoca ou não querer ver nada. A escolha do jeito de olhar é de cada pessoa. Assim, é possível dizer que, quando vivenciamos e experienciamos algo, a intensidade é mais acurada. Como disse Yi-Fu Tuan (2013), certa vez, que vivenciar é aprender e que a experiência pode ser conhecida através dos sentimentos e dos pensamentos. Por isso, se faz tão importante ‘sentir’ e saborear o que se vive.”*

*Newton Ávila*

## 5 SÃO LUIZ GONZAGA – CARTOGRAFIA MISSIONEIRA

A cartografia é um mapeamento que se faz acompanhando a mudança da paisagem (ROLNIK, 2011), é um levantamento plural de vários aspectos, para poder compreender as características desse território. Cartografar, no sentido utilizado neste texto, envolve registrar outros olhares, outras percepções, possibilitando propor movimentos de desterritorialização, que desacomodam, que tiram da zona de conforto e que, apontam outros caminhos, criam desvios, derivas e rizomas (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Desse modo, acredita-se ser possível ampliar horizontes, permitir aberturas, pequenas fendas, rasgos, para a brotação e passagem das intensidades, afetando e afetivando sujeitos e lugares.

Cartografar é, então, nesta tese, também considerar e tentar entender as miudezas, as manifestações sensíveis, da concepção histórica, da caracterização geral, dos dados de materialidade geográfica, das potencialidades turísticas, da essência do lugar, da fala dos moradores. Trata-se do registro de itens importantes, que se entrecruzam e dialogam com o turismo, também com a comunicação e com as relações.

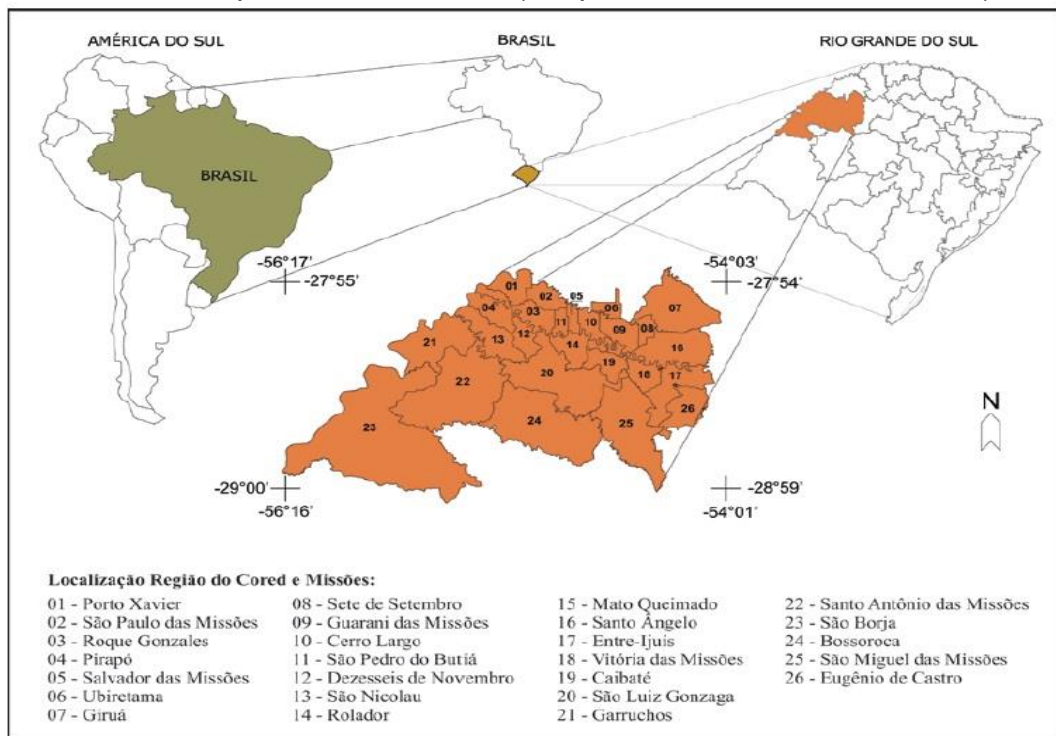
Na cartografia de São Luiz Gonzaga, localidade missioneira, foram produzidos os seguintes dispositivos técnicos e procedimentos operacionais investigativos: levantamento bibliográfico; levantamento e análise de documentos, de fotografias e de informações trazidas em livros, bem como, veiculadas em plataformas digitais; e registro fotográfico pelo pesquisador. Além disso, foram realizadas rodas de conversa, relatos de vivências, ‘com-versações’ e a aplicação do projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais (que serão apresentados no capítulo 6).

Informo que, neste capítulo, serão apresentados uma multiplicidade de dados, relativos ao município de São Luiz Gonzaga, buscando levar, textualmente e visualmente, as pessoas até o território pesquisado. Os aspectos históricos que serão trazidos, cronologicamente, contribuem para a compreensão sobre a formação da cultura do município, bem como nos colocam em contato com marcas profundas do ecossistema turístico-comunicacional-subjetivo em questão.

Falar de São Luiz Gonzaga, uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, no Brasil, é percorrer suas raízes, buscando apresentar características que o município oferece, desde sua história mais longínqua, com moradores ilustres e construções antigas, até os dias atuais, com sua estrutura física e, principalmente, moradores que

têm identificação pelo lugar em que habitam. Desta forma, para iniciar a trajetória, apresento um mapa (Figura 6) que mostra São Luiz Gonzaga/RS situado no Brasil e no Rio Grande do Sul.

Figura 6 – Situando a cidade nos mapas e a localização da região da associação dos Municípios das Missões<sup>43</sup> (adaptado de URI - IPHAN, 2008)



Fonte: Stello (2013, p. 27).

São Luiz Gonzaga apresenta os seguintes dados estatísticos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): uma área territorial de 1.295,522 Km<sup>2</sup>; uma densidade demográfica de 26,82 hab/km<sup>2</sup> e uma população estimada em 34.752 pessoas (Censo/2022). Gomes (1981) também evidencia que a altitude de São Luiz Gonzaga é de 260 M; a longitude 54° 58' 18" e que o município tem os limites: ao sul, com Bossoroca, ao norte, com Cerro Largo e Roque Gonzales, a leste, com Santo Ângelo e Caibaté e a oeste, com Santo Antônio das Missões e São Nicolau. São Luiz Gonzaga tem na agricultura e na pecuária posição importante da economia do município.

<sup>43</sup> A Região das Missões é composta por 26 municípios: Bossoroca, Caibaté, Cerro Largo, Dezesseis de Novembro, Entre-Ijuís, Eugênio de Castro, Garruchos, Giruá, Guarani das Missões, Mato Queimado, Pirapó, Porto Xavier, Rolador, Roque Gonzales, Salvador das Missões, Santo Ângelo, Santo Antônio das Missões, São Borja, São Luiz Gonzaga, São Miguel das Missões, São Nicolau, São Paulo das Missões, São Pedro do Butiá, Sete de Setembro, Ubiretama, Vitória das Missões.



Após mostrar o mapa, como forma de reconhecimento espacial do *locus* de pesquisa e alguns dados estatísticos, trarei um recorte de fatos, apresentando, em ordem cronológica, a narrativa histórica dessa **terra missioneira**.

Este pequeno município tem, como padroeiro, o Santo que lhe dá nome: Luiz de Gonzaga (Figura 7), o que já sinaliza uma história vinculada à religiosidade e à fé cristã.

Figura 7 – Santo Luiz de Gonzaga, padroeiro de São Luiz Gonzaga



Fonte: Gomes (1981, p. 94).

O município foi estruturado “[...] sobre um divisor de águas, entre as bacias hidrográficas dos rios Piraju e Ximbocu, ambos afluentes do rio Piratinim” (MAGNUS, 2017, p. 89). Teve seu primeiro núcleo estabelecido em 1678, pela instalação da Redução Jesuítica Guarani, no contexto dos Sete Povos da banda oriental do Rio Uruguai (MAGNUS, 2017). Em 1687, conforme Schmitz e Oliveira (2018), deu-se início a nova povoação, que foi fundada pelo Padre Miguel Fernández, e, com ele, estavam 2.922 indígenas para fundar nessa localidade a Missão de São Luiz Gonzaga. Os autores evidenciam que o Padre Miguel Fernández partiu da Missão de *Concepción de Nuestra Señora Del Ibitiracué*, atual cidade de Concepción de La Sierra, província de Misiones, na Argentina.

Relatam Schmitz e Oliveira (2018, p. 11) que um dos primeiros passos foi “[...] delimitar as terras que seriam cultivadas e, imediatamente, começar o trabalho do plantio. As lavouras foram ocupando espaço e os indígenas trabalhavam incessantemente, de tal modo que a paisagem foi adquirindo um novo aspecto”. Havia abundância na Missão. Além disso, como já era em Concepción, a cruz foi colocada

em primeiro plano, conforme Schmitz e Oliveira (2018). Os autores também pontuam que a arte foi introduzida na Missão de São Luiz Gonzaga como agente de fé. Por isso, “[...] padres e índios cantavam, esculpiam e pintavam, e descobriam assim o ponto mais sensível da alma indígena. Lentamente surgiam artesãos, escultores e músicos, que davam à missão condições estruturais adequadas a um futuro promissor” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 11).

Os relatos apontam que São Luiz Gonzaga permaneceu ocupada pelos jesuítas e pelos indígenas até 1750, quando os exércitos da Espanha e Portugal os expulsaram. Ainda nesse ano, devido à invasão espanhola, em meio a embates e lutas sangrentas, surgia nessas planícies, a figura de **Sepé Tiaraju**, enaltecido como “Guerreiro índio, defensor da terra missioneira”, que passou a ser um dos símbolos do lugar. Em homenagem a ele, foi construído um **monumento**, que retrata a história desse povo. Criado pelo escultor Vinícius Ribeiro, localiza-se junto à Prefeitura Municipal, no centro da cidade e pode ser visto na Figura 8.

Figura 8 – Monumento a Sepé Tiaraju



Fonte: Registro pessoal do pesquisador, 2022.

Consta também que São Luiz Gonzaga fez parte da República Guarani até o ano de 1756. Gomes (1981) aponta que os moradores que se encontravam nas Missões foram se transformando em pedreiros, ferreiros, pintores e entalhadores. “Fabricavam sinos, imprimiam folhetos e livros, algo que o Brasil só iria fazer cem anos

depois, com a chegada de Dom João VI e sua Imprensa Régia” (GOMES, 1981, p. 21).

No ano de 1760, o povoado de São Luiz Gonzaga, assim como os demais povos das Missões passou, então, a ser habitado por Castelhanos, após o exército português ter abandonado as Missões e se instalado em Santo Ângelo (GOMES, 1981). Logo, a região sofreu um período de abandono e decadência, compreendido entre 1768 até 1880. “Segundo o inventário da Missão de São Luiz, em 1768, momento da expulsão dos jesuítas, a redução estava intacta. Não houve reação por parte dos indígenas que ali permaneciam” (MAGNUS, 2017, p. 94). Foi possível notar então que, sem a presença dos jesuítas, os habitantes das missões, estiveram em crescente decadência, sendo tomada pelos espanhóis e, mais tarde, pelos portugueses. Esse ano data a primeira impressão que se tem sobre as imagens em São Luiz Gonzaga,

[...] e chegaram por meio da obra de Francisco Javier Brabo *‘Inventarios de los bienes hallados a la expulsión de los jesuítas y ocupación de sus temporalidades por decreto de Carlos III’*. Publicada em Madri, Espanha, no ano de 1872, essa obra reúne os inventários realizados nas Missões Jesuíticas depois da saída dos padres, e constitui um documento ímpar para entender os aspectos sociais, econômicos e geográficos de cada povo missionário. [...] Segundo esse inventário, a igreja tinha dimensões suficientes para acolher os 1.630 habitantes da missão. Composta por três naves apresentava uma abóbada com 14,3 metros, paredes de pedra esculpidas em alvenaria, com 92,4 metros de comprimento por 29,7 metros de largura e 22 metros de altura. Estava localizada no mesmo local do atual templo e do Salão Paroquial (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 12).

Segundo Magnus (2017), a Coroa Portuguesa instalou uma nova administração para as reduções, fazendo, dessa forma, com que a população do município se sentisse em completa insegurança, permeando os fatos ocorridos. Devido ao abandono do exército português, aquartelado em Santo Ângelo (município próximo, 91 km de São Luiz Gonzaga), a região voltou ao domínio da Espanha. Magnus (2017) ressalta também que, no ano de 1772, houve uma crise de alimentos e muitas famílias indígenas saíram de São Luiz Gonzaga.

A Região teve a conquista definitiva do território missionário, em 1801, para a Coroa Portuguesa, conforme aponta Gomes (1981). A predominância portuguesa nessa região deveu-se à necessidade de segurança que as colônias sentiam. A fundação dos Sete Povos das Missões, pelos espanhóis, acirrou mais ainda a

animosidade dos lusitanos, o que deu origem a várias lutas no território (ROSA, 2005). Também nessa época, São Luiz Gonzaga era apenas um povoado em decadência.

Em 1817, conforme Vieira (2010), São Luiz Gonzaga por pouco não se tornou Vila. “Uma nota do Governo Imperial cria uma Vila cujo núcleo seria o povoado de São Luiz” (MAGNUS, 2017, p. 95). Todavia, Fortes e Santiago (1963, p. 18) citados por Vieira (2010, p. 82) pontuam que “[...] em virtude, porém, de não existir, na região número suficiente de pessoas capazes para exercerem os cargos de administração e justiça, a referida vila nunca foi instalada”. Diante dessa afirmação acerca do referido texto, ao se tratar sobre o Povo de São Luiz, pontua Vieira (2010, p. 82) que, “[...] pode-se imaginar o estado de abandono dos extintos povos e da população restante, após a saída dos jesuítas, a ponto de não haver o número suficiente de pessoas para ocuparem os cargos que, à época, a caracterização de vila exigia”.

No ano de 1822, conforme aponta Magnus (2017), o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, percebendo um potencial na localidade, ressaltou qualidades dessa redução, em comparação com as demais da região. Nesse registro, Saint-Hilaire ainda pontuou que São Luiz Gonzaga era “[...] uma das poucas que utilizava pedra para as colunatas de residências, colégio e Igreja. Algumas colunas eram constituídas em uma única pedra de rocha” (MAGNUS, 2017, p. 95).

Alguns anos depois, constataram-se relatos de viajantes, que disseram que São Luiz Gonzaga estava praticamente abandonada. Além de Saint-Hilaire, outros visitantes ilustres divulgaram informações de São Luiz Gonzaga pelo mundo. Anunciavam o que permanecia e o que desaparecia, principalmente sobre a Igreja, seu interior e suas imagens, que era um dos maiores legados que possuía na sua história. Ainda na década de 1820, o comerciante francês, Nicolau Dreys, “[...] escrevendo sobre a Região das Missões, profetizou que o trabalho lento, mas incansável de destruição que o próprio tempo realizava deveria ser contido pela mão do homem, mas profetizou que isso não aconteceria” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 15).

Em concreta decadência em 1826 e 1828, o povoado de São Luiz Gonzaga, foi invadido e saqueado pelo militar e político uruguaio Frutuoso Rivera – que mais tarde se tornaria presidente do Uruguai –, causando danos e perdas para a localidade. Do mesmo modo, outro visitante, o historiador uruguaio Oscar Padrón Favre, narrou a vinda de Frutuoso Rivera, em 1927, e apontou dados obtidos no Mapa Geral dos Bens e Propriedades dos Sete Povos.

Schmitz e Oliveira (2018) explicitam que a produção agrícola era destaque do povoado – que tinha 446 pessoas, das quais 303 eram mulheres e 143 homens – com 104 alqueires de trigo, 20 de algodão, 250 de milho, 450 favas, dentre outros produtos.

“Em 1855, Hemetério José Velloso da Silveira, advogado radicado em Porto Alegre, visita São Luiz Gonzaga e descreve a existência ainda dos altares na Igreja com o desabamento de parte da cobertura” (MAGNUS, 2017, p. 95). (Figura 9).

Figura 9 – Foto da Igreja da redução jesuítica em 1855



Fonte: Redução Jesuítica de São Luiz Gonzaga<sup>44</sup>.

Já em 1858, o médico alemão Robert Avé-Lallemant, em visita ao sul do Brasil pela Região das Missões (São Lourenço, Santo Ângelo, São João Batista, São Luiz Gonzaga e São Miguel das Missões), registrou que a redução de São Luiz Gonzaga era a “[...] mais notável pela abundância de ruínas” (MAGNUS, 2017, p. 95). Em sua visita fazendo relação com a Igreja, encontrou “[...] uma abóbada bem no meio com 18 metros de altura, dois nichos de 12 colunas douradas, aos lados. O teto estava desmoronando. O altar-mor que possuía a inscrição ORA PRO NOBIS; D. 1728; MAYO II ainda estava conservado [...]” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 25). Relatam os autores que na descrição de Avé-Lallemant as imagens já tinham sido retiradas.

No ano de 1859, São Luiz Gonzaga foi elevada à categoria de Paróquia. Era a Lei nº 341, de 8 de janeiro de 1859, Lei da criação da Freguesia (Paróquia) de São Luiz Gonzaga (VENTURINI, 2009). Nessa época, por meio da distribuição de terras

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11018878423>. Acesso em: 25 mai. 2021.

compradas para formar fazendas, houve um ligeiro desenvolvimento e um perceptível crescimento começava a brotar na Paróquia de São Luiz (MAGNUS, 2017).

Em fins de 1864, veio a notícia da Guerra do Paraguai, durando cinco anos e quatro meses, impactando também a então Paróquia de São Luiz Gonzaga, pois, segundo Gomes (1981), no início de 1865, são tomados os municípios de Uruguaiana e São Borja pelo General Paraguai Estigarriba e suas tropas. Pontua o autor que, “Temia-se que outras forças Paraguias invadissem o Brasil pelos portos já existentes nessa época de Santo Izidro e Porto Xavier, pois que tropas Paraguias já se encontravam a 180 quilômetros dessas localidades” (GOMES, 1981, p. 22).

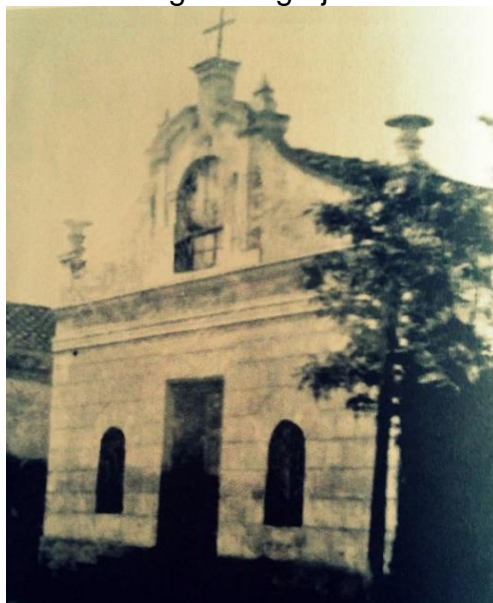
É pertinente trazer à tona que São Luiz Gonzaga, antes de se tornar município autônomo, foi dependente de vários outros municípios da região.

Em 3 de junho de 1880, pela Lei Provincial nº 1.238, São Luiz Gonzaga foi elevada à categoria de Vila (ROSA, 2005). Recebendo a emancipação de Santo Ângelo e, proporcionando, então, o crescimento, que ocorreu de 1880 a 1930. À época de 1880, São Luiz Gonzaga erguia estruturas necessárias para que a vila prosperasse.

Logo, no ano de 1883, o jornalista e engenheiro alemão Maximilian Beschoren, afirmou que São Luiz Gonzaga foi elevada à categoria de Vila no ano de 1817, com o nome de São Luiz da Leal Bragança, “[...] constituindo a capital das cinco comarcas em que fora dividida a então província. Como faltavam funcionários, a respectiva lei não foi executada, e as prerrogativas criadas por ela foram transferidas para São Borja” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 29). O engenheiro ainda informou, conforme os autores citados, que, em 1883, havia poucos descendentes do antigo povo indígena que habitava o local, apenas alguns idosos estavam vivos. Ele também informou que a população era de aproximadamente seis mil pessoas.

Em 1892, outro visitante, o etnógrafo, folclorólogo e naturalista argentino Juan Bautista Ambrosetti visitou São Luiz Gonzaga. Esse visitante afirmou, a respeito da igreja, que foi utilizada a partir dos anos finais do século XIX, mas que foi se deteriorando com o tempo e que restou somente poucas paredes, colunas de pedra e algumas madeiras em seu interior. Dessa forma, foi construída uma segunda igreja bem ao lado, com os restos da antiga. (Figura 10). Ressalto que a foto é do arquivo do Centro de Documentação e Memória do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG) e tem autoria desconhecida.

Figura 10 – Foto da segunda Igreja de São Luiz Gonzaga



Fonte: Schmitz e Oliveira (2018, p. 28).

Em 1896, com a instalação do primeiro governo municipal, ocorrido em 6 de agosto, foi eleito intendente o General Salvador Ayres Pinheiro Machado e Vereadores Cel. Irineu Afonso de Queiroz, Virgilino de Souza Caldas, Virgilino Martins Coimbra, Henrique Hollsbach, Osório Manoel Barboza, Viriato Ferreira Natividade e Florentino Maximiano de Andrade (GOMES, 1981). À época, intendente era o termo usado para a designação de Prefeito, comumente nos dias de hoje. Gomes (1981) em relação ao Salvador Ayres Pinheiro Machado pontua que o General herdou frações de campo e mato, dedicando-se à criação de gado bovino e também à extração de madeiras de lei que vendia na República Argentina e no Estado Oriental. Com a instalação do governo municipal, São Luiz Gonzaga passou a receber maior número de edificações.

O poder político do Senador pôde ser observado na construção da **ponte de pedra** sobre o rio Piratini, datada em 1898 (MAGNUS, 2017), sendo uma das pontes mais antigas do Estado (Figura 11). A ponte<sup>45</sup>, pré-fabricada na Inglaterra e de construção mista, com pilares de pedra, armação metálica e piso de madeira (pranchada), está localizada na estrada para o vizinho município de Santo Antônio das Missões (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014). Essa

---

<sup>45</sup> Após a sua queima por ocasião das revoluções de 1923 e 1924, liderada por Luiz Carlos Prestes, ficou desativada por algum tempo. Voltou a ser utilizada em 1926 até 1935, quando passou por reforma, prestando serviço até a liberação da BR 285 (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014).

ponte foi desativada com a liberação da BR-285, e abriga uma sede campestre particular, onde se pode desfrutar de momentos de lazer junto à natureza.

Figura 11 – Ponte sobre o Rio Piratini (1898)



Fonte: Gomes (1981, p. 57).

São Luiz Gonzaga teve grande importância política, durante alguns anos, por influência do intendente Pinheiro Machado, sendo comentada em todo o Brasil. É pertinente evidenciar que a Intendência Municipal, conforme Gomes (1981), estava instalada nas dependências do antigo Colégio dos Jesuítas, por um período que foi de 1881 a 1899, quando então, houve a inauguração de um prédio próprio da Intendência. “Este prédio foi demolido em 1945, na administração do Sr. Gustavo Langsch para dar lugar a atual” (GOMES, 1981, p. 47). A Figura 12 exemplifica a imagem da Intendência.

Figura 12 – Intendência de São Luiz Gonzaga (1897)



Fonte: Intendência Municipal<sup>46</sup>.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11018657155>. Acesso em: 25 jun. 2021.



Também, nessa época, segundo documentos analisados no Centro de Documentação e Memória, havia um abrangente comércio e prestação de serviços. Conforme Schmitz (2017), havia médico, parteira, advogado, cirurgião-dentista, engenheiro, agrimensor e arquiteto. “O comércio dispunha de caixeiros viajantes, casas de comércio de secos e molhados, de arreios, hotel, restaurante e bares, casa de retratista (fotografia), venda de joias, farmácia, confeitaria, ferreiro, padaria e açougue” (SCHMITZ, 2017, p. 196). Também, segundo o autor, havia os registros de opções de entretenimento, como casa de bilhar, corridas de cavalo, rinhas de galo (esporte permitido e muito apreciado à época) e por vezes circo. Ainda o mesmo autor evidencia que, na área urbana, havia algumas restrições como a proibição de criação de animais soltos (bovinos, suínos e equinos), abrindo-se exceção para a vaca leiteira que era permitida apenas uma por família. Ficava igualmente proibida a criação na área urbana, de cabras, ovelhas e aves domésticas, consideradas daninhas. “Também era proibido, sob pena de pesada multa indenizatória, amarrar cavalos, bois ou quaisquer outros animais nos postes dos lampiões. Nota-se a preocupação com a iluminação noturna” (SCHMITZ, 2017, p. 199).

Novas eleições no ano de 1900 e o General Salvador Ayres Pinheiro Machado foi reeleito Intendente Municipal. São Luiz Gonzaga prosperava, “[...] pois que já contava com uma ponte sobre o Rio Piratini, uma no Arroio Ximbocú-Grande e outra no Ximbocú-Mirim, duas sobre o Rio Pirajú e outra, sobre o Rio Urucúá” (GOMES, 1981, p. 38-39). E já se tomavam providências para que fosse construída a Estrada de Ferro, para proporcionar mais prosperidade.

No ano de 1902, pelo Decreto nº 477, São Luiz Gonzaga foi elevada à condição de cidade. A seguir, trago o texto da Ata da reunião da Câmara de Vereadores, que pleiteou a elevação da Vila de São Luiz Gonzaga à categoria de cidade:

Aos 15 dias do mês de outubro do ano de 1901 às 10 horas da manhã, na sala do edifício da Intendência Municipal, reunidos os Vereadores Irineu Afonso de Queiroz, presidente; Virgílio Martins Coimbra, Raimundo Gomes Neto e Felisberto Caldeira da Fontoura. Pelo Senhor Presidente, Cel. Irineu Afonso de Queiroz, foi apresentada a proposta seguinte:

I – Considerando que esta Vila de São Luiz Gonzaga tem progredido, aumentando a sua população; pelo desenvolvimento comercial, sendo a estética da construção dos prédios – de apurado gosto.

II – Considerando que o Município tem se desenvolvido consideravelmente em todos os ramos de indústria.

III – Considerando que sendo a Vila de São Luiz Gonzaga situada próxima aos passos do Rio Uruguai, em frente a Província de Corrientes da República Argentina, o que faz com que as operações comerciais sucedam-se diariamente, portanto deve a Câmara de Vereadores dirigir-se ao sábio Governo do Estado, pedindo a elevação da Vila à categoria de cidade. Posta em votação a presente proposta, foi ela aprovada unanimemente. E não havendo mais nada a tratar-se, o Sr. Presidente determinou que se achava encerrada a presente sessão. Eu, Vítório Brustolini, Secretário Municipal, escrevi a presente ata que assinam os Senhores Vereadores presentes. A última hora apresentou-se o Vereador Severino Carmeliano de Miranda, que tomou assento, concordando com a proposição aprovada.

(As.) Irineu Afonso de Queiroz – Presidente  
 Virgilino Martins Coimbra  
 Raimundo Gomes Neto  
 Severino Carmiliano de Miranda  
 Felisberto Caldeira de Fontoura

E, atendendo o pedido da Câmara, o Governo do Estado, pelo Decreto nº 477, de 12 de março de 1902, eleva São Luiz Gonzaga à categoria de cidade (GOMES, 1981, p. 53).

A cidade, recém-elevada a essa condição, já dava demonstrações de crescimento, com a movimentação dos moradores, o comércio dando iniciais demonstrações de procura pela população, bem como alguns festejos que enredavam o seu centro em manifestações. Como exemplo de lazer, podia se notar que já se encontrava um café, o Café Central, situado na esquina da Rua Venâncio Aires com a Rua São João (Figura 13, o registro da foto foi feito em 1961). O Café Central, uma ótima opção de lazer para os moradores e visitantes, durante sua existência passou por inúmeras fases. Contou também com animadas reuniões dançantes e “[...] shows artísticos, além de consumo de bebidas, lanches e refeições. Em 27 de janeiro de 1952, na pista de danças desse Café, se apresentaram Garoto de Ouro e Gildo de Freitas, em memorável desafio de trovas” (LUCAS, 2006, p. 60-61).

Figura 13 – Café Central (foto registrada em 1961)



Fonte: Lazer no Café Central<sup>47</sup>.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://mapio.net/pic/p-7652984/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

No ano de 1905, de acordo com Gomes (1981), o Terceiro Regimento de Cavalaria Intendente (RCI) foi transferido de Santana do Livramento para São Luiz Gonzaga e permaneceu aquartelado no antigo Colégio dos Jesuítas. Relata o autor que o Terceiro regimento permaneceu nesse local até 1924, quando “[...] se transferiu para o novo Quartel na Zona Norte da cidade e onde acha-se atualmente com a denominação de 4º R C B” (GOMES, 1981, p. 39). Trago para elucidar, o significado da sigla: Quarto Regimento de Cavalaria Brasileira – 4º R C B.

Em 1906, no dia 1º de janeiro, conforme Gomes (1981), foi fundado o Clube Harmonia (na Rua São João), local de eventos e reunião de famílias. Outrossim, nesse mesmo ano, a Igreja antiga, construída após a expulsão dos jesuítas, estava erguida e era muito frequentada. Houve também os festejos do Padroeiro da cidade de São Luiz Gonzaga. Em 1907, o Senador José Gomes Pinheiro Machado (nascido em Cruz Alta, veio morar em São Luiz Gonzaga juntamente de seus pais, com 3 anos de idade. Formou-se em Direito em São Paulo e posteriormente foi Senador do Brasil) iniciava a obra da linha férrea que chegaria até a cidade. Três anos depois, em 1910, no dia 1º de maio, foi fundado o Clube União Operária (Rua Silva Jardim, centro da cidade). Também, nesse mesmo ano, o Senador Pinheiro Machado inaugurou o Aprendizado Agrícola, uma escola técnica agrícola que seria referência para o Estado – extinto nove anos após a sua morte. Igualmente, o Senador registrou em uma carta, enviada a um parente seu, cinco anos antes de sua morte, o interesse que tinha por São Luiz Gonzaga. Relatou que estava dando a sua casa e um terreno para que fosse possível a construção do Aprendizado Agrícola. Igualmente manifestou que o Governo daria apoio a esse empreendimento. O Senador relatou ainda na carta que estava fazendo esse gesto como uma demonstração do amor pela terra em que viveu, “[...] cujos filhos tanto me secundaram na propaganda e nas grandes lutas em favor da República. É um pequeno serviço que presto a um município cujos filhos me têm acompanhado, com sacrifícios, em todos os lances de minha vida” (GOMES, 1981, p. 40).

Nessa época, também, “[...] o Claustro<sup>48</sup> jesuíta ainda permanecia em pé, servindo de delegacia de polícia e com salas de administração municipal e judiciária” (MAGNUS, 2017, p. 97).

---

<sup>48</sup> Claustro é uma construção que consiste em quatro corredores a formar um quadrilátero, que tem por norma um jardim no meio.

Em 1912, o Senador Pinheiro Machado levou para a cidade o primeiro automóvel e “[...] fez o percurso de Tupanciretã a São Luiz Gonzaga em uma semana de viagem” (GOMES, 1981, p. 39). Outro fato interessante de apresentar é que o Banco da Província (primeiro banco comercial do Rio grande do Sul), um dos primeiros que operou, funcionava em São Luiz Gonzaga e estava localizado na Rua Salvador Pinheiro Machado, esquina com a Rua Senador Pinheiro machado, em frente à Praça da Matriz (LUCAS, 2006).

Em 1913, sob o Decreto nº 1.935, de 15/02/1913, o Colégio Elementar Senador Pinheiro teve suas portas abertas para a comunidade (OLIVEIRA, 2019).

Em 1916, teve a inauguração do Busto do Senador Pinheiro Machado, na **Praça da Matriz Abegair Damião**.

Um dado relevante para apresentar é que, com os anos seguintes, percebeu-se então que as locomotivas iam chegando nos municípios vizinhos, deixando São Luiz Gonzaga em completo isolamento. Assim, com a morte do Senador Pinheiro Machado e com o fechamento do Aprendizado Agrícola, foi possível dizer que resultou no “[...] acabrunhamento do comércio, o despovoamento e uma decadência da cidade” (GOMES, 1981, p. 40). Fato que também afetou a relação de dois correligionários ilustres e importantes para São Luiz, para o Estado e para o país, o Cel. Irineu Afonso de Queiroz e o Cel. Frutuoso Gomes Pinheiro Machado, causando um desentendimento, conforme evidenciado nos estudos de Gomes (1981). Desse desentendimento ocorreu a renúncia de Frutuoso Gomes Pinheiro Machado.

Na década de 1920, o município dividiu com Santo Ângelo, o berço da Coluna Prestes, que saiu da região e percorreu o país (ROSA, 2005). Essa década trouxe estagnação da economia e do crescimento urbano (MAGNUS, 2017). Foi também um período em que era possível perceber que as atividades em torno da Praça da Matriz estavam recebendo destaque, como desfile, orquestras e outros eventos. A Praça da Matriz, conforme Lucas (2006, p. 19-20),

[...] está localizada no centro comercial, financeiro, administrativo e cultural de São Luiz Gonzaga. Marca a trajetória histórica da cidade, apresentando-se como um dos espaços que sustentam seus significados históricos-turísticos. Isso ocorre devido ao próprio processo que envolve a construção da Praça no período que abrange o século XX. Reformas e melhorias no espaço foram empreendidas ao longo dos anos, para dar ares de modernidade à cidade. O espaço público da Praça da Matriz é, acima de tudo, um local de coexistência sociocultural. Isso se revela na presença, no encontro e na troca entre (des) conhecidos e na multiplicidade de usos desse local. A dinâmica das relações humanas, singulares ou coletivas e a

apropriação do espaço por determinados indivíduos ou grupos gera um sentimento de pertencimento e identidade com esse ambiente (LUCAS, 2006, p. 19-20).

Essa praça, por muitos anos, representou o polo econômico da cidade com os comerciantes, tendo sido também palco de grandes eventos anuais, como desfiles militares, desfiles escolares e carnavais. Lucas (2006) evidencia, em relação ao carnaval, que, nessa época, na cidade já circulavam os primeiros carros, com alegorias que eram feitas de papel crepom colorido e papel celofane e que traziam jovens desfilando em diversos tipos de fantasias.

No ano de 1923, a cidade no comando do intendente municipal Virgílio José Corrêa, segundo Vieira (2010), encomendou a planta da sede da Colônia Municipal de São Luiz Gonzaga, por Alexandre Martins da Rosa. (Figura 14).

Figura 14 – Planta da Sede da Colônia Municipal de São Luiz Gonzaga (1923)



Fonte: Vieira (2010, p. 177).

Magnus (2017) complementa a informação a respeito da planta da sede, pontuando que o traçado viário adequou os ângulos, protegendo as ruínas que ainda

havia, preservando, dessa forma, remanescentes da redução, ou mesmo a edificação do antigo Claustro Jesuíta. O autor continua evidenciando que, em contraponto à antiga redução, cuja estrutura urbana provinha de “[...] ‘Leyes de Índias’ da Coroa Espanhola, com malha urbana formando uma grelha ortogonal, o traçado dessa planta coincide em estrutura com aquele utilizado no desenho de cidades portuguesas, à semelhança de Porto Alegre, por exemplo” (MAGNUS, 2017, p. 97-98).

Também, nesse mesmo ano, 1923, conforme Maguns (2017), São Luiz Gonzaga passou a dispor de iluminação pública e particular. Gomes (1981) acrescenta que foram eliminados, então, os poéticos lampiões. Mesmo assim, este pequeno progresso, que foi a iluminação pública e particular, fez com que outros assuntos não fossem resolvidos nesse período, como a situação das ruas esburacadas e sem calçamento, transformadas em lamas nos dias de chuva (GOMES, 1981). Ressalta-se, também, no período, a falta de um hospital e de um posto de saúde e de água encanada.

Ainda em 1923, São Luiz Gonzaga participou de uma revolução que envolveu partidos políticos e insatisfação do povo, devido ao abuso da Lei Eleitoral do Estado. Foi o início da guerra civil e teve duração de dez meses, com degolas de ambos os lados. De um lado, maragatos<sup>49</sup>, chefiados por Abílio Machado e mais duzentos homens, do outro lado, chimangos<sup>50</sup>, liderados por Raimundo Gomes Neto, que permaneceu mais nas proximidades de São Borja e Irineu Afonso de Queiroz, ambos veteranos da Revolução Federalista, mantiveram o combate com a vanguarda de Honório Lemes (GOMES, 1981). Este, em meio de outubro, segundo o autor, chegou a São Luiz Gonzaga, ficando acampado três quilômetros do município, pelo prazo de cinco dias, no Capão da Várzea, ocupando o material da prefeitura para requisitar dos comerciantes benefícios para suas forças.

Em 1924, estabeleceu-se em São Luiz Gonzaga o quartel general com elementos civis e militares e teve o comando de Luiz Carlos Prestes, por quase sessenta dias, momento em que foi deflagrada a Revolução contra os governos situacionistas. Ressalta-se, conforme Gomes (1981), que a Guarnição do Exército, solidarizou-se com o movimento.

---

<sup>49</sup> “Maragatos é o nome dado aos revolucionários gaúchos que combatiam as forças dominantes no Estado, nas revoluções de 1893 e 1923. [...] Até hoje existem maragatos no Rio Grande do Sul” (GOMES, 1981, p. 42).

<sup>50</sup> “Os situacionistas, na época, eram chamados de Chimangos e ao contrário dos maragatos que usavam lenço vermelho no pescoço – usavam lenços brancos” (GOMES, 1981, p. 42).

Luiz Carlos Prestes, nesse ano, chefiou uma revolução “[...] para depor o Presidente Artur Bernardes e o Governador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros. Vencido pelas forças do Governo, ausentou-se do Brasil, tornando-se comunista” (GOMES, 1981, p. 55). Em conformidade com o autor, houve forças revolucionárias que vieram de Santo Ângelo, de São Borja, de Uruguaiana, de Alegrete e de outras localidades e se instalaram no município. Fato este que, em virtude da revolta, São Luiz Gonzaga teve o comércio saqueado, foi levado tudo que ainda restava (MAGNUS, 2017). Ao se retirarem, devido à aproximação das forças adversárias, foi constatado que São Luiz Gonzaga foi a que mais sofreu as consequências dessa revolução. Todavia, dois anos depois, foi construída a **Gruta de Nossa Senhora de Lourdes** (Figura 15), devido não ter ocorrido nenhuma batalha nesse lugar.

A promessa foi feita por um grupo de Senhoras e pelo Padre Monsenhor Estanislau Wolski (MAGNUS, 2017). Segundo Schmitz e Oliveira (2018), o Padre Monsenhor Estanislau Wolski que tinha sua religiosidade muito expressiva, nasceu na Polônia, na cidade de Debiny, veio para o Brasil ainda quando tinha um ano de idade, indo morar no Rio de Janeiro. Anos mais tarde desembarcou no Rio Grande do Sul e fixou, com sua família, residência em São Luiz Gonzaga. Salienta-se que a gruta é, pela religiosidade dos moradores, um lugar de visitação de fiéis, peregrinos e turistas.

Figura 15 – Gruta de Nossa Senhora de Lourdes (inauguração em 12/12/1926)



Fonte: A Gruta de São Luiz Gonzaga<sup>51</sup>.

Com a revolução terminada, Gomes (1981, p. 43) evidencia que São Luiz Gonzaga apresentava encantos e atrativos, como a **Retreta** (toque de banda de

<sup>51</sup> Disponível em: <http://viniciusribeiroescultor.blogspot.com/2012/12/vandalismo-na-historia.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

música) na “[...] Praça da Matriz todos os domingos, e bailes, que iniciavam com a dança do ‘*polonaise*’ e com boas orquestras”. Segundo o autor, muitas vezes, essas orquestras eram vindas de Posadas, República Argentina. Há que se registrar que havia igualmente partidas de futebol com grande torcida que eram realizadas ao som da Banda de Música da União Operária. E, muitas serenatas e carreiradas (de cavalos).

São Luiz também registrava que o comércio se instalava. Exemplo disso é a Figura 16, que mostra a **Casa Gaúcha de Odil Martins** – casa de comércio mais antiga do município, existente desde 1925 e que fica, desde sua criação, na esquina da Rua Senador Pinheiro Machado com a Rua São João (GOMES, 1981). Esse estabelecimento que vendia mercadorias diversas se tornou referência comercial no município. “O crédito para os clientes era embasado na confiança, pois a ‘freguesia’ da época pagava no fim de cada mês ou a cada safra. As compras eram anotadas em um caderno ou caderneta que ficava com o próprio cliente” (ANDRES; VENTURINI, 2006, p. 118).

Figura 16 – Casa Gaúcha Odil Martins (1925)



Fonte: Gomes (1981, p. 59).

Ademais, no final da década de 1920, as revoltas fizeram São Luiz Gonzaga decair novamente, alterando a rotina, pois, muitos fatos políticos influenciaram os acontecimentos. Um deles trouxe que a população teve uma queda, sendo em torno de cinco mil pessoas, à época. Mas já se registravam descendentes de etnias no município. Autenticando essas informações, Catelan (2017) pontua que é possível avistar descendentes de italianos – que chegaram no Rio Grande do Sul, a partir de 1875 – nos municípios da Região das Missões, já nas primeiras décadas do século



XX à procura de terra para praticar a vocação da agricultura. Ainda conforme o autor, com o advento da tecnologia, os italianos vieram para a sede do município de São Luiz, “[...] fixaram raízes e foram se estabelecendo no comércio, nas pequenas indústrias, na prestação de serviços e até mesmo como profissionais liberais. Essa influência passou a ser sentida ao longo do século” (CATELAN, 2017, p. 47). Dessa forma, é possível afirmar que a etnia contribuiu para o desenvolvimento da região missioneira.

Outro fator relevante ocorrido nessa época, é que

No período de 1928 e 1929 até 1931, os carnavais de São Luiz eram muito comentados, fato que despertou interesse até de periódicos de grande circulação no Estado e no País. A direção da Revista do Globo, de Porto Alegre, chegou a destacar um repórter para dar cobertura ao carnaval de São Luiz. Essa revista destinou um bom número de páginas para o assunto que estampou com detalhes e classificou como sendo o melhor e mais divertido carnaval do interior do Estado. Por certo, ali estava o embrião dos carnavais memoráveis que muito depois (cerca de 50 anos mais tarde) se realizariam quando foram criados os blocos do Clube Harmonia, da Piscina Clube Pinguim e da União Operária (LUCAS, 2006, p. 33-34).

Na década de 1930, São Luiz Gonzaga cresceu novamente, recebendo em torno de quatro mil novos moradores (MAGNUS, 2017). Também nessa época o município já contava com um Posto Policial da Brigada Militar.

No ano de 1932, uma revolução se instaura, devido ao falseamento da verdade eleitoral que fez com que os políticos e o povo se manifestassem com contrariedade. “A Aliança Liberal não se conformou com os resultados das eleições para Presidente da República. E, por isso, tomou a decisão de, pelas armas, depor o governo de Washington Luiz” (GOMES, 1981, p. 54). Juntaram-se na luta, ao lado do Senador Pinheiro Machado, como pontua Gomes (1981), o 3º R C I, comandado em São Luiz Gonzaga pelo Cel. Góis Monteiro e dois Corpos Provisórios organizados, o 4º Comandado pelo Cel. Gregório Portugues e o 36º Comandado pelo Cel. Raimundo Gomes Neto. Ainda conforme Gomes (1981, p. 56), após a vitória da Revolução de 1930, o presidente Getúlio Vargas concedeu anistia geral, houve o retorno de Luiz Carlos Prestes ao Brasil buscando novos aliados e força para lutar contra o sistema democrático e republicano nacional. E Luiz Carlos Prestes fez-se chefe comunista no Brasil. Nessa época, São Luiz Gonzaga encontrava-se em pleno abandono enquanto outras cidades evoluíam sob a proteção dos Governos (GOMES, 1981).

No ano de 1937, o mesmo autor evidencia que aconteceu um novo movimento revolucionário que foi a implantação do Estado Novo – que teve queda em 25 de outubro de 1945 –, pelo Presidente Getúlio Vargas, apoiado pela grande maioria do Exército e da Marinha.

Em 1938, o visitante cronista, conferencista e historiador, Rosauro Tavares, publicou um relatório na revista Museu e Arquivo Público, com o título de Ruínas dos Sete Povos das Missões e falou sobre a igreja e suas imagens, afirmando que encontrou imagens muito bonitas em São Luiz Gonzaga. “Além do padroeiro, citou esculturas que estavam colocadas à direita e à esquerda daquela imagem, uma das quais, por seu manto carmelita, deveria ser Santa Tereza de Jesus, ao passo que a outra representaria Santa Bárbara” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 32).

Relevante trazer que, em fins da década de 1930 e ao início da nova década, 1940, houve a reorganização da Administração Municipal (GOMES, 1981). Também, nessa década, mais precisamente em 1940, conforme a Figura 17, a **Igreja Matriz** em frente à praça, que começou a ser construída em 1936, estava quase pronta.

Figura 17 – Igreja Matriz em construção na década de 1940



Fonte: A imponente Igreja Matriz<sup>52</sup>.

Saliento também que, depois de pronta a Igreja Matriz, monumentos externos foram erguidos para proteger as imagens que estavam em seu interior. Entre os monumentos externos, ao lado da Igreja Matriz da Paróquia, “[...] encontra-se uma estátua do Padre Roque Gonzalez, protomártir da civilização e um dos fundadores do então povoado de São Nicolau, o mais antigo dos 7 povos das Missões” (GOMES, 1981, p. 89). Ainda o mesmo autor relata que a estátua do Presidente Getúlio Vargas

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11018664205>. Acesso em: 25 jun. 2021.

se encontra ao lado leste da Praça. E ao lado Sul, a estátua de Padre Miguel Fernández – inaugurada no final dos anos 1970. Schmitz e Oliveira (2018) contribuem pontuando que, para as peças externas a Igreja, essas eram talhadas em madeira<sup>53</sup> e pedra.

Nesse mesmo período, na década de 1940, do alto da torre da Igreja Matriz, conforme a Figura 18, foi possível fazer o registro da vista da Praça da Matriz. Podia-se notar, já nessa época, uma praça com vasta arborização, além de uma movimentação de pedestres e do comércio em volta.

Figura 18 – Vista da Praça da Matriz na década de 1940, pela torre da Igreja Matriz



Fonte: Registro do pesquisador, em 2019, nos arquivos fotográficos do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG).

Seguindo a cronologia, São Luiz Gonzaga retomou o crescimento industrial nos anos 1940 a 1970. Sinais de melhorias na cidade começavam a aparecer. Houve, em 1940, a fundação do Sindicato Rural da cidade. Igualmente, as estradas para outras localidades já começavam a se formar. Bem como, as mudanças no poder, com o Sr. Gustavo Langsch em 1941, fizeram São Luiz Gonzaga novamente crescer. Dois anos depois, em 1942, registrou-se neve na Praça da Matriz de São Luiz Gonzaga. Também nesse mesmo ano, foi inaugurado o Cine Lux. Conforme Gomes (1981), o cinema, com um palco de tábuas, exibia três vezes na semana, filmes mudos, como exemplo Tom Mix e também seriados. Também, no mesmo ambiente, um piano era “[...] tocado pela Dona Judite Pacheco, acompanhado na flauta pelo seu

<sup>53</sup> “A madeira foi o material mais usado para esculturas, dentre as quais o cedro foi a espécie mais frequente, por ser macia e resistente. Também era indicado por aceitar pigmentação com facilidade. A maioria dos corantes vinha da Europa, mas alguns eram produzidos com elementos locais, como a erva-mate” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 10).

Enio Fontoura” (GOMES, 1981, p. 43). Evidencio que o Cine Lux, depois de anos desativado, foi reformado e voltou a exibir filmes para a comunidade.

Em 1943, no dia 23 de janeiro, a estrada de ferro<sup>54</sup> foi finalmente inaugurada e o público que esteve presente foi em torno de 20.000 pessoas (PEREIRA, 2017). (Figura 19). Conforme o autor, as melhorias daí em diante foram se tornando possíveis com um transporte que abria espaço para se chegar a outros lugares, além da implantação de portos gaúchos que possibilitaram o transporte hidroviário pelo Rio Uruguai.

Figura 19 – A Estação em 1943, no dia da inauguração



Fonte: Registro do pesquisador, em 2019, nos arquivos do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG).

Outras melhorias vieram, nesse início de década, com a implantação de um Hospital de Caridade e um “Ginásio com internato e uma boa equipe – de professores” (GOMES, 1981, p. 56). São Luiz Gonzaga passou a progredir e não parou mais. Ampliou em espaços de convivência para a comunidade, beneficiando diferentes classes sociais e etnias. Ainda em 1943, mais precisamente em 24 de abril, a Sociedade Cultural Literária e Recreativa Imperatriz foi fundada (GOMES, 1981). Seu propósito era de que esse espaço fosse destinado à cultura negra que fazia parte de São Luiz Gonzaga, já que havia, conforme Morais e Santos (2017) outros clubes na cidade que eram considerados de elite. Dessa forma, os negros não podiam se associar a eles.

<sup>54</sup> “Mais tarde 1957, novo trecho foi inaugurado pela V.F.R.G.S. ligando São Luiz a Cerro Largo e a Santo Ângelo, solenidade que contou com a presença do Presidente Juscelino Kubitschek, do Vice-Presidente, João Goulart, do Governador Ildo Meneghetti e de outras autoridades. Com seu prestígio, o Senador Pinheiro Machado adiantou os primeiros passos da obra no ramal Santiago/São Luiz. Embora com atrasos, com o advento de Getúlio Vargas na Presidência da República e seu apoio direto, aquela obra foi concluída” (PEREIRA, 2017, p. 173).

Em 1945, São Luiz Gonzaga, no ramo industrial, já contava com 145 empresas. Neste referido ano, salienta-se que foi fundada a Biblioteca Municipal Senador Pinheiro Machado, no dia 4 de setembro, “[...] como entidade de apoio a educação e a cultura, põe à disposição do público são-luizense o considerável número de 5.692 livros, funcionando de segunda a sexta-feira, nos turnos da manhã e da tarde” (GOMES, 1981, p. 89). Também, em plena Segunda Guerra Mundial e fugindo de perseguições nazistas, o escritor, tradutor e dramaturgo alemão Wolfgang Hoffmann Harnisch, visitou a Região das Missões e São Luiz Gonzaga, constatou que na Igreja haviam algumas imagens realmente admiráveis (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018). Em se tratando de ensino, “Com a chegada dos freis americanos da Ordem dos Frades Menores teve início o Curso Ginásial em 1947, escola que se destinou tanto a meninos quanto a meninas” (OLIVEIRA, 2019, p. 10).

Dois anos depois, em 1949, para dar voz a São Luiz Gonzaga, iniciava suas atividades a Rádio São Luiz – ZYW4, em 22 de setembro. “A rádio foi inaugurada oficialmente dia 1º de outubro de 1949, porém, já havia realizado programas experimentais em 14 de agosto de 1949 e transmitido uma partida de futebol entre Elite e Ipiranga no dia 22 de setembro de 1949” (LUCAS, 2006, p. 39).

Na década de 1950, são feitos os acabamentos da Igreja Matriz (Figura 20).

Figura 20 – A Igreja Matriz em 2019



Fonte: Registro pessoal do pesquisador, 2019.

Importante salientar que a Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga, que abriga as imagens missionárias, é um ponto turístico de destaque, que possibilita a visitantes

apreciar as obras tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de grande importância para o registro da história e da cultura do município. É também, um lugar bastante frequentado, devido à manifestação da religiosidade de seus moradores.

Também cabe ressaltar aqui que, de meados dos anos 1950 ao início dos anos 1960, as serenatas, com momentos de musicalidade e de encantamento, fizeram parte do cotidiano dos moradores – prolongando-se até os anos 1970 – de São Luiz Gonzaga, com músicas para os amores escondidos, em reuniões familiares, etc.

Segundo Tinhorão (2005) citado por Giacomelli (2017, p. 113-114),

[...] as primeiras referências a uma serenata vêm do século XVIII. A serenata era o hábito de cantar à noite pelas ruas, geralmente com o propósito de fazer-se ouvir por amadas inacessíveis, zelosamente resguardadas atrás das janelas por uma tradição de vigilância patriarcal, e constituiu desde o fim da Idade Média um recurso sentimental cultivado em altas vozes noturnas por todo o Ocidente.

Também segundo a autora, há diferentes versões para a palavra serenata. “A que lhe parece mais plausível é a de que se origine da palavra latina *serenus* que remete à área aberta, serena, sem nuvens, influenciada, além disso, pela noção de sera, ou seja, tarde ou noite” (GIACOMELLI, 2017, p. 118).

Nos relatos de moradores, foi possível evidenciar a musicalidade do lugar. Conta Giacomelli (2017) através das narrativas dos moradores, na faixa de 50 a 99 anos, que as serenatas, geralmente oferecidas na fase da lua cheia ou crescente, devidamente ensaiadas, eram recheadas de encantamento. A autora relata também que as serenatas possuíam três formatos: serenatas amorosas (para que as declarações apaixonadas fossem reveladas); serenatas sociais (como forma de gentileza, amizade e lazer); e serenatas comerciais (como forma de agradar os clientes de uma maneira delicada e informal). Dessa forma, como relata uma moradora, Ivone Ávila, “[...] *cantavam modinhas e músicas de Sílvio Caldas, Vicente Celestino, Lamartine Babo, Orlando Silva, Catulo da Paixão Cearense, Pixinguinha, Lupicínio Rodrigues e outros grandes compositores e intérpretes*” (GIACOMELLI, 2017, p. 129-130). As serenatas aconteciam na rua, na frente dos estabelecimentos ou dentro das casas, quando as famílias permitiam. Havia, nesse último, uma reunião com familiares e amigos em almoços sonoros que, às vezes, duravam uma tarde inteira.

Dando sequência à década de 1950, já em 1957, foi inaugurado o Frigorífico São Luiz S. A. – que, conforme Magnus (2017), é até hoje uma das maiores arrecadações do poder municipal – e a Cooperativa Tritícola Sãoluizense – Coopatrigo. Segundo o mesmo autor, a Cooperativa, em sua fundação, reuniu 11 produtores rurais. Atualmente conforme dados da Coopatrigo para Magnus, há 13 unidades de armazenamento e diversos estabelecimentos comerciais conveniados. O autor ainda ressalta que é possível dizer que, nessa época, existiam diversos outros de ramos de indústria, “[...] desde olarias, fábricas de pré-fabricados em concreto, diversas fábricas de processamento de alimentos, uma fábrica de implementos agrícolas (tratores e plantadeiras), entre outros ramos” (MAGNUS, 2017, p. 103). Também, segundo Gomes (1981), o lazer ganhou espaço no município, com a criação de diversos clubes recreativos: Clube de Caça e Pesca Santo Humberto; Associação Atlética Banco do Brasil – AABB; Piscina Clube Pinguim; Clube Vila Militar – Cluvimil; Clube dos Subtenentes e Sargentos da Guarnição de São Luiz Gonzaga – CSSGSLG; Sociedade Recreativa Municipal – Sorema.

No ano seguinte, 1958, mais precisamente no dia 24 de fevereiro, às 16h, houve a chegada, no aeroporto de São Luiz Gonzaga, num avião da Varig que fazia duas viagens semanais, as Irmãs Salesianas de Dom Bosco que se instalaram na cidade. Segundo Oliveira (2019), a chegada das Irmãs trouxe uma revolução no ensino, já que elas criaram, além do curso ginásial, uma Escola Normal para formação de professoras primárias. “Isso significou mudar o rumo de muitas vidas, pois até então a formação de professoras era feita na Escola Santíssima Trindade em Cruz Alta ou em Santo Ângelo na Escola Verzeri ou em São Borja na escola de religiosas que lá existia” (OLIVEIRA, 2019, p. 11). Houve, depois da vinda das Salesianas, uma reação positiva no desenvolvimento da cidade. Aumento no comércio, na indústria, nas construções, na pavimentação da cidade, na procura por mão de obra, nos empregos que foram gerados e na economia. (OLIVEIRA, 2019). Podia-se dizer que o crescimento da cidade, além do fator do ensino que despertou para a criação de novas escolas, estava também entrelaçado ao desenvolvimento geral do País.

Também, nesse mesmo ano, 1958, em 20 de maio, com a finalidade de cultivar as tradições, foi fundada a primeira entidade tradicionalista (Figura 21), o Centro de Tradições Gaúchas Galpão de Estância (GOMES, 1981) que tinha dentre seus fundadores, o poeta Jayme Caetano Braun. Trata-se de um marco importante porque

São Luiz Gonzaga tem forte vínculo com a musicalidade, especialmente com as canções ligadas à tradição gaúcha.

Figura 21 – CTG Galpão de Estância



Fonte: O CTG<sup>55</sup>.

Sem muitas alterações significativas, pelos dez anos seguintes, São Luiz Gonzaga continuava crescendo e prosperando.

Já no ano de 1968, é significativo apresentar, conforme aponta Magnus (2017) em seus estudos, que a arquitetura residencial modernista na cidade (Figura 22) criou uma identidade arquitetônica. É evidenciada com a construção de mais de 3 mil edificações, vistas através das obras dos arquitetos Ruy Florin e Plínio Ivar da Rosa.

Figura 22 – Algumas das edificações residenciais dos arquitetos registradas por Magnus em São Luiz Gonzaga (MAGNUS, 2017, p. 93)



Fonte: Aspectos da evolução urbana<sup>56</sup>.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/municipios/sao-luiz-gonzaga/site/view/id/1787/ctg-galpao-de-estancia.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>56</sup> Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Levantamento-de-fotos-feitas-pelo-autor-em-Sao-Luiz-Gonzaga-2016\\_fig3\\_323369855](https://www.researchgate.net/figure/Figura-3-Levantamento-de-fotos-feitas-pelo-autor-em-Sao-Luiz-Gonzaga-2016_fig3_323369855). Acesso em: 25 jun. 2021.



Já na década de 1970, Magnus (2017) pontua que houve um grande período de demarcações de novas áreas para a habitação feitas pela Administração Municipal da época. Santos (1987) citado por Magnus (2017) pontua que havia registros de fundação de Associações de bairros<sup>57</sup> em todas as áreas até então desocupadas. E durante essa década houve a “[...] instauração da BR 285 que ligava as cidades de São Borja/RS a Araranguá/SC” (SCHMTIZ, 2017, p. 104). Nesse mesmo ano, em 13 de abril, foi promulgada a Lei Orgânica do Município. Cabe ressaltar ainda, que São Luiz Gonzaga permaneceu em crescimento econômico e populacional entre 1970 e 1980.

Também é pertinente destacar, pela sua importância, que no ano de 1971, conforme Gomes (1981), foi criado o Brasão do Município (Figura 23), sob a Lei nº 724 que trazia, em resumo, as características da história de São Luiz Gonzaga com a origem missioneira dos Sete Povos das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, representados pela Cruz de Lorena; a introdução do gado cavalariço, bovino e ovino que era fonte de sua agricultura, o trigo e soja; além das cores nacionais verde, ouro (amarelo) e azul e das rio-grandenses, também o vermelho, o ouro (amarelo) e a verde, representando o caráter de seus habitantes (GOMES, 1981).

Figura 23 – Brasão do Município de São Luiz Gonzaga



Fonte: O Brasão<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> O Bairro Monsenhor Wolski, em 1968, foi o primeiro bairro a fundar uma associação. “Nos dez anos subsequentes, o Bairro Raymundo Gomes Neto, a Gruta, a recém-loteada Vila Mário e a Vila Floresta fizeram suas sedes” (MAGNUS, 2017, p. 103).

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/cultura/2826-aniversario-do-municipio-com-ampla-programacao>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Um pouco adiante, no ano de 1974, conforme a Lei nº 824, foi criada a Bandeira do Município de São Luiz Gonzaga. No Artº 1º dessa lei, está previsto que a Bandeira do Município de São Luiz Gonzaga, “[...] terá cores oficiais o ouro, o branco e o vermelho, em três faixas horizontais, representando: a) o ouro a riqueza do solo; b) o branco, mensagem de paz do seu povo; c) o vermelho a fibra e a afirmação da fé de sua gente” (GOMES, 1981, p. 129-130). (Figura 24).

Figura 24 – Bandeira do Município de São Luiz Gonzaga



Fonte: A Bandeira<sup>59</sup>.

Em 1975, no dia 8 de maio, Gomes (1981) relata que foi fundado o **Museu Senador Pinheiro Machado** (Figura 25), com o objetivo de reunir, preservar objetos e documentos e registrar a história e a cultura do Município e da Região.

Figura 25 – Interior do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado



Fonte: O Museu Municipal<sup>60</sup>.

<sup>59</sup> Disponível em: <http://gecaetes.blogspot.com/p/simbolos.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/353/museu-municipal-senador-pinheiro-machado.html>. Acesso em: 25 jun. 2021.

O Museu reúne um acervo de 250 peças, mantido pela Prefeitura Municipal. Acrescenta Gomes que várias peças que retratam a redução das Missões lá se encontram, dentre elas: pedras e panelas indígenas, utensílios usados pelos primeiros primitivos habitantes da região, munições antigas, espadas de diversas épocas, dentre outros. Também, lá se encontram, “Muitos documentos assinados por Pinheiro Machado, – Visconde de Pelotas, Marechal Deodoro da Fonseca, Gen. Salvador Pinheiro Machado e Getúlio Vargas” (GOMES, 1981, p. 89). O museu, no prédio que foi residência do Senador Pinheiro Machado, é importante ponto turístico, resgatando o passado através de peças históricas que contam a trajetória do município.

No ano seguinte, em 1976, São Luiz Gonzaga recebeu o 14º Batalhão da Brigada Militar – B P M. Salienta-se que poucos municípios do Estado podiam contar com esse serviço. No ano seguinte, em 1977, instalou-se na cidade, o 4º Regimento de Cavalaria Blindado – R C B.

Em 1979, dando ênfase ao crescimento do lugar, foram fundadas a Gráfica A Notícia, o jornal A Notícia, fundado por José Grisólia e a Cia Brasileira de Óleos e Derivados – COBRASOL, fundada pelo Grupo Perim S. A. (MAGNUS, 2017). Também nesse mesmo ano, no dia 6 de setembro, conforme a Lei nº 1.332, foi criado o Hino de São Luiz Gonzaga, tendo a letra de José Hilário Retamozo e a melodia de Jorge Aquino Tavares.

Primitivo rincão missioneiro  
que a bravura jesuíta plasmou  
verdes campos de gado pioneiro  
que Orelhano ao Rio Grande espalhou.

Uma cruz sobrepaira, serena,  
dando origem, no azul do brasão,  
dos mistérios da cruz de Lorena  
que alguém trouxe e plantou no teu chão.

Bendita São Luiz,  
ó solo sagrado,  
ó chão abençoado  
do sul do meu país.  
Bendita São Luiz,  
ó povo nobre e altaneiro,  
que o teu chão missioneiro  
Trabalha e bendiz.

Essa terra onde o povo se ajoelha  
em memória de seus ancestrais,  
nossa história deixou-a vermelha  
com o sangue dos índios, seus pais.

Verdes campos de trigo e de soja,  
 céu azul no infinito arrebol,  
 é São Luiz que esperanças apoja  
 com suor das colméias ao sol.  
 (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014).

Em 1980, conforme Nascimento e Oliveira (2018), São Luiz Gonzaga comemorava um século de emancipação política. Festejos com uma programação aliando Poder público municipal e comunidade foi feita para marcar a data. “A Festa do Centenário foi exitosa e promoveu eventos memoráveis como Canto da Terra, Encontro com a Arte e a I Semana da Cultura” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2018, p. 93). A festa reuniu artistas até então desconhecidos, mostrando a potencialidade musical de São Luiz Gonzaga, bem como, recebeu artistas de outras cidades, advindos das artes plásticas e do artesanato. As autoras afirmam que, a partir desse ano, São Luiz Gonzaga “[...] despertava para nova realidade de valorização e preservação da cultura” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2018, p. 93). Outro destaque de comemoração foi o **Parque Centenário** (Figura 26), com 7 hectares de área, árvores de espécies nativas, exóticas e uma pista para motocross. O parque recebeu esse nome para marcar a passagem do aniversário de 100 anos de emancipação do município (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014).

Figura 26 – Parque Centenário



Fonte: Parque Centenário São Luiz Gonzaga<sup>61</sup>.

Prosseguindo, em outubro do mesmo ano, 1980, pela Lei municipal nº 72, foi criada a Mostra da Arte Missioneira pela Câmara de Vereadores. A edição da I Mostra da Arte Missioneira, foi no ano seguinte, em 30 de abril de 1981, recebendo

<sup>61</sup> Disponível em: <https://br.worldorgs.com/cat%C3%A1logo/s%C3%A3o-luiz-gonzaga/parque/parque-centen%C3%A1rio>. Acesso em: 25 jun. 2021.

repercussão da imprensa estadual, regional e local (desde sua preparação até o momento de sua execução), pois, trazia uma proposta inédita. A proposta teve exibição de filmes contando a história das Missões Jesuíticas, mostra de artesanato, entre diversas atrações que agradavam a apreciação do público.

Pertinente trazer à tona que, em 1981, o jornalista José Grisolia Filho salientou uma importante consideração, na apresentação do livro de José Gomes, 'História de São Luiz Gonzaga', fazendo relato a respeito da história e da documentação do município. José Gomes, pesquisador há mais de 20 anos sobre a história da cidade, evidenciou que São Luiz fora prejudicada “[...] pela falta de consciência histórica que impediu a preservação de livros e documentos que hoje explicariam melhor diversas passagens da história de nosso município” (GOMES, 1981, p. 7).

Em 1983, mais precisamente em 28 de março, aconteceu a II Mostra da Arte Missioneira. Também, nesse mesmo ano, evidenciam Nascimento e Oliveira (2018) que foi criado o Centro de Criatividade São-Luizense, que nasceu com o objetivo de incentivar a atividade criadora e estimular, na comunidade, o gosto pela arte. E ainda, conforme as autoras, em outubro, “[...] no Salão de Atos do Instituto Nossa Senhora Auxiliadora (INSA), ocorreu o I Encontro de Estudos Missioneiros, evento que reuniu historiadores, arqueólogos, antropólogos, pesquisadores de diferentes áreas e professores universitários” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2018, p. 95).

Adiante, em 11 de janeiro de 1984, foi publicado no Diário Oficial da União o Tombamento (ato de reconhecimento do valor de um bem) de 10 imagens missioneiras existentes na Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga, página 530, seção I (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018). Importante trazer que, segundo os autores, em 20 de fevereiro, as imagens foram duplamente tombadas, “[...] no Livro do Tombo Histórico, sob número 491, e no Livro do Tombo das Belas Artes, volume II, sob o número 557” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 40). São 10 as imagens tombadas (Quadro 11), das 13 existentes na Igreja Matriz, durante visita técnica do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), inicialmente era chamado assim, depois passou a se chamar Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): Nossa Senhora da Conceição – Nossa Senhora da Assunção; Nossa Senhora das Dores; Santa Catarina de Sienna; Santa Tereza de Ávila – Sant’Ana; Santo Izidro – São Miguel; São Francisco de Assis; São Francisco Xavier – Santo Antônio; São Luiz Gonzaga; Senhor dos Passos; Senhor Morto.

Quadro 11 – Os 10 Santos Tombados em São Luiz Gonzaga



Fonte: Schmitz e Oliveira (2018).

Saliento, conforme Schmitz e Oliveira (2018, p. 40) que

Três delas, porém, não estão tombadas como patrimônio público e isso se deve ao fato de que, à época, do processo de tombamento, havia apenas 10 estátuas em São Luiz Gonzaga. As demais estavam em Uruguaiana/RS, para onde foram levadas em meados do século XX, quando o Bispo Diocesano esteve na cidade (que à época pertencia à Diocese de Uruguaiana) e encontrou as esculturas em situação que desgostou a autoridade religiosa. Diante de uma condição de sujeira e sem cuidados especiais aos santos representados nas imagens, o Bispo ordenou que fossem levadas à sede da Diocese.

Apresento, a seguir, no Quadro 12, as 3 imagens não tombadas: Crucifixo com o Cristo; São João Batista; São João Evangelista.

Quadro 12 – As 3 imagens que não foram Tombadas em São Luiz Gonzaga



Fonte: Schmitz e Oliveira (2018).

Pertinente trazer que as imagens encontradas no interior da Igreja são de santos em estilo barroco missioneiro – esculpidas, talhadas em madeira, pelos padres e indígenas guarani no século XVIII. Schmitz e Oliveira (2018) pontuam que o estilo barroco<sup>62</sup> de expressão artística, em que há um esplendor e exuberância nas obras, é originalmente europeu, tendo florescido entre o final do século XVI e o século XVIII.

<sup>62</sup> “O barroco (por sua grandiosidade) representa um período histórico importante, uma Europa mais humanizada, primeiramente pelo Iluminismo e mais tarde pela Reforma Protestante e Contrarreforma, que dimensionaram o ser humano a um patamar maior que o atingido durante o medievo. Naquele cenário, o estilo barroco buscava seu espaço, primando pela espiritualidade, mas sem descuidar de elementos sensoriais que causassem uma impressão emotiva e de devoção – no caso de artes religiosas – nas pessoas” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 7).

Segundo os autores, “No espaço missioneiro as imagens representam importante papel na evangelização [...]” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 7). Eles também evidenciam que,

A partir de meados do século XVI, a Igreja Católica iniciou um processo de disputa com a Igreja Protestante criada por Martinho Lutero. Nesse contexto, se insere o catolicismo espanhol e cabe lembrar que as Missões no Rio Grande do Sul eram de origem espanhola. Os líderes católicos espanhóis e portugueses estiveram na vanguarda da luta contra os ideais reformistas protestantes, considerados heréticos por muitos. Para tanto, o incremento no uso de imagens sacras constituiu importante arma na conquista e manutenção de fiéis. Não bastava apenas confeccionar imagens. Elas precisavam ter algo mais para cumprirem seu papel evangelizador. Para tanto, foram carregadas de emoção, de movimento e de exagero (no bom sentido) nas formas (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 8-9).

Ainda Schmitz e Oliveira (2018) demonstram que, como na Europa, nas Missões sul-americanas, as imagens retratavam a cultura local. Eram produzidas nas Oficinas das Missões conduzidas pelos padres escultores, que ensinavam os indígenas e, juntos, elaboravam as peças. Por fim, os autores salientam que houve uma miscigenação cultural em relação à arte nas Missões, que era voltada à evangelização dos nativos.

Em São Luiz Gonzaga, além das estátuas de madeira da Igreja Matriz, “[...] também é tombado como patrimônio material nacional o Sítio Arqueológico de São Lourenço<sup>63</sup> (Figura 27), um dos Sete Povos das Missões, que hoje se encontra em território são-luizense” (SCHMITZ; OLIVEIRA, 2018, p. 35). No local, é possível visitar remanescentes da igreja, da adega e da escola. Ali também são criadas as ovelhas da raça crioula Lanada, raça introduzida pelos jesuítas nas Missões e no RS (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014). Saliento que essa informação histórica é importante do ponto de vista turístico, porque esse lugar traz evidências do início da Missão de São Luiz, com um conjunto de ruínas remanescentes da redução jesuítica. O **Sítio Arqueológico de São Lourenço** fica a uma distância de 30 km de São Luiz Gonzaga, sendo o acesso pela BR-285.

---

<sup>63</sup> São Lourenço é um dos Sete Povos das Missões fundado pelos padres Jesuítas da Companhia de Jesus. “A Missão de São Lourenço Mártir foi fundada pelo Padre Jesuíta Bernardo de La Veja no ano de 1690, entre São Luiz Gonzaga e São Miguel das Missões, com mais de 2 mil indígenas já catequizados da redução de Santa Maria La Mayor. Essa redução destacou-se nas práticas da agricultura, criação de gado, cavalos, ovelhas e cultivo da erva mate. Sua população ultrapassou os 6.400 habitantes em 1731” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014).



Figura 27 – Sítio Arqueológico São Lourenço



Fonte: Sítio Arqueológico<sup>64</sup>.

Ainda em 1984, mais especificamente no dia 7 de novembro, foi criado o **Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG)** (Figura 28), “[...] sob a orientação e estímulo do saudoso Dr. Dante de Laytano, historiador, pesquisador e entusiasta da experiência missioneira” (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2017, p. 206). O Instituto tem como sócio-fundadora a professora Anna Olívia do Nascimento. Dentre as atividades culturais promovidas pelo Instituto, destacam-se os Estudos Missioneiros, que reúnem historiadores renomados dos países que possuem reduções missioneiras: Brasil, Argentina e Paraguai.

Figura 28 – Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga



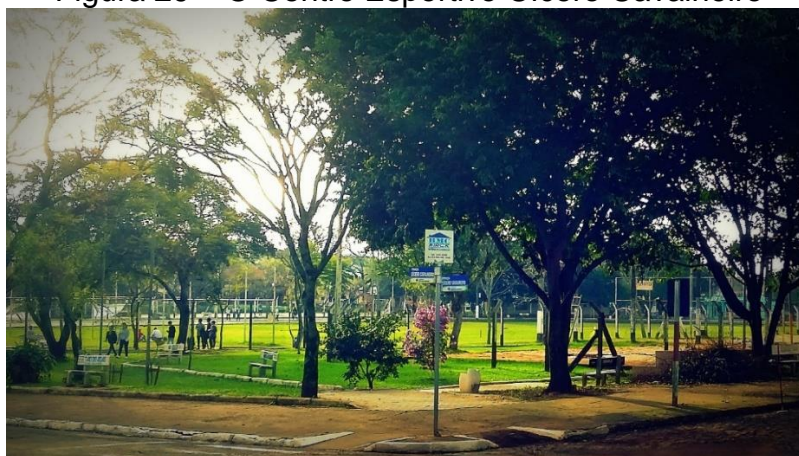
Fonte: Registro pessoal do pesquisador, 2019.

---

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/782-sitio-arqueologico-de-sao-lourenco>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Em 1986, um evento que divulgava São Luiz Gonzaga e seus artistas locais, para outras localidades, Regiões, Estados e por que não, países, acontecia: a IV Mostra da Arte Missioneira. Já em 1987, foi a vez de acontecer o II Encontro de Estudos Missioneiros. Nesse mesmo ano, houve a inauguração do Centro Esportivo Expedicionário Cícero Cavalheiro (Figura 29) que abriga a infraestrutura para a prática de vários esportes, futebol, basquete, vôlei, atletismo, bem como, um parque infantil (PORTAL DAS MISSÕES, 2019). Um espaço para a convivência e o lazer.

Figura 29 – O Centro Esportivo Cícero Cavalheiro



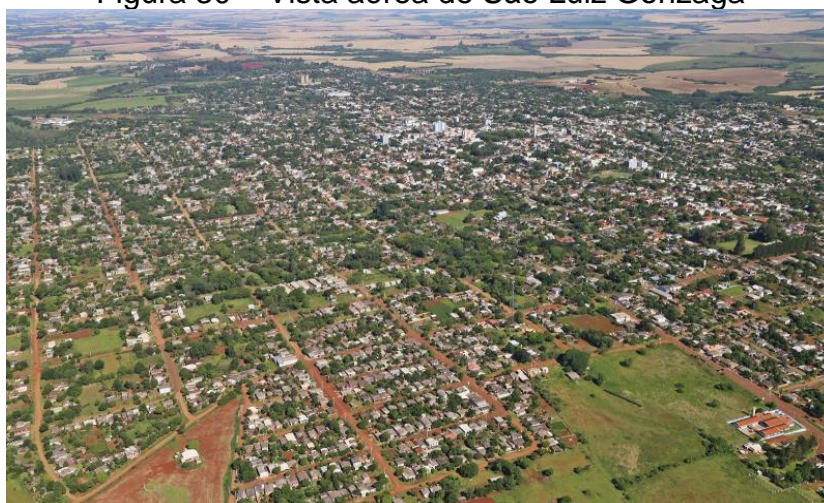
Fonte: Registro pessoal do pesquisador, 2019.

No ano de 1989, dando continuidade aos eventos de prestígio para São Luiz Gonzaga no cenário regional, estadual e em outros países, houve a VI Mostra da Arte Missioneira e o III Encontro de Estudos Missioneiros. Posteriormente, em 1991, promovido pelo IHGSLG, Centro de Criatividade e Secretaria Municipal de Cultura, conforme Nascimento e Oliveira (2018), foi realizado o Encontro Regional Cultura e Turismo nas Missões, com representantes de várias localidades regionais e com o objetivo de debater a cultura e o turismo na região. Também, nesse mesmo ano aconteceu a VII Mostra da Arte Missioneira e o IV Encontro de Estudos Missioneiros, ambos promovidos pelo IHGSLG.

Em 1993, aconteceram as realizações culturais: IX Mostra da Arte Missioneira e o planejamento para o V Encontro de Estudos Missioneiros (NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2018). Já em 1994, os mesmos autores pontuam, dando continuidade às realizações culturais, que houve o VI Encontro de Estudos Missioneiros e o XI Encontro Estadual de Micro-História em São Luiz Gonzaga/RS, este último, realizado em cidades do interior gaúcho, desde 1983.

Com a chegada do século XXI, em 2001, São Luiz Gonzaga, pode-se dizer, possui estruturas bem diferentes das apresentadas no passado. Os bairros foram consolidados e a cidade conta com associações de moradores de bairros que buscam cuidar e trazer melhorias para seus espaços. São bairros que compõem o município, cada um com sua história e tempo de existência: Bairro Agrícola; Bairro Auxiliadora; Bairro da Gruta; Bairro Duque de Caxias; Bairro Monsenhor Wolski; Bairro Oeste; Bairro Pedreira; Bairro Presidente Vargas; Bairro Raymundo G. Neto (prefeito de São Luiz Gonzaga de 1938 a 1941); Cohab; Vila Ferrari; Vila Floresta; Vila Harmonia; Vila Jauri (prefeito de São Luiz Gonzaga por três gestões, de 1977 a 1982, de 1993 a 1996 e de 2001 a 2004); Vila Joaquim Nascimento (prefeito de São Luiz Gonzaga em 1982); Vila Loureiro (prefeito em dois mandatos); Vila Marco; Vila Mário; Vila Nova; Vila Paz; Vila Trinta (LOPES, 2003). A Figura 30 registra a vista aérea do município que ajuda a ampliar visualmente, as informações acima trazidas.

Figura 30 – Vista aérea de São Luiz Gonzaga



Fonte: Vista aérea do município<sup>65</sup>.

Passada a primeira década do século XXI, no ano de 2011, seguiram-se as realizações culturais do município, com o VIII Encontro de Estudos Missionários e com a XIV Mostra da Arte Missionária, atrativos para moradores e visitantes. É significativo também evidenciar que, referindo-se ao turismo, no ano de 2012, o Projeto de Lei nº 172/2012 do Deputado Dr. Basegio, declara o Município Capital Estadual da Música Missionária. A Lei, com texto na íntegra, no site da Prefeitura Municipal de São Luiz

---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/setor-de-turismo/30705-diversas-atracoes-integram-a-programacao-de-aniversario-de-sao-luiz-gonzaga>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Gonzaga, evidencia a contribuição e a grandiosidade com que Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, Pedro Ortaça e Cenair Maicá, os Quatro Troncos Missioneiros (Figura 31), trouxeram em seus versos, payadas e músicas, criando uma marca na cultura musical gaúcha, a Identidade Musical Missioneira.

Figura 31 – Quatro Troncos da Música Missioneira



Fonte: Os Quatro Troncos da Música<sup>66</sup>.

No ano de 2013, conforme divulgação da Rádio Missioneira Online, em 22 de novembro, a Mostra da Arte Missioneira teve alterações em sua execução, passando a ser sediada também na Argentina e no Paraguai, conforme assinatura de um protocolo de intenções entre os três países. No ano de 2016, conforme noticiou a Rádio Missioneira Online, a 17ª Mostra da Arte Missioneira foi incorporada às comemorações da programação de aniversário de São Luiz Gonzaga.

Em 2018, no dia 12 de setembro, conforme o site da Prefeitura Municipal, foi aprovada por unanimidade pela Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga e sancionada pelo prefeito Sidney Brondani, a Lei nº 5.842/2018, que definiu a criação da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. Até então, o Setor de Turismo estava vinculado à Secretaria de Administração e Desenvolvimento, com sede no **Complexo Turístico Jayme Caetano Braun**<sup>67</sup> (Figura 32) e coordenado por Rose Grings.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/794-capital-estadual-da-musica-missioneira>. Acesso em: 27 jun. 2021.

<sup>67</sup> Constituído por Monumento ao Pajador, praça, Centro de Informações Turísticas, sala de vídeo documentário, sala dos Quatro Troncos Missioneiros, sala do Memorial dos Artistas São-luizenses e Venda do Bonifácio para comercialização de artesanato e lembranças da cidade. Construído pelo escultor Vinícius Ribeiro.

Figura 32 – Complexo Turístico Jayme Caetano Braun – Praça do Pajador



Fonte: A Praça do Pajador<sup>68</sup>.

No dia 4 de janeiro de 2019, Roseli Oliveira Grings, graduada em Serviço Social pela URI São Luiz Gonzaga, com pós-graduação em Gestão Social, Políticas Públicas, Rede e Defesa de Direitos, foi empossada Secretária de Turismo e Cultura. A sede da Secretaria de Turismo e Cultura foi estabelecida junto ao Complexo Jayme Caetano Braun. Abaixo, a Figura 33 registra o símbolo que identifica a Secretaria de Turismo e Cultura.

Figura 33 – Símbolo da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga



Fonte: Símbolo do Turismo e Cultura<sup>69</sup>.

Em 2020, mais precisamente no dia 7 de março, a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, lançou, em comemoração ao dia internacional da mulher e valorizando a mulher missioneira, a 1ª Cavalgada da Mulher

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/806/jayme-caetano-braun-mobiliza-traditionalistas-e-au.html>. Acesso em: 27 jun. 2021.

<sup>69</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-turismo-e-cultura/37335-secretaria-de-turismo-e-cultura-e-inaugurada-em-sao-luiz-gonzaga>. Acesso em: 27 jun. 2021.

Missioneira (Figura 34), com mais de 40 cavaleiras percorrendo as ruas. O evento foi televisionado pela RBSTV em reportagem exibida no Jornal do Almoço, JA (G1, 2020).

Figura 34 – 1ª Cavalgada da Mulher Missioneira no JA



Fonte: Cavalgada<sup>70</sup>.

No dia 13 de abril de 2020, a Rádio Missioneira Online anunciou a nova Secretária de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, Marli Miranda de Oliveira. Informou a rádio que a nova secretária, Marli já integrava a equipe da secretaria e que possui capacitação em cursos de orçamento público municipal (noções gerais e fundamentais); procedimentos técnicos para correta elaboração, dispensa e inexigibilidade de licitação; e nova lei de licitações e contratos administrativos. A saída da então Secretária Rose Grings se deu em detrimento dela ter se candidatado para concorrer ao cargo de Vereadora de São Luiz Gonzaga.

No mesmo ano, na véspera do aniversário de São Luiz Gonzaga – data comemorada em 3 de junho –, a Administração Municipal, por meio de uma de suas ferramentas – a página do *Facebook* –, divulgou um vídeo comemorativo enaltecendo a importância de todos para a continuidade do crescimento.

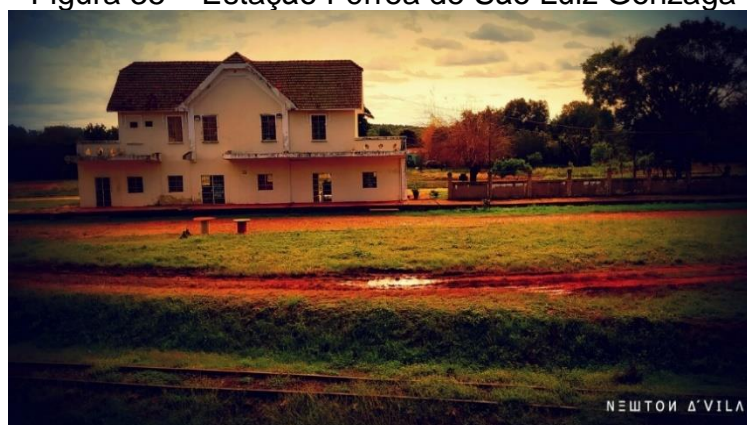
Registro, também, que, a partir desse ano, a Pandemia COVID-19, doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (uma família de vírus que causam infecções respiratórias, e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca), se tornou parte de nossas vidas, no mundo inteiro. E não seria diferente em São Luiz Gonzaga. Diante disso, relato que, em 25 de junho de 2020, foi registrada em São Luiz Gonzaga, a primeira morte por COVID-19, “[...] a paciente era uma mulher de 48

<sup>70</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/primeira-cavalgada-da-mulher-missioneira-acontece-em-sao-luiz-gonzaga-neste-sabado-7/8380869/>. Acesso em: 27 jun. 2021.

anos que estava internada no Hospital Dom Bosco, na cidade vizinha de Santa Rosa. Ela tinha histórico de problemas de saúde” (G1, 2020).

Em 13 de julho de 2020, foi publicado no site da Rádio São Luiz que a Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga lançou projeto para reanimar a história da Estação Férrea, que estava abandonada e sofreu uma revitalização, com a reunião de materiais que serão catalogados no acervo. Essa estação resgata “[...] a memória dos trabalhadores ferroviários que contribuíram para o progresso do município” (MORAIS, 2020). Cabe ressaltar que, em se tratando de turismo, a Estação Férrea se trata de outro marco importante que trouxe a proximidade de públicos de diferentes regiões e amplia a possibilidade de conhecimento e visitação no município. Após a revitalização da Estação Férrea, (Figura 35), foi fixado em suas dependências, o **Museu Arqueológico de São Luiz Gonzaga (MARQ)**, que antes possuía uma sala na Praça Cícero Cavalheiro. O Museu possui um acervo de fragmentos cerâmicos. Entre eles: pontas de flecha, pedras de boleadeiras, machado em pedra, resquícios de uma urna funerária do período anterior à formação das Missões, a pia batismal intacta da Missão de São Luiz Gonzaga e demais materiais arqueológicos, resgatados durante as pesquisas do Professor Arno Kern, no Sítio Arqueológico de São Lourenço (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2014).

Figura 35 – Estação Férrea de São Luiz Gonzaga



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, 2022.

Novamente evidenciando notícias sobre a COVID-19, em 27 de julho de 2020, “De acordo com o boletim epidemiológico de hoje, o município registra 78 casos de COVID-19, com 51 pacientes recuperados, 22 casos ativos e cinco óbitos” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2020). Três meses depois, em 24 de novembro de 2020, também noticiado pelo site da Prefeitura, já tinham sido

confirmados 624 casos de COVID-19 em São Luiz Gonzaga, sendo 541 pacientes recuperados e 13 óbitos.

O município de São Luiz Gonzaga, prezando em manter o distanciamento social, trouxe o Natal Luz das Missões de maneira virtual (Figura 36).

Figura 36 – Natal Luz das Missões em São Luiz Gonzaga



Fonte: Natal Luz<sup>71</sup>.

Esse evento acontecia em todo o mês de dezembro com intensa programação, acompanhando diversas ações solidárias. Também oportunizava divulgar a cidade turisticamente. (Figura 37).

Figura 37 – Natal Luz das Missões na Praça



Fonte: Natal Luz na Praça<sup>72</sup>.

Com a chegada do novo ano, 2021, em 1º de janeiro, ocorreu a solenidade de posse dos eleitos para o mandato 2021-2024 em São Luiz Gonzaga. “Durante a solenidade, Sidney Brondani foi empossado para o segundo mandato como prefeito de São Luiz Gonzaga, desta vez ao lado do vice-prefeito, José Antônio Flach Werle

<sup>71</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/natal-luz/53656-atracoos-do-natal-luz-das-missoes-virtual-continuam-neste-domingo>. Acesso em: 27 jun. 2021.

<sup>72</sup> Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/natal-luz/45973-programacao-do-natal-luz-das-missoes-iniciou-em-sao-luiz-gonzaga>. Acesso em: 27 jun. 2021.



(Piti Werle)” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2021). Também, nesse mesmo dia, tomou posse para a Gestão (2021-2024), a nova Secretária de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, Luiza Caterine Santos Panegalli, professora de Artes Visuais e apresentadora de festivais e eventos.

A COVID-19 adentrou 2021 fazendo mais vítimas. Em 6 de janeiro o município registrou a 16ª morte, “O paciente – um homem de 73 anos – deu entrada no Hospital São Luiz Gonzaga (HSLG) em 28 de dezembro de 2020, sendo transferido para leito de UTI no Hospital Bom Pastor, em Ijuí” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2021). A Administração Municipal reforçou, nessa mesma notícia, o pedido para que as pessoas tornem hábito o uso de máscaras, fazendo a proteção facial ao circularem pelas ruas e estabelecimentos. Além de estarem sempre atentos aos cuidados necessários para barrar o vírus e evitar aglomerações (incluindo eventos familiares).

Em 13 de julho de 2021, conforme o site da Prefeitura Municipal, “O projeto de lei 472/2019, o qual declara São Luiz Gonzaga Capital Gaúcha do Arroz Carreteiro e inclui a Festa do Arroz Carreteiro no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Rio Grande do Sul, é de autoria do deputado estadual Sérgio Turra (Progressistas)” (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LUIZ GONZAGA, 2021).

Saliento, em relação ao turismo, que São Luiz Gonzaga oferece uma vasta possibilidade de visitação, entre pontos turísticos oficializados e outros que são potenciais, já que resgatam a história do lugar. Os pontos turísticos, conforme o site da Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga, são: Estatuária Missioneira; Igreja Matriz; Praça da Matriz; Museu Municipal Senador Pinheiro Machado; Monumento a Sepé Tiaraju; Museu Arqueológico; Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga; Sítio Arqueológico de São Lourenço; Gruta Nossa Senhora de Lourdes; Parque Centenário; Praça Jayme Caetano Braun e Rio Piratini. Outros locais não registrados como pontos turísticos oficializados, valem a pena visitar e conhecer para sentir a história e a energia do lugar: Pórtico São Luiz Gonzaga; Prefeitura de São Luiz Gonzaga; Cinema Cine Lux; Sublime – Monumento em homenagem a beleza da índia, da mulher missioneira; Biblioteca Municipal Senador Pinheiro Machado; Casa Antiga de Pedra; Casa Noel Guarany; Centro de Artes Lucas Franco Lima; Centro de Criatividade Arte Nossa; Centro Esportivo Expedicionário Cícero Cavalheiro; Coopatrigo Cooperativa Tritícola Regional São-Luizense; CTG Galpão de Estância; Fórum Monumento Justiça Missioneira; Gruta de Nossa Senhora Conquistadora;

Instituto Frei Armando e Sala Ana Petrona; Redução Jesuítica de São Luiz Gonzaga; Brique da Praça da Matriz Abegair Damião; Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Pinheiro Machado; Estação Férrea; Capela São Paulo.

Em relação a eventos, uma programação especial é realizada anualmente pela Administração Municipal, durante os meses de maio e junho, em comemoração ao aniversário de São Luiz Gonzaga. Esses eventos contam com o apoio de entidades e empresas do município. Outros eventos também são realizados todo o ano: Cavalcada Cultural Jayme Caetano Braun; Moto Mateada; Velocar (corrida de carro); Pró-Giro Bike Clube; Festa do Arroz Carreteiro; Festival de Trovas e Pajadas Jayme Caetano Braun; Expo São Luiz (que reúne negócios e turismo); Feira do Livro; e Natal Luz das Missões.

Igualmente, em São Luiz Gonzaga, há lugares a serem descobertos numa caminhada pela cidade. São ruas, casas, prédios, espaços de natureza com vasta arborização e até sonoridade das caturritas, cantando nas árvores da Praça da Matriz. Há, também, pessoas com seus jeitos interioranos, costumes e histórias afetivas pelo lugar que contam causos na praça. São Luiz Gonzaga traz belezas (naturais, em sua arquitetura, em sua gente) e é um convite à calma, ao sossego, à qualidade de vida.

A cartografia missioneira de São Luiz Gonzaga que foi expressa nessas páginas, trouxe, além de dados de materialidade, possibilidades de olhares e percepções da imaterialidade do lugar. Dessa forma, o texto propôs que, ao conhecer e reconhecer o ambiente e, ao resgatar emoções e vínculos, seja possível se deparar com novas descobertas, redescobertas e transformar modos de viver e interagir. Desse modo, aciona-se a possibilidade de alterar comunicação, relações e turismo, semeando rizomas possíveis para a construção de um turismo responsável, amoroso e ecossistêmico. Em síntese, a cartografia aqui já é uma ‘com-versação’ com o lugar, assim como serão apresentadas as ‘com-versações’ com os sujeitos do lugar, no próximo capítulo.

Destarte, ao finalizar a construção do capítulo sobre o *locus* de pesquisa, posso dizer que São Luiz Gonzaga, como outras localidades, sejam elas pequenas, médias ou grandes, tem, em sua estrutura, alguns problemas. São, contudo, problemas possíveis de resolver, com o adequado posicionamento do Poder público e a ajuda da comunidade. Pelo que é possível aprender com sua história e seus traços marcantes e singulares, São Luiz Gonzaga possui a ênfase do caráter autopoietico de sua história.



*“Conhecer um lugar é também uma oportunidade para reconhecer-se. Se já visitou, revise, se não conhece, vá conhecer, pois, a cada nova ida, vamos carregados de novos conhecimentos que alteram nossas percepções. Experimente, mas, vá com disposição de viver o novo, sem julgamentos. Sinta o lugar, como fez Mário de Andrade em 1927, numa viagem à Amazônia.”*

*Newton Ávila*

## 6 COMUNICAÇÃO *CORPOIESIS* EM TERRA MISSIONEIRA

Neste capítulo, apresento a Comunicação *Corpoiesis*, que deriva de um corpo (sujeito e lugar) que é capaz de acionar *Corpoiesis*, potencializar Tramas Turísticas e potencializar Tramas Comunicacionais. Um corpo missioneiro que se fez em terra missioneira e segue com as marcas missionieras, em trama com outros corpos e lugares. Neste ponto da escrita, é hora de apresentar os reencontros com São Luiz Gonzaga, a partir das conversações com sujeitos e lugares, para explicitar a composição e produção de Comunicação *Corpoiesis*.

Comunicação *Corpoiesis* é uma proposição com o objetivo de comunicar com intensidade, com um corpo potente, em *corpoiesis*, em constante processo de (auto)transpoiese. Está em pauta uma comunicação interligada ao ecossistema todo e a um corpo capaz de ser acionado e potencializado na (e pela) comunicação (verbal e não verbal), proporcionando, a partir das práticas comunicacionais, olhares, percepções, vivências e experiências, para construir outras relações mais sensíveis, mais amorosas, mais duradouras. Comunicação *Corpoiesis* é a que contribui para a produção de sujeitos e lugares, entrelaçados em corpos pulsantes, vibráteis, no sentido de direcioná-los para o bem-conviver!

A proposição central desta tese envolve soltura, acionamento e potencialização dos sujeitos, em um processo caracterizado pelo ato de se permitir e se mostrar com mais facilidade, através de múltiplas atividades, ampliando o seu exterior, na comunicação e nas relações. A Comunicação *Corpoiesis* possibilita comunicar, experimentando o novo e o desconhecido, com viés afetivo e amoroso, com o corpo em produção contínua de vida, um corpo sujeito que só existe em seus vínculos. De igual forma, por isso mesmo, a Comunicação *Corpoiesis* também sinaliza possíveis mudanças, desprendimentos, voos, para instigar a criar novas histórias, e, com isso, proporcionar benefícios ao corpo. Conforme já referido, esse corpo é entendido aqui em sentido ampliado, para estar em constante transformação para a vida. Corpo-sujeito-lugares.

Para mim, então, uma proposição que me representa e fortalece, pessoal e profissionalmente. Como venho destacando, o que trago, aqui, como tese, é resultado de um longo percurso e das produções no Doutorado, nos anos mais recentes. Desse modo, como sempre tive o objetivo de, ao estudar e aprender, propor o bem-estar e a qualidade de vida pessoal e profissional das pessoas, incorporei, recentemente, o

nome **NESTON ÁVILA Comunicação Corpoiesis** no trabalho de prestação de serviços a empresas, instituições e lugares/cidades, que desenvolvo desde o ano 2000. Para a produção desta tese, a viagem investigativa me levou de volta a São Luiz Gonzaga, para compreender mais e desenvolver ‘com-versações’ com moradores, de tal modo a desencadear ações de Comunicação *Corpoiesis*, que pudessem se mostrar como sinalizadores dos pressupostos que venho trabalhando no Amorcomtur! e que foram apresentados, especialmente no que diz respeito aos Ecossistemas Turístico-Comunicacionais e ao Averso do Turismo.

Dito isso, inicia-se, a partir de agora, uma conversação rizomática, que entrelaça relatos de moradores de São Luiz Gonzaga/RS, diálogo com autores e intervenções pessoais, decorrentes das minhas reflexões e do meu sentimento, dos meus sentires íntimos, como ensina Maturana. Como é próprio do rizoma, os fios e nós soltam-se ora em uma direção, ora em outra. São interligados, de forma assimétrica, com as nuances e as miudezas de fala que compõem esta pesquisa. Dessa forma, cumpro o propósito de responder **o quarto objetivo específico desta tese**, que é: “Realizar aproximações e ações investigativas com moradores de São Luiz Gonzaga, buscando acionar a Comunicação *Corpoiesis* e a potencialização das Tramas Turístico-Comunicacionais”.

É importante salientar, nesse momento, que ao longo desse processo em que se deu a construção da tese, no que envolve o *lócus* de pesquisa, tive um reencontro com São Luiz Gonzaga. Esse reencontro se deu numa revisitação do lugar/cidade a partir do olhar de pesquisador, que foi cartográfico, que foi rizomático, que foi pulsante. Deparei-me com uma São Luiz Gonzaga diferente da até então percebida, o que fez com que eu me debruçasse nesses novos olhares, propondo uma escuta atenta dos moradores, para buscar entender que sinalizadores seriam possíveis para pensar uma outra comunicação, outras relações e um outro Turismo. Nesse sentido, com esse reencontro, ocorreram visitas distintas, sendo quatro presenciais e uma *on-line*. As três visitas presenciais (janeiro de 2019; julho e agosto de 2019; janeiro de 2020) e um contato *on-line* via WhatsApp, devido à Pandemia COVID-19 (julho de 2020) foram para as aproximações investigativas. A última visita, presencial, foi para aplicar as ações investigativas (maio e junho de 2022). Antecipando a compreensão dos leitores, apresento, abaixo, um quadro-síntese das aproximações e ações investigativas, que serão posteriormente esmiuçadas.

Quadro 13 – Quadro-síntese de aproximações e ações investigativas

Aproximações/ ações	Período	Caracterização geral
1ª aproximação investigativa	Janeiro 2019	Roda de conversa presencial com públicos de: 12 a 24 anos (adolescência/juventude); 25 a 59 anos (adultos); acima de 60 anos (terceira idade). <b>Pergunta aberta:</b> Qual o lugar da cidade com que você se identifica e que tem vontade de frequentar sempre? Por quê?
2ª aproximação investigativa	Julho e agosto de 2019	Roda de conversa presencial com públicos de: 18 a 24 anos (juventude); 25 a 59 anos (adultos); acima de 60 anos (terceira idade). <b>Pergunta aberta:</b> O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade? <b>Pergunta aberta:</b> Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade? <b>Pergunta aberta:</b> Como você observa a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes? <b>Pergunta aberta:</b> Como percebe a relação entre moradores e visitantes?
3ª aproximação investigativa	Janeiro de 2020	Roda de conversa presencial com públicos de: 7 a 11 anos (crianças). <b>Pergunta aberta:</b> Como você se relaciona com São Luiz Gonzaga/RS?
4ª aproximação investigativa	Julho de 2020	Contato <i>on-line</i> via WhatsApp com públicos variados (respostas entre 32 anos e 74 anos). <b>Provocação:</b> 1-Fotografar com o próprio celular, pensando na frase: um lugar na cidade em que você se sinta bem. 2-Escrever um texto simples, expressando os sentimentos, respondendo à pergunta: O que São Luiz Gonzaga faz você sentir?
Ação investigativa	Maio e junho de 2022	Ação com práticas comunicacionais advindas de uma escuta atenta ocorrida nas aproximações investigativas, envolvendo a participação dos moradores, com o Projeto Comunicação <i>Corpoiesis</i> : práticas artístico-culturais.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Importante também salientar que as conversações, nas aproximações investigativas, ocorreram em um ambiente de informalidade. As conversas foram espontâneas, em alguns casos individuais e fora do horário de trabalho e, em vários outros, em formato de rodas de conversa, no âmbito profissional, dentro do horário de

trabalho. Com isso, faz-se pertinente trazer, nesse momento, um quadro demonstrativo, em que destaque, por área, empresas e instituições, que, através de seus funcionários, gestores e proprietários, contribuíram para a minha pesquisa.

Quadro 14 – Empresas e instituições parceiras na pesquisa

<b>Na área da Educação</b>	Colégio Portinari; Instituto Estadual de Educação Osmar Poppe; Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Adalgisa Lencina; Escola Estadual de Ensino Fundamental Senador Pinheiro Machado; Escola Estadual de Ensino Médio Gustavo Lansch; Instituto Estadual Rui Barbosa; Senac São Luiz Gonzaga; Sesc São Luiz Gonzaga; Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); Universidade Unopar – Polo São Luiz Gonzaga.
<b>Na área Institucional</b>	32ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) São Luiz Gonzaga; Associação Comercial e Industrial de São Luiz Gonzaga (ACI); Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga; Secretaria Municipal de Educação e Esporte de São Luiz Gonzaga; Secretaria Municipal de Saúde de São Luiz Gonzaga; Sindicato dos Empregados do Comércio de São Luiz Gonzaga; Sindicato Rural de São Luiz Gonzaga; Sindilojas São Luiz Gonzaga.
<b>Na área da Gastronomia</b>	Biscoitos Roseila; Confeitaria Luana; Padaria e Confeitaria Duque de Caxias; Restaurante Cantina; Restaurante do Mário; Restaurante e Churrascaria Tote; Restaurante e Pizzaria Malagueta.
<b>Na área da Cultura</b>	Arte Nossa – Centro de Criatividade São Luiz Gonzaga; Biblioteca Pública Municipal de São Luiz Gonzaga; Centro de Tradições Gaúchas – CTG Carlos Bastos Prado; Centro de Tradições Gaúchas – CTG Galpão de Estância; Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga; Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga.
<b>Na área da Hotelaria</b>	Cometa Hotel; Ipê Hotel.
<b>Na área de Serviços</b>	Academia Boa Forma; Academia Movimento; Agropecuária Uruquá; Amor & Paixão Produtos Íntimos; Animalis PetShop; Bazar e Papelaria Amaral; Casa da Ração; Casa da Tradição; Centro de Formação de Condutores (CFC Missões); Cooperativa Tritícola Regional São-Luizense Ltda (Coopatrigo); Clube Harmonia; Dosul Supermercados; Farmácia Panvel; Farmácia São João; Feron Supermercados; Fortisato Peças e Implementos Agrícolas; Hospital São Luiz Gonzaga (HSLG); Imobiliária Gaúcha; Jornal A Notícia; Loja Becker; Loja Benoit; Loja Colombo; Loja Estação Criança; Loja Magazine Luiza; Loja Magazine Nobre; Loja Por Menos; Loja Três Passos; MB Farmácia; Moda Lara Teixeira; Nicola Calçados; Nova Design Serigrafia; O Boticário; Oficina das Tintas; Posto Ipiranga; Posto Shell – Auto Posto São Luiz; Rádio São Luiz; Relojoaria Aliança; Salão de Beleza Ziza; Supermercado Ponto Certo; Supermercado São Jorge; Unimed-RS Missões; Xande Esportes.

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Outro dado relevante e pertinente de ressaltar é que, prezando o anonimato dos sujeitos-moradores-respondentes, conforme termo de consentimento assinado, apresentarei os relatos da seguinte maneira: cada sujeito-morador-respondente terá

o pseudônimo “Arthur” acrescido da idade, ou “Maria” acrescida da idade. A escolha dos nomes a serem utilizados é por conta de que esses nomes são frequentes entre os moradores da cidade. Saliento que, para o uso desses nomes nesta tese, foi contatado o Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais e Registros Especiais da Comarca de São Luiz Gonzaga<sup>73</sup>, que, prontamente, se dispôs a auxiliar e colheu informações de dados, oportunizando uma declaração dos nomes de nascimento em São Luiz Gonzaga, no período de 2020 a 2022. O período correspondente à análise foi somente o disponibilizado pela plataforma do Cartório, não tendo sido possível a averiguação de anos anteriores. A declaração do Cartório encontra-se no Anexo A da tese. Assim, preserva-se a identidade de cada pessoa que deu o seu relato, e as respostas constituem-se de sujeitos pertencentes ao lugar. Informo também que os relatos foram gravados – sempre que autorizados – e transcritos na íntegra para esta pesquisa. Em alguns casos, serão suprimidas informações repetidas.

Explicitados os comentários pertinentes e apresentados os dois quadros, evidencio que, ao longo desse capítulo, irei mostrar **que corpo é esse subjetivo com o qual entrei em contato**, nas minhas visitas de campo, no perpassar desses quatro anos. Nesse ínterim, expresso a fala de Maturana (1998, p. 24), que resume o que fui fazer em São Luiz Gonzaga, ao enlaçar o ‘com-versar’ e o ‘con(viver)’, a “[...] aceitação do outro como um legítimo outro na convivência”. Ao reconhecer esse outro, sujeito, morador, dono de sua expressividade e de seu jeito interiorano de ser, com suas peculiaridades e singularidades manifestadas no convívio e nas relações, pude estar em completa circularidade entre ação e percepção, guiando-me pela compreensão do **sujeito-outro**. Ao mesmo tempo em que, estando em congruência, estive aberto a aprender e apreender. Itens fundamentais para que a relação se estabeleça, para que o amor aconteça, envolto na ética do cuidado e do respeito, e, para que se possa pensar em um futuro, da comunicação, das relações, do Turismo.

De igual forma, mostrarei, ao longo do capítulo, numa visão de corpo ampliada, vibrátil, corpo na sua percepção sensível e corpo em suas conexões, **quem são esses sujeitos-moradores, que contam a história do lugar, com suas experiências de vida**. A produção desses relatos, de diferentes sujeitos de São Luiz

---

<sup>73</sup> A título de curiosidade, segue alguns nomes que também estiveram em evidência em quantidade de nascimento no prazo de 2020 a 2022 pelo Cartório de Registro Civil de São Luiz Gonzaga: João (27); Pedro (26); Davi (26); Heitor (24); Miguel (23); Bernardo (21); Enzo (18). Alice (17); Valentina (11); Alana (10); Agatha (8); Ana Júlia (8); Ana Clara (6); Ayla (6).



Gonzaga, foi sendo feita desde as aproximações e ações investigativas, conforme já explicado na estratégia metodológica.

Ampliando o caráter rizomático do olhar, percebi, nas andanças pelo município e entre as conversas, características dos corpos dos sujeitos-moradores: em sua maioria, com olhos castanhos, cabelos curtos no gênero masculino e cabelos longos no gênero feminino, pele morena e clara, com poucos loiros e negros e alguns indígenas. A estatura masculina está em torno de 175 cm e feminina em torno de 162 cm, média brasileira (DADOS MUNDIAIS, 2022). Encontrei algumas poucas pessoas com estatura mais alta e também abaixo dessas marcas. Vi alguns corpos que, em seu andar, estavam arcados e percebi que vários deles, na rua, não fixavam o olhar para a outra pessoa, ficavam com um olhar cabisbaixo. Isso se deu com menor intensidade em adolescentes e com maior intensidade em adultos e idosos. Observei um modo de vestir informal, em dias de semana e em finais de semana – calça jeans, camisas, moletons, camisetas, vestidos, saias, blusas, malhas e casacos. Alguns destaques podem ser dados para pessoas trajadas com uniformes de trabalho no seu cotidiano. Raramente, na cidade, encontra-se traje social masculino e feminino pelas ruas.

Percebi que uma parcela significativa da população do município se reúne na calçada, em frente às suas casas, para uma conversa entre vizinhos e com as visitas. São sempre conversas marcadas por uma roda de chimarrão e petiscos e guloseimas. Nas praças, principalmente na Praça da Matriz e próximo a lojas, lotéricas e bancos, vi grupos de pessoas que, frequentemente, se detêm em um diálogo longo descontraído, de contação de causos – esses foram notados em pessoas mais idosas. Notei, nos moradores, uma prontidão em ajudar aos outros, mesmo quando não tinham certeza quanto à precisão da informação e também ao se prontificar para carregar compras ou trocar pneus, empurrar carros (quando ocorria algum problema pela rua). Ouvia, nas conversas de rua, alguns moradores comentando, com seus parceiros de trajeto de trabalho, que estavam levando um pedaço de bolo ou algo que fizeram para dar a alguém – essa manifestação pessoal dos moradores de troca, também foi percebida em casas que visitei. Outra percepção relacionada à alimentação é que, em várias casas particulares, houve uma receptividade boa e o oferecimento de café, água, suco, fatia de bolo, fatia de pão com chimia, chimarrão, isso antes dos primeiros dez minutos de visita. Algo semelhante se deu em empresas visitadas. Vi e ouvi moradores dizendo e colhendo frutas do quintal para dar

aos vizinhos, para que as mesmas não estragassem. Vi e recebi o abraço apertado e caloroso das pessoas, depois de um breve contato para a entrevista.

Ao observar uma conversação no cotidiano dos moradores pelas ruas e em ambientes de trabalho, em momentos que estive nas praças da cidade ou por outros locais em que passei, como fila de bancos, feira de agricultores, supermercado, cancha de bocha, salão de beleza, restaurante, etc., percebi que havia uma fala mais arraigada, com algumas particularidades de destaque nas palavras. Algumas delas, que compunham as frases na relação-convívio, geram curiosidade para quem não é do local. Por isso, fui buscar seus significados no Dicionário inFormal [*On-line*]: arriado (fazer graça, engraçado); pechada (acidente, colisão); tri (intensidade de expressão sobre algo); bah (para expressar alegria, tristeza, dúvida); guaipeca, cusco (cachorro); ahan (expressão para designar exatamente); pila (moeda real brasileiro); deitar o cabelo (fugir, desaparecer); atucanado (atarefado); bolicho (mercado); torrada (misto quente); japona (casaco); te aprochega vivente (aproximar); sinaleira (semáforo); nem te apresenta (para de conversa); brigadiano (policiais); se fazendo de salame (dissimulado); tá matando cachorro a grito (passando dificuldades); assim de vereda (sem pestanejar); te sento o laço (dar uma surra); resbalei (escorreguei); me botou os cachorros (me xingou); tunda de laço (apanhar); comer bergamota (tangerina); tive que usar a fatiota (terno); camaçada de pau (surra); na ponta dos casco (com raiva); chinelagem (coisa mal-feita); juntar os trapos (casar); lagartear no sol (descansar); arrastando a asa (cortejando alguém); bem capaz (sem nenhuma chance).

Ainda nesse caráter plural do olhar, como o lugar também é um corpo nesta tese, percebi características do **corpo do lugar em São Luiz Gonzaga**. Assim, notei que algumas construções antigas, que correspondiam à parte da história da cidade, não existem mais, por falta de recursos públicos para restaurar e mantê-las em pé ou por falta de iniciativa dos proprietários. Conforme os próprios moradores disseram, quando ficavam sabendo de um possível tombamento da casa, estranhamente, a casa ou prédio, nos dias que se seguiam, aparecia derrubada, não dando tempo hábil para realizar o tombamento. Caminhando pelas ruas de São Luiz Gonzaga, nas ruas centrais ou dos diversos bairros em que transitei, percebi grande quantidade de animais soltos (principalmente cachorros). Notei, em alguns locais comerciais, vitrines de lojas sem troca de produtos, por várias semanas, para dar destaque às mercadorias. Na mesma intensidade, vi vitrines de lojas bem ornamentadas e que eram trocadas a cada três dias ou, no mínimo, uma vez na semana. Percebi e achei

interessante que os carros paravam nas esquinas, dando preferência para os pedestres, e isso também aconteceu em esquinas em que não havia sinalização. Notei várias ruas com buracos bem salientes, em determinados trechos trafegados. Igualmente notei disparidade nas esquinas, no que se refere a acesso a portadores de necessidades especiais. Como exemplo, de um lado da rua tinha rampa de acesso e do outro lado da rua não tinha. Notei sujeira acumulada em terrenos baldios. Vi ruas bem iluminadas e limpas e ruas mal iluminadas e sujas. Percebi casas com pinturas recentes e casas sem pintura há muito tempo. Notei canteiros externos bem cuidados. Vi arborização demasiadamente grande pelos pátios das casas e compondo o ecossistema da cidade. Deparei-me com árvores frutíferas nas ruas e pessoas paradas saboreando os frutos livremente. Essas, em linhas gerais, foram observações e percepções que fiz ao longo das visitas ao município, no período de 2019 e 2020.

Prossigo destacando que, coerentemente com a lógica rizomática, essa cartografia de encontros que compõe a tese, com autores entremeando e dialogando, com falas, observações e percepções do sujeito-pesquisador, com relatos de moradores, será apresentada como fios, a partir de sujeitos e de um lugar visitado.

Importante destacar que, nos relatos a serem apresentados, optei por fazer destaques gráficos (negrito), que correspondem às expressões-síntese propondo sinalizadores para buscar acionar a Comunicação *Corpoiesis* e a potencialização das Tramas Turístico-Comunicacionais. Destaco que, considerando a complexidade dos elementos de coleta, o termo utilizado expressões-síntese tem proximidade do tratamento analítico da análise de conteúdo de Bardin (2016)<sup>74</sup> para pesquisas qualitativas e quantitativas, mas com relação direta com o desenvolvimento de conversações e narrativas, em que observação + conversação + narrativas produzem uma mescla de produção de aproximações. Essas sínteses ajudam a refletir sobre aspectos da cidade que acionam os afetos desses sujeitos e que podem auxiliar, no sentido da potencialização de turismo responsável ecossistemicamente e voltado para relações de amorosidade, entre os sujeitos envolvidos. As expressões-síntese, como são denominadas por Baptista (2022)<sup>75</sup>, ainda possibilitam compreender os vínculos,

---

<sup>74</sup> Laurence Bardin evidencia o conteúdo da obra, distribuindo em quatro partes distintas: história e teoria (perspectiva histórica); parte prática (análises de entrevistas, de comunicação de massa, de questões abertas e de testes); métodos de análise (organização, codificação, categorização, inferência e informatização das análises) e técnicas de análise (análise categorial, de avaliação, de enunciação, proposicional do discurso, de expressão e das relações).

<sup>75</sup> Maria Luiza Cardinale Baptista, em reunião de orientação presencial síncrona. Registro em Diário de Pesquisa. 2022.

as ênfases, na inflexão da comunicação-trama de sujeitos-moradores de São Luiz Gonzaga/RS.

Por fim, informo que, nos relatos, as rodas de conversa contribuíram para gerar espontaneidade nas pessoas, ao responderem as perguntas, causando uma aproximação entre elas, o que parece ter qualificado o momento de comunicação e ajudado, no sentido de enlaçar a reflexão sobre os vínculos; as características dos sujeitos; as características dos locais; as relações entre moradores; a percepção sobre a cidade, sobre a comunicação e sobre o turismo. Da espontaneidade e descontração, nasceram narrativas textuais que serão apresentadas nos quadros posteriores, com expressões-síntese. Outras percepções evidenciadas, e que são parte da comunicação, foram narrativas gestuais e corporais de sujeitos-moradores de São Luiz Gonzaga, advindas das observações direta e participante, que também sinalizaram, em vários casos, possíveis sujeitos abertos à desconstrução e à reconstrução.

#### 6.1 PRIMEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL

A primeira visitação a São Luiz Gonzaga, como *lócus* de pesquisa, ocorreu em janeiro de 2019, ainda no início do doutorado, quando em uma sondagem do ambiente, fiz aproximações investigativas com uma pergunta aberta aos moradores: **“Qual o lugar da cidade com que você se identifica e que tem vontade de frequentar sempre? Por quê?”**. Busquei respostas de diferentes idades, em formato de roda de conversa, para ter vários olhares e percepções. Ao todo, foram 41 participantes, que classifiquei em três grupos, expressos no quadro abaixo:

Quadro 15 – Classificação dos participantes da primeira visitação

<b>Faixa etária</b>	<b>Participantes homens</b>	<b>Participantes mulheres</b>
12 a 24 anos (adolescência/juventude)	5	7
25 a 59 anos (adultos)	6	12
acima de 60 anos (terceira idade)	6	5

Fonte: Elaboração do próprio autor.

É chegado o momento de apresentar os relatos dos moradores que, acompanhados de diálogos com autores e intervenções do pensar e do sentir deste

pesquisador, compõem a escrita dessa narrativa. Para melhor compreensão dos leitores, elaborei quadros, separados por faixa etária.

No quadro abaixo (Quadro 16), apresento as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 12 a 24 anos.

Quadro 16 – Narrativas de sujeitos do lugar de 12 a 24 anos  
(adolescência/juventude)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p>“A <b>Praça da Matriz</b>, onde tem os coqueiros, as caturritas, me traz paz e tranquilidade estar lá. Às vezes sento nos bancos e fico admirando e até fecho os olhos por um tempo, tiro meu fone de ouvido e fico escutando o som das caturritas e do vento. E é claro que ali também passa bastante gente que conheço e param para conversar” (Maria, 16 anos).</p>	<p>Calma Natureza</p>
<p>“Uma <b>pracinha</b> que tem <b>ao lado do Estádio Municipal</b> é um lugar bom para sentar e descansar. Gosto de lugares assim. Dá até para estudar. Antes era fechada e pertencia ao espaço do estádio, mas há pouco tempo eles abriram e agora dá para aproveitar e até tomar chimarrão, no final da tarde. Pena que eles não arrumaram bem, mas é melhor do que não ter a praça aqui perto de casa” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Calma Relações</p>
<p>“Eu gosto do <b>Museu Municipal</b>. Tem muitas histórias da cidade. É importante a gente saber sobre o lugar onde está morando. E quando eu entro no Museu, tenho a sensação de que o passado está de volta. Agora está fechado porque estão reformando. Mas quando reabrir quero ir novamente visitar. E quando vem alguém nos visitar, sempre convido para ir lá” (Arthur, 15 anos).</p>	<p>Patrimônio Memória</p>
<p>“A <b>Praça Cícero</b> é um lugar que a gente se reúne nos finais de semana. Senta na grama com os amigos e come pipoca. Conta do que aconteceu durante a semana. É um lugar de encontro. E o melhor de tudo é que reformaram tem pouco tempo. Eu e minha namorada gostamos de estar sempre indo lá” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Relações</p>
<p>“A <b>Escola Técnica Cruzeiro do Sul</b>. Eu estudei lá. Fiz muitos amigos. E, sempre que dá, retorno com meus amigos para curtir o pátio, a grama, as árvores. É grande lá. Tem muitas árvores e, nesse calor, dá pra ficar bastante. E até fazer caminhada. Tem outros lugares também que gosto em São Luiz, mas a escola é o melhor de todos, é como se a gente tivesse longe de tudo mesmo estando bem pertinho” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Relações Natureza</p>
<p>“Gosto de ir no <b>Parque Centenário</b>. Dá pra ir só na frente,</p>	<p>Relações</p>

(Conclusão)

<p><i>porque fica fechado, mas, mesmo na frente, é bom porque dá pra colocar as cadeiras e ficar conversando. Já jogamos vôlei na frente. Tem bastante espaço e não tem movimento de carros perto. Então não é perigoso. Levo minha irmã também, pra brincar e andar de bicicleta. É bom porque dá pra ela ser criança de verdade, sem estar só dentro de casa” (Maria, 12 anos).</i></p>	<p>Relações Natureza Esporte</p>
<p><i>“A <b>sede do bairro Duque de Caxias</b>. Tem muita diversão. Dá para jogar vôlei. Futebol. Bocha. Tem torneio de cartas. Tem festas boas e um carnaval legal. Vou mais nas atividades de dia, porque minha mãe ainda não me deixa sair à noite. Mas sempre estou com minhas amigas. Já levamos até os cadernos para estudar, só para estar juntas lá. Meu pai ajudou muito naquele lugar. Tenho que valorizar. E também me sinto bem de ir” (Maria, 14 anos).</i></p>	<p>Relações</p>
<p><i>“O <b>estádio de São Luiz</b>. Bom demais ir lá. Dá para se exercitar no campo. Faço corrida. E gosto de ir ver os jogos. Muita emoção. É longe do centro, mas é bom de ir” (Arthur, 13 anos).</i></p>	<p>Esporte</p>
<p><i>“Sentar na frente da <b>Igreja da Matriz</b>, no final da tarde. Gosto muito. Também escrevo poesias e, quando sento lá, parece que a inspiração brota. Já fiquei horas lá. E ver o anoitecer de onde fico é tão bom” (Maria, 20 anos).</i></p>	<p>Leitura</p>
<p><i>“O <b>CTG Galpão de Estância</b>. Sou prenda. E estar no CTG me identifica com minhas raízes. Quando não tenho ensaio, mesmo assim, combino com algumas amigas para nos encontrarmos lá. É um ambiente tão familiar que acho sempre que estou em casa. Se eu não estiver no colégio, é fácil me encontrar, no CTG.” (Maria, 17 anos).</i></p>	<p>Dança Relações</p>
<p><i>“Um lugar que eu goste em São Luiz? Hummm. Tá, já sei. O <b>Clube Pinguim</b>. Eu sempre tô por lá, no inverno ou no verão. Tem lugar para se divertir demais. Rola até festa. É o lugar dos amigos. Jogar. Namorar. Meus pais são sócios e não perco uma oportunidade de estar no clube. Até meu aniversário já fiz lá. Me sinto bem” (Arthur, 14 anos).</i></p>	<p>Relações</p>
<p><i>“A <b>rua Treze de Maio</b> onde tinha o calçadão. Pena que não tem mais o calçadão. Era bom de sentar e conversar. Mas gosto muito ainda de ir nos finais de semana e ficar na frente do correio. Sento ali e fico por horas escutando música. Não sei se em outra vida eu já morei ali naquele lugar, mas parece que algo sempre me puxa para estar ali” (Maria, 23 anos).</i></p>	<p>Relações Música</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica os locais citados e preferidos, por parte dos adolescentes/jovens, e as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 17 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas  
(adolescência/juventude)

Locais	Expressões-síntese
Praça da Matriz	Calma
Pracinha ao lado do Estádio Municipal	Natureza
Museu Municipal	Relações
Praça Cícero	Patrimônio
Escola Técnica Cruzeiro do Sul	Memória
Parque Centenário	Esporte
Sede do Bairro Duque de Caxias	Leitura
Estádio São Luiz	Dança
CTG Galpão de Estância	Música
Clube Pinguim	
Rua Treze de Maio	

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O próximo quadro a ser apresentado, o Quadro 18, apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 25 a 59 anos.

Quadro 18 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<i>“A lateral da Praça da Matriz pela rua Pinheiro Machado, aprecio mais, pois tem as árvores, uma natureza verde. Na praça é possível respirar um ar puro. Esse lugar é encantador, faz revigorar as energias”</i> (Maria, 32 anos).	Natureza
<i>“Uma quadra arborizada na rua General Lima nos fundos da Corsan. Quando eu passo ali, tenho a sensação de calma interior. Talvez porque eu goste muito de natureza, ou por saber que a natureza traz uma sensação boa. Mas, sempre que vou praqueles lados ou saio dar uma caminhada, sempre me direciono para aquela quadra. É inexplicável e muito gratificante passar ali”</i> (Arthur, 39 anos).	Natureza Calma
<i>“Tem uma casa antiga de pedra, que fica na esquina da rua Leovegildo Paiva com a rua 1º de Março. Adoro quando passo naquela rua e vejo aquela casa. Ela é imponente. Me traz uma sensação de bem-estar e de força quando passo lá”</i> (Arthur, 25 anos).	Patrimônio
<i>“O Rancho. A Sociedade Recreativa Rancho. A gente</i>	Patrimônio

(Continuação)

<p>vai desde criança. E hoje levo o meu filho lá também. É um lugar bom de ir, de rever as pessoas. Passar o tempo. Descontrair. No verão então, é ótimo para sair do calor que é São Luiz” (Maria, 37 anos).</p>	Relações
<p>“<b>Comunidade no interior de São Luiz Gonzaga, ‘Afonso Rodrigues’</b>, lá, onde conheci o meu grande amor, me casei, construí uma família. E tem um povo maravilhoso” (Maria, 59 anos).</p>	Relações
<p>“Numa rua aqui perto de casa tem um <b>pátio cheio de árvores</b> ao lado e em frente à casa que não me canso de passar por lá e observar. Quando passo por lá, parece que vou para outro lugar, parece que estou na casa dos meus pais quando eu era criança. E tem cada planta linda e colorida também” (Maria, 56 anos).</p>	Memória Natureza
<p>“A <b>entrada da cidade</b>, mas a entrada principal, porque tem umas quatro entradas. Aquela entrada me dá a sensação de estar sendo abraçada” (Maria, 43 anos).</p>	Patrimônio
<p>“Gosto de contemplar o <b>interior da Igreja da Matriz</b>. É tão bom estar lá dentro. Uma calma toma conta da gente. Rezo e tem vezes que fico por mais tempo para pensar na vida. E agradecer. Sem falar na paz que dá olhar a construção magnífica que ela possui” (Maria, 29 anos).</p>	Religiosidade Calma
<p>“O <b>Piquete que tem em São Luiz</b>. Sinto vontade de passar sempre por lá. Quando éramos pequenas, a mãe e o pai nos levavam toda semana. Podíamos brincar, correr. Era tudo de bom naquele tempo. Um tempo que não volta, mas quando vou lá trago as lembranças da infância” (Maria, 34 anos).</p>	Memória
<p>“A <b>Gruta</b>. É meu caminho para ir pro trabalho e sempre fico uns minutos recebendo energias. E quando posso, no final de semana, levo minha filha. Já contei para ela a história da Gruta. Quero que ela cresça valorizando o conhecimento e a história da cidade. E esse lugar também me lembra muito minha mãe que já se foi e também me levava lá” (Maria, 39 anos).</p>	Natureza Memória
<p>“As <b>dependências externas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora</b>. Todo aquele lugar me dá uma felicidade em estar lá dentro. Tem uma energia não somente religiosa, mas entusiasta. Fiz ballet lá. Coloquei meus dois filhos para estudar lá. É um lugar que reserva muitas recordações. Eu e meu marido também estudamos lá. Nossa, como o tempo passa rápido. E a gente só percebe quando para e revive esses momentos” (Maria, 46 anos).</p>	Memória Religiosidade
<p>“Tenho meu lugar preferido. No <b>canto direito do quartel</b>, bem lá em cima, <b>dá para ver a vista da cidade</b>. É incrivelmente bom admirar a cidade. É uma parte mais alta, então, dá para ver bem em volta. Já fui várias vezes</p>	Natureza



(Conclusão)

<p>de carro e também a pé. É um lugar reconfortante. Olhar o horizonte tomando um chimarrão e ganhando forças para construir o dia seguinte” (Arthur, 41 anos).</p>	Natureza
<p>“A estátua de <b>Sepé Tiaraju</b> na frente da prefeitura é um lugar que sinto que dá força. Quando passo por lá e vejo aquela estátua imponente, sinto vontade de desbravar. E já tomei decisões na minha vida pelo simples fato de sentir coragem e força, quando passei por lá. É como se fosse um santuário pra mim, tenho que passar sempre por lá” (Arthur, 33 anos).</p>	Patrimônio
<p>“O <b>Clube dos Subtenentes e Sargentos</b>. Fomos criadas lá dentro. O pai é sócio. Eu, meu irmão e minhas irmãs temos muitas histórias lá. Desde a ida para curtir a piscina no verão, passando pelos jogos de vôlei, pingue-pongue e futebol, até as noites de curtidão da boate que o clube proporciona. É sempre uma festa estar no clube. Reencontro de amigos. Almoços. Não tem como não ir. Em qualquer estação sempre tem alguma coisa boa pra fazer. É um lugar que me identifico em São Luiz” (Maria, 27 anos).</p>	Memória
<p>“Gosto da magia da <b>biblioteca</b>. É um lugar favorito. Já combinei reunião de estudos. Já fui sozinha. Já levei minhas sobrinhas. E sempre fico encantada com as novidades que esse lugar me oferece. Seria bom se tivéssemos mais livros e espaços diferenciados, mas, poder desfrutar de um ambiente de aprendizagem é uma virtude” (Maria, 25 anos).</p>	Memória Relações
<p>“A <b>Praça da Matriz</b> repleta de árvores. Transitar pela praça, principalmente pelo seu meio é muito gratificante. Lembro do meu tempo de infância que cruzava esse caminho todo dia para ir à escola. Saí daqui há muitos anos, mas sempre que posso venho visitar eu vou até lá” (Arthur, 35 anos).</p>	Natureza Memória
<p>“O <b>Cine-Lux</b> que infelizmente por anos esteve fechado e ainda bem que reabriu” (Arthur, 51 anos).</p>	Memória
<p>“A estátua de <b>Jayme Caetano Braun</b> na entrada de nossa cidade. <b>Que tem um espaço para o turismo e para a cultura</b>. Lugar ótimo para levar os conhecidos e visitantes. Apesar de ser um espaço novo na cidade, considero que seja um dos lugares que mais aprecio por me trazer de volta às raízes” (Maria, 53 anos).</p>	Patrimônio

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica os locais citados e preferidos, por parte dos adultos, e as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 19 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas (adultos)

Locais	Expressões-síntese
Lateral da Praça da Matriz pela rua Pinheiro Machado	Natureza
Quadra arborizada rua General Lima, fundos Corsan	Calma
Casa antiga de pedra, esquina Gen. Lima com 1º de Março	Patrimônio
Sociedade Recreativa Rancho	Relações
Comunidade Afonso Rodrigues	Memória
Pátio cheio de árvores	Religiosidade
Entrada da cidade	
Interior da Igreja Matriz	
Piquete em São Luiz	
Gruta	
Dependências externas Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	
Canto direito do Quartel	
Estátua Sepé Tiaraju	
Clube dos Subtenentes e Sargentos	
Biblioteca	
Praça da Matriz	
Cine-Lux	
Estátua Jayme Caetano Braun	

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Por fim, o último quadro dessa primeira visitação, o Quadro 20, que apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária acima de 60 anos.

Quadro 20 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<b><i>“Igreja da Matriz, me causa paz”</i></b> (Arthur, 67 anos).	Religiosidade
<b><i>“A Gruta, quando vou lá sinto muita paz, pela fé daquele lugar. Sempre que posso vou e quando vejo o tempo passou e nem percebi”</i></b> (Arthur, 60 anos).	Memória Natureza
<b><i>“O espaço ao lado da biblioteca que tem o Instituto Histórico, tem bastante árvores, d� uma paz sentar e ficar observando os pássaros, curtir o vento e se desligar um pouco da correria do dia a dia”</i></b> (Arthur, 72 anos).	Natureza Calma
<b><i>“O desfile de 20 de setembro na frente da Prefeitura. Me lembra a infância. E traz a nossa história de gaúcho que somos. Sempre diferente e inspirador”</i></b> (Arthur, 64 anos).	Memória

(Conclusão)

<p><b>“O Colégio Estadual Rui Barbosa.</b> Criei meus três filhos nesta escola. Um ensino exemplar com excelentes professores e uma bela estrutura. Às vezes entro lá, quando vou levar minha neta e fico admirando. Já se passaram muitos anos e é como se tivesse um túnel do tempo na memória da gente. É muito bom recordar isso. Obrigada por me fazer viver isso de novo. É sempre muito intenso. Meus dois filhos moram todos fora. E poder levar a netinha de vez em quando me proporciona essa nostalgia” (Maria, 78 anos).</p>	<p>Memória</p>
<p><b>“As imagens que estão dentro da Igreja da Matriz.</b> Aprecio sentar e olhar. Aquelas expressões me transmitem segurança. Aliás, estar na igreja, traz uma sensação de estar protegida” (Maria, 84 anos).</p>	<p>Religiosidade Patrimônio</p>
<p><b>“O CTG Carlos Prado.</b> É sempre um lugar convidativo, para reuniões, jantares, bailes. Troca de convivência e relacionamento. Também um lugar que dá para resgatar nossa cultura. E além do mais, um espaço que faz com que estejamos sempre em casa. A receptividade é tamanha. E o estar no ambiente traz muitas recordações boas” (Maria, 65 anos).</p>	<p>Relações Memória</p>
<p><b>“Não tem como não lembrar da Estação Férrea.</b> É um lugar onde fui várias vezes. Vi muitas chegadas e partidas. Gosto muito daquele lugar. Esteve por muitos anos desativada. Agora, tomara que volte a ser um espaço para poder visitar e apreciar” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Memória Patrimônio</p>
<p><b>“Aprecio muito e admiro a fachada da nossa Prefeitura Municipal.</b> É um prédio exuberante e cheio de histórias. Passível de contemplação. Ver que o passado deixou marcas que ajudarão a construir novos cidadãos. A história é um presente que podemos ter e disseminar para amigos, filhos, netos” (Arthur, 69 anos).</p>	<p>Memória Patrimônio</p>
<p><b>“Eu gostava muito de prestigiar a obra do Casarão Histórico,</b> situado na rua Venâncio Aires, que, por mais que tenha sido demolido, até por segurança da comunidade, era um lugar que dava gosto passar e relembrar a história da cidade. Também era uma construção muito bonita. Fará falta” (Maria, 80 anos).</p>	<p>Patrimônio Memória</p>
<p><b>“Tenho adoração em passar na frente do Museu Histórico Municipal e iluminar os olhos com aquela edificação.</b> Saber que ali tem uma história arraigada e que conta um pouco da nossa história faz recordar o passado com muita gratificação e sabor” (Arthur, 73 anos).</p>	<p>Patrimônio Memória</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica os locais citados e preferidos, por parte da terceira idade, e as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 21 – Síntese dos locais e expressões-síntese relacionadas (terceira idade)

<b>Locais</b>	<b>Expressões-síntese</b>
Igreja Matriz	Religiosidade
Gruta	Memória
Espaço ao lado da Biblioteca, Instituto Histórico	Natureza
Desfile de 20 de setembro na frente da Prefeitura	Calma
Colégio Estadual Rui Barbosa	Patrimônio
Imagens dentro da Igreja Matriz	Relações
CTG Carlos Prado	
Estação Férrea	
Fachada da Prefeitura Municipal	
Casarão Histórico da rua Venâncio Aires	
Museu Municipal	

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “Qual o lugar da cidade com que você se identifica e que tem vontade de frequentar sempre? Por quê?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

As narrativas de sujeitos envolvidos na pesquisa, pelas rodas de conversa, sinalizaram, nas expressões-síntese, as representações que enredam o lugar. Com os sinalizadores obtidos, foi possível perceber a concentração de olhares em lugares relacionados: à memória (lembranças pessoais); ao patrimônio (valorização histórica); à natureza (ênfase para lugares e paisagens que proporcionam calma, que oportunizem leituras); às relações (espaços que possibilitam encontros e convivência, como exemplo CTG, dentre outros); à religião (religiosidade dos moradores); aos Esportes (atividades físicas e de lazer), e à Comunicação Social e Arte (Dança e Cinema). Igualmente, através dos relatos, foi perceptível o vínculo afetivo de moradores em relação aos locais da cidade, relatados como parte de suas histórias. Muitos desses locais, apresentados nos quadros, compõem os pontos turísticos; outros podem, quem sabe, no futuro, vir a se constituir como atração turística.

Na primeira visitação, as informações obtidas fizeram perceber a identificação de lugares indicados como preferidos e sinalizadores de motivos de preferência. Nesse sentido, houve a possibilidade de observar como os moradores sentem a

cidade e em que lugares essa cidade se marca como potência diferencial para esses sujeitos. Em vários dos relatos dos sujeitos vinculados à São Luiz Gonzaga/RS, também foi possível observar que os moradores ressaltaram o lugar para o turismo, juntamente com a felicidade de se sentir com tranquilidade e paz na cidade onde se mora desfrutando da natureza. Dessa forma, há a possibilidade de potencializar um corpo de forma potente ao estar em contato com a natureza e o sossego que o lugar oferece.

Diferentemente das grandes cidades, São Luiz Gonzaga é um lugar que exala uma calma no seu dia a dia e, os seus moradores, embora nos relatos tenha sido possível perceber que, em uma boa parcela, estão abertos para o turismo, salientam que gostariam de que a calma e o sossego continuassem. A partir dessa manifestação dos sujeitos-moradores, trago uma afirmação de Melo (2018) em relação ao interior, referindo-se a como ela via sua cidade do interior, que diz que, quando ela era adolescente via uma cidade chata e entediante. Relata a autora que, com o passar dos anos, com amadurecimento, passou a gostar do interior, a apreciar a cantoria dos pássaros e “[...] a ver uma vida que não era mecânica, como na maioria das cidades grandes, considerando o interior como uma espécie de retorno, caminho sem atalhos para o nosso próprio interior. Um convite ao sossego, à natureza, à criatividade” (MELO, 2018, p. 42).

Diante disso, é plausível dizer que a autora dialoga com o meu pensar, ao explicitar que é no interior que buscamos calma, ressignificação, força. Assim como também é no nosso interior, no interior do corpo, que podemos refletir e deixar brotar, germinar, fecundar, uma nova troca relacional. Merleau-Ponty (2011) diria que o corpo pode expressar uma liberdade ao encontrar o seu interior e depois o seu exterior, novo, renovado. Desse modo, permeado pelas suas escolhas e pelas possibilidades que sempre são abertas e infinitas o corpo do sujeito e o corpo do lugar, aqui evidenciados nesta tese, são passíveis de alterações e outros delineamentos. É a autopoiese evidenciada por Maturana e Varela (1997) que possibilita que o corpo possa estar em constante autoprodução. É também a (auto)transpoiese, ampliada da autopoiese e evidenciada por Baptista (2022b) que é capaz de colocar o corpo em estado de poesia – ‘corpo-poiesis’. Dessa forma, em movimento, não se reduz a linearidade, estabelece-se uma criação contínua e rizomática. Fundamenta e complementa essas afirmações, o pensamento de Nóbrega (2008, p. 147) ao evidenciar que,

O sentido das nossas escolhas contribui para a subjetividade. Os gostos pessoais, as preferências, as rejeições, os desejos, vão sendo configurados por meio dessa estrutura subjetiva na qual correlacionamos o tempo, o corpo, o mundo, as coisas e os outros. O campo da subjetividade encontra-se recortado pela historicidade, pelos objetos da cultura, pelas relações sociais, tensões, contradições, paradoxos, afetos. Dessa maneira, a leitura de um livro, a apreciação de uma obra de arte, o discurso de um determinado político, filósofo ou cientista, a paixão por alguém, todas essas experiências mobilizam sentidos que foram construídos nesse campo subjetivo e apresentam-se como maneiras de subjetivação específicas da cultura contemporânea e da educação como um processo de aprendizagem dessa mesma cultura.

Conforme expõe Nóbrega, nossas escolhas impactam diretamente nas nossas ações e nossas relações, pois, como diria Capra (2012), tudo está interligado a tudo e é interdependente.

Pertinente exibir aqui o pensamento de Yázigi (2001), quando faz refletir sobre o espaço ocupado pelo corpo do sujeito que deve evocar uma atenção redobrada na reorganização desse espaço habitado. Expõe o autor que, por muitas vezes, em muitas cidades do interior do Brasil, “[...] já mandaram cortar árvores de suas praças centrais por causa ‘do barulho’ das andorinhas (que, perdendo este pouso, evadiram-se ou desnorream-se, acabando por morrer)” (YÁZIGI, 2001, p. 44). Esse pensamento se refere a uma consciência que deve ser adquirida pelos sujeitos sobre pensar e sentir o ambiente, o lugar, a cidade, valorizando a sua essência, as miudezas de sua estrutura, não apagando, como aponta Yázigi, a ideia de mato em cidades supostamente prósperas. Há nesse ínterim, que pensar que, quando uma pessoa vive o seu lugar, ou mesmo quando um visitante aprecia o que o lugar tem para mostrar, com suas nuances e miudezas, é porque então, foi captada a essência do lugar. Nesse aspecto, a “[...] deriva das relações que são estabelecidas entre o corpo e o ambiente, o corpo e outros corpos no espaço vivido” (NUNES; REGO, 2011, p. 87) pontua que o corpo, como materialidade sensível, pode permitir que os sujeitos sintam e percebam as coisas de uma outra maneira. Sintam o próprio corpo e o lugar de maneira diferente. E, ainda informam os autores que, “[...] o corpo é um constructo proveniente do processo co-evolutivo de trocas com o meio externo” (NUNES; REGO, 2011, p. 88). É preciso então, cuidar. E se sentir pentecente.

Destarte, se o interior pode ser um lugar de calma, é pelo interior, dos sujeitos, que poderá haver uma reestruturação do pensar e do agir humano.

## 6.2 SEGUNDA VISITAÇÃO PRESENCIAL

A segunda visitação presencial em São Luiz Gonzaga/RS ocorreu em julho e agosto de 2019, quando colhi relatos de moradores, desta vez, direcionando as perguntas para a relação-convívio com outros moradores e a relação sujeito-lugar.

Nessa visitação, as conversas também foram descontraídas e informais, envolvendo quatro perguntas abertas:

- 1- **“O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade?”**;
- 2- **“Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade?”**;
- 3- **“Como você observa a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes?”**;
- 4- **“Como percebe a relação entre moradores e visitantes?”**.

As perguntas abertas tiveram o propósito de colher o olhar do morador em relação à cidade. Foram computadas e transcritas 307 entrevistas. Desse montante, houve pessoas que concordaram em assinar o termo de consentimento e permitiram a gravação das falas. Outras, somente aceitaram gravar a entrevista, sem assinar o termo, e outras ainda não quiseram que gravasse as falas, mas reponderam sem problema algum. Por fim, relato que houve 92 pessoas que se recusaram a dar entrevista.

Informo que, igualmente, foram divididas as entrevistas em três faixas etárias, buscando ampliar o escopo de olhares e percepções. A divisão por faixas etárias está expressa no quadro abaixo:

Quadro 22 – Classificação dos participantes da segunda visitação

(Continua)

<b>Faixa etária</b>	<b>Participantes homens</b>	<b>Participantes mulheres</b>
18 a 24 anos (juventude)	7 concordaram assinar termo de compromisso	8 concordaram assinar termo de compromisso
	27 não concordaram assinar termo de compromisso	30 não concordaram assinar termo de compromisso

(Conclusão)

25 a 59 anos (adultos)	28 concordaram assinar termo de compromisso	59 concordaram assinar termo de compromisso
	19 não concordaram assinar termo de compromisso	20 não concordaram assinar termo de compromisso
acima de 60 anos (terceira idade)	5 concordaram assinar termo de compromisso	14 concordaram assinar termo de compromisso
	41 não concordaram assinar termo de compromisso	49 não concordaram assinar termo de compromisso

Fonte: Elaboração do próprio autor.

A conversação descontraída, em formato de rodas de conversa, em grande maioria, e, em alguns casos individuais, possibilitou que os sujeitos-moradores estivessem à vontade para responder, às perguntas abertas. Em muitas vezes, os respondentes estavam em ambiente de trabalho – num espaço de tempo cedido pela gerência ou proprietários –, em outros momentos, estavam fora do horário de trabalho.

### 6.2.1 Primeira pergunta aberta da segunda visitação presencial

O quadro a seguir (Quadro 23) apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 18 a 24 anos e referente à pergunta aberta: “O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade?”.

Quadro 23 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p>“São Luiz Gonzaga é a <b>terra missioneira, uma cidade prazerosa para morar, tem várias pessoas aqui que são bastante amigáveis, de confiança. Um lugar que conta a história da redução jesuítica, [...], da música com Jayme Caetano Braun, Pedro Ortaça, Família Guedes. Uma cidade de raízes fortes com tradição e com pessoas simples</b>” (Maria, 19 anos).</p>	<p>Terra Missioneira</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Missões jesuíticas</p> <p>Tradição</p> <p>Simplicidade</p>
<p>“Eu conto a cidade de uma forma mais histórica né, ela é</p>	<p>Cidade antiga</p>



(Continuação)

<p>uma <b>cidade antiga</b>, ela tem uma <b>bagagem histórica</b>, desde os tempos de colonização, até mesmo de divisa entre Argentina e Brasil, por ela fazer <b>parte dos Sete Povos das Missões</b>. Ela é uma <b>cidade pequena</b>, que os moradores daqui, principalmente os mais antigos, eles sempre têm uma história a mais para contar da cidade, ou até mesmo de quando foi começado a fundar a cidade, então, <b>as pessoas muito mais antigas elas têm orgulho de contar a história</b>, desde a questão arquitetônica de prédios, a questão da instalação da cidade e afins. A cidade em si é uma cidade com um <b>povo acolhedor e hospitaleiro</b>” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Bagagem histórica</p> <p>Parte dos Sete Povos das Missões</p> <p>Acolhimento</p> <p>Hospitalidade</p> <p>Orgulho das raízes</p>
<p>“São Luiz Gonzaga [...] é uma <b>cidade hospitaleira com registro histórico de importância para o Rio Grande do Sul</b>. [...]” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Hospitalidade</p> <p>História importante para o RS</p>
<p>“São Luiz é cidade que <b>conta a história</b> de Sepé Tiaraju, [...], <b>de políticos que atuaram no cenário nacional</b>. É cidade de gente bonita e hospitaleira” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Conexão com a política</p> <p>História valorizada</p>
<p>“Aqui é a cidade de [...] <b>artistas e músicos</b>. [...] A cidade também conta a história do <b>Senador Pinheiro Machado</b>. [...]” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Representatividade artística e política</p>
<p>“Uma cidade criada em mil seiscentos e pouco, não lembro exatamente o ano, com redução jesuítica, que trouxe a história de <b>personalidades da política</b>, e que depois de alguns séculos, <b>entre alavancar e ter quedas em sua história</b>, hoje é <b>conhecida pela música de excelente qualidade que é mostrada em todo Brasil</b>” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>História valorizada</p> <p>Missões jesuíticas</p> <p>Personalidades da política</p> <p>Contrastes entre construção e destruição</p> <p>Musicalidade</p>
<p>“Quando passeio e as pessoas perguntam de onde eu sou e eu respondo que sou de São Luiz e a <b>primeira referência é a música</b>, [...]. Tipo pelo que eu posso ver pelas pessoas quando conhecem São Luiz Gonzaga se encantam pela música e por essa <b>parte histórica</b>, tipo a <b>construção das igrejas</b>. [...] Claro que eu apresento, tipo é a <b>Capital da Música Missioneira</b>” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Musicalidade</p> <p>História valorizada</p> <p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p>
<p>“Uma cidade que tem <b>reliquias guardadas na Igreja Matriz</b> e que contam um pouco da nossa história. Também, uma cidade de <b>excelentes músicos que elevam fora daqui a nossa raiz, a nossa história</b>” (Maria, 22 anos).</p>	<p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Musicalidade</p>

(Continuação)

<p>“Contar São Luiz é contar da <b>música</b> de [...] Mano Lima, [...]. É contar que aqui temos ótimos músicos e uma <b>história constituída desde os jesuítas</b>” (Arthur, 23 anos).</p>	<p>Musicalidade</p> <p>História valorizada</p> <p>Presença jesuítica</p>
<p>“São Luiz é um <b>lugar de gente que acolhe, hospeda, acarinha, abraça. Um lugar de arte de toda forma, música, pintura, escultura, poesia e até de excelentes fotógrafos</b>” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Amorosidade</p> <p>Ampla expressividade artística</p>
<p>“Eu falava sobre São Luiz Gonzaga quando estava fora da cidade e as pessoas ficavam surpresas porque não sabiam onde ficava e até já me perguntaram se ela ficava aqui no Rio Grande do Sul. E eu sempre tinha que explicar que ficava no Noroeste do Estado, que era uma <b>Região das Missões</b> e só depois que eu citava São Miguel das Missões e as Ruínas de São Miguel ou Santo Ângelo que as pessoas conseguiam, tipo, localizar mais ou menos onde ficava no mapa do Rio Grande do Sul. Então para mim, isso foi bastante surpresa porque <b>eu esperava que São Luiz Gonzaga fosse uma cidade mais conhecida por toda sua história</b> porque foi uma <b>cidade jesuítica</b> antigamente e, a partir daí eu comecei a tentar explicar para as pessoas um pouco mais da <b>história de São Luiz Gonzaga</b>. Que teve Sepé Tiaraju e tudo mais só que parecia que as pessoas não conheciam a verdadeira história de São Luiz e isso me deixou bastante triste porque a história é muito rica” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Desconhecimento da história por parte de pessoas de fora</p> <p>Presença jesuítica</p>
<p>“É uma <b>cidade bem pacata</b>, tem uns pontos turísticos que são bem importantes. [...] E eu acho que <b>precisa de investimentos</b> nos pontos turísticos para ficar mais atrativo. Mas é uma cidade mais ou menos interessante. <b>Tem uma boa qualidade de vida</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Cidade pacata</p> <p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>Necessidade de investimentos em infraestrutura turística</p> <p>Qualidade de vida</p>
<p>“Eu conto a cidade pela nossa <b>história missioneira, história com raiz dos índios</b>, conto os belos pontos turísticos que nossa cidade tem resgatando essa história. [...] Que é uma cidade muito <b>boa para morar e que é bem tranquila</b>” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>História valorizada</p> <p>Presença jesuítica</p> <p>Tranquilidade</p> <p>Qualidade de vida</p>
<p>“Eu apresento como um lugar que tem <b>gente que gosta daqui, que gosta da terra vermelha, das raízes de sua história</b>” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Orgulho das raízes</p> <p>História valorizada</p>

(Continuação)

<p>“Lugar de se viver bem e ter bons amigos” (Maria, 20 anos).</p>	<p>Qualidade de vida</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p>“A <b>humildade das pessoas</b> é uma coisa que tem que ressaltar. <b>Pessoas que são o que elas são sem se importar com nada. Que te recebem com o simples, mas muito bem recebido, sempre com muito carinho e amor</b>” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Humildade</p> <p>Hospitalidade</p> <p>Acolhimento</p> <p>Amorosidade</p> <p>Simplicidade</p>
<p>“A cidade da <b>música, de mulheres bonitas, de boas festas, se bem que já foi melhor em vários aspectos, mas a gente sempre espera que melhore. É isso. Cidade boa para morar e com um clima bom</b>” (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Musicalidade</p> <p>Beleza feminina</p>
<p>“Por ser uma <b>cidade pequena, praticamente todo mundo se conhece, todo mundo sabe da vida dos outros, todo mundo é amigo, e todo mundo recebe todo mundo bem na cidade</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Cidade pequena</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Hospitalidade</p>
<p>“Eu conto São Luiz Gonzaga pela <b>felicidade que tenho em morar aqui, numa cidade que acolhe bem, que é cheia de pessoas boas, [...]</b>” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Orgulho das raízes</p> <p>Acolhimento</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p>“Aqui é uma cidade muito boa pra morar, tenho <b>amigos</b>, sou feliz aqui. Eu penso que é melhor pra tudo, desde os médicos, o estudo, aqui eu <b>sinto que o ensino é melhor</b>. Aqui tem uma educação mais forte que a gente fica mais preparada para uma faculdade. E na cidade tem <b>pontos turísticos muito legais que contam a nossa história</b>. Também tem a praça Cícero, tem o cinema. E as pessoas aqui são muito simpáticas” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Estrutura educacional</p> <p>Pertencimento e valorização do lugar</p>
<p>“Acho legal aqui, é uma <b>cidade boa para morar. Mas, mesmo assim, nesse ano irei terminar meus estudos e irei embora, porque aqui não tem trabalho. Mas tenho minha família aqui, voltarei para visitar</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Êxodo em busca de trabalho</p>
<p>“Eu conto que é uma cidade bem <b>hospitaleira com um povo bem receptivo. [...] Não tem muito aquela coisa de discriminação, no meu ponto de vista</b>” (Maria, 18</p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Pouco preconceito</p>

(Continuação)

anos).	
“Eu acho a cidade boa para morar e para se divertir. [...] <b>Quero estudar e voltar para trazer o que aprendi e melhorar a vida das pessoas que moram aqui</b> ” (Arthur, 18 anos).	Desejo de devolver conhecimento à cidade
“É difícil falar daqui. Eu não saio muito. Mas eu gosto desse lugar. Me traz <b>tranquilidade. As pessoas todas se conhecem.</b> A gente vai no mercado ou em outros lugares e <b>todo mundo se dá bem. Tem vizinhos que se importam.</b> Eu vejo São Luiz Gonzaga dessa forma” (Arthur, 18 anos).	Afetividade e confiança nas relações interpessoais Amorosidade Tranquilidade Calma
“Eu vejo a cidade como uma cidade que tem <b>potencial para trazer o turismo</b> para cá e divulgar mais o que temos de bom de história. <b>Pena que a cidade não é muito divulgada. Nem muito limpa.</b> E mesmo tendo essas lacunas, é uma cidade que é muito boa para se viver” (Maria, 19 anos).	Potencialidade turística (que precisa ser cuidada) Falta divulgação Falta conservação e limpeza em espaços públicos
“Nunca pensei sobre São Luiz assim dessa forma, de falar da cidade. Mas tem muita coisa aqui que não é boa. As <b>ruas com buracos, as calçadas íngremes e faltando preocupação com quem passa. Tem cachorros soltos por todo lugar.</b> Mas tem coisa boa também, as <b>pessoas são acolhedoras</b> ” (Arthur, 20 anos).	Falta conservação e limpeza em espaços públicos Animais soltos Acolhimento
“Eu diria que é um <b>lugarzinho pequeno</b> que é muito aconchegante <b>onde os amigos que a gente faz são para a vida toda</b> ” (Maria, 22 anos).	Lugar pequeno Afetividade e confiança nas relações interpessoais
“Eu sou suspeito para falar porque essa cidade tem muito a ver comigo. Uma <b>cidade calma</b> como se a gente tivesse no campo. Bom pra ir em rodeios, criar cavalo. <b>Tem um ar bom, bem de campo mesmo</b> ” (Arthur, 22 anos).	Calma Qualidade de vida
“ <b>Descrever essa cidade é sempre uma alegria,</b> pois, nasci aqui e pretendo ficar aqui para construir uma família. Meus avós eram daqui e meus pais também. <b>Uma cidade que dá para caminhar de dia e de noite. Que tem pontos turísticos, tá certo que não são muito bem cuidados e nem muito atrativos,</b> mas mesmo assim, a cidade é muito boa” (Maria, 18 anos).	Pertencimento e valorização do lugar Tranquilidade Segurança

(Continuação)

	Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)  Falta conservação e limpeza em espaços públicos
“Gosto da cidade. É calma, boa pra se morar, [...]. Mas tem pouca oportunidade para trabalho. A maioria das gurias da minha idade faz o colégio, termina o terceiro ano e vai embora” (Maria, 21 anos).	Calma  Êxodo em busca de trabalho
“Uma cidade que encanta com a hospitalidade e com o acolhimento que as pessoas tem. Cidade de poucos recursos, mas de alma grande” (Maria, 24 anos).	Hospitalidade  Acolhimento  Escassez de recursos
“Quando vai pra fora tem bastante preconceito, né, uma cidade grande eles pensam que a gente mora retirado demais. É bom de morar aqui, tem um monte de lugar para ir. Tem bastante coisa para fazer, também” (Arthur, 23 anos).	Preconceito, por parte das pessoas de fora  Qualidade de vida  Opções de lazer
“Uma cidade que embora tenha várias coisas para serem melhoradas no âmbito estético, é uma cidade que traz um pertencimento” (Arthur, 23 anos).	Pertencimento e valorização do lugar
“Eu já conheci outros lugares. Mesmo que para passear e não troco São Luiz por outro lugar, porque nossa cidade tem um carisma que não tem em outros lugares” (Maria, 21 anos).	Pertencimento e valorização do lugar
“Sempre gostei de São Luiz e apresento com carinho, pois vejo a cidade dessa forma. Mas não me vejo aqui por muito tempo, porque não tem emprego” (Maria, 21 anos).	Vínculo afetivo com a cidade  Êxodo em busca de trabalho
“Eu acho que olhando por esse lado de aproveitar o dinheiro que vem pra cidade, as obras nas escolas é dinheiro colocado fora. Porque vem tanto dinheiro para fazer e não fazem. Por parte dos governantes está bem largado. E a gente não vê. Na escola do meu filho, acho que faz uns três anos que tá um ginásio lá, não sei quantos mil, nem terminou a obra e já caiu parte da parede. [...] Mas eu apresento minha cidade dizendo que é uma cidade boa de se morar, hospitaleira, de gente de bem” (Arthur, 24 anos).	Crítica à Administração Municipal – gestão de recursos  Falta de infraestrutura educacional  Tranquilidade  Hospitalidade
“Um lugar de pessoas simples, mas que são verdadeiras. Um lugar de gente honesta. Acolhedora” (Arthur, 24 anos).	Simplicidade  Honestidade

(Conclusão)

	Acolhimento
<b>“Sei pouco da história da cidade, até é uma vergonha, mas a gente deixa isso sempre passar em branco, mas eu sempre apresento como sendo uma cidade que tem muita gente hospitaleira”</b> (Arthur, 24 anos).	Desconhecimento da história por parte dos moradores Hospitalidade
<b>“Historicamente falando eu não tenho muito conhecimento da cidade, mas sei que aqui residem pessoas que são muito felizes em morar aqui, que não trocam esse lugar que moram por nenhum outro. Que se conhecem, que se sentem bem em ajudar”</b> (Maria, 24 anos).	Desconhecimento da história por parte dos moradores Pertencimento e valorização do lugar Hospitalidade
<b>“São Luiz Gonzaga me traz calma e serenidade. Tem alguns lugares bonitos para visitar, tem as praças com bastante arborização. A cidade tem ar puro que nas grandes metrópoles não se tem mais. Cidade ótima. Eu digo que é uma cidade boa e hospitaleira, longe de tudo, mas boa para morar, tranquila”</b> (Arthur, 21 anos).	Calma Potencialidade turística (que precisa ser cuidada) Qualidade de vida Hospitalidade Natureza

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores jovens contam a cidade e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 24 – Síntese sobre como moradores contam a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude)

(Continua)

Expressões-síntese
<b>História:</b> Bagagem histórica História importante para o Rio Grande do Sul História valorizada História ligada à religiosidade e Arte Sacra Tradição Desconhecimento da história por parte das pessoas de fora Desconhecimento da história por parte dos moradores
<b>Estrutura:</b> Cidade pequena Lugar pequeno Cidade antiga

(Conclusão)

<p>Escassez de recursos Crítica à Administração Municipal – gestão de recursos Opções de lazer</p>
<p><b>Política:</b> Conexão com a política Personalidades da política</p>
<p><b>Missões:</b> Parte dos Sete Povos das Missões Terra Missioneira Missões jesuíticas Presença jesuítica</p>
<p><b>Turismo:</b> Potencialidade turística (que precisa ser cuidada) Necessidade de investimentos em infraestrutura turística</p>
<p><b>Arte:</b> Representatividade artística e política Ampla expressividade artística Musicalidade</p>
<p><b>Modo de vida:</b> Cidade pacata Simplicidade Humildade Calma Qualidade de vida Tranquilidade Segurança</p>
<p><b>Relações:</b> Hospitalidade Acolhimento Amorosidade Afetividade e confiança nas relações interpessoais Pouco preconceito Animais soltos Vínculo afetivo com a cidade Pertencimento e valorização do lugar Orgulho das raízes</p>
<p><b>Beleza:</b> Beleza feminina</p>
<p><b>Educação:</b> Estrutura educacional Falta de infraestrutura educacional Desejo de devolver conhecimento à cidade</p>
<p><b>Espaços públicos:</b> Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p>
<p><b>Mídia:</b> Falta divulgação</p>
<p><b>Emprego:</b> Êxodo em busca de trabalho</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O próximo quadro a ser apresentado, o Quadro 25, apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 25 a 59 anos, referentes à pergunta aberta: “O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade?”.

Quadro 25 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p>“A gente sempre pensa na cidade, pelo menos no meu ponto de vista, com as <b>origens</b> dela, o que marca, e em vista do turismo, porque que <b>a cidade deve ser lembrada por um ponto no qual tu vai passar ou o que vai ficar no imaginário popular</b>. São Luiz Gonzaga, <b>desde a sua fundação está relacionada com as missões jesuíticas da margem do Uruguai</b>. Geralmente quando eu falo com pessoas que não são daqui da Região Noroeste, a primeira reação delas é talvez ter ouvido falar. Eu percebi quando morei um tempo fora, que São Luiz não é tão conhecida, mesmo no contexto regional aqui do Rio Grande do Sul. E algumas pessoas já ouviram falar, mas de forma vaga. <b>É uma cidade que seria uma cidade turística, mas que embora na prática a gente não tenha desenvolvimento ainda para isso</b>. E tanto o <b>Poder público como os próprios moradores até desconhecem um pouco a história</b>. Eu mesmo, não tenho um conhecimento amplo sobre a cidade e a história local. É uma cidade dos Sete Povos das Missões, tem sua origem relacionada justamente a isso. E que <b>por volta do século XIX até início do século XX, ficou totalmente largada aos olhos do Poder público</b>. Só depois recebendo novos incentivos e um novo olhar com a <b>vinda do Regimento da Cavalaria do Quartel</b>. É assim que digo, ressaltando a origem missioneira da cidade” (Arthur, 26 anos).</p>	<p>Missões jesuíticas</p> <p>Potencial turístico sem desenvolvimento</p> <p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>Presença do exército</p>
<p>“São Luiz Gonzaga é uma cidade que faz parte dos Sete Povos das Missões. <b>É um povo mais chucro</b>. Povo <b>hospitaleiro</b>. Dos Sete Povos como principal cidade acho que é Santo Ângelo, depois acho que é a de São Luiz, até pela concentração de pessoas que vêm de outras cidades menores aqui do entorno. Mas, culturalmente a mais falada é São Miguel das Missões” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Hospitalidade</p>
<p>“Falo das belezas que nossa cidade tem, as <b>reliquias históricas</b>, que é uma <b>redução jesuítica</b>, que tem a <b>raiz nos índios</b>, que tem música boa, [...]. <b>Terra vermelha de muita produtividade artística e musical</b>” (Maria, 27 anos).</p>	<p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Musicalidade</p>



(Continuação)

<p><b>“Eu apresento como uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Um dos Sete Povos das Missões. Onde o povo é bem trabalhador e hospitaleiro. É a cidade natal onde nasceu um grande guerreiro guarani, Sepé Tiaraju. O poeta Jayme Caetano Braun. Que, relativamente tem um comércio forte, bem diversificado atualmente, que a gente encontra de tudo um pouco. Também a economia gira em torno da pecuária e da agricultura, que também são recursos que sustentam a cidade”</b> (Maria, 45 anos).</p>	<p>Calma</p> <p>Povo trabalhador</p> <p>Hospitalidade</p> <p>Missões jesuíticas</p> <p>Comércio diversificado</p> <p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p>
<p><b>“Eu conto que São Luiz tem tudo ao redor da Praça da Matriz. Tem cinema, tem parquinho, restaurante, lojas. A cidade sempre girou em torno da praça, no centro. Mas agora há pouco tempo foi reformada a Praça Cícero Cavaleiro, que também é no centro, aí passou a ser um outro ponto de concentração, com bares e outros serviços em volta. E outra concentração de pessoas, principalmente os jovens, aqui em São Luiz é nos postos de gasolina, se encontram para conversar, beber e às vezes até para fazer festa no final da tarde e de noite. Fazem uma junção com músicas nos carros e ficam por ali em grupos, num grande grupo. Aqui ainda tem essa cultura desses encontros e também do som ligado alto. Conto também que tinha o evento Tchamameceiros que envolvia pessoas de outros locais e vários artistas conhecidos ou não, é uma pena, mas perdemos mais esse evento há uns 4 anos, esse que durou uns 8 anos ao todo, dentre tantos outros”</b> (Maria, 28 anos).</p>	<p>Concentração da economia na parte central</p> <p>Afetividade e confiança nas relações</p> <p>Expressividade artística</p> <p>Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar</p>
<p><b>“Eu apresento São Luiz como [...] a capital da música nativista, [...]. As pessoas não têm nenhum conhecimento do que a gente tem, entendeu? Então eu apresento [...] todo um contexto histórico que os moradores daqui não valorizam ou desconhecem, apesar de que não ter nenhuma ruína aqui em São Luiz, tem ao redor. Que aqui é um polo de distribuição de turistas tanto de São Borja e São Miguel, que São Luiz fica no meio. Eu apresento [...] a estação ferroviária também. Mas isso é bem triste, porque tem via férrea, tem infraestrutura só que não é aproveitada né? Eu acho que ia ser bem interessante se reativassem as linhas. A estação férrea está vazia ainda sem visitação. Mas que também tem tanto cantor que não é valorizado. Nós não valorizamos nossos cantores como lá fora são valorizados”</b> (Maria, 28 anos).</p>	<p>Musicalidade</p> <p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>Falta valorização de artistas locais</p>
<p><b>“Eu conto que moro no Rio Grande do Sul, numa cidade</b></p>	<p>Calma</p>

(Continuação)

<p><i>pequena, com uma média de 35 mil habitantes, calma, hospitaleira, mas que <b>tem poucos empregos</b>, e muitos jovens vão embora por volta de 25 a 30 anos em busca de novas oportunidades. Eu conto que é uma <b>cidade da Região das Missões</b>, mas que <b>falta ainda uma identificação maior para contar essa história para quem vem de fora</b>” (Arthur, 28 anos).</i></p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p> <p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p>
<p><i>“[...] eu por exemplo <b>frequento CTG e isso é muito bom tanto para mim quanto para meus filhos. A musicalidade da cidade é uma identidade daqui. Ela</b> leva o que tem de melhor dentro de São Luiz e ela traz recursos financeiros para São Luiz com essa arte. Então é uma forma de incentivar o turista de vir e visitar. Nós temos Pedro Ortaça, temos a Família Guedes, temos o Jayme Caetano Braun. Temos os quatro troncos missioneiros que identificam São Luiz Gonzaga. <b>Nós temos, culturalmente o campo artístico da dança, temos o balé que tem levado o nome de São Luiz para fora, temos o Centro de Tradições.</b> A história, a cultura dos Sete Povos que divulgam a cidade. E embora, não sejam muito divulgados pelos moradores <b>que muitos nem conhecem essa história</b>, muitos que vão receber talvez um turista no comércio, não vão saber falar e nem propagar essa história, porque ela não é divulgada pelos próprios moradores. Mas a cidade em si, ela é realmente <b>muito acolhedora</b>” (Maria, 38 anos).</i></p>	<p>Tradicionalismo</p> <p>Musicalidade</p> <p>Expressividades artísticas</p> <p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>Acolhimento</p>
<p><i>“Uma cidade com bastante cultura, <b>bem tradicionalista.</b> A gente ainda encontra <b>gaúchos, tipicamente vestidos, não só nas datas festivas de setembro. Também a culinária e os costumes têm sido mantidos.</b> Também já ouvi dizer que o Rio Grande do Sul, principalmente as Missões, é o <b>único polo que ainda assa o churrasco no chão e no espeto, no mesmo estilo primitivo.</b> E isso acho que vem do tempo que caçavam os animais com lança. É uma tradição que permanece. E isso pode ser percebido na cidade em eventos que fomentam a cultura, principalmente em rodeios. Mas eu acho que nesse resgate da tradição, há uma parcela pequena que ainda anda de bombacha, que realmente se veste a caráter. É uma pena, porque podia ser mais valorizado. E nas futuras gerações talvez isso se perca. Outra coisa é que <b>São Luiz Gonzaga está entre 16 cidades menores, estamos no meio delas. É quase uma metrópole delas.</b> Onde vem várias pessoas para usufruir de vários serviços aqui. E em muitos casos migra para cá, não somente para lazer, mas em termos de moradia também. Eu conto dessa forma, tentando acreditar que ainda teremos uma</i></p>	<p>Tradicionalismo</p> <p>Orgulho das raízes</p> <p>Cidade procurada para moradia</p>

(Continuação)

<p>reviravolta de valorização da cultura e da história” (Maria, 31 anos).</p>	
<p>“A primeira coisa historicamente é a <b>relação com as Missões</b>, né? Uma história que temos que <b>faz parte do início do Brasil. Reduto dos Sete Povos das Missões. Também uma relação religiosa</b>. Essa é a primeira referência e depois quanto à <b>cultura musical de São Luiz</b>. E a gente conta dessa parte para as pessoas, conta do poeta Noel Guarani, do Pedro Ortaça, da Família Guedes” (Arthur, 33 anos).</p>	<p>Missões jesuíticas</p> <p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Musicalidade</p>
<p>“Eu não sou nascida em São Luiz, vim criança para cá, mas eu <b>observo que a nossa cidade melhorou em vários aspectos, até no contar a própria história</b>. Ainda estamos em passos de formiga, mas avançando. <b>Há um processo de redescoberta</b>. Infelizmente ainda há uma grande maioria que tem um descaso enorme quanto à história, quanto em outras coisas. <b>Acho que estamos desenvolvendo uma outra cultura hoje, de apego, de acolhida que eu via pouco antes</b>. Eu sempre conto a história de São Luiz, casando com a história das Missões, do Rio Grande do Sul, do início da nossa história. Enquanto criança, quando eu vim para São Luiz eu estava na quarta série, até então eu nunca tinha ouvido falar, porque é bem nessa época que a gente estudava na escola. Até então nunca tinha sido valorizada. Mas é diferente até das pessoas que nasceram aqui. Eu hoje constituí família, me sinto <b>pertencente a esse lugar</b>” (Maria, 40 anos).</p>	<p>Processo de redescoberta</p> <p>Acolhimento</p> <p>Pertencimento e valorização do lugar</p>
<p>“Eu conto a cidade pela <b>beleza dos pontos turísticos, pela história com Sepé Tiaraju, com os indígenas. A raiz missioneira. A música tradicionalista</b> de vários cantores daqui” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Conexão com comunidades indígenas</p> <p>Musicalidade</p>
<p>“São Luiz Gonzaga para mim, é a cidade onde eu nasci. Nasci em 1980, morei no interior de 1982 a 1992, mas nesse período eu visitava a cidade com meus pais. São Luiz Gonzaga se caracteriza principalmente pela cultura, que nós chamamos de <b>cultura missioneira</b>. [...] Se caracteriza logicamente pelos artistas que a gente tem na cidade, [...]. Esse é um legado que São Luiz traz na frente, principalmente quando o assunto é cultura. [...] São Luiz Gonzaga pertence aos Sete Povos das Missões, que é uma rota turística também, visitada por pessoas de todo o mundo. Logicamente para as pessoas, o ponto principal é São Miguel das Missões que tem o Som e Luz, mas São Luiz Gonzaga acaba tendo o reflexo desse turismo. E também por manter resquícios das ruínas dos povos indígenas, quando os padres tentaram catequisar os</p>	<p>Tradicionalismo</p> <p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p>

(Continuação)

<p><i>Índios. E São Luiz Gonzaga tem como três polos que geram a economia: a agricultura, a pecuária e os serviços. A cidade é pequena, acho que gira em torno de 32 mil habitantes, talvez um pouco mais, mas tem registros mais precisos nos dados do IBGE. Já teve em fase de redução, onde as pessoas em grande parte estavam indo embora da cidade. E a redução se deu e ainda se dá logicamente pelas pessoas irem em busca de trabalho e outras oportunidades”</i> (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Tradicionalismo</p> <p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p>
<p><i>“Nossa cidade é celeiro de músicos, artistas, poetas, escritores, pintores, mulheres que participam de belíssimos concursos trazendo títulos e elevando o nome da cidade para os quatro cantos do mundo”</i> (Maria, 30 anos)</p>	<p>Expressividade artística</p>
<p><i>“Eu conto pelo coração, pois, morar aqui é um privilégio, um lugar pequeno que tem tudo que a gente precisa, é tudo perto, tem amigos, tem espaço para caminhar, levar os filhos para passear. A gente anda pela cidade em qualquer horário e não tem que se preocupar com assalto como é em grandes cidades. Aqui é tudo de bom”</i> (Maria, 35 anos).</p>	<p>Amorosidade</p> <p>Afetividade e confiança nas relações</p> <p>Tranquilidade</p>
<p><i>“Eu conto que é uma cidade na Região das Missões, que fica a 60 km de São Miguel das Missões e quase na fronteira com Argentina, perto de São Borja. Mas eu também conto São Luiz Gonzaga, não só pela parte dos artistas locais que a cidade tem vários potenciais da música, grandes nomes. São Luiz Gonzaga foi levada para vários municípios, vários estados e também a nível mundial, com os concursos de beleza. Muitas vezes era dito a terra das misses e não só dos artistas locais, músicos e poetas”</i> (Maria, 42 anos).</p>	<p>Expressividade artística</p> <p>Beleza feminina</p>
<p><i>“Morar em São Luiz Gonzaga é estar preparado para respirar com calma, sentir a magia dessa terra que foi construída e se reinventou e se reinventa com o tempo”</i> (Maria, 36 anos).</p>	<p>Calma</p> <p>Pertencimento e valorização do lugar</p> <p>Processo de redescoberta</p>
<p><i>“Bem, eu quando eu estou fora ou quando falo para um conhecido que não conhece a cidade, a nossa cidade é uma cidade hospitaleira, que tu tens vizinhos, que se tu precisar de um açúcar emprestado tu tem quem te olhe e te empreste. Apresento também, dizendo que sejam bem-vindos, que São Luiz Gonzaga é a Capital Estadual da Música Missioneira, terra de Sepé Tiaraju e Jayme Caetano Braun. Às vezes, até perguntam porque a terra da música, porque hoje na cidade temos cadastrados mais de trezentos e cinquenta artistas da</i></p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Acolhimento</p> <p>Amorosidade</p> <p>Musicalidade</p>

(Continuação)

<p><b>música na Associação dos Músicos Sãoluizenses. E terra de Sepé Tiaraju porque tem uma história muito forte com Sepé Tiaraju não só em São Luiz, mas em toda a Região Missioneira. E tudo se indica que Sepé nasceu aqui, né, por mais que a gente não tenha registro específico, mas a gente agarrou isso e sente isso na terra dele. E Jayme Caetano Braun é nosso patrono aí, é da cultura tradicionalista, não só para São Luiz Gonzaga, mas que leva o nome de São Luiz, da região e pelo Brasil afora. E falo dessa convivência que a gente tem, essa convivência de afeto diariamente. <b>A gente sente que a pessoa ama esta cidade. Aquele que foi embora, que morou aqui e que está fora, ele sente saudade de São Luiz, mas não é a saudade talvez, só daquele parente, é saudade da terra. Eu estive morando fora um tempo e eu dizia que sentia saudade, e era essa saudade. Quando a gente está fora se preocupa com os parentes que estão aqui, mas eu voltei pra cá e não visito os parentes todos os dias. Então, na verdade, a gente sabia que o parente estava perto, mas o que realmente eu sentia era saudade dessa terra, com esse envolvimento pela cidade. <b>Acho que esse é o maior amor, a maior ligação que a gente tem por São Luiz</b></b>” (Maria, 42 anos).</b></p>	
<p>“<b>Dá para contar a cidade de vários jeitos, que é uma cidade dos Sete Povos das Missões, que é a cidade de Sepé Tiaraju, que é a cidade da música tradicionalista de Pedro Ortaça. Que é uma cidade no interior do interior. E que traz muita tranquilidade morar aqui</b>” (Arthur, 38 anos).</p>	<p>Missões jesuíticas Musicalidade Tranquilidade Calma</p>
<p>“<b>Que é palco de muitos músicos que aqui fizeram e fazem história</b>” (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Musicalidade</p>
<p>“<b>É os pontos turísticos que contam nossa história que é a Praça da Matriz, a nossa Igreja Matriz que tem os vitrais, a Gruta e agora que nós temos o Complexo Jayme Caetano Braun</b>” (Maria, 37 anos).</p>	<p>Pertencimento e valorização do lugar</p>
<p>“<b>A gente conta apresentando os nossos pontos turísticos, porque além de São Luiz Gonzaga ser uma cidade pequena, praticamente abandonada, nós temos uns quantos pontos turísticos que resgatam e contam a história daqui. Então eu acho que é dessa forma que a gente procura dizer para as pessoas que tem que vir né, conhecer, saber mais da riqueza que temos aqui, porque São Luiz é um lugar bem acolhedor</b>” (Maria, 46 anos).</p>	<p>Pertencimento e valorização do lugar</p>
<p>“[...] sempre conto a minha cidade com <b>muito orgulho</b>, da terra e da história que por aqui a gente teve e baseado nos missioneiros e <b>músicos, que são reconhecidos e</b></p>	<p>Pertencimento e valorização do lugar</p>

(Continuação)

<p><b>infelizmente, mais valorizados fora da cidade, [...].</b> Mais um exemplo é que agora há pouco tempo atrás estávamos no Uruguai e fomos numa festa que se chama 'Choro Ceva' e quando começou aquele conjunto local missioneiro tocar, tu tinha que ver, as pessoas estavam cantando, gravando, filmando, dando importância para aquilo que era dali, do local. [...] Uma outra situação é de que passeando em Santa Catarina Mano Lima estava tocando lá e todo mundo aplaudindo e poxa, a gente sabe que ele é daqui dessa terra e aqui o pessoal não valoriza. Conto pela área da beleza, outro exemplo era a Garota Verão, que sempre foi um evento e São Luiz sempre ficava na final desse concurso. Então a gente sempre tinha e tem esse orgulho, era e é muito bom passar por vários lugares e com orgulho dizer que sou de São Luiz Gonzaga. Então, ao contar e falar de São Luiz eu noto que existe esse orgulho, esse reconhecimento de ser da cidade, mas eu não vejo mais essa propagação da história que temos, e isso é muito chato. E hoje transformaram São Luiz Gonzaga na capital do carreteiro, ok, mas aonde tem carreteiro para você provar na cidade fora a festa do carreteiro? Aonde tem restaurantes que tenham comidas típicas da cidade? Não tem. Infelizmente não tem. [...] Também, a cidade foi instituída Capital da Música Missioneira e não temos mais os grandes eventos que tínhamos de música, só a Mostra da Arte Missioneira reunia quatro países. Aí nós deixamos acabar tudo isso, de certa forma a cultura se perdeu, porque é mais bonito valorizar qualquer coisa que é do vizinho do que o nosso, daqui. E aí eu vejo um parque lá, o Parque Centenário que recebia a Mostra da Arte Missioneira que era um evento extraordinário. Eu tive a honra de ir, eu era criança ainda, e era Uruguai, Paraguai, Argentina, uma integração fantástica de artistas e artesanato e acabou. E acabou o parque também que não tem nem manutenção, não tem verba. E aí também entra uma questão de estrutura da cidade que nós <b>não temos pavimento, limpeza</b>. Teve também aquele movimento dos Tchamamaceiros que eu acho que ali eles tentaram resgatar alguma coisa, mas não foi para frente. E tem o <b>carnaval de São Luiz que era um espetáculo e também se perdeu</b>. Era considerado um dos melhores do Estado, era Jaguari e aqui. O pessoal se reunia na rua 13 de Maio, todo mundo se divertindo, brincando, curtindo música, eram crianças, adultos e idosos, todos reunidos se divertindo. Boa parte das lojas nesse período dava espaço para os QG's, alugavam seus espaços. E depois iam para os clubes. Dançavam de braços dados, com músicas de marchinha. A gente viveu esse tempo de Miguel Ruschel, de seu Roque Fortes,</p>	<p>Falta valorização de artistas locais</p> <p>Beleza feminina</p> <p>Falta reconstruir identidade do lugar</p> <p>Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar</p> <p>Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p>
---	--

(Continuação)

<p>daquele tempo que tocavam as marchinhas, blocos com camisetas, tinha a união de todo mundo, todo mundo dançava feliz, tinha um bom policiamento, praticamente não dava briga, era tudo muito diferente, que barbaridade, e, mais isso também se perdeu. Então, <b>a gente ainda conta São Luiz dessa forma, com a esperança que possa mudar</b>" (Maria, 38 anos).</p>	
<p>"Eu apresento a minha cidade como uma <b>cidade campeira</b>, das Missões, <b>cidade boa, tranquila para se viver</b> com grandes nomes na <b>música nativista</b>. Mas <b>quando eu falo de São Luiz eu geralmente falo do verbo passado, né, do que São Luiz já teve, do que São Luiz já foi, em relação à cultura, em relação ao que São Luiz já ofereceu com os festivais de músicas e o que atraía para o turismo, para movimentar a região</b>. Porque São Luiz já foi bem mais movimentada para o turismo, por questão da cultura mesmo, pelas mostras de arte relacionadas à música, aos domingos sempre tinha um evento na cidade" (Arthur, 38 anos).</p>	<p>Pertencimento e valorização do lugar</p> <p>Musicalidade</p> <p>Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar</p>
<p>"Gosto de morar aqui. Já fui embora e fiquei doze anos fora, voltei tem dois anos. <b>Estou vendo que tem bastante coisa mudando e para melhor</b>. Montei uma pequena empresa e estou sentindo que está prosperando e também que a <b>mentalidade de pessoas tem se desenvolvido</b>" (Arthur, 45 anos).</p>	<p>Orgulho das raízes</p> <p>Mudança nos modos de viver e interagir</p>
<p>"<b>A minha cidade é muito boa, quando eu conto minha cidade eu digo que eu amo andar na rua cumprimentando as pessoas, todas as pessoas se conhecem, o convívio é bom. São Luiz tem uma história, mas é pouco explorada</b>. Mas eu sinto que não existe uma vontade política de fazer São Luiz crescer no viés do turismo. <b>Eu gosto muito de São Luiz, até quando ela é ruim eu consigo gostar dela mesmo assim</b>. Amo a cidade. Vejo um potencial enorme, mas falta incentivo, do Poder público, dos moradores" (Maria, 46 anos).</p>	<p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Falta explorar potencialidades do lugar</p> <p>Orgulho das raízes</p>
<p>"Eu falo da <b>cidade histórica, da cidade de artistas que levam o nome para outros lugares, falo da cidade calma e do interior</b>" (Arthur, 41 anos).</p>	<p>Musicalidade</p> <p>Calma</p>
<p>"<b>Eu sempre me referi a São Luiz como sendo um ninho. Um lugar que a gente se aproxima e não quer mais deixar</b>. Me casei aqui e criei meus dois filhos, aliás, ainda estou criando, e é bem diferente de criar numa capital, tem mais liberdade" (Arthur, 42 anos).</p>	<p>Amorosidade</p> <p>Pertencimento e valorização do lugar</p>
<p>"Eu não sou natural de São Luiz, mas já me sinto com certo <b>pertencimento à cidade</b>, pois, tem já vinte e dois anos que moro aqui, e já me sinto um pouco natural daqui.</p>	<p>Pertencimento e valorização do lugar</p>

(Continuação)

<p><i>Eu gosto muito da cidade, acho uma cidade <b>acolhedora</b>, que tem um <b>calor humano</b> que a gente não vê em outras cidades, em outros municípios” (Maria, 38 anos).</i></p>	Acolhimento
<p><i>“[...] tem uma boa <b>qualidade de vida</b>. <b>Tem bastante sossego</b>. [...] <b>Traz o empoderamento da música</b> [...]” (Maria, 45 anos).</i></p>	Qualidade de vida Calma Musicalidade
<p><i>“<b>As escolas são muito boas, a educação em si</b>. Temos nossa <b>história de raiz e indígena</b>. <b>Os músicos, poetas</b>. <b>Eu conto assim</b>” (Maria, 58 anos).</i></p>	Estrutura educacional Musicalidade
<p><i>“<b>Já tivemos muito mais, mas ainda conservamos as tradições, as raízes e as relíquias</b> que contam nossa história [...]” (Arthur, 46 anos).</i></p>	Tradicionalismo
<p><i>“<b>Eu apresento como a cidade de terra vermelha</b>, onde abrigou também um dos Sete Povos das Missões, puxo bem pela história [...]” (Maria, 43 anos).</i></p>	Orgulho das raízes
<p><i>“<b>Eu sou um elemento estrangeiro</b>. Não nasci aqui. Vim para cá na adolescência. Não entendi muito a cidade. Estudei aqui por alguns anos. Fui embora, fiz a minha formação e voltei. Então eu consigo enxergar ela de fora. A primeira análise que eu tenho da cidade é sobre <b>hospitalidade</b>. <b>Quando eu vim residir aqui, já adulto com 29 anos de idade, e as pessoas começaram a me convidar para ir almoçar e jantar na casa delas. E elas não me conheciam mais do que um ou dois dias, eu estranhei isso e disse para minha esposa, ‘as pessoas não me conhecem, me abraçam, me beijam’, e eu como vim da fronteira oeste e em São Borja e Itaqui as pessoas se cumprimentam com um aperto de mão distante</b>. E eu cheguei aqui e me abraçavam, então, isso é um sinal de hospitalidade. As pessoas aqui são bem recebidas. E eu começo a contar essa cidade pela hospitalidade. <b>E aí podem pensar, de onde que vem essa hospitalidade que não tem a duzentos quilômetros daqui? Aí eu fui ver na história guarani</b>. Embora não tenha restado o povo guarani, restou a cultura. Resta essa memória guarani. E tem alguns dados que o guarani chegava a oferecer a esposa para o visitante, que tinha que aceitá-la para não ser ofensivo com o dono da casa. Então, assim, <b>eu vejo uma cidade que recebe, mas eu também vejo uma cidade com dificuldades econômicas, sociais, culturais, políticas</b>. Nós temos aqui uma cidade em que há duas posições políticas fortes, nós chegamos a brincar que aqueles que estão na oposição não pagam nem o IPTU para não dar dinheiro para o governo. Então ela é uma cidade que vive essa tensão política constante. Mas <b>ela é uma cidade</b></i></p>	Hospitalidade Acolhimento Amorosidade Dificuldades econômicas, sociais, culturais, políticas Orgulho das raízes Sociedade agrícola e voltada à pecuária Pertencimento e vinculação do lugar



(Continuação)

<p><b>histórica. Ela é uma cidade que não vira as costas para a história. Talvez a gente análise que o povo não conhece a sua história, mas mesmo não conhecendo, ele se orgulha.</b> Porque ele sabe que ele tem uma história com mais de trezentos anos. E essa história traz em si elementos que vão trazer orgulho para ele. Ao contar São Luiz Gonzaga pode-se dizer que é uma <b>cidade pequena, acolhedora</b>, de pessoas que gostam de gente. Mas é uma <b>cidade que vive da agricultura, que tem pouco emprego</b>. Nós estamos perdendo os jovens. Mas é uma <b>cidade que eu gosto. Eu não estou falando do aspecto físico que está cheia de buracos, que está feia, eu estou falando da cidade intangível, é essa que eu quero contar, é essa que me atrai, é essa que me mantém aqui há mais de 18 anos</b>” (Arthur, 44 anos).</p>	
<p>“Se a gente olhar os comentários das rádios tem muita <b>gente daqui que coloca que tem saudade e não vê a hora de voltar para passear. É um valor pelas raízes, pela cidade</b>” (Arthur, 25 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar Lugar provoca saudade</p>
<p>“São Luiz é um lugar próspero que <b>teve altos e baixos</b>, mas que <b>não perde as esperanças de ser um lugar melhor</b> ainda para viver e visitar” (Arthur, 59 anos).</p>	<p>Orgulho das raízes</p>
<p>“Minha cidade é <b> muito boa e tranquila para se morar, hospitaleira. Só falta mais empregos e algumas melhorias</b>” (Maria, 30 anos).</p>	<p>Tranquilidade Êxodo em busca de trabalho</p>
<p>“[...] a cidade está fazendo alguns <b>registros documentais também pelo Instituto Histórico e Geográfico, e isso é muito bom para contar a história. Às vezes tem saraus também, quem gosta vai. E dessa forma vamos ampliando a forma de contar São Luiz</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Necessita ampliação de arquivos de registros da história Expressividade artística</p>
<p>“<b>São Luiz Gonzaga sempre me acolheu e me acolhe até hoje. Sempre que volto de uma viagem ou passeio me sinto abraçado pela cidade. É meu porto seguro</b>” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Acolhimento Segurança</p>
<p>“A cidade é <b> muito acolhedora. E embora esteja morando aqui há menos tempo, eu já me sinto daqui como se eu tivesse nascido aqui. Tem a tranquilidade</b> de morar aqui na cidade. Aqui é muito forte essa coisa das Missões, que tem uma identificação com o lugar, <b>um povo bem marcado com essa raiz que carrega, um povo forte</b>” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Acolhimento Tranquilidade Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p>“Acontece pouca coisa, <b>poucos eventos até da música</b> que nossa cidade tem um conhecimento lá fora, <b>mas é bom de estar aqui</b>” (Arthur, 32 anos).</p>	<p>Pouca divulgação das atividades artísticas</p>
<p>“<b>Essa cidade me encanta</b> desde que nasci. Já tive</p>	<p>Encantamento</p>

(Continuação)

<p><i>oportunidade de ir embora daqui e fui e voltei. <b>É como se tivesse uma raiz que me puxa para vir para cá. E me sinto muito bem estando aqui</b></i>" (Maria, 33 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>"É uma cidade de <b>talentos musicais</b> e uma terra vermelha que <b>me dá orgulho e me encanta</b>"</i> (Maria, 45 anos).</p>	<p>Musicalidade Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>"<b>São Luiz Gonzaga é exportador de talentos.</b> Já tivemos e temos vários aqui que se destacaram, que viraram notícia no Sul e em outros estados"</i> (Maria, 54 anos).</p>	<p>Expressividade artística</p>
<p><i>"Desde que eu era criança <b>tenho a mesma sensação, de que estou num lugar que nunca muda. E eu gosto disso. É isso que eu falo</b>"</i> (Arthur, 37 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar Calma</p>
<p><i>"<b>Gosto demais daqui. Tenho muitos amigos. Trabalho aqui e faço o que gosto. Tem uma tranquilidade</b> durante a semana e nos finais de semana. Tem os pontos turísticos que dá para ir visitar, embora precisem de mais cuidados, mas estão ali para serem apreciados por quem é daqui e por turistas"</i> (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Tranquilidade Realização profissional</p>
<p><i>"São Luiz é uma cidade pequena <b>cheia de boas qualidades</b>"</i> (Arthur, 33 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>"A cidade é <b>hospitaleira</b>. Um lugar muito bom. Eu gosto de São Luiz. Até prefiro aqui do que outra cidade. Eu morei a minha vida toda em Santo Antônio das Missões, eu saí para estudar, morei em Santo Ângelo por seis anos, gosto dos lugares onde passei, <b>mas eu prefiro São Luiz Gonzaga</b>"</i> (Maria, 36 anos).</p>	<p>Hospitalidade Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>"A cidade é pequena, é <b>aconchegante, tem coisas boas e ruins, mas as boas se sobressaem.</b> Tem pouca coisa para se fazer [...]"</i> (Maria, 40 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>"[...] acho que <b>precisaria ser um pouquinho mais organizada</b>"</i> (Maria, 29 anos).</p>	<p>Falta organização na cidade</p>
<p><i>"Uma cidade longe de tudo, mas que <b>dá para ser feliz em família. Construir um lar e ter uma vida saudável</b>"</i> (Arthur, 34 anos).</p>	<p>Qualidade de vida</p>
<p><i>"Eu nasci aqui e morei fora, e também faço um comparativo com outros lugares, <b>mas acho que culturalmente a gente tem muita pouca coisa.</b> Não falando mal da cidade, nem pelas relíquias históricas, mas a gente quase não tem nada de coisas culturais pra fazer. Mas também é muito fácil ir a uma cidade próxima que tenha uma parte cultural ou de entretenimento que não tem aqui"</i> (Maria, 35 anos).</p>	<p>Falta atrativos e entretenimentos turísticos</p>
<p><i>"Conheci aqui meu esposo, aqui sempre fui feliz, numa rua calma, <b>numa cidade calma, com pessoas calmas. E</b></i></p>	<p>Calma</p>

(Continuação)

<p>quando falo em calmas, me refiro a pessoas que estão <b>dispostas a conhecer os vizinhos, que se importam com quem tá perto</b>. Isso não tem preço, faz a gente se sentir protegido” (Maria, 59 anos).</p>	Segurança
<p>“A cidade de São Luiz Gonzaga é <b>muito boa para se morar</b>, porque ela é uma cidade pequena, <b>não tem muita indústria para desenvolver a cidade</b>, mas é boa aqui, a maior parte é de aposentados, mas é tranquila, <b>o pessoal é muito amigo</b>. Tem a <b>nossa igreja</b> e tem a <b>nossa grutinha</b> que é ponto turístico da cidade. E <b>tem o Jayme</b> lá que é outro ponto turístico que sempre tem gente visitando” (Maria, 52 anos).</p>	Pertencimento e vinculação do lugar  Pontos turísticos atrativos
<p>“Quando a gente vai assim em cidade grande, as pessoas perguntam da onde que a gente é, né, e <b>a gente fala São Luiz Gonzaga e daí elas não sabem muito</b>. E daí a gente fala que meio tipo fica perto da fronteira” (Maria, 30 anos).</p>	Desconhecimento da história por parte do morador
<p>“Não tem como contar São Luiz sem incluir na história das Missões, é indissociável essa forma de falar. Um dos primeiros aspectos que se ressalta é <b>um modelo de comunidade que foi as Missões, e a partir desse modelo é que São Luiz surgiu, e começou a se criar. Nós temos esse posto regional de liderança, mas não temos o desenvolvimento necessário</b> que tem as outras cidades como Santo Ângelo” (Maria, 51 anos).</p>	Missões jesuíticas  Falta desenvolvimento na cidade
<p>“São Luiz é uma <b>cidade boa para morar</b>, né? Eu não sou daqui eu sou de São Paulo, mas vim embora para cá. Moro aqui há oito anos. E o que eu sinto da cidade é que são <b>bem acolhedor</b>. [...]” (Maria, 46 anos).</p>	Qualidade de vida  Acolhimento
<p>“Eu gosto de falar bem daqui porque aqui é <b>bom de morar</b>, as pessoas que perguntam de São Luiz sempre falo que é uma <b>cidade tranquila, cheia de amigos</b>, que faz parte da história das Missões, mas eu acho que, às vezes ela tá muito travada assim, que <b>podia ser melhor em vários aspectos</b>, tá parada no tempo, entendeu. E também os nossos administradores são muito ruins cara, tanto que <b>se tu precisa de alguma coisa, tem que não só pedir, tem que implorar</b> sabe, seja para uma lâmpada na rua ou outras coisas” (Arthur, 30 anos).</p>	Tranquilidade  Pertencimento e vinculação do lugar  Crítica ao Poder público
<p>“Eu, na minha opinião acho que <b>a cidade é um pouco esquecida</b> né, <b>podia ter mais um pouco de atenção, com a nossa saúde</b>, por exemplo, é precária, o negócio de SUS. Então eu acho que está abandonada pelos governantes. Eu acho assim que São Luiz é uma <b>cidade boa da gente morar</b> né, todo mundo se conhece, são <b>um povo unido</b>, só que assim, né, só que estamos esquecidos. Se tivesse alguém que lembrasse mais da gente na saúde, <b>nas ruas que estão bem precárias</b>,</p>	Falta atenção em setores públicos  Afetividade e confiança nas relações interpessoais  Falta conservação e limpeza em espaços

(Continuação)

<p><b>cheias de buracos.</b> Nossos postos de saúde né, até no hospital, tá assim, bem precário” (Maria, 55 anos).</p>	<p>Públicos</p>
<p>“Uma cidade que infelizmente <b>tinha várias empresas e ao longo dos anos foi se perdendo.</b> Mas que <b>está se recuperando a cada ano que passa e buscando sempre investir em novidades</b> para se manter na memória das pessoas” (Maria, 48 anos).</p>	<p>Diminuição na quantidade de empresas</p>
<p>“É realmente uma cidade muito boa, de <b>pessoas que acolhem bem.</b> E tem um fato que é interessante que teve uma época que o pessoal que ia embora, voltava, principalmente para o carnaval, um tipo de festa que o pessoal gostava, mais do que uma cidade grande, e porque era um ambiente mais familiar. <b>Agora, ultimamente, o pessoal não tem voltado, porque também não tem mais esse carnaval e também por oportunidades de emprego que está faltando.</b> E também que <b>São Luiz Gonzaga tem sido citada pela parte artística musical.</b> Cantores que eram daqui, como Pedro Ortaça e outros que fazem parte da nossa terra e estão elevando o nome da cidade” (Arthur, 36 anos).</p>	<p>Acolhimento</p> <p>Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p> <p>Ampla expressividade artística</p>
<p>“Sempre que falo de São Luiz eu digo que é <b>uma cidade atrativa e com potencialidade de ser turística,</b> que tem bons lugares para comer e para visitar” (Arthur, 44 anos).</p>	<p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p>
<p>“Eu costumo falar primeiramente, <b>destacando os pontos bons da cidade, falo bem porque gosto daqui,</b> destaco a faculdade, os pontos turísticos, tem a nossa feira a Expo São Luiz, eu não procuro destacar os pontos ruins num primeiro momento, até entrar num assunto mais específico. Mas <b>não tem como não falar das nossas ruas, dos problemas que envolvem a cidade, mas isso não destaco com ênfase</b>” (Maria, 47 anos).</p>	<p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p>
<p>“A <b>minha identificação</b> com a cidade me fez com que eu quisesse ficar e não fosse embora. Essa <b>tranquilidade, esse jeito humilde de se viver</b> aqui é muito bom. Tomar um chimarrão na praça, rever os amigos, comer um churrasco, tomar uma cerveja, e <b>mesmo assim se sentir em casa mesmo fora da própria casa,</b> é muito bom” (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Tranquilidade</p> <p>Humildade</p> <p>Segurança</p>
<p>“Falando da cidade de São Luiz Gonzaga, eu faço parte da cidade desde 1974, quando morava no interior e vim pra cá. E nesse período <b>acompanhando a cidade, o seu desenvolvimento, ela cresceu muito.</b> E eu vejo que a <b>participação das pessoas é muito importante para contar a cidade.</b> Vejo São Luiz Gonzaga como uma <b>cidade que está prosperando.</b> No meio político também vai se renovando, e em todas as esferas, meio</p>	<p>Crescimento social e cultural</p> <p>Participação coletiva</p>

(Continuação)

<p><i>empresarial também. Dessa forma, com o empenho de todos, podemos vir a contar mais coisas de nossa cidade” (Arthur, 56 anos).</i></p>	
<p><i>“Eu <b>sempre falo muito bem da minha cidade</b>. Eu acredito que é uma vida que gira em torno da mesma coisa sempre, pra quem gosta disso é bom. <b>Mas tem gente que acha que São Luiz parou no tempo e não gostam. Mas eu acho que mudou sim, algumas coisas para melhor”</b> (Maria, 43 anos).</i></p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>“A <b>hospitalidade que as pessoas daqui tratam e são tratadas</b> faz dessa cidade um lugar maravilhoso para querer passar uma vida inteira” (Maria, 58 anos).</i></p>	<p>Hospitalidade</p>
<p><i>“Eu falo assim que ainda é <b>tranquilo aqui de morar</b>, em vista de cidade grande, bah, a gente fica até umas horas, né, de porta aberta. Mas às vezes a gente fica comentando também que, <b>mais pra frente vai mudar isso</b>, né, que tá crescendo, né, <b>a cidade, tem mais gente</b>, né, [...] eu acho que daqui uns anos vai ser difícil de ficar até umas horas com a porta aberta, <b>a violência tá aumentando. Mas por enquanto ainda na minha opinião ainda está tranquilo, tem uma calma ainda”</b> (Arthur, 29 anos).</i></p>	<p>Tranquilidade Calma Segurança</p>
<p><i>“A cidade é bem <b>hospitaleira</b> e que você chega aqui e o povo recebe bem. Ela não é uma cidade muito bonita como dá para ver, mas é <b>bem afetiva”</b> (Maria, 54 anos).</i></p>	<p>Hospitalidade Afetividade</p>
<p><i>“Eu costumo contar <b>falando com muito orgulho dessa Região</b>, tem pontos turísticos maravilhosos, uma bela história. Tem o lado negativo com nossos representantes, mas dá para avançar, <b>como fazer melhorias</b>, é só mudar a cabeça de algumas pessoas, fazer uma mudança cultural. Eu gosto de cidade do interior. Já morei fora daqui e voltei. <b>Me sinto bem aqui”</b> (Arthur, 35 anos).</i></p>	<p>Orgulho das raízes Falta desenvolvimento na cidade</p>
<p><i>“Eu nasci e me criei aqui em São Luiz Gonzaga, e posso dizer que <b>adoro essa cidade</b>. É todo mundo bem hospitaleiro, bem <b>solidário</b>. As <b>escolas são muito boas</b>, a educação em si. Temos nossa <b>história de raiz e indígena</b>. Os músicos, poetas. <b>Eu conto assim”</b> (Maria, 58 anos).</i></p>	<p>Hospitalidade Estrutura educacional Musicalidade</p>
<p><i>“Eu não sou natural daqui, mas uma boa parte da família que me liga são daqui. E moro aqui tem muitos anos. Fiquei por aqui trabalhando. Fiquei alguns bons anos fora. Tive minha história com a cidade grande. Voltei. <b>Acho a cidade um lugar tranquilo, saudável. Com boa alimentação, estamos mais livres para passear pela cidade. Mas eu vejo que fora daqui os nossos artistas são mais bem reconhecidos do que aqui”</b> (Maria, 43 anos).</i></p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar Falta valorização de artistas locais</p>

(Continuação)

<p><b>“Uma cidade com bastante gente velha, mas muito saudável.</b> Os jovens não ficam. Alguns até voltam, mas é minoria. <b>Uma cidade bem tranquila para morar</b>” (Maria, 50 anos).</p>	<p>Velhice saudável</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p> <p>Qualidade de vida</p> <p>Tranquilidade</p>
<p><b>“Ao falar de São Luiz, primeiro eu lembro de quem me apresentou ao mundo que é meus pais.</b> Meu pai e minha mãe nasceram e se criaram aqui, tiraram o sustento dessa terra maravilhosa para nos criar, nos ensinar. <b>Então eu me reporto a minha raiz.</b> São Luiz Gonzaga é minha raiz, é o lugar que me passa segurança. Eu já saí fora de São Luiz, morei um tempo fora, e senti muita falta de São Luiz, essa paz, ‘um lugarzinho no meio do nada’, só que esse lugarzinho no meio do nada tem muito, mas muito valor” (Maria, 47 anos).</p>	<p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Orgulho das raízes</p> <p>Segurança</p>
<p><b>“Eu nasci aqui. Então pra mim, eu digo que São Luiz é a melhor cidade do mundo que eu nunca quis sair daqui e não vou sair. [...] Eu procuro enaltecer a cidade.</b> Assim como tem uns que desprezam, quando vão embora. Mas eu sempre enalteço porque eu gosto daqui. <b>Eu estou sempre perguntando da onde são e o que estão fazendo</b>” (Maria, 58 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p> <p>Interesse em conhecer o outro</p>
<p><b>“A cidade eu penso que está retrocedendo.</b> É uma pena porque sempre falo dos pontos turísticos, da história missioneira, de nossas raízes com a música, mas <b>as pessoas estão saindo de São Luiz em busca de empregos e outras oportunidades e não estão se importando com a nossa cidade.</b> Quem tem emprego está aqui, mas os jovens estão saindo e tudo está virando poeira, infelizmente” (Arthur, 29 anos).</p>	<p>Falta desenvolvimento na cidade</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p>
<p><b>“Eu pra mim a cidade é boa, é calma, tem tudo perto. Mas tinha muita loja que foi embora. Tinha fábrica de bala que fechou. Aliás, fechou muita coisa aqui</b>” (Maria, 57 anos).</p>	<p>Calma</p>
<p><b>“Eu me lembro dessa cidade que era cheia de oportunidades de trabalho,</b> que embora não tivesse muitas áreas para se trabalhar, era uma cidade que empregava e mantinha os moradores e até trazia gente dos arredores para morar aqui e trabalhar. <b>Hoje, mudou um pouco, o cenário é outro. Mas ainda tem o sabor de lugar do interior que possibilita tranquilidade</b>” (Arthur, 49 anos).</p>	<p>Êxodo em busca de trabalho</p> <p>Calma</p> <p>Tranquilidade</p>
<p><b>“São Luiz Gonzaga fez história em vários setores, indústria, política, música, foi reconhecida em vários lugares por seus atrativos. E hoje está buscando no turismo fazer história,</b> espero que consiga, mas tem que</p>	<p>Representatividade artística e política</p> <p>Potencialidade turística</p>

(Conclusão)

<i>mudar a mente das pessoas e explorar mais pontos turísticos</i> ” (Maria, 52 anos).	(que precisa ser cuidada)
<i>“Eu sempre falo que São Luiz Gonzaga é nas Missões, e que as Missões é parte da história do Brasil. É a <b>história das Reduções Jesuítico-guarani</b>. E eu acho que nós estamos numa colonização que é <b>pouco valorizada</b> do que é nosso, não há uma propagação nem nas escolas sobre a história da cidade”</i> (Maria, 54 anos).	Missões jesuíticas Desconhecimento da história por parte dos moradores
<i>“<b>Eu adoro aqui</b>. Sempre falo bem. Tem muita coisa boa aqui. O povo é muito hospitaleiro. De antes para hoje está bem melhor, <b>ainda temos muita coisa para melhorar</b>”</i> (Maria, 50 anos).	Pertencimento e valorização do lugar
<i>“<b>Cidade do interior do Rio Grande do Sul com poeira, terra vermelha, ar puro, muitas árvores, pessoas conhecidas e amigas</b>. Acho que é isso que eu conto”</i> (Arthur, 53 anos).	Singularidades do lugar

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores adultos contam a cidade e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 26 – Síntese sobre como moradores contam a cidade, a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>História:</b>            História ligada à religiosidade e Arte Sacra            Tradicionalismo            Desconhecimento da história por parte dos moradores            Necessita ampliação de arquivos de registro da história</p>
<p><b>Estrutura:</b>            Sociedade agrícola e voltada à pecuária            Concentração da economia na parte central            Crítica ao Poder público            Falta reconstruir identidade do lugar            Falta organização na cidade            Falta desenvolvimento na cidade            Diminuição na quantidade de empresas            Dificuldades econômicas, sociais, culturais, políticas            Crescimento social e cultural            Comércio diversificado</p>
<p><b>Missões:</b>            Missões jesuíticas</p>
<p><b>Turismo:</b>            Pontos turísticos atrativos            Potencial turístico sem desenvolvimento</p>
<p><b>Arte:</b></p>

(Conclusão)

Representatividade artística e política Ampla expressividade artística Musicalidade Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar Falta de valorização de artistas locais Pouca divulgação das atividades artísticas
<b>Modo de vida:</b> Humildade Calma Qualidade de vida Tranquilidade Segurança Povo trabalhador Singularidades do lugar Cidade procurada para moradia Processo de redescoberta Velhice saudável
<b>Relações:</b> Hospitalidade Acolhimento Amorosidade Afetividade e confiança nas relações interpessoais Pertencimento e valorização do lugar Orgulho das raízes Participação coletiva Interesse em conhecer o outro Lugar provoca saudade Mudança nos modos de viver e interagir
<b>Beleza:</b> Beleza feminina
<b>Espaços públicos:</b> Falta conservação e limpeza em espaços públicos Falta atenção em setores públicos
<b>Mídia:</b> Falta explorar potencialidades do lugar
<b>Emprego:</b> Êxodo em busca de trabalho Realização profissional
<b>Forças Armadas:</b> Presença do exército

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Por fim, o Quadro 27, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária acima de 60 anos e referente à pergunta aberta: “O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade?”.

Quadro 27 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade)

(Continua)

<b>Relatos dos sujeitos-moradores</b>	<b>Expressões-síntese</b>
---------------------------------------	---------------------------



(Continuação)

<p><i>“Eu conto a cidade buscando o embasamento lá nos primórdios da cidade. [...] Então, eu conto essa cidade desde que ela foi fundada, em 1687, como uma <b>missão dada por jesuítas</b>, de 2.922 índios que vieram de Concepción de La Sierra e aqui chegaram e graças a um Padre que trouxe esses índios né, um sonhador, ele aqui fundou uma missão e durante mais ou menos cem anos, cresceu e teve o seu apogeu, e depois, aos pouquinhos, foi desaparecendo. [...] E lamento muito, o fato de que ficamos com tão poucos remanescentes e hoje, quase 350 anos depois da sua fundação, nós não temos remanescentes. [...] Os poucos remanescentes que existem aqui, eles precisam ser preservados, resguardados, que são treze imagens que estão na Igreja Matriz Católica, e que contam a veracidade dessa história. [...] Claro que é um salto muito grande desde a fundação e depois o apogeu e a queda e o reinício de uma história, né. Apenas em 1880 São Luiz Gonzaga conseguiu sua emancipação político-administrativa e se tornou um município. [...] São Luiz foi se afirmando como uma cidade pequena, mas como uma cidade que embala ainda esse sonho, essa criação. Isso serve como uma, digamos assim, como uma semente que ficou. Dessa semente, nós mantivemos o quê? Alguns princípios, né. O princípio por exemplo, da afetividade, do saber receber as pessoas que chegam aqui, vindos de outros quadrantes desse país, estrangeiros. E também, algo que me pareça assim, ter nascido lá no século XVI ou XVII que é a música. [...] É porque conta a história que aqui em São Luiz havia um coro de mais de trezentos meninos e adolescentes índios que faziam um belíssimo coral. Vozes trabalhadas né. Instrumentos que foram ensinados pelos jesuítas. [...] Nós hoje temos quase quatrocentos músicos regionais registrados numa Associação de Músicos de São Luiz Gonzaga. Então, eu conto assim São Luiz Gonzaga, com seus altos e baixos, com seu tempo de pobreza e também com alguns saltos, com muitos jovens que buscaram caminhos bem interessantes na área da música, das artes, professores, pessoas ligadas à área do direito, que modernamente vão construindo uma cidade com bastante cuidado. Daqui também saíram alguns políticos com bastante desempenho. [...] Uma cidade simples, pobre, com mais ou menos 35 mil habitantes, que já teve uma área bem maior, quase oito mil quilômetros, que hoje está reduzida há cerca de dois mil e duzentos quilômetros. Então, cidade que se apequenou na sua</i></p>	<p>Missões jesuíticas</p> <p>Ampla expressividade artística</p> <p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p> <p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Contrastes entre construção e destruição</p> <p>Presença do fantasma da decadência</p> <p>Vocação e conexão com a política</p> <p>Município constitui-se como resultado de lutas</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Musicalidade</p> <p>Pertencimento e vinculação do lugar</p> <p>Orgulho das raízes</p>
--	---

(Continuação)

<p>área, mas em alguns aspectos se engrandeceu, pelo que produziu. <b>Pessoas de bem, pessoas que gostam da cidade, que trabalham nela.</b> Mostram a sua importância em vários cenários. E especialmente na área da música, que eu acho que é a área que mais se sobressai” (Maria, 70 anos).</p>	
<p>“São Luiz <b>conta a história de Sepé Tiaraju, da Região das Missões</b> e até ajuda a contar a história do Rio Grande do Sul. Uma <b>cidade que vem dos índios</b> e foi crescendo até se tornar essa cidade boa que é hoje” (Arthur, 63 anos).</p>	<p>Missões jesuíticas Origem indígena</p>
<p>“É uma <b>cidade bem tranquila.</b> Que tem um <b>povo que acolhe.</b> Que tem o <b>Jayme Caetano Braun,</b> que tem o <b>Sepé Tiaraju.</b> E que <b>nas férias a população de São Luiz aumenta umas 5 mil pessoas,</b> pois vem os filhos dos moradores passear. E o que dá pra dizer é que <b>em qualquer festival que tenha aqui a população vai em peso,</b> seja na Expo São Luiz, eventos de CTG’s, ou outros poucos eventos relacionados à música. Teve até um teatro aqui o Teatro do Biribinha, lotou, o povo gosta. <b>Ainda resistem alguns eventos com idosos.</b> Teve o evento do Baile do Cordeiro, com várias comidas envolvendo a comida, fazendo do jeito tradicional campeiro. <b>Eventos com Piquetes, mais tradicionalistas, pra divertimento e reunião de pessoas.</b> Também teve duas edições da FeSoja, um evento grandioso, mas em 1972 deixou de ser em São Luiz e passou para outra cidade. Mas já teve muito mais, principalmente <b>a valorização com a música que hoje falta.</b> Mas mesmo assim <b>eu tenho, tipo, um amor pela cidade que gosto e não saio daqui</b>” (Arthur, 66 anos).</p>	<p>Tranquilidade Acolhimento Variedade de eventos Falta valorização de artistas locais Orgulho das raízes Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p>“Eu conto que a cidade é muito <b>hospitaleira. Tem gente de valor. Infelizmente muita coisa fomos perdendo ao longo do caminho e não recuperamos mais.</b> Falta uma estrutura na cidade. Mas eu conto que é uma cidade boa de se morar que vale a pena conhecer até pela história que temos aqui, a <b>história missioneira.</b> Mas que <b>antes, no passado era mais valorizada,</b> até na questão dos desfiles, tinha mais presença nas apresentações” (Arthur, 79 anos).</p>	<p>Hospitalidade Missões jesuíticas Falta estrutura na cidade</p>
<p>“A cidade de <b>Xirú Missioneiro</b> que fica na <b>terra vermelha,</b> lá no fim do Rio Grande do Sul” (Arthur, 67 anos).</p>	<p>Missões jesuíticas Musicalidade</p>
<p>“Eu conto <b>São Luiz começando pelos pontos turísticos,</b> a Igreja Matriz com as imagens que contam a história de São Luiz. A Praça da Matriz com suas <b>belas árvores e caturritas.</b> A Gruta Nossa Senhora de Lourdes que foi a <b>milagreira de um fim de guerra.</b> A</p>	<p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada) Natureza</p>

(Continuação)

<p><i>Estação Férrea que está desativada, mas que já fez o trajeto de muita gente que saiu e chegou. E mais recentemente o espaço de Jayme Caetano Braun que embeleza nossa cidade com aquele magnífico espaço de história e memória. Também conto pelo jeito <b>hospitaleiro</b> com que nos tratamos e pela <b>afetividade</b> com que recebemos”</i> (Maria, 68 anos).</p>	<p>Hospitalidade Afetividade</p>
<p><i>“Eu me lembro de São Luiz dos tempos de guri, aqui era quase tudo campo. Naquela época <b>São Luiz era muito melhor de se viver</b>. Não vou dizer que hoje não é, ainda é sim, mas, <b>naquele tempo a gente via mais vizinhança se visitando, tinha mais procura</b>. São Luiz Gonzaga já teve muita coisa, hoje tem muita poeira que não conta a história, embora, <b>a raiz dos índios manteve a união dos moradores”</b></i> (Arthur, 87 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia Missões jesuíticas União entre as pessoas</p>
<p><i>“Eu conto com saudade de quando eu era criança. Porque hoje eu sou uma senhora de idade. Não tem nada daquilo que tinha antigamente. <b>Naquela época as pessoas tinham mais cultura, mais oportunidade de trabalho, porque a gente tinha fábrica de óleo de cozinha, fábrica de bala, fábrica de massa, muito mais emprego</b>. A cidade era bem menor. Não tinha muitos privilégios. A maioria das casas não tinha água, não tinha luz, <b>mas tinha trabalho</b>. Hoje tem tudo isso, conforto, internet, tudo quanto é coisa, e não tem trabalho, <b>o povo tem que abandonar a cidade por falta de oportunidade de trabalho”</b></i> (Maria, 69 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia Êxodo em busca de trabalho</p>
<p><i>“Mas, bah, um <b>lugar sensacional</b>. Excepcional de bom. Fiz minha vida aqui”</i> (Arthur, 63 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>“Eu conto a cidade com alegria. Por que alegria? Porque <b>São Luiz Gonzaga ainda é um dos poucos lugares no Sul que podemos ter tranquilidade</b>, diante do cenário de caos que se instalou pelos lugares maiores. Um lugar que a gente <b>ainda não precisa de muitas grades nas casas e pode deixar tudo aberto e sentar embaixo da árvore para apreciar a vista”</b></i> (Maria, 71 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar Alegria Tranquilidade Segurança Natureza Qualidade de vida</p>
<p><i>“<b>Dá para dizer que a cidade oferece tudo</b>, mercado, farmácia, posto de saúde, hospital, praça, igreja, restaurante, enfim, tudo que a gente precisa para viver bem”</i> (Arthur, 82 anos).</p>	<p>Qualidade de vida</p>
<p><i>“<b>Cidade do passado com história, cidade do presente com descaso</b> e como será a cidade no futuro? O que vamos querer contar?”</i> (Maria, 66 anos).</p>	<p>Contraste entre o passado de história e o descaso do presente</p>

(Continuação)

<p><b>“Um lugarejo bom, com pessoas de bem que traz muita paz”</b> (Arthur, 85 anos).</p>	Tranquilidade
<p><b>“[...] é uma das cidades ponto de referência das Missões”</b> (Maria, 60 anos).</p>	Missões jesuíticas
<p><b>“Eu me lembro de São Luiz quando era pequenininha e deu um salto grande de avanço. A modernidade está chegando aqui. Eu acompanho as notícias. Mas se não é pelos músicos que são daqui ninguém sabe quem é São Luiz e nem onde fica. Ah, uma cidade boa para morar”</b> (Maria, 63 anos).</p>	Memória Musicalidade Qualidade de vida
<p><b>“Que ainda moramos no paraíso, que temos muita liberdade, que podemos estar soltos, que a violência ainda não chegou por aqui como em outras localidades. Que São Luiz é um lugar de gente hospitaleira, que gosta do abraço apertado. Claro, temos como em qualquer outro lugar, as nossas dificuldades, mas nós temos um mercado de trabalho muito amplo ainda a se explorar. E a gente acredita que com a Universidade URI em São Luiz há possibilidades de ampliar o desenvolvimento. Aqui não é uma cidade de indústrias, mas é uma cidade que ainda se permite trabalhar e que cada um faz o seu próprio trabalho. É uma cidade também de muitos artistas, lugar de gente bonita. É assim que eu vejo São Luiz Gonzaga”</b> (Maria, 64 anos).</p>	Qualidade de vida Segurança Hospitalidade Acolhimento Amorosidade Falta desenvolvimento na cidade Expressividade artística
<p><b>“[...] uma cidade que tem pontos turísticos bonitos de visitar e que as pessoas te acolhem”</b> (Arthur, 67 anos).</p>	Potencialidade turística (que tem que ser cuidada) Acolhimento
<p><b>“Eu moro aqui desde que nasci, tenho 60 anos. A meu ver a cidade, ela é hospitaleira, é acolhedora. Nós temos as nossas características físicas, dá para perceber quando a gente sai ou quando vem alguém aqui, até na fisionomia. Eu percebo que as pessoas gostam de se identificar como sendo de São Luiz Gonzaga, ou dizer, ‘há eu sou tua conterrânea’, ou comentários como ‘eu morei lá, eu vivi lá, gosto de visitar meus familiares’. Então nós temos isso com as pessoas que encontramos fora daqui em viagens. Mas sinto que falta as pessoas buscarem a sua identificação com a cidade, ver o que podemos oferecer de conhecimento, o que São Luiz identifica nós, é só hospitalidade, mas o que tem mais de característico aqui que podemos oferecer para quem vem. É isso que também precisamos contar. São Luiz como temos a terra vermelha poderia ser aproveitado algo nas artes que realmente trouxesse a identidade da cidade, poderia ter no</b></p>	Hospitalidade Acolhimento Pertencimento e vinculação do lugar Falta reconstruir identidade do lugar Sugestão para gerar maior vínculo com a cidade: artes, artesanato Êxodo de jovens para estudo Cheiro das Missões

(Continuação)

<p><i>artesanato da cidade para o turista que vem passear algo que remetesse à cidade de São Luiz e o que vemos é artesanato da Região das Missões, mais de São Miguel, e aqui é São Luiz, tem que ter os registros daqui. Artesãos tem muitos e bons. Mas falta esse olhar. Ah, também eu conto assim, que aqui muitas pessoas são reconhecidas onde moram quando vem procurar, não exatamente pelo endereço ou pelo nome completo da pessoa, mas conhecem pelos apelidos e também muito pelos pontos turísticos da cidade. Um exemplo, ‘tu vai até a Gruta e dobra e vai até a distribuidora de gás e acha a casa tal’. Outra coisa é que, também, recentemente, muitas pessoas deixaram nossa cidade, principalmente os jovens que foram buscar preparação em outras faculdades fora de São Luiz. Mas eles voltam, <b>o que eu percebo é que eles gostam de retornar, tanto pelos familiares, pela acolhida e até pelo ‘cheiro’ característico que nossa cidade tem. Um ‘cheiro’ das Missões, não sei se vou saber explicar, cheiro como identificação. Acho que tem muita coisa que mudou e se perdeu por aqui, principalmente no lado artístico nosso, em relação aos nossos casarios</b>” (Maria, 60 anos).</i></p>	
<p><i>“A <b>cidade tem história</b> para contar, no Museu, na Igreja Matriz, na Gruta. Nesses e em outros pontos turísticos. Mas também tem bons lugares para ir, <b>restaurantes bons para degustar uma boa comida. E praças boas para apreciar a natureza</b>” (Maria, 75 anos).</i></p>	<p>História vinculada ao patrimônio, que não é conservado</p> <p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>Boa culinária</p> <p>Natureza</p>
<p><i>“Pra quem mora aqui é um <b>tesouro escondido viver na tranquilidade</b>” (Maria, 86 anos).</i></p>	<p>Tranquilidade</p>
<p><i>“Eu sou natural de Erechim e estou aqui há 40 anos. [...] Nós temos pontos turísticos bonitos, [...] temos a <b>praça Cícero que foi revitalizada e é ponto de encontro de moradores para o seu chimarrão e o lazer. Temos o complexo Jayme Caetano Braun que é mais um espaço para apreciação. A nossa cidade não tem um desenvolvimento rápido, mas é uma cidade calma. E eu vejo um pessoal aqui muito afável, muito amigável com quem vem de fora</b>” (Arthur, 63 anos).</i></p>	<p>Revitalização de espaços públicos</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p> <p>Calma</p> <p>Acolhimento</p> <p>Amorosidade</p>

(Continuação)

<p>“São Luiz Gonzaga é uma <b>pequena cidade. Da agricultura e da pecuária. Pouco se desenvolveu e tem as marcas indígenas na sua raiz. Parte dos Sete Povos. Retrato de música boa e muito afetiva</b>” (Maria, 65 anos).</p>	<p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p> <p>Marcas indígenas</p> <p>Musicalidade</p> <p>Afetividade</p>
<p>“Já fui embora para outros lugares, no início não gostava muito daqui, por ser <b>muito parada</b>, mas depois que morei doze anos fora, quis voltar para cá, justamente por causa desse sossego que eu não encontrava numa cidade maior. E é diferente, <b>longe não são hospitaleiros como aqui</b>” (Maria, 78 anos).</p>	<p>Tranquilidade</p> <p>Calma</p> <p>Hospitalidade</p>
<p>“São Luiz para mim é uma cidade que <b>me deixa sempre de bem com a vida. Saio e vou visitar meus filhos que moram fora e não aguento mais que duas semanas e tenho que voltar pro meu cantinho, pro lugar onde tenho aconchego</b>” (Maria, 88 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p>“São Luiz já teve <b>muita coisa</b>, nossa, fábricas, empreendimentos de renome. Coisas que perduraram por muitos anos e que hoje estão fechados e muitos nem existem mais. <b>Um que ainda conta a história de São Luiz é o jornal A Notícia, que fez 85 anos esse ano, mas que já ouvi falar que está falido e não dura muitos anos. Mais uma perda. Uma pena</b>” (Maria, 65 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Comunicação conta a história</p> <p>Escassez de recursos</p>
<p>“São Luiz é um centro <b>histórico de muitas pessoas que já passaram, até figuras que passaram e deixaram uma história. Até em todos os festivais que já teve no passado essas pessoas, ‘Bilia’, ‘Juvenal’, eram homenageadas e contavam também sua participação na história de São Luiz</b>” (Arthur, 69 anos).</p>	<p>História vinculada a personalidades</p> <p>Musicalidade</p> <p>Simplicidade</p>
<p>“Acho que <b>falta mais médicos e mais políticos decentes para comandar a cidade</b>” (Arthur, 69 anos).</p>	<p>Faltam médicos</p> <p>Faltam políticos bons</p>
<p>“Aqui é tão <b>bom de morar</b> que só um <b>maluco trocaria esse lugar por outro mais corrido</b>” (Arthur, 73 anos).</p>	<p>Calma</p> <p>Tranquilidade</p>
<p>“[...] apesar de fazer parte dos Sete Povos, não tem muita coisa para contar no turismo, acho que deve ser mais explorado isso. E <b>foi crescendo porque muita gente que morava para fora veio embora para cá, é originária do êxodo rural</b>, o pessoal tinha seus minifúndios, venderam e vieram para a cidade [...]. É uma <b>cidade calma</b>. Mas tem poucos empregos. <b>Tem o Exército e a Coopatrigo que acho que mais emprega</b></p>	<p>Missões jesuíticas</p> <p>Necessita desenvolvimento turístico</p> <p>Sociedade agrícola e voltada à pecuária</p>

(Continuação)

<p><b>aqui e depois outras empresas menores</b>” (Arthur, 60 anos).</p>	<p>Presença do exército</p> <p>Êxodo em busca de trabalho</p> <p>Calma</p>
<p><b>“Adoro essa cidade, vim para cá há muitos anos atrás e nunca mais quis sair, tivemos os filhos e aqui ficamos. Hoje temos netos que vem visitar e os filhos também. Tem tudo perto, a gente sai caminhar e é tudo tranquilo, conhece todo mundo, coisa que não acontece quando a gente vai pra grandes centros. Aqui todo mundo já conhece nós, trata bem. É muito bom mesmo”</b> (Maria, 77 anos).</p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p> <p>Qualidade de vida</p> <p>Tranquilidade</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p><b>“Já vivi tanta coisa nessa cidade acolhedora e hospitaleira que nem sei dizer. Épocas boas com bailes, carnavais de fundamento, festas glamorosas, de gente mais humilde no vestir e no tratamento. O passado me faz recordar tanta coisa boa que existia aqui e que não existe mais. Mas ainda existe a fé. Um dia vamos voltar a ser felizes”</b> (Maria, 66 anos).</p>	<p>Acolhimento</p> <p>Hospitalidade</p> <p>Falta humildade nas relações</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>“Falar de São Luiz é uma nostalgia. Faz lembrar de um passado tão distante. Mas dizem que recordar é viver. E quando me reporto para aquele tempo eu via uma cidade mais humana e que se interessava com sua existência. Talvez por eu não ver isso no presente é que eu me reporte para lá, na esperança de que São Luiz volte a ser assim, não igual porque sei que é impossível, mas com aquela força que tinha no passado”</b> (Maria, 67 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta relações mais afetivas</p> <p>Falta preocupação com o lugar</p>
<p><b>“São Luiz é uma cidade maravilhosa que tem muita coisa boa, natureza e ar puro”</b> (Maria, 79 anos).</p>	<p>Qualidade de vida</p> <p>Natureza</p>
<p><b>“Sempre falo da Gruta que foi construída porque a guerra cessou. Uma Gruta muito bonita que acolhe fiéis e abençoa a cidade”</b> (Arthur, 67 anos).</p>	<p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p>
<p><b>“Não tem como não falar de São Luiz Gonzaga e não falar das estátuas que ficam na Igreja Matriz e que contam a nossa história. Doze ou treze imagens muito belas que retratam a trajetória de um povo. Bem como, não tem como não falar dos músicos que aqui se instalaram e ajudam a manter a memória de São Luiz em outros lugares. Uma cidade hoje visivelmente machucada com as ações do tempo. Um pouco</b></p>	<p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Musicalidade</p> <p>Contrastes entre construção e destruição</p>

(Continuação)

<p>deixada de lado pelo Poder público e pelos residentes. Mas, que <b>sempre temos a esperança de renovação</b> e que ela se erga novamente e volte a brilhar como antigamente” (Maria, 62 anos).</p>	<p>Esperança de renovação</p>
<p>“Uma cidade que <b>tem boas escolas, uma boa educação, que forma cidadãos preparados para enfrentar o mundo lá fora. Uma cidade que a gente respira bem e que nos abraça</b>” (Maria, 69 anos).</p>	<p>Estrutura educacional Qualidade de vida</p>
<p>“São Luiz Gonzaga é uma cidade convidativa. É uma <b>cidade calma</b>. Ainda dá para deixar as casas abertas durante o dia, praticamente todo mundo se conhece. Eu procuro sempre apresentar assim, apesar dos pesares, né. A <b>cidade já sofreu altos e baixos, já teve uma grande população, já diminuiu, mas é uma cidade boa ainda de se morar. Tem muitos talentos aqui, Pero Ortaça, Jayme Caetano Braun, Família Guedes e tantos outros que fazem sucesso fora daqui, mas que levam o nome da nossa cidade em festivais. E tem potencial para a cidade se desenvolver para ter mais turistas</b>” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Calma Contrastes entre construção e destruição Ampla expressividade artística Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p>
<p>“Um lugar <b>bagual de bom</b>. Como vou dizer, é um lugar <b>sossegado</b>. Levanto, tomo meu chimarrão, dou uma carpida, <b>sentio prosear com a muié veia</b>. Comemos sossegadamente. <b>Vamos em baile de vez em quando</b>. E é assim” (Arthur, 79 anos).</p>	<p>Tranquilidade Afetividade e confiança nas relações interpessoais Tradicionalismo</p>
<p>“Uma região de gente <b>hospitaleira</b>. Um povo missioneiro que <b>abraça e acarinha sem distinções</b>” (Maria, 67 anos).</p>	<p>Hospitalidade Missões jesuíticas Respeito ao outro</p>
<p>“<b>Sempre foi uma cidade boa</b>” (Maria, 80 anos).</p>	<p>Cidade boa de morar</p>
<p>“Uma <b>cidade de berço artístico, né. [...] artistas [...], que elevam o nome da cidade para outros espaços</b>” (Maria, 66 anos).</p>	<p>Ampla expressividade artística</p>
<p>“Eu como gosto de CTG acho que São Luiz tem o melhor CTG para <b>frequentar e criar os filhos ensinando a tradição</b>” (Arthur, 65 anos).</p>	<p>Tradicionalismo</p>
<p>“Eu apresento minha cidade da melhor maneira possível, [...]. A <b>população procura fazer o bem e preservar os bons costumes</b>” (Maria, 71 anos).</p>	<p>População voltada para o bem e bons costumes</p>
<p>“Lugar que eu nunca quis sair, servi o quartel e <b>tive a chance de ir embora e não quis porque acreditei que aqui eu construiria minha vida e seria feliz</b>. E sou feliz” (Arthur, 85 anos).</p>	<p>Orgulho das raízes</p>



(Continuação)

<p>“São Luiz Gonzaga <b>já foi palco de muito festival de música tradicionalista que infelizmente não temos mais</b>, por desavença política. <b>Cidade guarani que acho que perdeu a vontade de lutar para ser melhor. É muito difícil contar a cidade sem lembrar de coisas que estão acontecendo e desfigurando nossa cidade</b>” (Arthur, 67 anos).</p>	<p>Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar</p> <p>Origem indígena</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“A cidade é um lugar de <b>gente que faz o bem e que tem muito orgulho de viver aqui</b>” (Maria, 79 anos).</p>	<p>Gente de bem</p> <p>Orgulho das raízes</p>
<p>“Eu vejo uma cidade que <b>parou no tempo</b>, que não se modernizou, mas que mesmo assim é <b>bom de morar</b>” (Arthur, 66 anos).</p>	<p>Falta desenvolvimento na cidade</p> <p>Cidade boa de morar</p>
<p>“Aqui é <b>bom de morar</b>. Às vezes tem turistas que passam pela cidade conhecer. Mas <b>sinto falta de não ter mais atrativos</b>, principalmente na área da alimentação que marque a identidade da cidade” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Cidade boa de morar</p> <p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>Falta atrativos e entretenimentos turísticos</p>
<p>“A cidade é sempre uma novidade. Casas que são construídas, grandes comércios que vêm e se instalam aqui. Acho que <b>ainda acreditam em São Luiz</b>, por isso estão apostando na cidade. E temos <b>potencial para crescer</b>” (Arthur, 65 anos).</p>	<p>Potencialidade de crescimento</p>
<p>“Quando cheguei aqui há mais de 40 anos atrás a vista era outra. <b>Melhorou muito desde então. Mas decaiu também. Torço para que essa situação mude e que com o turismo a cidade possa voltar a ser reconhecida como uma cidade que tem história, que tem música, que tem identidade missioneira</b>” (Maria, 67 anos).</p>	<p>Contrastes entre construção e destruição</p> <p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>História vinculada à música e identidade missioneira</p>
<p>“São Luiz é uma cidade que eu escolhi para morar e que criei minhas filhas aqui com total <b>liberdade de viver e sair</b>. É uma cidade que a gente não se preocupa com nada. Todos se conhecem e a <b>gente não se sente só</b>” (Maria, 68 anos).</p>	<p>Segurança</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p>“Em vista de quando morávamos no interior no nosso rancho, <b>aqui tem todas as facilidades</b>, luz elétrica, parede de material que abriga do frio e tem mercado e açougue perto que lá não tinha” (Maria, 81 anos).</p>	<p>Mais acesso a serviços para satisfazer necessidades básicas</p>

(Continuação)

<p><i>“Uma <b>cidade com vários problemas</b> que existem não só aqui, mas uma cidade que tem <b>afetividade e acolhimento</b>” (Maria, 67 anos).</i></p>	<p>Problemas característicos da cidade</p> <p>Afetividade</p> <p>Acolhimento</p>
<p><i>“Eu conto a cidade com encantamento. O encantamento que uma criança tem quando vai na praça brincar, quando vai na escola e senta no recreio comer a merenda. Depois cresce e sai com as amigas. Assiste o Desfile de Sete de Setembro. Se casa alguns anos depois e vive uma vida muito gratificante com fartura. É assim que eu conto essa <b>cidade que me abraçou desde que eu nasci</b>” (Maria, 62 anos).</i></p>	<p>Encantamento</p> <p>Orgulho das raízes</p> <p>Acolhimento</p> <p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><i>“São Luiz Gonzaga é uma região muito boa para quem gosta de ter uma <b>vida sossegada</b>. Andar devagar sem pressa. <b>Cultivar o jardim. Conviver com vizinhos</b>” (Arthur, 71 anos).</i></p>	<p>Tranquilidade</p> <p>Natureza</p> <p>Afetividade e confiança nas relações interpessoais</p>
<p><i>“Essa cidade é mágica, <b>tem o poder de conquistar a todos</b> que por aqui adentram. <b>A cidade seduz, traz calma. É um lugar recheado de história, de bons sentimentos. Tem belos pontos turísticos que contam a história</b> da cidade com suas marcas monumentais. É uma <b>cidade muito alegre, de gente hospitaleira</b>” (Maria, 60 anos).</i></p>	<p>Calma</p> <p>Orgulho das raízes</p> <p>Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)</p> <p>Hospitalidade</p>
<p><i>“Eu diria que São Luiz Gonzaga é uma <b>cidade que está começando a mudar tardiamente</b>. Sabemos que é uma cidade de herdeiros de terras, onde <b>apenas um funcionário tomava conta de milhares de hectares, não gerando renda para o comércio local</b>. Um fazendeiro que tinha um ou dois filhos somente e, deixava de herança depois para dividir entre um ou dois filhos. Isso há duzentos anos atrás. Então, recentemente, esses mesmos fazendeiros, dividiram em sua família a terra, as grandes lavas de terra, e as terras foram acabando. Então, não são mais os senhores de engenho que detêm o poder. <b>Os filhos saíram para estudar e trouxeram modernidade para a cidade</b>. Ainda temos muita coisa a melhorar, mas pelo menos, esse nome que São Luiz levava de terra de herdeiros e fazendeiros, onde os filhos de fazendeiros faziam o que bem entendiam, já está acabando. Esse pessoal está se</i></p>	<p>Individualidade</p> <p>História vinculada a latifúndios</p> <p>Êxodo para estudos</p> <p>Tradicionalismo</p>

(Continuação)

<p><i>formando e a gente vê que trazem novidade para a cidade e São Luiz está crescendo, se modernizando, a passos lentos, como convém a uma cidade interiorana e tradicionalista” (Maria, 61 anos).</i></p>	
<p><i>“Eu gostaria que tivesse <b>mais políticos honestos</b> e que realmente fizessem algo de bom com o nosso dinheiro” (Maria, 63 anos).</i></p>	<p>Falta mais confiança no Poder público</p>
<p><i>“Há muitos e muitos anos aprendi sobre São Luiz na escola, mas não me lembro muito. Mas o que posso dizer é que a cidade <b>acolhe e é hospitaleira</b>” (Arthur, 65 anos).</i></p>	<p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>Acolhimento</p> <p>Hospitalidade</p>
<p><i>“Dos tempos de adolescente para hoje em dia, mudou muito. Prosperou. <b>Acho que pode melhorar mais. Ter mais casas pintadas. Ter mais cuidado nas ruas com menos buracos. Não ter cachorros soltos na rua. E ter mais espaços para visitar</b>” (Maria, 65 anos).</i></p>	<p>Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p>
<p><i>“Nossa, como o tempo passa, vim para esta cidade eu era menina, não tinha nem dez anos. Nós morávamos para fora. Quando cheguei aqui logo vi que era diferente de lá onde morávamos. Tinha <b>mais movimento e tudo perto de casa</b>. Meu pai veio para cuidar mais da saúde e fomos ficando. Compramos aqui. Depois ele se foi e fiquei com minha mãe. Casei e hoje ela mora comigo. Meus filhos cresceram aqui e depois foram embora. Mas é <b>um lugar muito prazeroso de morar</b>” (Maria, 61 anos).</i></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Facilidade de acesso às necessidades básicas.</p> <p>Êxodo para estudar/trabalhar</p> <p>Pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“<b>Sempre morei aqui</b> e no mesmo bairro, então, conheço todo mundo, vi estabelecimentos chegarem e ir crescendo aos poucos, como a padaria aqui da outra quadra. <b>O asfalto melhorou muito que quase não tinha. É só uma pena que destroem casas que poderiam registrar a história do passado. Acho que não tem lei de tombamento ainda. Isso seria importante ter e preservar a arquitetura para contar a memória da cidade</b>” (Maria, 70 anos).</i></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Pertencimento e vinculação do lugar</p> <p>Falta preservação do passado</p> <p>História vinculada a patrimônio, que não é conservado</p>
<p><i>“Na verdade, eu peço que Deus sempre abençoe esse <b>lugar tão bonito de pessoas tão boas de coração</b>” (Arthur, 74 anos).</i></p>	<p>Pertencimento e vinculação do lugar</p> <p>Pessoas de bom coração</p>
<p><i>“Um lugar <b>muito bom para criar filhos</b>. Só eu tive seis. E hoje já tenho bisnetos que os filhos voltaram a morar</i></p>	<p>Qualidade de vida</p>

(Continuação)

aqui para <b>criar eles soltos</b> " (Maria, 81 anos).	Tranquilidade
"São Luiz Gonzaga é uma <b>cidade que eu tenho no coração</b> desde quando eu era criança. Sempre gostei desse lugar, me casei, tive minhas filhas aqui e moro aqui numa felicidade até hoje. Só não está melhor porque a idade vai chegando e a gente vai sentindo dores, mas de resto está especial" (Maria, 78 anos).	Vínculo afetivo com a cidade  Memória/Nostalgia
"Moro com minha irmã há muitos anos e sempre conversamos sobre a cidade. <b>Que já foi de um jeito e que depois mudou. Que ficou, que ficou pior. Mas que sempre vai melhorar.</b> Pelo menos é o que a gente acredita" (Maria, 83 anos).	Memória/Nostalgia
"Cidade do interior não tem coisa melhor. Ainda mais pra <b>reunir a família no final de semana</b> e fazer um churrasco e tomar aquela cervejinha" (Arthur, 83 anos).	Afetividade e confiança nas relações interpessoais
"Acho que São Luiz <b>falta ter um pouco mais de cor</b> , as casas vão ficando abandonadas e as que têm moradores acho que falta dar mais cor, como em outras cidades aqui perto" (Arthur, 76 anos).	Falta cor e limpeza nas casas
"Nasci aqui e pude ver o desenvolvimento de São Luiz, e como cresceu. <b>Já teve momentos que parecia que a cidade não ia sobreviver, teve ganância, falta de cuidado, teve prefeitos aqui que só estragaram a cidade. Mas teve gente boa também, que reergueu de novo.</b> Aqui é muito bom pra morar" (Arthur, 62 anos).	Memória/Nostalgia  Presença do fantasma da decadência  Cidade boa de morar
" <b>Eu gosto muito daqui.</b> Trabalhei minha vida inteira de faxineira e andava toda a cidade. Sempre gostei de andar por ruas diferentes. Conhecer outras casas, outras pessoas. E tinha vezes que saía até mais cedo ou chegava um pouco mais tarde porque <b>ficava na cerca conversando com as pessoas ou era convidada para tomar um chimarrão e sempre aceitava.</b> Assim fui construindo amigos em todos os cantos da cidade. <b>Sempre me senti abraçada aqui</b> " (Maria, 72 anos).	Pertencimento e vinculação do lugar  Afetividade e confiança nas relações interpessoais  Amorosidade
" <b>São Luiz em primeiro lugar para mim é ótimo.</b> Resido aqui com meu filho, tenho minhas filhas longe. Querem me levar embora, mas eu prefiro ficar aqui. <b>Tenho muitos conhecidos, sou conhecida por todos no comércio.</b> A cidade é pequena e bem boa" (Maria, 74 anos).	Pertencimento e vinculação do lugar  Afetividade e confiança nas relações interpessoais
"Essa cidade me inspira sempre para pintar. Para descobrir outros caminhos. Para ver outras pessoas. Está sempre mudando. <b>E me faz mudar e me renovar também</b> " (Maria, 74 anos).	Cidade inspira para pintar e renovar-se
"Acho que em São Luiz <b>falta ainda muita coisa.</b> Teria que <b>ter mais atenção com os mais velhos.</b> Não temos ruas boas e muito menos calçadas retas para caminhar.	Falta atenção com os mais velhos

(Conclusão)

<p><b>Cada morador constrói de um jeito e não se dá conta de que um piso escorregadio pode machucar alguém. Também vejo que muita gente tem <b>depredado a cidade</b>, por maldade e isso não é certo acontecer, tem que ter amor pela cidade, cuidar”</b> (Maria, 63 anos).</p>	<p>Falta acessibilidade</p> <p>Individualidade</p> <p>Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p>
<p><b>“Vejo a cidade com emoção. Uma emoção que me envolve desde os tempos de menina. Lugares que passei com meus pais. Lojas que vou desde que abriam. Eventos que marcaram um tempo distante. Tudo isso revira na memória e ajudam a construir uma cidade. A minha cidade de São Luiz Gonzaga”</b> (Maria, 74 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Pertencimento e vinculação do lugar</p>
<p><b>“É uma cidade muito agradável. Pequena no tamanho, mas grande na dimensão do afeto”</b> (Maria, 74 anos).</p>	<p>Cidade pequena e agradável</p> <p>Afetividade</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores da terceira idade contam a cidade e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 28 – Síntese sobre como moradores contam a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade)

(Continua)

<b>Expressões-síntese</b>
<p><b>História:</b></p> <p>História ligada à religiosidade e Arte Sacra</p> <p>Tradicionalismo</p> <p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>História vinculada à música e identidade missioneira</p> <p>História vinculada ao patrimônio, que não é conservado</p> <p>História vinculada a personalidades</p> <p>História vinculada a latifúndios</p> <p>Contraste entre o passado de história e o descaso do presente</p> <p>Falta preservação do passado</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>Estrutura:</b></p> <p>Escassez de recursos</p> <p>Sociedade agrícola e vinculada à pecuária</p> <p>Boa culinária</p> <p>Facilidade de acesso às necessidades básicas</p> <p>Variedade de eventos</p> <p>Falta reconstruir identidade do lugar</p> <p>Falta estrutura na cidade</p> <p>Falta desenvolvimento na cidade</p> <p>Faltam médicos</p> <p>Falta mais confiança no Poder público</p>

(Continuação)

<p>Mais acesso a serviços para satisfazer necessidades básicas          Falta acessibilidade          Problemas característicos da cidade          Falta cor e limpeza nas casas          Esperança de renovação          Potencialidade de crescimento          Cidade inspira para pintar e renovar-se</p>
<p><b>Política:</b>          Vocação e conexão com a política          Faltam políticos bons</p>
<p><b>Missões:</b>          Missões jesuíticas          Origem indígena          Marcas indígenas</p>
<p><b>Turismo:</b>          Potencialidade turística (que precisa ser cuidada)          Falta atrativos e entretenimentos turísticos          Necessita desenvolvimento turístico</p>
<p><b>Arte:</b>          Ampla expressividade artística          Musicalidade          Interrupção de eventos musicais importantes para o lugar          Falta valorização de artistas locais          Sugestão de gerar maior vínculo com a cidade: artes, artesanato</p>
<p><b>Modo de vida:</b>          Cidade pequena e agradável          Simplicidade          Calma          Qualidade de vida          Tranquilidade          Segurança          Alegria          Natureza          Gente de bem          Pessoas de bom coração          Cheiro das Missões          Encantamento          Cidade boa de morar          População voltada para o bem e bons costumes</p>
<p><b>Relações:</b>          Hospitalidade          Acolhimento          Amorosidade          Afetividade e confiança nas relações interpessoais          Vínculo afetivo com a cidade          Pertencimento e valorização do lugar          Orgulho das raízes          Afetividade          Respeito ao outro          União entre as pessoas          Individualidade          Falta humildade nas relações          Falta relações mais afetivas</p>

(Conclusão)

<b>Educação:</b> Estrutura educacional
<b>Espaços públicos:</b> Revitalização dos espaços públicos Falta preocupação com o lugar Falta conservação e limpeza em espaços públicos
<b>Mídia:</b> Comunicação conta a história
<b>Emprego:</b> Êxodo em busca de trabalho Êxodo de jovens para estudo Êxodo para estudos Êxodo para estudar/trabalhar
<b>Forças Armadas:</b> Presença do exército
<b>Altos e baixos do município:</b> Município constitui-se como resultado de lutas Contrastes entre construção e destruição Presença do fantasma da decadência

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “O que você sabe sobre a história de São Luiz Gonzaga/RS? Como você conta a cidade?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversa.

Nos relatos das três faixas etárias analisadas, foi possível destacar dois aspectos significativos da história da cidade e que a caracterizam nas suas narrativas, segundo os próprios moradores. O primeiro aspecto que a pergunta ajudou a descobrir, para além do que está nos livros, é a visão que os moradores têm do seu lugar, que é sobre a importância de sua história no cenário brasileiro, com governantes nacionais que eram de São Luiz Gonzaga e que enalteciam o município enquanto estiveram à frente do Governo. Também, que é uma cidade que tem sua história constituída desde os jesuítas, numa terra missioneira, e que, ao falar do lugar, os moradores demonstram que é uma cidade de raízes fortes com a tradição. O segundo aspecto que a pergunta suscitou foram falas que trouxeram que São Luiz Gonzaga possui pessoas hospitaleiras, acolhedoras e amorosas e que se sentem bem em ajudar. Conforme os sujeitos-moradores, há um orgulho em morar naquele lugar, há um pertencimento ao lugar, que envolve calma, qualidade de vida e contato com a

natureza. Os relatos produziram, como respostas, a conexão com a história e o vínculo com a cidade que foi expresso em narrativas.

Nos relatos dos moradores jovens, outro destaque ficou evidente. Verifiquei o aparecimento em vários relatos da afetividade e da confiança nas relações interpessoais. Foi também perceptível, em boa parte das narrativas, o desconhecimento da história da cidade.

Nos relatos dos moradores adultos, além dos destaques já apresentados, se sobressaíram itens que merecem ênfase, pelo número de vezes em que apareceram: a exaltação da cultura missioneira com o orgulho de ser da região; a musicalidade, o pertencimento e a vinculação pelo lugar; que a cidade é pouco valorizada de forma geral; que São Luiz Gonzaga já foi movimentada para o turismo, com os carnavais que eram notícia no Estado e com os eventos musicais que envolviam a participação de outros países; que o município tem potencialidade turística, pois, o morador acredita e menciona o turismo como algo a ser desbravado e descoberto, e que, juntamente com isso, devem ter mais atrativos e entretenimentos turísticos.

Já nos relatos da terceira idade, é possível destacar que as ênfases foram em evidenciar a natureza; que o povo de São Luiz Gonzaga traz forte consigo a raiz missioneira; que a cidade tinha eventos e entretenimentos no passado que eram convidativos para o turismo e que hoje não existem mais, como eventos relacionados à música e às artes; que a cidade apresenta pontos turísticos que contam a história e a devoção das pessoas; que o município tem potencialidades turísticas nesse momento de redescoberta da cidade; e há falas repetidas vezes que citam a segurança, a tranquilidade, a calma do lugar, que ainda pode deixar as portas abertas de suas casas, como sinônimo de liberdade.

Em resumo, é interessante refletir, especialmente, a partir de alguns comentários, que contribuem para pensar o ecossistema de maneira interligada, entremeando pessoas, cidade e turismo, todos, em confluência e em prol de um bem maior: os moradores e o lugar. Nesse sentido, nos relatos explicitados, foi possível perceber que São Luiz Gonzaga é capaz de ser potente, com suas nuances e miudezas características de uma cidade do interior, que traz pessoas que acreditam e se sentem bem no lugar em que vivem. Isso se verifica, mesmo que algumas pessoas ainda tenham que ampliar o conhecimento sobre sua história. Em relação ao turismo, os moradores salientam nas falas que ainda necessita se desenvolver e buscar entretenimentos e atrativos que encantem o visitante.



Ficou evidente, nos relatos, que faltam, em São Luiz Gonzaga, mais eventos característicos da essência do lugar. Nas narrativas, muitos citaram que eventos que tinham identificação com a cidade foram, ao longo dos anos, se perdendo, por questões políticas ou por falta de interesse dos governantes ou até por falta de verbas. Dentre as falas, por São Luiz Gonzaga trazer essa veia cultural artística musical desde o século XVII, expõem os moradores que, no município, poderia voltar a ter eventos nesse segmento que dessem conta de enaltecer os músicos e a raiz musical que enlaça o lugar.

Yázigi (2001, p. 45) aponta que

[...] a personalidade do lugar se apoia num amplo conjunto de identidades – história; costumes; arquitetura; urbanismo com suas ruas, barrancos e bocas malditas; detalhes e adornos; tipos humanos e suas relações com o meio e a região; pertença; formas linguísticas; mitos.

A personalidade do lugar, como evidencia Yázigi, é formada por inúmeros fatores que se misturam e se condensam pluralizando as raízes do lugar. Parece-me que a música é parte dessa pluralidade que tem essa raiz, que vem da música desde os antepassados indígenas, pelos relatos colhidos dos moradores e pelos registros em livros e em documentos da cidade. Nesse sentido, parece evidente que se poderia repensar, em termos de governança e até de conversação entre moradores, sobre a possibilidade de dar uma atenção mais significativa para os eventos que resgatam a tradição gaúcha, visto que o município ganhou, em 2012, o título de Capital Estadual da Música Missioneira, através do Projeto de Lei nº 172/2012.

É preciso haver uma conversação e um reconhecimento íntimo do lugar para que novas percepções e olhares sejam reconstruídas. Tuan (2013, p. 20-21) convida à reflexão, quando diz que, “Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência”. A partir desse apontamento de Tuan, é possível atentar para o fato de que os moradores, quem sabe, estejam limitados e não consigam ainda ver São Luiz Gonzaga com olhos de expansão turística, claro, respeitando o ecossistema do lugar. Verifica-se, porém, potencialidade, ao trazer novamente eventos que se identifiquem com a raiz local, o que poderá ampliar possibilidades de visitação, mais visibilidade para o município e, conseqüentemente, mais lucro para a receita do município. O desencadeamento

desse processo, desde que pautado por responsabilidade ecossistêmica, como ensina Baptista (2016), pode beneficiar empresas, comércio, serviços e artesãos locais, bem como toda a população, enfim, todo o ecossistema turístico-comunicacional-subjetivo.

Destaco que há uma preocupação, em vários dos relatos dos moradores, quanto à importância de se ter conhecimento sobre o lugar que se mora, pois, este também é um fio condutor de conversa, de comunicação. Conhecer o lugar em que se vive pode acionar um corpo em intensidade de energia. Pode-se dizer que há uma potência na fala sobre a cidade, que mistura sentimentos e pertencimento pelo lugar. Apesar disso, os moradores ainda necessitam de mais mudança de percepções, de consciência e de olhares, para não aumentar as depredações e as destruições dos espaços públicos do lugar.

Pertinente o pensamento de Edvaldo Pereira Lima (2009) que diz que,

Estamos aprendendo que todas essas crises têm uma raiz profunda, uma origem escondida sob as dobras da nossa própria ignorância: ainda sabemos muito pouco quem somos, de fato, e o que é a realidade. Descobrimos que os nossos instrumentos convencionais de percepção e entendimento são insuficientes. Por isso a necessidade urgente da revisão profunda dos alicerces e valores que condicionam nosso modo de enxergar a realidade. Uma urgente mudança de mentalidade que nos permita subir do patamar raso do pensamento simples para o vasto planalto elevado do pensamento complexo. Precisamos de um salto quântico de qualidade. Precisamos transpor o abismo que separa a nossa percepção racional da sensibilidade intuitiva. Precisamos vencer a esquizofrenia cultural interna que nos faz enxergarmo-nos – enganosamente, uma ilusão aceita como verdade – como separados do destino dos outros (LIMA, 2009, p. 342).

A reflexão de Lima ajuda a refletir, no sentido de que os sujeitos-moradores de São Luiz Gonzaga, assim como, nós, corpos sujeitos que somos, vivos, devemos fazer uma “revisão profunda dos alicerces e valores” (palavras de Edvaldo Pereira Lima, na citação acima). Concordo plenamente, pois, para que possamos ver de outra maneira, necessitamos sentir profundamente e com intensidade. E isso só me parece possível em amor, em amorosidade, em comunicação sensível, em tramas relacionais intensas e em (auto)transpoiese.

Relatam os moradores que é possível enriquecer a cultura e se potencializar, através das construções antigas que contam a história do lugar, bem como ao enaltecer as riquezas culturais locais. Também sinalizam que o espaço público, com os pontos turísticos do lugar, além da identificação com as raízes missioneiras,

envolve ambientes que trazem o aconchego familiar e são capazes de potencializar as relações. E com a mesma intensidade, os moradores relatam que é necessário preservar mais a história e ter mais valorização dos talentos musicais locais.

Ana Fani Alessandri Carlos (2007, p. 22) expõe uma reflexão que entrelaça os sujeitos, o lugar e a história tecida entre eles:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida.

A afirmação de Ana Fani Carlos demonstra que os sujeitos devem se sentir pertencentes ao lugar para que se envolvam e possam cuidar, da história, de si, do outro. Faz-se necessário ressignificar o jeito de ver a cidade, como parece necessitar haver uma desconstrução para uma reconstrução, com novos olhares e percepções.

### 6.2.2 Segunda pergunta aberta da segunda visitação presencial

A segunda pergunta aberta feita aos sujeitos-moradores-respondentes de São Luiz Gonzaga/RS e que será apresentada a partir de agora é: “Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade?”.

O quadro a seguir, Quadro 29, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 18 a 24 anos.

Quadro 29 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<i>“Eu penso que os moradores querem ter uma cidade bonita para mostrar, mas <b>não se preocupam em cuidar</b>. Deixam a desejar em vários aspectos”</i> (Arthur, 18 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
<i>“A cidade está deixando a desejar, <b>suja, ruas com buracos, calçadas ruins</b>”</i> (Arthur, 18 anos).	Falta conservação e limpeza em espaços públicos
<i>“<b>Tem em vários lugares lixo pela cidade</b>. Nos pontos turísticos falta o morador ter consciência e cuidar, pois, a gente encontra bastante lixo e espaços malcuidados”</i> (Arthur, 18 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores

(Continuação)

<p><b>“Tinha tudo para ser uma cidade bonita, porque o povo é bem hospitaleiro e acolhedor, mas, vejo que não estão muito preocupados com o que está fora da casa deles”</b> (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Eu acho que a cidade é bem cuidada. Tem a parte mais central que é bonita e bem arrumada, mas eu acho que ela já foi bem mais cuidada, até pela questão dos bairros, no centro ela é mais bonitinha, mas nos bairros não é tão bem cuidada, não só pelos moradores, mas pela prefeitura também. Por exemplo, tipo aqui na rua de casa, está tudo escuro, há dias, porque não tem luz porque os postes estão sem lâmpadas”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes</p>
<p><b>“Eu quando saio caminhar seja de dia ou de noite, encontro uma cidade suja, com galhos de árvores, com lixo nas ruas e nos terrenos baldios, com garrafas de cerveja ao lado da Igreja da Matriz, com descaso e descuido das pessoas”</b> (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Hoje em dia, os moradores daqui não se importam em cuidar, só de terminar os estudos e ir embora, e também não vejo nenhum incentivo por parte dos adultos e mais velhos, eles não se sentem motivados para cuidar, mas acho que isso é um reflexo da cultura local, mas que pode e deve mudar”</b> (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Falta respeito com o meio ambiente, falta consideração com a cidade, falta educação”</b> (Maria, 21 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta respeito ao meio ambiente</p>
<p><b>“Falta gostar mais de onde se mora”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Falta amorosidade com o lugar</p>
<p><b>“Temos muito que aprender sobre amar o que nos pertence. Mas ainda falta essa consciência. Enquanto isso, as pessoas vão depredando, não se importando e sujando nossa cidade”</b> (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta pertencimento ao lugar</p> <p>Falta amorosidade com o lugar</p>
<p><b>“Eu acho que as pessoas cuidam bem da cidade, que deixam limpo por onde passam”</b> (Maria, 23 anos).</p>	<p>Há cuidado com a cidade</p>
<p><b>“O pessoal daqui até que cuida bem, principalmente os mais antigos que gostam, por não ser uma cidade tumultuada, mas se for olhar de maneira mais geral,</b></p>	<p>Falta cuidados com descarte de lixo</p>

(Continuação)

<p><i>incluindo o <b>descarte de lixo, o pessoal aqui é mais relaxado</b>, não cuida. Os cuidados de limpeza e manutenção da cidade por parte dos moradores é ruim, deixam a desejar. Neste aspecto também, em bairros mais afastados se percebe também que <b>não tem um cuidado com o entorno</b>. Dependendo o lugar que se for visitar poderá se perceber um desleixo com o entorno, tipo 'se não é meu não vou cuidar' e daí descartam em terrenos baldios, só para citar um exemplo. <b>Não se atém em fazer nenhuma compostagem, acabam deixando cinzas de folhas ou sujeiras que polui o meio ambiente e o próprio entorno de onde moram</b>. E daí entope bueiros, alagam ruas. E depois reclamam para a Prefeitura e não se tocam sobre o que poderiam ter cuidado" (Arthur, 21 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta preocupação com o meio ambiente</p>
<p><i>"Acredito que nós moradores <b>deveríamos cuidar bem mais do nosso espaço e não fazemos</b>. Sei que tem a Prefeitura que também poderia fazer muito mais e não faz, mas não é só ela a responsável, nós somos responsáveis também e não nos importamos" (Arthur, 24 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>"Eu acho que as pessoas deveriam cuidar mais da cidade e cobrar menos dos políticos, que cobram muito da parte política, mas não cuidam da própria lixeira da casa. E muito menos dos pontos turísticos e da cidade como um todo. <b>Sobre o lixo se tem dias certos para o caminhão passar, as pessoas colocam qualquer dia e deixam lá, e mesmo que os cachorros rasguem ou aconteça de furar os lixos, elas não se importam porque não tá mais dentro da casa delas</b>. E até nisso é cobrado muito dos políticos que devem fazer mais, mas os moradores acho que se esquecem que podem fazer mais. E se pensar ao longo dos anos, dá pra dizer que houve uma regressão no modo de pensar, porque as pessoas só pensam que se o outro tá fazendo porque é que eu vou fazer. Parece que fazer algo é difícil, é o que eles pensam" (Maria, 21 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>"Eu acho que <b>falta muitos cuidados com o entorno, com o bairro, com o lixo, com as cores da cidade</b>, que está uma cidade sem cor, vários lugares centrais abandonados e caindo. <b>Precisa melhorar muito o olhar do morador</b>. Na frente de um restaurante, a pizzaria San Francisco, tem uma <b>calçada branca, sem padrão que as pessoas vivem escorregando</b>, então, não adianta ser plana e não estar correta. Também nesse mesmo <b>lugar tem uma rampa para cadeirante estreita</b>, com certeza a pessoa não conseguirá subir de maneira correta. E mais, o proprietário coloca o veículo na frente da empresa e muitas vezes na frente da rampa de acesso. Olha a falta</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Necessita melhorar o olhar do morador</p> <p>Falta conhecimento sobre necessidades especiais</p>

(Continuação)

de consciência e preocupação com o outro” (Maria, 24 anos).	
“É muito fácil as pessoas apontarem para o setor público que devem fazer os reparos, enquanto que <b>tem muita coisa que o próprio morador pode fazer e não se dá conta</b> de que ele também é parte da cidade e que precisa cuidar para ela existir” (Maria, 18 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“Vergonhosamente é preciso <b>atentar para uma conscientização</b> , porque senão, em breve, estaremos perdidos debaixo de tanta sujeira” (Maria, 24 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“ <b>Falta envolvimento da comunidade</b> para deixar a cidade mais bonita, falta vontade de cuidar mais daqui” (Maria, 18 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“Já cuidaram bem mais, hoje só sentam a bunda na cadeira para <b>entrar no celular</b> e falar da vida dos outros, mas <b>não são capazes de mudar os hábitos</b> ” (Arthur, 24 anos).	Individualidade Necessita mudar hábitos
“Tem um ditado que diz que grandes pessoas se fazem com pequenas ações, ou algo assim, então, eu acho que <b>está faltando formar grandes pessoas porque estão deixando de fazer pequenas ações como deixar limpa e bonita a cidade</b> ” (Maria, 22 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Rever pequenas ações para melhorias no espaço público do lugar
“Pra mim a cidade tá bem cuidada. Talvez <b>falte um pouco mais de cor</b> ” (Arthur 19 anos).	Falta cor na cidade
“Onde eu moro tem pouca casa né, e as pessoas, moradores, <b>usam aqueles terrenos baldios para jogar lixo</b> , é de apavorar os entulhos que jogam toda semana e como não passa o caminhão do lixo todos os dias fica aquele queiro desagradável lá” (Arthur, 23 anos).	Falta cuidados com descarte de lixo
“Vejo que os jovens, porque acham que vão sair da cidade <b>não se importam em manter limpa</b> , vão em festas e fazem questão de deixar garrafas, papel, plástico, tudo jogado pela cidade. Tem alguns que até abrem o vidro do carro pra jogar em frente a lojas e outros lugares” (Maria, 21 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores, especialmente jovens
“Infelizmente só sabem exigir do Poder público e <b>ficar de braços cruzados esperando que um milagre aconteça</b> . Nem as frentes das casas são capazes de limpar, que dirá cuidar dos pontos turísticos que reclamam que tá sujo e feio, mas ninguém toma a iniciativa de fazer algo para melhorar” (Maria, 23 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“ <b>A juventude destrói</b> , ela não tem essa consciência de cuidar. E os <b>adultos que era pra ter essa consciência e cuidar, não fazem</b> , a gente vê muito pátio sujo, e não cuidam não só das suas casas mas do centro da cidade	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores

(Continuação)

<p>[...]. E depois quando dá enchente reclamam, mas será que não percebem que elas mesmas ajudam a provocar isso” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Descuido de espaços públicos e de residências</p>
<p>“Eu ouço os antigos comentar que <b>muito se fazia pela cidade em termos de melhorias</b>, mas que hoje pouco se escuta sobre isso. Nem na escola parece que não tem uma homogeneidade na educação, <b>é como se quisessem chamar a atenção jogando a sujeira no chão e não no lixo, para provocar</b>” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Eu penso que a <b>Prefeitura devia se importar mais com a limpeza e com o restauro da cidade</b>, porque só aparecem nos bairros e nos lugares quando querem votos e fora isso nunca se vê ninguém. E além disso, <b>os moradores também deveriam se juntar para fazer algo, não só esperar</b>” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Poder público deveria se importar mais</p> <p>Necessita de engajamento de moradores</p>
<p>“Acredito que poderia ser bem mais cuidada, só que as pessoas acham que só quem tem que cuidar é quem governa a cidade e <b>não percebem que esse patrimônio todo é nosso</b>. E não falo somente das atrações turísticas, falo de cada casa, com seus terrenos, os bairros, tudo. <b>Se cada um se importasse em embelezar mais e preservar mais</b>, teríamos uma cidade mais bonita, florida e limpa para se viver” (Maria, 19 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Eu <b>tenho vergonha de mostrar a cidade para alguns amigos que vem passear</b>, porque quando vou na cidade deles, sempre está tudo limpo e florido e aqui tem sido tudo sujo e sem cor” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“Eu percebo que <b>só há intenção de cuidarem quando é perto do Natal</b>, como se as pessoas tivessem que deixar a rua bonita para o ano novo que vai chegar, e o resto do tempo fica sem uma manutenção” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Só há cuidados com a cidade em datas específicas</p>
<p>“Acho que falta ter <b>mais cuidado com ruas e calçadas, com árvores, que às vezes atrapalham a passagem, falta retirar os cachorros da rua, falta consciência e vontade dos moradores</b>” (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Vejo ruas, calçadas, muros, grades, portões, portas, janelas, em <b>vários lugares depredados</b>, até mesmo em algumas casas que tenham moradores, e muito mais naquelas que não tem mais ninguém morando. Prejuízo para o dono. E às vezes, é só o tempo de arrumarem e amanhece depredado de novo” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Eu vim morar em São Luiz Gonzaga quando eu tinha entre seis e sete anos de idade e eu não tenho muitas recordações daquele tempo se a cidade era cuidada ou não, mas eu sempre tive em mente que São Luiz podia ser um <b>potencial turístico</b>, mas por causa da população local ela não teve isso, não teve esse avanço, porque a</p>	<p>Potencial turístico</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>

(Continuação)

<p><b>população não cuida de seus patrimônios. Tem vários prédios no centro que não são bem cuidados que são simplesmente demolidos ou recriados a fachada que altera a sua historicidade e também a população parece que não está se importando com a cultura e com a história da cidade. Acho que a única coisa que pelo menos eu noto é que o pessoal se importa é com a estátua do Jayme Caetano Braun que é um símbolo da Cultura Missioneira. É a única coisa que eu vejo que assim, que tem algum cuidado ou valor, porque outras coisas como a <b>Praça da Matriz, por exemplo, ela não é muito cuidada porque tem vários monumentos dentro da praça, mas ela se tornou perigosa porque não teve segurança e as pessoas deixam de passar lá para ver, para olhar a praça, porque não tem segurança o suficiente. Então, isso é uma coisa que tanto a população deve ter essa curiosidade em querer buscar sobre a história de São Luiz Gonzaga, mas isso não vai acontecer se a Prefeitura não investir em recursos suficientes para se manter essa história aqui na cidade</b>” (Maria, 22 anos).</b></p>	<p>Falta cuidados ao patrimônio público</p> <p>Falta segurança em ambientes públicos</p>
<p><b>[...] falta entender que precisa fazer e não esperar que seja feito</b>” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta atitude e pequenas ações</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Eu queria que cuidassem mais, que se importassem mais. É uma pena que nossa cidade esteja tão devastada e deixada às moscas</b>” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Eu acho que a cidade aqui é uma cidade em que residem pessoas mais velhas. Tu não vê pessoas muito jovens, por exemplo, ano passado se formou muita gente do terceiro ano e tu não encontra, porque já foram todo mundo embora. Aí fica os pais, os avós, os bisavós, para cuidar da cidade. E a população jovem que tem na cidade, no meu ponto de vista não cuida, porque agora, sexta-feira passada, teve festa ali no Arena que é o ponto jovem que tem festa aqui na cidade, no centro, na frente da praça, e no sábado de manhã tu vai lá e a praça tá imunda, porque as pessoas não se interessam em cuidar. Então, muitos se dizem morar em São Luiz Gonzaga que é uma cidade que tem muitos pontos turísticos, a praça, a Gruta, o complexo Jayme Caetano Braun, se sentem felizes por ter esses pontos turísticos, mas os jovens não cuidam. O Jayme é uma praça agora que tem, que tu passa lá de carro de noite e os jovens estão usando drogas, bebendo, sujando a praça, sabe. <b>Eu acho que essa questão de cuidado é algo mais das</b></b></p>	<p>Êxodo dos jovens</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores, principalmente jovens</p>



(Continuação)

<p><b>peessoas mais velhas.</b> O povo jovem que tem aqui não cuida tanto e quando tem oportunidade vai embora, até pela questão de oportunidade de empregos que aqui não tem” (Maria, 18 anos).</p>	
<p>“É um <b>descuido com tudo</b>, lixo, plantas, estátuas, praças, e por aí vai” (Maria, 21 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Acho que tem que haver <b>mais sensação de pertencimento pelo local</b>, só assim teria mais cuidado” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“<b>Não vejo há muito tempo uma vontade de deixar limpo os espaços que frequentam</b>, até mesmo na Praça Cícero que foi reformada e que é um ponto de encontro das pessoas no final de tarde e nos finais de semana e ainda tem alguns lugares lá que se encontra sujeira e descuido” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta vontade e atitude para manter espaços públicos limpos e cuidados</p>
<p>“Ouço minha vó dizer que em outros tempos isso aqui era o paraíso, que era mais cuidado. E concordo. Pois, <b>principalmente os jovens, tem o poder de sujar e depredar tudo para mostrar sua ira ou insatisfação com alguma coisa. É uma pena</b>” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores, principalmente jovens</p>
<p>“<b>Seria bom as pessoas sentirem que parte delas também o cuidar e o respeitar lugares fora do alcance de suas moradias</b>” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“<b>Estão depredando muita coisa. Não estão se importando com a beleza e o cuidado com a cidade.</b> E não é falta de conhecimento, é falta de educação” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Sempre que posso participar de algum mutirão eu vou e participo</b>, e também já incentivei alguns aqui no meu bairro, porque de pequenas atitudes podemos modificar os espaços em volta” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Há envolvimento, atitude e pequenas ações</p>
<p>“<b>Aprendemos desde pequenos e aqui no CTG que devemos cuidar e embelezar a cidade</b>, embora, alguns não tenham essa mesma perspectiva” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Tradicionalismo e o cuidado com a cidade</p>
<p>“<b>Tem gente que é bem estranha, que cuida e se preocupa com o quintal, com as plantas do terreno que mora, mas que quando sai passear e visitar deixa todo tipo de sujeira na cidade, como se não fosse sua obrigação</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento dos deveres de cidadão/morador</p>
<p>“<b>Não vejo ligação das pessoas com a cidade. Claro que</b></p>	<p>Falta reconhecimento e</p>

(Continuação)

<p><b>tem umas pessoas que tem essa ligação de cuidar e proteger, mas uma grande parcela não tem essa preocupação com ruas e nem com os espaços turísticos</b>” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>pertencimento ao lugar</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Na faculdade fizemos um trabalho de conscientização sobre o meio ambiente e para começar, <b>mais da metade da nossa turma não compareceu no dia da ação</b>. Isso é um reflexo de que exigem, mas não querem fazer” (Arthur, 23 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Acho que as pessoas já se importaram muito mais com a cidade de São Luiz Gonzaga, <b>hoje acho que elas estão desacreditadas</b>” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Eu acho que é <b>bem pouco realmente as pessoas que se importam de cuidar da cidade como um todo</b>. A maioria tá pensando na sua casinha, no seu território, se ali tá bom, então tá bom, <b>não se preocupa com o resto sabe, da cidade, que também é seu</b>. Principalmente com as coisas mais simples, sabe, tipo, não jogar o lixo no chão, ou de separar o lixo na hora em que for colocar pra rua” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Não tem cuidado de boa parte das pessoas</b>. Até já foi melhor, mais bem cuidada e preservada. Hoje mesmo, na <b>praça tá cheio de moradores de rua que também contribuem deixando sujeira por lá e ninguém faz nada</b>” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta ação por parte do Poder público</p>
<p>“Falar para os outros que está errado, que está sujo, que está sem cuidado é bem fácil, mas <b>pegar uma vassoura e sair varrendo e arrumando os espaços públicos isso não fazem porque acham difícil</b>” (Arthur, 23 anos).</p>	<p>Falta atitude e pequenas ações</p>
<p>“Bem ruim pensar que nós que temos <b>orgulho de morarmos numa cidade pequena que oferece qualidade de vida, se importando tão pouco com essa mesma cidade</b>” (Maria, 21 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“Tem <b>alguns lugares que estão precisando de reparos</b>, outros que até tá bom, e alguns que tem que melhorar muito” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Necessita de olhares e cuidados</p>
<p>“Nós <b>na nossa casa cuidamos e fora de nossa casa também cuidamos</b>. Nossa mãe sempre ensinou ter educação pelo lugar e pelo outro” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Há cuidado com a cidade</p> <p>Valores familiares</p>

(Conclusão)

<p><i>“Sinto que falta mais atitude das pessoas para cuidar do entorno, porque dizem que amam a cidade, mas esquecem de cuidar o espaço público” (Arthur, 18 anos).</i></p>	<p>Falta atitude e cuidados com a cidade</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
---	--

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores jovens sentem a ligação das pessoas e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 30 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>História:</b> Tradicionalismo e o cuidado com a cidade Memória/Nostalgia</p>
<p><b>Estrutura:</b> Falta conhecimento sobre necessidades especiais Falta reconhecimento dos deveres de cidadão/morador Falta ação por parte do Poder público Poder público deveria se importar mais</p>
<p><b>Turismo:</b> Potencial turístico</p>
<p><b>Modo de vida:</b> Valores familiares</p>
<p><b>Relações:</b> Há envolvimento, atitude e pequenas ações Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Falta atitude e cuidados com a cidade Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores, especialmente dos jovens Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes Há cuidado com a cidade Falta amorosidade com o lugar Individualidade Falta atitude e pequenas ações Necessita de olhares e cuidados Necessita melhorar o olhar do morador Necessita mudar hábitos Necessita de engajamento de moradores</p>
<p><b>Espaços públicos:</b> Falta conservação e limpeza em espaços públicos Rever pequenas ações para melhorias no espaço público do lugar Há cuidados com o espaço público Falta cuidados com o patrimônio público Falta segurança em ambientes públicos Falta cuidados com descarte de lixo</p>

(Conclusão)

Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores Falta vontade e atitude para manter espaços públicos limpos e cuidados Falta de cuidados do espaço público por jovens Descuido de espaços públicos e de residências Só há cuidado com a cidade em datas específicas
<b>Emprego:</b> Êxodo dos jovens
<b>Meio ambiente:</b> Falta respeito ao meio ambiente

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O próximo quadro a ser apresentado, o Quadro 31, apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 25 a 59 anos e referente à pergunta aberta: “Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade?”.

Quadro 31 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<i>“Olha, eu <b>penso que as pessoas aqui cuidam pouco dos espaços</b>, sejam eles públicos ou da própria moradia. Há um desinteresse em embelezar a cidade, no meu ponto de vista. E não pega bem para uma cidade que deseja receber mais turistas” (Arthur, 25 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
<i>“<b>As pessoas tem que aprender a cuidar do que é seu, e o espaço público também é do morador.</b> Um exemplo pode ser dado do fraldário da Praça Cícero e o problema é que as pessoas querem o lugar para usar e não sabem cuidar, agora tá bem bonito lá, reformaram, mas a mentalidade das pessoas que moram aqui ainda precisa mudar. Tem que aprender a cuidar de tudo. Tem a praça que <b>quebraram as luminárias, depredam o patrimônio público</b>, depois reclamam que na cidade não tem nada de diferente, mas quando a Prefeitura e o Poder público faz, as pessoas não tem aquele pertencimento de cuidar. É um bem que serve para toda a família” (Maria, 36 anos).</i>	Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar  Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
<i>“A gente tem toda uma visão baseada em pré-conceitos, geralmente os mais antigos trazem, que é, cidades de colonização recente do século XX, de imigrantes tem um estilo e um tipo de conservação, cuidado, de valorização com os espaços. Enquanto que cidades já anteriores a isso, cidades com origens de povos mestiços tem cuidados diferentes. Essa é uma visão bem simplista, até para conceituar de certo modo as diferenciações. Mas o que a gente pode analisar é que <b>São Luiz não tem um cuidado grande com relação aos espaços públicos nem pela população nem pelos órgãos públicos.</b>”</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e órgãos públicos

(Continuação)

<p><i>Temos casos de que acabou não fomentando a questão cultural na cidade pela falta de importância dada aos espaços públicos” (Arthur, 26 anos).</i></p>	
<p><b>“É uma pena, mas enquanto não tiver uma mudança cultural, não mudará a realidade”</b> (Maria, 43 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e visitantes</p>
<p><b>“Não cuidam, não tem respeito. Um exemplo é a igreja que agora é fechada, porque entravam lá e faziam vandalismo, pichavam, quebravam as coisas e daí custa para arrumar então tá sempre fechada agora, só nas missas que abre”</b> (Arthur, 30 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Vandalismo</p> <p>Perda de espaços públicos</p>
<p><b>“Na minha opinião, há uma falta de cuidado com a cidade, com o meio ambiente, com o entorno, com os pontos turísticos, com as próprias casas, os terrenos, os bairros. Algumas pessoas cuidam, mas na grande maioria não cuida e a cidade vai recebendo a fama de cidade desleixada”</b> (Maria, 27 anos).</p>	<p>Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes</p>
<p><b>“Relacionado ao tempo que eu era criança até agora, a cidade parece que não evoluiu. <i>Estão tentando trazer na educação sobre os cuidados com o meio ambiente e com outros cuidados, mas ainda vejo que em boa parte da cidade é suja, tem terrenos baldios que são jogados materiais e até mesmo móveis de moradores que moram perto ou que vem até de outros bairros para fazer o descarte e ninguém faz nada.</i> Outra coisa é que houve diferença na Praça Cícero que antes não davam importância, depois que foi revitalizada, as pessoas estão cuidando mais, não estão deixando muitas garrafas jogadas, não estão deixando sujo. Mas isso lá que houve uma mudança cultural. Porque em outros lugares da cidade, ainda tem essa mentalidade de não cuidar e não se importar”</b> (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Lugares restaurados passam a ser mais cuidados</p>
<p><b>“Eu cheguei aqui em São Luiz Gonzaga tem uns 30 anos mais ou menos e a cidade já tinha prosperado bastante. Quando eu cheguei aqui a Cooperativa já estava praticamente falida. E daí tinha a Cobrasol, a Perim, era uma cidade que dava uma outra perspectiva para o morador de viver. Mas, independente de ter empresas fortes ou não, <i>o morador não tem essa cultura de cuidar bem. Foi bem mais cuidada. E agora não é tanto</i>”</b> (Maria, 47 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Acho que a cidade sempre foi assim, meio desleixada no quesito limpeza”</b> (Arthur, 54 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>

(Continuação)

<p><i>“Eu acho que é <b>bem malcuidada</b>. A gente vê exemplos de cidades perto como em Caibaté e em Roque Gonzales, tem roseiras, tem árvores frutíferas e aqui por maldade estragam, e jogam fora as frutas antes mesmo de amadurecer. <b>Aqui já tentaram fazer coisas de embelezamento, mas os moradores não se conscientizam que a cidade é nossa e que devem cuidar</b>” (Maria, 50 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“Se percebe que o <b>morador Sãoluizense tem esse amor pela terra, pela sua cidade, mas se referindo ao cuidado não é o mesmo sentido</b>. Geralmente quanto tu ama, tu cuida, mas eu acho que é não porque ele não ama sua terra, seja pela questão cultural que lhe é passado, e daí acaba desacreditando no potencial turístico cultural que tem São Luiz. <b>Nós temos uma cultura muito densa e extensa que dá para se fazer muito</b>. Mas eu acho que <b>as pessoas precisam acreditar, até no seu potencial pessoal, além do potencial que o município tem</b>. Mas falta cuidar o entorno. São Luiz Gonzaga tem aquele cuidado muito de ajudar o outro, isso também é preciso, <b>mas falta o cuidado com a sua rua, com a sua casa, o cuidado com a sua calçada, com a árvore, com o seu bem público</b>. Acho que falta um trabalho mais intenso, quem sabe até mesmo nas escolas, que já está sendo passado. Talvez aqueles que vieram antes de nós, cuidaram mais, não vejo hoje um cuidado. Mas também vejo que cometeram várias falhas, os que vieram antes de nós, porque não cuidaram da nossa cultura e da nossa história, e se perdeu muito com isso. <b>Está faltando o pertencimento pela cidade. Falta cuidar o canteiro. Tudo</b>. São Luiz Gonzaga não é uma cidade florida, mas pode ser. E sou feliz que nas escolas já existe um trabalho sendo feito para mudar isso” (Maria, 42 anos).</i></p>	<p>Morador ama a cidade, mas não cuida</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta acreditar no lugar</p> <p>Falta acreditar no potencial pessoal</p> <p>Falta cuidar da cidade</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“Sinto que mudou bastante, <b>sentiram a necessidade de modernizar, mudaram fachadas e a estrutura externa, ficou melhor nesse sentido assim, mas em termos de cuidados com a cidade de forma geral, eu acho que hoje não, que tem um descuido</b> e acho que mais é falta de vontade do que ter possibilidades de fazer” (Maria, 46 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Houve melhora na estrutura externa</p>
<p><i>“<b>Sim, cuida</b> sempre tem mutirões para limpeza e embelezamento da praça, tanto da matriz, como da Cícero, inclusive a uns 2 anos atrás, teve uma campanha de doação de mudas de orquídeas, para plantar na Cícero, onde algumas moradoras de São Luiz se encarregaram de plantar as flores” (Maria, 43 anos).</i></p>	<p>Há cuidado, por parte da população</p>
<p><i>“Acho que a relação do morador com a cidade ainda é desconhecida, <b>falta responsabilidade e respeito</b>”</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos</p>

(Continuação)

(Maria, 59 anos).	Moradores
“Antes não havia um olhar como cidade turística, e com isso <b>acho que pode melhorar os cuidados da cidade</b> ” (Maria, 43 anos).	Reconhecimento do potencial turístico pode melhorar os cuidados
“Eu vejo que <b>falta a limpeza</b> , falta os lugares públicos serem limpos. Aqui <b>não temos uma cidade florida, não tem canteiros arrumados</b> . Temos o Rotaract que faz isso uma vez por mês, que pinta, que arruma, e não chega dar nenhuma semana e já está tudo estragado. Em outras cidades que a gente vai com outras colonizações, a gente vê que cuidam, que se preocupam. Aqui <b>falta um pertencimento à cidade, um entrosamento dos moradores para com o meio público</b> . No passado já foi muito melhor, sem sombra de dúvidas” (Maria, 43 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Falta cuidado, por parte do Poder público Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar
“É lastimável o <b>descaso com que tratam a nossa cidade</b> , é só ver em cidades vizinhas de outras colonizações, o povo de lá cuida, o povo daqui, só põe a culpa em quem comanda a cidade e não faz nada” (Maria, 39 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Descuido de espaços públicos e de residências
“Eu acho que os <b>moradores cuidam da cidade</b> . As pessoas que são daqui mesmo assim, eu acho que eles têm orgulho de falar, sabe? Pelo menos, a maioria que eu conheço, eles têm orgulho de falar que são daqui, e de cuidar daqui, até quando alguém fala que São Luiz não tem muita coisa ou algo assim, eu vejo as pessoas defendendo, sabe? Defendem São Luiz com unhas e dentes. <b>Acho que cuidam das suas casas, que querem ter a casa com uma boa aparência, que cuidam a maioria né, os que eu convivo também, cuidam das coisas públicas</b> ” (Maria, 31 anos).	Há cuidados por parte da população Vínculo afetivo com a cidade Reconhecimento de pertencimento
“[...] <b>falta se sentir morador da cidade de verdade e cuidar</b> . Tem gente que só fala que tá errado, mas não faz nada para melhorar. Só critica. Tem que fazer, aliás, todo mundo tem que fazer para que seja melhor. Para que o turista chegue aqui e realmente se sinta bem” (Maria, 43 anos).	Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar
“Mas olha, na maioria, <b>eu acredito que cuida da beleza da sua casa e em volta</b> . E eu me refiro a pessoas com mais idade, porque a molecada não. Acredito que até a molecada bagunça um pouco, não cuide tanto, haja visto que <b>quando tem festas, eventos ou aglomerações, fica tudo bagunçado, tudo sujo</b> . Em compensação, as praças, no geral dá para dizer que os moradores colaboram, tanto com a limpeza quanto com o embelezamento do lugar. Alguém sempre dá uma mãozinha pra fazer algo que precise de reparos para	Existe cuidado, por parte da população, não tanto, por parte dos jovens

(Continuação)

<p>manter organizado. Mas <b>ainda falta mais cuidado no todo, porque a cidade é o cartão postal para mostrar para quem não é daqui</b>” (Arthur, 38 anos).</p>	
<p>“<b>A evolução é lenta</b>, comparada com outras cidades perto, Santo Ângelo, Santa Rosa, e os cuidados aqui também estão lentos, no passado foram melhores” (Maria, 40 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“[...] eu acho que <b>tem gente que se sente envolvido pela cidade que se junta com outros moradores e faz alguma coisa</b>, recolhe lixo, limpa os parquinhos, faz mutirão na sua rua, tira as sujeiras dos terrenos baldios, mas são poucos, porque uma grande quantidade só reclama e põe a culpa na Prefeitura” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Há envolvimento parcial dos moradores</p>
<p>“Acredito que as pessoas <b>cuidavam e cuidam bem</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Há cuidados por parte da população</p>
<p>“<b>Tem que haver uma conscientização de que o morador também é dono da cidade</b>, assim como há a eleição para eleger os governantes e votam a favor ou contra, deveria haver esse crescimento na mentalidade para cuidar do que também é seu. <b>No passado a gente ouvia os relatos de uma cidade mais próspera, com casas pintadas, moradores empenhados em cuidar do quintal, da frente das casas. Hoje, nem a frente das lojas são cuidadas pelos donos, imagina a casa</b>” (Arthur, 46 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar.</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“A relação do morador com a cidade está um tanto estremecida. <b>Falta se sentir pertencente pela cidade para cuidar e proteger</b>” (Maria, 40 anos).</p>	<p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“[...] acho que aqui tem uma <b>questão de cultura que precisa ser mudada para ter esse outro olhar</b>” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Questão de cultura</p> <p>Necessita mudar hábitos</p>
<p>“<b>Vou até fazer uma piadinha de início, o morador aqui cuida mais do outro do que da própria vida, né. Mas em questão de cuidados com a cidade, somos muito relaxados, a gente não cuida muito.</b> A gente fala dos outros, comenta quando vai passear em outro lugar, e diz ‘tu viu que limpa aquela cidade, não tinha um papel no chão, tinha flores, as casas bem pintadas, vai numa festa e tá tudo bem limpinho ao redor’. E aqui em São Luiz, só pra citar um exemplo né, aqui tu vai na praça, num dia depois de uma festa, na frente da igreja é uma sujeira só, é litro de uísque, é litro de vodka, é toco de cigarro, um desrespeito total, que o pessoal não cuida” (Maria, 46 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“Eu acho que <b>cuida em determinados lugares e</b></p>	<p>Consciência e cuidado,</p>



(Continuação)

<p><b>espaços e deixa muito a desejar em vários outros lugares importantes da nossa cidade, principalmente no centro da cidade em que sempre tem turista</b>” (Maria, 27 anos).</p>	<p>apenas parcial, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Falta muita conscientização, muito empenho, falta sentir que deve fazer algo. A cidade está suja, feia e desorganizada”</b> (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><b>“Sinto que as ruas deixam bastante a desejar, tem buracos, o asfalto está precário”</b> (Arthur, 35 anos).</p>	<p>Ruas em estado precário</p>
<p><b>“Temos que cuidar, temos que tomar consciência de que precisamos fazer. Temos que insistir nisso. Temos muita coisa errada. O povo daqui é acomodado. E não deve ser assim. Podemos melhorar muito. São poucos os que fazem. E só é divulgado o que é negativo pelos moradores. Temos muito que aprender se quisermos ter turistas falando bem daqui”</b> (Maria, 46 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><b>“Eu vejo assim, que o aspecto cultural praticamente determina muitas coisas numa cidade. E São Luiz Gonzaga tem a fusão do índio com o espanhol, então, essa carga genética proporcionou um povo, uma sociedade, mais fechada. E isso proporcionou um lugar que não é muito cuidado, não é florido, porque pelo estilo indígena de viver, que não tem muito paradeiro, que é nômade. Diferente de uma cidade com colonização alemã que tem diferença, desde as casas pintadinhas, ruas com flores, limpeza na cidade, nos jardins, nos muros. Se a gente fizer a comparação vai ver a diferença. Mas não falo por crítica, é só uma questão cultural. Talvez precisemos sofrer uma mudança cultural para melhorar”</b> (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Atribui não cuidado à herança indígena</p>
<p><b>“Eu penso que tem muita gente que podia fazer mais pela cidade e não faz porque não quer, deixa sempre pra reclamar do que para fazer. Deixa a cidade suja, o centro sujo, os pontos turísticos feios e depredados. Antigamente não era assim”</b> (Maria, 47 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>“Eu sinto falta de uma puxada do Poder público de dizer que em alguns lugares não pode ter gente fazendo vandalismo e até mesmo uma coisa que vejo aqui e que acho que faz parte de cuidar é que tem vários motoristas que estão embriagados pela cidade e passam pelo centro e alguns policiais não estão nem aí, olham e fazem que não enxergam. Isso deixa uma impressão ruim para o turista”</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta rigidez do Poder público</p> <p>Falta percepção por parte do Poder público</p> <p>Falta envolvimento da comunidade</p>
<p><b>“Deveria se ter mais cuidado e carinho com a cidade,</b></p>	<p>Memória/Nostalgia</p>

(Continuação)

<p><i>pois, ultimamente ela está devastada de lixo, de sujeira. A cidade está cinza. E não era assim” (Arthur, 28 anos).</i></p>	<p>Falta cuidar da cidade</p>
<p><i>“Nosso povo acho que não está satisfeito com a nossa cidade, mas também <b>não se mobiliza para modificar essa realidade</b>” (Maria, 49 anos).</i></p>	<p>Falta mobilização dos moradores para fazer pequenas ações de melhorias</p>
<p><i>“São tantos os inconvenientes que acometem a cidade que dá até vergonha de falar. Uma cidade que agora tem uma Secretaria de Turismo, que está lutando para trazer turistas e <b>se encontra em grande sujeira por todos os lugares</b>” (Maria, 51 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>“<b>Acho que falta cuidar, as casas, as ruas, os meios públicos, os pontos turísticos</b>, as pessoas de noite quebram e destroem, não conseguem ter um amor pela cidade. E <b>no passado havia mais esse amor</b>” (Maria, 57 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“<b>Não cuidam, tá tudo estragado, caindo</b>, e tem por toda a cidade também <b>cachorro solto na rua que além de morder as pessoas fazem suas necessidades pela calçada e os donos não se importam</b>. Devia ter uma lei que proíbe. E tudo vai contribuindo para essa falta de cuidado. E tem a falta de interesse também” (Arthur, 38 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Animais soltos</p>
<p><i>“A cidade <b>deixa um pouco a desejar na limpeza e no cuidado</b>, até tem um projeto particular de uma pessoa que está com a proposta de uma cidade limpa, mas vejo que ainda falta uma aparência melhor de uma cidade limpa e mais embelezada. Porque há muitos anos atrás isso aqui era muito diferente, as pessoas se importavam mais e agora simplesmente deixaram de se importar” (Maria, 52 anos).</i></p>	<p>Falta conservação e limpeza em espaços públicos</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>“Eu percebo em sua maioria que, <b>os moradores tem um cuidado e um zelo pela cidade</b>. Os espaços públicos agora são bem mais preservados que antigamente. E nota-se isso, principalmente nos espaços da Praça da Matriz e da Praça Cícero Cavaleiro que eles estão bem mais cuidados e bem mais frequentados também” (Maria, 41 anos).</i></p>	<p>Há cuidado com a cidade, por parte dos moradores</p> <p>Espços públicos estão mais preservados que antigamente</p>
<p><i>“Eu também percebo que <b>falta cuidar muito</b>, que a cidade está bem desleixada. Um pouco também é falta de cuidado da Prefeitura, mas muito mais do morador. Eu morei em outra cidade, e lá onde morei, você pode ter o seu terreno na esquina ou no meio da quadra, mas o seu terreno tem que estar cercado e com a calçada feita, existe uma cobrança lá da Prefeitura para isso. <b>É uma questão de mudança cultural e de boa vontade</b>. E</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta cuidado por parte da prefeitura</p> <p>Falta acessibilidade</p>

(Continuação)

<p>também temos essas ruas aqui vergonhosamente esburacadas, <b>esse calçamento que não é uniforme, cada morador faz de um jeito e tem muitas ruas aqui que você não consegue andar, a gente que é sadio e não tem limitações, imagina idosos e outras pessoas que necessitam de mais cuidado, não conseguem andar. Não tem em muitas ruas acessibilidade. Se tem, às vezes tem num lado da rua e no outro não. E ninguém faz nada para melhorar. Nem morador, nem Poder público. [...]”</b> (Maria, 38 anos).</p>	
<p><b>“O morador não é muito interessado em cuidar. E a administração atual ela tem bastante ideias, mas o pessoal não é muito de participar, parece que não se importa”</b> (Maria, 54 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><b>“Já foi mais limpa, mas acho que falta conscientizar, principalmente os pequeninos para que no futuro, possamos ter moradores mais unidos”</b> (Maria, 52 anos).</p>	<p>Necessita de conscientização</p>
<p><b>“A cidade está bem desorganizada. A população não cuida, o Poder público não cuida. Nossa cidade no passado era melhor arrumada, tinha mais atrativos, agora está parece abandonada. Tem coisas que estão melhorando como o turismo, mas não tem ainda estrutura para receber as pessoas”</b> (Maria, 55 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>“Acho que há um descaso dos moradores e até do Poder público. Na praça mesmo, às vezes a gente fica até milindrado de passar pelo meio da praça porque está sempre cheio de mendigos e não sabe a conduta deles, não sabe como eles vão reagir, porque estão alcoolizados e muitas vezes drogados. E a praça não era assim, era diferente. Era cuidada. Bem arrumada. Valorizada. E todo mundo sabe disso e não faz nada. Claro que não é só o Poder público que deve tomar a iniciativa, porque nós como moradores também temos que tomar a iniciativa. Mas ninguém toma atitude. [...] Ouvi que está saindo uma verba para arrumar os calçamentos. Porque até vejo que os turistas e moradores reclamam muito disso, de não ter um calçamento adequado nem para quem tem necessidades especiais”</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p> <p>Falta envolvimento da comunidade</p>
<p><b>“Aqui eu sinto que não tem cuidado, que tem um descaso com a cidade. Posso citar a cidade de Cerro Largo que tem origem alemã e lá é bem mais cuidado, as pessoas se preocupam com a cidade. Se for comparar com aqui, até mesmo as pessoas aqui tomando um sorvete ou comendo um picolé, aqui jogam o palito no chão, claro que não são todos, mas vejo bastante gente fazendo isso. É só um pequeno exemplo, mas tem muitas</b></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Necessita mudar hábitos</p> <p>Falta reconhecimento e</p>

(Continuação)

<p>outras coisas que os moradores daqui deixam de cuidar. <b>É preciso haver uma mudança cultural e sentimento de pertencimento, amor pela cidade</b>” (Maria, 42 anos).</p>	<p>pertencimento ao lugar</p> <p>Falta amorosidade com o lugar</p>
<p>“Vejo da seguinte forma, a preocupação é constante, porque antes a gente conhecia todo mundo, era mais fácil de ver o que estava errado e sentar e conversar para que fosse mudado. Hoje temos um maior crescimento, e isso é bom para a cidade, mas temos também uma <b>falta de incentivo por parte dos moradores</b>, nesse sentido. <b>Esse bairrismo também dificultou algumas evoluções</b>. Porque para uma cidade crescer também, não é só o nativo, é bom essa troca com o turista que vem de fora, essa convivência fraternal, e o turista quando chega aqui ele ainda não percebe muito isso explicitamente” (Arthur, 56 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“O morador, como em muitas cidades, ele desconhece muita coisa. Há um distanciamento que é normal, <b>há um desconhecimento dos moradores do que tem aqui, da história daqui</b>. Eles desconhecem, por exemplo, de Sepé Tiaraju que é um herói nacional, e é quase que um ilustre desconhecido. As pessoas nem sabem quem foi Sepé Tiaraju, aí quando se pergunta quem foi, só dizem que foi um índio e ponto final. <b>Mas as pessoas vão se relacionar com a cidade com um sentimento pátrio muito forte, a questão do missioneirismo está muito presente</b>. Mas é uma outra discussão, o missioneirismo ainda está sendo construído pelas autoridades. Mas as pessoas identificam-se como sãoluizenses, como missioneiros e orgulham-se disso. Então, dificilmente encontrei nessa caminhada, alguém que dissesse que a cidade não é boa, que se relacionar com a cidade não é uma coisa boa e que não gostariam de viver aqui. <b>As pessoas, tem um sentimento de bem-querer por essa cidade</b>. Eles apresentam essas dificuldades próprias de uma cidade pequena sempre com uma nostalgia do que tinha antes, né. <b>As pessoas dizem que São Luiz é a cidade do ‘tinha’, tinha aeroporto, tinha viagem semanal para Porto Alegre, tinha, tinha e tinha, e hoje talvez não tenha</b>. Mas há sempre uma esperança do retorno, de que um dia vamos voltar a ter. Eu vejo muito claro esse sentimento de amor que as pessoas, tem pelo seu local” (Arthur, 44 anos).</p>	<p>Desconhecimento da história por parte dos moradores</p> <p>Pertencimento ao lugar</p> <p>Vínculo afetivo com a cidade</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“Eu vejo que <b>muitas praças foram revitalizadas</b>, vários espaços foram estruturados para que o morador tenha mais espaços de lazer. Tudo que envolve lazer está acontecendo, melhorando, <b>mas falta ainda o morador, e isso de todas as idades, valorizar o que está sendo</b></p>	<p>Revitalização de espaços públicos</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos</p>

(Continuação)

<p><b>feito para ele. Ainda depredam, estragam, sujam, deixam lixo</b>” (Maria, 28 anos).</p>	Moradores
<p><b>“Às vezes tem gente que cuida, como nós cuidamos em casa e quando vamos passear no centro e nos pontos turísticos, mas a gente vê uma falta de educação e respeito com os lugares públicos, com o que é nosso. Se juntam nos lugares para tomar chimarrão, beber, e muitos deixam os resíduos lá, como se os funcionários da Prefeitura tivessem a obrigação de limpar a sujeira do morador. É triste”</b> (Maria, 57 anos).</p>	<p>Há cuidados de alguns moradores</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><b>“Alguns lugares como a Praça Cícero que foi revitalizada, e parece que isso está começando a incutir na cabeça das pessoas o <i>senso de responsabilidade em cuidar</i>, porque antes, na praça, tudo que era colocado num dia era depredado na mesma noite ou na mesma semana. E com esse outro olhar de que podemos cuidar do que é nosso, também com a ideia de receber turistas e a cidade ficar mais vista, quem sabe vai melhorar, porque se comparar com o passado, é claro que <i>antes existia uma outra cultura, um outro cuidado, que era melhor, mais envolvimento</i>”</b> (Maria, 51 anos).</p>	<p>Revitalização de espaços públicos</p> <p>Falta envolvimento da comunidade</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>“É dever de todos os cidadãos cuidarem do entorno em que residem, sejam eles espaços públicos ou de sua moradia. É assim que construiremos uma cidade turística”</b> (Maria, 58 anos).</p>	Necessita de olhares e cuidados
<p><b>“Eu acho que <i>uma boa parte da população ela tem essa consciência de cuidar</i>. Até porque essas novas gerações, elas têm uma visão mais ampla com relação ao cuidado, ao bem público também. E isso é uma coisa que vem da educação de casa, né. O cuidar o bem público e sua própria casa é uma coisa que é para todos, não só para quem governa a cidade. E ao longo dos anos o que eu percebo é que muitos que saem para estudar fora acabam voltando para São Luiz, e a visão vai se ampliando um pouco mais. De certa forma, há um cuidado, sabe, com a Praça da Matriz, com a Praça Cícero. <i>Eu percebo que, ao longo dos anos, houve bastante melhorias com relação à iluminação e à limpeza e pelo menos nesses lugares a maioria das pessoas tem esse cuidado</i>. Algumas pessoas são mais desleixadas do que outras, vai muito da percepção individual, e acho que isso com o passar dos anos pode melhorar ainda mais”</b> (Maria, 45 anos).</p>	Há cuidado por parte da população
<p><b>“Nossa herança missioneira, de índio, deveria também estar incluída para olhar de outro jeito. A cidade já teve melhor, hoje está mais abandonada pelos moradores, <i>acho que estão descrentes</i>”</b> (Arthur, 37 anos).</p>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores

(Continuação)

	Memória/Nostalgia  Falta relação com herança missioneira, indígena
<i>“Cara, eu acho que <b>não cuidam como deveriam cuidar</b>. Ando por aí e vejo muita coisa jogada, papel, garrafa, galhos de árvores, entulho, todo tipo de lixo, sem contar os terrenos baldios que também servem de depósito de lixo. <b>A cidade tá recebendo gente de fora a todo momento, e não pega bem, fica feio coisas assim, e não é só a desatenção do Poder público é principalmente do morador que deixa sempre pro outro ter que fazer</b>” (Arthur, 32 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público
<i>“<b>Aquí cuidam pouco, não há um interesse de toda a população</b>. Tem sim algumas pessoas que se reúnem e cuidam, como por exemplo os canteiros da rua Senador Pinheiro Machado, mas mesmo assim os moradores vão lá e depredam. Então, ainda não adquiriam a consciência de querer cuidar e ver o belo. Também temos a nossa entrada da cidade, na rótula, que é bem mal-cuidada, deveria ser mais, para ficar mais bonita para receber quem chega” (Maria, 58 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte de alguns moradores  Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar
<i>“Eu gostaria que cuidassem mais, <b>está bastante judiada</b>. A cidade está velha, sem pintura, com várias casas abandonadas e caindo, seja nos bairros ou no centro. As pessoas estão indo embora, e <b>os que estão na cidade pouco interessados em manter a limpeza</b>” (Maria, 41 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar
<i>“Algumas vezes se você planta uma flor ou arruma o jardim <b>pessoas passam e levam embora o que você plantou, mas não fazem na própria casa e não apreciam o que os outros fazem</b>. Mas tem o lado bom, que aqui é muito hospitaleiro, que acolhe bem quem vem de fora” (Maria, 31 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Hospitalidade
<i>“Eu acho que é muito fácil cuidar, organizar, mas <b>falta iniciativa dos moradores e às vezes até mais incentivo da parte de quem está governando a cidade, pois ela já foi muito bonita e está feia e maltratada</b>” (Maria, 29 anos).</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Falta incentivo do Poder público
<i>“<b>Vejo bairros cuidados em alguns lugares, mas, às vezes, no próprio bairro são somente algumas poucas casas que tomam a iniciativa de manter tudo limpo, de não jogar entulho na rua, de cuidar do jardim. Mas tem muita gente que até cuida de sua casa, mas não cuida do centro, dos pontos turísticos, estraga o que foi feito</b>” (Maria, 45 anos).</i>	Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar

(Continuação)

<p>“Eu acho que <b>a grande maioria não se preocupa</b>. Uma coisa que eu não gosto aqui é que quando vão construir alguma casa ou algum negócio é <b>que a primeira coisa que fazem é destruir as árvores e depois não plantam outra. Isso é ruim</b>. A natureza também é parte da beleza da nossa cidade. Mas falta e muito cuidar” (Maria, 29 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta respeito ao meio ambiente</p>
<p>“Acho que a cidade é <b>muito bem cuidada</b>” (Maria, 29 anos).</p>	<p>Cidade está bem cuidada</p>
<p>“Estão deixando a desejar. <b>Se cada um fizesse um pouquinho</b> nossa cidade era bem mais limpa e organizada” (Maria, 30 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Infelizmente não cuidam. Já cuidaram, já embelezaram</b>. Mas de uns tempos para cá, está sem cor nas casas, as ruas sujas, desleixo total. <b>Sem falar nos cachorros em todo lugar soltos e os donos não se importam se vão morder alguém ou não</b>. Sinto que não houve evolução, o pessoal regrediu nisso” (Maria, 30 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Animais soltos</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“De uns anos para cá a cidade vem se desmantelando, vem perdendo forças, <b>tem menos gente empenhada em reconstruir esse lugar</b>” (Arthur, 33 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p>“Assim ó, eu vejo que <b>não existe uma boa vontade com a cidade. As pessoas reclamam muito, sempre aparece muitas pessoas em prol de coisas negativas</b>, que acha que não vai dar certo e poucas pessoas que estão dispostas a fazer. Um exemplo, se arrumam um canteiro no centro, um outro vai lá e destrói, ou coloca o carro ou caminhão em cima só pra não ver a beleza do que alguém fez, acho que <b>falta empoderamento e sensação de pertencer à cidade</b>” (Maria, 35 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“Hoje eu vejo uma leve melhoria, até tem algumas casas pintadas. Ainda há o que mudar, calçadas e ruas. Mas até mesmo nos bairros, houve uma pequena melhora, o início de uma conscientização. Mas aí <b>a gente vê que por mais que tenha o empenho do Poder público, os próprios moradores vão em alguns lugares perto de suas casas e colocam entulhos</b>. Deixam uma imagem não tão boa, falta cuidar bem mais e se importar mais com a cidade” (Arthur, 35 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Os antigos falam que São Luiz Gonzaga era uma cidade muito suja antigamente, não limpavam pátio, era uma situação precária. Hoje em dia <b>melhorou muito, mas a questão principal ainda é a coleta de lixo, que não conseguem separar o orgânico do lixo seco</b>.</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta conscientização</p>

(Conclusão)

<i>Falta uma conscientização muito grande” (Arthur, 36 anos).</i>	de separação de lixo por parte dos moradores
---	--

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores adultos sentem a ligação das pessoas e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 32 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>História:</b> Desconhecimento da história por parte dos moradores Lugares restaurados passam a ser mais cuidados Memória/Nostalgia</p>
<p><b>Estrutura:</b> Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e órgãos públicos Não tem um cuidado grande com relação aos espaços públicos nem pela população nem pelos órgãos públicos Falta cuidado, por parte do Poder público Falta rigidez do Poder público Falta percepção por parte do Poder público Falta incentivo do Poder público Falta cuidado por parte da Prefeitura Falta acessibilidade Ruas em estado precário Houve melhora na estrutura externa</p>
<p><b>Missões:</b> Falta relação com a herança missioneira, indígena Atribui não cuidado à herança indígena</p>
<p><b>Turismo:</b> Reconhecimento do potencial turístico pode melhorar os cuidados</p>
<p><b>Relações:</b> Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e visitantes Falta amorosidade com o lugar Vandalismo Há limpeza na cidade Cidade está bem cuidada Hospitalidade Vínculo afetivo com a cidade Há cuidado, mas não o suficiente Morador ama a cidade, mas não cuida Animais soltos Questão de cultura Necessita mudar hábitos Falta acreditar no lugar</p>



(Conclusão)

Falta acreditar no potencial pessoal Falta cuidar da cidade Falta mobilização dos moradores para fazer pequenas ações de melhorias Falta envolvimento da comunidade Precisa de conscientização Houve melhora, mas não o suficiente Existe cuidado, por parte da população, não tanto, por parte dos jovens Há cuidado por parte da população Há envolvimento parcial dos moradores Consciência e cuidado, apenas parcial, por parte dos moradores
<b>Espaços públicos:</b> Perda de espaços públicos Descuido de espaços públicos e de residências Falta conservação e limpeza em espaços públicos Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores Revitalização de espaços públicos Espaços públicos estão mais preservados que antigamente
<b>Meio ambiente:</b> Falta respeito ao meio ambiente

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Por fim, Quadro 33, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária acima de 60 anos e referente à pergunta aberta: “Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade?”.

Quadro 33 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<i>“Eu percebo uma relação de <b>acomodação</b> no que se refere ao morador com sua cidade. Eu penso que os moradores não são muito evoluídos. <b>Temos coisas precárias, pouco transporte de ônibus e um certo desleixo de cuidados com o espaço.</b> Aqui tudo se resume ao centro, <b>tudo gira em torno do centro e mesmo assim as pessoas não cuidam.</b> Também <b>poderiam valorizar os bairros, porque temos bons acontecimentos nos bairros</b> e como as pessoas estão buscando morar longe do centro, até por mais tranquilidade, mas no sentido de investir numa infraestrutura dos bairros, acho que isso falta. É que a gente vai nos centros maiores e vê a expansão dos bairros e aqui há uma centralização no centro e a <b>falta de valorizar os espaços, os pontos turísticos.</b> E eu acredito que havendo uma valorização do bairro <b>acho que as pessoas também poderiam se sentir mais participativas, mais pertencentes e se envolver mais.</b> Uma coisa que eu vejo é o bairro Vila Trinta, como</i>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes  Falta valorização dos pontos turísticos  Desnível de relações entre centro e bairro

(Continuação)

<p>exemplo, que do tempo antigo tinha os casarios e hoje mudou bastante, tem escolas e outros serviços. <b>E as pessoas que moram em bairros, no geral, parece que sentem ter uma diferenciação de quem mora no centro.</b> Talvez por não ter essa estrutura formada, podem se sentir inferiores. Até a gente nota quando dizem, ‘tu mora no centro?’, esse espanto <b>parece que quem não mora no centro e não tem tudo à mão está refém dos acontecimentos.</b> É o meu ponto de vista pelo que vejo em conversas com as pessoas” (Maria, 60 anos).</p>	
<p>“As ruas em geral são <b>bem cuidadas</b>, o que se peca é que <b>deixam nos cantos restos de comida e também de lixos e com cachorros soltos</b> por toda a cidade. Isso vira uma imundície” (Arthur, 64 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Simplesmente <b>um absurdo a maneira com que estão tratando uma cidade com história</b> como essa” (Maria, 69 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Sei que é difícil implantar uma ideia que pegue gosto na cabeça das pessoas, mas <b>cuidar da cidade que está se preparando para receber turista é um dever nosso</b>, não só das nossas casas, mas de todo o entorno público” (Arthur, 63 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“São Luiz <b>já teve melhor de cuidado por parte de seus moradores.</b> Por mais que tenha uma conscientização na escola, às vezes tem o contrário em casa, e <b>precisa ter mais vontade de sentir a cidade dentro de si</b> e resolver modificá-la” (Maria, 67 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Não cuidam e não se importam</b> que devem cuidar. Mas quem sabe com pessoas fazendo, as pessoas se toquem que também tem que fazer” (Maria, 88 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Infelizmente acho que é meio geral, <b>é questão da cultura dos povos.</b> Eles têm que procurar melhor, porque dá pra dizer que é uma vergonha andar por nossa cidade e ver que está tudo caindo, tudo sujo, tudo feio. Eles arrumam a praça e os outros vem lá e arrancam. E por aí vai. Eu me lembro há uns vinte anos atrás, era outra realidade. Mas <b>com o tempo acho que a vontade foi se perdendo.</b> Mas a esperança é que tenha uma mudança de atitudes, até alguns já estão conservando mais, estão modernizando, se preocupando mais. Só nos bairros que é mais atirado, que o pessoal não cuida muito, mas no geral da cidade está bem melhor, <b>o pessoal está se conscientizando, mas falta muito ainda</b> de ser uma cidade bonita e de todo mundo entender de que <b>devemos cuidar do que é nosso</b>” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Memória/Nostalgia Necessita mudar hábitos Necessita de conscientização Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“<b>Se pararmos para pensar somos um só, cidade, natureza e morador. Se não cuidamos de um deles,</b></p>	<p>Visão sistêmica dos sujeitos e cidade</p>

(Continuação)

<p><b>afeta muito o outro</b>” (Arthur, 82 anos).</p>	
<p>“São Luiz Gonzaga <b>já teve pessoas mais preocupadas em cuidar tanto das casas quanto do entorno. Parece que desaprenderam. Ou perderam a esperança de alguma coisa</b>” (Arthur, 65 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Sinto um pouco de desespero quando vejo a enorme quantidade de lixo que é jogada na rua sem acondicionamentos corretos e outra coisa que me devasta é a falta de consciência da separação do lixo</b> ou até as pessoas aprenderem a fazer compostagem para diminuir a quantidade de lixo, pois não é só esperar que o caminhão de lixo passe, <b>tem que ter ação e fazer algo para melhorar</b>” (Arthur, 62 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores</p>
<p>“Aqui na escola a gente tenta sempre manter com os alunos a limpeza e <b>sempre que a gente vê, comenta e pede para que eles se conscientizem</b> de que estão fazendo errado” (Maria, 66 anos).</p>	<p>Educadores fazem um trabalho de conscientização para a limpeza</p>
<p>“Eu gosto muito de caminhar pela nossa cidade. Sempre que ando por aí, observo. E como já tenho um longo caminho percorrido, um vínculo, sempre morei aqui, eu tenho condições de pensar, de comparar e de avaliar o que eu via há sessenta anos atrás, que a gente observava, e o que eu vejo hoje. Então, eu lamentavelmente, eu <b>percebo que aquelas construções que nós tínhamos há alguns anos, elas vão sendo demolidas. E prova disso, prova mais cabal, é a falta de preservação, foi a destruição do Claustro, que ele perdurou até 1930. Depois disso, ele foi demolido. A motivação para que tivesse sido feita essa demolição, foi de que a cidade precisava se modernizar e o Claustro interrompia a rua São João. É uma das principais artérias da nossa cidade, [...]</b> E um dos prefeitos, o prefeito daquela época, entendeu que deveria demolir aquele Claustro que ele considerava uma construção obsoleta, antiga, sem atrativo, sem reboco, como ele dizia, né. Porque era feito de pedras, as pedras jesuíticas. Então, houve um entendimento de que aquilo deveria ser demolido, o Claustro, que era uma belíssima construção, né, com dezesseis colunas ao lado norte e dezesseis colunas ao sul. Essas colunas majestosas. [...] E foi uma decisão lamentável. Pouquíssimas vezes se ergueram em defesa daquela belíssima construção. [...] Eu percebo que <b>no centro de nossa cidade, há pouco mais de um ano, foi demolida uma das mais belas construções que havia no entorno da Praça da Matriz, porque a ganância padeceu no lugar da bela construção que contava história. Que era uma casa de dois pisos, com uma</b></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta cuidados ao patrimônio público</p> <p>Falta amorosidade com o lugar</p> <p>Necessita de reeducação</p> <p>Necessita de conscientização</p> <p>Animais soltos</p>

(Continuação)

<p>construção indicativa de uma época, que muitas construções no passado daquele jeito foram feitas, que atestavam uma preferência arquitetônica, né. [...] Mas, vejo que <b>a relação do morador com a cidade está bem longe de ser uma relação de cuidado.</b> [...] Eu considero que é uma cidade em que há muito descuido, tanto do Poder público quanto dos moradores. <b>Seria preciso uma reeducação, uma conscientização, uma lei de tombamento.</b> Daí já não é do morador, é do Poder público. [...] Outra coisa que eu percebo, <b>muitos cachorros na rua e por toda a cidade,</b> não pode, cachorro não pode estar solto na rua, primeiro que um animalzinho é colocado ali perigando sofrer um acidente ou agressões. [...] Isso também é uma relação de cuidados com a cidade. Vejo também o descuido com muitas coisas, com muros, com portões, com grades, olha hoje nós devemos ter que tomar cuidado com tudo, para não cair sobre nós. E sobretudo, vejo que <b>o relacionamento dos moradores para com sua cidade não é bom.</b> Então, isso devia estar na pauta de muitas discussões, de muitos estudos, porque <b>uma cidade não é apenas um amontoado de casas. Uma cidade é uma relação de seus moradores com aquela terra, com aquele lugar onde a gente vive, o lugar onde a gente trabalha, o lugar onde a gente cria os nossos filhos.</b> Penso que deveria haver uma relação mais amorosa e afetiva do morador com sua cidade” (Maria, 70 anos).</p>	
<p>“<b>Não acho justo um povo ser tão hospitaleiro ao receber pessoas e não cuidar da própria cidade.</b> A gente vê cidades vizinhas como Cerro Largo com ruas limpas e canteiros floridos, porque aqui não acontece o mesmo?” (Maria, 65 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Cuidar é sempre difícil, ainda mais quando se tem uns 35 mil habitantes, mas <b>se cada um fizer a sua parte não será difícil</b>” (Maria, 82 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Hoje, não há essa consciência, e acho também que <b>os moradores não querem se envolver, porque se envolver dá trabalho</b>” (Maria, 60 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“Acho que <b>falta as pessoas cuidar mais do patrimônio público, dos canteiros que fazem para embelezar a cidade, das ruas,</b> porque também é nosso. Se não cuidarmos será ruim para nós também” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p>“<b>O nosso centro da cidade está terrível, tem mendigos dormindo e deixando sujeira na praça, tem adolescentes quando saem das festas deixando depósitos de garrafas de bebida ao lado da entrada da igreja.</b> Isso sem contar</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>

(Continuação)

os inúmeros papéis e plásticos que ficam entupindo as canaletas” (Maria, 65 anos).	
“ <b>Não vejo que há muitos cuidados com a cidade num todo, nem com pontos turísticos, nem com praças, nem com desmatamento e muito menos com limpeza</b> ” (Arthur, 60 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e governantes
“ <b>O lixo é de fato um problema na cidade e não falo somente do lixo das ruas que é vergonhoso. Mas do lixo que tem em algumas empresas. Sim, lixo sem recolher, quando a gente vai nas lojas percebe o desinteresse dos funcionários e donos de manter o ambiente limpo</b> ” (Maria, 65 anos).	Necessita de conscientização  Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores
“ <b>A cidade é nossa. Acho que cada um tem que cuidar o que é seu, né. Não só a casa, mas todos os espaços da cidade, não é só esperar pela Prefeitura. Porque pelos moradores deixa muita coisa a desejar</b> ” (Maria, 74 anos).	Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar
“ <b>Tem muito a se melhorar. Isso aí começa lá na escola. Mas depende do local, do bairro, onde há uma maior convivência do morador com o entorno, mas vejo que vem se trabalhando para que haja uma melhora</b> ” (Maria, 64 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Necessita de olhares e cuidados
“ <b>A gente sempre tem fé que vão voltar a cuidar. Porque já cuidaram e podem cuidar de novo</b> ” (Maria, 83 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“ <b>Falta olhar para a cidade com carinho. E uma das coisas que mais me irrita são os inúmeros cachorros que ficam soltos fora dos pátios, fazem suas necessidades pelas ruas e calçadas e depois quem tem que limpar é quem não é dono deles, porque os donos não se importam em fechar o portão e deixar eles presos</b> ” (Arthur, 74 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Animais soltos
“ <b>Se for comparar com o passado, acho que não muda muito porque a cidade nunca se importou com o colorido sabe, mas em questão de lixo, tem sido preocupante a falta de consciência dos moradores</b> ” (Arthur, 62 anos).	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores
“ <b>Eu sempre vi da seguinte forma, se eu moro numa cidade é porque eu escolhi aquele lugar, então no mínimo eu terei de tomar o cuidado para manter esse lugar limpo e organizado, porque qualquer lugar que eu for passear ele também é meu</b> ” (Arthur, 87 anos).	Morador refere pertencimento ao lugar e cuidado
“ <b>Acho que, como todo pelo-duro, os são-luizenses não cuidam do entorno de suas casas, de suas praças. Temos relíquias na cidade, que volta e meia alguém esquece, dependendo de quem está comandando a situação política, uns dão importância, outros não. Temos riquezas, temos a igreja, a Gruta, lugares</b>	Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores  Falta reconhecimento sobre a história e a

(Continuação)

<p>maravilhosos que poderiam ser explorados, e acho assim ó, que se <b>você vai a cidadezinhas menores que tem colonização alemã ou italiana, você nota a calçadinha feita, limpinha, hortinha, jardins bem cuidados.</b> [...] Gostaria que o pessoal da cidade cuidasse, que cada um cuidasse do seu entorno, plantasse árvores, embelezasse. <b>Eu tenho um vizinho no lugar onde eu trabalho que o terreno dele, comparado com o nosso de frente, o nosso tem sete árvores plantadas e no dele não tem nenhuma, porque ele diz que não tem ninguém que faça a limpeza das folhas que cairão.</b> Então, isso é um pouco do que se apresenta em São Luiz. Sempre um empurra pro outro e diz que não é seu, que não foi ele, a desculpa que está sempre pronta na ponta da língua” (Maria, 61 anos).</p>	<p>riqueza que o lugar possui</p> <p>Necessita mudar hábitos</p>
<p>“Acho que a cidade <b>está sendo bem cuidada</b> e que tem casa vez mais coisas melhores” (Arthur, 62 anos).</p>	<p>Há cuidados nos espaços públicos</p>
<p>“Se sairmos pela cidade passear poderemos ver <b>que tem várias casas e estabelecimentos que se preocupam,</b> desde com o meio ambiente quanto com as construções à sua volta. Porém, ainda tem um número considerável que faz de conta que não é da sua conta” (Maria, 85 anos).</p>	<p>Há cuidado parcial com o meio ambiente e patrimônio</p>
<p>“<b>Falta olhar</b> mais para esta bela cidade e <b>querer</b> deixar ela bonita” (Maria, 80 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p>“<b>Eu vejo uma ligação muito bacana,</b> tenho muitos amigos e vários moram aqui, e isso dá uma certa tranquilidade na gente de se relacionar, até por se tratar de várias origens e isso é uma mistura boa. Uma questão que nós <b>deveríamos ter, até pela questão da sustentabilidade, de deixar a cidade mais limpa,</b> é que há poucos anos atrás tinha uma cooperativa de catadores que eles tiravam o sustento deles e ajudavam nesse aspecto da cidade bonita, mas isso também se perdeu e tem várias possibilidades de fazer com o lixo, até em reaproveitamento. Temos que inovar e manter. Outra questão é que <b>antigamente as pessoas saíam de casa e iam curtir o Natal,</b> tirar fotos, era diferente, <b>as pessoas eram mais unidas</b> e se importavam com o coletivo da cidade. <b>Tinham mais preocupação com São Luiz.</b> Mas acho que falta olhar a cidade com cuidado e zelo. Já foi melhor cuidada, hoje nem tanto” (Arthur, 63 anos).</p>	<p>Há relações de proximidade entre moradores</p> <p>Falta embelezar e cuidar do lugar, limpeza</p> <p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta união e envolvimento</p>
<p>“A cidade <b>já foi muito mais vistosa e cuidada</b> antigamente” (Arthur, 81 anos).</p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta embelezar e cuidar do lugar</p>
<p>“A gente <b>precisa ter consciência</b> que se a gente quer ter turista tem que se importar com o entorno, e se a gente</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos</p>

(Continuação)

<p><i>não quer turista, tem que se importar igual porque é a nossa cidade, o espaço é nosso” (Arthur, 84 anos).</i></p>	<p>moradores</p> <p>Necessita de conscientização</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“É uma tristeza ver a cidade no estado que está. Mas pode melhorar” (Maria, 83 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p> <p>Esperança de renovação</p>
<p><i>“A cidade tem maravilhosos pontos turísticos que contam nossa história e que, vez que outra, ao sair passear, reparamos que estão danificadas, sujas, e até depredadas” (Maria, 64 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>“Temos várias deficiências que não competem aos moradores e sim ao Poder público, mas também temos vários aspectos que podemos mudar, é só ter força de vontade e atitude, não precisa nem ter dinheiro” (Arthur, 74 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><i>“A cidade tem andado bem feia na foto com casas caindo aos pedaços, paredes desmoronando, ruas com buracos, calçadas sem reparos, e aí por diante” (Maria, 62 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><i>“As reclamações são constantes de moradores que não cuidam e de jovens que vandalizam os espaços públicos. É chegada a hora de mudar esse olhar para poder o turista que chegar também se sentir bem” (Maria, 78 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Necessita de conscientização</p>
<p><i>“Antigamente parecia tudo mais bem organizado e as pessoas eram mais caprichosas e cuidadosas. Hoje eu vejo um empobrecimento do espírito de bem cuidar” (Maria, 65 anos).</i></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores</p>
<p><i>“Há um engajamento de pessoas dispostas a limpar e cuidar da cidade, mas ainda são poucos, falta motivação das pessoas e conscientização das pessoas para que tenham pertencimento pela sua própria cidade. A gente vê em outras cidades o cuidado, o colorido, a preservação. Coisa que aqui a gente não vê. E o turista que vem ele percebe isso, fica feio pra nós” (Maria, 66 anos).</i></p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><i>“Eu acho que tem que ter uma mudança de</i></p>	<p>Necessita mudar</p>

(Continuação)

<p><b>comportamento urgente e voltar a ter um amor pela cidade e dela cuidar</b>” (Maria, 63 anos).</p>	<p>hábitos</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><b>“Falta cuidar mais. Tem lugares que estão feios e sujos, no centro, nos bairros, por tudo. O morador acho que não quer se envolver para cuidar da cidade. No passado era muito diferente, era bem melhor cuidada</b>” (Arthur, 79 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Memória/Nostalgia</p>
<p><b>“Várias vezes já comentei em casa e já convidei a vizinhança para fazer um mutirão e limpar a cidade, sei lá, pegar um espaço e cuidar, mas o que meus vizinhos dizem é que isso é coisa da Prefeitura. Mesmo assim já saí sozinha e fiz limpeza em ambientes como a Praça da Matriz e a Praça Cícero. É o mínimo que posso fazer</b>” (Maria, 66 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Moradora teve iniciativa de convidar vizinhos para limpar a cidade</p>
<p><b>“Saio com mais três amigas a cada quinze dias aqui no bairro com sacos pretos recolhendo as sujeiras das ruas. E já não estamos sozinhas, já estão participando mais quatro pessoas. Se um fizer o outro verá que pode fazer também. Tipo uma corrente do bem</b>” (Maria, 67 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Relato de iniciativa de se juntar com amigas par recolher sujeira da rua</p>
<p><b>“Um pouco é responsabilidade do Poder público, outro pouco é dos moradores em manter uma cidade limpa e atrativa. E os dois estão esquecendo desse cuidado</b>” (Maria, 61 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><b>“As pessoas são engraçadas, podem ver um lixo a dez passos delas e preferem jogar no chão, e ainda dizem, ‘se eu não jogar no chão o pessoal da limpeza não terá emprego’. Não concordo. Acho que é nosso dever cuidar do que é nosso</b>” (Arthur, 66 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Necessita de conscientização</p>
<p><b>“A falta de iniciativa dos moradores é o que mais me incomoda</b>” (Arthur, 67 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><b>“Os moradores cuidam, pelo menos os que eu conheço e vejo se preocupam em deixar a cidade bonita</b>” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Há cuidado, por parte da população</p>
<p><b>“Eu acho que há uma falta de vontade de não quererem</b></p>	<p>Falta consciência e</p>



(Continuação)

<p><b><i>cuidar e embelezar nossa cidade. Aqui já foi muito bom, já teve florido, limpo, cuidavam de todos os arredores das casas, canteiros, do centro, de tudo. Mas eu acho que os moradores daqui perderam o encanto com a cidade e ela está cada vez mais sem cor</i></b>” (Maria, 69 anos).</p>	<p>cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Memória/Nostalgia</p> <p>Moradores perderam o encanto com a cidade</p>
<p><b><i>“Necessita de mudança de pensamento o mais rápido possível, porque a relação entre morador e cidade está infectada. E se quisermos receber turistas em nossa cidade, devemos ter outro olhar para ela”</i></b> (Maria, 70 anos).</p>	<p>Relação entre morador e cidade está infectada</p>
<p><b><i>“Quando a gente pensa em uma cidade turística a gente logo vê exemplos na televisão de limpeza, de organização, de atrativos. E a nossa cidade está longe disso ainda”</i></b> (Maria, 67 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Necessita de conscientização</p>
<p><b><i>“É muito fácil só olhar para dentro do próprio pátio e reclamar do que precisa ser feito, e tem vários moradores que estão agindo assim, enquanto nossa cidade que recebe turistas está feia e malcuidada”</i></b> (Arthur, 61 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar</p>
<p><b><i>“Como líder do bairro eu já falei umas quantas vezes sobre esse assunto e pelo menos aqui tem dado certo, as pessoas se conscientizaram de que devem cuidar e deixar os espaços mais bonitos”</i></b> (Arthur, 67 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p> <p>Líder do bairro tem agido para conscientizar moradores</p>
<p><b><i>“Consciência todo mundo tem, só não usa. Por que as pessoas são dotadas de inteligência pra fazer inúmeras coisas, e não vão ter consciência para cuidar da cidade? Por favor, aí já é demais”</i></b> (Arthur, 71 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><b><i>“Eu percebo que não há um cuidado e não tem conscientização dos moradores, porque é lixo por todo lado, e na cidade também, até nos pontos turísticos tem muito lixo”</i></b> (Maria, 64 anos).</p>	<p>Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público</p>
<p><b><i>“Eu olho e tudo tá caindo e antes não era assim. Tinha casa pintada. Nós passávamos nas ruas e estava tudo bem limpinho, e hoje é tudo amontoado num canto. Lixo</i></b></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta consciência e</p>

(Conclusão)

<i>até nas ruas da cidade por dias, árvores que cortam e fica no lugar onde poderia ter um carro por mais uma semana, essas coisas, que envolve Prefeitura e morador” (Maria, 79 anos).</i>	cuidado, por parte dos moradores e do Poder público
<i>“Devemos acreditar que, unidos, conseguiremos mais coisas do que sozinho. Por esse motivo devemos semear mais ideias de limpeza, cuidado e organização pela cidade. Depois é só manter” (Maria, 72 anos).</i>	Defende conscientização e união, para limpeza, cuidado e organização

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores da terceira idade sentem a ligação das pessoas e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 34 – Síntese sobre como moradores sentem a ligação das pessoas, a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade)

(Continua)

<b>Expressões-síntese</b>
<p><b>História:</b> Falta reconhecimento sobre a história e a riqueza que o lugar possui Memória/Nostalgia</p>
<p><b>Turismo:</b> Falta valorização dos pontos turísticos</p>
<p><b>Relações:</b> Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores Falta consciência e cuidado, por parte dos moradores e do Poder público Falta cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes Necessita mudar hábitos Necessita de conscientização Falta reconhecimento e pertencimento ao lugar Falta cuidados ao patrimônio público Falta amorosidade com o lugar Necessita de conscientização Desnível de relações entre centro e bairro Animais soltos Necessita de olhares e cuidados Falta união e envolvimento Moradores perderam o encanto com a cidade Relação entre morador e cidade está infectada Esperança de renovação Morador refere pertencimento ao lugar e cuidado Líder do bairro tem agido para conscientizar moradores Visão sistêmica dos sujeitos e cidade Há relações de proximidade entre moradores</p>
<p><b>Espaços públicos:</b> Falta conscientização de separação de lixo por parte dos moradores Falta embelezar e cuidar do lugar, limpeza Moradora teve iniciativa de convidar vizinhos para limpar a cidade</p>

(Conclusão)

Relato de iniciativa de se juntar com amigas para recolher sujeira da rua Há cuidados nos espaços públicos
<b>Educação:</b> Necessita de reeducação Educadores fazem um trabalho de conscientização para a limpeza
<b>Meio ambiente:</b> Há cuidado parcial com o meio ambiente e patrimônio

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “Como você vê, ao longo dos anos, a ligação das pessoas com a cidade?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

Foi possível perceber, com a pergunta aberta aos sujeitos-moradores, que há uma percepção do vínculo das outras pessoas com a cidade. Os moradores também mencionam o turismo, destacando, no entanto, que faltam atitudes de cuidado com a cidade e conscientização relacionada aos pontos turísticos.

Relatam os sujeitos que há uma parcela significativa de moradores que ficam à espera de que sejam feitas ações para melhorar o lugar, quando poderiam agir para complementar as melhorias. Falta, nesse sentido, mais conhecimento de direitos e deveres do cidadão, do morador, do sujeito. E ao falar em conhecer mais direitos e deveres, pode-se dizer que se faz necessário que o corpo expresse e imprima um maior conhecimento de si, para que consiga acionar outros delineamentos. Buscar um equilíbrio físico, mental, emocional e energético.

Patzdorf (2021, p. 19-20) faz refletir que,

[...] o corpo ocidental vem sendo destituído dos saberes e das tecnologias somáticas mais “vernaculares” da espécie humana. Costumamos pensar que nosso equilíbrio físico, mental, emocional ou “energético” começou a ser perturbado apenas pela modernidade, com seus ruídos e velocidades inumanos. Mas, se observarmos diferentes povos originários, perceberemos um conjunto muito elaborado de medicinas (danças, plantas, cantos, chás, defumações, rituais, meditações etc.) utilizadas *regularmente* para restaurar esse delicado equilíbrio corpo-mente-espírito e também indivíduo-sociedade [grifos do autor].

A reflexão de Patzdorf se alinha com a proposição da Comunicação *Corpoiesis* que põe o corpo em estado de (auto)transpoiese, de autoprodução e reinvenção constante. De estar sempre revendo, reorganizando e redescobrendo ações, reações e interações, o conhecer, o aprender e apreender, o dialogar e o

relacionar-se. Nunes (2014), ao falar de corpo, diz que ele é a base do conhecimento humano, que o corpo “[...] é um constructo proveniente do processo de interações no meio externo, e nosso sistema conceitual é um sistema em expansão em decorrência de novas experiências que trazem possibilidades de novos entendimentos” (NUNES, 2014, p. 120). Assim, para se ter um equilíbrio da ação do corpo, necessitamos sair da zona de conforto, do que já conhecemos e nos desafiar a fazer, a refazer, a descobrir, a redescobrir. As novas aquisições de conhecimento permitem que a voz e a expressividade do corpo tenham força. Pertinente trazer à cena, uma afirmação de Rubem Alves, que entrelaça esse pensar e diz: “O conhecimento nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina. Brota das profundezas do corpo, como a água brota das profundezas da terra” (ALVES, 2012, p. 59). Dessa forma, ao acionar Comunicação *Corpoiesis*, o corpo também aciona uma potencialização nas Tramas Turístico-Comunicacionais.

Outro destaque importante de comentar, que fugiu um pouco da temática da pergunta, mas que apareceu fortemente nas respostas dos moradores, é que: a cidade se encontra suja e com lixo em vários locais, havendo, na parte central, garrafas e papéis jogados em frente a estabelecimentos e pontos turísticos; assim como foi destacado acúmulo de descartes em bairros, nos terrenos baldios. Evidencia-se, aqui, a necessidade de, como os próprios sujeitos-moradores relataram, ressignificação, conscientização e mudança cultural.

Esses sinalizadores denotam que há a necessidade de ampliar os cuidados com as casas, com os meios públicos e com os pontos turísticos, para que possam se fortalecer, com novas atitudes, a comunicação e as relações entre moradores e visitantes, proporcionando maior desenvolvimento no turismo.

Para além dessa questão, os moradores apontaram que os espaços públicos quando habitados, potencializam o lugar e podem convocar à reunião de amigos para apreciar a natureza, bastante evidente em São Luiz Gonzaga. De igual forma, o contato com a natureza, com o verde, com o ar puro, nos pontos turísticos, são capazes de produzir uma revitalização de energias e um encantamento pelo lugar. Esses relatos evidenciam que há uma potencialidade nos espaços públicos da cidade, especialmente nos que possibilitam estar entrelaçado com o meio ambiente. Dessa forma, os espaços públicos valorizam o ‘con(viver)’ e tornam-se potencializadores de relações, necessitando de cuidados de todos, bem como de mais interesse no seu embelezamento. Se cada morador é integrante do lugar, ecossistemicamente falando,

então, cabe a cada morador, igualmente ao visitante, dar a devida atenção com os espaços que fornecem relações e convivência.

Grinover (2007, p. 160), em relação aos espaços públicos expõe:

Os espaços públicos são os lugares privilegiados para a vida cotidiana, para a sociabilidade, a civilidade, a ordem pública, a cidadania e a hospitalidade urbana. São os espaços públicos que dão a qualquer conglomerado urbano a possibilidade de várias experiências espaciais, em terras de vivências humanas e de prazer estético; onde se possibilitam e se exercitam a escolha, a liberdade e a hospitalidade.

Importante salientar que os moradores sinalizaram uma preocupação com o meio ambiente e com o respeito a esses lugares. Enquanto alguns cuidam e se importam, outros tantos depredam, arrancam e destroem. Nisso, Lima e Monteiro (2018) atentam para a reflexão de que o ser humano parece estar mais interessado em competir com o meio ambiente do que cooperar com ele. Haja visto que homem e planeta “[...] são pontos de chegada e de partida, dada sua relação dialógica e de interdependência, na qual o homem constrói o meio e por ele é construído [...]” (LIMA; MONTEIRO, 2018, p. 20). Pontuam os autores que essa é uma questão que engloba a preocupação com nossas atitudes, e trazendo Morin (2012) para a conversa, juntamente com Lima e Monteiro, é necessário reformar o pensamento e também valores e atitudes.

Yázigi (2001, p. 38) elucida essa afirmação, dizendo que “[...] mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar”. É necessário que se tenha a confluência entre consciência do lugar e consciência de mundo, porque, ao abitarmos o espaço, somos parte do lugar, que conseqüentemente, é parte do mundo, parte do meio em que respiramos. Cobra (2017, p. 106), ao entrar na conversação, sintetiza, externando que podemos dizer que “[...] o homem destrói seu meio ambiente porque perdeu contato com sua natureza interna. Ele derruba árvores, polui o ar, rios e mares porque não percebe esse vínculo fundamental do qual depende, como se não fosse o próprio ar que respira”. Percebe-se, dos relatos dos sujeitos-moradores de São Luiz Gonzaga, que falta um zelo com o espaço que é público, que é também do sujeito, que vive, que habita.

Isso me fez lembrar de uma passagem do texto de Codo e Senne (1985, p. 85), quando falam sobre a Corpolatria<sup>76</sup>:

Que é a corpolatria senão a tradução fantástica do individualismo que o Capital promoveu, da futilidade que o consumo contemporâneo impôs, da esperança de um homem que não se encontra no seu próprio trabalho ou que já se perdeu nele? O que visa a corpolatria senão a busca de uma essência humana mágica por que o sistema rompeu com a essência humana concreta?

A corpolatria, além de não fornecer informações espontâneas e naturais dos sujeitos, apenas informações fabricadas e artificiais, poderia, quem sabe, ser também parte de uma forma de apagamento da coletividade para a individualidade, que, se olhado por esse viés, poderia ajudar a responder o desinteresse por cuidar do que é externo ao seu corpo. Pode, juntamente com o consumismo e com a exacerbada postagem em redes sociais e *selfies* veiculadas também em redes sociais, contribuir para o afastamento das pessoas e despreocupação com a cidade.

Maffesoli (1996) afirma evidenciando que parece que a aparência tomou uma gigantesca proporção. Segundo ele, isso ocorre pois, “A teatralidade (espetacularização) dos corpos que se observa hoje em dia é apenas a modulação dessa conduta: a forma esgota-se no ato, é uma eflorescência, basta-se a si mesma” (MAFFESOLI, 1996, p. 155). Nessas afirmações, é possível dizer que ‘mostrar’/‘publicar’ o corpo perfeito, e até mesmo a alegria forçada, não real, para as devidas postagens, tem maior relevância do que conhecer-se a si mesmo, ou conhecer o espaço em que se habita. Diante dessas explicitações, parece-me urgente uma redescoberta de si, para que o sujeito possa ter novas percepções e olhares frente às coisas, às pessoas, às relações e aos lugares.

Incluo, nessa conversação, a reflexão de Lovelock (1991, p. 6): “A maneira mais simples de explorar Gaia é a pé. De que outra maneira mais simples você poderia ser parte de seu ambiente? De que outra maneira poderíamos penetrar nela com todos os nossos sentidos?”. A metáfora que faço das palavras de Lovelock, ao falar sobre Gaia, sobre a Terra, faz pensar que devemos a pé, com ‘c’alma’ amorosa (BAPTISTA, 2021), munidos de olhares e percepções múltiplas, desbravar o lugar e seu meio ambiente, sentindo com todos os sentidos, olhando-o ecossistemicamente,

---

<sup>76</sup> Corpolatria, conforme Codo e Senne (1985) é o culto extremo pelo corpo, no sentido narcisístico, envolvendo sua aparência e embelezamento físico, uma espécie de patologia da pós-modernidade.

como parte de si, como parte constituinte de si. Isso se verifica, pois, quando ativamos os sentidos, as emoções, os sentimentos, somos capazes de acionar o cuidado, a preocupação e o zelo com os espaços. Somente dessa forma será possível modificar os modos de viver e interagir.

Complementam e reforçam, Vico e Uvinha (2014, p. 136), pontuando que o futuro do turismo “[...] baseia-se na qualidade da experiência dos turistas. Ao reconhecer que as localidades estão atentas ao meio ambiente, o turista tende a verificar uma maior atenção por parte dos gestores do destino visitado para com sua experiência”. Nesse ínterim, percebe-se a necessidade de um trabalho conjunto, entrelaçado e voltado para o bem do lugar, do meio ambiente, da Terra, de Gaia. Necessitam, então, os moradores de São Luiz Gonzaga, assim como todos nós, sentir com profundidade e intensidade, para re-olhar o lugar em que se habita ou se visita.

### 6.2.3 Terceira pergunta aberta da segunda visitação presencial

A terceira pergunta aberta feita aos sujeitos-moradores-respondentes de São Luiz Gonzaga/RS e que será apresentada a partir de agora é: “Como você observa a comunica o das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes?”.

O quadro a seguir, Quadro 35, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 18 a 24 anos.

Quadro 35 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p><i>“Eu acho que <b>depende muito do lugar</b>, porque <b>tem lugares que atende muito bem não importa quem que entra</b>, mas <b>também tem outros lugares que não importa quem entra e mesmo assim não tratam bem</b>. Parece que as pessoas são tão ali para fazer passar o tempo. [...] Pode-se dizer que as farmácias, tem até um bom treinamento, até porque um farmacêutico passa por faculdade, mas eu acho que tem muitas lojas aqui na cidade que realmente falta muita coisa para aprender, porque a gente vai na loja ou onde for, mercado, padaria, ou outro lugar, e tu espera que te mostrem uma coisa e não sabem o que mostrar e nem como dizer. <b>E uma pouca quantidade parece que tem preparo</b>” (Maria, 18 anos).</i></p>	<p>Falta preparo em alguns lugares</p>

(Continuação)

<p><b>“Atendem de forma errada e desinteressada. Mas já fui em lojas que me atenderam de forma surpreendente e sem se importar com o tipo de roupa que tenho para vestir”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta preparo e interesse</p> <p>Há lugares que todos são tratados iguais</p>
<p><b>“Ainda é muito precário o nosso atendimento em São Luiz, e tem turista vindo aí e se ele não é bem atendido ele não volta mais e ainda faz propaganda negativa da cidade”</b> (Maria, 24 anos).</p>	<p>Precariedade no atendimento</p>
<p><b>“Trabalho numa loja que prezamos o atendimento, mas tenho colegas que preferem atender somente clientes que elas sabem que vêm gastar bastante e não atendem as pessoas mais humildes”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Disparidade no atendimento devido à condição financeira, pela aparência e pelo modo de vestir</p>
<p><b>“Eu gosto do atendimento daqui. Eu mesma atendo muito bem todos que vem aqui na loja”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Atendimento bom</p>
<p><b>“Como várias cidades no Brasil, São Luiz Gonzaga também tem um certo preconceito com as pessoas mais pobres e eu vejo isso no comércio quando a pessoa começa a atender mal se está vestido de um jeito mais simples ou se a gente não tem tanto dinheiro, porque como é uma cidade pequena, todo mundo sabe da vida de todo mundo. Então, eles sabem quem tem dinheiro ou não tem. E eu noto isso e também noto uma coisa muito importante que aqui em São Luiz tem vários índios, né, porque, por ser uma cidade indígena e tudo mais, e tem muito preconceito do comércio, porque os índios, não tem no que trabalhar, por causa desse preconceito. Eles, às vezes, vendem aqueles cestinhos e os balaies e também o chá de marcela e muitas vezes são chamados de ‘bugre’, que, seria uma ofensa pros indígenas. Então, eu vejo isso, que às vezes os índios ficam na porta dos comércios, e eles são espantados pelos comerciantes. E outra coisa, referente ao atendimento, no geral é um bom atendimento, mas isso é específico, eles escolhem quem eles vão atender bem ou não”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Disparidade no atendimento devido à condição financeira, pela aparência e pelo modo de vestir</p> <p>Preconceito com os indígenas</p> <p>Atendimento diferenciado para determinados tipos de moradores</p>
<p><b>“Eu sempre fui bem atendida, acho que por ser cidade do interior, que o pessoal todo mundo se conhece, ou a pessoa tem alguém na família que trabalha na loja e a gente conhece. Uma relação de conhecido, uma relação boa. Mas na maioria das vezes no atendimento, falta um pouco mais de treinamento, tipo, não é em todos os lugares, mas em alguns”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Atendimento bom</p> <p>Falta treinamento de equipes</p>
<p><b>“Percebo que o atendimento deixa muito a desejar. As pessoas, em diferentes áreas de atendimento, público ou privado, fazem um atendimento parece por obrigação e não aprofundam a relação. Noto também as vitrines</b></p>	<p>Atendimento deixa muito a desejar</p> <p>Descuido com vitrines</p>



(Continuação)

<p><b>das lojas abarrotadas de produtos, muitas vezes sem preços, às vezes os produtos caem e lá ficam por mais de semanas. Não trocam, não limpam, não cuidam, dá pra ver até sujeira dentro da vitrine, ao passar na frente da loja. Outra coisa que também acontece, as pessoas colocam as roupas no chão da loja quando fecham. Que conceito é vendido? E não só o turista, o próprio morador vai se sentir incomodado com isso. Eu me sinto incomodada</b>” (Maria, 24 anos).</p>	e produtos nas lojas
<p><b>“Eu acho que treinamento de equipes é raro ter na cidade, e para uma cidade que está pensando em crescer no potencial turístico, tem que ter mais gente preparada para atender bem e fazer o diferente, isso ainda não temos”</b> (Maria, 19 anos).</p>	Falta treinamento de equipes
<p><b>“Alguns lugares atendem bem e sabem atender, outros, são mal-educados e não tem nada de treinamento para lidar com pessoas”</b> (Arthur, 18 anos).</p>	Atendimento bom Falta treinamento de equipes
<p><b>“Sobre atendimento acho precário, poucas são as empresas que investem no funcionário, e isso tem uma repercussão no turista que vem para cá, pois se atender o morador já deixam a desejar, o turista então, nem se fala”</b> (Maria, 18 anos).</p>	Falta preparo para o atendimento e para a comunicação
<p><b>“Já fui embora de São Luiz por três anos e voltei, e nesse tempo fora, estive em outra cidade e trabalhei, e lá a gente recebia treinamento não somente de produto, mas sobre outras coisas, até sobre arte, e era muito bom, porque a gente fica sabendo de mais coisas que ajudam no cotidiano com o cliente. E aqui não tem isso”</b> (Arthur, 24 anos).</p>	Falta implantar treinamento, conhecimento dos produtos e como comunicar bem
<p><b>“Eu percebo que fazem distinção para o atendimento, se a pessoa não tá bem vestida, ou tem tatuagem nas mãos, ou tem poder aquisitivo menor, que é de baixa renda, eles atendem de forma diferente, não fazem muito caso. Só atendem melhor se tem dinheiro. E isso é em vários lugares na cidade. Eu vejo que até com turistas tem esse jeito de atender também. Eu vejo que tem muita gente despreparada, que não sabe atender, que não sabe o que tá vendendo ou oferecendo de produto. Também não se importa em saber”</b> (Arthur, 18 anos).</p>	Há diferenciação no atendimento, dependendo da apresentação pessoal Falta preparação para comunicar e atender
<p><b>“É muito fácil de responder isso. Em muitos lugares aqui a gente não é bem atendido, até é bem tratado, mas não sabem atender, não sabem informar e não se importam, se você não estiver bem vestido. Mesmo que não tenha dinheiro para pagar, o que importa é o status da roupa, só isso. Em todas as áreas, deve haver um treinamento intensivo para saber lidar com pessoas e</b></p>	Falta melhoria no atendimento Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor

(Continuação)

<p><b>entender que cada público é diferente do outro, inclusive o turista que vem e deseja ser bem atendido</b>” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Falta treinamento para comunicar melhor</p>
<p>“Olhando para todos os tipos de atendimento, público e privado, <b>numa grande maioria, somos precários em bem atender</b>, ainda mais quando se fala em pessoas bem treinadas, aí deixamos mais a desejar. <b>Os patrões e até mesmo os colaboradores em lojas e empresas não são de fazer reciclagem de conhecimento e isso é uma pena</b>. Uns porque não têm dinheiro para investir e outros porque não querem mesmo, porque acham que logo vão sair daqui e não estão nem aí para a cidade, para o morador e para o turista. Mas não dá para generalizar, porque <b>tem lugares que os patrões investem em treinamento de funcionários e os próprios crescem</b>, não somente para aquele momento, mas com experiências que vão levar para toda a vida” (Maria, 19 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Falta interesse dos proprietários e de funcionários para ampliar conhecimento</p> <p>Há investimentos de alguns proprietários</p>
<p>“Penso que comunicar com qualidade é primordial num estabelecimento comercial, mas <b>não consigo ver esse desenvolvimento aqui em São Luiz</b>” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta melhorar comunicação e atendimento</p>
<p>“O povo aqui é <b>bem acolhedor no comércio</b>, você chega num estabelecimento ou loja, o vendedor vem, já se prontifica, ainda não se tem aqui o autoatendimento, mas eu percebo que <b>falta o preparo profissional das pessoas para saber atender. Embora o povo daqui é simpático, está sempre disponível em ajudar, mas falta isso</b>. Mas depende muito da área, porque tem alguns locais que até são preparados, mas, <b>às vezes, as pessoas se qualificam uma vez e depois nunca mais</b>. E precisa estar sempre se qualificando, pois, estamos sempre em movimento. E como exemplo dá para dizer que, na área da saúde, as pessoas deixam bastante a desejar, com a forma de atender e o despreparo profissional. [...] <b>O povo daqui como não é muito de buscar as coisas, o que alguém falou tá falado, eles vão por aquilo e deu, e o público hoje em dia está bem mais antenado com tudo</b>, e se não dizem ou não fazem bem, eles vão em outro lugar. Quem perde é a empresa. Então, é uma <b>mudança cultural que necessita acontecer</b> para que se tenha mais possibilidade de atender melhor o turista e mesmo o morador” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Bem acolhedor no comércio</p> <p>Falta preparo profissional</p> <p>Necessidade de qualificação contínua</p> <p>Necessita de uma mudança cultural</p>
<p>“É difícil dizer no todo, porque não é todos os lugares que frequento, mas os que vou, <b>sempre sou bem atendido</b>. Só <b>alguns lugares, como área da saúde e alguns mercados, farmácias e lojas de roupa que não</b></p>	<p>Em geral, bom atendimento</p> <p>Em alguns lugares, falta simpatia, vontade</p>

(Continuação)

<p><b>atendem com simpatia e nem com vontade</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>e preparo no atendimento</p>
<p><b>“No geral atendem bem, mas tem umas empresas de nome em São Luiz que são casca dura, a começar pelo dono. Parece que não querem ter a gente como cliente”</b> (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Em geral, bom atendimento</p> <p>Em alguns lugares, falta simpatia, vontade e preparo no atendimento</p>
<p><b>“De ruim a péssimo. Raros os lugares que atendem bem”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Atendimento de ruim a péssimo</p>
<p><b>“Eu, teve um tempo que morei fora daqui por mais de um ano e fui trabalhar de caixa de supermercado e tive três dias de treinamento, coisa que aqui não tem, as pessoas entram e, por mais que tenha alguém pra dar as dicas, ela vai aprendendo sozinha e deu. Então, acho que falta isso, de treinar, deixar a pessoa preparada para várias situações. E talvez as pessoas donos de loja não tenham percebido ainda que o que fica na cabeça de quem vai lá não é que o atendente ou vendedor te atendeu mal, é que naquela loja tal não fui bem atendido. Quem perde é o lugar. E quando se pensa em turista isso reflete muito para eles falarem um pro outro e talvez não querer voltar”</b> (Maria, 21 anos).</p>	<p>Falta treinamento e preparo para atender e comunicar</p>
<p><b>“Falta desenvolver funcionários e gestores para que se tenha um atendimento eficiente”</b> (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Falta treinamento e capacitações</p>
<p><b>“Nos postos de saúde também, que é onde minha vó pega medicamento pra ela e pro meu bisa. Às vezes, tu ia lá, meu bisa com 92 anos de idade, tu não pode deixar ele muito tempo sozinho em casa, levanta, cai se machuca. Aí lá os atendentes sentados, tomando mate, mexendo no celular e demoram pra atender, como se a gente tivesse a obrigação de esperar. Às vezes, vai muito da falta de consciência da pessoa, né. Mas olhando de forma geral, não vejo ainda que tenha um bom atendimento em vários estabelecimentos, está ainda bem precário e nós recebendo turistas. Isso é vergonhoso”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Descaso com o atendimento aos moradores</p> <p>Precariedade no atendimento</p>
<p><b>“É nítido ver que ainda falta muito para São Luiz se tornar uma cidade exemplo de bom atendimento, porque em muitos lugares que a gente vai, só se vê cara feia e má vontade”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta qualificação e simpatia no atendimento</p>
<p><b>“A comunicação e a forma de se relacionar tem que melhorar um bocado ainda para ter qualidade”</b> (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>
<p><b>“Não tenho do que reclamar, para mim tudo está ótimo”</b> (Maria, 22 anos).</p>	<p>Excelente atendimento</p>
<p><b>“Eu vejo que são poucos os lugares que a gente</b></p>	<p>Falta qualificação no</p>

(Continuação)

<p><b>entra e se sente bem, seja pra comprar ou para pedir informações. Tem poucos lugares que a gente entra e se sente bem e vai querer voltar. Tanto é que em virtude disso, compro muita coisa na internet. Sei da importância de valorizar o município, mas com a falta de vontade e a falta de preparo dos funcionários prefiro comprar pela internet. A gente se desestimula</b>” (Arthur, 18 anos).</p>	<p>atendimento e na comunicação</p> <p>Mal atendimento gera deslocamento para compras na internet</p>
<p><b>“O atendimento não é bom ainda, tem coisas que precisam ser melhoradas, tem a cabeça dos proprietários que também precisa mudar e se modernizar”</b> (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Precisa mudança cultural de proprietários</p>
<p><b>“É infelizmente uma falta de conhecimento de vários empresários e lojistas, porque atender bem é o mínimo que se espera de uma cidade que pensa em prosperar”</b> (Maria, 21 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Falta compreensão dos empresários</p>
<p><b>“Já fui mal atendido em alguns lugares aqui em São Luiz e depois disso ou compro em Santo Ângelo e Ijuí que até tem mais variedade, ou compro na internet”</b> (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Atendimento ruim provocou compras em outra cidade e internet</p>
<p><b>“Bom seria se a cidade fosse bem estruturada nessa parte, mas infelizmente deixa muito a desejar. Tem atendimentos meia boca e aqueles atendimentos que olham o que você veste somente”</b> (Arthur, 19 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p><b>“Gosto do atendimento daqui, pelo menos para mim é suficiente. Já não sei para o turista se eles estariam contentes”</b> (Maria, 24 anos).</p>	<p>Atendimento bom</p>
<p><b>“Atendem bem mau. Depende muito o lugar e a roupa que tá vestindo”</b> (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p><b>“Tem lugares bons que gostam da gente e tratam bem, mas tem muito mais lugares que te olham dos pés até a cabeça e se tu não tá bem vestido nem fazem questão de te atender. Que nem a gente sai do trabalho aqui e não</b></p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>

(Continuação)

<p><i>tem como ir pra casa se ajeitar melhor, vai com as nossas roupas simples né, e chega nas lojas, em muitos lugares só olham pra gente e nem querem atender. E em outros lugares até atendem, mas não é muito bem atendido, né”</i> (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p><b>“Sou sempre bem atendido em todos os lugares que vou. Só acho que falta um pouco mais de treinamento”</b> (Arthur, 18 anos).</p>	<p>Atendimento bom Falta treinamento de equipes</p>
<p><b>“Acho que dá pra dizer que cinquenta por cento atendem bem, e os outros ainda tem que melhorar”</b> (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Bom atendimento em 50%</p>
<p><b>“Faz muito tempo que não sei o que é ir em um lugar e sentir que há uma satisfação em atender. Só percebo que há um interesse financeiro e as relações desgastadas e frias”</b> (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>
<p><b>“Eu já tive vezes que fui muito bem atendida numa loja pela dona e mau atendida pela funcionária, [...]. Acho que varia muito de estabelecimento”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Atendimento depende do estabelecimento</p>
<p><b>“Eu gosto do atendimento que me dão. São sempre cuidadosos e prontamente vão em busca de algo que preciso”</b> (Maria, 20 anos).</p>	<p>Há bom atendimento e cuidado</p>
<p><b>“Um pouco atendem bem, outro pouco não, depende de como o cara tá vestido. Acho que eles acham que a gente porque mora no bairro Floresta não tem dinheiro”</b> (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor Disparidade entre centro e bairro</p>
<p><b>“Eu já fui em lojas que não fui bem atendida só porque eu estava com uma roupa simples. E na maioria acho que não sabem atender direito, nem o nome da gente perguntam, nem o que a gente quer eles se interessam e não falam direito da informação. Mas eu também já vi que, às vezes, a pessoa toda chique, cheia de jóias sendo atendida na loja de forma diferente, e a gente que tem menos que vai lá às vezes até te olham atravessado, como se a gente tivesse atrapalhando de estar lá. Mas elas não sabem o que tu tem na tua carteira, julgam sem conhecer ou sem saber”</b> (Maria, 18 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p><b>“Somos sempre bem atendidos eu e minha esposa”</b> (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Atendimento bom</p>
<p><b>“Vejo profissionais desqualificados atendendo e sem</b></p>	<p>Falta qualificação</p>

(Continuação)

<p><b>vontade de atender. Não vejo felicidade nas pessoas em vários lugares</b>” (Maria, 21 anos).</p>	<p>profissional</p>
<p>“Eu acho que <b>não atendem tão bem</b>, ainda mais se for alguém com mais idade, parece que <b>não tem paciência</b>. Senti isso, quando fui com minha vó algumas vezes comprar” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Falta felicidade</p> <p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e preconceito com idosos</p>
<p>“<b>Percebo muita gente estúpida e despreparada</b>. As funcionárias só faltam apedrejar quando a gente entra e pede alguma coisa que não está perto e que elas têm que ir no estoque buscar. Muitas demoram lá atrás e mentem que não tem. Sei porque minha namorada já foi na mesma loja no dia seguinte e a outra vendedora achou o que queríamos comprar” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Falta boa vontade</p>
<p>“Bah, <b>já fui muito mal atendido em lojas tradicionais aqui da cidade</b>, e se você chega na hora que eles estão lanchando no balcão ou entre eles estão contando piadas ou assuntos fora de ser de trabalho, aí parece que é pior, parece que a gente tá interrompendo” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Atendimento ruim</p> <p>Falta boa vontade</p>
<p>“Posso dizer que <b>sempre fui bem atendido</b>, não tenho reclamações. Mas também vejo que <b>há uma falta de conhecimento e falta saber entender o que o cliente pede</b>. Talvez falte mesmo é o atendente ou vendedor entender ele mesmo internamente, porque parece que nem sabem o que estão fazendo naquele lugar e talvez isso gere descontentamento e falta de vontade” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Bom atendimento</p> <p>Falta conhecimento, preparo e buscar saber as necessidades dos clientes</p>
<p>“Até atendem mais ou menos, não posso dizer que atendem bem, porque eu estaria mentindo, porque <b>já fui em cidades maiores e o atendimento é muito diferenciado, e aqui ainda não chegamos nesse nível</b>” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Comparação com outros lugares/cidades</p>
<p>“Nas lojas o <b>atendimento é muito impactado sobre o que você está vestindo ou o que você tem de poder aquisitivo</b>, vai depender disso para atenderem com vontade ou não” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Disparidade no atendimento pela condição financeira e pelo modo de vestir</p>
<p>“O que eu posso dizer, que <b>tem lugares e lugares</b>. Lugares que olham a roupa que a gente veste e fazem cara de nojo e <b>lugares que atendem com cortesia e até abraçam agradecendo a preferência</b>” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Depende do lugar é o atendimento</p> <p>Lugares com acolhimento</p> <p>Discriminação e preconceito em função</p>

(Conclusão)

	do vestuário do consumidor
<b>“Tem muita gente boa trabalhando no comércio e que tem ideais na vida sobre as relações entre as pessoas, e pensam que tem que se especializar e se aprimorar a todo instante, mas acho que falta ainda mais gente na cidade agir dessa maneira”</b> (Arthur, 22 anos).	Falta qualificação no atendimento e na comunicação  Há pessoas interessadas em melhorar a relação com os clientes
<b>“Sempre fui bem atendido, só elogios, massa mesmo”</b> (Arthur, 23 anos).	Bom atendimento
<b>“Somente alguns lugares dá pra dizer que atendem com excelência e sabem o que estão fazendo, porque, em mais de oitenta por cento não estão capacitados para fazer um bom atendimento”</b> (Arthur, 23 anos).	Falta qualificação no atendimento e na comunicação

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores jovens observam a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 36 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas, a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude)

(Continua)

Expressões-síntese
<b>Atendimento:</b>
Há lugares em que todos são tratados iguais
Há diferenciação no atendimento, dependendo da apresentação pessoal
Precariedade no atendimento
Disparidade no atendimento devido à condição financeira, pela aparência e pelo modo de vestir
Atendimento bom
Atendimento diferenciado para determinados tipos de moradores
Atendimento deixa muito a desejar
Atendimento depende do estabelecimento
Atendimento ruim
Falta preparo para o atendimento e para a comunicação
Falta conhecimento, preparo e saber das necessidades dos clientes
Falta felicidade
Falta boa vontade
Falta treinamento de equipes
Falta treinamento de equipes e capacitações
Falta implantar treinamento, conhecimento dos produtos e como comunicar bem
Falta preparo profissional
Falta melhoria no atendimento
Falta qualificação no atendimento e na comunicação
Falta preparo e interesse

(Conclusão)

<p>Necessidade de qualificação contínua Em alguns lugares, falta simpatia, vontade e preparo no atendimento Atendimento de ruim a péssimo Descaso com o atendimento aos moradores Falta qualificação e simpatia no atendimento Mal atendimento gera deslocamento para compras na internet Bom atendimento em 50% Bem acolhedor no comércio Excelente atendimento Há bom atendimento e cuidado Falta preparo em alguns lugares</p>
<p><b>Comunicação:</b> Falta preparação para comunicar e atender Falta treinamento para comunicar melhor Falta melhorar comunicação e atendimento Falta compreensão dos empresários Precisa mudança cultural de proprietários Necessidade de uma mudança cultural Falta interesse dos proprietários e de funcionários para ampliar conhecimento Há investimentos de alguns proprietários</p>
<p><b>Relações:</b> Preconceito com os indígenas Discriminação e preconceito com idosos</p>
<p><b>Nos diversos ambientes:</b> Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor Comparação com outros lugares/cidades Descuido com vitrines e produtos nas lojas Disparidade entre centro e bairro</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O próximo quadro a ser apresentado, o Quadro 37, apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 25 a 59 anos e referente à pergunta aberta: “Como você observa a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes?”.

Quadro 37 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p><i>“No ambiente de trabalho seria muito bom ter um treinamento para se adaptar e aprender mais como atender e se comunicar, mas falta muito em nosso comércio, são poucos os que tem”</i> (Maria, 32 anos).</p>	<p>Falta treinamento e capacitação para atender e comunicar</p>
<p><i>“Eu sinto que não tem preparo nem treinamento na maioria dos lugares e ambientes. Falta mais capacitação porque até na forma de falar de algum produto a gente sente que não estão sabendo o que dizem, não dão segurança. Alguns até sabem,</i></p>	<p>Falta treinamento de equipes Falta capacitação para o atendimento e para a</p>



(Continuação)

<p>conseguem agradar, satisfazem no atendimento, na comunicação. Mas, outros não” (Arthur, 25 anos).</p>	Comunicação
<p>“São poucos os lugares que ainda vou, mas sempre acabo comprando fora da cidade. E eu sei que isso impacta na economia de São Luiz, mas <b>já tentei por várias vezes em vários lugares, e sinceramente não dá</b>. Me imagino como morador e como turista também e <b>não é assim que desejo ser atendido</b>” (Arthur, 36 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Deslocamento para compra em outra cidade</p>
<p>“Acredito que <b>falta bastante para nós, nos tornarmos pessoas mais preocupadas um pouco com os outros. O bom atendimento em São Luiz não é assim uma coisa relatada com facilidade</b>. Treinamento, às vezes, se tem em relação aos funcionários, e mesmo assim, parece que tu não sente a coisa fluir. <b>Até os próprios gestores em relação à suas empresas, não tem aquele ‘up’ em relação a dar mais treinamento, a fomentar mais a coisa, porque São Luiz não tem indústria, não tem fábrica, não gira, nós vivemos de agricultura e pecuária, e o comércio nesse ponto ele é deficitário</b>. Infelizmente assim, o nosso crescimento, a nossa cidade, às vezes, as pessoas comentam muito, bah, não tem emprego, não arrumo emprego, <b>às vezes as pessoas querem exatamente a palavra emprego, não a dedicação, o trabalho</b>. E isso também é cultural. Porque quando a gente passa, por exemplo, até para um outro Estado, Santa Catarina que tu vê bastante fábricas, pessoal com mão de obra qualificada, procurando mais, desenvolvendo mais, São Luiz, em relação a isso, ficou no tempo. Hoje considero que infelizmente, que nossa cidade é uma cidade de pessoas idosas, as pessoas jovens saem fora, vão estudar fora, ficam fora procurando a sua vida. Porque <b>São Luiz não tem esse desenvolvimento cultural de aplicar na própria cidade, de comprar na própria cidade, de incentivar que o nosso dinheiro fique na nossa cidade e tenha mais renda, mais trabalho e assim por diante</b>” (Maria, 47 anos).</p>	<p>Falta um bom atendimento</p> <p>Necessita de mudança cultural</p> <p>Comparação com outros lugares/cidades</p>
<p>“<b>Eu tenho dúvidas se há uma falta de informação ou um desinteresse por parte de quem atende</b>, porque com toda essa tecnologia, com universidade na cidade, com cursos preparatórios para todas as áreas, on-line ou pessoalmente, as pessoas ainda não se conscientizaram de que devem melhorar, então não sei” (Maria, 59 anos).</p>	<p>Falta conscientização e interesse para gerar bom atendimento</p>
<p>“Tem o lado bom e o lado ruim. <b>O lado bom é que tem lugares que vou que já me conhecem, sabem os meus gostos e geralmente vou comprar com a mesma pessoa, daí é menos dolorido</b>. Mas, o lado ruim é que, às vezes, no mesmo lugar que você compra e é bem</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e</p>

(Continuação)

<p><b>atendido, você vê que entram pessoas desprovidas de boas roupas e daí o atendimento deles muda totalmente.</b> Até uma arrogância e prepotência aparece no atendimento deles, na mesma pessoa que está te atendendo. <b>Eu chamo isso de despreparo e falta de profissionalismo.</b> Então, penso que falta as lojas investirem em cursos, treinamentos, para que as pessoas possam entender quem elas são e o que estão fazendo ali” (Arthur, 25 anos).</p>	<p>preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p>“Penso que <b>existe um despreparo, principalmente por quem trabalha no comércio.</b> No passado existia até uma escola de formação que já não existe mais. Mas hoje é bem complicado, porque <b>se a gente vai só para olhar, parece que a gente é apedrejado e bombardeado pelos olhares.</b> Mas tem lugares que salvam o atendimento, embora seja muito reduzido isso” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Falta empatia</p>
<p>“É fácil encontrar gente <b>despreparada atendendo e dando informação errada.</b> Ainda estamos deixando a desejar para moradores e visitantes” (Maria, 36 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>
<p>“Eu <b>geralmente sou bem atendida,</b> por ser uma cidade pequena e por conhecer várias pessoas, até por já conhecer os donos dos estabelecimentos, acho que isso facilita. Mas <b>ainda sinto que falta as pessoas estarem preparadas para atender o morador e também o turista</b>” (Maria, 31 anos).</p>	<p>Há bom atendimento, para quem é conhecido</p> <p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>
<p>“<b>Temos boas lojas, bons comércios que os proprietários se preocupam em dar um treinamento para seus funcionários, mas se olharmos o todo do comércio, é uma parcela reduzida de pessoas que fazem isso,</b> o restante fica só naquele jeito meio tosco de atender e não sai do chão. Se a nossa cidade está se desenvolvendo para o turismo, como é que as pessoas vão continuar a pensar no modo do século passado?” (Maria, 45 anos).</p>	<p>Falta ampliar o treinamento e preparo no atendimento</p>
<p>“Eu acredito que <b>tem diversas empresas particulares que até tem um atendimento mais diferenciado com pessoas mais capacitadas para atender, mas de uma forma geral São Luiz Gonzaga tem um serviço muito precário no atender,</b> Prefeitura é precária, Hospital, Posto de Saúde é precário. No meu consentimento, já precisei desses serviços e somos mal atendidos, e não sei, não há troca de profissionais, mesmo havendo reclamações. <b>Mantém as mesmas pessoas, a mesma rotina, e quem leva a pior é o público. O mesmo acontece no comércio, com um atendimento na maioria das vezes ruim</b>” (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Falta ampliar o treinamento e preparo no atendimento</p> <p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p>
<p>“Percebo que de um tempo para cá, <b>as pessoas estão</b></p>	<p>Falta qualificação no</p>

(Continuação)

<p><b>investindo mais em treinamentos, as pessoas estão se preparando mais para seus setores. Mesmo assim, ainda há o preconceito quanto à aparência de quem chega nos locais de comércio</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor</p>
<p><b>“Eu sempre fui bem atendida, mas acho que às vezes as pessoas não estão gostando de estar naquele lugar onde estão trabalhando e deixam a desejar. Fazem às vezes até um atendimento mecânico, só para dizer que fez. Por isso, acho que falta preparação e uma boa capacitação para melhor atender as pessoas e diferentes públicos</b>” (Maria, 37 anos).</p>	<p>Falta melhor preparo e capacitação no atendimento</p> <p>Insatisfação no trabalho</p>
<p><b>“Eu sempre sou bem atendida em todos os lugares que frequento. Até porque se alguém me atender mal, vou direto reclamar, porque é um direito ao consumidor de ser bem atendido. Mas quanto à qualidade no atendimento, isso não adianta reclamar, porque entra ano e sai ano e não há treinamento</b>” (Maria, 40 anos).</p>	<p>Falta qualidade no atendimento</p> <p>Falta treinamento de equipes</p>
<p><b>“Uma porcaria. Gente estúpida e mau humorada. Por isso tenho comprado em outra cidade</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Deslocamento para comprar em outra cidade</p>
<p><b>“Eu diria uma falta de respeito. Não são em todos os lugares, mas quase todos. Parece que atender bem, dar informações, ser gentil, comunicar com qualidade, é uma coisa rara na cidade. Se não houver um treinamento urgente não vai ter turista querendo voltar</b>” (Maria, 49 anos).</p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Falta comunicação sensível</p> <p>Falta empatia</p>
<p><b>“A comunicação nas empresas ainda é deficitária. Alguns cursos nessa área já foram ofertados na cidade com algumas parcerias, mas a aderência das empresas foi bem pouca</b>” (Arthur, 37 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação</p> <p>Necessidade de conscientização empresários</p>
<p><b>“Tem muita diferenciação conforme o lugar que tu vai é o tratamento. Tem distinção de classe social e de condição financeira. Falta muito treinamento e capacitação, não vou dizer que todo mundo está despreparado, mas principalmente no comércio temos</b></p>	<p>Falta qualificação no atendimento e na comunicação</p> <p>Discriminação e preconceito em função</p>

(Continuação)

<p>essa deficiência, com turista e com as pessoas que moram aqui” (Maria, 54 anos).</p>	<p>do vestuário e classe social do consumidor</p>
<p>“A <b>relação nos ambientes é, às vezes, prejudicada, havendo um distanciamento entre gestor, dono, funcionário e cliente. Há locais em que há um tratamento mais interessante, mas em muitos outros há um atendimento nada profissional. Vejo que falta mais preparo, mais qualificação, mais treinamento. Para que possamos ser de fato uma cidade turística com turistas frequentando os espaços juntamente com o morador, não podemos achar que distinção de classe social ou situação financeira seja um bloqueio para o bom atendimento</b>” (Arthur, 26 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação</p> <p>Necessidade de conscientização de empresários</p>
<p>“<b>Varia muito, tem pessoas que te tratam super bem e atendem bem, tu se sente bem e quer até voltar, mas tem muitos outros lugares que tu chega e não dá nem vontade de voltar e nem de tá ali</b>” (Maria, 55 anos).</p>	<p>Há variação no atendimento em diferentes lugares</p>
<p>“<b>Eu acho que um péssimo atendimento é o do hospital. É bem desumano o jeito que atendem. É feio. É velho. É sujo. Tu senta numas cadeiras rasgadas. Você senta lá e leva mais de meia hora para ir para uma triagem, que medem a pressão. E depois volta e espera mais ainda. Tu volta para aquelas cadeiras no frio. E tu enxerga o médico no vidro mexendo no celular e conversando com os funcionários nas risadas, e não se importa se tem 20 ou 30 pessoas esperando e nem a condição de dor de cada um. Teve até uma vez que eu fotografei o crachá de uma atendente que não tava nem aí e passou na frente outras pessoas sem respeitar a vez, e se não fosse eu ter feito isso, a minha irmã não teria sido atendida na vez dela, teriam passado mais pessoas na frente. E a funcionária estava, sei lá, no whats, no face, rindo à toa, e cada vez que alguém chegava para perguntar algo ela fechava a cara e atendia bem com má vontade. Então, esse é o reflexo que temos de atendimento na cidade, começando pelo Hospital, pela área de saúde, principalmente se é o SUS que tem mais gente que necessita. E no comércio, há uma acomodação. Há um mal atendimento. Há uma má vontade. Salvas algumas empresas que têm um atendimento bom, com donos e gerentes preparados, mas não o suficiente para uma cidade com uma história turística que quer atrair mais turistas</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Precariedade no atendimento público</p> <p>Falta boa vontade dos funcionários</p> <p>Acomodação</p>
<p>“<b>Eu sempre fui bem atendida e sempre atendi bem, tanto que tinha gente que vinha na loja e esperava para ser atendida por mim. Sempre fui sincera e procurava nos meus horários de folga me inteirar mais dos assuntos e produtos da loja. Hoje não trabalho mais no</b></p>	<p>Memória/Nostalgia</p> <p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p>

(Continuação)

<p>comércio, mas vejo que a maioria não faz como eu fazia, só está ali. E acho isso de uma falta de respeito com o proprietário e com o próprio morador e também com o visitante que não tem culpa do azedume do atendente. <b>Precisa fazer uma qualificação de profissionais no mercado de trabalho para se ter retorno no turismo em São Luiz Gonzaga</b>” (Maria, 41 anos).</p>	<p>Necessidade de conscientização</p>
<p>“<b>Não tomam iniciativa, não fazem além do básico no atendimento, não se esmeram para cativar o cliente.</b> Poucos são os lugares em São Luiz que a gente pode dizer que vai e é bem atendido e que tem profissionais qualificados e dispostos” (Maria, 27 anos).</p>	<p>Falta iniciativa, atitude Falta qualificação na comunicação e atendimento</p>
<p>“<b>Eu acredito que São Luiz, por ter uma característica de acolhedor, de ser mais humano, então, talvez o que falte é uma capacitação, um treinamento adequado,</b> porque às vezes, a gente ouve <b>comentários sobre distinção no atendimento por causa de roupa, da condição financeira.</b> Se pensarmos em cidade em desenvolvimento não poderemos agir assim, nem com o turista, nem com o morador” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta treinamento de equipes e capacitação Disparidade no trato das pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira</p>
<p>“<b>Ainda é muito precária em bom atendimento, um exemplo que tenho é que na saúde há um descaso horrível,</b> aqui é muito descarado o atendimento. Eu fui em Santo Ângelo e fui muito bem atendida. [...] Outra coisa é no comércio, <b>poucas são as empresas que tem um profissional capacitado e preparado para atender.</b> Turista então nem se fala. Já vi gente fazendo pouco caso de turista justamente porque eles não eram daqui. Então há uma falta de informação e também percebo até uma falta de vontade nos atendentes, e isso de maneira geral” (Maria, 51 anos).</p>	<p>Falta bom atendimento na saúde Comparação com Santo Ângelo Falta preparo e treinamento no comércio Falta boa vontade</p>
<p>“<b>Faz um bom tempo que a preocupação com o outro foi esquecida e a comunicação virou monossilábica</b>” (Arthur, 57 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p>
<p>“<b>Eu sempre fui bem atendido, mas é claro que tem vezes que já me olharam de atravessado porque eu estava de chinelo e abrigo.</b> Mas eu não ligo, é meu jeito. Só que <b>tem bastante pessoas despreparadas em atender.</b> Tem que qualificar, treinar” (Arthur, 34 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento Discriminação e preconceito em função do vestuário e classe social do consumidor</p>
<p>“<b>Só não é pior porque em alguns casos atendem bem, mas não é um exemplo de bom atendimento porque é muito deficiente nesse aspecto.</b> Só atendem se tu tiver bem vestido, e aqui quem tem dinheiro e lida com a terra nem anda bem vestido, e quem não tem dinheiro anda parecendo que ostenta, até o que não tem. E nas lojas e</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento Discriminação e preconceito em função</p>

(Continuação)

<p>mesmo em lugares de saúde ou locais que tem atendimento de concursados, é muito ruim. Não são todos, mas uma grande maioria. <b>Não atendem bem, não sabem dar informação correta, tem preguiça de ver o que você pede.</b> Estão em sua maioria destreinadas, sem capacitação para atender o público daqui e nem o que chega, o visitante, turista” (Maria, 28 anos).</p>	<p>do vestuário e classe social do consumidor</p> <p>Falta preparo, boa vontade e treinamento no atendimento</p>
<p>“Eu vejo que <b>falta muito esse jeito de atender bem.</b> Só olham a gente de cima até embaixo e, se você não está bem vestido, nem querem atender. Assim como tem lugares que atendem bem e as donas são bem de vida, mas não fazem distinção de quanto a gente tem na carteira. Só que no comércio <b>falta muito treinamento e comunicar melhor</b>” (Maria, 47 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p> <p>Discriminação e preconceito em função do vestuário e classe social do consumidor</p> <p>Falta treinamento e preparo no atendimento e na comunicação</p>
<p>“Eu mesmo só vou aqui em lojas que eu já conheço os donos e o vendedor, porque <b>em lugares que fui que não me conheciam que trataram muito mal, foram bem hostis, e já presenciei atendimentos ruins a turistas, com falta de informação e falta de vontade, porque estavam só perguntando de pontos turísticos e lugar para dormir, não iam gastar na loja.</b> Falta essa preocupação de olhar para o outro que chega ou que mora aqui com um outro olhar. E falta as pessoas estarem capacitadas e perceber que cada público é diferente e que precisam <b>ser atendidos com cortesia e boa vontade, não só pela comissão</b>” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Falta preparo</p> <p>Falta boa vontade no atendimento</p> <p>Falta empatia</p>
<p>“Eu acho que o comércio em si, a gente é bem recebido, são gentis, educados. [...] se você está um pouco melhor vestida, você é um pouco melhor tratada, e se você está um pouco mais simples, já não. Mas isso assim é relativo porque tem lugares que isso não faz diferença. Ainda tem essa separação de classes muito fixada na mentalidade errônea das pessoas. [...] E outra coisa que eu acho que peca muito ainda em São Luiz é com relação à saúde, nunca fui mal atendida, mas, eu não vejo uma modernização, uma gestão para frente no hospital, equipamentos ultrapassados. Por mais que contratem médicos, e tem bons médicos, mas eu acho que falta principalmente uma atenção na área hospitalar. [...] Muita gente sai de São Luiz para ir à Santo Ângelo, Ijuí e Cruz alta para consultar com os especialistas, sendo que São Luiz tem esse ramo aberto mas <b>não tem esse</b></p>	<p>Há um bom atendimento</p> <p>Há disparidade no tratamento das pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira</p> <p>Falta preparo</p> <p>Falta disponibilidade</p>

(Continuação)

<p><b>preparo e essa disponibilidade</b> ainda para o público. Eu acho que a própria categoria médica poderia perceber isso, falta otorrino, ortopedista, traumatologista, dermatologista. [...] Eu acho que em relação a academias, restaurantes, comércio em si, hotelaria, está bom de desenvolvimento, porém, <b>falta capacitação de profissionais para atender, nessas áreas também</b>" (Maria, 45 anos).</p>	
<p>"Tanto as grandes redes que estão vindo para cá quanto as lojas mais tradicionais daqui <b>precisam se reciclar</b>, porque só algumas que têm treinamento. Nas outras, uma boa parte não tem essa visão e atende mal o turista. E mais do que isso, atende mal o morador daqui, que também tem interesse em consumir. Está bem precário" (Maria, 54 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p>
<p>"Eu nunca me senti maltratado em algum lugar que eu fui. Só sinto que <b>falta treinamento e preparo</b> na maior parte dos lugares" (Arthur, 38 anos).</p>	<p>Falta treinamento e preparo no atendimento</p>
<p>"Vejo que temos uma <b>relação precária de comunicação e qualificação</b>. Ainda temos funcionários e empresários vivendo no século passado e sem perspectiva de melhorias em suas instalações" (Arthur, 29 anos).</p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p> <p>Necessidade de conscientização e atualização de empresários e funcionários</p>
<p>"<b>Há profissionais excelentes que atendem bem</b>, desde para fazer uma costura, uma reforma, até para vender um carro, <b>mas esses são uma pequena quantidade</b>. E <b>há uma grande quantidade que não se atualiza, não sabe porque está naquela loja, vai deixando o tempo passar, reclama até para a gente que vai lá</b>. Eu penso assim, se não está contente ou tenta melhorar, se conhecer para saber o que pode fazer ou deixa o espaço para outro. Porque às vezes o dono nem sabe do que está acontecendo e a loja está perdendo clientes" (Arthur, 46 anos).</p>	<p>Há profissionais excelentes</p> <p>Em geral, no entanto, falta qualificação na comunicação e atendimento</p> <p>Necessidade de conscientização e atualização de funcionários</p>
<p>"Em relação ao atendimento não tenho muito problema porque todo mundo me conhece e sou bem atendida. Mas sinto que <b>os profissionais, numa maioria, estão sem preparo para atender os turistas e para atender os moradores [...]</b>" (Maria, 52 anos).</p>	<p>Falta preparo e treinamento</p>
<p>"Percebo que <b>a comunicação e o atendimento deixam muito a desejar</b>. Em poucos lugares há um atendimento bom, cortês, mas em muitos lugares, há <b>só um interesse em saber quanto você pretende gastar na loja. Não</b></p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p>

(Continuação)

<p><b>vejo uma humanização no atendimento</b> que nem mostra naquela propaganda do posto que dá na televisão” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Falta humanização no atendimento</p>
<p><b>“Eu acho que as empresas aqui têm muito a cara de seu dono. Então, tem lugares que os funcionários reclamam, atendem mal, mas pode ser o reflexo da maneira com que o dono trata. Porém, tem lugares ótimos, com pessoas bem-dispostas para atender, funcionários sempre prontos e sorridentes. Nota-se que as pessoas estão felizes por estar naquele ambiente de trabalho, que parecem ter uma remuneração justa, tem uniforme bonito e novo e são valorizados pelos donos. Um bom exemplo disso é o Mano do supermercado Ponto Certo que dá oportunidades para seus funcionários aprenderem. Mas em contrapartida, tem muitas empresas que não dão esse reconhecimento, não dão esse salário que seria justo. E em boa parte dos estabelecimentos não há treinamento para ampliar os conhecimentos e nem sobre melhorar o atendimento”</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Atendimento depende do proprietário do negócio e da satisfação do trabalhador com ambiente e salário</p> <p>Falta treinamento de equipes e ampliar conhecimentos</p>
<p><b>“Eu acho que em todos lugares têm um bom atendimento”</b> (Maria, 29 anos).</p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p><b>“Eu vejo que, em vários lugares, até há um bom atendimento, mas penso que bom atendimento não é diferencial, é obrigação. E olhando pelo lado do algo mais, vejo que em grande maioria não estão preparados para atender, vejo só um atendimento mecânico, sem preocupação com quem está ali. [...]”</b> (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Na maioria, falta preparação e treinamento no atendimento</p>
<p><b>“O bom atendimento e a comunicação entre pessoas de uma empresa só há em menos de dez por cento da cidade. O restante ainda vive de atendimentos rupestres”</b> (Arthur, 34 anos).</p>	<p>Falta ampliar o bom atendimento e a comunicação</p>
<p><b>“Percebo que há uma vontade de algumas pessoas, mas de muitas não tem. As pessoas me olhavam e continuavam no celular ou escoradas no balcão, e nada. Isso, de uma maneira geral, porque tem algumas poucas que são exceção à regra, que cuidam de quem vai até lá mesmo que seja para somente averiguar preço. Mas depois voltam pelo atendimento. Mas isso é minoria”</b> (Arthur, 29 anos).</p>	<p>Falta boa vontade e qualidade no atendimento</p>
<p><b>“Minha namorada não é daqui da cidade, então, se pensar ela é turista, e ela já foi em lojas aqui e desistiu de comprar porque o tratamento foi horrível e um despreparo maior ainda”</b> (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Falta preparo e treinamento no atendimento</p> <p>Visitante desistiu de comprar</p>
<p><b>“Em muitos lugares somos bem atendidos. Temos a Universidade URI aqui que tem formado bons</b></p>	<p>Falta boa vontade e qualidade no</p>



(Continuação)

<p><i>profissionais em suas áreas de estudo. Mas se olharmos o atendimento do comércio, esse está bem complicado. Pouca gente capacitada e interessada”</i> (Arthur, 37 anos).</p>	<p>Atendimento</p>
<p><i>“O atendimento é ainda com um bairrismo, que as pessoas te olham de um modo diferente, mas isso em lojas mais tradicionais. Mas tem também as lojas mais baratas que vendem a menos preço, não se importam com o público mais pobre. Mas em termos de capacitação, acho que falta muita coisa ainda, que deixam muita coisa a desejar”</i> (Maria, 37 anos).</p>	<p>Falta capacitação e preparo</p> <p>Discriminação e preconceito em função do vestuário e classe social do consumidor</p>
<p><i>“Tem várias questões aí. No setor público se vê uma falta de harmonia e comunicação, isso é visível. Tem setores que tem uma dificuldade de atender pessoas, de fazer o mínimo do que lhe é necessário. E isso acontece em setor público, em média uns 80%. Não vejo essa doação de atender bem. Acho que falta incentivo e qualificação. E no atendimento em geral na cidade, tem pessoas se qualificando. Falta muito também. Falta qualificar. Falta conhecimento sobre pontos turísticos, sobre a cidade, sobre o conhecimento do que a empresa oferece. É preciso plantar para colher. E isso já está sendo feito”</i> (Maria, 42 anos).</p>	<p>Falta harmonia e comunicação no setor público</p> <p>Falta qualificação</p> <p>Falta conhecimento</p>
<p><i>“Eu posso relatar que em algumas vezes fui bem atendida em vários lugares, mas que também já voltei em lugares que teve dias que não fui bem atendida pelo mesmo funcionário. Quem sabe tenha sido um problema pessoal deles, ou insatisfação com a empresa. Então, penso que varia muito o atender. Mas falta mais capacitação e treinamento em relação à comunicação entre clientes e atendentes. E não digo isso só porque tem um turista que vem pra conhecer, eu digo por nós que moramos aqui e também esperamos esse bom atendimento e preparo que nunca chega”</i> (Maria, 46 anos).</p>	<p>Falta capacitação e treinamento na comunicação e no atendimento</p>
<p><i>“Em pleno século XXI, em São Luiz Gonzaga, numa cidade que quer ser um lugar de turismo, ainda tem muitos estabelecimentos que não se informatizaram e muito menos que proporcionaram capacitação a seus colaboradores”</i> (Maria, 30 anos).</p>	<p>Falta tecnologia e capacitação aos colaboradores</p>
<p><i>“Eu acredito que aqui tem dois extremos. Nós temos profissionais com uma comunicação maravilhosa, independente de como você está, mas tem profissionais que ainda hoje se importam e tem um tratamento diferenciado com o que veste. Eu acho que olham mais pela aparência do que pelo caráter. Precisa ter uma melhoria nos treinamentos, em cursos, em preparação dos funcionários que ainda falta”</i> (Maria, 35 anos).</p>	<p>Há dois extremos: bom e mal atendimento</p> <p>Há profissionais que discriminam pelo vestuário do cliente, e outros não</p>

(Continuação)

	Falta preparação, cursos e treinamentos
<b>“Eu não percebo distinção com classe social, também vejo que há alguns lugares que atendem muito bem, estão preparados, se comunicam muito bem no comércio, assim como tem alguns que a gente nota não tem preparo, não se comunicam bem e não tem aquele amor no atendimento e nem gentileza para atender”</b> (Maria, 58 anos).	Lugares com bons atendimentos e outros não
<b>“Tem lugares bons, bem preparados e tem lugares ruins, sem preparo algum”</b> (Arthur, 59 anos).	Lugares com bons atendimentos e outros não
<b>“Já foi melhor em atendimento. Não posso dizer que sou mal atendido porque não sou. Sempre fui bem tratado, mas reconheço que falta treinamento e capacitação de pessoas para atender e comunicar melhor”</b> (Arthur, 28 anos).	Falta treinamento e capacitação para atender e para comunicar
<b>“Comércio aqui em geral atendem mal, depende de como o cara tá vestido. Explicam pouco, não conhecem o produto e não sabem dar as características. Tem uma que outra loja que tem os funcionários capacitados, mas no resto não tem ainda”</b> (Arthur, 32 anos).	Falta ampliar preparo e treinamento para o atendimento Há disparidade no trato com pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira
<b>“Também percebo isso em postos de gasolina: a preferência do bom atendimento para quem tem o melhor carro e a melhor roupa. Também acho que não tem treinamento, nenhum curso que possa dar uma melhoria para as pessoas. Até notei que uma vez fui na farmácia Panvel e uma moça com sotaque de fora que mora aqui, o atendimento dela é bem melhor do que as outras pessoas que já me atenderam lá, talvez por ela ter vindo de fora, tenha tido outros cursos e preparo”</b> (Arthur, 28 anos).	Há disparidade no trato com pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira Falta treinamento de equipes
<b>“Gosto dos atendimentos que eu uso aqui em São Luiz. Eu morava em Camboriú/SC e tive meu filho aqui, no hospital daqui de São Luiz. Eu fui super bem atendida no hospital. Eu sou bem atendida nos lugares aonde eu vou aqui, em lojas, farmácias, academia né [...]”</b> (Maria, 31 anos).	Há um bom atendimento
<b>“Estamos em déficit de pessoas qualificadas e pré-dispostas a fazer um atendimento de primeira linha”</b> (Maria, 33 anos).	Faltam pessoas qualificadas e pré-dispostas
<b>“Eu trabalho em loja e vejo que há uma precariedade em atender bem e não importa se é turista ou se é morador. O jeito de atender deixa muito a desejar. Nós temos</b>	Precariedade na qualidade de atendimento

(Continuação)

<p>treinamento, às vezes, mas não é muito investido nisso. Deveria ter mais. Até porque <b>tem vezes que os atendentes dão a impressão de estar perdidos no mundo, sem saber para que lado vão, ou o que querem fazer na vida.</b> Aí é mais complicado ainda. <b>E um treinamento para que as pessoas tenham o autoconhecimento ajudaria muito</b>” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta treinamento de equipes</p>
<p>“A cidade enfrenta um período de pouco investimento e de poucos lucros. Talvez por esse cenário é que a maioria dos lugares não tem procurado se especializar. Mas <b>precisa, se quisermos crescer</b>” (Maria, 39 anos).</p>	<p>Poucos investimentos, poucos lucros Falta especialização</p>
<p>“A gente percebe que é impressionante o comportamento, <b>quando te atendem, brigam pela comissão para ver quem vai atender primeiro, mas depois, não mostram boa vontade em mostrar tudo ou explicar direito.</b> A relação é bem fraca. Aí você pensa nos donos que fazem um investimento nas mercadorias e o funcionário não tem a vontade de ir no estoque ver o que ele tem de produto” (Maria, 42 anos).</p>	<p>Disputa do cliente Atendimento fraco e desinteressado</p>
<p>“Em alguns lugares tem sim um preparo, tem uma disponibilidade em querer atender que a gente se sente bem, as pessoas fazem mais do que é pedido, mas é uma minoria. A maioria não vê dessa forma, <b>precisa ter um olhar humano, ter um conhecimento do que está fazendo.</b> Olha a importância disso pro turismo. Porque por mais que você não chegue para comprar, no caso de um turista que vem e o que ele vai levar? A imagem negativa da cidade? Não dá mais para agir assim, <b>precisamos evoluir</b>” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Na maioria, falta preparo e capacitação Falta mais humanismo Falta conhecimento</p>
<p>“A gente percebe que <b>a pessoa está ali fazendo o básico, assim, e mais nada, tentando só se livrar logo do cliente. Como se a pessoa não se conhecesse a si própria e não soubesse o que pode fazer.</b> Isso não é uma regra geral na cidade, tem muitas pessoas que atendem bem e que fazem o possível para atender melhor sempre o cliente, mas ainda são poucas na cidade assim” (Arthur, 43 anos).</p>	<p>Na maioria, atendentes fazendo o básico, querendo se livrar do cliente</p>
<p>“É bem complicado. Já fui em loja com pessoas que vieram nos visitar e <b>as pessoas nos lugares dando preferência pra mensagem no celular do que pra atender e se dispor a ver o que tinha.</b> Tem alguns poucos lugares que se salvam e te atendem bem, mas depende muito da postura do dono e da vontade dos funcionários. <b>Acho que se tivesse mais curso de capacitação na cidade para mostrar pras pessoas que elas podem aprender, talvez elas mudassem o ponto de vista</b>” (Arthur, 59 anos).</p>	<p>Falta interesse, vontade Atendimento depende da postura do dono e vontade dos funcionários Necessita de capacitação profissional</p>

(Continuação)

<p>“Eu acho que <b>precisa ter mais treinamento, capacitação, vontade, atitude</b>, porque aqui falta muito em muitos lugares que a gente percebe, no tratamento com o morador e com o turista. Mas, não somente em São Luiz, mas em todos os lugares. Exemplo, vai ser recepcionista, vai ser vendedor, vai ser atendente, até um açougueiro, pra ti saber como se expressar, como conversar com o povo, ter um curso para qualificar, deixar a pessoa preparada para o mercado de trabalho” (Maria, 46 anos).</p>	<p>Necessita de treinamento, capacitação, vontade, atitude</p>
<p>“[...] vejo também, que <b>os proprietários não se interessam muito em dar treinamento para os funcionários, é como se pensassem que é dinheiro jogado fora</b>. E daí fica uma situação chata quando vem turista e não sabem nem dizer do que o produto é feito, e muito menos dar atenção e cortesia” (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Falta conscientização dos proprietários</p> <p>Falta interesse, vontade</p> <p>Falta treinamento de equipes</p>
<p>“Aí é uma dificuldade, <b>porque normalmente somos mal atendidos</b>. Mas não é um mal atendimento seja comércio, serviços, funcionalismos públicos, não é um mal atendimento de quem não queira fazer correndo, <b>é um mal atendimento de quem não tem orientação, falta preparo, falta um curso de como atender pessoas, né</b>. [...] Eu não vejo de que é uma má vontade de quem nos atende, mas vejo nitidamente um <b>despreparo profissional</b>. Deveria haver e não há uma organização das entidades, do comércio, da indústria, para preparar melhor essas pessoas, porque, muitas vezes, você entra num local, demora para ser atendido e depois não te atendem como desejado” (Arthur, 44 anos).</p>	<p>Falta preparo e capacitação profissional</p>
<p>“Eu vejo que <b>falta muito treinamento</b>, que as pessoas deveriam saber o que estão dizendo nas lojas, porque a gente entra e querem enfiar produtos na gente sem muitas vezes nem perguntar o nosso nome. E se você pede uma coisa mostram outras, até às vezes com preguiça de pegar o produto que está mais alto ou no estoque” (Maria, 29 anos).</p>	<p>Falta treinamento de equipes, boa vontade e preparo no atendimento</p>
<p>“Eu vejo que, <b>na loja em que eu trabalho, o atendimento é primordial. O cliente chega e ele é o foco das atenções, sempre fizemos reunião para ver sobre isso</b>. Mas vejo que, em outros lugares, falta que o próprio gerente ou dono dê um empurrãozinho porque as pessoas não têm essa iniciativa, e daí fica ruim pro turista que vem com uma ideia de ser atendido e feio até pro morador também que depende daqui” (Maria, 46 anos).</p>	<p>Necessita ampliar o bom atendimento, o preparo e a capacitação profissional</p> <p>Falta conscientização de empresários e gestores</p>
<p>“É uma preocupação que eu sempre tive, e essa</p>	<p>Falta treinamento de</p>

(Continuação)

<p><i>interligação entre as pessoas é sempre problemática, porque tem vários locais que <b>é notório essa falta de atenção, de atendimento, de conhecimento. Embora as pessoas se esforcem para fazer um atendimento, elas não vestem a camiseta e, às vezes, até são rudes. É preciso mais treinamento, cursos, palestras, e é bom ter essas ferramentas em todas as áreas, até mesmo de teatro, porque desinibe e faz se sentir melhor e depois conseguir colocar na vida pessoal e no serviço também</b></i>” (Arthur, 56 anos).</p>	<p>equipes, cursos, palestras</p> <p>Necessita ampliar conhecimentos em várias áreas para o bom atendimento</p>
<p><b>“Já me aconteceu muito das pessoas não te darem a devida atenção e nem o respeito, mas agora, no momento em que tu se mostra com o potencial gastador, aí muda o atendimento. Então eu acho que falta capacitação profissional para o atendimento ao morador e para o turista”</b> (Arthur, 38 anos).</p>	<p>Falta interesse, vontade</p> <p>Falta capacitação profissional</p>
<p><b>“Eu tenho uma situação para relatar que fui para comprar uma bolsa e o vendedor não quis me atender e nem me vender porque eu não estava bem vestida naquele dia. Assim como eu tenho o Supermercado Ponto Certo que sempre vou e sempre sou bem atendida. Porque às vezes a gente está fazendo as coisas em casa e sai pra comprar algo do jeito que está, e tem muitos lugares que nem querem dar informações, acho que é má vontade. E treinamento nem se fala. Falta muito”</b> (Maria, 50 anos).</p>	<p>Disparidade no atendimento pela maneira de vestir</p> <p>Há lugares que prezam pelo bom atendimento</p>
<p><b>“Em restaurantes tratam bem, atendem bem, informam. Em lojas, muda tudo”</b> (Arthur, 45 anos).</p>	<p>Bom atendimento nos restaurantes</p> <p>Falta atendimento bom no comércio</p>
<p><b>“Os lugares que vou aqui em São Luiz, talvez por eu já ser bem conhecida e por ser professora, não tenho reclamações do atendimento”</b> (Maria, 52 anos).</p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p><b>“No quesito atendimento, em qualquer setor é bastante ruim. Só vale a roupa que se usa, a classe social que se ostenta. É assim que vendedores e donos de empresas olham para as pessoas. São pouquíssimas as empresas que têm um olhar diferenciado, porque, em sua maioria, nem se importa e, em alguns casos, são tão grosseiros que seria mais fácil atender cavalos do que pessoas”</b> (Maria, 30 anos).</p>	<p>Falta preparo e capacitação</p> <p>Disparidade no atendimento pela maneira de vestir</p> <p>Falta conscientização de empresários</p>
<p><b>“Eu uso muito a internet porque já fui em lojas que me deixaram no vácuo, pedi o produto e a vendedora voltou quase dez minutos depois e pediu desculpas, mas ela tinha esquecido o que eu tinha pedido. Que loucura. Teve também outra vez que fui numa boutique conhecida, que</b></p>	<p>Deslocamento para compras na internet, devido ao mal atendimento</p>

(Conclusão)

<p><i>a dona se diz chique, e tentaram incluir na minha compra produtos que eu não queria, e ficou nitidamente claro que a moça tinha que fechar a meta, ainda mais porque era bem no final do mês. Resultado, quando me senti ofendida com isso, desisti de fazer a compra. E eu tinha que ir numa festa na outra semana. Mas daí fui em outra cidade e comprei lá”</i> (Maria, 31 anos).</p>	<p>Deslocamento para compras em outra cidade</p> <p>Descaso com o cliente</p> <p>Falta preparo e capacitação</p>
<p><i>“Falta questão técnica, treinamento, capacitação, boa vontade”</i> (Arthur, 33 anos).</p>	<p>Falta treinamento de equipes e capacitação</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores adultos observam a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes, e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 38 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>Atendimento:</b></p> <p>Falta treinamento de equipes e capacitações</p> <p>Falta treinamento de equipes</p> <p>Falta qualificação no atendimento</p> <p>Necessita de mudança cultural</p> <p>Falta um bom atendimento</p> <p>Falta conscientização e interesse para gerar bom atendimento</p> <p>Falta empatia</p> <p>Há bom atendimento, para quem é conhecido</p> <p>Falta ampliar o treinamento e preparo no atendimento</p> <p>Falta melhor preparo e capacitação no atendimento</p> <p>Falta qualidade no atendimento</p> <p>Falta boa vontade</p> <p>Falta preparo, boa vontade e treinamento no atendimento</p> <p>Falta pessoas qualificadas e pré-dispostas</p> <p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p> <p>Falta disponibilidade</p> <p>Falta humanização no atendimento</p> <p>Falta bom atendimento na saúde</p> <p>Disputa do cliente</p> <p>Atendimento fraco e desinteressado</p> <p>Falta mais humanismo</p> <p>Na maioria, atendentes fazendo o básico, querendo se livrar do cliente</p> <p>Falta interesse, vontade</p> <p>Falta atendimento bom no comércio</p> <p>Atendimento depende da postura do dono e vontade dos funcionários</p> <p>Necessita ampliar conhecimentos em várias áreas para o bom atendimento</p> <p>Há variação no atendimento em diferentes lugares</p>

(Conclusão)

Atendimento depende do proprietário do negócio e da satisfação do trabalhador com ambiente e salário  
 Há dois extremos: bom e mal atendimento  
 Precariedade no atendimento público  
 Falta boa vontade dos funcionários  
 Falta boa vontade e qualidade no atendimento  
 Acomodação  
 Lugares com bons atendimentos e outros não  
 Deslocamento para compras na internet, devido ao mal atendimento  
 Descaso com o cliente  
 Há um bom atendimento  
 Bom atendimento nos restaurantes  
 Há lugares que prezam pelo bom atendimento

**Comunicação:**

Falta comunicação sensível  
 Falta harmonia e comunicação no setor público  
 Falta conhecimento  
 Falta tecnologia e capacitação aos colaboradores  
 Falta especialização  
 Falta treinamento, cursos, palestras  
 Necessidade de conscientização empresários  
 Necessidade de conscientização e atualização de empresários e funcionários  
 Necessita de treinamento, capacitação, vontade, atitude  
 Necessita de capacitação profissional  
 Há profissionais que discriminam pelo vestuário do cliente, e outros não  
 Falta preparação, cursos e treinamentos  
 Em geral, no entanto, falta qualificação na comunicação e atendimento  
 Poucos investimentos, poucos lucros  
 Há excelentes profissionais

**Nos diversos ambientes:**

Deslocamento para compra em outra cidade  
 Discriminação e preconceito em função do vestuário do consumidor  
 Discriminação e preconceito em função do vestuário e classe social do consumidor  
 Comparação com outras cidades  
 Comparação com Santo Ângelo  
 Há disparidade no tratamento das pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira  
 Deslocamento para compras em outra cidade

**Turismo:**

Turista desistiu de comprar

**História:**

Memória/Nostalgia

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Por fim, Quadro 39, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária acima de 60 anos e referente a pergunta aberta: “Como você observa a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes?”.

Quadro 39 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade)  
(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p><i>“Eu como sou muito observadora, percebo que, <b>falando em comércio, falta um pouco mais de qualificação, dos jovens, dos adultos e de todos.</b> Em alguns lugares até já tem esse olhar, mas, na grande maioria, parece que tem uma certa acomodação em querer se especializar e melhorar o seu ambiente. Essa questão também entra as informações. <b>As pessoas têm pouca informação do que acontece na cidade. Se chega um turista, seja para ser atendido em algum serviço, comércio ou até em determinados espaços turísticos, os públicos das empresas e estabelecimentos e comércio em geral, não sabem dizer o que está acontecendo na cidade e nem onde se encontram os lugares</b>” (Maria, 60 anos).</i></p>	<p>Falta capacitação profissional</p> <p>Acomodação e falta de conhecimento e interação</p>
<p><i>“<b>Um profissional só é um profissional, se ele fizer por ele mesmo, não deve esperar pela empresa para se tornar bom, porque não é somente o nome da empresa que ele leva, é o nome dele que está fazendo</b>” (Maria, 85 anos).</i></p>	<p>Necessita de empenho individual, por parte dos profissionais, atitude</p>
<p><i>“<b>Sou muito bem tratada nos lugares onde vou. Tenho exemplo dos postinhos, tem esse do centro, legal mesmo, todo mundo bem atencioso, e do hospital quando meu marido estava doente, nossa, as enfermeiras sempre prontas a atender, gurias maravilhosas, foi um tratamento excelente.</b> Eu não tinha recursos e fui tratada muito bem. Foi atendimento num quarto de SUS e não posso me queixar. Ele foi embora porque era a hora dele, mas de atendimento muito bom” (Maria, 74 anos).</i></p>	<p>Há um excelente tratamento e atendimento</p>
<p><i>“<b>Já fui mal atendida e reclamei na hora. Não deixei passar, porque pensam que o dinheiro da gente não vale só porque somos pobres.</b> Não sei se a dona da loja gostou, mas na hora me retirei da tal da boutique da mulher e não quis comprar. E eu estava com dinheiro para comprar o presente da minha filha” (Maria, 67 anos).</i></p>	<p>Disparidade no trato das pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira</p>
<p><i>“Já começou a melhorar, principalmente em relação à abertura do comércio no final de semana. Foi uma briga, mas, pelo menos, ter espaços abertos já está bem melhor, porque como que o turista vai chegar aqui e encontrar tudo fechado? Como queremos ter uma economia forte, se não temos espaços abertos? Mas <b>em questão de bom atendimento, com preparo e capacitação, ainda está muito fraco, parece que ainda somos pré-históricos.</b> Tem que haver um melhor enfoque, por parte dos comerciantes e dos gestores, para dar um treinamento à seus funcionários para que possamos ter uma outra visão de mercado e nos prepararmos para receber mais turistas. [...]” (Arthur, 69 anos).</i></p>	<p>Começou a melhorar</p> <p>Abertura do comércio nos finais de semana</p> <p>Falta capacitação profissional relacionada ao atendimento</p>



(Continuação)

<p><i>“Eu não posso reclamar, pois <b>sempre me atenderam bem</b> e sinto que as vendedoras são muito atenciosas” (Maria, 70 anos).</i></p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p><i>“Comunicar é técnica e pode ser aprendida, <b>necessita somente de interesse</b>” (Arthur, 87 anos).</i></p>	<p>Necessita formação e interesse para comunicar bem</p>
<p><i>“No meu ponto de vista, muitos lugares <b>atendem conforme tu se apresenta</b>, né. E vejo que muitos na maioria é questão de metas, <b>não tá preocupado em atender bem ou dar explicações que satisfaçam</b>. Falta terem realmente um bom treinamento para entender o outro e saber se expressar” (Arthur, 60 anos).</i></p>	<p>Disparidade no trato das pessoas pela maneira de vestir</p> <p>Falta capacitação profissional</p>
<p><i>“São Luiz Gonzaga <b>deveria ter mais gente entusiasmada para atender</b> e conhecer o que está fazendo da profissão” (Maria, 66 anos).</i></p>	<p>Falta conhecimento e entusiasmo para atender</p>
<p><i>“Pensam que a gente é bobo, <b>não atenderam bem eu vou lá e compro na concorrência</b>” (Arthur, 67 anos).</i></p>	<p>Mau atendimento, abertura de espaço para a concorrência</p>
<p><i>“<b>Nossa é horrível, não sabem nada, não falam direito, não se esforçam para agradar</b>. Mil vezes comprar em outra cidade” (Maria, 68 anos).</i></p>	<p>Falta qualificação na comunicação e atendimento</p> <p>Prefere comprar em outras cidades</p>
<p><i>“O acolhimento que recebo nos lugares onde vou <b>são sempre os melhores</b>” (Maria, 81 anos).</i></p>	<p>Há acolhimento no atendimento</p>
<p><i>“Eu acho que dependendo do local, <b>principalmente quando é atendido pelo proprietário. Se o proprietário se faz presente no dia a dia, nem que não esteja para atender a gente, se ele está no local, o funcionário se esmera muito mais</b>. [...] Então assim ó, essas grandes magazines que vem, essas lojas que são interestaduais que não tem o dono de São Luiz presente, é muito relativo. <b>Dependendo do funcionário, se ele é antigo e sabe tudo e conhece a gente, ele vem já oferece e já faz em condições. Agora, essas lojas onde as matrizes não são aqui, acho que falta muito preparo, porque às vezes, você é um cliente antiquíssimo e pega um funcionário novo e atende mal, e a gente vira as costas e eles estão no celular. Chega numa loja geralmente tem três ou quatro funcionários cuidando o celular e o atendimento acho que fica completamente prejudicado</b>” (Maria, 61 anos).</i></p>	<p>Presença do proprietário é indício de melhor atendimento</p> <p>Falta preparação e capacitação profissional</p> <p>Falta boa vontade e interesse</p>
<p><i>“<b>Tem em São Luiz bons empresários e visionários de atendimento e de comunicação eficiente</b>. Esses também deveriam disseminar com outros empresários a visão de que necessitam ofertar a seus funcionários um</i></p>	<p>Há bom atendimento e boa comunicação empresarial, em alguns casos</p>

(Continuação)

<i>treinamento com qualidade” (Arthur, 74 anos).</i>	
<b>“Já me atenderam de maneira estranha, por causa da minha cor”</b> (Arthur, 79 anos).	Disparidade em função da cor da pele
<b>“Acho que, no geral, atendem mais ou menos, não tem treinamento, querem enfiar qualquer coisa sem ao menos perguntar o que tu foi buscar lá”</b> (Arthur, 67 anos).	Falta melhoria no atendimento Falta capacitação
<b>“Gosto de entrar em lugares que te recebem já com um sorriso na porta, mas tem lugares que fazem pouco caso de te atender, e aqui ainda tem disso, cara feia e amarrada o tempo todo”</b> (Maria, 86 anos).	Falta boa vontade Falta simpatia Falta melhoria no atendimento
<b>“Rotular a falta de atendimento bom como um todo seria muita pretensão. Só que temos esse espaço em aberto que dificulta na relação não só com o morador, mas também com o turista”</b> (Maria, 72 anos).	Falta qualificação na comunicação e atendimento
<b>“Somos ainda uma cidade que tem precariedade nesse sentido, temos poucos proprietários que investem e que tem profissionais qualificados”</b> (Arthur, 62 anos).	Falta qualificação na comunicação e atendimento Falta investimento dos proprietários
<b>“Eu vejo assim, que em algumas empresas, que em alguns locais, há uma garra, um empenho maior. Em outras, há um gosto menor. Às vezes, as pessoas não estão no lugar certo. Em outros ainda, as pessoas, tem um carisma especial, que faz delas ter um atendimento diferenciado, onde também existe uma preparação e treinamento que a gente percebe nitidamente. E em algumas vezes, vejo também que depende o jeito com que a pessoa se porta para ser atendida, se foi educada ou se foi grosseira. Porque o funcionário pode estar ali, mas deve-se respeito a ele também. Assim como uma capacitação também pode influir no bom atendimento”</b> (Maria, 70 anos).	Há diferentes tipos de atendimento, conforme o estabelecimento e o comportamento dos clientes
<b>“Eu sempre me atenderam bem. Sempre foram gentis comigo em todas as lojas, e principalmente na área da saúde que volta e meia tenho que estar indo”</b> (Maria, 78 anos).	Há um bom atendimento
<b>“Não temos em São Luiz um atendimento de qualidade para turistas e para moradores, ainda temos a mentalidade atrasada de achar que o ruim é suficiente”</b> (Arthur, 77 anos).	Falta melhoria no atendimento
<b>“Se a gente for pensar até na questão turística da cidade que tem aumentado um pouquinho, é muito triste de ver</b>	Falta melhoria no atendimento

(Continuação)

<p><b>como uma boa parte do comércio, de serviços e até nos órgãos públicos atendem mal. Mas é bem complicado. Se a gente tem uma conhecida ou um conhecido na loja eles até atendem bem, senão, é bem difícil.</b> Fora isso, estamos precisando muito de pessoas com vontade, de proprietários preparados e que preparem seus funcionários para ter um atendimento no mínimo razoável, com sorriso, com vontade, com alegria, e não com cara amarrada e desânimo. E ainda tem lugares que tu chega e te olham dos pés a cabeça para depois verem se vão atender. [...] Mas isso aí é muito ruim, tanto para o turismo quanto para quem mora aqui. [...] É urgente de se repensar que tipo de cidade queremos e que profissionais queremos ter na nossa cidade” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Falta boa vontade Falta preparação Falta alegria</p>
<p>“Nós temos a mania de ser corteses em várias situações do cotidiano, mas <b>em atendimento ao público, deixamos isso a desejar</b>” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Necessita melhorias no atendimento</p>
<p>“<b>Sou bem atendida em todos os lugares que vou, quer dizer, em quase todos.</b> Já teve um episódio de que não fui tão bem atendida e pelo proprietário, ainda” (Maria, 78 anos).</p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p>“Por incrível que pareça não temos em grande escala um atendimento parecido, <b>temos muitas disparidades que impactam negativamente para o turismo</b>” (Arthur, 84 anos).</p>	<p>Há disparidades que impactam no turismo</p>
<p>“Penso que aqueles que se atualizam tem mais chance de sobreviver na selva. Só que <b>em São Luiz tem bastante gente desatualizada</b>” (Maria, 80 anos).</p>	<p>Falta atualização</p>
<p>“<b>Mercados até atendem melhor, mas farmácias e lojas, aí já muda o jeito</b>” (Maria, 63 anos).</p>	<p>Falta melhoria no atendimento</p>
<p>“<b>Eu sempre fui bem atendida e nunca reparei se tem despreparo ou não.</b> Só que, às vezes, eu senti que eles se interessam muito mais na meta que tem pra fechar, do que se você gostou do produto ou não, e querem enfiar mesmo assim a venda” (Maria, 79 anos).</p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p>“<b>Eu tenho uma reclamação a fazer.</b> Quando precisei ir na Prefeitura e outros órgãos públicos de São Luiz, muito pouco fui bem atendido. Parece que estão sempre com <b>preguiça ou sem vontade de dar uma informação correta.</b> Mas é o nosso dinheiro que sustenta eles” (Arthur, 82 anos).</p>	<p>Falta vontade e empatia nos órgãos públicos</p>
<p>“Eu gostaria que fossem <b>mais atenciosos e menos preconceituosos com cor</b>” (Maria, 69 anos).</p>	<p>Falta mais atenção e menos preconceito</p>
<p>“<b>Eu sou bem atendido</b> e acho que as pessoas estão disponíveis para atender” (Arthur, 73 anos).</p>	<p>Há um bom atendimento</p>
<p>“Existem pessoas de todos os jeitos e profissionais de todas as formas. <b>O que os diferencia é a vontade. E em</b></p>	<p>Falta vontade em atender</p>

(Continuação)

<b>São Luiz, a vontade de fazer algo bem feito nem sempre prevalece</b> ” (Maria, 74 anos).	
“A relação de <b>comunicação é muito ineficiente</b> . Vejo às vezes, chefes falando com funcionários com arrogância e sem necessidade. Acho que falta capacitação e entrosamento entre eles” (Maria, 62 anos).	Falta melhorar a comunicação Falta capacitação profissional
“Quantas vezes já andei por aí e muitas vezes o <b>atendimento não era o mesmo. A relação de cortesia não aconteceu. A comunicação não era clara. É uma pena porque eles só perdem com isso</b> ” (Maria, 80 anos).	Falta comunicação clara Falta preparo Falta cortesia
“Eu já vi gente sendo bem atendida e outras pessoas <b>nem tanto</b> , pela mesma funcionária. Assim como já fui em lojas que atenderam muito bem o turista e o morador não” (Arthur, 65 anos).	Disparidade no atendimento entre morador e visitante
“ <b>Não somos muito exigentes nessa questão e acabamos deixando que nos atendam do jeito que sabem e deu</b> . Mas devemos exigir mais para que não só turistas tenham um bom tratamento, mas que nós moradores possamos ter um atendimento diferenciado” (Maria, 75 anos).	Falta exigir melhor atendimento
“ <b>São tantos os erros</b> que a gente vê num atendimento que chega a ser desastroso de ficar olhando” (Arthur, 76 anos).	Há necessidade de melhoria
“É uma questão bem auspiciosa de responder. <b>Eu como conheço todo mundo, não percebo em mim, sempre sou bem atendida no comércio</b> . Mas percebo em repartições públicas é o atraso mesmo, mas não é por distinção de classe social, de poder aquisitivo” (Maria, 64 anos).	Há um bom atendimento Há demora em atendimento
“Do tempo que era de anotar no caderninho para o tempo de agora mudou muito. <b>E a confiança também mudou. Antes, mesmo no caderninho as pessoas eram mais honestas de pagar certo e hoje já não são</b> . Talvez isso tenha feito mudar o jeito e aumentar a desconfiança” (Arthur, 78 anos).	Alterou a confiança com a modernidade
“Pra mim tá tudo bom, eu acho que <b>sou muito bem atendido</b> e todo mundo sempre com sorriso e atendimento bom” (Arthur, 79 anos).	Há um bom atendimento
“Percebi em vários momentos que eles <b>não sabem escutar o que a gente pede e daí te oferecem qualquer coisa</b> . Precisam escutar mais, e não é só os idosos, é todo mundo” (Maria, 83 anos).	Falta aprender a escutar mais
“Creio que <b>necessita de treinamento</b> , mas um treinamento diferenciado com possibilidade de fazer a	Falta treinamento de equipes

(Continuação)

<b>peessoa se questionar o lugar dela ou se entender melhor, porque só esses treinamentos de atendimento não bastam</b> ” (Arthur, 84 anos).	
<b>“Falta muito preparo para o atendente, para o profissional em qualquer área, de tudo que tu precisar, médicos, hospital, em tudo que tu depender de atendimento está deixando a desejar na maioria dos lugares, pois, não vale o que tu tem no bolso, vale o que tu veste. Infelizmente eu vejo a minha cidade, eu com quase 70 anos, assim. Eu até tenho uma situação de ter precisado ir num médico fazer um exame e me disseram que ficava pronto em dois dias e hoje já faz mais de duas semanas e ainda não me deram retorno, mesmo eu indo lá pra ver. E ainda liguei hoje no consultório e talvez só sexta possam me encaixar, ou senão só daqui mais uma semana. Então, a começar por aí, onde é que está a nossa saúde? Cadê o cuidado com nós moradores?”</b> (Maria, 69 anos).	Falta preparo e capacitação profissional  Disparidade no atendimento pela maneira de vestir e pela condição financeira  Descaso com o morador

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores da terceira idade observam a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 40 – Síntese sobre como moradores observam a comunicação das pessoas a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade)

(Continua)

<b>Expressões-síntese</b>
<b>Atendimento:</b> Há um excelente tratamento e atendimento Falta capacitação profissional relacionada ao atendimento Há um bom atendimento Falta conhecimento e entusiasmo para atender Mau atendimento, abertura de espaço para a concorrência Falta boa vontade e interesse Presença do proprietário é indício de melhor atendimento Falta melhorar atendimento Falta boa vontade Falta simpatia Falta melhoria no atendimento Há diferentes tipos de atendimento, conforme o estabelecimento e o comportamento dos clientes Falta preparação Falta alegria Falta atualização Falta vontade e empatia nos órgãos públicos Falta mais atenção e menos preconceito Falta vontade em atender

(Conclusão)

Falta preparo Falta cortesia Falta aprender a escutar mais Disparidade no atendimento entre morador e visitante Há demora no atendimento Necessita melhorias no atendimento Há bom atendimento e boa comunicação empresarial, em alguns casos Há acolhimento no atendimento
<b>Comunicação:</b> Falta capacitação profissional Acomodação e falta de conhecimento e interação Necessita de desempenho individual, por parte dos profissionais, atitude Necessita informação e interesse para comunicar bem Falta qualificação na comunicação e atendimento Falta comunicação clara Falta treinamento de equipes
<b>Relações:</b> Disparidade em função da cor da pele Alterou a confiança com a modernidade
<b>Nos diversos ambientes:</b> Disparidade no trato das pessoas pela maneira de vestir Disparidade no trato das pessoas pela maneira de vestir e pela condição financeira Prefere comprar em outras cidades
<b>Turismo:</b> Abertura no comércio nos finais de semana Falta investimento dos proprietários Descaso com o morador Há disparidades que impactam no turismo

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “Como você observa a comunicação das pessoas, nos diferentes ambientes e serviços profissionais, oferecidos aos moradores e visitantes?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

Na pergunta aberta, foi possível perceber que houve várias falas, evidenciando que há um atendimento deficitário, com falta de qualificação, treinamento de equipes, preparação dos colaboradores. Os moradores salientaram também que há uma discriminação no que tange a vestuário e condição financeira dos clientes, diminuindo a qualidade dos atendimentos, dentre outros fatores. Isso foi mencionado em vários setores da cidade, sendo fortemente notificado no comércio e registradas situações de críticas ao atendimento na área da saúde. Houve também, alguns casos de crítica aos proprietários de estabelecimentos.

Segundo os moradores, embora haja atendimentos em estabelecimentos comerciais, em serviços públicos que são satisfatórios, há uma necessidade bem considerável de ter mais preparo para atender em público. Citaram os moradores de São Luiz Gonzaga que não há conhecimento dos produtos ofertados e que também notaram um desinteresse em estar atendendo, ainda mais quando percebem as condições financeiras e o modo de vestir dos clientes. Trata-se de algo que precisa ser repensado e modificado, não só pela potencialidade de turismo que a cidade pode ter, mas pelo respeito aos próprios moradores que vivem e convivem no lugar.

Le Breton (2007, p. 10) destaca que

O corpo, lugar do contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes. Problemática coerente e até inevitável mima sociedade de tipo individualista que entra numa zona turbulenta, de confusão e de obscurecimento das referências incontestáveis e conhece, em consequência, um retorno maior à individualidade.

A evidência de Le Breton é também percebida por vários outros autores, que enunciam que o corpo dos sujeitos necessita de ressignificação, de redescoberta, para, assim, olhando para dentro de si, poder externalizar outros olhares e outras percepções frente à comunicação, igualmente ao turismo e às relações.

Na fala dos moradores também há evidências de que há uma sinergia com São Luiz Gonzaga, porém, eles admitem que falta ampliar conhecimento da história, dos produtos oferecidos, das pessoas, para que se possa potencializar as tramas relacionais e comunicacionais.

É relevante trazer que, para potencializar as tramas, faz-se necessário uma comunicação sensível, e estar nutrido de afecções, pois, quando o sujeito se abre para a descoberta, seu corpo se abre também para o conhecimento e para as relações. Sodré (2018, p. 24), a respeito disso, dialoga, dizendo que, “A infinita e imediata expressividade do corpo leva à suposição de que o poder ativo e passivo das afecções ou dos afetos, além de preceder a discursividade da representação, é capaz de negar a sua centralidade racionalista, seu alegado poder único”. Evidencia o autor o exemplo do teatro, em que, no palco, a qualidade de expressão do corpo do ator vai além da qualidade do texto, proporcionando notabilidade expressiva-corporal-textual na interpretação, mesmo não sendo um bom roteiro.

O corpo, pode-se dizer, tem uma força avassaladora, que é capaz de transcender, para comunicar e para se relacionar. Basta que esse mesmo corpo possa

estar em (auto)transpoiese gerando potencialidade comunicacional e relacional. Afirma Marcondes Filho (2008), quando pontua que a comunicação pode ser um agente transformador para os sujeitos, para os corpos, para o meio em que estão inseridos. E Baptista (2004, p. 3) complementa o pensar sobre comunicação:

‘Comunicação é interação de sujeitos’. Muito bem. Considero aqui um aspecto fundamental, no sentido de indicar que a ação de tornar comum, significado intrínseco ao termo Comunicação, acontece a partir da interação de sujeitos. Esse sujeito, convém dizer, não é alguém que existe individualmente, isoladamente. ‘O sujeito só existe em relação ao Outro e o Outro é tudo o que é não eu’. [...] o sujeito de que falo é considerado uma espécie de campo de forças múltiplo, complexo, marcado por múltiplas influências. Influências de todos os tipos, desde sua família, suas tribos, sua musicalidade, suas preferências alimentares, suas manias, sua relação com o corpo, sua capacidade de expressão, sujeito pensado de uma maneira holística. Sujeito considerado no seu todo. Sujeito maquínico, decorrente da constituição do ser em uma sociedade capitalística, que – como bem nos explicam Guattari e Rolnik (1986) – são forjados em série, marcados por uma ordem capitalística mundial, seguindo tendências do mercado, ao mesmo tempo em que se aventuram em processos de singularização.

As considerações da autora levam ao questionamento sobre os sujeitos nos dias atuais: será que envoltos pelo ter esquecem do ser em suas atividades cotidianas? Como resposta, arrisco dizer que parece que os sujeitos, em uma grande maioria, se deixam dominar pela máquina (manipuladora, consumista, capitalista) e, com isso, diluem a possibilidade de apreender mais sobre o espaço em que habitam, sobre as pessoas que as rodeiam e sobre as relações comunicacionais sensíveis que são capazes de afetar e afetar.

Sinalizam também os moradores, no sentido de que São Luiz Gonzaga, nos tempos atuais, parece ter perdido um pouco a característica que tinha no passado, de abrigar mais humanamente os próprios moradores. Seus relatos apontaram que, embora haja uma aproximação entre moradores, há certa superficialidade nessa relação, faltando mais humanismo, mais profundidade nas relações de convívio e, mais união e envolvimento entre e com os moradores.

Ao falar em relações que se estabelecem de maneira diferente, acionadas com amor, com afeto e com o sentir com intensidade, fala-se em uma comunicação que transcende, fala-se de um ecossistema comunicativo em que o todo está envolvido, conforme pontua Baptista (2020a) que diz que,

As relações devem buscar equilíbrio fluente e harmonia em ambientes onde convivem diferentes atores. Assim, *não é apenas no mundo natural ou no*



*tecnológico* que atua o ecossistema comunicativo, turístico e subjetivo, mas em todas as esferas dessas áreas. Dessa linha de pensamento, deriva a compreensão dos ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos como processos complexos de desterritorializações, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas, em que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo (BAPTISTA, 2020a, p. 48) [grifos da autora].

Então, seguindo o raciocínio da autora, os sujeitos devem permitir-se desterritorializar-se, desafiar-se, sair do já conhecido e estabelecido e descobrir ou redescobrir outras possibilidades, para que as relações possam ser fortalecidas e aprimoradas no ecossistema, no todo da comunicação, que é turística e que é subjetiva. Baptista (2004, p. 6) evidencia que “[...] não há comunicação sem o acionamento de planos amorosos, de disposição de estar junto, de respeitar-se mutuamente, os tempos, os silêncios, os ritmos, as diferentes ‘miradas’ para as cenas partilhadas”. A autora pontua também que a comunicação não acontece sem que o sujeito invista na disposição de compreender o lugar do outro. Desse modo, há uma possibilidade de revisitar os olhares, de re-olhar com outros pontos de vista. De fazer outra leitura do mundo, resultante de um processo individual e também coletivo que podem acionar modificações nos modos de viver e interagir. Só assim, os sujeitos, moradores de São Luiz Gonzaga, serão capazes de conhecer-se a si mesmos para proporcionar uma reinvenção e uma comunicação sensível com mais harmonia.

E no que diz respeito ao turismo, os sujeitos-moradores pontuaram que, se o visitante chega na cidade e não é bem atendido, ele, por sua vez, pode fazer uma propaganda negativa do lugar. Os sujeitos do lugar têm claro que isso prejudica a possibilidade de desenvolvimento nesse setor. Outro destaque é para o desconhecimento, por parte dos funcionários e colaboradores, sobre acontecimentos relativos à cultura e ao turismo na cidade, para informar quando indagados. Além disso, foi comentado sobre pontos turísticos fechados para visita durante toda a semana (aqui, especificamente, a Igreja Matriz, que, em visita à cidade, em 2022, pedi informações e fui informado que o motivo se deu por pequenos furtos que aconteciam em seu interior, o que fez com que atitudes fossem tomadas e as visitas passassem a ser somente por agendamento prévio).

Diante das narrativas e das preocupações em vários itens levantados, reforçam então os moradores, sobre a importância de uma mudança cultural para o crescimento e desenvolvimento do município.

#### 6.2.4 Quarta pergunta aberta da segunda visitação presencial

A quarta e última pergunta aberta feita aos sujeitos-moradores-respondentes de São Luiz Gonzaga/RS e que será apresentada a partir de agora é: “Como percebe a rela o entre moradores e visitantes?”.

O quadro a seguir, Quadro 41, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 18 a 24 anos.

Quadro 41 – Narrativas de sujeitos do lugar de 18 a 24 anos (juventude)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
“ <i>Eu sinto que a cidade � bem <b>hospitaleira. Acolhe bem, principalmente por parte do morador</b>” (Arthur, 18 anos).</i>	Hospitalidade Acolhimento
“ <i>� sempre uma situa�o diferente quando chegam os turistas, porque a gente nunca sabe se vão gostar da cidade ou não, <b>mas sempre foram legais e receberam carinho estando aqui</b>” (Arthur, 20 anos).</i>	Insegurança sobre percep�o dos turistas Recebem bem Há acolhimento e amorosidade
“ <i>Pra mim essa rela�o morador e turista � estreita, <b>tem respeito e tem cuidado</b>, são sempre bem acolhidos e hospitaleiros” (Arthur, 23 anos).</i>	Rela�es com respeito e cuidado
“ <i>Acho que <b>sempre aprendemos</b> com quem vem e quem vem sempre leva algo de nós. E isso faz bem para a alma, nos torna grandes” (Maria, 24 anos).</i>	Rela�o de aprendizado
“ <i>Eu vejo que essa rela�o entre morador e turista ela ainda <b>pode ser bem melhorada</b>. Por exemplo, se vem uma pessoa l� de São Paulo ou até mesmo do litoral ou da Argentina, que vai fazer o passeio pela Região das Missões e vem pra cá, daí <b>o morador muitas vezes não sabe nem dizer onde são os pontos turísticos da cidade e pior ainda, a Igreja da Matriz � um lugar que tem registro histórico da cidade e está sempre fechada, mesmo que se marque com os turistas, ela fica fechada. Eu sinto que falta o povo daqui ter um conhecimento maior das riquezas da cidade para ter mais coisas para mostrar. Mas o povo de fora que vem para cá � bem recebido, recepcionam muito bem, pelo menos até onde eu vejo e percebo. Mas a falta de conhecimento pode interferir na imagem que fica da cidade para aqueles que vem em busca de algo mais</b></i>	Rela�es podem ser melhoradas Falta conhecimento dos atrativos turísticos, por parte dos moradores Necessita ter espaços turísticos abertos Falta ter maior conhecimento das riquezas do lugar Recebem bem

(Continuação)

<p><i>histórico</i>” (Arthur, 21 anos).</p>	
<p>“Penso que a relação entre morador e turista é <b>uma relação bem tranquila</b>, as pessoas têm curiosidade em vir conhecer a cidade, quem chega é sempre <b>muito bem recebido</b>. Só em muito <b>poucos casos vi uma situação de estranhamento e hostilidade</b> por parte do morador tratar o turista com indiferença” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Relação tranquila</p> <p>Visitante é muito bem recebido</p> <p>Pouco estranhamento e hostilidade do morador</p>
<p>“O morador <b>recebe muito bem</b>, um bom exemplo também é os senegaleses que chegaram aqui e nós tratamos muito bem. São Luiz é uma cidade muito boa, é uma cidade muito hospitaleira. O turista também vem pra cá e trata muito bem o morador. É uma troca muito gratificante” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Recebem bem</p> <p>Há uma troca gratificante entre morador e visitante</p>
<p>“Eu acho que o povo são-luizense é sim <b>um povo hospitaleiro e que recebe bem os seus turistas</b> como todo brasileiro tem esse jeitinho né, de ser afetuoso e tudo mais. Mas eu acho que uma coisa que eu não percebi aqui em São Luiz Gonzaga foi essa questão do turismo, porque nunca vi alguém que veio de fora querer conhecer os pontos turísticos de São Luiz Gonzaga, tipo, eu nunca tive essa impressão. E eu acho que é justamente por causa da Prefeitura e dos moradores locais <b>não querer investir no turismo e nos pontos turísticos e querer mostrar eles e tornar isso um atrativo</b> para as pessoas quererem vir até aqui à cidade” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Há hospitalidade e bem receber</p> <p>Não percebe turismo na cidade</p> <p>Atribui inexistência do turismo ao desinteresse de moradores e Poder público</p> <p>Necessita de mais divulgação</p>
<p>“Eu acho que em relação ao turista é uma cidade <b>bem acolhedora</b>. Eu tenho uma tia e um tio que mora em Porto Alegre, eles vem todos os anos aqui para o Jantar do Carneiro que tem dia 29 de junho ali no Clube Harmonia, e são poucos dias que eles tem para curtir a calma, se desligar da correria de uma cidade grande, eles vão visitar os pontos turísticos, tiram fotos, registram os momentos e depois contam para os outros que vieram pra cá, um lugar calmo, diferente, que pode fazer com que outras pessoas também queiram vir. <b>Então a relação também do morador é uma relação que abraça quem vem de fora</b>” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Relação bem acolhedora</p>
<p>“<b>Não percebo muita receptividade</b> nos moradores daqui” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Falta receptividade nos moradores</p>
<p>“Como nossa cidade não tem turismo, são poucos os que vem aqui, mas <b>são bem tratados e os moradores também são</b>” (Maria, 20 anos).</p>	<p>Há boas relações</p>

(Continuação)

<p>“Eu acho que é uma <b>relação amistosa porque não teria porque ter essa rinha entre os dois e eu acho que precisa ter uma visão mais amistosa por parte do comércio</b>, né, porque é onde gira a economia da cidade, não teria porque ter uma visão negativa do turista” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Relação amistosa</p> <p>Falta melhor relação por parte do comércio</p>
<p>“Eu acho que como somente este ano foi implantada a Secretaria de Turismo é ainda cedo para falar de turista em grande quantidade, porém, os que costumam vir conhecer as Missões e especialmente São Luiz Gonzaga, <b>são bem tratados</b>, embora a gente não tenha muito para mostrar aqui” (Arthur, 20 anos).</p>	<p>Visitantes são bem tratados</p>
<p>“Eu acho que <b>o sãoluizense tem pouco conhecimento do que a gente tem aqui de história</b>, entendeu. E o pessoal vem para conhecer a Região dos Sete Povos das Missões que nossa cidade está inserida, e a gente não sabe dar nenhuma informação mais aprofundada da cidade com conhecimento histórico. Em muitos casos a gente fala que tem São Borja, que tem São Miguel, que lá tem as ruínas, a gente direciona para outros lugares, mas daqui a gente não sabe falar o que tem aqui para mostrar” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Falta conhecimento da história do lugar</p>
<p>“Pelo que eu vi até hoje as pessoas que vieram para cá <b>sempre foram tratadas bem</b>. E quem mora aqui também trata as pessoas bem, até porque a gente vê as pessoas vindo para conhecer mais a história do reduto dos Sete Povos das Missões e bastante gente vem pra cá, pra conhecer a igreja e tal, então eu acho que o morador já está mais preparado né, para receber o turista. Tem até ali na praça um negócio de atendimento ao turista” (Maria, 18 anos).</p>	<p>Há uma boa relação com visitantes</p>
<p>“[...] além de dizer que a cidade tem muitas coisas boas a oferecer e que a cidade é muito bonita e <b>muito acolhedora também</b>. E eu vejo dos dois lados uma <b>relação boa</b>” (Maria, 21 anos).</p>	<p>Relações recíprocas de acolhimento</p>
<p>“Algumas vezes <b>já vi situações em que turistas não foram bem tratados</b> até mesmo pelos policiais que tem no quiosque na praça, foram meio rudes, pode até ser o jeito deles, mas, quem está chegando espera cortesia” (Maria, 22 anos).</p>	<p>Falta melhorar relações entre moradores e visitantes</p>
<p>“Acho que tem uma <b>relação muito boa</b> que se constrói, tanto que eles voltam. Teve até uma situação em que eu ajudei turistas com algumas informações, e mais de um ano depois que <b>voltaram à cidade, foram na loja e me cumprimentaram e perguntaram se eu lembrava deles e me agradeceram novamente pelo jeito que os tratei</b>, e estavam com mais gente diferente visitando” (Arthur, 22 anos).</p>	<p>Relação muito boa</p> <p>Reconhecimento do visitante quando ajudado pelo morador</p>

(Continuação)

<p>“As pessoas que vem passear não podem reclamar porque <b>a gente faz o que pode para servir bem, mas sinto que nós moradores ainda temos que aprender mais sobre a cidade para ampliar essa hospitalidade</b>” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Recebem bem</p> <p>Falta maior conhecimento sobre a história do lugar</p>
<p>“Eu vejo que <b>há uma troca de afetividade na relação dos dois</b>, parece família e os moradores aqui tratam bem quem vem e comentam que são muito bem tratados também” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Há uma troca de afetividade entre moradores e visitantes</p>
<p>“Os turistas que aqui chegam <b>tratam muito bem e são muito bem acolhidos pelos moradores</b> tanto que a gente sente a calorosidade deles nas expressões” (Maria, 23 anos).</p>	<p>As relações são boas e recíprocas</p> <p>Acolhimento</p>
<p>“Sempre digo que tem um <b>calor humano nas relações</b> entre moradores e turistas, não importa de onde são” (Arthur, 21 anos).</p>	<p>Há calor humano nas relações</p>
<p>“Algumas poucas vezes eu vi um <b>atendimento ruim</b> do pessoal de um dos pontos turísticos, dá pra falar o nome do lugar? Do Instituto Geográfico. As mulheres que ficam lá não prezam o visitante e estão sempre indispostas para mostrar os materiais que tem lá. Já levei visitantes lá e as pessoas esperavam mais delas e elas não falaram nada. <b>E o lugar também deveria ser mais bem arrumado com as obras que contam a história</b>, tinha material dos índios num canto como se fossem algo que não tivesse importância” (Maria, 23 anos).</p>	<p>Relações necessitam melhorar nos órgãos públicos</p> <p>Falta arrumar mais os espaços para mostrar a história do lugar</p>
<p>“<b>Podíamos receber melhor, com mais infraestrutura turística</b>, mas com o pouco que temos, fazemos bonito e deixamos os turistas felizes” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Recebem bem</p> <p>Falta infraestrutura física</p>
<p>“<b>Depende muito de quem vem</b>. Tem pessoas que são legais, tem outras que são bem metidas, aí é difícil ter uma boa relação. Mas a maioria tem” (Maria, 21 anos).</p>	<p>Necessita melhorar as relações</p>
<p>“Acho que <b>falta mais vontade do morador saber da história da cidade</b>, pois, sempre que perguntam não sabem dizer muita coisa. <b>Eu também me incluo nisso</b> porque o que aprendi na escola sobre São Luiz e sua história sempre foi muito superficial” (Arthur, 24 anos).</p>	<p>Falta vontade em conhecer a história do lugar</p> <p>Reconhecimento de não saber da história</p>
<p>“A realidade é que <b>temos pouca coisa para mostrar, para oferecer</b>, enquanto pontos turísticos, enquanto comida típica, temos músicos incríveis, mas nem festival de música nativista temos mais. O pouco que sobra de mostrar fazemos com maestria” (Maria, 24 anos).</p>	<p>Necessita mais possibilidades de oferta turística</p>
<p>“Sinto que tem um <b>orgulho do morador em dizer ao visitante sobre sua cidade, mesmo desconhecendo uma grande parte da sua história</b>, e isso, mesmo assim,</p>	<p>Orgulho em receber</p>

(Conclusão)

<i>faz com que se crie um laço de proximidade entre os dois” (Arthur, 21 anos).</i>	Orgulho em receber Falta conhecimento da história do lugar Há laço de proximidade
<i>“Confesso que <b>falta ampliarmos a nossa comunicação e ampliar os horizontes para encantar mais os turistas. E mesmo assim quando eles vem aqui, se sentem bem</b>” (Arthur, 24 anos).</i>	Falta ampliar a comunicação para o turismo Necessita de novos olhares
<i>“<b>Às vezes tem um bom relacionamento, às vezes percebo um estranhamento, porque muitos moradores não sabem dar informações dos pontos turísticos e do que tem na cidade de lugares para comer e se hospedar</b>” (Maria, 21 anos).</i>	Necessita melhorar informações dos pontos turísticos
<i>“<b>Há uma relação de amor pelo lugar que o morador demonstra e o turista reconhece essa sensação e se sente aconchegado</b>” (Maria, 24 anos).</i>	Há relação de amor Reconhecimento por parte do visitante
<i>“<b>Sempre dá para sentir que as relações são enaltecidas e que vão além de meros visitantes, parece que se cria um laço maior, não seu explicar</b>” (Arthur, 24 anos).</i>	As relações criam laços afetivos

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores jovens percebem a relação entre moradores e visitantes e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 42 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (juventude)

(Continua)

Expressões-síntese
<b>Relações:</b> Hospitalidade Acolhimento Recebem bem Há acolhimento e amorosidade Relações com respeito e cuidado Relação de aprendizado Relações podem ser melhoradas Visitante é muito bem recebido Pouco estranhamento e hostilidade do morador Relação tranquila Há uma troca gratificante entre morador e visitante

(Conclusão)

<p>Há hospitalidade e bem receber          Relação bem acolhedora          Falta receptividade nos moradores          Há boas relações          Relação amistosa          Falta melhor relação por parte do comércio          Visitantes são bem tratados          Há uma boa relação com visitantes          Relações recíprocas de acolhimento          Falta melhorar relações entre moradores e visitantes          Relação muito boa          Reconhecimento do visitante quando ajudado pelo morador          Há uma troca de afetividade entre moradores e visitantes          As relações são boas e recíprocas          Há calor humano nas relações          Relações necessitam melhorar nos órgãos públicos          Necessita melhorar as relações          Orgulho em receber          Há relação de amor          Reconhecimento por parte do visitante          Há laço de proximidade          As relações criam laços afetivos</p>
<p><b>Estrutura:</b>          Falta infraestrutura física</p>
<p><b>Mídia:</b>          Necessita de mais divulgação</p>
<p><b>Turismo:</b>          Necessita ter espaços turísticos abertos          Insegurança sobre percepções dos turistas          Falta conhecimento dos atrativos turísticos, por parte dos moradores          Não recebe turismo na cidade          Necessita mais oportunidades de oferta turística          Atribui inexistência do turismo ao desinteresse de moradores e Poder público          Falta ampliar a comunicação para o turismo          Necessita melhorar informações dos pontos turísticos</p>
<p><b>História:</b>          Falta ter maior conhecimento das riquezas do lugar          Falta conhecimento da história do lugar          Falta arrumar mais os espaços para mostrar a história do lugar          Reconhecimento de não saber da história</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O próximo quadro a ser apresentado, o Quadro 43, apresenta os relatos das narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 25 a 59 anos e referente a pergunta aberta: “Como percebe a relação entre moradores e visitantes?”.

Quadro 43 – Narrativas de sujeitos do lugar de 25 a 59 anos (adultos)

(Continua)

<b>Relatos dos sujeitos-moradores</b>	<b>Expressões-síntese</b>
---------------------------------------	---------------------------

(Continuação)

<p>“Acho que é uma situação de <b>hospitalidade</b>. Teve uma vez um cara que veio da Bahia que ficou três aqui no Hotel Ipê né, ele veio a trabalho e disse que <b>só foi embora porque tinha que ir, porque gostou muito daqui, do jeito que foi tratado e do ambiente da cidade bem acolhedor</b>” (Arthur, 30 anos).</p>	<p>Hospitalidade Acolhimento Amorosidade</p>
<p>“Os turistas que vem aqui <b>são muito bem recebidos e deixam um rastro de prazer e alegria</b>” (Arthur, 34 anos).</p>	<p>Alegria em receber</p>
<p>“A relação entre moradores e turistas é uma <b>relação de troca</b>, pois, saem sempre irradiantes de ter vindo a esta localidade” (Maria, 36 anos).</p>	<p>Relação de reciprocidade</p>
<p>“São Luiz Gonzaga tem potencial turístico, mas <b>não sabe se comunicar direito com o turista, as pessoas da cidade não chegam, não puxam conversa</b>. E quando a gente vai pra uma cidade turística todo mundo conhece, todo mundo chega e você se encanta. Então, por São Luiz não ser uma cidade desenvolvida turisticamente, no meu ver, <b>as pessoas são acolhedoras, mas não sabem receber e fazer o algo mais pelo turista</b>” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Falta comunicação com o visitante Pessoas acolhedoras</p>
<p>“Há uma <b>relação boa, de respeito, de gratidão, de troca de acolhimento entre os moradores e os turistas</b>. Eles se sentem bem, levam boas lembranças e deixam marcas boas nos moradores de sua visita” (Arthur, 25 anos).</p>	<p>Relação de respeito, gratidão, troca de acolhimento</p>
<p>“No que eu noto há uma <b>relação hospitaleira, quem vem gosta e quem tá aqui trata bem</b>, acho que se importam sim com os visitantes. Embora tenhamos que melhorar muito no conhecimento sobre a cidade e também fazer uma melhoria nos pontos turísticos” (Arthur, 27 anos).</p>	<p>Hospitalidade Há uma reciprocidade na relação entre moradores e visitantes</p>
<p>“A relação dos moradores e dos turistas pra mim é boa. <b>Eles tem uma relação amigável</b>. Já vi moradores indo ao encontro de turistas para ver se precisavam de ajuda. Gente que pedia informações na rua e os moradores iam até o lugar para deixar o turista. Eu mesmo já fiz isso. Acho que <b>as pessoas aqui são bem solidárias</b>. Gostam do turista e quem vem de fora gosta do morador. Nós tratamos bem. Somos bem tratados. <b>Como se a gente fosse da família deles e eles da nossa</b>” (Arthur, 59 anos).</p>	<p>Relação amigável entre moradores e visitantes Há solidariedade com o visitante</p>
<p>“São Luiz Gonzaga faz parte da rota turística e estão criando mais alternativas de turismo, um exemplo da cidade de Roque Gonzales que está buscando mais uma alternativa de turismo lá. E São Luiz não é diferente, nós temos a BR-285 que passa quase praticamente que dentro da cidade e isso também já facilita a vinda por aqui. E eu vejo que os turistas são muito bem recebidos aqui pelos moradores e recebem bem o morador</p>	<p>Há reciprocidade nas relações entre moradores e visitantes</p>



(Continuação)

<b>também, se sentem bem, querem voltar. Levam boas recordações daqui</b> ” (Arthur, 56 anos).	
“É uma <b>relação bem boa</b> , um exemplo é a Secretária de Turismo que se dispõe a receber mesmo em horários que não é de seu trabalho” (Maria, 40 anos).	Relação boa Prontidão em receber
“Às vezes noto que <b>as pessoas daqui se prontificam em ajudar, dar informações, acolher</b> . E que os visitantes tratam bem o morador. Mas <b>falta informação do que tem para fazer na cidade</b> . As pessoas não sabem dizer o que tem de pontos turísticos. Até mesmo o museu e outros lugares em final de semana nada está aberto. Parece que o turista só deve vir na cidade de segunda a sexta e em horário comercial. E não é assim que funciona. Mas eu <b>vejo de um modo geral o cuidado e o jeito hospitaleiro</b> ” (Arthur, 28 anos).	Relação de prontidão, de hospitalidade e de acolhimento Falta informação sobre o que fazer no lugar
“ <b>Poderia ser uma relação mais amigável e cortês, falta ainda um pouco de melhorias</b> ” (Arthur, 44 anos).	Necessita melhoria nas relações
“Em relação às pessoas que chegam são muito bem tratadas, <b>há uma relação de cordialidade e acolhimento do morador com o turista e do turista com o morador</b> . Pode ser dito que uma das relações que se deu e se dá de hospitalidade é com os senegaleses que chegaram aqui, são turistas, mas também são moradores e estão sendo muito bem tratados” (Maria, 31 anos).	Relação de cordialidade e acolhimento entre morador e visitante
“ <b>Um se importa com o outro. Mas poderia ser uma relação mais estreita. Por parte do morador falta oferecer mais limpeza da cidade</b> ” (Maria, 27 anos).	Necessita o morador cuidar do espaço público
“São Luiz tem potencial turístico, mas <b>é um potencial ainda não explorado</b> . E isso limita muito a relação do turista e do morador. Mas mesmo assim eu <b>vejo uma hospitalidade em ambas as relações</b> , claro que pode ser mais diferenciada com a ampliação do turismo” (Arthur, 26 anos).	Explorar potencialidades do lugar Há relação de hospitalidade
“Os moradores de São Luiz são <b>muito solidários e prestativos</b> , isso, acho que é sinal de hospitalidade” (Maria, 32 anos).	Moradores são solidários e prestativos
“Em alguns eventos, como a Expo São Luiz, vem gente de fora que se agrega à cidade, e o turista se agrega ao morador. <b>Há uma troca de acolher. Mas fica só na superficialidade</b> ” (Maria, 35 anos).	Há troca de acolhimento Necessita sair da superficialidade
“Eu acho que o turista é <b>bem tratado e bem valorizado</b> . Tem bastante coisa para mostrar. E a relação dele com o morador também é muito boa, de acolhimento” (Maria, 37 anos).	Visitante é bem tratado e valorizado Há troca de acolhimento

(Continuação)

<p>“Com relação ao morador quando vem o visitante, acho que nós <b>recebemos super bem, sempre procuramos dar o melhor do que nós temos, e vice-versa. Eu nunca ouvi falar de que alguém foi maltratado. Sinto uma relação de acolhimento e afetiva</b>” (Maria, 47 anos).</p>	<p>Há troca de acolhimento e afetividade entre morador e visitante</p>
<p>“Eu acho que é com <b>hospitalidade, eu nunca vi em São Luiz ninguém tratar com hostilidade, pode até às vezes não mostrar a cidade, não saber dar uma informação, mas sempre se tem relatos de um bom tratamento entre moradores e turistas</b>” (Maria, 54 anos).</p>	<p>Há relação de hospitalidade</p>
<p>“Eu acho que no geral o turista vem em busca da história dos Sete Povos e <b>é bem recebido. Aqui temos a Gruta que conta parte da nossa história, quem conhece sabe, né. E o morador, embora não tenha tanto conhecimento da cidade e de sua história para passar, eles também são bem recebidos pelos turistas</b>” (Maria, 58 anos).</p>	<p>Recebe bem e é bem recebido</p> <p>Falta ampliar conhecimento sobre a história do lugar</p>
<p>“Eu acredito que essa parte turística ela <b>acolhe desde a família mais humilde até a família mais abastada. Então é uma cidade que comunga de uma mesma cultura, pelo menos no CTG eu vejo assim, que dá oportunidade de ver isso no momento de lazer</b>” (Maria, 38 anos).</p>	<p>Há uma troca de acolhimento entre morador e visitante</p>
<p>“Consigo perceber <b>uma boa relação, uma troca de afetividade e acolhimento. Quem vem aqui visitar sempre é bem recebido pelo morador quando encontra pela rua, mas não posso dizer o mesmo quando esse turista chega em um estabelecimento comercial ou em outros lugares que necessite de atendimento, porque daí é pouca informação e uma má vontade constante. Só pela rua mesmo quando está com outras pessoas que se conhece</b>” (Maria, 27 anos).</p>	<p>Há uma boa relação com troca de afetividade e acolhimento</p> <p>Falta melhorar atendimento e conhecimento</p>
<p>“Acho que existe um bom relacionamento de morador e turista e vice-versa. Mas também teria que fazer mais coisas no turismo. <b>Se tivesse como desapropriar esses terrenos que tem coisas embaixo que a gente sabe que tem, que contam a história do passado. Já pensou, só aí teria um resgate histórico grande para mostrar e trazer mais gente. Sei lá, fazer um projeto com Governo Federal, Estadual e buscar parcerias com universidades. Seria um bom caminho a explorar, fazer uma escavação arqueológica e deixar aflorar essas riquezas para pelo menos ter alguma coisa para ver, o pessoal vem aqui e não tem o que ver</b>” (Arthur, 36 anos).</p>	<p>Há um bom relacionamento entre morador e visitante</p> <p>Ampliar a potencialidade de contar a história do lugar</p>
<p>“Eu acho que o morador recebe bem o turista e que em geral, o turista também tem o respeito pelo morador, <b>há uma cordialidade e uma relação mais afetiva de ambos. Mas acho que ainda falta o morador olhar para o turista com um zelo maior, talvez pelo fato de não saber</b></p>	<p>Morador recebe bem</p> <p>Há respeito e cordialidade</p> <p>Relação afetiva entre</p>

(Continuação)

<p><i>muito da própria história ele se sinte meio deslocado e se fecha um pouco nas relações. Mas isso é em poucos casos que acontece” (Arthur, 39 anos).</i></p>	<p>morador e visitante</p>
<p><i>“Gosto de ver que tem turistas passeando pela cidade, que <b>tem moradores interessados em ajudar e dar informações para eles, percebo que há uma relação mais acolhedora por ambas as partes.</b> Eles vem, <b>querem conhecer os pontos turísticos e até mesmo os bairros da cidade.</b> Mas o que eu acho que <b>falta é a visitação dos vereadores e de mais pessoas do Poder público em pequenos eventos nos bairros,</b> sabe, <b>falta a preocupação em tempo de governo de estar lá e ver como está, não é somente em tempo de eleição para se reeleger ou conseguir votos.</b> Será que tem vereadores na cidade? Porque eu não vejo essas pessoas. Vou por vários eventos e não os vejo. Nem inauguração, nem nada. <b>Tem muito a se fazer e ninguém divulga nada em redes sociais.</b> Posso falar de uma exceção, Ana Barros, que vai e faz. Está sempre presente, mostrando o que tem de errado, postando, conversando com os líderes de bairro e com as pessoas. Mas fora ela, cadê os outros que se elegeram com discurso de fazer algo pela cidade? E em contrapartida, temos os senegaleses que aqui <b>chegaram e foram e são muito bem recebidos e acolhidos.</b> Temos coisas boas no coração, <b>tem muita gente com amorosidade no coração, mais ainda é pouco em relação a todos os moradores.</b> Precisa haver mais envolvimento do morador, valorizar os eventos locais, prestigiar, marcar presença. <b>Se queremos turistas necessitamos estar abertos para recebê-los”</b> (Maria, 42 anos).</i></p>	<p>Alegria em receber</p> <p>Há relação de acolhimento entre morador e visitante</p> <p>Visitantes dispostos a conhecer o lugar como um todo</p> <p>Falta participação e envolvimento do Poder público em festividades locais</p> <p>Falta divulgação dos acontecimentos do lugar</p> <p>Estrangeiros que chegaram para morar foram e são muito bem recebidos pelos moradores</p> <p>Necessita ampliar a amorosidade dos moradores</p> <p>Necessita de mais abertura para receber os visitantes</p>
<p><i>“Eu penso que os <b>moradores tratam bem os turistas e que os turistas tratam bem os moradores.</b> Às vezes eu sei que <b>falta conhecimento da história</b> para falar mais e deixar as pessoas mais à vontade, mas <b>há uma afetividade no tratar com os outros,</b> das duas partes, morador e turista” (Maria, 29 anos).</i></p>	<p>Há uma reciprocidade na relação entre morador e visitante</p> <p>Necessita conhecer mais a história</p> <p>Há afetividade</p>
<p><i>“Acho que <b>poderia ter mais acolhimento e afetividade,</b> vejo sempre as pessoas comentando que são bem recebidas, mas que não sabem dar informações e não se prontificam a ajudar” (Maria, 49 anos).</i></p>	<p>Necessita de maior acolhimento e afetividade</p>
<p><i>“<b>Alguns recebem bem e outros deixam a desejar”</b></i></p>	<p>Necessita melhorar o</p>

(Continuação)

(Arthur, 42 anos).	Receber
<p>“Eu acho assim, o turismo, eu não sei dizer bem sobre o turismo assim, porque eu não conheço muitas pessoas que vem de fora ou que eu consiga saber deles né, como eles são atendidos, mas eu <b>acredito que as pessoas gostem quando vem gente de fora aqui. Atendem bem, as pessoas aqui no geral acolhem bem, né</b>” (Maria, 31 anos).</p>	<p>Há uma boa relação de receber</p> <p>Há um acolhimento dos moradores</p>
<p>“Eu vejo que <b>há uma relação boa, até mesmo de amorosidade sabe que as pessoas são tão queridas, tipo, se a gente tá num grupo de conhecidos e tem algumas pessoas de fora que são turistas que conversa e que dá vontade da gente convidar para ir ficar lá em casa, porque deixam a gente à vontade e a gente se sente à vontade com elas. Mas também tem algumas situações ao contrário, de pessoas que não se sentem tão à vontade e já são mais hostis no tratamento com o morador, ou até mesmo o morador com o visitante. [...] E de certa forma, acho que tu trata como tu quer ser tratado, né</b>” (Maria, 46 anos).</p>	<p>Há uma boa relação</p> <p>Há amorosidade nas relações</p>
<p>“[...] <b>já assisti turista sendo mal atendido na loja de artesanato por uma própria artesã. Ela foi bem grosseira. Não sei porque colocam pessoas despreparadas para atender num dos cartões postais de compra de nossa cidade. É o que eu vejo</b>” (Maria, 30 anos).</p>	<p>Falta preparação e empatia para receber</p>
<p>“No meu entender, <b>às vezes há uma cordialidade e às vezes há uma hostilidade. Porque se compararmos o atendimento do comércio e alguns estabelecimentos não há preparo e há uma forma ruim de atender, e nesses locais vai o turista e o morador, então, não vejo ainda uma capacidade em receber bem turistas em nossa cidade. Mas, por outro lado, em várias situações, o morador se coloca à disposição para receber e recebe bem os poucos turistas que aqui vem conhecer</b>” (Maria, 45 anos).</p>	<p>Há cordialidade e há hostilidade</p> <p>Falta preparação e empatia para o receber</p> <p>Morador em alguns casos recebe bem</p>
<p>“Eu acho que <b>falta ainda melhorar o conhecimento da história da cidade</b> para que o morador se dê conta de que pode receber melhor o turista” (Maria, 45 anos).</p>	<p>Falta conhecimento da história do lugar para receber bem</p>
<p>“Tem <b>pessoas que estão mais disponíveis para receber, outras são mais introspectivas. Mas de forma geral recebem bem</b>” (Maria, 55 anos).</p>	<p>Há disponibilidade e timidez</p> <p>Recebem bem</p>
<p>“<b>Tem uma boa relação, mas falta mais para fazer em relação ao turismo. Tem que se tomar uma atitude muito drástica, precisa ter um ônibus ou o que seja para levar os turistas e até mesmo moradores para conhecer, porque muitos não tiveram oportunidade de conhecer e vão falar</b>”</p>	<p>Relação boa</p> <p>Falta ampliar possibilidades no turismo</p>

(Continuação)

<p>o quê da cidade, se não conhecem?” (Arthur, 25 anos).</p>	
<p>“A nossa cidade <b>não é preparada para receber turistas, uma que nós não temos uma agência receptiva, nós não temos nenhum guia, temos guias que não operam mais, hoje não temos nenhum guia no cadastro que possa receber.</b> A nossa Secretaria de Turismo e Cultura foi criada este ano, ela ainda é quase embrionária. [...] Os locais de turismo, não tem horário para receber. O nosso maior tesouro hoje histórico, são as imagens sacras da igreja católica, são tombadas pelo patrimônio nacional e pelas artes como história, temos também São Lourenço, mas este é um sítio arqueológico, mais retirado. Enfim, <b>mas eu já fui com turistas na igreja e estava fechado e eu tinha agendado e não tem nem para quem ligar.</b> Então há um despreparo da cidade enquanto elemento de recepção e com os vários órgãos que estão envolvidos no processo. Isso é muito ruim. Nós somos a Capital da Música Missioneira, nós temos aqui dos maiores músicos do Rio Grande do Sul, da música nativista, regional, gaúcha, estão aqui, nem vou citar os nomes, <b>mas se eu te disser que tu não consegue ouvir nenhum deles, é uma verdade.</b> E se tu disser assim, sábado eu consigo ouvir um músico, talvez, mas só um músico. Nenhuma casa tem música ao vivo, da nossa música missioneira gaúcha tradicional. [...] E ao olhar para as pessoas, para os moradores, elas, via de regra, <b>recebem bem, porque quando elas veem, um casal ou um grupo que identifique que é turista, a primeira coisa que bate é a de receber bem as pessoas.</b> Informam bem, mas o povo tem dificuldade de entender sua história e turismo é história. Aí teremos problema, porque quando o turista requerer um pouquinho mais de informação para o morador sobre algo, citando a Gruta como exemplo, ‘olha o que que você pode me contar de história sobre o lugar que está rezando?’, e a resposta é, ‘eu não sei, é antiga a Gruta’. Ou outro exemplo, ‘e o Luiz Carlos Prestes, eu vim aqui porque teve a Coluna Prestes, e a resposta, ‘pois é, mas sobre isso eu não tenho informação’. É, mas <b>mesmo assim, o morador vai até te convidar para ir na casa dele tomar um café do mesmo jeito.</b> Mas esse morador não consegue operacionalizar a informação turística, primeiro ela é histórica e ele não tem o conhecimento histórico. Mas ele vai fazer o possível para receber bem. Então, a primeira coisa é a questão da hospitalidade, e a segunda é mais recente, mas que tem surtido efeito, é que o morador está percebendo que o turista traz renda, traz emprego para o município. Se ele for bem recebido ele vai gastar no nosso comércio e ele vai sair daqui e levar a</p>	<p>Falta preparação e estrutura para receber bem o visitante</p> <p>Necessita espaços turísticos estarem abertos para visitação</p> <p>Falta valorização dos músicos do lugar</p> <p>Moradores recebem bem os visitantes</p> <p>Falta conhecimento sobre a história do lugar</p> <p>Há acolhimento e amorosidade do morador</p> <p>Os estrangeiros que vieram morar são bem recebidos e acolhidos</p>

(Continuação)

<p><i>mensagem de que aqui é um lugar com para visitar e ele vai voltar com outras pessoas. Um exemplo que não é de turismo que <b>são os haitianos e africanos que estão em várias cidades, aqui eles nunca tiveram problemas, eles se instalaram, eles trabalham, respeitam a comunidade, foram muito bem recebidos</b> também, já estão aqui há mais de cinco anos. Até teve <b>um deles que deu um depoimento que disse que o único lugar que sorriram para ele desde o primeiro dia que chegaram que foi aqui em São Luiz Gonzaga. Então São Luiz e a Região Missioneira tem um diferencial em relação a isso, e quando essa população puder estar melhor informada, nós vamos poder receber muito melhor os turistas. Hoje não há condições de receber, os próprios hotéis, tem vários, mas são todos pequenos, falta ainda uma estrutura, não há uma organização da rede hoteleira. Não há uma ligação entre eles ou uma associação que possa melhorar essa parte. A população vai fazendo o que pode, informando, nem que seja em roda da praça mostrando o que há. E os caminheiros que fazem os caminhos das Missões que entram numa ponta e saem na outra, então, o que se pode dizer é que essa relação é sempre boa”</b> (Arthur, 44 anos).</i></p>	
<p><i>“Já fui requisitado na rua para dar explicações para turistas e <b>fui bem recebido por eles e também os recebi bem</b> e indiquei os lugares e dei as informações que me pediram. Ficamos proseando além disso. Então, acho que é uma troca boa. Mas, por exemplo, eles me pediram onde ficava o Complexo Jayme Caetano Braun, e se for ver de diferente não tem muito, se resume a isso, igreja, complexo, praça, museu que tá fechado e Gruta. E o pior de tudo, é que os <b>folders informativos, não tem uma qualidade boa de imagens e de textos e não aguçam a vontade de ir conhecer”</b> (Arthur, 27 anos).</i></p>	<p>Boa relação entre morador e visitante</p> <p>Falta melhoria no material informativo dos pontos turísticos</p>
<p><i>“Sobre isso eu acho que <b>tem bastante hospitalidade</b> com o turista que vem passear. O morador trata bem e se sente muito bem tratado também. Mas eu acho que <b>falta é ter mais lembranças e artes que falem de São Luiz e não só de São Miguel</b> como a gente encontra nos espaços de artesanato da cidade” (Maria, 34 anos).</i></p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Recebe bem e é bem recebido</p> <p>Falta mais artesanato que fale sobre o lugar</p>
<p><i>“Eu acho que a <b>relação é boa, cordial, hospitaleira. Mas pecamos quando chega alguém conhecido ou até sem conhecer que perguntam o que tem pra fazer aqui e respondemos: ‘tem a igreja, tem a Gruta, tem o Complexo do Jayme, mas se você quiser ir à um evento de verdade e ver turismo de verdade tem que ir à São Miguel das Missões assistir o espetáculo Som e Luz’.</b> É um grande</i></p>	<p>Relação boa de cordialidade e hospitalidade</p> <p>Falta conhecimento dos atrativos locais</p>

(Continuação)

<p>erro, e já vi gente fazendo isso. Assim, com esse pensamento, não chegaremos a ser reconhecidos, nem pela história, nem pela música” (Maria, 43 anos).</p>	
<p>“Há uma <b>falta de conhecimento sobre como tratar turistas e como tratar moradores</b>. Depois que aprendermos isso, poderemos dizer que estaremos prontos para receber” (Maria, 50 anos).</p>	<p>Falta melhorar relações com visitantes e com moradores</p>
<p>“Eu pra mim, <b>turista é sempre bom, eles vem visitar a cidade, vem gastar, vem trazer inovação e desenvolvimento</b>, mas tem uns que olham torto, até mesmo no comércio, que não tratam bem. E eu vejo que alguns turistas até tentam ser simpáticos, mas alguns moradores ficam meio assim, sem reação, outros não, são bem alegres e participam e informam. Mas no geral acho que <b>tem uma relação boa de hospitalidade entre eles</b>” (Maria, 53 anos).</p>	<p>Relação boa de hospitalidade, mas necessita melhorar</p>
<p>“Teve uma situação muito boa que posso exemplificar que teve uma turista que veio de Porto Alegre, a pessoa muito simpática, passeou, fez a caminhada das Missões a pé, começando lá em São Borja e passando por aqui, daí ela pediu informação de algumas coisas. <b>Sentamos tomar um lanche e fizemos amizade</b>. Hoje temos contato no Facebook e no WhatsApp. Foi uma pessoa que é um exemplo até de outras pessoas que também já ouvi relatos na cidade. <b>O turista é bem acolhido, recebido, com amor. E o morador recebe muito bem também</b>” (Maria, 36 anos).</p>	<p>Relação boa entre morador e visitante</p> <p>Criação de laços de proximidade</p> <p>Visitante é bem acolhido, bem recebido</p>
<p>“<b>Há um acolhimento caloroso por parte do morador com o turista</b>, que sempre procura dar o melhor de si e da cidade para bem tratá-lo. Quanto ao turista para com o morador, também há uma boa troca de informações, de auxílio, de ideias, uma troca de carinho também, onde o turista sempre leva uma boa impressão da terra missioneira” (Maria, 41 anos).</p>	<p>Há acolhimento do morador com o visitante</p>
<p>“Eu acredito que seja uma <b>relação bem amigável e hospitaleira, de ambas as partes</b>, tanto que durante o verão, tem caravanas Argentinas que frequentam São Luiz, essa região ali, das Missões, ou passam um tempo por São Luiz, ou pessoas de outras localidades. Esses dias nós saímos passear na cidade e encontramos a filha de uma conhecida que mora em Londres, que estava visitando São Luiz. E a relação é sempre essa, se você chega e pergunta alguma coisa, as pessoas te respondem, te dão bom dia ou boa tarde, coisas assim que em uma cidade maior a gente sente que não é assim. [...] <b>Aqui há uma amizade entre vizinhos, as pessoas se conhecem, indicam</b>. Eu acho que <b>há uma cordialidade, uma amizade, uma receptividade às pessoas que</b></p>	<p>Relação amigável e hospitaleira entre morador e visitante</p> <p>Há cordialidade e receptividade entre morador e visitante</p>

(Continuação)

<p><b>chegarem na cidade e de quem tá aqui para com os outros</b>" (Maria, 45 anos).</p>	
<p><b>"Há uma hospitalidade dos turistas e dos moradores até em receber bem. Mas falta eventos que convidem o turista a vir conhecer a cidade e saber do que temos aqui. Tem esse evento do Arroz Carreteiro que tem tudo para ser bom no futuro que já é a 2ª edição. Mas não temos na cidade um restaurante que sirva tipos de carreteiro no ano, só na festa, já começa por aí. Eu particularmente acho pouco, ter toda uma história, ter todos esses anos, para ter somente uma festa do carreteiro para atrair mais pessoas. É um começo, é um passo, e tem muita gente envolvida para fazer acontecer e isso é bom. Mas deve ter mais coisas daqui"</b> (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Hospitalidade</p> <p>Falta eventos que fortaleçam a história do lugar</p>
<p><b>"Sempre tratei e trato bem turistas e moradores, dou 'oi' para todo mundo, converso, dou informação, indico e levo o mais próximo possível se for necessário. E vejo que o turista também tem essa relação de proximidade, de quem se sente abraçado pela cidade, com vontade de voltar"</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Relação de proximidade entre morador e visitante</p> <p>Há amorosidade na relação</p>
<p><b>"Quanto a relação de turista e morador, a meu ver, acho que os de fora geralmente são muito bem tratados, e isso é uma atitude de todo mundo, e isso acho que é um hábito comum de nós daqui de São Luiz. [...] São Luiz é bastante caminho para os turistas né, porque quem vai a São Miguel passa por aqui, quem vai a São Nicolau passa por aqui, então São Luiz acaba sendo apenas um caminho, né. O turista passa e realmente não fica em São Luiz. Fica uma parte só, pouco desse turista, mas boa parte do turismo aqui é de passagem, e a grande parte é em cidades que tem as reduções ou mais coisas de atrativos para apreciar"</b> (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Relação boa com os visitantes</p>
<p><b>"Eu vejo que o turista ele é bem recebido. O pessoal que vem de fora traz a sua cultura que é diferente da nossa e eles conseguem conviver com essas diferenças de forma harmônica e com acolhimento"</b> (Arthur, 39 anos).</p>	<p>Há um convívio com as diferenças de forma harmônica e com acolhimento</p>
<p><b>"Eu acho que falta as pessoas sentirem que amam a sua cidade e que podem fazer melhor pelo turista, porque muitos que aqui chegam, relatam que foram bem recebidos e nós temos o costume de receber bem, mas não nos preocupamos quando tem um ônibus na praça com turistas, não vão até eles, saber de onde são. Muitas vezes só se dão em conta de que teve um visitante quando sai num meio virtual. Falta a nossa consciência de se relacionar de outra forma"</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta mais amorosidade pelo lugar</p> <p>Recebem bem, mas falta mais empatia</p> <p>Necessita de mudança cultural</p>



(Continuação)

<p>“Eu vejo que <b>está melhorando</b>. Mas vejo que <b>o morador está despreparado para o turista</b>. Qualquer cidade que está preparada para o turismo sabe como bem tratar. E as pessoas aqui até sobre a história de São Luiz o pessoal não sabe. Então <b>eu vejo que não existe uma boa relação</b>. Até existe um pequeno grupo que se prepara e atende bem o turista, mas na grande maioria não há um interesse do nativo em receber e até ele nem sabe que tem o turista por aqui” (Maria, 40 anos).</p>	<p>Falta preparo para receber o visitante</p> <p>Falta interesse do morador em receber</p>
<p>“Eu acho que nessa parte nossa cidade é <b>muito hospitaleira</b>, mas acho que <b>falta divulgação e informação para o turista</b>. E o turista trata bem o pessoal daqui” (Arthur, 41 anos).</p>	<p>Relação boa de hospitalidade</p> <p>Falta divulgação e informação</p>
<p>“Até tem um <b>acolhimento entre as pessoas de maneira geral</b>. Mas temos poucos turistas. Acho que tem mais só quando tem a Expo São Luiz. E tirando isso, temos pouco pra ver, tem poucas coisas abertas para visitar. Não tem muita coisa que represente a cidade. <b>Até mesmo essas feiras que acontecem por aqui, elas são meio que pré-fabricadas, iguais a todas que tem no Brasil, cheia de eventos sertanejos que não atraem em nada contado daqui. Feira tradicional daqui não tem nada mais, nem música, nem nada</b>. Acho que o pessoal não tem entusiasmo de viajar tanto tempo para ver o que pode ter próximo da cidade em que mora. Mas o turista poderia vir e se sentir melhor aqui. <b>Falta valorizar coisas da terra para abraçar esse turista</b>” (Arthur, 28 anos).</p>	<p>Relação de acolhimento entre morador e visitante</p> <p>Necessita de atrativos que representem o lugar</p> <p>Falta valorizar as raízes locais</p>
<p>“Sinto que tem <b>uma leve desconfiança quando chega alguém novo na cidade</b>, talvez por conta de tanta notícia ruim que se espalha na televisão” (Maria, 29 anos).</p>	<p>Há desconfiança de quem chega</p>
<p>“<b>Não sei dizer se são bem recebidos, o que sei é que gostam e voltam</b>” (Arthur, 31 anos).</p>	<p>Há uma boa relação</p>
<p>“Eu percebo, na minha opinião, que tem <b>uma frieza no contato entre morador e turista</b>. Quem chega de fora sente isso e o feedback para quem tá de fora é o mesmo. <b>Acho que a cidade ainda não é preparada para receber</b>. Precisa despertar essa vontade porque ainda há um estranhamento” (Arthur, 33 anos).</p>	<p>Há uma frieza na relação morador e visitante</p> <p>Falta preparação para o receber</p>
<p>“A <b>relação do turista e do morador vejo que é uma relação boa que tem acolhimento entre os dois, [...]</b>. Talvez <b>falte até explorar melhor esses pontos turísticos</b> para que os turistas falem e venham mais à São Luiz” (Maria, 28 anos).</p>	<p>Relação boa de acolhimento entre morador e visitante</p> <p>Falta explorar pontos turísticos</p>
<p>“A <b>relação do turista e do morador vejo que é uma relação boa que tem acolhimento entre os dois, [...]</b>”</p>	<p>Relação boa de acolhimento entre</p>

(Continuação)

<p><i>Talvez <b>falte até explorar melhor esses pontos turísticos</b> para que os turistas falem e venham mais à São Luiz” (Maria, 28 anos).</i></p>	<p>morador e visitante</p> <p>Falta explorar pontos turísticos</p>
<p><i>“<b>Sobre o turismo vejo que as pessoas saem muito contente daqui e também percebo que quem mora aqui trata bem</b> quem vem de fora. Abraça quem vem de fora” (Arthur, 35 anos).</i></p>	<p>Há uma relação boa entre morador e visitante</p>
<p><i>“Sinto que <b>há uma troca de afetos entre as pessoas que vem de fora e os moradores daqui, há um acarinhamento nessa relação</b>, há uma felicidade em estar para estes lados de cá” (Maria, 37 anos).</i></p>	<p>Há uma troca de afetos e um carinho entre moradores e visitantes</p>
<p><i>“Sim, no modo geral <b>a população é bem receptiva quanto aos turistas</b>, o pessoal se empenha em auxiliar com informações quando necessário, inclusive quem passa por aqui normalmente quer voltar, temos um amigo que falava, que o projeto de aposentadoria dele, era vir morar aqui, pela recepção que teve em vários lugares” (Maria, 43 anos).</i></p>	<p>Há uma boa recepção dos moradores aos visitantes</p>
<p><i>“Eu acho que o povo daqui até por ser uma cidade pequena, <b>eles gostam de falar, gostam de contar</b>, que é uma cidade que tem história, que teve os índios. <b>E os turistas também gostam de ouvir, de saber mais do local</b>” (Arthur, 35 anos).</i></p>	<p>Há uma boa relação entre morador e visitante</p>
<p><i>“Acho que a <b>relação é boa</b>, mas o que <b>falta é ter mais atrativos para que esse turista passe mais tempo aqui</b>. Nem artesanato que fale da cidade não se encontra. Só tem coisas de São Miguel no artesanato em São Luiz” (Maria, 39 anos).</i></p>	<p>Relação boa</p> <p>Falta mais atrativos turísticos</p>
<p><i>“<b>Não dá para generalizar</b>, mas ainda não é uma recepção calorosa” (Maria, 54 anos).</i></p>	<p>Há uma relação boa na maioria das vezes</p>
<p><i>“Um exemplo é esse pessoal que veio do Ceará que está trabalhando com a rede elétrica que disse que <b>gosta de São Luiz e que está sendo muito bem tratado</b>. Assim como tem alguns outros exemplos de familiares e até mesmo de amigos que temos que sentimos essa <b>troca fraterna</b>” (Arthur, 37 anos).</i></p>	<p>Boa relação entre morador e visitante</p> <p>Há uma troca fraterna</p>
<p><i>“Eu acho que aqui o pessoal é bem tranquilo nessa parte, de acolher o turista. E do turista em ter <b>acolhimento com o morador</b>. [...] E também <b>falta a valorização dos artistas locais e até mesmo eventos de música tradicionalista se perderam e não voltaram mais</b>. Seria mais uma forma de divulgar a cidade para mais turistas” (Maria, 29 anos).</i></p>	<p>Relação boa de acolhimento entre morador e visitante</p> <p>Falta eventos tradicionais e valorizar artistas</p>
<p><i>“Acho que <b>existe uma troca de afeto e de felicidade entre quem vem e quem tá aqui</b>, mas acho que <b>falta a informação que a gente não fica sabendo de nada</b>. Às</i></p>	<p>Há troca de afeto e felicidade entre morador e visitante</p>

(Continuação)

<p>vezes até a gente vê no rádio que os hotéis estão lotados, mas não tem divulgação da cidade do que está acontecendo, até tem, mas acho que ainda é pouca se a gente pensar no turista que vem” (Maria, 37 anos).</p>	<p>Falta informação sobre acontecimentos no lugar</p>
<p>“Nós são luizenses não vemos maldade, <b>nós recebemos bem e esperamos e somos bem recebidos</b>, acho que é porque não temos aquela visão de quem mora em cidade grande que não temos desconfiança, que ainda não tem tanta violência, que somos bem acolhedores. E pretendemos continuar assim” (Maria, 43 anos).</p>	<p>Recebe bem e é bem recebida</p>
<p>“<b>Já presenciei situações</b> e tive que intervir no mau atendimento a turistas” (Maria, 52 anos).</p>	<p>Necessita melhoria nas relações</p>
<p>“O que acontece é que <b>o pessoal aqui é meio desconfiado, é todo mundo com um pé atrás</b>. Acho que é um pouco natural estranhar um pouco, antes de tu saber quem é aquela pessoa. Atualmente vejo que o pessoal evita um pouco se expor, se relacionar com pessoas que não conhece. Mas acho que quando esse turista está acompanhado de alguém que está mostrando a cidade, <b>geralmente eles são bem tratados</b>. E vejo uma empatia. O detalhe é que <b>o turista que vem aqui em São Luiz não tem muito o que ver. Isso que é um dos principais problemas</b>, da gente não ter turista aqui em São Luiz, é a coisa pública não fazer isso acontecer. Pessoas que entram aqui, Argentinos e outros, porque temos essa estrada que liga vários lugares, o pessoal chega aqui, mas não tem muito que ver. Vai em dois ou três pontos turísticos principais e vai embora. Antes tinha uma Redução Jesuítica aqui, foi destruída, não tem nada. <b>A própria parede do museu caiu e agora está em reformas e não se sabe quando vai voltar a funcionar. A igreja que está sempre fechada e tem obras turísticas, só abre em dia de missa. O museu arqueológico também é bem bagunçado, não tem pessoas com vontade e com conhecimento para atender lá</b>. A gente sabe que tem gente que se esforça, que já teve várias pessoas à frente tentando fazer o melhor. É incrível, mas parece mentira, mas a cidade que era para ser uma cidade turística por causa da nossa história, o mau trato com isso que conta a história é impressionante e deixa uma visão negativa do que poderíamos explorar na cidade” (Arthur, 43 anos).</p>	<p>Há uma relação de desconfiança</p> <p>Geralmente os visitantes são bem tratados</p> <p>Há empatia</p> <p>Falta mais opções de atrativos turísticos</p> <p>Falta empenho no atendimento de locais públicos</p> <p>Necessita ter espaços turísticos abertos para visitação</p>
<p>“Vejo <b>relação de hospitalidade e bom trato entre as pessoas daqui e de fora</b>. Mas vejo também que <b>não valorizamos nem os artistas locais</b>. Na cidade, muito pouco tem artistas locais nos barzinhos. E também olham assim, <b>como são de casa, que devem fazer de graça, que não querem contratar, porque são daqui. Ou</b></p>	<p>Relação de hospitalidade e bom tratamento entre moradores e visitantes</p> <p>Falta valorização dos</p>

(Continuação)

<p><b>querem contratar a troco de pizza. Já ouvi vários relatos desses nossos talentos falar. Mas os barzinhos não medem esforços para trazer nomes de fora e pagar bem caro por isso. Isso é um erro grande. Nem os grandes nomes, Luiz Carlos Borges e Pedro Ortaça, não participam da Expo São Luiz, mas fora daqui são reconhecidos em todos os lugares que passam e arrancam multidões em seus shows. Vejo como uma relação de afastamento mais que de proximidade”</b> (Maria, 46 anos).</p>	<p>artistas locais</p>
<p><b>“Ainda temos muito que aprender com os turistas e muito a oferecer para eles. Mas devagarinho vamos plantando boas sementes”</b> (Maria, 35 anos).</p>	<p>Falta aprender mais para oferecer melhor relação</p>
<p><b>“Acho que mesmo ainda pouca, há uma relação de troca de hospitalidade, ainda insipiente, mas pode melhorar com a ideia de aumentar o turismo na cidade”</b> (Maria, 43 anos).</p>	<p>Há uma boa relação de hospitalidade, mas pode melhorar</p>
<p><b>“Eu vejo que São Luiz e a nossa Região das Missões aqui tem potencial muito maior para o turismo, temos histórias, temos pontos belíssimos de turismo, mas acho que falta um preparo maior para chamarmos mais turistas e atendê-los de maneira mais acolhedora”</b> (Maria, 38 anos).</p>	<p>Falta preparo para atender e acolher os visitantes</p>
<p><b>“Eu vejo que as pessoas são muito fechadas, geralmente os moradores, hoje em dia por causa dos golpes que a gente vê na televisão, acho que as pessoas daqui foram se fechando e não estão dando muita importância ao turista. Mas eu acho que mesmo assim, mesmo em número menor, há uma relação até boa de querer receber bem e deles de serem recebidos bem, mas ainda não é tudo aquilo”</b> (Maria, 52 anos).</p>	<p>Pessoas muito fechadas para receber o visitante</p> <p>Há uma boa relação de querer bem, mas necessita melhorar as relações</p>
<p><b>“Somos privilegiados de morar numa cidade com tanta história e até pela raiz nos índios que nos faz hospitaleiros”</b> (Maria, 48 anos).</p>	<p>Hospitalidade</p>
<p><b>“Eu acho que esse é um ponto positivo que nós moradores de São Luiz acho que somos acolhedores em relação aos turistas. [...] São Luiz é um polo de músicos, de letristas, tem tantas pessoas, tantos artistas aqui, que fazem shows fora do Rio Grande do Sul, ou até mesmo dentro, mas fora da cidade, que são simplesmente aplaudidos de pé. Nós não temos esse mesmo hábito de incentivar o que é nosso, de ter orgulho do que é nosso. Isso nos falta. [...] E além disso, acho que nós temos uma parte histórica de São Luiz Gonzaga antiga em relação a guerras a quem veio aqui que não é ensinado na nossa escola. [...] Então, isso eu acho que era uma coisa muito interessante de nós trabalharmos, que eu acho que nós temos potencial. O que tá faltando</b></p>	<p>Há acolhimento dos moradores com os visitantes</p> <p>Falta incentivo e valorização dos talentos locais</p> <p>Falta ampliar conhecimento da história do lugar</p> <p>Necessita de mudança cultural</p>

(Conclusão)

***é nós mudarmos um pouco, exatamente a cultura e, devagarinho mostrar as nossas qualidades. Mostrar que nós temos um passado histórico muito interessante e que nós podemos explorar muito isso. Ou seja, trazer cada vez mais turistas, porque o turismo desenvolve o município. E eu acho isso muito importante. O município precisa crescer, ele não pode ficar parado no tempo. [...] Eu acho que nós temos muito mais coisas que nós poderíamos fazer”*** (Maria, 47 anos).

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores adultos percebem a relação entre moradores e visitantes e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 44 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (adultos)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>Relações:</b>  Hospitalidade  Acolhimento  Amorosidade  Alegria em receber  Relação de reciprocidade  Relação de respeito, gratidão, troca de acolhimento  Há uma reciprocidade na relação entre moradores e visitantes  Relação amigável entre moradores e visitantes  Relação de cordialidade e acolhimento entre morador e visitante  Há solidariedade com o visitante  Há afetividade  Pessoas acolhedoras  Relação boa  Prontidão em receber  Relação de prontidão, de hospitalidade e de acolhimento  Relação afetiva entre morador e visitante  Alegria em receber  Falta melhorar atendimento e conhecimento  Falta preparação e empatia para receber  Falta preparo para atender e acolher os visitantes  Falta melhorar relações com visitantes e com moradores  Falta mais amorosidade pelo lugar  Falta interesse do morador em receber  Necessita de mudança cultural  Falta aprender mais para oferecer melhor relação  Necessita melhoria nas relações  Necessita ampliar a amorosidade dos moradores  Necessita de mais abertura para receber os visitantes  Necessita sair da superficialidade</p>

(Continuação)

Necessita de mais acolhimento e afetividade  
 Necessita melhorar o receber  
 Pessoas muito fechadas para receber o visitante  
 Há uma boa relação de hospitalidade, mas pode melhorar  
 Há cordialidade e há hostilidade  
 Há uma boa relação de querer bem, mas necessita melhorar as relações  
 Há uma relação de desconfiança  
 Há uma boa relação com troca de afetividade e acolhimento  
 Há disponibilidade e timidez  
 Há desconfiança de quem chega  
 Há uma frieza na relação morador e visitante  
 Há uma boa relação de receber  
 Há um convívio com as diferenças de forma harmônica e com acolhimento  
 Há relação de hospitalidade  
 Há uma troca de acolhimento  
 Há um acolhimento dos moradores  
 Há amorosidade nas relações  
 Há empatia  
 Há acolhimento e amorosidade do morador  
 Há troca de acolhimento e afetividade entre morador e visitante  
 Geralmente os visitantes são bem tratados  
 Moradores são solidários e prestativos  
 Morador em alguns casos recebe bem  
 Visitante é bem tratado e valorizado  
 Estrangeiros que chegaram para morar foram e são muito bem recebidos pelos moradores  
 Visitantes dispostos a conhecer o lugar como um todo  
 Recebem bem  
 Boa relação entre morador e visitante  
 Criação de laços de proximidade  
 Visitante é bem acolhido, bem recebido  
 Há uma relação boa na maioria das vezes  
 Há uma troca de afetos e um carinho entre moradores e visitantes  
 Há uma troca fraterna

**Comunicação:**

Falta comunicação com o visitante  
 Falta informação sobre o que fazer no lugar  
 Falta participação e envolvimento do Poder público em festividades locais  
 Falta informação sobre acontecimentos no lugar

**Estrutura:**

Falta preparação e estrutura para receber bem o visistante

**Mídia:**

Falta divulgação dos acontecimentos do lugar  
 Falta divulgação e informação

**Turismo:**

Falta ampliar possibilidades no turismo  
 Falta melhoria no material informativo dos pontos turísticos  
 Falta conhecimento dos atrativos locais  
 Falta explorar pontos turísticos  
 Necessita de atrativos que representem o lugar  
 Falta mais opções de atrativos turísticos  
 Necessita de espaços turísticos estarem abertos para visitação  
 Explorar potencialidades do lugar

(Conclusão)

<p><b>História:</b>          Falta ampliar conhecimento sobre a história do lugar          Falta eventos que fortaleçam a história do lugar          Falta conhecimento da história do lugar para receber bem          Ampliar a potencialidade de contar a história do lugar</p>
<p><b>Arte:</b>          Falta valorização dos músicos do lugar          Falta mais artesanato que fale sobre o lugar          Falta eventos tradicionais e valorizar artistas          Falta incentivo e valorização dos talentos locais          Falta valorizar as raízes locais          Necessita conhecer mais a história</p>
<p><b>Espaços públicos:</b>          Necessita o morador cuidar do espaço público</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Por fim, Quadro 45, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária acima de 60 anos e referente a pergunta aberta: “Como percebe a relação entre moradores e visitantes?”.

Quadro 45 – Narrativas de sujeitos do lugar acima de 60 anos (terceira idade)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p>“Acho que a cidade <b>recebe e acolhe bem</b>. Os turistas também são muito hospitaleiros e bem tratados. Mas eu acho que <b>falta mais incentivo da parte da Prefeitura e da parte dos próprios moradores de valorizar mais o que temos aqui</b>, como os artistas locais e os pontos turísticos” (Arthur, 79 anos).</p>	<p>Recebe e acolhe bem</p> <p>Falta mais incentivo do Poder público e dos moradores para valorizar o lugar</p>
<p>“<b>Vejo uma sutileza no relacionamento que parece que somos conhecidos desde a infância</b>. Essa troca que preciso existir” (Maria, 65 anos).</p>	<p>Há uma sutileza nas relações</p>
<p>“Relações são sempre incógnitas, mas <b>no geral aqui em São Luiz as relações que se estabelecem entre moradores e turistas são muito boas</b>” (Arthur, 67 anos).</p>	<p>Relações estabelecidas muito boas</p>
<p>“<b>O tratamento entre vizinhos e gente que vem passear são todos ótimos</b>. E eu da minha parte como pessoa gosto muito quando vem turistas e trato bem. Coisa boa quando tem visitante na cidade, que tem movimento e gira dinheiro para nosso município, isso é uma coisa muito boa. E a gente também vê os turistas e visitantes que chegam aqui, tratam bem as pessoas daqui se importam com a nossa história” (Maria, 74 anos).</p>	<p>Tratamento entre moradores e visitantes são ótimos</p>
<p>“Em São Luiz a <b>hospitalidade missioneira é contagiante e com bastante acolhimento</b>” (Maria, 79 anos).</p>	<p>Hospitalidade e acolhimento</p>

(Continuação)

<p><i>“Eu costumo ver uma <b>relação muito boa entre ambos</b>. O nosso município cresceu significativamente em alguns setores e isso tem trazido mais gente de fora, o que é bom, mas ainda vejo que <b>falta um pouco mais de uma coisa voltada para aproveitar a história das Missões e com isso aproximar mais essa relação dos turistas. Falta também instalações adequadas para abrigar os diversos públicos que aqui vem</b>. Porque nós temos um potencial a mais a ser explorado e isso impacta na construção das relações afetivas”</i> (Arthur, 63 anos).</p>	<p>Relação boa entre moradores e visitantes</p> <p>Falta aproveitar mais a história das Missões</p> <p>Falta instalações adequadas para receber bem</p>
<p><i>“É importante dizer que <b>como estamos em crescimento no setor do turismo há que se ter um cuidado para manter essa hospitalidade com todos os que chegarem futuramente</b> e não perder esse diferencial que temos”</i> (Arthur, 71 anos).</p>	<p>Há hospitalidade nas relações</p>
<p><i>“Não tem preço, <b>é muito gratificante receber gente de todo o Brasil na nossa cidade e falar das nossas raízes</b>”</i> (Maria, 68 anos).</p>	<p>Orgulho em receber</p>
<p><i>“É bom ter visitantes em São Luiz Gonzaga, <b>mas me sinto despreparada para falar mais da história da cidade que desconheço</b>, mas sempre conto causos da minha infância e do tempo que eu era adulta e vivenciava os feitos da cidade”</i> (Maria, 88 anos).</p>	<p>Reconhecimento de despreparo para contar a história do lugar</p>
<p><i>“Falar de <b>relações é dizer que os homens estão em permanente aprendizagem, uns com os outros</b>, e é dessa forma que percebo a relação do turista com o morador aqui em São Luiz Gonzaga. <b>Uma relação boa e cordial</b>”</i> (Maria, 80 anos).</p>	<p>Constante aprendizagem nas relações</p> <p>Relação boa e cordial</p>
<p><i>“Eu acho que <b>tem acolhimento dos dois, mas vejo pouca divulgação</b>. E até mesmo no posto de turismo na praça só atendem de segunda a sexta e nada mais. Final de semana que vem turista, só depende da Brigada e dos Bombeiros para dar a informação, se eles souberem”</i> (Maria, 64 anos).</p>	<p>Acolhimento entre moradores e visitantes</p> <p>Falta divulgação na cidade</p>
<p><i>“Eu já <b>recebi bem e fui muito bem recebida</b> na terra deles que me convidaram e fui conhecer”</i> (Maria, 67 anos).</p>	<p>Orgulho em receber</p>
<p><i>“<b>Receber bem e abraçar quem chega a gente faz, mas temos poucos recursos financeiros que propiciem uma estadia mais longa na cidade para conhecer mais coisas</b>”</i> (Arthur, 73 anos).</p>	<p>Recebe bem</p> <p>Há amorosidade</p> <p>Falta recursos financeiros</p>
<p><i>“Há uma <b>boa relação entre o morador e também o turista</b>, quem vem pra cá se sente abraçado pelo povo missioneiro”</i> (Maria, 77 anos).</p>	<p>Há boa relação</p> <p>Acolhimento</p>
<p><i>“<b>Deviam explorar mais os pontos turísticos e deixá-los</b>”</i></p>	<p>Necessita ampliar a</p>



(Continuação)

<p><b>mais bonitos</b> para que a gente receba mais gente” (Arthur, 84 anos).</p>	<p>beleza dos pontos turísticos</p>
<p>“Essa questão turística em São Luiz eu acho que precisa ser bem melhorada, <b>falta divulgação</b>, até nós temos os roteiros aqui, das Origens, e as pessoas, moradores, vem as pessoas como os ‘andarilhos’, e <b>em muitos casos não se importam com esse visitante</b>. E essas pessoas vem agregar para nós, seja em bares, hotéis, comida. Mas <b>esse turista que vem tem um outro olhar sobre nós, vem com a ideia de um resgate histórico, em busca até de uma calmaria que nossa cidade oferece</b>. E nossa cidade tem esse atendimento diferenciado de horário, que abre as 8 horas, fecha ao meio dia, abre entre 13h30 e 14 horas e depois fecha as 18h. Não sei até que ponto isso é bom para o turista. Mas <b>eles nos veem como pessoas maravilhosas, pelo nosso jeito de conversar com eles, isso acredito que fortalece uma relação que acolhe e abraça. E nós nesse sentido também somos acolhidos e abraçados</b>. Mas se for olhar bem a fundo sobre o turismo, até mesmo as informações turísticas, <b>falta um preparo e educação por parte dos moradores</b>. Mas eu acho que a partir do momento que o turista percebe um interesse do morador para com ele, aí sinto que há uma relação mais próxima. E nós temos muita coisa a ensinar e a mostrar e que o turista vem disposto a fazer essa troca. Acho que esse jeito diferenciado de pensar turismo deveria ter na escola. Também, deveria estar em cursos de preparação para empresas e instituições, um novo olhar para as relações e até para si mesmo, necessita muito para o crescimento pessoal e profissional” (Maria, 60 anos).</p>	<p>Falta divulgação da história do lugar e dos caminhos turísticos</p> <p>Falta se importar mais com o visitante</p> <p>Há acolhimento e amorosidade nas relações</p> <p>Falta preparo e educação dos moradores</p>
<p>“Nós temos muitos artistas aqui que acabam pelos seus nomes divulgados que trazem turistas para cá e daí ao chegarem também se interessam pela história da cidade, mas é uma pena porque <b>tem vários pontos turísticos que precisam ser melhor mostrados</b>. Acho que <b>falta mais comunicação e mudar a questão cultural do morador para melhorar</b>” (Arthur, 66 anos).</p>	<p>Necessita mostrar melhor os pontos turísticos</p> <p>Falta mais comunicação</p> <p>Necessita de mudança cultural</p>
<p>“Economicamente é bom ter turistas, mas <b>eu não gostaria que enchesse de gente o tempo todo</b>” (Arthur, 68 anos).</p>	<p>A calma deve ser conservada</p>
<p>“Já vi gente se <b>estranhando na praça com turista</b>, mas isso uma ou duas vezes em dez anos” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Leve estranhamento com visitantes</p>
<p>“<b>Receber bem com hospitalidade</b> é o nosso forte e os turistas gostam disso” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Recebem com hospitalidade</p>
<p>“<b>Às vezes a gente se depara sem saber o que fazer</b></p>	<p>Falta conhecimento da</p>

(Continuação)

<p><b>porque não tem conhecimento da história da cidade para informar</b>, mas, independentemente disso, a gente recebe sempre com sorriso” (Arthur, 79 anos).</p>	<p>história do lugar para mostrar ao visitante</p>
<p>“O comércio é um problema para quem chega e quer comprar algo, pois, <b>falta conhecimento e bom atendimento para o turismo</b>” (Maria, 75 anos).</p>	<p>Falta conhecimento e bom atendimento</p>
<p>“Acho que todo mundo que vem para cá e quer conhecer um pouco mais da cidade <b>se depara com algumas coisas que ainda não tem</b>, como um artesanato que mostre a cidade ou um atendimento de qualidade em alguns pontos turísticos e isso impacta na relação” (Maria, 69 anos).</p>	<p>Falta melhorias para mostrar o lugar</p>
<p>“<b>Desde que eles cuidem do que é nosso são bem-vindos</b>” (Maria, 84 anos).</p>	<p>Deve haver cuidados com o lugar</p>
<p>“Antes até tínhamos uma deficiência em saber o que tínhamos, mas agora com a Secretaria de Turismo, <b>há um esmero e preocupação em mostrar em que parte estão os lugares e não somente os pontos turísticos</b>. Isso tem provocado uma melhor relação entre morador e turista” (Arthur, 69 anos).</p>	<p>Há preocupação e esmero para mostrar os lugares provocando melhorias na relação</p>
<p>“Assim, se for pensar em um visitante que chega <b>ele é bem recebido</b>, mas se for pensar em onde ele vai visitar, <b>daí não tem muitos lugares</b>” (Arthur, 62 anos).</p>	<p>Recebe bem Falta lugares para visitar</p>
<p>“Nesse aspecto eu vejo e <b>sempre vi um povo hospitaleiro para o bem receber do turista</b>, mesmo que a gente tenha poucos turistas. E quanto ao turista, acho sim que <b>ele tem um respeito com o morador</b>. Dá pra dizer que <b>tem uma troca de humanização, de afeto e de amor, em quase todos</b>” (Maria, 69 anos).</p>	<p>Há hospitalidade entre morador e visitante Há humanização, afeto e amor</p>
<p>“Eu acho que tudo isso depende, <b>temos muitos turistas que esperam chegar aqui e ter um atendimento específico, com a programação sempre no mesmo horário</b>, como lá em Santo Ângelo, por exemplo, tem o Som e Luz. <b>Nós temos riquezas jesuíticas, mas não temos programação para atender especificamente o turista</b>. Temos bons hotéis, temos a casinha que dá informação na praça que funciona muito bem. Tem os folders que eles funcionam muito bem, que eles dão muitas informações e indicam onde se podem comprar lembrancinhas, mas, alguns turistas chegam muito arrogantes, pensando que qualquer cidadão vai ter todas as informações. Mas <b>eu acho que, no geral, a população fica feliz, o comércio fica feliz</b>. E a gente lamenta muito que, as edições da Mostra da Arte Missioneira, do Tchamameceiros, tenha virado uma briga política do ‘eu que mando, eu que inventei, fui eu que fundei’, e <b>a cidade</b></p>	<p>Falta programação específica para atender o visitante Há felicidade nos moradores em receber Eventos tradicionais de música foram extintos por relações políticas Falta explorar a musicalidade Falta explorar riquezas de cultura</p>

(Continuação)

<p><b>como um todo sai perdendo. Nós temos os quatro troncos missioneiros: Noel Guarani, Jayme Caetano Braun, Pedro Ortaça e Cenair Maicá. Então, isso teria que ser explorado com festival de música gaúcha, poderia ser muito bem explorado, só que troca os governantes, trocam as ideias, trocam os partidos, trocam os ideais, e cada um quer fazer o seu nome em cima das nossas tradições. Então não se perpetua nenhum desses movimentos, infelizmente. Temos riquezas de cultura a explorar, nada material. E para encerrar, eu vou citar um ditado que eu tenho, do poeta José Paulo Paes que eu carrego na minha agenda que diz assim ó: ‘cultura é tudo aquilo que a gente se lembra após ter esquecido o que leu, revela-se no modo de falar, de sentar, de comer, de ler um texto, de olhar o mundo, é uma atitude que se aperfeiçoa no contato com a arte. Cultura não é aquilo que entra pelos olhos, é o que modifica o seu olhar’” (Maria, 61 anos).</b></p>	
<p><b>“O nosso jeito interiorano de ser e de receber faz com que a gente sempre seja elogiada pelos turistas, e não o fazemos para impressionar e sim pelo gosto de receber” (Maria, 80 anos).</b></p>	Recebem bem
<p><b>“Quando vem turistas para cá sempre que me concedem, conto sobre a época das serenatas, dos carnavais com marchinha e de outros momentos que ficaram guardados na minha memória. Tempos bons aqueles” (Arthur, 69 anos).</b></p>	Relação acolhedora e recheada de memórias musicais
<p><b>“É uma relação prazerosa” (Maria, 67 anos).</b></p>	Boas relações
<p><b>“Já senti uma sensação de bem-estar por estar recebendo e uma felicidade estampada no rosto deles por estarem sendo acolhidos” (Maria, 68 anos).</b></p>	Bem-estar e acolhimento ao receber/ser recebido
<p><b>“Já levei turistas para minha casa porque chegaram na cidade e o carro estragou e não tinham onde ficar e foram famílias que não se importaram com a simplicidade da minha casa e criamos um elo de amizade” (Maria, 66 anos).</b></p>	Acolhimento e amorosidade nas relações com visitantes
<p><b>“O que eu acho constrangedor e que até pode ter haver no receber bem é que a gente faz toda a frente em receber com alegria, daí o turista chega na Igreja Matriz e está fechada e ali já impacta de não poder visitar a cidade e não temos nem para quem ligar para abrir a Igreja e já aconteceu de não deixarem entrar também. É muito ruim, porque a gente fica sem saber o que fazer” (Maria, 74 anos).</b></p>	Recebe bem Falta espaços turísticos estarem abertos
<p><b>“Na terra de Jayme Caetano Braun todos são recebidos de braços abertos” (Maria, 71 anos).</b></p>	Orgulho em receber
<p><b>“Acho que tem moradores que tratam bem no geral,</b></p>	Relações boas

(Continuação)

<p>mas no comércio, alguns moradores não fazem assim tão bonito” (Arthur, 74 anos).</p>	
<p><b>“Há umas ideias pré-concebidas de que os gaúchos são muito acolhedores.</b> Na verdade, eu penso assim que, todos nós deveríamos ter essa tradição de receber bem e de acolher. Porém, nas atuais circunstâncias, de que há uma política muito acentuada de personalismo, de individualismo, as pessoas estão se encerrando mais dentro de suas próprias casas, por medo ou por preocupação. Olha, caminhando pela cidade você nota a quantidade de grade. A maioria das casas está cercada de cerca elétrica e grades. No Brasil, diariamente, estamos vivendo mais e mais histórias de assalto, crimes a todo momento, mas porque somos ainda um país de terceiro mundo, com sociedade violenta em alguns pontos. Isso é uma realidade, não podemos esquecer disso. E isso também impacta na relação morador e turista, turista e morador. Bom, mas nós estamos em São Luiz Gonzaga. Mas aqui não é diferente não. Hoje, já estamos vivendo situações em que há muita violência na nossa cidade. E embora não tenhamos uma tradição de receber inúmeros visitantes quanto numa grande cidade, podemos dizer que <b>temos essa troca no acolher.</b> Nós recebemos e queremos receber” (Maria, 70 anos).</p>	<p>Há uma troca nas relações entre acolher e ser acolhido</p>
<p><b>“O encontro proporciona sempre uma troca de afeto e de hospitalidade”</b> (Maria, 61 anos).</p>	<p>Troca de afeto e hospitalidade</p>
<p><b>“Quem eu vejo chegar na cidade quando estou pelo centro, que às vezes tem os caminhantes eu sempre cumprimento e procuro saber de onde vem e se precisam de alguma coisa e me retribuem com um sorriso e agradecimento”</b> (Arthur, 65 anos).</p>	<p>Disponibilidade em receber</p>
<p><b>“Em alguns eventos de música que tínhamos na cidade dava pra ver bem essa relação de cordialidade e acolhimento,</b> com as pessoas perguntando sobre a cidade e sobre o que tínhamos para fazer por aqui” (Arthur, 65 anos).</p>	<p>Relações de cordialidade e acolhimento</p> <p>Falta eventos musicais</p>
<p><b>“Todo mundo que vem aqui visitar, seja pra rever um parente ou para conhecer a cidade não deixa de ser um turista, e merece nossa atenção e respeito de forma igual”</b> (Maria, 74 anos).</p>	<p>Há atenção e respeito dos moradores com os visitantes</p>
<p><b>“[...] sempre tem os dois lados, tem aqueles que vem e que se sentem bem, mas ainda tem aqueles que vem e estragam.</b> E as pessoas no geral na cidade tem gente que trata bem e tem outros moradores que não. [...] Muitas vezes não tem um restaurante aberto, os hotéis são precários. Os donos dos hotéis não se preocupam em cuidar, <b>não tem assiamento em termos de higiene e de cuidados.</b> Porque aqui é uma parada de turistas.e</p>	<p>Necessita de cuidados por parte dos visitantes</p> <p>Falta cuidados de higiene em restaurantes e hotéis</p> <p>Há acolhimento mas</p>

(Continuação)

<p><i>poderia ser mais explorado para eles ficarem mais. Então em alguns casos não tem acolhimento. Mas em muitos outros casos, tem gente que acolhe e que são bem receptivos. Mas acho que ainda falta ter um olhar diferente sobre o turismo para que seja melhor. [...] E não é só isso, temos nossa praça abandonada e <b>outros lugares que vem bastante gente de fora e estão tudo, infelizmente, malcuidados</b>. E precisa ter coisas bem arrumadas para os turistas e até os moradores daqui ter o que visitar” (Maria, 63 anos).</i></p>	<p>necessita ser ampliado</p> <p>Há lugares malcuidados</p>
<p><i>“Como as pessoas são sempre diferentes acho que os <b>jeitos de atender deveriam ser diferenciados</b> para receber ainda melhor. Não atender todos da mesma maneira como se fossem robôs” (Maria, 75 anos).</i></p>	<p>Atender de maneira diferenciada para receber melhor</p>
<p><i>“Pra nós é sempre um <b>orgulho poder receber</b>, convidar para um chimarrão, falar da terra vermelha” (Arthur, 77 anos).</i></p>	<p>Orgulho em receber</p>
<p><i>“Não é possível dizer que todos são bem recebidos, porque até <b>um que outro já comentou para um outro que não foi bem recebido</b>, mas acho que é de não ter onde visitar turisticamente, porque a gente sempre recebe bem” (Maria, 63 anos).</i></p>	<p>Melhorar o receber</p>
<p><i>“Eu percebo uma <b>relação de reciprocidade</b> nos públicos em questão” (Maria, 78 anos).</i></p>	<p>Relação de reciprocidade</p>
<p><i>“São relações que não se desfazem porque tem <b>carinho e amor envolvido</b>” (Maria, 81 anos).</i></p>	<p>Relações de carinho e amor</p>
<p><i>“São Luiz <b>ainda não está preparada para receber turistas</b>, ainda se está trabalhando em potencial para isso, então, acho que ainda falta melhorar a relação” (Arthur, 61 anos).</i></p>	<p>Falta preparação para receber visitantes</p>
<p><i>“<b>Sempre percebi que tem uma boa relação das duas partes</b>, que os visitantes se sentem bem por estar aqui numa cidade pequena, <b>acolhedora</b>, que podem andar descansados na rua, e nós de acolhermos bem esse turista que vem conhecer nossa história” (Maria, 79 anos).</i></p>	<p>Recebem e são recebidos bem</p> <p>Acolhimento</p>
<p><i>“Quando a gente se propõe <b>a abrir a casa para receber</b>, <b>não faz diferenciação</b> e recebe com alegria” (Arthur, 83 anos).</i></p>	<p>Abertura para o receber</p> <p>Alegria ao receber</p>
<p><i>“Relação de afeto, de hospitalidade e de empatia” (Arthur, 78 anos).</i></p>	<p>Afeto, hospitalidade, empatia</p>
<p><i>“Hoje em dia o turista chega meio arredio, se cuidando, sem falar muito, mas isso <b>até conhecer, porque depois se solta e volta várias vezes</b>” (Arthur, 67 anos).</i></p>	<p>Visitante chega com calma e depois se solta</p>
<p><i>“<b>Sempre recebi bem</b> aqui na loja, desde quando eu abri. E faço questão de trocar experiências com os turistas, a</i></p>	<p>Recebe bem</p>

(Conclusão)

<i>gente aprende muito” (Maria, 82 anos).</i>	Relação de troca e aprendizagem
<i>“São Luiz Gonzaga desde os tempos primórdios tem esse jeito missioneiro e carinhoso de receber, esse é o nosso diferencial” (Arthur, 62 anos).</i>	Recebe carinhosamente

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores da terceira idade percebem a relação entre moradores e visitantes e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 46 – Síntese sobre como moradores percebem a relação entre moradores e visitantes a partir de expressões-síntese relacionadas (terceira idade)

(Continua)

Expressões-síntese
<p><b>Relações:</b>  Recebe e acolhe bem  Recebem bem  Há uma sutileza nas relações  Relações estabelecidas muito boas  Tratamento entre moradores e visitante são ótimos  Hospitalidade e acolhimento  Há amorosidade  Há boa relação  Há acolhimento  Há acolhimento e amorosidade nas relações  Alegria ao receber  Relação boa entre moradores e visitantes  Há hospitalidade nas relações  Há hospitalidade entre morador e visitante  Há humanização, afeto e amor  Há felicidade nos moradores em receber  Há atenção e respeito dos moradores com os visitantes  Orgulho em receber  Recebem com hospitalidade  Acolhimento entre moradores e visitantes  Há acolhimento mas necessita ser ampliado  Falta se importar mais com o visitante  Deve haver cuidados com o lugar  Necessita de mudança cultural  Necessita de cuidados por parte dos visitantes  Há lugares malcuidados  Atender de maneira diferenciada para receber melhor  Melhorar o receber  Leve estranhamento com visitantes  Há preocupação e esmero para mostrar os lugares provocando melhorias na relação  Constante aprendizagem nas relações  Relação boa e cordial  Relação acolhedora e recheada de memórias musicais</p>

(Conclusão)

Boas relações Afeto, hospitalidade, empatia Bem-estar e acolhimento ao receber-ser recebido Visitante chega com calma e depois se solta Troca de afeto e hospitalidade Disponibilidade em receber Relação de troca e aprendizagem Recebe carinhosamente
<b>Comunicação:</b> Falta mais incentivo do Poder público e dos moradores para valorizar o lugar Falta mais comunicação
<b>Estrutura:</b> Falta recursos financeiros Falta instalações adequadas para receber bem Falta lugares para visitar Falta melhorias para mostrar o lugar
<b>Mídia:</b> Falta divulgação na cidade Falta divulgação da história do lugar e dos caminhos turísticos
<b>Turismo:</b> Falta programação específica para atender o visitante Falta espaços turísticos estarem abertos Necessita mostrar melhor os pontos turísticos Necessita ampliar a beleza dos pontos turísticos
<b>História:</b> Reconhecimento de despreparo para contar a história do lugar Falta aproveitar mais a história das Missões Falta conhecimento da história do lugar para mostrar ao visitante Falta explorar as riquezas de cultura
<b>Educação:</b> Falta preparo e educação dos moradores Falta conhecimento e bom atendimento
<b>Higiene:</b> Falta cuidados de higiene em restaurantes e hotéis
<b>Arte:</b> Falta eventos musicais Falta explorar a musicalidade Eventos tradicionais de música foram extintos por relações políticas
<b>Modo de vida:</b> A calma deveria ser conservada

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “Como percebe a relação entre moradores e visitantes?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

Em relação a pergunta aberta, foi possível perceber, nas respostas, que há uma relação amigável, de confiança e respeito, extenuando uma recepção

hospitalieira, acolhedora, afetiva e amorosa entre moradores e visitantes. Salientaram os moradores que há um orgulho das pessoas em dizer ao visitante sobre sua cidade, sobre o orgulho de ser da terra vermelha, de fazer parte de uma cidade pequena e calma, mesmo desconhecendo uma grande parte de sua história. Registraram os moradores, nas narrativas, que São Luiz Gonzaga tem potencial turístico, mas que é um potencial ainda não explorado. Também há a sinalização de que necessita maior conhecimento para dar informações a visitantes; de que há a necessidade de ampliar a infraestrutura turística, com agência, guia, folders chamativos, informações atrativas em sites municipais e mais divulgação nas mídias sócias e outros canais de comunicação, local, regional e nacional. Dessa forma, a pergunta trouxe sinalizadores importantes para a comunicação, para as relações e para pensar o turismo.

Há que se destacar que foi visível também, em muitos dos depoimentos, que os moradores necessitam se perceber mais e também ter mais disponibilidade para o encontro, pois, algumas relações atravessam fragilidades.

Em se tratando de disponibilidade para o encontro, o corpo do sujeito-morador de São Luiz Gonzaga deve ampliar essa disponibilidade para que tenha a capacidade de estender laços de convívio com mais durabilidade. Baptista (1996, p. 34) em relação ao encontro explicita que,

[...] vale ressaltar que não se trata de um processo linear de interação. Em outras palavras, ele não se dá em bases iguais, necessariamente. Existem, antes, complexas teias de atravessamentos nos emissores e nos receptores, espécie de campos de força que, ao mesmo tempo, criam e interferem nesse encontro. E estes campos de força são diferentes entre si no momento de interpretação, ainda que não totalmente.

Argumenta a autora que é possível que haja conflito no momento do encontro devido a subjetividade de cada sujeito. O que não impede, em momento algum, que nesse encontro possa haver uma reconexão de si para ampliar a conexão com o outro. Em outro texto, Baptista (2004, p. 4) evidencia que “Há sujeitos que se encontram, como espécie de ‘corpos-existência’ e, nesses encontrões, transformam-se, misturando-se na informação partilhada. Produção múltipla, produção conjunta, ‘interação’, ‘trans-form-a-ção’” (BAPTISTA, 2004, p. 4). Nesse ínterim, como os sujeitos afetam e são afetados pelo meio em que interagem, são capazes estes, de modificar seus modos de viver e interagir em comunidade. Borges (2015) acrescenta que é através do encontro dos corpos, com suas diferenças e também suas singularidades



que a vida pode se manifestar como uma potência expansiva. Buber (2009, p. 49), por sua vez, enfatiza que “Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro”.

Devem os sujeitos então, estar dispostos ao encontro, à relação, ao conhecer o outro, como aponta Buber, escritor austríaco que, incansavelmente buscou resgatar no humano um mundo humanizado, responsável e ético. Diante disso, é possível dizer que o autor elegeu a relação dialógica como sendo a relação construtiva entre os humanos, esse foi o ponto de partida para Buber, para buscar entender o sentido da existência humana. Contribui com esse pensar, Magalhães (2012, p. 145) quando afirma que,

O entendimento de que tudo se liga a tudo, reciprocamente, numa rede relacional e interdependente, tem promovido o entendimento de que o indivíduo é um ser autônomo, mas ao mesmo tempo dependente amorosamente do outro, numa circularidade que o singulariza e distingue simultaneamente. A tecitura de um sujeito nesta perspectiva envolve articular diferentes fios de um processo de humanização que procura equacionar a fragmentação entre razão e emoção, com o objetivo de formar um ser integral portador de novos sentidos subjetivos.

Declara ainda a autora que, somente no diálogo é possível construir um encontro que fecunde. Faz-se necessário também, deixar as emoções fluírem e serem entrelaçadas ao amor.

Tuan (2013, p. 9) se entrelaça na conversação e quanto às emoções diz que “As emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento”. E sendo o homem um ser de relações, de encontros, de experiências, é imprescindível que, para que possa estabelecer contato e laços com profundidade, deva fazer isso no amor, na amorosidade e com emoção/sentimento. Pois, somente assim me parece que poderemos ter sujeitos-moradores capazes de serem acionados em seus corpos, com um modo diferente de agir.

Greiner (2005) em se tratando de relações, expõe que o sujeito está sempre integrado ao ambiente em que vive e que suas relações não podem ser compreendidas isoladamente. Nesse pensar de Greiner, o corpo evidencia cuidados para que suas relações sejam estabelecidas. Complementam Lima e Monteiro (2018, p. 15) que “Nutrir as relações em comunidade não se restringe aos laços mantidos em espaços e membros limitados. É algo que vai além das fronteiras territoriais. É agregar o outro ao meu mundo”. Nessa afirmação, os autores expõem que nas relações em

comunidade se faz necessário pensar em si, mas também é de fundamental importância pensar no outro, nos direitos e nos espaços do outro. Há então, a necessidade dos corpos que são sujeitos se perceberem mais, buscando entender-se mais, buscando sua essência e buscando o que realmente os representa para viver bem cotidianamente. O que faz com que os sujeitos-moradores tenham que se (re)ver, se (re)organizar e se (re)descobrir para serem capazes de acionar *Corpoiesis*.

Similarmente nessa conversação, uma palavra me parece de ordem: sentir. O que me leva a chamar para a conversa, Viscott (1976, p. 11) que pontua que: “Não sentir é não viver. Mais do que qualquer outra coisa, os sentimentos nos tornam humanos. Os sentimentos nos tornam todos parentes uns dos outros”. O autor evidencia que ao sentir, com intensidade, com profundidade, podemos definir nossa percepção do mundo, que será outra se ficarmos somente na superficialidade. É necessário então, afetar, provocar e produzir afecção. Baptista (2004, p. 13) em relação a afecção expõe que,

Para produzir afecção, por sua vez, é preciso acionar seus múltiplos sentidos, tocá-lo em seus diversos corpos, tanto físicos quanto abstratos, resultantes dos agenciamentos maquínicos com os equipamentos coletivos de produção de subjetividade. Assim, o acionamento não deve ser só com a palavra, só com a imagem, só com a música... o processo precisa envolver o máximo de dispositivos possível.

Ao concordar com Baptista, também acredito que ao sentir, e ao produzir afecção, pode-se ter uma maior escuta interior que poderá provocar agenciamentos e atravessamentos coletivos. Deleuze e Guattari (2005) expressam que um agenciamento são linhas que se cruzam e tem significados diferentes, tem multiplicidades. Dessa forma, essas linhas se atravessam constantemente e são capazes de produzir uma desconstrução e uma reconstrução, que Deleuze e Guattari vão chamar de desterritorialização (sair do território conhecido) e reterritorialização (reconhecer o território novo). Que é quando o sujeito sai de sua zona de conforto para experimentar o novo, o inusitado e de certa forma, fica desconsertado, sem chão, pois, a novidade, o desconhecido, provocam medo, porque não é plano, porque não é fixo. É mutante. Está em movimento. Afeta e é afetado. No entanto, é capaz de modificar e de ser modificado, fazendo com que os sujeitos possam agir diferente e que possam ser reinventados constantemente.

Ao olhar para as relações, nesse pensar sobre resignificação interior, desconstrução e reconstrução e, rever-se e repensar atitudes, Yázig (2001) colabora fazendo refletir sobre a reconstrução do lugar, que também é um corpo. Na concepção do autor, necessita-se estar condizente com o diálogo, com as raízes territoriais e culturais do lugar e não se deixar cair na falsa impressão de mesmice da globalização. Ao rever-se e repensar atitudes é necessário ter alma. E continua Yázig,

[...] alma seria o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo – mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos “desalmado”. Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar. A alma orbita além da ciência, e tem de ser entendida num plano mais elevado que o formato acadêmico (YÁZIGI, 2001, p. 24).

A alma enfatizada por Yázig, coloca em evidência que ao se desconstruir e se reconstruir, rever e repensar atitudes, os sujeitos devem buscar a verdadeira essência que compõe o lugar. O autor ainda informa que a alma está oculta, mas que ela é perfeita e que se constitui do que um lugar tem de melhor. Reforça dizendo que devemos cuidar bem da alma para que não criemos um vácuo evitando que percamos força e luz. Manifesta ainda Yázig que a alma não nasce pronta, ela precisa ser construída, quem sabe, reconstruída. Assim, necessitamos como Dostoievski, citado por Yázig (2001), acreditar que o mundo pode ser salvo pela beleza. Uma beleza interior que valoriza os traços, as miudezas e as nuances que compõem o lugar, que dão sentido para sua existência. Se conecta com essa reflexão de Yázig, a ideia de que devemos buscar uma resignificação interior, para que seja capaz de alterar olhares e percepções, tanto de si – do corpo que é sujeito – quanto da cidade – do corpo que é lugar.

### 6.3 TERCEIRA VISITAÇÃO PRESENCIAL

Na terceira visitação a São Luiz Gonzaga, que se deu em janeiro de 2020, achei pertinente fazer uma escuta e colher relatos do público infantil do município. Os respondentes estavam descontraídos, tinham idades de 7 a 11 anos incompletos (registrados no Quadro 47), e tinham o consentimento e a presença dos pais para responderem. Uma pergunta aberta foi o fio condutor da conversa: **“Como você se relaciona com São Luiz Gonzaga?”**. No formato de roda de conversa e com as

crianças acompanhadas dos pais, obtive as mais variadas respostas, o que ressaltou a importância em escutá-los. Eles são os sujeitos que sinalizam o futuro de São Luiz Gonzaga, nos múltiplos aspectos trabalhados nesta tese. Suas reflexões demonstram que temos muito para aprender com sujeitos de todas as idades. Foram ao todo, 37 respostas, colaborando e construindo outros olhares.

Quadro 47 – Classificação dos participantes da terceira visitação (crianças)

Faixa etária	Participantes meninos	Participantes meninas
7 a 11 anos (crianças)	19	18

Fonte: Elaboração do próprio autor.

O quadro a seguir, Quadro 48, apresenta as narrativas de sujeitos do lugar, na faixa etária de 7 a 11 anos. Essa faixa de idade compreende uma escuta das crianças do município.

Quadro 48 – Narrativas de sujeitos do lugar de 7 a 11 anos (crianças)

(Continua)

Relatos dos sujeitos-moradores	Expressões-síntese
<p><i>“Minha relação com <b>São Luiz é em todo lugar</b>, quando eu vou para a <b>escola e passeio</b> pelas ruas <b>apreciando as flores, as casas, as pessoas</b>. Quando estou em casa, no fundo do pátio brincando e inventando brincadeiras e ouço <b>pássaros cantando e sobrevoando alegremente</b>. Quando minha mãe e meu pai me levam ver alguma programação de <b>música</b>, de <b>artesanato</b>, enfim, algum evento que tenha pelo centro”</i> (Maria, 10 anos).</p>	<p>Contato com a natureza</p> <p>São Luiz é em todo lugar, escola e passeio, ruas apreciando flores, casas, pessoas. Quando estou em casa, no fundo do pátio brincando e inventando brincadeiras e ouço pássaros cantando e sobrevoando alegremente.</p> <p>Contato com a arte</p>
<p><i>“Eu gosto daqui porque tenho a <b>liberdade de brincar</b> na rua, jogar bola com meus amigos, ir no parquinho e é <b>calmo</b> aqui e eu gosto de tudo”</i> (Arthur, 8 anos).</p>	<p>Liberdade de brincar</p> <p>Calmo</p> <p>Tem várias amizades</p>
<p><i>“É muito legal morar aqui em São Luiz porque <b>tem muita árvore, tem muita planta, tem muita natureza</b>, os <b>carros passam devagar na rua, as pessoas todas se</b></i></p>	<p>Valoriza natureza</p> <p>Carros passam</p>

(Continuação)

<p><b>conhecem</b>” (Maria, 9 anos).</p>	Devagar
<p>“Eu me relaciono com a cidade sempre que <b>ajudo alguém na rua</b> ou quando <b>cumprimento as pessoas</b> e recebo de volta um sorriso delas” (Maria, 11 anos).</p>	<p>Ajuda as pessoas</p> <p>Cumprimenta</p> <p>Recebe sorriso</p>
<p>“Como assim se relacionar com São Luiz? <b>É o que eu faço para que a vida das pessoas seja diferente?</b> Eu sempre vejo com minha mãe se tem brinquedos que não uso mais e se tem roupas que não me servem ou não preciso <b>para que a gente possa doar para quem precisa</b>. Acho que isso é se relacionar. E meu pai também leva uma cesta básica” (Arthur, 10 anos).</p>	<p>O que faço para que a vida das pessoas seja diferente?</p> <p>Doa brinquedos e roupas</p> <p>Pai leva cesta básica</p>
<p>“Na escola fizemos um mutirão com a professora várias vezes para <b>limpar os canteiros das plantas na rua</b>. É muito importante <b>cuidar das plantas</b> porque assim a gente cresce melhor e se torna um adulto bom” (Arthur, 8 anos).</p>	<p>Mutirão de limpeza</p> <p>Cuidado com as plantas</p>
<p>“Eu <b>faço pulseiras, vendo</b> para as pessoas e junto dinheiro num cofrinho porque o dinheiro <b>eu levo no asilo para ajudar na alimentação das pessoas mais velhas</b>. E no futuro quando eu vender mais eu quero juntar dinheiro para ajudar a comprar cadeira de rodas” (Maria, 10 anos).</p>	<p>Faço pulseiras, vendo e levo dinheiro para o asilo</p> <p>Quero ajudar a comprar uma cadeira de rodas</p>
<p>“Acho que se relacionar com a cidade é <b>ver quem tá precisando de alguma coisa e ajudar</b>, ver se tá tudo limpo nas ruas e falar se não tiver, <b>não jogar papel no chão, não quebrar coisas que são da cidade</b>, acho que é isso” (Arthur, 7 anos).</p>	<p>Ajudar quem está precisando</p> <p>Não jogar papel no chão ou quebrar coisas</p>
<p>“Eu sempre que levo meu cachorro passear <b>não deixo a sujeira que ele faz na rua</b>, eu levo uma sacolinha e junto, é educado” (Maria, 7 anos).</p>	<p>Não deixar a sujeira do cachorro na rua</p> <p>Preocupação com o ambiente externo e com o convívio social</p>
<p>“[...] que é poder estar reunido com as pessoas que eu gosto e descobrir novas coisas para fazer. Esses dias <b>meu pai me levou nos trilhos onde passava o trem e eu não conhecia a história de lá</b>. Eu me lembro que brinquei muito nesse dia e depois, no colégio, teve contação de histórias e eu <b>escrevi uma redação sobre o passeio</b> com meu pai e mostrei até fotos. Tinha muita gente que ainda não conhecia lá e disse que iam pedir pros pais levar. É um lugar bonito” (Arthur, 9 anos).</p>	<p>Meu pai me levou nos trilhos. Eu não conhecia a história de lá.</p>

(Continuação)

<p><i>“Eu sou apaixonada pela história de São Luiz, estou sempre lendo e querendo descobrir coisas que estão enterradas, o que tem por trás de outras coisas. Quando eu crescer quero ser geóloga para descobrir mais riquezas dessa cidade. Acho que vai ser meu jeito de ajudar”</i> (Maria, 11 anos).</p>	<p>Descobrir riquezas dessa cidade</p>
<p><i>“[...] desde que viemos para cá eu gostei, porque <b>entrei nos escoteiros e aprendo bastante</b> e nós fazemos ações lá que trazem benefício para várias pessoas e para o bem-estar da cidade”</i> (Maria, 10 anos).</p>	<p>Entrei nos escoteiros e aprendo bastante</p> <p>Experiências novas</p>
<p><i>“Já fui com meus colegas caminhar pelas ruas e <b>cada um de nós tinha um saco de lixo para juntar o que as pessoas esqueciam</b>. Foi um dia divertido que aprendemos muito e tinha até outras pessoas que vinham ajudar e dizer que a gente estava fazendo bonito. Mas depois fiquei me perguntando: como as pessoas adultas gostam de jogar sujeira no chão, <b>parece que elas esqueceram o que aprenderam na escola</b>”</i> (Arthur, 8 anos).</p>	<p>Cada um de nós tinha um saco de lixo para juntar o que as pessoas esqueciam</p> <p>Parece que elas esqueceram o que aprenderam na escola</p>
<p><i>“Eu sei, é <b>respeitar</b> os professores, os pais, os mais velhos, ter boa educação com todo mundo e <b>não desperdiçar comida</b>”</i> (Arthur, 7 anos).</p>	<p>Respeito</p> <p>Não desperdiçar comida</p>
<p><i>“Eu já vi pessoas gritando e brigando na rua com outras pessoas e isso não é legal. Acho que <b>quando as pessoas se gostam e se entendem na conversa elas se relacionam melhor</b>, porque brigar e se machucar não leva a nada”</i> (Maria 10 anos).</p>	<p>Quando as pessoas se gostam e se entendem na conversa elas se relacionam melhor</p>
<p><i>“Faço a minha parte, quando vamos na igreja do nosso bairro eu <b>sempre estou ajudando a varrer a frente e a plantar flores</b>. Meu pai ajuda também com pequenas reformas na igreja, no parquinho do bairro e até na nossa escola”</i> (Maria, 9 anos).</p>	<p>Sempre estou ajudando a varrer a frente e a plantar flores</p>
<p><i>“Aqui no bairro vários pais montaram uma ação comunitária que é <b>cultivar uma horta</b> e eu e outras crianças ajudamos a cuidar e <b>depois que tem verdura, nós saímos distribuir para as pessoas do bairro</b>”</i> (Maria, 9 anos).</p>	<p>Depois que tem verdura, nós saímos distribuir para as pessoas do bairro</p>
<p><i>“<b>Minha mãe sempre faz bolo uma vez por semana para as pessoas que precisam</b> e eu ajudo um pouquinho a mexer nos ingredientes. Tem sempre pessoas que vem aqui deixar alimentos para fazer os bolos. E todo mundo vai entregar e eu vou junto. E quando é páscoa, natal e inverno tem doação de brinquedos, de roupas e de doces que até os supermercados dão pra nós levar”</i> (Maria, 8 anos).</p>	<p>Minha mãe sempre faz bolo uma vez por semana para as pessoas que precisam</p>

(Continuação)

<p>“Eu me relaciono com a cidade <b>pedindo para não maltratarem os animais que estão na rua e nem os que estão nas casas</b>. Teve vezes que eu vi e fui falar com essas pessoas para não fazerem isso” (Maria, 11 anos).</p>	<p>Pedindo para não maltratarem os animais que estão na rua</p>
<p>“Acho que é ter <b>boa relação com os vizinhos e com todos que moram aqui</b>” (Arthur, 7 anos).</p>	<p>Boa relação com os vizinhos e com todos</p>
<p>“O jeito de me relacionar com São Luiz é <b>através da música</b> quando participo de festivais e levo o nome da nossa cidade e conto o amor que tenho por esse lugar” (Maria, 11 anos).</p>	<p>Através da música</p>
<p>“Acho que é as pessoas se preocuparem mais em <b>arrumar as calçadas, as faixas de segurança, colocar rampas de acesso para quem precisa, separar os lixos</b>” (Arthur, 10 anos).</p>	<p>Arrumar as calçadas, as faixas de segurança, colocar rampas de acesso, separar os lixos</p>
<p>“Eu tenho tanta coisa para dizer, mas eu acredito que minha relação com São Luiz é boa, assim como a relação que tenho com as pessoas que eu vejo passarem na rua, <b>mas o que eu não gosto é que tem várias pessoas que necessitam de ajuda e tem um monte de pessoas que fazem que não vê isso</b>” (Arthur, 9 anos).</p>	<p>Não gosto é que tem várias pessoas que necessitam de ajuda e tem um monte de pessoas que fazem que não vê isso</p>
<p>“Eu me relaciono bem com todo mundo até com quem eu não conheço, <b>eu converso e abraço. Pra mim todo mundo é igual</b>” (Maria, 7 anos).</p>	<p>Eu converso e abraço. Pra mim todo mundo é igual</p>
<p>“Às vezes eu acho que <b>falta mais comprometimento das pessoas com São Luiz</b>” (Arthur, 10 anos).</p>	<p>Falta conhecer o lugar de moradia</p>
<p>“Eu também queria falar que as pessoas deveriam <b>olhar mais para as outras, perceber mais, mas olhar com o coração, não com a carteira</b>” (Maria, 10 anos).</p>	<p>Perceber mais, mas olhar com o coração, não com a carteira</p>
<p>“Acho que se relacionar é <b>entender e escutar o que as pessoas precisam de verdade</b>” (Arthur, 11 anos).</p>	<p>Entender e escutar</p>
<p>“Sou peão do CTG e acho que a maneira de me relacionar com a cidade é <b>mostrar que muita coisa pode ser feita com apenas pequenas ações no dia a dia</b>” (Arthur, 11 anos).</p>	<p>Mostrar que muita coisa pode ser feita com apenas pequenas ações no dia a dia</p>
<p>“Busco sempre fazer as pessoas enxergarem que <b>São Luiz pode ser mais bonita se cuidarem das casas, das lojas, das praças. E também São Luiz pode ser mais bem vista pelos turistas se as pessoas não quiserem só ganhar dinheiro, se elas quiserem mostrar o que São Luiz tem de melhor, que é sua cultura e seu povo do jeito que é</b>” (Maria, 11 anos).</p>	<p>Se cuidarem das casas, das lojas, das praças  Se as pessoas não quiserem só ganhar dinheiro</p>
<p>“Se for <b>dar atenção para as pessoas, para as plantas e cuidar das coisas que tem na cidade eu me relaciono bem sim</b>” (Arthur, 9 anos).</p>	<p>Dar atenção e cuidar</p>
<p>“Não tem como ter uma boa relação se cada um não fizer</p>	<p>Lixo que as pessoas</p>

(Conclusão)

<i>sua parte, a começar pelo <b>lixo que as pessoas misturam tudo ou descartam em lugares errados</b></i> (Arthur, 8 anos).	misturam tudo e descartam em lugares errados
<i>“Eu brinco e jogo bola <b>sempre cuidando</b> pra não quebrar nada nos lugares que vou”</i> (Arthur, 7 anos).	Brinco sempre cuidando
<i>“Já perguntei para minha professora e para minha mãe <b>porque as pessoas jogam lixo nos terrenos vazios e quebram vidraças e arrancam placas e pixam muros, porque isso não é uma boa relação</b></i> ” (Arthur, 9 anos).	Jogam lixo nos terrenos vazios; quebram vidraças; arrancam placas; pixam muros
<i>“<b>Carinho, atenção, respeito, amor e proteção</b> são formas que eu acho que é se relacionar bem com os outros numa cidade”</i> (Maria, 10 anos).	Carinho, atenção, respeito, amor e proteção
<i>“<b>Cultivar a limpeza da cidade nos lugares onde todo mundo frequenta</b> é se relacionar bem com São Luiz e com qualquer outro município que as pessoas vão passear”</i> (Arthur, 11 anos).	Cultivar a limpeza da cidade nos lugares onde todo mundo frequenta
<i>“Eu me relaciono <b>pedindo para que as pessoas gastem menos papel, comprem menos coisas</b> que não tem utilidade e que ao invés de botar coisa fora <b>achem alguém para doar</b>. [...] Porque se cada um tiver a consciência de fazer a sua parte São Luiz terá mais pessoas felizes aqui”</i> (Maria, 10 anos).	Gastem menos papel, comprem menos coisas
<i>“Eu me relaciono <b>através de brincadeiras que descubro</b> no parquinho, de pessoas que brincam comigo, das festinhas de aniversário que <b>reencontro colegas e faço novos amigos</b>. Me relaciono também com as <b>histórias que aprendo</b> na escola e <b>comento e explico</b> pra familiares e vizinhos”</i> (Arthur, 11 anos).	Reencontro colegas e faço novos amigos; me relaciono também com as histórias que aprendo, comento e explico

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica como os moradores crianças se relacionam com a cidade e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 49 – Síntese sobre como moradores se relacionam com a cidade a partir de expressões-síntese relacionadas (crianças)

(Continua)

Expressões-síntese
<b>Meio ambiente:</b> Contato com a natureza Valoriza natureza Cada um de nós tinha um saco de lixo para juntar o que as pessoas esqueciam Parece que elas esqueceram o que aprenderam na escola Sempre estou ajudando a varrer a frente e a plantar flores Não desperdiçar comida



(Continuação)

<p>Não jogar papel no chão ou quebrar coisas          Não deixar a sujeira do cachorro na rua          Lixo que as pessoas misturam tudo e descartam em lugares errados          Jogam lixo nos terrenos vazios; quebram vidraças; arrancam placas; pixam muros          Gastem menos papel, comprem menos coisas</p>
<p><b>Arte:</b>          Contato com a arte/Através da música</p>
<p><b>Modo de vida:</b>          Calmo          Liberdade de brincar          Carros passam devagar</p>
<p><b>Relações:</b>          Tem várias amizades          Ajuda as pessoas          Cumprimenta/Recebe sorriso          Doa brinquedos e roupas          Pai leva cesta básica          Faço pulseiras, vendo e levo dinheiro para o asilo          Quero ajudar a comprar uma cadeira de rodas          Ajudar quem está precisando          O que faço para que a vida das pessoas seja diferente?          Entrei nos escoteiros e aprendo bastante          Quando as pessoas se gostam e se entendem na conversa elas se relacionam melhor          Depois que tem verdura, nós saímos distribuir para as pessoas do bairro          Minha mãe sempre faz bolo uma vez por semana para as pessoas que precisam          Pedindo para não maltratarem os animais que estão na rua          Boa relação com os vizinhos e com todos          Arrumar as calçadas, as faixas de segurança, colocar rampas de acesso, separar os lixos          Eu converso e abraço. Pra mim todo mundo é igual          Carinho, atenção, respeito, amor e proteção          Mostrar que muita coisa pode ser feita com apenas pequenas ações no dia a dia          Dar atenção e cuidar          Brinco sempre cuidando          Reencontro colegas e faço novos amigos; me relaciono também com as histórias que aprendo, comento e explico</p>
<p><b>Espaços públicos:</b>          Cultivar a limpeza da cidade nos lugares onde todo mundo frequenta</p>
<p><b>Conhecimento de si:</b>          Não gosto é que tem várias pessoas que necessitam de ajuda e tem um monte de pessoas que fazem que não vê isso          Perceber mais, mas olhar com o coração, não com a carteira          Entender e escutar          Se cuidarem das casas, das lojas, das praças          Se as pessoas não quiserem só ganhar dinheiro</p>
<p><b>História:</b>          Meu pai me levou nos trilhos. Eu não conhecia a história de lá.</p>
<p><b>Lugar/cidade:</b>          São Luiz é em todo lugar, escola e passeio, ruas apreciando flores, casas, pessoas.          Quando estou em casa, no fundo do pátio brincando e inventando brincadeiras e ouço pássaros cantando e sobrevoando alegremente.          Descobrir riquezas dessa cidade          Falta conhecer o lugar de moradia</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “Como você se relaciona com São Luiz Gonzaga/RS?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

Em relação à pergunta aberta dirigida às crianças, foi possível perceber sinalizações de relações que revelaram: contato com a natureza; contato com a arte (música é comunicação sentida); trânsito calmo; empatia, amizade, respeito mútuo, solidariedade, amorosidade; cuidado e preocupação com o meio ambiente e com os ambientes públicos; aprendizagem; experiências novas; conhecimento; comunicação afetiva e abertura para o convívio com o outro; respeito e preocupação pelos corpos não humanos (animais, meio ambiente e plantas). Os respondentes também sinalizaram, com seus olhares atentos para o que acontece à sua volta, no sentido de que pequenos gestos e ações contribuem para as melhorias do lugar. E que ainda faltam percepções sobre: consciência ambiental; cuidados com a cidade; respeito e limpeza dos espaços públicos; responsabilidade ecossistêmica; desperdícios de alimentos; melhoria nas relações com diálogo, empatia e comunicação sensível; além de rever-se, repensar atitudes; e, conhecer mais o lugar de moradia.

As crianças, moradoras do município, decididas e entusiastas, manifestaram com clareza o que sentem e esperam para São Luiz Gonzaga.

Entrelaçam essas narrativas, o pensamento de Yázigi (2001, p. 34), ao extenuar que,

Ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção. Como externalidade, resulta sempre do casamento do que uma sociedade herda e se apropria, com aquilo que suas necessidades praticam. Ou seja, é o conjunto de formas num dado momento e por isso mesmo algo que está sendo sempre refeito na mesma matriz.

Nas considerações de Yázigi (2001), fica evidente que as relações em cidades pequenas, médias ou grandes, somente poderão ser aprimoradas se forem sintonizadas com o morador, sujeito que vivencia e pertence ao lugar. Baptista (2019) dialoga com essa afirmação, propondo a amorosidade como sinalizador no destino turístico. Assim, pode haver aberturas de sensibilidade que ajudarão a compreender e igualmente a respeitar o ecossistema do lugar.

Juntamente com essa explanação vem o pensamento de Nascimento e Santos (2017) que evidenciam pontuando a necessidade de uma mudança interior no pensar e no agir.

Quando são realizados os workshops que preparam a intervenção “Os Cegos” nas cidades específicas de ação, são criadas “comunidades de partilha” que discutem o que é invisível naquele espaço dentro da dinâmica urbana vigente, rompendo com a homogeneidade ilusória do espaço/percurso escolhido para a ação. São destacadas vozes e corporeidades que exibem a fragmentação do espaço da comunidade, gerando movimentos de igualdade na medida em que se ocupam de operar sobre a visibilidade e invisibilidade dos indivíduos dentro dessa comunidade. O cuidado em se elencar performers que façam parte do contexto urbano da ação, retrata a noção de pertencimento ao espaço de intervenção, garantindo assim que a voz proclamada seja uma voz de legitimação e de resistências a processos de construção da cidade que tornam invisíveis a maioria de seus habitantes. O planejador do urbano não deveria então escutar tais vozes? Não deveria trazer para dentro do seu processo de projeto esses movimentos?” (NASCIMENTO; SANTOS, 2017, p. 31).

Tais considerações, em forma de metáfora, levam a refletir que a cidade é um corpo, o sujeito é um corpo, a comunicação é um corpo, e se não houver a motivação de empenhar que todas as vozes sejam escutadas, com seus devires íntimos, provavelmente haverá a continuidade de uma falta de preparo para atendimento, também, precariedade nas relações. Os sujeitos, atendentes, atores em ação, ao buscarem conhecimento profissional de capacitação ou aprimoramento, devem ser recebidos com uma escuta atenta e, através de técnicas, construir uma fluência entre o interno e o externo de si. Dessa forma, ao se sentirem potencializados, poderão permitir se (re)ver, se (re)organizar, se (re)descobrir, tornando-se profissionais diferenciados e pessoas enriquecidas para a vida.

A manifestação de Yázigi é capaz de propor um repensar nas atitudes que, para além da limitação da visão – da qual os cegos são acometidos –, a cegueira ocasionada com um descaso do sujeito para com o lugar, para com as relações e para com a comunicação, pode ser um sinal de fragilidade a ser aprimorado. Nesse sentido, ao se aprimorar, os sujeitos são capazes de se reinventar, de reinventar o lugar, a comunicação e as relações, podendo permitir mudanças de posição, de novos olhares e de novas percepções.

#### 6.4 QUARTA VISITAÇÃO – CONTATO ON-LINE VIA WHATSAPP

Em 2020, devido à Pandemia COVID-19 e o afastamento social, não houve visita à cidade. Mesmo assim, houve a continuidade de contato via WhatsApp, em julho, com moradores, para ampliar dados de pesquisa. Tive então, a ideia de criar uma intervenção com moradores de São Luiz Gonzaga/RS por contato telefônico, via WhatsApp. A ideia surgiu da possibilidade de trazer o olhar do morador também em uma situação desafiadora para a vida, para a sobrevivência, mas que poderia evidenciar outras observações e outras percepções desse morador na relação com a cidade. Esse novo desafio de ficar em casa, imagino, suscitou em muitas pessoas, uma revisitação ao interior de si, o que pode provocar as outras observações e percepções de que comentei. Ao entrar em contato com algumas pessoas – sujeitos que não participaram das outras etapas de visita –, estas se dispuseram a convidar outras pessoas de seus contatos telefônicos que poderiam estar me respondendo. Vale ressaltar que os próprios moradores, interessados em fazer parte do processo, indicaram pessoas que contatei via WhatsApp, para colher relatos. Fiz então, um pedido diferente aos respondentes, divididos em dois momentos, trazendo uma forma artística, aliando fotografia e texto, dando-lhes o prazo de 30 dias para o envio das respostas, caso concordassem. A validação do consentimento era o seu retorno com o material produzido via WhatsApp. Foram 12 respondentes ao todo, expresso no Quadro 50.

Quadro 50 – Classificação dos participantes da quarta visita (Contato *on-line*)

Faixa etária	Participantes homens	Participantes mulheres
32 a 74 anos	4	8

Fonte: Elaboração do próprio autor.

A proposta dividida em dois momentos foi:

**1-Fotografe** com o seu celular mesmo, do seu jeito, quando sair ou caso não esteja saindo de casa, pode fotografar algo no interior da sua casa ou algo no seu quintal, pensando em um lugar na cidade que você se sinta bem. Esse lugar pode ser a sua rua ou qualquer lugar da cidade que você queira e onde goste de estar.

**2-Escreva** um texto simples, do seu jeito, expressando seus sentimentos, respondendo à seguinte pergunta: **“O que São Luiz Gonzaga faz você sentir?”**.

Assim, apresentam-se, a seguir, as ‘com-versações’, a partir das fotografias e das narrativas dos sujeitos-moradores. Nos destaques negritados, trarei a evidência

das expressões-síntese, que, ao final, serão evidenciadas em um quadro. E também, o entrelaçamento da conversa com autores.

Na ‘com-versação’, a imagem da rua principal da cidade (Figura 38).

Figura 38 – Rua Senador Pinheiro Machado



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

*[SUJEITO-MORADOR] “Refleti sobre essa pergunta, **tem vários lugares típicos de uma cidade pequena que me faz sentir bem**, fiquei pensando, e **tem uma rua em especial, que eu amo, que me faz ter sensações agradáveis, de esperança, de ansiedade, dependendo do momento. A rua principal, a única avenida da nossa cidade**, para mim ela se traduz em vários sentimentos, dependendo do momento em que se esteja vivendo. **Se vamos sair para uma viagem a passeio, me traz a alegria de rever as pessoas queridas, a euforia da viagem, isso me remete muito a minha infância, quando íamos viajar em família, visitar os amigos e familiares. Já quando estamos retornando à cidade, fazendo o sentido contrário, me traz o conforto do retorno ao lar. A alegria de retornar ao ambiente confortável e seguro da nossa casa.** Lembrando também dos tempos da adolescência que era o caminho percorrido para as festas de sábado à noite, os encontros de amigos que por horas ficávamos sentados na calçada aos domingos à tarde, ficávamos conversando, rindo e nos divertindo com as histórias que nem sempre era tão verídicas assim, às vezes eram apenas para ver ‘os rapazes passar’ e como apenas um olhar dizia muito. No dia seguinte lá estávamos novamente. **Nos encontrávamos na avenida, normalmente entre a Praça da Matriz e o Posto Shell.**”*

*Para muitas pessoas, pode ser uma rua normal como outra da cidade, ela me remete a boas lembranças da infância, da adolescência. E hoje na fase adulta de nossa vida, quando nos reunimos com amigos de longa data, e **começamos a lembrar a fase boa da adolescência, geralmente os fatos aconteciam em algum lugar da avenida**” (Maria, 45 anos).*

Na ‘com-verseção’, a imagem da rua em frente à praça (Figura 39).

Figura 39 – Rua em frente à praça



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

*[SUJEITO-MORADOR] “Todos os dias de manhã quando **caminho na Praça Cícero eu admiro esta preciosidade da natureza**” (Maria, 53 anos).*

Na ‘com-verseção’, a imagem da rua do morador (Figura 40).

Figura 40 – Rua do morador

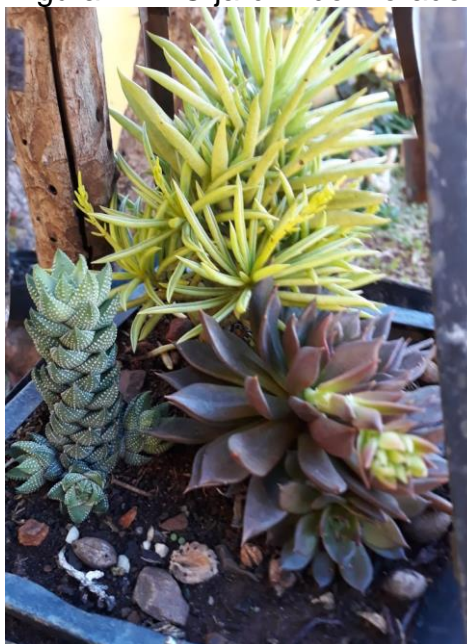


Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “Gosto muito da **natureza, da paz e do sossego** que uma vida no interior me traz. Sentar e apreciar o sol, a vida, mesmo em casa, é um grande presente” (Arthur, 47 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem do jardim do morador (Figura 41).

Figura 41 – O jardim do morador



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “A cidade de São Luiz Gonzaga me dá uma **paz**, é um lugar que **me traz calma**, que **me remete ao berço**, mesmo que o lar literalmente, principalmente por eu já ter morado fora, sempre que regressei me sinto em casa, pela paz que me traz. **Nasci e me criei aqui. E o lugar que mais me sinto bem é certamente hoje em dia mais do que nunca nossa casa.** Nunca foi tão importante termos uma casa ampla, um quintal espaçoso. E nessa época de quarentena faz toda diferença ter uma casa e um bom quintal. **Minha casa é meu refúgio** e o isolamento sempre fez parte de nossa rotina, sempre fui de sair para o necessário. Esse estilo de vida, de viver isolado sempre foi meu cotidiano, a necessidade de sair de casa é mínima. Tenho tudo que preciso em casa” (Arthur, 38 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem da entrada da cidade (Figura 42).

Figura 42 – A entrada da cidade



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

*[SUJEITO-MORADOR] “Olha como ficamos fora de São Luiz Gonzaga por um bom tempo o lugar onde vejo que estou em casa e **me sinto em casa é quando vejo a Cruz Missioneira no trevo de nossa cidade junto ao pórtico aí estou em casa!** Nas proximidades já tenho a sensação de estar em segurança, de estar bem, de **sentir que pertença a esse lugar que me acolhe e sempre me acolheu.** São Luiz Gonzaga, essa cidade pequena, é para mim e minha família um recanto bom, uma **possibilidade de ter qualidade de vida**” (Arthur, 36 anos).*

Na ‘com-versação’, a imagem da rua próximo ao Asilo de São Luiz Gonzaga (Figura 43).

Figura 43 – Rua próximo ao Asilo de São Luiz Gonzaga



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.



[SUJEITO-MORADOR] “São lugares em São Luiz Gonzaga, **rua, arvores, paisagem, flores** no asilo, a rua perto da minha casa. **A cidade me faz sentir tranquilidade, traz paz, aconchego** e vontade de estar é na minha casa, meu canto” (Maria, 47 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem do quintal da casa da moradora (Figura 44).

Figura 44 – Quintal da moradora



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “São Luiz Gonzaga me faz sentir uma **tranquilidade** muito grande, ela me proporciona, na calma, andar e apreciar a vida, curtir os amigos e a família. Agora nesse tempo de restrição, as **minhas plantinhas**, que são muitas no quintal e que já eram minha distração, hoje são mais ainda. E o meu quintal me faz me sentir bem, sento confortavelmente na minha cadeira e aprecio, junto da **leitura** de um bom livro, às vezes, de uma boa música, a beleza que é a **natureza**, o poder que as plantas tem na vida da gente” (Maria, 74 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem da Praça Cícero Cavalheiro (Figura 45).

Figura 45 – Praça Cícero Cavalheiro



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

*[SUJEITO-MORADOR] “Amo a minha cidade. São Luiz Gonzaga me traz alegria, felicidade e receptividade. Um dos lugares que mais admiro e gosto é a Praça Cícero Cavalheiro. Neste ambiente, as pessoas realizam atividades físicas e de lazer. Pessoas de todas as idades aproveitam um mesmo local em um clima de harmonia, alegria e tranquilidade. [...]” (Maria, 40 anos).*

Na ‘com-versação’, a imagem das plantas da moradora (Figura 46).

Figura 46 – Plantas da moradora



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “Mostrar as **coisas que a gente cultiva**, que a gente tem né. Aqui as **florzinhas fazem parte do meu jardim**, lugar que também gosto de apreciar e cuidar” (Maria, 62 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem da Estação Férrea de São Luiz Gonzaga (Figura 47).

Figura 47 – Estação Férrea de São Luiz Gonzaga



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “Primeiro gostaria que ouvisse uma música. Você certamente conhece, mas foi tão especial porque do nada enquanto eu tentava escrever algo, essa letra apareceu e transferiu exatamente o que eu penso e reflito cada vez que vou à antiga estação Férrea de São Luiz Gonzaga. Ir nesse lugar, embora hoje desativado, mesmo assim me **reporta à lembranças de familiares, de histórias que se cruzaram e minha relação sobre ir e vir de São Luiz**, cada vez que saio é uma despedida forte, que engasga, e **a cada volta é um encontro comigo mesma, com minhas raízes.**” (Maria, 46 anos).

[A entrevistada faz referência a uma canção antiga da MPB, que foi composta por Milton Nascimento e regravada por Maria Rita, a canção fala em encontros e despedidas].

Na ‘com-versação’, a imagem da rua em frente à casa da moradora (Figura 48).

Figura 48 – Rua em frente à casa da moradora



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “São Luiz Gonzaga **me faz sentir em casa**, gente acolhedora, cidade tranquila, gente de bem, feliz, trabalhadora, segura, se diversifica a cada ano que passa, apesar de ter um porte pequeno, proporciona **boa qualidade de vida**. Quem sai de São Luiz, sempre volta seja para passear e rever amigos e familiares, ou seja, para estabelecer residência fixa. Amo São Luiz!” (Maria, 45 anos).

Na ‘com-versação’, a imagem da rua ao anoitecer (Figura 49).

Figura 49 – Rua ao anoitecer



Fonte: Registro pessoal do sujeito-morador, 2022.

[SUJEITO-MORADOR] “Eu me sinto bem em qualquer lugar de São Luiz, mas se tiver que classificar um lugar específico, como minha semana é sempre bem corrida e por muitas vezes os finais de semana também, gosto de **sentar e relaxar com um bom chimarrão no final da tarde, quando tenho tempo, na praça. O canto dos pássaros e o contato com o verde me acalma. Dá também mais energia para os dias de trabalho intenso**” (Arthur, 46 anos).

Para efeitos de síntese, o quadro abaixo identifica o que a cidade faz os moradores sentirem, e apresenta as expressões-síntese relacionadas.

Quadro 51 – Síntese sobre o que a cidade faz os moradores sentirem a partir de expressões-síntese relacionadas

<b>Expressões-síntese</b>
<p><b>Lugar/cidade:</b> Alegria de retornar Alegria de morar no lugar Remete ao lar Minha casa Meu refúgio Idas e vindas</p>
<p><b>Meio ambiente:</b> Natureza Árvores Flores Plantas Coisas que cultiva Jardim Canto dos pássaros</p>
<p><b>Modo de vida:</b> Tranquilidade Paz Qualidade de vida Aconchego Sossego</p>
<p><b>Relações:</b> Lembrança da infância Lembranças familiares</p>
<p><b>Conhecimento de si:</b> Encontro comigo mesma</p>
<p><b>Espaços públicos:</b> Rua principal do lugar Cruz Missioneira me acalma e me faz sentir em casa Rua Praça Caminhada na praça</p>

Fonte: Elaboração do próprio autor.

Apresentados os quadros, com seus respectivos relatos de sujeitos-moradores, referentes à pergunta aberta: “O que São Luiz Gonzaga faz você sentir?”, entram em cena algumas percepções deste sujeito-pesquisador. Na sequência, autores entremeiam a conversação.

Em relação à pergunta aberta, foi possível perceber nas narrativas que, a paisagem do lugar provoca sensações boas (rua principal do lugar, ruas, árvores, plantas, flores, jardim, praça, canto dos pássaros, caminhada, natureza); existe forte relação com o lar (a casa, o refúgio); há alegria em morar e retornar para o lugar (Cruz Missioneira acalma e faz sentir em casa, sossego, aconchego, paz, tranquilidade, qualidade de vida, lembranças familiares, lembranças da infância, encontro consigo mesmo, idas e vindas).

Evidenciam os moradores, nesses relatos, representativos do todo que, há uma construção afetiva com o lugar que se deu através dos anos de moradia, da história com os antepassados e também com familiares. Foi visível nas narrativas, pessoas dizerem que sentem uma felicidade, um aconchego, de fazer parte de São Luiz Gonzaga e que são envolvidas por amorosidade e por um sentir intensamente.

Araújo (2016, p. 59-60), sobre o amor, que é uma potência para fortalecer a relação-convívio, faz refletir que

O Amor não se alicerça na posse de bens, mas na fruição do Bem; se traduz na liberdade, no despojamento em relação aos apegos para com as coisas. Ele supõe partilha e troca, mediante relações dialógicas em que cada indivíduo revela sua subjetividade e se entrelaça com os outros através da intersubjetividade, sem que uma subjetividade anule a outra. Pressupõe, simultânea e alternadamente, proximidade e distanciamento; momentos de encontros e momentos de solidude.

Esse amor evidenciado por Araújo, um amor genuíno, sem preconceitos, é capaz de afetar e acolher, e com isso, fazer sentir profundamente no relacionar-se. Araújo complementa que “É através da teia do sentimento e da consciência do amoroso que cada indivíduo se dispõe e se abre para as relações de compartilhamentos com os outros” (ARAÚJO, 2016, p. 77). É então, pela partilha, dos saberes, do conhecimento, da interação e da integração que pessoas se tornam potentes.

Azevedo (2017) com esse pensar evidencia que, quando expõe que as relações afetivas, em sua complexa trama de relacionamentos, podem buscar a possibilidade de descobrir os apetites das nossas relações, pois, conforme

evidenciado por Espinosa, os afetos possuem força. E são capazes de “[...] contribuir com o crescimento da potência de existir dos outros” (AZEVEDO, 2017, p. 84). Dessa forma, ao entrelaçar os afetos, o amor, a amorosidade e o sentir intensamente, é possível demonstrar mais facilmente, o pertencimento pelo lugar, para o outro – morador ou visitante.

Nesse momento, faço um resgate das expressões-síntese que contribuíram para a averiguação do **quarto objetivo específico proposto na tese** que é: **“Realizar aproximações e ações investigativas com moradores de São Luiz Gonzaga, buscando acionar a Comunicação *Corpoiesis* e a potencialização das Tramas Turístico-Comunicacionais”**. Evidencio que essas visitas em que os relatos foram colhidos, em rodas de conversa, trouxeram informações/reflexões para o objetivo específico.

Dentre essas sinalizações, demonstradas nos relatos das três visitas presenciais e do contato *on-line*, e nas observações (diretas e participante) presenciais, ficaram evidentes que: o município constitui-se como resultado de lutas; tem forte tradição de sociedade agrícola; possui traços fortes das missões jesuíticas; tem marcas de religiosidade e Arte Sacra; possui marcas de um povo que se forjou na conexão entre castelhanos e portugueses; tem constante presença do fantasma da decadência; há história de contrastes entre construção e destruição (as lembranças marcam o cotidiano); possui vocação e conexão com a política; há a presença do exército; tem potencial da cidade em narrativas que percorreram o mundo (pela música).

Foram percebidas, pelos respondentes, qualidades genuínas como: caráter; honestidade; humildade; simplicidade; solidariedade; confiança; pessoas de bem; povo trabalhador. Em vários momentos também foi expresso que possuem os moradores em suas relações: hospitalidade; acolhimento; afetividade; amorosidade; alegria, felicidade; recebem bem; convívio e respeito com as diferenças de forma harmônica; interesse em conhecer o outro; relações amigáveis com disponibilidade e gratidão ao receber.

Foram ressaltadas qualidades ambientais do lugar com: tranquilidade; qualidade de vida; ar puro; calma; liberdade; segurança; contato com a natureza. Os moradores explicitaram qualidades físicas do lugar com: infraestrutura para viver bem; facilidade de acesso para satisfazer as necessidades básicas; estrutura educacional.

Igualmente, cultura através de: eventos tradicionalistas; eventos para idosos; eventos com confraternização familiar.

Ao longo das rodas de conversa expressa nos relatos foi possível perceber que há um acreditar dos moradores em: renovação; esperança de melhorias; percepção como lugar turístico pode alterar olhares; educação como aposta de desenvolvimento; turismo possível ascensão (potencialidade turística); lugar se reinventa; raízes missionárias muito fortes; participação coletiva e união entre as pessoas; atitude e disposição para a mudança; lugares que todos são tratados iguais; perspectiva de crescimento (social e cultural); lugar com poder de sedução; reconhecimento por parte do visitante; visitantes dispostos a conhecer o lugar como um todo, não somente os pontos turísticos; solidariedade e cordialidade no receber; uma das referências nas Missões.

Além disso, informaram os respondentes que: a cidade é procurada como moradia; há aconchego; mas também tem timidez nas relações; constante aprendizagem nas relações; cuidado com a cidade (espaço público); envolvimento, atitude e pequenas ações dos moradores; consciência, preocupação, cuidado e limpeza com a cidade (lugar é bem cuidado); conservação das tradições; reconhecimento pela expressividade artística, cultural e política, orgulho das raízes; pertencimento e identificação com o lugar; encantamento; pontos turísticos que retratam a história; revitalização provocou responsabilidade em cuidar dos espaços públicos; boa culinária; beleza feminina; musicalidade; representatividade artística; laços fortes de amizades (relações de proximidade); pessoas e empresas acreditam no lugar; quem foi embora tem saudade; estrangeiros que chegaram para morar foram e são muito bem recebidos pelos moradores.

Evidenciaram também, que há: revitalização de espaços públicos; redescoberta e reconhecimento histórico; reconhecimento do desconhecimento da história do lugar; retorno às raízes para aplicar conhecimento aos moradores; cultivo da cultura e das raízes tradicionais; reciprocidade; enaltecimento dos pontos turísticos; velhice saudável; preocupação com a segurança futura.

Os moradores respondentes ressaltaram e pontuaram, em grande quantidade dos relatos, que faltam inúmeras coisas para que o município possa se fortalecer e se potencializar, entre elas: preservação com o passado; cuidado externo com as casas; pouco interesse em cuidar do lugar; segurança em ambientes públicos; descuido do lugar público pelos jovens; divulgação da cidade; conhecimento dos atrativos locais;



divulgação dos acontecimentos do lugar; mais informação sobre o que fazer no lugar; mais possibilidades de oferta turística para mostrar a história do lugar; melhoria no material informativo dos pontos turísticos; programação específica para atender o visitante; mais artesanato que fale sobre o lugar; eventos que fortaleçam a história do lugar; infraestrutura física; preservação, cuidado e limpeza nos espaços públicos; recursos financeiros; participação e envolvimento do Poder público em festividades locais; relações necessitam melhorar nos órgãos públicos; empreendimentos; oportunidades de trabalho para permanência; mais médicos; mais políticos bons; mais confiança no Poder público; atenção em setor público; repassar corretamente as verbas; atrativos e entretenimentos turísticos; organização na cidade; valorização da musicalidade (artistas locais); reconhecimento e pertencimento ao lugar; reconstruir identidade do lugar; cor na cidade; relações mais afetivas; vontade, preparação e empatia para receber; sair da superficialidade; aumentar a humildade; diminuir a individualidade; diminuir a depredação dos espaços públicos; valorização dos pontos turísticos; cuidado e atenção nos bairros pelos moradores e governantes; necessita mudar hábitos; reeducação; conscientização; atitude; mais positivismo e menos acomodação dos moradores; falta exigir melhor atendimento; reconhecimento dos deveres de cidadão/morador; cuidado com o descarte e separação de lixo; envolvimento da comunidade; diminuir os animais soltos em demasia (cachorros); cuidar mais dos locais para receber e de cuidados de higiene em restaurantes e hotéis; aumentar afeto e amorosidade com as pessoas; aumentar a atenção com os mais velhos; valorizar e incentivar as raízes locais (artistas); explorar as riquezas da cultura; eventos tradicionais; empenho no atendimento de locais públicos; aproveitar mais a história das Missões; instalações adequadas para receber bem; explorar a musicalidade.

Ademais, registraram que alguns fatores se tornam prejudiciais para o município, tais como: retrocesso no cotidiano; desenvolvimento lento; dificuldades econômicas, sociais, culturais e políticas; Poder público poderia se importar mais (só há cuidados com a cidade em datas específicas); diminuição da quantidade de empresas; disparidade de relações entre moradores e Poder público; frieza na relação que provoca desconfiança de quem chega pela maneira que é recebido; concentração da economia na parte central; interrupção de eventos musicais importantes para o lugar e festividades tradicionais se perderam; pouca divulgação das atividades turísticas e dos caminhos turísticos; pontos turísticos desativados. Extenuaram que

parece haver um cansaço ao lutar; falta incentivo dos próprios moradores e do Poder público; respeito e preocupação com o meio ambiente (há sujeita demais); no passado havia mais oportunidades e mais cultura.

E que necessita, com urgência: rever pequenas ações para melhorias no espaço público do lugar; responsabilidade, respeito e cuidar do ambiente externo; espaços turísticos abertos para visitaçãõ; ampliaçãõ de arquivos de registros da história do lugar; carinho e acreditar no lugar (voltar a ter encanto pelo lugar); acreditar no potencial pessoal; sincronicidade; ter uniãõ e envolvimento; melhorar o receber; mais abertura e receptividade para conhecer os visitantes; rigidez e açãõ por parte do Poder público; reconhecimento dos moradores e do Poder público sobre a história e a riqueza que o lugar possui; mudançã cultural; colocar-se no lugar do outro; diminuir o desnível de relações entre centro e bairro; diminuir a destruiçãõ do patrimõnio que conta a história; ter cuidados com a parte frontal de casas e prédios.

Em se tratando de comércio, serviçõs e atendimento ao público, manifestaram os moradores que há: comércio diversificado; investimento de alguns proprietários; entusiasmo e atitude (em parcela de proprietários e funcionários); realizaçãõ profissional; atendimento bom e relações boas de comunicaçãõ e acolhimento no comércio.

Em contraponto disso relatado, falta ainda aos funcionários e proprietários dos estabelecimentos: preparo e interesse; aprimoramento, capacitaçãõ, treinamento e cursos contínuos para melhorar atendimento e comunicaçãõ em equipes; aprofundar relações no atendimento; conhecimento dos produtos; empatia, simpatia, carisma, alegria, felicidade, cortesia e vontade no atendimento; iniciativa, proatividade, disponibilidade e interesse dos proprietários e dos funcionários em ampliar conhecimentos; comunicaçãõ sensível e mais humanismo no atendimento; conscientizaçãõ, profissionalismo, interesse, atualizaçãõ e reciclagem no atendimento; rever e mudar olhares; colocar-se no lugar do outro; ampliar o conhecimento em várias áreas; aprender a escutar mais. Pois, há: precariedade no atendimento; disparidade no atendimento devido a maneira de vestir e a condiçãõ financeira; descuido das vitrines e dos produtos nas lojas; atendimento ruim de proprietários e funcionários (atendimento ruim provocou compras em outra cidade e pela internet); descaso com o cliente; pessoas muito fechadas para receber e atender o visitante. E ainda, falta harmonia e comunicaçãõ no Poder público; e foi percebido pelos moradores que alterou a confiançã com a modernidade.

Dito isso, foi percebido que alguns elementos considerados positivos na relação dos moradores estiveram presentes na percepção de outros moradores como elementos que necessitam de melhorias. Dessa forma, é possível afirmar que há a necessidade de uma reinvenção de si para que se possa haver um equilíbrio na fala e nas ações dos moradores e ampliar positivamente as relações entre sujeitos-moradores e sujeitos-visitantes.

Nesta tese, as falas dos sujeitos-moradores em 'com-versações' entre si fizeram 'todo o sentido'. Mais que isso, são falas que 'com-versam' com autores e reflexões importantes.

À vista disso, os sujeitos, por meio de vivências e experiências, interagem, refletem e adquirem conhecimento, sendo capazes também, pelo autoconhecimento, 're-ver-se' e 're-estruturar-se'. Nesse pensar, envolvidos, os sujeitos pelas narrativas, em rodas de conversa, mesclando gestualização, palavra e expressão, uma contribuição importante é o pensamento de Merleau-Ponty (2011, p. 251), que diz que,

O sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda dificuldade é conceber bem esse ato e não confundi-lo com uma operação do conhecimento. Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu.

Em igual intensidade, Sachet (2008, p. 83) evidencia que, "[...] nosso ser social implica o viver em uma rede de conversações, que envolve o linguajar e o emocionar, onde nos fazemos humanos. Este contínuo fazer humano muda a fisiologia que, ao mesmo tempo, permite este modo de viver". Pode-se dizer, nessas reflexões, que o mesmo acontece com a palavra, que ao ser exteriorizada, é capaz de trazer significação em confluência com os gestos, quando o sujeito manifesta a sua expressividade corporal.

Pertinente evidenciar as considerações de Gallina (2008, p. 10), em relação à expressão corporal, quando a autora expõe que: "Podemos esconder palavras e pensamentos, mas não os sentimentos de um corpo em movimento". O corpo explicita movimento quando comunica. Pode se tornar vibrátil quando interage. Pode se tornar um corpo que vai além do visível na expressividade, permitindo assim, fluxos nas tramas de relações. Para isso, além de desenvolver o corpo, é importante desenvolver a criatividade e o imaginário que poderão contribuir para o 'con(viver)'. "Sem

elaboração do imaginário não há trabalho criativo, e na expressão corporal o que importa é a experiência de elaboração da tríade ‘mundo imaginário – movimento corporal – ação’” (GALLINA, 2008, p. 19). Essa explanação de Gallina se entrelaça com a ideia de Rolnik (2020), quando fala de um corpo que necessita ultrapassar os limites do conhecido para poder explorar novos mundos. Faz-se necessário deixar morrer esse corpo em andamento para que um novo corpo possa nascer e agenciar novas a(fe)tivações e intensidades.

A elucidação de Rolnik enlaça a possibilidade do sujeito-morador de São Luiz Gonzaga se (re)ver, se (re)organizar, se (re)descobrir para poder acionar Comunicação *Corpoiesis* e potencializar as Tramas Turístico-Comunicacionais e, com isso, se (auto)transpoietizar, se reinventar. Cabe salientar que, acionar Comunicação *Corpoiesis* e potencializar Tramas Turístico-Comunicacionais, são possibilidades de buscar no que foi expresso nos relatos (dentre qualidades e deficiências), um equilíbrio-fluente para provocar agenciamentos de (auto)transpoiese e de reinvenção.

Pertinente explicitar as afirmações de Baptista (2021, p. 2364) quando diz que,

Na lógica esquizoanalítica, o sujeito se desterritorializa, se desacomoda da condição à qual está habituado e se movimenta, aciona movimentos desejantes, em relação à mutação de si mesmo, à autoprodução, à autopoiese, à reinvenção de si. São tramas de agenciamentos, como conjuntos e processos complexos de entrelaçamentos de elementos, trilhas e fios, tanto inerentes ao processo mesmo de desterritorialização, que é característico da saída da condição de estar em um território conhecido, quanto à lógica de derivações e dissipações de seus filamentos rizomáticos comunicacionais e subjetivos.

Essa afirmação da autora me faz refletir que, aos sujeitos estarem abertos à desconstrução e à reconstrução de si, dos olhares e das percepções, das várias linguagens da comunicação, há uma possibilidade maior para que se consiga acionar e potencializar mudanças, seja no cotidiano, nas organizações ou no turismo.

Entrelaçam as considerações, as palavras de Rubem Alves, quando faz refletir: “Bem dizia o mestre Wittgenstein que a linguagem tem um poder enfeitiçante. E eu me pergunto: de que palavras nos alimentamos?” (ALVES, 2010, p. 22). Na explicação de Rubem Alves acrescento que a linguagem aqui é pensada num todo, enredada em suas diversas manifestações, e quando não estiver em sintonia o corpo com expressividade e palavra, poderão delinear outras curvas, não comunicando com o sentir. E para nos alimentarmos de palavras, gestos, expressões e ações – em

perfeita sintonia – devemos tecer um corpo, uma comunicação e uma relação díspar. Assim, ao pensar em um outro corpo, em uma outra comunicação e em outras relações, diferentes, vibráteis, pelo avesso, posso dizer que, para se (auto)transpoietizar, se reinventar, como sujeitos e como lugares, devem se cercar de palavras, gestos, expressões corporais e ações que possam ir na direção de um ponto em comum: o sentir com intensidade. Pois, o sentir, profundidade como efeito (produzido como causa, consequência, resultado), é capaz de provocar alterações na relação-convívio, alterando modos de viver e interagir, e, conseqüentemente, alterando relações que permeiam a comunicação e o turismo.

Em fins de concluir o capítulo, saliento que, todo o processo envolvendo as visitas e os relatos, tratou-se de caminho vivenciado com esmero, com alegria, despido de preconceitos, feito com entrega profunda, tanto na costura da escrita, quanto no entremear do ‘com-versar’ (BAPTISTA, 2018) e, com a mesma intensidade, no ‘con(viver)’, através da observação e da percepção das sutilezas do lugar.

As pessoas estão no mundo para conviver com os outros, reencontrando-se a cada relação, a cada momento. Entender o mundo com nossa sensibilidade é estar aberto a novos olhares, a novos sentidos de vida, usando a criatividade e a inteligência para fundamentar o pensamento de reservas selvagens e nos transferir na alteridade para as relações humanas (HANSEN, 2017, p. 35).

Conforme evidenciou Hansen, na convivência, o desenvolvimento desta pesquisa foi marcado por uma escuta atenta ao que disseram os autores e ao que o universo investigado me ofereceu, por meio dos sujeitos-moradores, em seus relatos sobre a cidade, sobre a comunicação, sobre as relações e sobre o Turismo. Essas trilhas percorridas, com simultânea determinação e suavidade, em São Luiz Gonzaga, *lócus* de pesquisa no trajeto do doutorado, mostraram sinalizadores para pensar o futuro, buscando acionar, nos sujeitos e nos lugares, a Comunicação *Corpoiesis* e a potencialização das Tramas Turístico-Comunicacionais.

## 6.5 PROJETO COMUNICAÇÃO *CORPOIESIS*: PRÁTICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS

Diante do que foi exposto, como resultado de todo o processo das conversações, faço aqui uma ‘provoc-ação’ convite para conhecer os detalhes do projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais. Seguindo os propósitos

da tese, do PPGTURH/UCS, o objetivo desse projeto foi comunicar com intensidade, com um corpo potente, capaz de acionar (auto)transpoiese, a partir de práticas comunicacionais. Desse modo, foram realizadas cinco ações artístico-culturais, alinhadas no formato de execução ‘Com-versações’, e com o intuito de acionar e potencializar os sujeitos e o lugar – São Luiz Gonzaga/RS. As ações foram planejadas, como decorrência de uma escuta atenta aos moradores sobre o lugar, em rodas de conversa que aconteceram em aproximações e ações investigativas durante 2019 e 2020, e geraram os inúmeros relatos, já apresentados. Assim, foi possível perceber uma relação forte do lugar com a arte e suas inúmeras expressividades, em especial a música – música missioneira. Diante disso, em conversação com minha orientadora, foram concebidas as ações propostas, que criativamente conectam com a tradição. Possibilitaram pulverizar microssensações, para auxiliar no resgate da essência de São Luiz Gonzaga e foram, todas as cinco ações, acolhidas pelo município, como eventos anuais para cristalizar essa poética que o lugar oferece.

Antes de ir propriamente para as ações artístico-culturais, apresento relato sobre a ida e o momento de chegada a São Luiz Gonzaga. Relato este, importante para pensar e ressignificar as relações do interior (do sujeito e do lugar).

*“Era noite de quinta-feira, 26 de maio de 2022, o frio se fazia presente, mas não tão intenso. Um tempo úmido, com possibilidade de chuva. A cada hora que passava, uma sensação forte por estar de volta às raízes, de estar levando ideias práticas para elevar a potência do município e, dessa forma, agradecer tudo o que vivi e senti lá, naquele lugar pequeno, no interior. O coração, em determinados momentos, ficava incontrolável, pulsava agitado e provocava em mim certa ansiedade que não me deixou dormir. Das vezes que recostei a cabeça e fechei os olhos, só vinha na mente a chegada. Como seria? E como aconteceria tudo o que eu estava indo propor?*

*Eu cheguei. Eram três horas e trinta minutos, da madrugada de sexta-feira, 27 de maio. E estava chovendo. Chovia no trajeto desde a uma hora da manhã. E eu senti, desde que me aproximei de São Luiz Gonzaga, que a chuva se tratava de bênçãos indígenas para tudo o que eu estava indo fazer. Pensei isso, porque, na cultura indígena, quando chove é como se os braços estivessem sendo abertos para te receber (pausa para um choro derramado e alegre).*

*Assim eu descii na terra vermelha de que tenho tanto orgulho em dizer que faço parte. E tudo começou a acontecer numa espécie de magia. Reuniões foram marcadas ao longo dos dias, conversas, prosas. Eu via pessoas empolgadas com a*

*proposição que eu estava levando para a cidade. A minha alegria era tanta que eu poderia ter gritado na rua, tentando disputar espaço com as caturritas, mas fui à Igreja Matriz, dobrei os joelhos, chorei e agradei.*

*O momento era intenso, estar lá, a prática do doutorado, os objetivos, tudo era muito intenso. Confesso, que nem tudo deu certo de início. Houve impasses. Dúvidas. Incertezas. Lembrei-me, porém, das conversas Amorcomtur! em que refletimos muito sobre o fato de que quando estamos em viagem (em movimento), tudo é incerto. Tudo é possível. E como li numa frase há muitos anos, de um autor desconhecido “O impossível é o nunca tentado”. Eu prossegui. Me desafiei. Acreditei. Apostei. Caminhei. E caminhei muito pela cidade para as reuniões e para divulgar as ações artístico-culturais. E as coisas foram se encaminhando. Foram dando certo. Aconteceram.*

*Minha permanência para o desenvolvimento das ações, foi de mais de um mês em São Luiz Gonzaga. Dias de chuva e de frio. Com pouquíssimos dias ensolarados. Sete dias houve sol, para ser mais exato, intercalando dias chuvosos. E três deles foram nos dias que programei as ações artístico-culturais presenciais: a Tertúlia Poética, o CiranDança e a Serata Missioneira (as outras duas ações: Cartas de Amor e Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga, o produto final das ações era online). Sinto que essa vivência e experiência intensa, em que o resultado era incerto, pois, dependia de clima, de pessoas, de parcerias, se estabeleceu de tal forma que foi gigante o resultado. Almas boas advindas de pessoas do bem foram colocadas em meu caminho, possibilitando trocar aprendizagens e fazer o propósito acontecer. Junto disso, parcerias se estabeleceram, o clima esteve propício para a execução prática, e os sujeitos-moradores estiveram presentes, em boa quantidade, para prestigiar. Sei que com isso tudo, algo mudou em mim, mexeu lá dentro, me fortaleceu como pessoa e como profissional. O interior de mim se reinventou. O lugar do interior se mostrou fortalecido. Coloquei à prova o profissional de Relações Públicas, formado pela UCS. Entendi que a proposição Comunicação Corpoiesis também me transversalizou profundamente. A tese vibrava no meu corpo todo.*

*E eu, respirei profundamente, agradecido.”*

Dito isso, evidencio que, antes da minha chegada a São Luiz Gonzaga, eu já havia feito um roteiro de campo para viabilizar encontros, reuniões, visitas e

ajustes de detalhes, para fazer com que a proposta acontecesse. Dentre as prioridades estavam:

1 - Fazer uma reunião com o Prefeito Municipal de São Luiz Gonzaga, Sidney Brondani, para pedir permissão para executar as ações artístico-culturais no município.

2 - Fazer uma reunião com a Secretária Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, Luiza Caterine Santos Panegalli, para estender parcerias com artistas, entidades, instituições e empresas.

3 - Fazer uma reunião com a Secretária Municipal de Educação e Esporte de São Luiz Gonzaga (SEMEDE), Marisa Klein Ditz, para estabelecer parcerias, envolvimento e divulgação nas escolas da rede municipal de ensino.

4 - Fazer uma reunião com a Secretária Estadual da Educação de São Luiz Gonzaga (32 CRE), Josefina Adams de Moraes, para estabelecer parcerias, envolvimento e divulgação nas escolas da rede estadual de ensino.

5 - Fazer uma reunião com entidades: Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG); Casa do Poeta (POEBRAS/SLG); Coletivo Universo Feminino; Conselho Municipal de Turismo; Conselho Municipal de Cultura; Associação São-Luizense de Autores (ASAS); ACI São Luiz Gonzaga; CTG Galpão de Estância; CTG Carlos Bastos Prado, para o estabelecimento de apoio, envolvimento e parcerias na divulgação e acontecimento das ações.

6 - Visitar os meios de comunicação da cidade: Jornal A Notícia; Jornal Missioneiro; Rádio São Luiz FM; Rádio Missioneira FM; Rádio 97 FM; Rádio Cidade FM; TV Daqui, para buscar conseguir envolvimento e parceria na divulgação das ações.

7 - Visitar e conversar com a direção de: Escolas Estaduais; Escolas Municipais; Escolas Particulares; Centro Universitário Indaial (Polo UNIASSELVI São Luiz Gonzaga); Centro Universitário Internacional (Polo UNINTER São Luiz Gonzaga); Faculdade Integrada Norte do Paraná (Polo UNOPAR São Luiz Gonzaga); Universidade Estácio de Sá (Polo São Luiz Gonzaga); Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS São Luiz Gonzaga); Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI São Luiz Gonzaga), visando estabelecer envolvimento, parcerias e divulgação das ações.

8 - Visitar ambientes/espços de São Luiz Gonzaga para a definição de locais das ações Tertúlia Poética, CiranDança e Serata Missioneira.



9 - Entrar em contato com os professores e grupos de dança, para articular a ação CiranDança.

10 - Visitar e estabelecer parcerias com moradores-músicos, para as ações Tertúlia Poética e Serata Missioneira.

11 - Visitar empresas em São Luiz Gonzaga, para buscar patrocínio para a confecção de três troféus, a serem entregues aos participantes da ação Cartas de Amor, em formato de concurso, com escrita de cartas.

12 - Visitar moradores-artistas, para estender o convite para a ação Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga, exposição artística em formato virtual.

Esses foram os primeiros alinhamentos que havia definido para fazer em São Luiz Gonzaga. Saliento, que além desse roteiro, eu já havia criado a identidade visual das cinco ações artístico-culturais utilizando as cores da bandeira do município (que foram, antes da execução das ações, divulgadas em mídias sociais do município). Também já havia deixado prontos os textos que seriam encaminhados para os meios de comunicação com a divulgação das ações. Tudo isso foi pensado para otimizar o tempo, que, diante dos inúmeros detalhes que antecedem o acontecimento de ações, são necessários. Ademais, antes da chegada a São Luiz Gonzaga, entrei em contato com amigos e conhecidos da cidade, que foram conseguindo outros contatos. Dessa forma, via WhatsApp, apresentei-me e fui adiantando a prática do doutorado com as ações artístico-culturais e a possibilidade de estender parcerias e marcar reuniões.

Das conversações feitas, virtuais (antecipadamente) ou presencialmente (ocorridas já nos primeiros dias em que estive em São Luiz Gonzaga), informo que, uma parcela do roteiro criado começava a dar evidências de concretização. Já havia conseguido, via WhatsApp, a parceria da Presidenta da Casa do Poeta (POEBRAS/SLG)<sup>77</sup>, Vânia Maria Coimbra, para o acontecimento da ação Tertúlia Poética, em formato de um jantar beneficente, no Sindicato dos Bancários. Também consegui, no início da tarde de segunda-feira, 30 de maio, ser recebido para uma reunião com o Prefeito Municipal de São Luiz Gonzaga, Sidney Brondani, que, em uma conversa descontraída, abriu as portas do município para a execução das cinco ações artístico-culturais. Outro fato a ser citado é que, na visitação aos meios de

---

<sup>77</sup> “A Casa do Poeta – POEBRAS/SLG foi criada no dia vinte e seis de setembro de 2000. Sendo declarada como entidade de utilidade pública pela Lei Municipal do RS 4.129, de 17 de Dezembro de 2003. Possui renome nacional, recebendo o prêmio ‘Igaçaba’ da Cultura, como entidade cultural mais atuante na região missioneira” (COIMBRA; MORAES, 2016, p. 2).

comunicação da cidade, entre 30 de maio e 2 de junho, tive uma excelente receptividade e todos, sem exceção, oportunizaram a divulgação gratuita das ações. Os jornais, as rádios e a TV Daqui ofereceram divulgação na programação, no site e também entrevistas.

Manifesto, a seguir, as divulgações das ações artístico-culturais, ocorridas nos meios de comunicação de São Luiz Gonzaga/RS.

A primeira divulgação foi a entrevista concedida ao Jornal A Notícia (Figura 50), que foi publicada no dia 3 de junho (dia de comemoração de aniversário do município). Uma matéria que rendeu uma página inteira, apresentada no Segundo Caderno do jornal, trazendo um breve informativo do projeto Comunicação Corpoiesis e de cada das cinco ações artístico-culturais: Tertúlia Poética; CiranDança; Serata Missioneira; Cartas de Amor; Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga.

Figura 50 – Entrevista no Jornal A Notícia

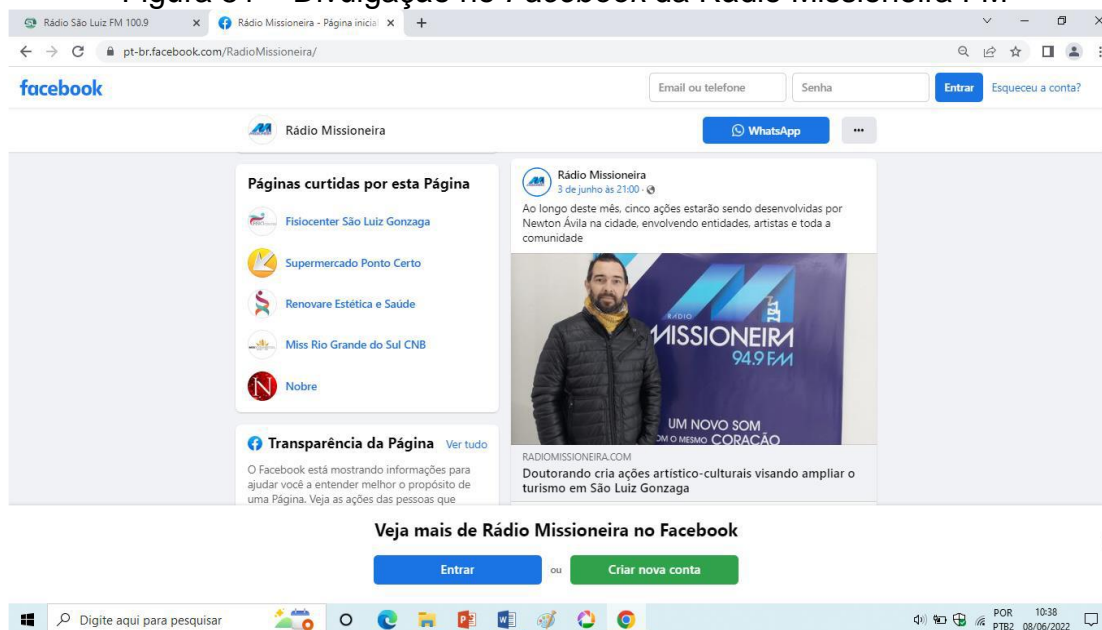


Fonte: Jornal A Notícia, 3 e 4 de junho de 2022.

A segunda divulgação foi a entrevista concedida à Rádio Missioneira FM, no dia 3 de junho, às 10h30min, no Programa Cidade Alerta, comandado por Luciana

Cavalli. Na oportunidade, fiz uma explanação das ações e contei um pouco da minha trajetória profissional e envolvimento com São Luiz Gonzaga. A Rádio Missioneira FM também estendeu a divulgação das ações em sua página no *Facebook* (Figura 51).

Figura 51 – Divulgação no *Facebook* da Rádio Missioneira FM



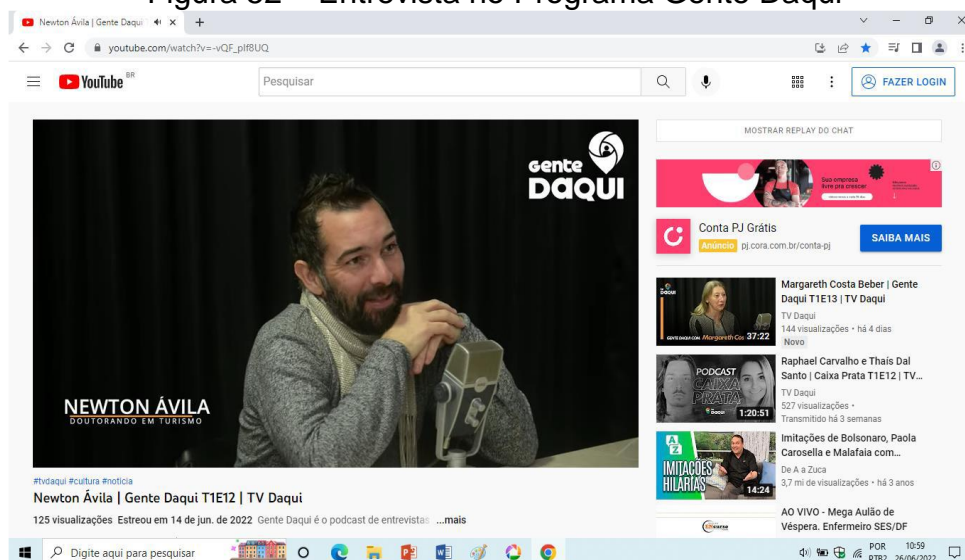
Fonte: *Facebook* da Rádio Missioneira FM, junho de 2022.

A terceira divulgação ocorreu na Festa do Arroz Carreteiro, tradicional festa que acontece em comemoração ao aniversário de São Luiz Gonzaga, em sua sétima edição, em que pude estar conversando informalmente com moradores e fazendo um chamamento para o envolvimento e participação das ações.

A entrevista na Rádio São Luiz FM, na manhã de 9 de junho, às 9h30min, no Programa Olho Vivo, comandado por Luiz Oneide, foi a quarta divulgação. No diálogo com o entrevistador, explanei informações da minha condição acadêmica, das ações artístico-culturais, e fiz o convite aos moradores para estarem prestigiando e se envolvendo na proposta turística-artístico-cultural.

Na sequência, a quinta divulgação nos meios de comunicação aconteceu através da entrevista que foi concedida à TV Daqui, no Programa Gente Daqui (Figura 52), comandado por Pâmela Moraes, que foi publicado no YouTube, em 14 de junho, dois dias antes da primeira ação presencial acontecer. Na entrevista, os assuntos permearam as ações do doutorado, a relação com a comunicação, a arte na minha vida e os entrelaços com São Luiz Gonzaga.

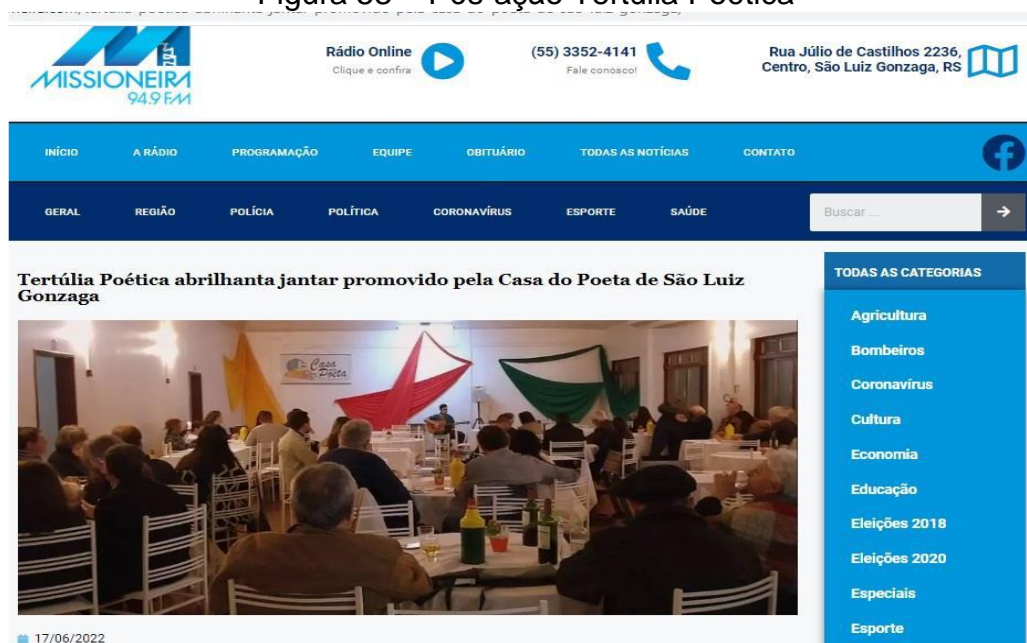
Figura 52 – Entrevista no Programa Gente Daqui



Fonte: TV Daqui São Luiz Gonzaga.

Após a realização das ações artístico-culturais, também houve a divulgação nos meios de comunicação. Uma delas foi no site da Rádio Missioneira FM (Figura 53), no dia 17 de junho.

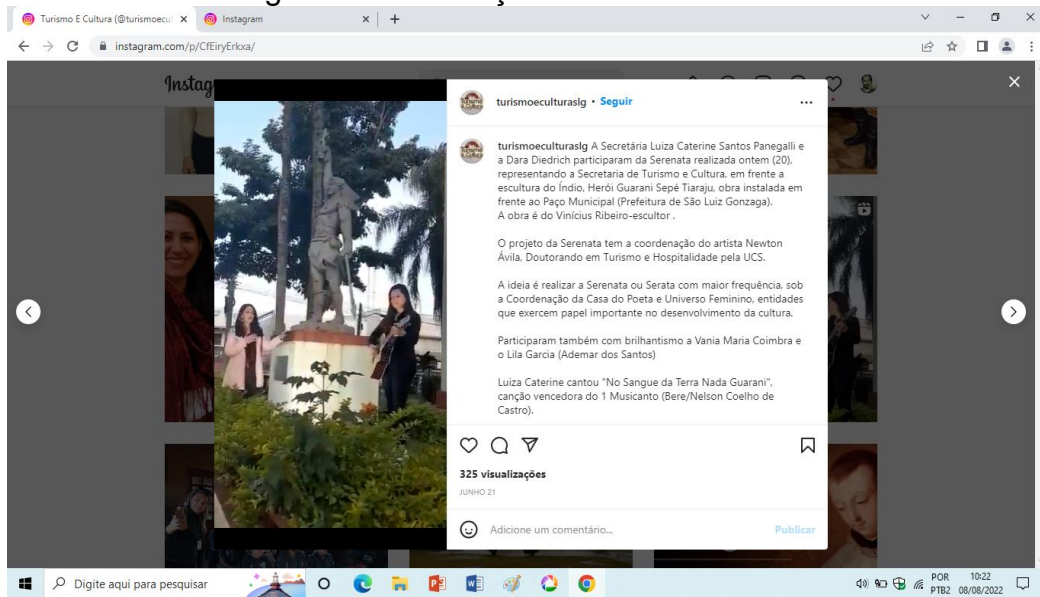
Figura 53 – Pós-ação Tertúlia Poética



Fonte: Site da Rádio Missioneira FM São Luiz Gonzaga.

Também, no Instagram da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, no dia 21 de junho, foi noticiada a ação Serata Missioneira (Figura 54).

Figura 54 – Pós-ação Serata Missioneira



Fonte: Instagram da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga.

E a outra foi a matéria divulgada no Jornal Missioneiro (Figura 55), em 25 de junho, contando da execução e das parcerias estabelecidas para as ações artístico-culturais.

Figura 55 – Matéria do Jornal Missioneiro



Fonte: Jornal Missioneiro São Luiz Gonzaga.

Registrado no Instagram da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, no dia 27 de junho, o encerramento da ação Cartas de Amor (Figura 56), em que foram entregues os Troféus Destaque do concurso.

Figura 56 – Pós-ação Cartas de Amor



Fonte: Instagram da Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga.

Saliento que as inserções de notas informativas das ações artístico-culturais nas rádios (Rádio Cidade FM; Rádio 97 FM; Rádio Missioneira; Rádio São Luiz FM) foram efetuadas, porém, não obtive registros.

Manifestadas as divulgações ocorridas nos meios de comunicação de São Luiz Gonzaga, e também tendo concluído as reuniões e as visitas a empresas, instituições, entidades e moradores-artistas, apresento, a seguir, as cinco ações de campo que foram executadas em junho de 2022, no *lócus* de pesquisa. São elas: Tertúlia Poética; CiranDança; Serata Missioneira; Cartas de Amor; Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga.

### 6.5.1 Tertúlia Poética

Lembrar da cidade onde se nasceu, com inocência, e rir sozinho. Rir de coisas passadas. Ter saudade da pureza. [...] Sentir o sol. [...] Gostar de estar

ali caminhando. [...] Gostar dessa emoção tão cheia de riquezas íntimas.  
(Manuel de Barros)

A ação Tertúlia Poética teve o propósito de reunir pessoas que, no encontro, iriam misturar arte, poesia, música e o compartilhamento do alimento/da comida, ceando junto. Abaixo, a identidade visual, numa espécie de cartão-convite (Figura 57).

Figura 57 – Identidade visual da ação Tertúlia Poética



Fonte: Criação do pesquisador, em 2022.

Essa ação teve como palco a Sede do Sindicato dos Bancários de São Luiz Gonzaga, e, em parceria com a Casa do Poeta, propôs um saboroso jantar beneficente, que aconteceu na noite de 15 de junho de 2022. Aproximadamente cem pessoas estiveram presentes e compartilharam o alimento/comida, apreciaram a leitura de poesias, declamações e excelentes músicas, com prestigiados cantores locais. Dentre os artistas que estiveram presentes, sob a apresentação de Valnir Almeida (Chico Marques), foram: Ademar Garcia (Lila), Alécio Santos, Beto Barreto, Emílio Ferraz, Giovane Neves (Bacana), Guiomar Terra, Ivone Ávila, Jarbas Nadal, Luiz Augusto Ferreira dos Santos, Neiva de Melo, Renan Menezes Nascimento, Ricardo Galarce, Solange Battirola e Vania Coimbra. E ainda, a noite contou com a presença ilustre do artista João Máximo Galarce de Oliveira e de sua esposa Vera Lúcia Bervanger de Oliveira (Verinha), personalidades conhecidas e respeitadas na área da música em São Luiz Gonzaga.

Dentre os registros feitos da ação artístico-cultural, apresento, em formato condensado, algumas fotos que fizeram parte da Tertúlia Poética (Figura 58).

Figura 58 – Registro da ação Tertúlia Poética



Fonte: Registro fotográfico do pesquisador, em 2022.

Essa proposta criou um elo muito forte entre sujeitos da comunidade, vivendo a comensalidade, o comer junto, apreciando a companhia do outro, a poesia e a música. Foi um momento especial, de experiências, de trocas relacionais e comunicacionais. Envolveu histórias de vida e possibilitou a ampliação e a potencialização artística, cultural e turística para São Luiz Gonzaga.

### 6.5.2 CiraDança

Dançar é vivenciar e experienciar, sentindo a relação de cada pessoa com o máximo de intensidade. (Roger Garaudy, 1980)

A ação CiraDança teve o propósito de entrelaçar dança, música e pessoas, em ciranda, em comunhão, vivenciando e experienciando a alegria em se deixar contagiar pela intensidade que a dança proporciona na vida. Igualmente propôs a valorização do espaço público da cidade. Segue a identidade visual (Figura 59).



Figura 59 – Identidade visual da ação CiranDança



Fonte: Criação do pesquisador, em 2022.

Essa ação aconteceu na Praça da Matriz, no Palco Cenair Maicá, no sábado, dia 18 de junho, às 10h da manhã. Foram convidados professores/coordenadores de grupos de dança existentes na cidade (Ballet; Jazz; Dança Contemporânea; Dança Folclórica; Dança Latina; Dança Tradicionalista; Dança Urbana; Dança do Ventre; Dança Zumba), para que, ao estarem no palco, comunicassem brevemente, sobre a história e o contexto da dança de atuação. Em seguida, juntamente com seus alunos, apresentassem duas coreografias para o público apreciar. E, para finalizar, ao invés de apresentar uma terceira coreografia, convidassem os participantes a aprender os passos, em roda, em ciranda. Na prática, ao começar a música, todos, juntos, se envolveram e se entrelaçaram, participando e deixando a energia fluir em seus corpos. Pessoas de todas as idades se soltaram, sem se importar se sabiam a coreografia ensinada ou não, simplesmente viveram o sabor proporcionado pela dança.

O CiranDança contou com a participação da coordenadora/professora Tania Marchi, juntamente com suas alunas, representando a Academia Zumba. O seu texto de apresentação para o público presente foi o seguinte:

*“Eu sou Tania Marchi, da academia de dança Zumba. Sou dançarina e dançarino é movimento e eu já me movimentava no útero da minha mãe, então eu danço desde o momento em que eu fui concebida.*

*Amo dançar, quem me conhece sabe e danço qualquer música, em qualquer momento. E gostaria de dizer então assim: a dança é vida, movimento, integração, celebração. A música toca a alma e chama o corpo para o movimento. A dança é expressão da alma, a dança é a materialização das notas musicais. A dança é arte, entretenimento.*

*Dançar é expressar sentimentos. A dança é saúde. Liberação de hormônios como endorfina, cerotonina, os hormônios da felicidade. Quer ser feliz, dance!*

*Vou ler uma poesia que eu fiz inspirada no trabalho de Newton Ávila. Falando sobre a dança, como não falar sobre a dança, e aí eu aproveitei, eu acho que um anjo, sei lá, me inspirou e eu me vi menina.*

#### *CIRANDA DA VIDA!*

*Uma menina faceira que brinca de feiticeira habita dentro de mim... me envolve em suas loucuras... me faz fazer travessuras e me põe para bailar. Essa menina faceira domina todo o meu ser... me ensina que o meu viver tem que ser bem celebrado... me envolve no seu bailado faz a vida acontecer. Essa menina travessa que habita dentro de mim não me deixa envelhecer... diz que a vida aqui é passagem... mas temos uma missão manter nossa humanidade ... ser um ser de gratidão.*

*Há! Essa menina faceira se veste de bailarina... canta... dança... se ilumina... convida outras meninas nessa ação do bem viver... vão dançando pela vida... há sempre um novo amanhecer.*

*Vem, vamos dar as mãos nessa ciranda de roda...a poesia em verso e prosa as convida para bailar... a música? Qualquer uma, é só deixar se envolver... alegria! A vida é bela e como é bom o bem viver!” (Tania Marchi).*

A ação também contou com a participação da coordenadora/professora Lara Moreira, juntamente com suas alunas e alunos, representando a Escola de Dança Millenium. O seu texto de apresentação para o público presente foi o seguinte:

*“Eu sou Lara Moreira, proprietária da Escola de Dança Millenium, nossa escola tem 1 ano e uns meses de existência, mas quem me conhece já sabe que eu danço faz muitos anos.*

*A minha história com a dança começou lá em 1992, quando eu comecei a dançar ballet no Ballet do INSA, que hoje é a nossa URI, na época se chamava Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, e o Ballet do INSA tinha sua sede lá, por isso se chamava Ballet do INSA. Então eu fui aluna da professora Luciana Paludo, que é uma*

*grande professora hoje reconhecida em todo o país. E eu trabalhei com ela durante dez anos, então me formei com ela em ballet clássico.*

*Comecei a dar aula com 15 anos de idade e sigo até hoje nesse caminho da dança. Então, hoje nós temos uma escola, trabalhamos com ballet clássico, jazz, contemporâneo, K-pop, várias modalidades de dança lá na nossa escola. E hoje estamos aqui com um grupo nos representando.*

*E como a Tania já fez a parte da poesia, eu vou ser um pouco mais técnica e dizer que hoje nós estamos aqui reunidos nesse dia, pela valorização da dança no nosso município, porque dança é arte, é cultura.*

*A dança está presente na nossa vida em diversos momentos do nosso dia a dia, por mais que as pessoas muitas vezes não percebam, mas a dança está sim presente, muito presente no nosso dia a dia. E a dança como cultura, deve ser sim valorizada, porque a gente consome cultura, o tempo todo. Quando você está assistindo uma novela, você está consumindo cultura. Quando você entra no carro e liga o som e tá escutando uma música, você está consumindo cultura, arte. Quando você está assistindo um filme. Então a cultura, ela é presente 24 horas do dia da nossa vida e a dança faz parte dessa cultura.*

*Hoje em dia com as danças da moda, tic-toc, enfim, todo mundo dança o tempo todo, e a dança está presente o tempo todo, em todos os lugares. Então por trás disso, tem pessoas que trabalham, por trás da música que você houve tem alguém que compõe, tem alguém que toca, tem alguém que canta e isso é cultura e isso tem que ser valorizado sim. E na dança é a mesma coisa. Por traz da dança que a gente apresenta aqui, tem professores dedicados, tem alunos dedicados, a gente se prepara, a gente ensaia, a gente se veste especialmente para esse momento, a gente se maquia, a gente tem toda uma dedicação para estar no palco por mais simples que seja. E isso tudo é arte, isso tudo é cultura, e a gente precisa buscar essa valorização.*

*E é por isso que nós estamos reunidos aqui hoje, eu representando nossa escola, a Tania representando a academia dela. A nossa Secretária de Turismo e Cultura, representando a Cultura do nosso município. E a convite agradeço ao Newton Ávila, que foi meu colega, dançamos juntos, e hoje graças à dança, graças à cultura, nós podemos estar juntos novamente realizando esse evento.*

*Então gente, a dança faz amizades que a gente pode levar para a vida toda e permite que essas coisas boas aconteçam, como está acontecendo aqui hoje. E a*

*gente espera, de todo o coração, que isso dê muitos frutos ainda, para a nossa cidade. Como o Newton diz, ‘estamos plantando uma sementinha’ e com certeza ela vai germinar, e a gente vai cada vez mais buscar essa valorização, para a nossa dança, para a nossa música, para o nosso teatro, para a nossa arte no geral” (Lara Moreira).*

Dentre os registros feitos da ação artístico-cultural, apresento, em formato condensado, algumas fotos que fizeram parte do CiranDança (Figura 60).

Figura 60 – Registro da ação CiranDança



Fonte: Registro fotográfico do pesquisador, em 2022.

Essa proposta proporcionou criar a participação coletiva, oportunizou uma multiplicidade de talentos, enaltecendo a riqueza musical da cidade, e o uso do espaço público, a praça. Abriu também a possibilidade de conversação e, ao público que esteve presente, por quase duas horas, estendeu o espírito de cooperação, de união, em harmonia, que pôde ser visto com a dança, com o dançar, com a possibilidade de se expressar livremente.

### 6.5.3 Serata Missioneira

Afeto, do latim *'affetare'*, quer dizer 'ir atrás'. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (Rubem Alves)

A ação Serata Missioneira teve o objetivo de proporcionar bem-estar e alegria aos moradores, tanto aos que estiveram na condução musical, quanto dos que apreciaram, ouvindo as canções. Abaixo a identidade visual, divulgada em mídias sociais (Figura 61).

Figura 61 – Identidade visual da ação Serata Missioneira



Fonte: Criação do pesquisador, em 2022.

Essa ação se tratou de uma serenata com músicas missioneiras, envolvendo sujeitos-moradores-artistas e moradores-participantes, que, ao passarem pela rua, puderam prestigiar música e arte. A Serata Missioneira estava prevista para a quarta-feira, dia 22 de junho; porém, devido à previsão do tempo que marcava chuva intensa de terça a sexta-feira, foi antecipada para segunda-feira, dia 20 de junho. Também havia sido programada uma caminhada por vários pontos da cidade, em que moradores seriam convidados a estar com seus lampiões acompanhando.

O trajeto que havia sido definido para a Serata foi: concentração e saída às 19h, com uma primeira declamação de artistas e cantoria com músicos locais, da Rua São João, em frente ao Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG), seguindo até a esquina do Museu Municipal Senador Pinheiro Machado. A Serata então, adentraria a Rua Senador Pinheiro Machado, passando pela Arte Nossa – Centro de Criatividade São Luiz Gonzaga, seguindo em direção a Escola Senador Pinheiro Machado, fazendo uma segunda parada com declamação e cantoria no portão da casa do escritor e historiador José Gomes, onde haveria uma recepção da esposa Irene Gomes. A sequência da serenata seria em direção à Praça Cícero Cavalheiro (Centro Esportivo Expedicionário Cícero Cavalheiro), com uma parada para declamação e cantoria em frente à antiga casa do músico, tronco missioneiro, Jayme Caetano Braun, esquina da Rua Senador Pinheiro Machado com a Rua Padre Miguel Fernandes. Seguindo, a caminhada da serata com músicos, declamadores e moradores com seus lampiões e quem mais estivesse na rua para se juntar e prestigiar, adentraria a Rua Venâncio Aires, com parada em frente ao antigo casarão que foi do médico e político Bento Soeiro de Souza, esquina com a Rua Gen. Portinho (o casarão se encontra em processo de revitalização). Encaminhado-se para a finalização da serenata, a caminhada seguiria passando pela Igreja Matriz, em frente à Praça da Matriz, onde o Coral São Luiz Gonzaga abrilhantaria a noite com canções, juntamente com uma declamação de artistas e mais uma cantoria para fechar o trajeto, em frente a Prefeitura Municipal, onde está a estátua de Sepé Tiaraju.

Infelizmente esse trajeto não pôde ser executado devido ao frio, que compromete a voz dos cantores, quando expostos por um período muito extenso em espaço aberto. Houve a concordância de essa ação ser realizada no ano de 2023, em outra estação mais quente. A Serata Missioneira foi então ajustada para acontecer e se deu num formato mais enxuto, preservando a voz dos artistas, devido ao frio e à umidade. Aconteceu na segunda-feira, 20 de junho, a partir das 17h30min, ao entardecer e ao som também das caturritas. Desta forma, foram cantaroladas músicas, somente com a serenata em frente à escultura do Índio, Herói Guarani Sepé Tiaraju, obra do escultor Vinícius Ribeiro, instalada em frente ao Paço Municipal (Prefeitura de São Luiz Gonzaga).

O público que esteve presente e os passantes naquele momento pela rua, puderam apreciar um momento ímpar, de boa música e de amor pela arte, expressão estampada no público e nos artistas.

Abrilhantando a serenata com belas vozes e musicalidade, quatro artistas apresentaram duas músicas: "No Sangue da Terra Nada Guarani", canção vencedora do 1º Musicanto (Bere / Nelson Coelho de Castro), que foi cantada por Luiza Caterine Santos Panegalli, acompanhada no violão por Dara Diedrich e, "Gente Humilde" (composição de Chico Buarque / Garoto / Vinícius de Moraes) que foi cantada por Vania Coimbra, acompanhada no violão por Ademar Garcia (Lila). Ainda os cantores, para finalizar, entoaram o Hino de São Luiz Gonzaga.

Dentre os registros feitos da ação artístico-cultural, apresento, em formato condensado, algumas fotos que fizeram parte da Serata Missioneira (Figura 62).

Figura 62 – Registro da ação Serata Missioneira



Fonte: Registro fotográfico do pesquisador, em 2022.

Essa proposta, ação prática da tese desenvolvida no PPGTURH/UCS, criou a mobilização do corpo, o entrelaçamento e a conexão entre pessoas, e buscou resgatar uma tradição que, pela história, parece ter se iniciado com os índios, desde a fundação de São Luiz Gonzaga, em 1687.

### 6.5.4 Cartas de Amor

[...] Eu te amo porque te amo. Amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse. Amor foge a dicionários e a regulamentos vários. [...]. (Carlos Drummond de Andrade)

A ação Cartas de Amor, em formato de concurso, anunciou a ideia de resgate da poética de cartas de amor, que eram tão presentes num passado tão recente, anterior à tecnologia. Segue a identidade visual (Figura 63).

Figura 63 – Identidade visual da ação Cartas de Amor



Fonte: Criação do pesquisador, em 2022.

Essa ação possibilitou que pessoas, com idades acima de 15 anos, escrevessem cartas de amor, com o objetivo de cultivar a reflexão de amor pelas pessoas da cidade e pela cidade, numa proposta poético-pedagógico-educativa que colocou em contato pessoas e suas histórias, revolucionando o interior de cada um e trazendo a calma, num tempo pós-moderno e tão rápido.

Visando à execução da ação virtual, um regulamento de participação no concurso Cartas de Amor foi criado, para conhecimento dos moradores, e disponibilizado, tanto nas matérias dos jornais locais que foram veiculadas, quanto via e-mail. Abaixo o regulamento (Quadro 52).



### Quadro 52 – Regulamento do concurso Cartas de Amor

1 – A participação é livre a todos os cidadãos, moradores de São Luiz Gonzaga, com idade igual ou superior a 15 anos.

2 – O participante do concurso Cartas de Amor deverá escrever uma carta manuscrita ou digitalizada, com data de junho de 2022, contendo até 25 linhas.

3 – Cada participante poderá participar de apenas uma das três categorias:  
**Categoria 1** – carta de amor a um amor vivido em São Luiz Gonzaga;  
**Categoria 2** – carta de amor a São Luiz Gonzaga;  
**Categoria 3** – carta de amor a um ponto turístico de São Luiz Gonzaga.

4 – O participante é livre para identificar-se com nome, idade e profissão, ou não se identificar e usar somente um pseudônimo. O importante é a participação, a carta a ser escrita, o sentimento expressado.

5 – A participação no concurso Cartas de Amor é gratuita, sem nenhum custo.

6 – Para participar, basta escolher uma das três categorias, escrever uma carta de amor, com até 25 linhas, manuscrita ou digitalizada, no prazo de 3 a 19 de junho de 2022, sinalizar a categoria escolhida de participação e enviar para o e-mail: **cartasdeamorsaoluizgonzaga@hotmail.com**

**Obs.:** Para não desconfigurar a escrita das cartas, pede-se que: **1-**As cartas manuscritas sejam fotografadas e enviadas em formato PDF ou JPEG; **2-**As cartas escritas diretamente no computador – digitalizadas, sejam enviadas em formato de PDF.

7 – A comissão julgadora receberá as cartas após o término do prazo de participação, lerá as respectivas cartas e, por fim, se reunirá, presencialmente, para dar o voto para as cartas-destaque de cada categoria.

8 – A divulgação dos resultados será feita no dia 27 de junho de 2022, segunda-feira, às 15h, na Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga.

9 – A premiação, de forma simbólica, será de um troféu para a carta-destaque de cada categoria, criado por Vinícius Chollet.

10 – A todos os participantes será oferecida, além da divulgação nos meios de comunicação, a publicação de suas cartas em redes sociais de São Luiz Gonzaga, enaltecendo a importância da demonstração dos sentimentos, seja por alguém ou pela cidade.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2023.

Ao todo, para as três categorias, foram quatorze as cartas recebidas no prazo estabelecido. Cuidadosamente foi retirada a identificação, mesmo que em formato de pseudônimo, para a apreciação da comissão julgadora, composta pelos seguintes sujeitos-moradores:

- Anderson Iura Amaral Schmitz, Graduado em História e Graduado em Filosofia, Coordenador do Centro de Memória e Documentação do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG).
- Ivone Ávila, professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Graduada em Letras, Especialista em Educação e Literatura, Vice-Presidenta do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga (IHGSLG).
- Margareth Reichert, psicóloga, Graduada em Psicologia.
- Marília Jardim Pires, Mestra em Educação nas Ciências e Graduada em Educação Física.

- Valnir Almeida Marques, ex-patrão do CTG Galpão de Estância e ex-vice-patrão do CTG Carlos Bastos Prado.

Após a devolutiva da comissão julgadora, que havia sido previamente convidada e prontamente fez o aceite, foram notificadas por e-mail as cartas-destaque de cada categoria do concurso Cartas de Amor. Entre elas estão: Categoria 1 – Luana Hengen. Categoria 2 – Guiomar Terra. Categoria 3 – Suelen I. Do mesmo modo, os participantes foram convidados para se fazer presente, na Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, para receber o Troféu Carta-Destaque, criado pelo artista Vinícius Chollet, proprietário do Jornal A Notícia/Nova Design, que gentilmente presenteou a ação artístico-cultural com os três troféus.

Compartilho as cartas-destaque, escritas demonstrando os sentimentos por alguém ou pelo lugar/cidade.

Na **Categoria 1** – carta de amor a um amor vivido em São Luiz Gonzaga, de Luana Hengen:

*Quando nos conhecemos em uma festa no clube Harmonia, não sabia que você se tornaria uma das pessoas mais importantes da minha vida. Agradeço até hoje por ter você ao meu lado.*

*Lembro de todos os nossos encontros.*

*Nosso primeiro 'eu te amo' foi um dos momentos mais inesquecíveis. Na noite de sábado, deitados na grama observando as estrelas e a lua, você me olhou, nervoso, abriu um lindo sorriso e disse as três famosas palavras logo em seguida nos beijamos.*

*Não posso esquecer de citar o dia em que fomos no Cine Lux com nossos amigos.*

*Dançamos juntos na praça, sem motivos, só dançamos e curtimos com nossos amigos.*

*Nunca lhe disse, mas foi nesse dia que eu percebi que estava apaixonada.*

*Você faz questão de me levar para tomar sorvete e me divertir o dia todo no meu aniversário. E de todos os livros de romance que você me deu, meu preferido é o nosso. De todas as músicas que você faz a melhor melodia é o som da sua voz dizendo eu te amo com um belo sorriso nos lábios e seus belos olhos castanhos claros.*

*Eu adoro quando você simplesmente aparece com sua jaqueta de couro preta, um sorriso no rosto e um sorvete no meio da noite só pra me fazer sorrir novamente.*

*Às vezes me sinto triste por não expressar tanto o meu amor. Mas fiz essa carta para que saiba e nunca duvide do meu amor por você. Quero que fique registrado nossos momentos, lembranças boas e incríveis. Tudo que quero é lhe agradecer por tudo. Sua presença me traz paz e alegria. Eu te amo mesmo quando você me irrita. Amo o fato de você me amar.*

*Prometo te fazer feliz o tanto quanto você me faz feliz.*

*Espero que nosso amor dure para todo sempre e depois.*

*Com todo meu coração, eu te amo e te amarei em todas as outras vidas se possível.*

*Obrigada por tudo meu porto seguro.*

Na **Categoria 2** – carta de amor a São Luiz Gonzaga, de Guiomar Terra:

*São Luiz Gonzaga, 18 de junho de 2022.*

*Querida São Luiz Gonzaga,*

*Escrevo-te esta cartinha porque, hoje, bateu em mim uma gana danada de dizer-te deste meu amor por ti.*

*Há vinte e um anos, minha cidade querida, aqui cheguei e me arranchei entre o casario desconhecido. Mal sabia eu que havia penetrado no arcaibouço de teu coração e que tuas ruas eram veias abertas a jorrar amor.*

*Sol feito brasa... Era verão ainda. Contudo, estava eu a procura de um punhadinho de calor – calor humano, aconchego, o que não tardei a encontrar aqui. Meu percurso diário me levou por entre casas simples, pessoas humildes a puxar conversa, olhos que me abraçavam mais que laços de braços. Em cada casa um sorriso, em cada caminho feixes de carinhos. E, assim, passei a pertencer-te, minha cidade, encravada neste chão rubro, herança Guarani.*

*Aqui, Jayme recebe quem chega com um chimarrão sinestésico. Aqui, temos o enlevo místico de Jacinto e de Bília. Aqui, se unem terra e céu e nasce algo mágico e divino: a arte que sobeja, flui, transfigura-se nas mãos fazedoras do belo, nas rimas dos poetas, nas gargantas cantoras, nos dedos carinhosos a arrancar sinfonias.*

*Mando-te, então, esta carta para dizer-te do meu amor por ti, minha cidade querida, que me faz querer ser tua, bem como és minha na vida. Um abraço. De tua sempre filha....*

Na **Categoria 3** – carta de amor a um ponto turístico de São Luiz Gonzaga, de Suelen I.:

*A praça Matriz é um local que me chama bastante atenção por suas belas árvores cada uma com sua beleza exuberante que os pássaros amam estar ao seu redor e nós também adoramos tirar uma folguinha para tomar um chimarrão ou um sorvete, para poder relaxar e admirar os imensos galhos de cada árvore que guarda anos e anos de história do nosso município junto aos monumentos históricos.*

*Cada um desses monumentos faz parte da história de São Luiz Gonzaga, é muito interessante parar para conhecer um pouquinho sobre eles.*

*Aquele lugar é magnífico poder ter uma paz de estar no meio daquelas beidades, e usufruir de tudo junto de sua família e amigos.*

*Sempre que tiver algum tempinho é maravilhoso para lá olhar para cima ver cada folhinha desenhando várias formas junto aos galhos das árvores.*

*Estar lá da uma paz única é um conforto em meio ao estresse do dia a dia, seria uma terapia ao ar livre.*

Evidenciadas as respectivas cartas-destaque, informo que os premiados foram recebidos por mim, Newton Ávila, pela Secretária de Turismo e Cultura, Luiza Caterine dos Santos Panegalli, e sua equipe de trabalho, e ainda, por parte da comissão julgadora, que pôde estar presente, nas dependências da Secretaria de Turismo e Cultura, no dia 27 de junho de 2022, às 15h, onde receberam os troféus, e fizeram registros fotográficos. Saliento que a premiação, pensada em algo simbólico,

sem o envolvimento de dinheiro, traduziu a essência de uma carta, que era encantar, enredado por um simbolismo afetivo, representativo das cartas. Também, após o concurso, todos os participantes foram convidados a publicar suas cartas originais, escritas a mão ou digitalizadas, em redes sociais da cidade, valorizando a expressão dos sentimentos e resgatando a tradição das cartas.

Dentre os registros feitos da ação artístico-cultural, apresento, em formato condensado, algumas fotos que fizeram parte do Cartas de Amor (Figura 64).

Figura 64 – Registro da ação Cartas de Amor



Fonte: Registro fotográfico do pesquisador, em 2022.

Essa proposta produziu um movimento na cidade e nas pessoas. Segundo relatos e observação, ela desterritorializou, revolucionou o interior de cada pessoa e oportunizou um resgate arcaico-histórico de escrever cartas de amor, num tempo pós-moderno e tão rápido. Trouxe a calma e a espera ansiosa que uma carta produzia nos sujeitos em que se notava-se certa nostalgia no envio da carta, envolvendo desde o tempo que ela levava até seu destino e o tempo que ela demorava até voltar a resposta ao destinatário.

### 6.5.5 Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga

[...] conheço as penas do mundo de tanto que já andei Diz que existem sete penas sete mistérios também, As minhas perdi a conta mistérios não encontrei [...]. (Noel Guarany)

A ação Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga teve o propósito de integrar artista e local, externando sentimentos e expressividades por meio do fazer arte. Igualmente, buscou resgatar a alma artística que envolve o município. Segue a identidade visual, divulgada em mídias sociais (Figura 65).

Figura 65 – Identidade visual da ação Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga



Fonte: Criação do pesquisador, 2022.

Essa ação envolveu a criação de uma exposição virtual de artistas da cidade, em várias ramificações da arte: escultura, música, pintura, poesia, teatro, dança, artesanato raiz. Previamente, os sujeitos-artistas de São Luiz Gonzaga foram contatados por mim e foi marcada uma reunião informal e individual, para que eu pudesse explicar o procedimento da ação artístico-cultural. Nas visitas, todos ficaram felizes com a criação de algo referente à arte na cidade. Alguns, contudo, agradeceram o convite e não quiseram participar. Outros disseram que já estavam

parando com a atividade artística em suas vidas. São Luiz Gonzaga é um celeiro de arte, em suas inúmeras manifestações. Dessa forma, saliento que numa escuta atenta, todos foram respeitados em suas decisões. E aos que acolheram a ideia, meu agradecimento aos doze sujeitos-artistas: Vinícius Ribeiro (escultor); Vania Coimbra (cantora e poetisa); Beto Barreto (cantor); Claudia Morais (pintora); Noeli Schnorrenberger (escritora e poetisa); Neiva de Melo (escritora e poetisa); Guiomar Terra (escritora e poetisa); Solange Battirola (escritora e poetisa); Tere Ferreira (professora de teatro, escritora e poetisa); Lara Moreira (bailarina e professora de dança); Vicente Fagundes (artesão); Margareth Reichert (artesã).

Importante evidenciar que expressei em conversa com todos os artistas, que a ideia da exposição virtual era a plantação de uma semente no município, que poderá, anualmente, ser preenchida com novas brotações artísticas, e que todos, em qualquer tempo, poderiam fazer parte. Também foi cogitada a possibilidade de, posteriormente, através de algum órgão municipal ou entidade do município, criar um mini-documentário de arte na cidade, utilizando essa exposição virtual ou, quem sabe, ainda, transformá-la em exposição presencial. Nas duas possibilidades, se ocorrerem, haverá a ampliação da visibilidade artístico-cultural.

Para a execução prática da exposição, foi pedido para que os artistas, no prazo do mês de junho de 2022, selecionassem suas obras-criações para que elas compusessem a exposição virtual, com registros fotográficos. Juntamente, foram pedidos depoimentos, expressando a relação do artista com a arte e a relação do artista com São Luiz Gonzaga. Esses depoimentos foram capturados pelo celular de cada artista, com um áudio de cinco minutos, e enviado via WhatsApp, para a catalogação da exposição virtual. Assim, após a estruturação da exposição virtual, esta foi encaminhada a dois órgãos municipais, que se dispuseram fazer a divulgação em suas mídias sociais: Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga e para a Secretaria Municipal de Educação e Esporte (SEMEDE) de São Luiz Gonzaga.

Apresento, de forma condensada, os artistas participantes da exposição virtual Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga, uma breve história de vida desses artistas (formulada pelos próprios artistas) e suas obras-criações. A apresentação desses dados será feita, por meio de visualidades produzidas para a mostra artística.

**Vinícius Ribeiro (escultor) – “Autodidata por necessidade”**

Figura 66 – Breve história de vida do artista Vinícius Ribeiro

## Vinícius Ribeiro

Escultor



Natural de São Luiz Gonzaga, Região das Missões, noroeste do Rio Grande do Sul, teve seu primeiro contato com o mundo das artes na infância, ao vislumbrar as antigas enciclopédias; nelas conheceu e se encantou com os grandes nomes da escultura mundial. “Autodidata por necessidade”, aprendeu o ofício de escultor sozinho e iniciou sua profissão em maio de 1992, vivendo e sobrevivendo exclusivamente deste então da nobre arte da escultura. Seu estilo artístico predomina a figura humana, destacando a retratação e também a criação de figuras livres que passam a ser símbolos para as cidades contempladas com sua arte. Desenvolveu, também, um estilo ao qual audaciosamente chamou de “Realismo Missioneiro”, que, em suma significa: “Exaltar e Reivindicar o Esplendor das Missões”. Neste estilo, o escultor pretende, através de sua arte, colocar luz à rica história existente nas Missões!

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 67 – Obras-criações do sujeito-artista Vinícius Ribeiro



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

## Vania Coimbra (cantora e poetisa) – “Ativista ambiental e cultural”

Figura 68 – Breve história de vida da artista Vania Coimbra



Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 69 – Obras-criações do sujeito-artista Vania Coimbra



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.



## Beto Barreto (cantor) – “Entre ensaios e encontros”

Figura 70 – Breve história de vida do artista Beto Barreto



Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 71 – Obras-criações do sujeito-artista Beto Barreto




Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

## Claudia Morais (pintora) – “Aprendendo novas formas”

Figura 72 – Breve história de vida da artista Claudia Morais

**Claudia Morais**  
Pintora



Natural de São Luiz Gonzaga, Região das Missões.  
Estudou na URI São Luiz Gonzaga.  
É artista plástica e artesã.  
Proprietária do ateliê Claudia Morais.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 73 – Obras-criações do sujeito-artista Claudia Morais



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

**Noeli Schnorrenberger (escritora e poetisa) – “Curiosidade pelo saber”**

Figura 74 – Breve história de vida da artista Noeli Schnorrenberger

## Noeli Schnorrenberger


Escritora e Poetisa



Professora e escritora, formada em Pedagogia, Ensino Religioso e Supervisão Escolar. Recebeu, em 2018, o Diploma Paulo Freire da Câmara de Vereadores de São Luiz Gonzaga. É palestrante e pesquisa o aprofundamento nas questões indígenas, ambiente e mulher. É sua a autoria do livro: ‘História e Vida Tupi-Guarani’, pela Editora Curt Numuendajú; A poesia ‘Que Barulho é Esse’, musicada pelo cantor Zezinho Colares; dentre tantos textos/poesias publicados nas obras: Seleta de Versos e Prosa, ASAS São Luiz Gonzaga; Série Amigos, Ed. Borck São Luiz Gonzaga; Revista Talento, Academia Santo-angelense de Letras; Afluências - Acampamento da Poesia de Entre-Ijuís; Imortais - Academia de Letras do Brasil, Ed. Alternativa/PA; Sonhos Poéticos, Alma em Segredo e Templo da Sensibilidade, Poeta Cirne Colares – Prefácios; Agenda Poética, Caça do Poeta SLG; Universo Feminino: dicionário poético SLG. E na literatura: Sentimentos e Razões, Ed. Alternativa/PA.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 75 – Obras-criações do sujeito-artista Noeli Schnorrenberger




**POR AMAR-TE (Noeli Schnorrenberger)**

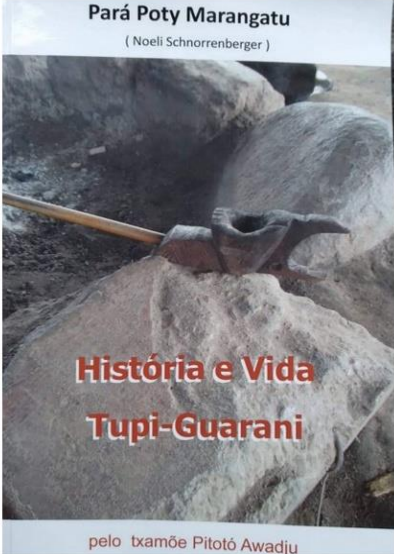
Quando eu o conheci, meu bem,  
Enxerguei na minha frente  
O príncipe dos contos de fadas  
Com o seu cavalo branco!  
Com um beijo  
Você despertou o meu coração  
De um sono profundo,  
Parecia ter durado cem anos.

Era tudo o que o meu coração ansiava!  
Moravas nos meus sonhos infantis  
E eu entreguei-me a este doce sonho.

Mas ...



**Pará Poty Marangatu**  
(Noeli Schnorrenberger)



**História e Vida Tupi-Guarani**  
pelo txamôe Pitotó Awadju

**SAMAUMA (Noeli Schnorrenberger)**

Tombada estou ...  
Minha nudez exposta,  
A intimidade violada,  
A seiva escorre ...  
A alma, um lamento sól  
E veio a escuridão  
Ao povo Matasá,  
Cultora a mãe terra  
Era meu refúgio,  
O meu segredo guardava.  
Do alto dos céus  
Via pássaros em bando  
Migrarem por infinitas estações.  
Servi de alimento  
Aos incontáveis seres.  
Era abrigo seguro  
Aos viajantes, tão diversos,  
Que buscavam alimento

**Campos de batalhas opostos (Noeli Schnorrenberger)**

Do alto da torre da igreja  
Um front de lutas está formado  
Falam em nome de Deus  
De um Deus justiciero  
Suas palavras são como dardos  
Sua moral é libada  
Seus privilégios garantidos

Debaixo das muitas pontes  
Serres desqualificados amontam-se  
Por eles há outro campo de batalhas  
De pessoas que combatem privilégios  
Sortiram com um outro mundo possível

São apenas duas ideologias diferentes  
Cada uma carregada de sua verdade  
Governar é estabelecer prioridades

“o que fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.  
Apartai-vos de mim malditos  
Eu tive fome e me destes de comer

A batalha das ideias é alimentada pela leitura  
O que você lê?”  
“o que fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.  
Apartai-vos de mim malditos  
Eu tive fome e me destes de comer


**TODOS EM BATALHA**

Campo de batalha, front de lutas formado,  
No alto da torre, em nome do Deus do poder,  
Doutrina e costumes em palavras são dardos,  
Sortido alcançado, privilégio garantido.

Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

# Neiva de Melo (escritora e poetisa) – “Minha arte é a poesia”

Figura 76 – Breve história de vida da artista Neiva de Melo



## Neiva de Melo

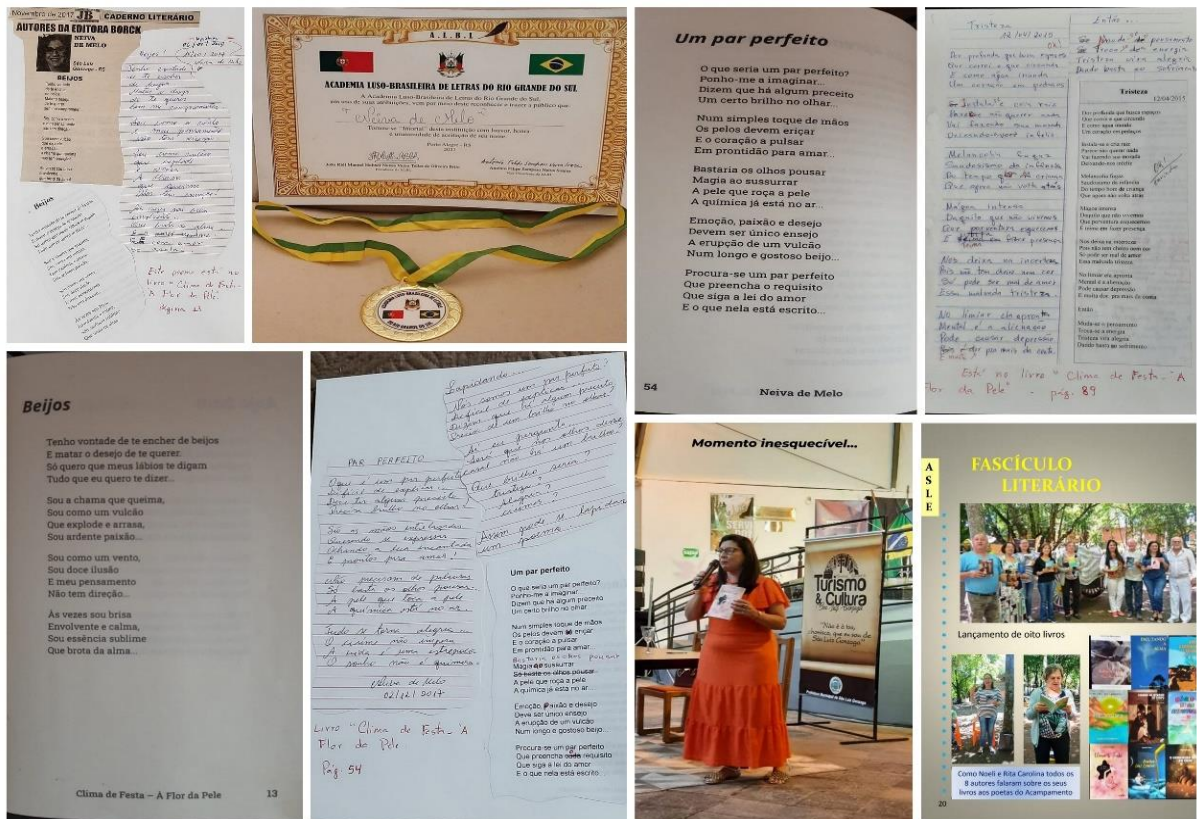
Escritora e Poetisa

---

Nasceu em São Luiz Gonzaga/RS. Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia Institucional. Desenvolveu sua carreira profissional como professora de Educação Infantil, durante vinte e cinco anos, sendo também alfabetizadora, Coordenadora e Vice-diretora de escola. Atuou na rede municipal, estadual e particular de ensino. É professora, escritora e poetisa. Sua paixão pela escrita vem desde a adolescência, pois, através de acrósticos, poemas e contos, fazia o relato dos namoros e sentimentos de colegas da escola. Continuou escrevendo durante sua trajetória de vida, e mais recentemente por influência de seu neto, Henrique Melo, publicitário, especialista em Marketing Digital, *Coach* de mídias digitais, que lhe deu apoio e suporte necessários para a retomada e concretização de seus projetos literários. Em 2020, editou seu primeiro livro solo de poesias: ‘Clima de Festa – À Flor da Pele’.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 77 – Obras-criações do sujeito-artista Neiva de Melo



The collage features several items related to Neiva de Melo's literary career:

- Top Left:** A page from the 'CADERNO LITERÁRIO' by Editora Borch, listing authors and including a small portrait of Neiva de Melo.
- Top Center:** A framed certificate from the 'ACADEMIA LUSO-BRASILEIRA DE LETRAS DO RIO GRANDE DO SUL' (A.L.B.L.) awarding her the title of 'Poetisa'.
- Top Right:** A page from her book 'Clima de Festa - À Flor da Pele' featuring the poem 'Um par perfeito'.
- Middle Left:** A page from the book 'Beijos' with the title and introductory text.
- Middle Center:** A handwritten manuscript page for 'Um par perfeito' with notes and corrections.
- Middle Right:** A page from the book 'Clima de Festa - À Flor da Pele' showing the poem 'Beijos'.
- Bottom Left:** A page from the book 'Clima de Festa - À Flor da Pele' showing the poem 'Beijos'.
- Bottom Center:** A photograph of Neiva de Melo speaking at a podium during a book launch event for 'Turismo & Cultura'.
- Bottom Right:** A page from the 'FASCÍCULO LITERÁRIO' showing a group photo of authors and a list of book titles.

Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

# Guiomar Terra (escritora e poetisa) – “Impregnada de arte literária”

Figura 78 – Breve história de vida da artista Guiomar Terra



## Guiomar Terra

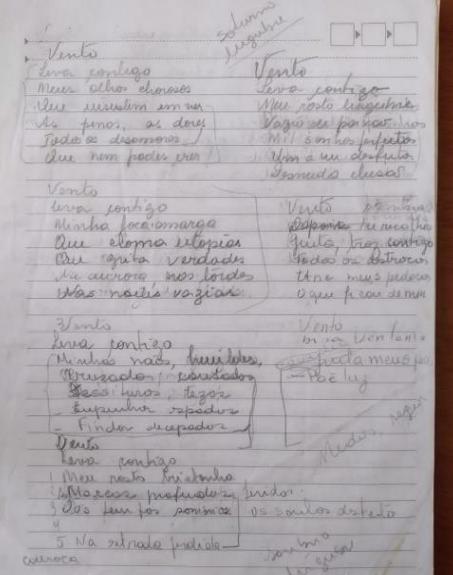
Escritora e Poetisa

---

Guiomar Terra Batú dos Santos é professora aposentada, poeta, escritora e crítica literária. Formada em Letras, Pós-Graduada em Literatura. É professora aposentada da Rede Estadual. Além da atuação como docente, exerceu funções de Secretária Municipal de Educação no município de Bossoroca; Coordenadora Pedagógica da Coordenadoria Regional de Educação de Santo Ângelo; Coordenadora Pedagógica e Coordenadora Adjunta na Coordenadoria Regional de Educação de São Luiz Gonzaga. Incentivadora da Arte e da Cultura. Foi Coordenadora da Mostra da Arte Missioneira. Patronesse da 44ª Feira do Livro de São Luiz Gonzaga – RS. Tem publicações coletâneas literárias e em várias edições do livro Afluências do Acompañamento da Poesia de Entre-Ijuís. Prefícios e Apresentação em diversos livros literários.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 79 – Obras-criações do sujeito-artista Guiomar Terra



**CHUVA DE VERÃO**  
Letras e música: Job de Almeida Neto  
Quando estas nuvens se esparramam pelo pampa  
E em gotas claras se derramam pelo chão  
As brisas, destas tardes de verão,  
E apagam as brasas dessas tardes de verão.

parece até que cada gota desta chuva  
tem como companha o vilo para regar  
O peito triste dos que choram como as nuvens  
Sem ter a flor do coração desabrochar.

Por isso gosto dessas chuvas venetanas  
Que vêm e chegam e se vão sem se aliar  
Nem levam a outros campos e outros vales  
A paz molhada que espalham pela tarde.

E como chegam vão-se as tardes e vão-se as chuvas  
E vão-se os dias, vão-se o tempo e as ilusões  
E vamos nós em cada sonho que se espiga  
Como se avizda fosse chuva de verão.

Job de Almeida Neto, conhecido como "Avô do Rio Grande", é um dos mais premiados intérpretes do rock nacional gaúcho. É um poeta instrumentista e cantor, cujos trabalhos, contextualizados em nosso Rio Grande, tocam a vida, o amor, a cidade e o tempo, em linguagem de nossa gente, de forma simples e profunda, onde constata e questiona, analisa e denuncia a realidade do pampa.


A última estrofe condensa toda a comparação da vida com chuva de verão, pois na vida tudo é fugaz: temporária, a própria vida é uma passagem e tudo quanto vem, também se vai. "Vão-se as tardes, vão-se as chuvas, vão-se os dias, vão-se o tempo e as ilusões" (versos 13 e 14) como nós, vamos nos consumindo, em cada sonho que vamos deixando vagar-se.

Cultivar os sonhos, regá-los, mantê-los com chuva de verão, é indispensável e obrigatório para que a flor desabroche no coração e o coração seja flor. Quando se localiza o sorriso e a própria vida que se acaba.

Por isso gosto desta Chuva de verão, e convide-os a cultivar e deixar-se com esta bela e bela comparação.

Guiomar Terra Batú dos Santos - 26-02-2018

Journal A Notícias - 3e4/março/18 - S. L. Gonzaga



**SOU**  
Guiomar Terra

Horas me abraça ternamente o sol,  
Outras me apontam raios impiedosos.  
Em meu à noite, medos silenciosos,  
Sonhos e quimeras em novo arrebol.

Mares violentos, canta o naufrágio,  
Lutas sangrentas, riuos enganosos.  
Da proa, vislumbro cais luminosos,  
Sou jangada, vela, e navio talvez.

Vezez calmaire, noudras sou perigo,  
Dores não choradas enchem rios e mares,  
Sou jangada, vela, e navio talvez.

Singram mil sonhos e amores compigo,  
Meus mortos, meus vivos, contos, cantares,  
No mar da vida que mulher me fez.

**RECOMENAR**  
Guiomar Terra

Vento,  
Leva contigo  
Meus olhos chorosos  
Que medem em vez  
Ventos descomensurados.  
Não feres a flor,  
Que nem jodes criar!

Vento,  
Leva contigo  
Minha boca abariga  
Que grita verdades,  
Na escuridão, nas tardes,  
Nas noites vazias!

Vento,  
Leva contigo  
Meus olhos humilidos,  
Crueldades, cansadas,  
Fozas, secaduras,  
Espadas, ternuras,  
Fúrias, descepaças!

Vento,  
Leva contigo  
Meu rosto sozinho  
Vasto de pampa,  
Mil sonhos perfeitos  
Um a um enfiados,  
Desnuda a flor!

Vento,  
Galeão torrenoso,  
Tudo carregaste...  
Que não dá mais,  
Sem rio, sem dar,  
Sem sonho e amor,  
Num vaso sem fim!

Vento,  
Volta, devolve-me  
Os pedacos meus esquecidos  
Guarda meus segredos!  
Há sabedoria  
Vida, poesia,  
Junto dos meus medos!

Vento,  
Agora brisa mansa  
Em sopro divino...  
Pára lá no meu olhar  
Mei na boca minha!  
Dá-me as mãos que tu combinas!  
E um rosto sereno pra reconhecer!

Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

**Solange Battirola (escritora e poetisa) – “No mundo das Letras”**

Figura 80 – Breve história de vida da artista Solange Battirola

## Solange Battirola

Escritora e Poetisa



Natural de São Luiz Gonzaga, Região das Missões. Formação em Pedagogia, Educação Especial, Ensino Religioso e Gestão em Educação. Na profissão se divide como: Professora, escritora, fotógrafa, ativista cultural e contadora de histórias. Na pesquisa: Aprofundamento nas questões sobre Educação, Literatura Infantil, Mulher, Inclusão, Literatura Brasileira; Poesia. Teve vários prêmios e títulos: Destaque – Concurso Arte a Flor da Pele – Concurso Fotografia, 2020; Patrona do Acampamento da Poesia de Entre-Ijuís -2019; Troféu – Melhor Interprete Feminino no 5º Encontro de Confrarias na Confraria do Içamaquã, em Bossoroca, 2019; 3º Lugar Estadual no 12º Concurso Literário Prêmio Missões em Roque Gonzales, Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Turismo De Roque Gonzales – 2009.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 81 – Obras-criações do sujeito-artista Solange Battirola



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

## Tere Ferreira (professora de teatro, escritora e poetisa) – “Navegar”

Figura 82 – Breve história de vida da artista Tere Ferreira

### Tere Ferreira

Professora de Teatro, Escritora e Poetisa



Teresinha de Fátima Da Silva Ferreira é graduada em Pedagogia pela URI e tem Pós-Graduação em Metodologia do Ensino da Arte pela UNIJUÍ. Graduação em Artes Visuais - Licenciatura e Bacharelado UNIJUÍ.

É professora de Teatro, contador de histórias, escritora e poetisa. Participou de várias exposições de Arte.

Autora do livro “O sapo que virou sapato do pato” e se encarregou das ilustrações e capa do livro PLACTZUM, em parceria com Ana Paula Ferraz.

Hoje é vice-diretora e professora no IE de Educação Prof. Osmar Poppe, em São Luiz Gonzaga.

Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

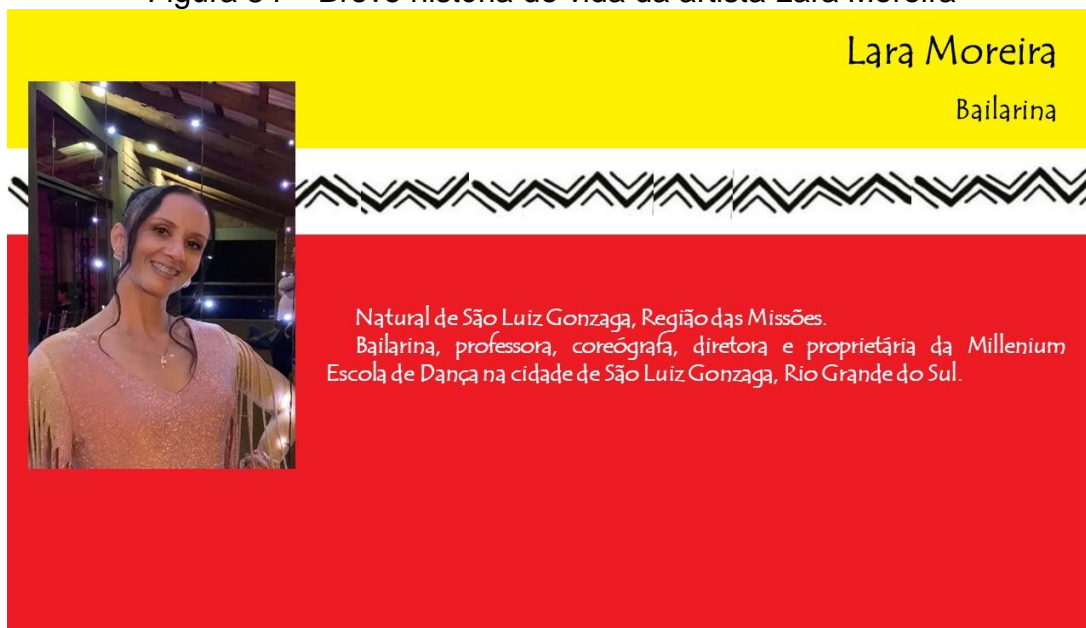
Figura 83 – Obras-criações do sujeito-artista Tere Ferreira



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

## Lara Moreira (bailarina e professora de dança) – “A verdade do meu ser”

Figura 84 – Breve história de vida da artista Lara Moreira



Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 85 – Obras-criações do sujeito-artista Lara Moreira



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.



## Vicente Fagundes (artesão) – “Arte, *hobby* virou profissão”

Figura 86 – Breve história de vida do artista Vicente Fagundes



Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 87 – Obras-criações do sujeito-artista Vicente Fagundes



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

## Margareth Reichert (artesã) – “Peças artesanais – criações exclusivas”

Figura 88 – Breve história de vida da artista Margareth Reichert



Fonte: Elaboração do pesquisador, 2022.

Figura 89 – Obras-criações do sujeito-artista Margareth Reichert



Fonte: Arquivo pessoal do sujeito-artista.

Apresentados os sujeitos-artistas e suas obras-criações, faço um diálogo entrecruzando a relação estabelecida por eles com a cidade e com a arte, expressas em depoimentos com marcas artísticas para a exposição virtual Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga, e o que refletem esses depoimentos na proposição da tese. Informo que trarei apenas fragmentos de fala para a conversação. Os depoimentos, na íntegra, poderão ser visualizados no Apêndice B. Informo também que alguns dos sujeitos-artistas, em seus relatos, evidenciaram já ter publicação de livros ou ter participação na organização de livros na cidade. Desse modo, para uma valorização das obras, trarei, em destaque, no Apêndice C.

Seguirei, para o diálogo, a ordem de visualização da apresentação dos sujeitos-artistas. Adianto que, os depoimentos, juntamente com as expressões-síntese estiveram entrelaçados, pois o que foi evidenciado nos relatos das rodas de conversa também se fez presente nos relatos dos artistas. Um indício de que a proposição da Comunicação *Corpoiesis* é capaz de (auto)transpoietizar, no turismo, sujeitos e lugares, quando houver uma comunicação sensível, um corpo expressivo em sua totalidade, um envolvimento entre sujeito-cidade num pensar ecossistêmico (tudo interligado a tudo) e uma escuta atenta (dos moradores e da essência do lugar).

No depoimento, o sujeito-artista Vinícius Ribeiro, escultor, autodidata, comenta em um trecho, “[...] *eu tenho admiração pela nossa história Missioneira, e todos, de certa forma, temos, e nós pouco conhecemos. Eu também tenho o respeito pela nossa arte, porque foi através da arte que eu tive o primeiro contato sobre a história das Missões*”. Nesse recorte de fala, o artista comenta sobre o pouco conhecimento da história missioneira, manifestação percebida nas expressões-síntese dos relatos, necessitando os moradores, ampliar o conhecimento da própria história.

Em outro trecho, salienta que precisa haver comprometimento e melhor apresentação da cidade, itens também expressos nos relatos das rodas de conversa, diz Vinícius: “[...] *o comprometimento nosso, de todos os artistas com a nossa arte, de divulgar, e de certa forma de transformar ela em turismo. Porque essa é a melhor forma de turismo, é a cultura, porque além da visita se acrescenta conhecimento a tua existência*”. Dito isso, acredito que, com envolvimento e entrelaçamento mútuo dos moradores, poderão ser desenvolvidas microações, que possibilitarão ser transformados olhares e percepções, e, em igual intensidade, aprofundadas relações.

No depoimento, Vania Coimbra, cantora e poetisa, e também ativista ambiental e cultural, refere-se à cidade expressando muito orgulho em ter nascido na Capital da Música Missioneira. Nas expressões-síntese, o orgulho em ser da terra missioneira, apareceu fortemente nos relatos dos sujeitos-moradores. Pode-se dizer, que essa manifestação é marca registrada, numa grande parte das falas dos são-luizenses. E que, ajudam a validar o sentir, a comunicação sensível, tão importante na Comunicação *Corpoiesis*. Também faz parte das expressões-síntese, o gosto pela música, em que, Vania, em um pequeno trecho, diz: *“SOU ARTISTA. Tenho o gosto e a humildade de trazer comigo a marca do primeiro dom artístico do ser humano. A FALA. Portanto o CANTO, pelo qual sou imensamente grata. Sempre digo: ‘Quando nasci não chorei, cantei!’”*.

Essas manifestações de orgulho pelo município e gosto pela arte que envolve os sujeitos-moradores, deixa perceptível que a proposição da tese, é capaz de tocar e afetar os moradores para ressignificar a relação sujeito-lugar e morador-visitante.

No depoimento do sujeito-artista cantor Beto Barreto, em um fragmento, ele expõe que, *“Com a chegada da Pandemia, retorno à minha Cidade Natal, São Luiz Gonzaga, e quando foi possível retomar os trabalhos na música, os bares, pub’s e casas de show de São Luiz e Região me acolhem de braços abertos, abrindo as portas e incentivando meu trabalho”*. Nesse fragmento de relato, consta uma das expressões-sínteses evidenciadas pelos sujeitos-moradores, que é o acolhimento aos artistas da cidade, mesmo havendo relatos que também expressam, por uma parcela significativa, a falta de valorização dos talentos locais. Nisso é possível refletir que, se sementes afetivas e amorosas forem plantadas e regadas, com o tempo, poderá haver uma porcentagem significativa de sujeitos-moradores acolhendo mais artistas locais. O que ajudará a fortalecer o turismo.

No depoimento, a artista pintora Claudia Morais declarou, num trecho, que não se cansa de aprender, *“Minha relação com a arte começou quando criança [...]”*. Manifestou a pintora-artesã, em outro trecho, que *“Também sigo aprendendo novas formas de artesanato sempre procurando me atualizar”*. Esses trechos, possibilitam dizer que, a arte pode ser uma possibilidade de expressão infinita, que é capaz de deixar os corpos mais soltos para interagir e comunicar. Com a mesma intensidade, é possível afirmar que, nunca aprendemos o bastante, sempre temos a aprender, e quando aperfeiçoamos a nossa técnica, estaremos mais seguros para aplicá-la. Utilizando essa fala do aprender uma técnica artística constantemente, para

exemplificar como uma metáfora para a vida, é possível dizer que estamos sempre em movimento, que somos capazes de nos desconstruir e nos reconstruir. A Comunicação *Corpoiesis*, em suas múltiplas ações, permite que sejam acionados, em qualquer tempo, outros modos de viver e interagir, possibilitando um repensar interior para uma transformação exterior.

No depoimento, a escritora e poetisa Noeli Schnorrenberger, expõe que, em sua atuação pedagógica de sala de aula, foi instigada ao perceber, na relação com os alunos, a baixa autoestima deles e isso foi a provocação para uma ampla pesquisa, possibilitando aprimorar capacidades. Essa pesquisa foi instintivamente seguida pela etnia e questão histórica local, pois, para a artista, isso faria toda a diferença. Assim, Noeli descreve em um fragmento que, *“Durante as pesquisas, no espaço virtual, foi possível alguns contatos com indígenas, que disponibilizaram conhecimentos em relação à cultura de seus povos, como também, sobre a construção da poesia e técnicas em relação à arte da fotografia”*.

Da provocação, fez-se pertinente o acesso da cultura e das raízes locais aos alunos-sujeitos-moradores, que, possivelmente, num futuro próximo, disseminarão o que foi aprendido, fortalecendo a essência do lugar. Pertinente enfatizar que nos relatos, nas expressões-síntese, envolvimento e ajudar as pessoas, apareceram com frequência nas rodas de conversa, assim como foi perceptível também, predisposição para aprender e mudar.

Nesse pequeno relato de Noeli, igualmente evidenciados em expressões-síntese (moradores que desconhecem a história do lugar), pude perceber os entrelaços da Comunicação *Corpoiesis*, como dito na conversação do depoimento anterior, que adentra o corpo internamente para remexer e alterar, se necessário, esse mesmo corpo externamente. Importante também salientar que, quando a escritora relatou sobre o envolvimento e a curiosidade pelo saber, estes, fizeram-na ajudar outras pessoas. Provocaram nela, uma desconstrução para uma reconstrução de si, que igualmente, possibilitarão modificar também outras pessoas, a comunicação e o lugar.

No depoimento da artista Neiva de Melo, num recorte de fala, a poetisa expressou que, *“A minha arte é a poesia, e a minha paixão pela escrita vem desde a fase da adolescência, pois, através de acrósticos, poemas e contos, eu fazia o relato dos namoros e sentimentos das colegas da escola. Desde então, a poesia passou a fazer parte do meu cotidiano [...]”*. Assim como nas expressões-síntese, o amor pela

arte é fortemente evidenciado nos sujeitos-moradores, bem como, o orgulho em ser da cidade, como ela também relata em outro momento de fala: *“Eu tive o privilégio de nascer na mesma terra de Jaime Caetano Braun, uma cidade que é celeiro de artistas, capital Estadual da Música Missioneira e capital Gaúcha do Arroz de Carreteiro, onde toda a arte é valorizada. Vai desde o artesanato mais primitivo até a sétima arte: temos poetas, compositores, trovadores, pajeadores, músicos, cantores, grupo de danças, Cinema, escultores dentre outros”*. Falas que denotaram que, desde a proximidade do nascimento de São Luiz Gonzaga, a arte é parte integrante da expressividade local. Isso ajuda a refletir que a arte, em suas inúmeras vertentes, pode ser capaz de alavancar o turismo na cidade, desde que, conforme relatos dos sujeitos-moradores e sujeitos-artistas, sejam ampliadas as formas de apresentação e divulgação do município. E, implantados eventos que deem conta de abarcar essas expressividades.

No depoimento, Guiomar Terra, em um fragmento diz: *“Como uma pessoa que escreve, ela, a palavra, habita meu âmago entre metáforas e provocações, até sair de mim sem sair – fica sempre comigo, se multiplica e multiplica-me em diferentes eus líricos. É maravilhoso embrenhar-se na poesia. Descobri isso com Castro Alves, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Cecília Meireles, Mário Quintana, Carlos Drummond, e no eletrizante canto declamado de Noel Guarany. Noel Guarany foi de grande importância na minha aproximação com a arte. A poesia, a sonoridade, a pesquisa faz de Noel a gênese da música missioneira. Sigo, pesquiso e me deslumbrro com sua genialidade”*. A escritora e poetisa trouxe, na sua fala, Noel Guarany, um dos Quatro Troncos Missioneiros, e evidenciou, nesse pequeno fragmento, a importância da valorização da cultura local. Item bastante comentado nas rodas de conversa e mostrado nas expressões-síntese dos relatos.

Com isso, é possível pensar que as marcas artísticas deixadas pelos sujeitos-artistas do passado são também potência e inspiração para disseminar arte no tempo presente. É uma sensação de liberdade expressar-se pela arte. A própria escritora e poetisa revelou, em um fragmento essa relação sujeito-arte-cidade, *“[...] escrever é um ato de coragem e de libertação. Quando escrevo sinto-me liberta, mas, dentro de mim, há uma fagulha latente que queima e me manda escrever mais. Digo que nenhum texto nasce pronto já na primeira escrita. É preciso conversar com o texto muitas vezes, ler e contra ler. Enfeitar, acrescentar e cortar, cortar muito, e nunca estará pronto”*. A fala da artista me remete a uma metáfora sobre comunicação, que devemos sempre buscar nos conhecer mais e mais internamente, conversar conosco

mesmos, muitas vezes, acrescentando outros olhares e percepções, e cortando, se necessário, ângulos até então vistos e que não servem mais. Isso poderá ser capaz, nas ações comunicativas, de entendermos que somos capazes de comunicar de maneira sensível, desde que busquemos respeitar o outro (idoso, adulto, jovem, adolescente, criança), na sua complexidade e singularidade.

No depoimento da artista Solange Battirola, também escritora e poetisa, rememorou em um trecho de fala, que a escuta dos mais velhos e o aprendizado trazido por eles, ajudaram-na para a sua constituição como pessoa e como profissional: *“Na infância, sempre gostei muito de escutar as histórias que o meu pai contava de suas pescarias, das viagens, das aventuras... Nas visitas aos parentes e amigos aos finais de tarde fazíamos uma animada roda de chimarrão, onde cada um contava um pouco de suas histórias. Eu criança ficava maravilhada! São lembranças lindas que eu trago marcadas na minha memória e no meu coração”*. O trecho apresentado dialoga com a proposição da Comunicação *Corpoiesis* que, busca uma escuta atenta dos sujeitos-moradores, para poder construir ações que possam acionar e potencializar sujeitos e lugares. A exemplo disso, o projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais, aplicado em São Luiz Gonzaga, em 2022, nasceu dos relatos nas rodas de conversa, em uma escuta atenta aos sujeitos-moradores de todas as idades, condições sociais e profissões.

Paralelo a isso, outro destaque do depoimento se faz pertinente trazer, quando Solange diz fazer parte de um grupo que busca diminuir ou excluir as discriminações: *“É com orgulho, que também não posso deixar de destacar a minha singela participação no coletivo de mulheres UNIVERSO FEMININO, onde já lançamos o livro ‘Dicionário Poético’, realizamos encontros periódicos de formação e somos convidadas para proferir palestras. Somos um grupo de sete mulheres, todas professoras, ligadas à Literatura que mantém entre si laços de amizade, apreço a arte, indignação frente as injustiças sociais, todas as formas de discriminação e violência em especial, a violência contra mulher”*. Essas manifestações, tanto de apreço à arte, quanto a indignação das formas de discriminação, abordadas pelo coletivo, aparecem nas expressões-síntese, sendo a segunda, destaque em vários relatos sobre a comunicação e os atendimentos do comércio local. Nesse sentido, evidenciaram os sujeitos-moradores, nas rodas de conversa, que se faz importante a escuta e a mudança cultural para avançar no turismo de São Luiz Gonzaga.

No depoimento, a professora de teatro, escritora e poetisa, Tere Ferreira, manifestou que a arte tem um poder encantador nas pessoas, fazendo despertar sentimentos que afetivam e acolhem e cita, num fragmento, a relação com a própria mãe: *“Podia acontecer o que acontecesse, cair tormenta, ficar tudo escuro... e de repente o sol surgia do nada e lá estava ela reinventando, ressignificando a arte de viver com uma força que a natureza jamais explicou. Penso que somente pessoas resilientes provaram desse gostinho. Crochê, tricô, bordado, costura, o tramar do arame, o uso do couro do gado para produzir os arreios e apetrechos para o cavalo, a tosquia e o preparo da lã da ovelha, o preparo do pelego, tudo com muito zelo e cuidado, para mim, pareciam um ritual sagrado com alegorias que nem eu sabia explicar, mas estavam lá se preparando para encenar”*.

Nesse fragmento de relato, que destaca uma comunicação sensível, amorosa, entremeada no bem-estar e na entrega plena do sujeito para fazer algo, se entrelaça a Comunicação *Corpoiesis*, que, com suas múltiplas técnicas transdisciplinares, envolve os sujeitos em busca da autoprodução constante, da reinvenção de si – da (auto)transpoiese. Faz, usando um fragmento de ressaltado da artista, com que, *“Assim, como uma larva que se torna borboleta, me tornei esta pessoa que, com sua arte, luta por um mundo mais sensível, mais justo, mais humano, com pessoas que saibam ser gente de verdade”*. Juntamente com a essência da artista, está a essência desse trabalho com pessoas e com lugares, turísticos ou não.

No seu depoimento, a bailarina Lara Moreira manifestou, num recorte de fala, a relação de pertencimento, amor, afeto e acolhimento com a cidade. *“Mesmo tendo trabalhado em diversas cidades, foi aqui em São Luiz Gonzaga que tive a primeira oportunidade de trabalhar com a dança. Foi aqui que muitas portas se abriram, o que fortalece muito minha relação com a minha cidade e com as pessoas daqui. Desejo que crianças, jovens e adultos experimentem os benefícios que a dança traz. Quero, através da minha dança, fazer com que a arte tenha reconhecimento, como forma de expressão, de educação, de formação de valores, de formação de caráter”*. Os anseios da bailarina e professora de dança, são também manifestações das expressões-síntese, colhidas nos relatos que, dialogam com os sujeitos-artistas, e prezam, igualmente, pelo reconhecimento da arte, em suas inúmeras expressões, na cidade.

No depoimento, o artesão Vicente Fagundes, também explanou sobre a arte, o artesanato, como forma de manifestação entre os moradores da cidade: *“O*



*artesanato sempre fez parte da nossa casa da nossa rotina independente do material, sendo um complemento de nossa renda*". Nesse ínterim, as diversas manifestações sobre a arte em São Luiz Gonzaga, são potencialidades turísticas que devem ser amplamente difundidas, oportunizando mais visitas, gerando com isso, maior visibilidade, desenvolvimento e lucro para o município.

E no depoimento da artista Margareth Reichert, ela se refere a sua arte, com o encantamento de quem está produzindo um produto que diz respeito à ancestralidade missioneira: *"Passado um tempo, li o livro de Auguste de Saint-Hilaire, 'Viagem ao Rio Grande do Sul', que ele, ao passar pelas Missões, comenta no livro que havia plantações de algodão, onde eram produzidos vestuários com tecelagem manual, e eu me senti feliz, pois não foi por acaso que me encantei com a tecelagem, honrando nossa ancestralidade missioneira"*. O trecho de fala da artesã evidencia o pertencimento pela cidade e o resgate das origens indígenas, presente em seu ofício. Ainda diz Margareth, em outro trecho, *"Sou feliz pois levo sempre o nome de minha cidade por onde vou e vou voando em minha imaginação transcendental nas artes"*.

A artesã, em seu depoimento – assim como noutros depoimentos, visto dos sujeitos-artistas – evidencia singularidades do lugar, características do território e, também, pontos a serem melhorados para que possa haver desenvolvimento turístico.

Os traços percebidos, com as marcas artísticas dos sujeitos-artistas, denotam a pluralidade da arte existente em São Luiz Gonzaga. Denotam, também, que esses depoimentos demonstram que as tramas turístico-comunicacionais são fundamentais, para oportunizar que nasça ou renasça um outro corpo, outra comunicação e outras relações, mais sensíveis, mais amorosas e mais duradouras.

Destarte, essa proposta, da Comunicação *Corpoiesis*, criou uma conexão que envolveu o interior de si mesmo, entrelaçado com a arte, com o lugar e com a história que narrou a vida do sujeito-artista desse lugar. Também fez transversalizar, rizomaticamente, nas conversações, ideias condizentes com a essência do lugar, que foram aplicadas através do projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-comunicacionais.

Dito isso, destaco que, para além das cinco ações artístico-culturais, também apresentei à Secretária Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga, Luiza Caterine Santos Panegalli, em reunião pós-ações, algumas ideias/sugestões para São Luiz Gonzaga, envolvendo turismo (o material abaixo encontra-se no Apêndice E desta tese):

- Criar uma apresentação artística com personagens vestidos a caráter, com roupas de época, para mostrar a história e atores que encenam e contam o lugar.

- Fazer uma reportagem, incluindo personagens conhecidos das ruas, em diferentes bairros, mostrando as diferentes misturas de culturas, a pluralidade que a cidade oferece. Contatar correspondentes dos jornais estaduais, dos veículos de imprensa estaduais.

- Criar uma cartilha sobre a História Jesuítica-Guarani, que possa dar conta de instruir e manter viva a história de São Luiz Gonzaga.

- Dar um espaço de visibilidade, na Biblioteca Pública, para os livros que abordam da história de São Luiz Gonzaga, colocando em uma prateleira à parte, com destaque.

- Contar, em um blog ou no site da Prefeitura, em formato de depoimentos, a história de moradores que fizeram história em São Luiz Gonzaga. Pode-se ilustrar com fotografias desses moradores, ilustres ou anônimos.

- Criar uma galeria *on-line* com fotos e texto de todos os prefeitos que já passaram pela cidade, propondo uma linha do tempo. Quem sabe trazer algumas das ações que esses prefeitos fizeram/trouxeram para a cidade.

- Criar um Instagram com fotografias da cidade, não só pontos turísticos, mas fotografias registradas pela percepção dos moradores, de espaços que significam para eles. Como título fica a sugestão de: “São Luiz Gonzaga, pela luz dos teus olhos”. Aí é um momento para, quem sabe, fazer com que pessoas comuns, mostrem seus talentos e apresentem outros recantos da cidade, resgatando memórias e história.

- Realizar um evento que contemple a música missioneira, quem sabe resgatando aqueles eventos que existiam e que foram perdidos ao longo dos anos, mas que demonstram a essência de São Luiz Gonzaga, que tem o título de ‘Capital Estadual da Música Missioneira’, desde 2012.

Acredito que essas ações poderão auxiliar processos de valorização da cidade, tanto em relação aos moradores, no sentido de produzir entrelaçamentos à história entendendo a sua importância, quanto em relação a visitantes, que irão conhecer a história do lugar e poderão, com esse olhar, sentir-se pertencentes a esse espaço. Dessa forma, ao sentir-se pertencente, sujeito-morador e, em igual intensidade, sujeito-visitante, serão capazes de cuidar, valorizar e divulgar o lugar/cidade.

Fica assim demonstrado o quanto a Comunicação *Corpoiesis* é plural e tem potencial de mobilização dos sujeitos do lugar e, ao mesmo tempo, de afetar, tocar os afetos dos sujeitos visitantes com valorização do turismo.

## 6.6 'COM-VERSAÇÕES' A PARTIR DOS SINALIZADORES

Em síntese, encaminhado-se para as proximidades do entardecer, esta tese trabalha com a abertura da visão, de forma geral, a partir da escuta de sujeitos e do corpo numa visão ampliada. E, ao fazer isso, envolvendo uma cidade com a singularidade de uma cidade do interior, como é São Luiz Gonzaga, uma cidade que não tem como característica principal a fachada do turismo, mas que tem muitos encantos, e que tem muita potencialidade, então, o que esta tese ensina? Ensina que todos os lugares podem ser vistos como lugares encantadores para receberem visitantes e podem se preparar para receberem visitantes, desde que isso seja feito, respeitando as características do lugar, das pessoas, do ecossistema turístico-comunicacional-subjetivo.

Do mesmo modo, orientado pela visão holística, ecossistêmica, complexa, trabalhada nesta tese, é possível perceber conexões entre micro e macro ecossistemas. Assim, no *lócus*, em um ecossistema do interior do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, numa cidade pequena, há a conexão com as grandes questões do planeta. Isso significa que São Luiz Gonzaga é o *lócus* da pesquisa, é uma cidade especial, singular, e ao mesmo tempo, é o planeta todo, no sentido de que tem o planeta todo em si, ou seja, tem, em si, transversalizados feixes constituintes do planeta. Isso significa que, esta tese produz conhecimento sobre São Luiz Gonzaga, mas um conhecimento que está alinhado com as grandes demandas e desafios do planeta. Não só com outras cidades do interior, de outras regiões do planeta, que podem ser pensadas a partir de elementos que emergem, mas também, que São Luiz Gonzaga, conversa sobre as grandes questões internacionais.

Como exemplos que estiveram presentes nos depoimentos dos sujeitos-moradores, cito alguns: a emergência da preocupação com o lixo; a emergência da conservação e da limpeza dos espaços públicos; a emergência do respeito ao meio ambiente; a emergência do engajamento dos moradores. Esses, entre outros exemplos dos depoimentos, são a percepção que esses sujeitos-moradores tem sobre como o turismo pode ser desenvolvido. São relatos de sujeitos-moradores de São Luiz

Gonzaga, mas que estão conectados com o que o turismo necessita fazer para se desenvolver, daqui para frente, em nível mundial. Manifestando que necessita de mais cuidados com a cidade, com a beleza e preservação das casas e dos estabelecimentos comerciais; que tem que se preocupar com a organização dos espaços de convivência; que tem que ter o cuidado entre as pessoas, a valorização das relações; enfim, os elementos todos.

Evidencio, com isso, que esta tese, sendo desenvolvida numa cidade do interior, traz sinalizadores de elementos que podem acionar afetos, emoções e potencializar o turismo em muitas outras regiões, com uma escuta a partir da singularidade dos sujeitos-moradores de um lugar.

Alinhado com esse pensar, exponho as questões planetárias, que entrelaçam a conversação acima.

Vico e Uvinha (2014) abordam a discussão sobre os cuidados com o planeta, com o meio ambiente, com a temperatura. Evidenciam, em relação a temperatura, que parece ser um consenso que também é nossa uma grande parcela de responsabilidade. Os autores, em seus estudos, demonstram as tentativas de frear o aumento da temperatura global, expondo tentativas feitas (infelizmente sem sucesso) em conferências.

Com essas constatações, parece evidente que diminuir gastos de energia elétrica, aumentar as caminhadas a pé, aumentar o uso de bicicletas e diminuir o uso de meios de transportes trafegando (carros, aviões) são meios de melhorar a vida no planeta. Do mesmo modo, outros hábitos são essenciais para mudar a situação, como: diminuir o uso do ar condicionado, diminuir o consumismo, possibilitar um maior uso de material reciclável, uma correta gestão de recursos hídricos e naturais, reduzir o uso de impressão de folhas, reduzir o uso de material descartável como copos e embalagens plásticas. Estes são, segundo Vico e Uvinha (2014), algumas das alternativas eco-eficientes para o Turismo, entremeando as relações cotidianas e organizacionais. Esse pensar fortalece a proposição ecossistêmica do avesso, feita por Baptista (2020e). Destarte, para que consiga avanços tangíveis, faz-se necessário que haja uma conscientização, por parte do visitante/turista, bem como dos moradores. Só assim, com mudanças nas ações e no modo de pensar a partir de hábitos responsáveis, é que poderemos ter resultados que beneficiem a vida no planeta.

Pertinente destacar a fala de Tannier (2018, p. 113), que faz refletir sobre nossas ações e a Terra:

Gosto de imaginar a Terra como uma grande mãe contemplando com ternura a agitação frenética de seus filhos nos quatro cantos do globo. Eles correm, brigam, morrem, capturam peixes, enterram seus dejetos, etc. São tão turbulentos que ela não sabe mais o que fazer! Quando a bagunça passa dos limites, ela diz basta!: um pequeno tsunami, uma erupção, um terremoto. A mãe coloca um pouco de ordem no pátio da escola antes de permitir que os pequenos voltem a brincar. Observando nossas ações, vejo a nós, seres humanos, como crianças mal-educadas, aprendendo pouco a pouco com os próprios erros. Porém o mais importante é que, todas as vezes que um de nós cai, pode explicar aos outros como ficar de pé. Alguns ouvem, outros não, então é preciso explicar de novo, com calma e serenidade. A estrada é longa e a Terra, bastante paciente.

Essas reflexões, alinhadas com a proposição desta tese evidenciam que, para propor um turismo diferente, evidenciado como o avesso do Turismo (BAPTISTA, 2020e), considerando transversalizações, conexões e relações, é preciso uma escuta, da Terra, de Gaia, do outro, do lugar. É preciso também, uma reflexão mais ampla e profunda, assim como a disposição de (auto)transpoietizar a si mesmo e os lugares (BAPTISTA, 2022b), é o que eu estou defendendo aqui para poder gerar *Comunicação Corpoiesis*.

Alinhado a esse olhar, e anteriormente evidenciado por Vico e Uvinha (2014), quando pontuam sobre a preocupação com o meio ambiente, Baptista acrescenta e ressalta, numa apresentação do Seminário ANPTUR 2020, a importância de um Turismo pautado na responsabilidade ecossistêmica do sujeito, sendo que nesta está contida a essência do avesso do Turismo. Dessa forma, é necessário chamar a atenção para o fato de que há “Problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante, e que pode se tornar irreversível” (CAPRA, 2012, p. 23). Nas palavras do autor, há uma crise de percepção de nós humanos, porque ainda temos uma visão de mundo ultrapassada, igualmente uma percepção que não é adequada para lidar com um mundo que se apresenta com uma população gigantesca e que está globalmente interligada. Capra (2012), com relação ao meio ambiente, defende que há soluções, soluções sustentáveis – a partir do ponto de vista sistêmico –, algumas até simples, mas que, para que isso possa acontecer, se faz necessário que nós tenhamos uma mudança muito significativa nos nossos pensamentos, nos nossos valores e nas nossas percepções. Capra evidencia que é

preciso ir além da visão mecanicista trazida por Descartes e Newton e avançar para uma visão holística, ecológica, ecossistêmica.

Dito isso, será que ainda há uma esperança de mudança no agir humano? Será que o avesso poderá brotar? Inspirado nas ‘com-versações’ com a orientadora, trago aqui a sua reflexão sobre “A potência do interior e a resignificação do interior (dos interiores todos, os interiores de nós mesmos e dos lugares) como o universo de onde podem brotar as mudanças”<sup>78</sup>. Instigo essas reflexões e continuarei observando que ações humanas futuras serão preconizadas. Para que possamos avançar, necessitamos ter pessoas com novos horizontes (ou de retomada de velhos horizontes, desde que estes façam sentido gerador de vida plena). Do mesmo modo, precisamos instaurar em nós e em quem está a nossa volta, um desejo radical de mudança. Radical como substrato de raiz, que provoca um novo início, novas brotações, que podem gerar, no entrelaçamento rizomático dos fios, a transformação, um novo olhar.

Para Deleuze e Guattari (1995), o rizoma não se fecha em si, ele se descortina, é aberto a experimentações, pulsa, constrói e desconstrói. Assim, faz-se pertinente entender que “[...] nós não estamos no universo, nós somos o universo, dele fazemos parte indissociável” (MEDINA; GRECO, 1998, p. 15). Também que, na visão ecossistêmica, da proposição do avesso, tudo está interligado, entrelaçado, ligado a tudo. Neste contexto, se vemos o mundo como um “[...] organismo vivo de que somos parte – não proprietários, nem inquilinos, nem mesmo passageiros – poderíamos ter um longo prazo a nossa frente e a nossa espécie poderia sobreviver para aproveitar esse ‘tempo concedido’” (LOVELOCK, 1991, p. 221). É urgente a reflexão e mais que isso, a mudança total do sistema.

Na linha da discussão apresentada na tese, só poderá ser criado algo para o lugar, se estiver em coerência com o lugar, a partir da natureza espontânea desse ecossistema, em coerência com sua deriva histórica, e em conversação com os moradores, com os devires íntimos das pessoas, com as características das pessoas do lugar. Não é interessante forjar um turismo de fachada, forjar um fluxo migratório de deslocamento de turistas num determinado momento, só para ter um público. É necessário que faça sentido, para o lugar, eventos e ações. Assim são as bases da

---

<sup>78</sup> BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Declaração em orientação, primeiro semestre de 2023. Diário de Pesquisa.

proposição desta tese, de Comunicação *Corpoiesis* para o Turismo, tendo como *lócus* o município de São Luiz Gonzaga.

Há que se pontuar também que é inerente ao ser humano viajar, como já trazido no percurso histórico do Turismo, mas é preciso e urgente ter ampla consciência da capacidade dos lugares em receber, respeitando seu ecossistema. Assim, gerar a ampliação da movimentação turística, por si só, inadvertidamente, apenas com orientação capitalística, é verdadeiramente algo arriscado e que compromete os ecossistemas e o próprio ciclo de vida do turismo.

Esse pensar coaduna com o pensamento de Manfred Max-Neef (1993), transcrito no livro '*Desarrollo – A escala humana*', quando o autor chileno expõe que o desenvolvimento humano se dá de dentro para fora, possibilitando, dessa forma, que uma economia possa ser pensada em desenvolver pessoas do que na possibilidade de desenvolver objetos de sociedade. Evidencia o autor que,

Necessidades humanas, auto-dependência e articulação orgânicos, são os pilares fundamentais que sustentam o Desenvolvimento em Escala Humana. Mas para servir ao seu propósito torcedor deve, por sua vez, apoiar-se em uma base sólida. Essa base é construída a partir do real protagonismo de pessoas, como consequência de privilegiar tanto a diversidade como a autonomia dos espaços em que a protagonismo é realmente possível. Alcançar a transformação da pessoa-objeto em pessoa-sujeito do desenvolvimento é, entre outras coisas, um problema de escala; porque não há possível papel em sistemas gigantescos organizados hierarquicamente de cima para baixo (MAX-NEFF, 1993, p. 30)<sup>79</sup>.

É preciso se perguntar o que realmente importa na vida. Também, o que faz a vida valer a pena, ter sentido, ser possível. O autor fala que o PIB pode estar crescendo e piorando a vida das pessoas. É necessário atentar para que bases sólidas possam solidificar sujeitos e lugares. Dentre algumas respostas humanas que expõe Max-Neff, sobre visitas a diversas culturas, estão interligadas relações entre: pessoas, família, natureza, harmonia, consciência, superação, relacionamentos, etc. Nesse sentido, o que é importante para pessoas de lugares tão diferentes se entrecruza e faz pensar que cooperação, união, entendimento,

---

<sup>79</sup> Tradução livre do original: "*Necesidades humanas, auto dependencia y articulaciones orgánicas, son los pilares fundamentales que sustentan el Desarrollo a Escala Humana. Pero para servir su propósito sustentador deben, a su vez, apoyarse sobre una base sólida. Esa base se construye a partir del protagonismo real de las personas, como consecuencia de privilegiar tanto la diversidad como la autonomía de espacio sen que el protagonismo sea realmente posible. Lo grar la transformación de la persona-objeto en persona-sujeito del desarrollo es, entre otras cosas, un problema de escala; porque no hay protagonismo posible en sistemas gigantísticos organizados jerárquicamente desde arriba hacia abajo*".

participação, dentre outras, são potencialidades para pensar e refletir questões como *sobrevivência plena*.

*Sobrevivência plena* é ter as plenas condições para viver, mas, sobreviver em bem-estar e alegria. Nesse sentido, e indo ao contrário da visão mecanicista, não adianta ter milhões de turistas visitando a cidade e as pessoas, se os moradores do lugar não tiverem condições de *sobrevivência plena*, antes, durante e depois do turismo. Poderiam ser citados, aqui, inúmeros exemplos da massificação turística e capitalística, com lugares hiperlotados de gente, na cidade, nos hotéis, nos restaurantes, nos estabelecimentos, advindos muitas vezes, da comunicação dos *mass média*. Limito-me a esses que, numa visão ampla, dão conta de mostrar que o excesso pode ser um problema. E dessa forma, sem se importar com a capacidade e com o ecossistema do lugar, o excesso de pessoas afeta moradores que ficarão após a saída dos visitantes, bem como, a estrutura física e natural do ambiente. Com isso, moradores sofrem com falta de água, com coleta de lixo, com infestação de insetos, com desconforto, dentre tantas outras coisas. São inúmeros elementos desfavoráveis para que a beleza do lugar sobreviva a tudo isso.

Ao falar de *sobrevivência plena*, assim mesmo grafado parcialmente em itálico, apresento um destaque que vai ao encontro de algumas subversões linguísticas que temos produzido no Amorcomtur!. Estamos nos referindo às condições de sobreviver, mas, mais ainda de *sobreviver*, ou seja, de uma visão ampliada do que significa estar vivo. Com essa proposição, pensamos e acreditamos nas potencialidades escondidas dos sujeitos e dos lugares. Assim, mesmo que de forma embutida e não explícita, e mesmo já tendo me referido a *sobrevivência plena* na tese por várias vezes, destaco, aqui, que se trata da possibilidade que se tem de viver a vida, de maneira leve, entrelaçando a ética da relação, uma comunicação em que o sentir prevaleça, relações afetivas e amorosas, em constante transformação, com autopoiese. Nesse sentido, é importante estabelecer a diferença entre sobreviver à vida (que apenas possibilita sobreviver a algo) ou sobre viver a vida (que possibilita as construções descritas na frase anterior, com um corpo em movimento, capaz de ser potente, vibrátil). Então, sobreviver à vida ou sobre viver a vida é um pensamento que trago comigo há muito tempo, questionando e refletindo sobre as ações das pessoas frente ao cotidiano. Foi também tema de um artigo na Revista Rosa dos Ventos, em 2020, quando, juntamente com minha orientadora, incutimos observações acerca do viver.



*Sobre os Viventes*, é possível dizer que, nessa caminhada incerta, podemos traçar e mudar direções, podemos alçar voos, podemos acreditar que os *Viventes* sairão transformados de tudo. Assim espera-se, acredita-se. Os *Viventes* com amor certamente apreenderão com mais facilidade que o caminho pode ser duro, mas, que o amor é *sobreviver* [...].

*Sobre* 'denota e mostra a posição ou a localização daquilo que se encontra acima de'. Também corresponde, no entanto, a 'a respeito de', no caso, é um texto a respeito de *viventes*. Assim, independentemente de estar acima, ou abaixo, pensamos que o convite de ampliação da consciência, atingindo o plano de emoções sensíveis, de conexões e entrelaçamentos. Desse modo, entrelaçados teremos força, seremos fortes. Lembrando a filosofia africana, Ubuntu! [somos quem somos porque somos juntos!].

*Viventes* são aqueles que vivem, que têm vida, seres *viventes*, são todos aqueles que têm a capacidade de fazer algo, a todos os outros *viventes* (ÁVILA; BAPTISTA, 2020, p. 21).

Dessa forma, o que se instiga não é uma proposição de respostas, é uma tentativa de enunciar mais perguntas e provocar a reflexão. Nesse ínterim, a *sobrevivência* plena, tratada aqui, é esse entrelaço rizomático que envolve o todo, que abraça, que acolhe, que busca acionar e potencializar sujeitos e lugares, na perspectiva de (auto)transpoiese, re-olhares, ressignificações para a vida. As bases evidenciadas dialogam com o que trouxe Ricardo Trajano (SOBRE VIVER!, 2020) numa palestra no Centro Universitário Newton Paiva, veiculada pelo YouTube, quando falou sobre viver e sentir a intensidade da vida. O palestrante inspiracional aborda reflexões sobre valores, viver o presente, protagonismo, foco e produtividade.

Beni e Moesch (2017) contribuem, evidenciando que, frente a essa postura que abriga a cultura de um mercado capitalista, essa cultura desconhece e não considera a essência que é o fenômeno turístico. Referem que se trata de um fenômeno “[...] que exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existentes nas localidades, gerando agenciamentos possíveis de ressignificação [...]” (BENI; MOESCH, 2017, p. 432). E os autores ainda pontuam que isso acontece junto à realidade, através da relação existente entre visitados, numa linha tênue.

Numa outra lógica, na lógica do avesso do Turismo, proposta por Baptista, aumentar o fluxo de pessoas depende da coerência com as condições do lugar para receber essas pessoas, condições essas que podem vir a ser ampliadas, conforme a demanda turística, desde que não prejudiquem nenhum componente do ecossistema local. Assim, a ampliação será, não só para receber o visitante, mas ampliada porque a cidade foi se preparando para o desenvolvimento, com responsabilidade

ecossistêmica. Desse modo, todos os serviços precisam ser ampliados, em um planejamento responsável, oportunizando uma maior estrutura, física e de saneamento, bem como apresentando uma gama de entretenimentos disponíveis, tanto para visitantes quanto para moradores. Igualmente, pensando num pós-pandemia, é preciso prever atendimento de saúde de qualidade e disponível, para toda a população e também para os visitantes. Destarte, é, nessa lógica do avesso, agregar a alma do lugar, para lembrar Yázigi (2001), para se mostrar ao outro (morador ou visitante).

Aqui cabe uma reflexão, parafraseando Boaventura de Sousa Santos, que precisamos pausar muitas vezes, pensar, digerir, buscar entender, sem a pressa que é imposta na contemporaneidade, em que tudo, num piscar de olhos, se torna obsoleto. E, principalmente, usando as palavras de Boaventura, ao proferir a palestra *As Epistemologias do Sul e as Ciências Sociais*, para não deixar que “[...] a aceleração do tempo torne impossível a reflexão” (JORNAL GRANDE BAHIA, 2017).

Diante de tudo que foi trazido, nos sinalizadores evidenciados que ajudam a pensar o avesso da comunicação, o avesso das relações e o avesso do Turismo, expressei que pretendo contribuir para o Turismo na trama toda. Pretendo contribuir, não para um turismo de fachada, que é produzido artificialmente e vendido pela mídia a despeito do sofrimento de todos os envolvidos. Isso implica pensar um Turismo que faça todas as pessoas envolvidas se sentirem em bem-estar e em uma interação respeitosa com o ecossistema todo, com fatores bióticos e abióticos. Quero dizer, todos os elementos de natureza viva, mas, também, todos os elementos construídos.

Conforme já mencionei, percebo que, além de fazer algo pelo município de São Luiz Gonzaga, a tese se conecta com as grandes questões planetárias do Turismo, pensando a Epistemologia do Turismo e os seus questionamentos decorrentes, repetidas pela líder do Amorcomtur!, nas reuniões do grupo: “Turismo para quê? Turismo contra quem? Turismo de que modo?”. Essas questões envolvem também pensar que as reflexões podem ser aplicadas em outros lugares, de proporções iguais, menores ou maiores que São Luiz Gonzaga. Assim, a proposta não é só ajudar a desenvolver o turismo na cidade, mas ajudar a desenvolver um turismo que seja bom para a cidade, que, na lógica do avesso do Turismo, entrelaça a trama completa.

Nessa linha de considerações, Capra pontuou, numa conferência para debater a reinvenção do humano, transmitida pela plataforma digital Fronteiras do

Pensamento, em 2020, que temos como principal desafio a migração de um sistema econômico sedimentado, que se encontra na noção de crescimento ilimitado para outro que seja, ao mesmo tempo, ecologicamente sustentável e socialmente justo. Aponta ainda Capra que o fim do crescimento não é a resposta, porque o crescimento é uma característica central de toda forma de vida. Desse modo, essas afirmações de Capra vão na mesma direção das discussões do Amorcomtur! e estão alinhadas com a proposição do avesso do Turismo, de Baptista, que sinaliza para o fato de que esse crescimento, esse desenvolvimento, deve sim existir, mas em benefício de todo o ecossistema, sem que o capital seja a única meta e o valor maior envolvido.

Nessas inúmeras reflexões trazidas, foi possível perceber que não estou sozinho na conversa, nem se trata da visão exclusiva de um grupo de pesquisadores. Igualmente, propomos a discussão como o convite de visão da trama toda, desde o avesso, mas não construímos nada só para nós mesmos, e sim para o outro. Construímos para as relações estabelecidas, relações que nutrem e alimentam a sobrevivência humana.



*"Espero que, como o sopro do vento que transita e se contorce perpassando os corpos, como se fosse uma dança, a comunicação e as relações, atravessadas pela arte, possam deixar fluir a energia em intensidade, que brota nas ideias, na vontade, na necessidade de querer fazer diferente. E que mostre aos sujeitos, que é possível se permitir, se reencontrar, se reencantar, se redescobrir, se reinventar."*

*Newton Ávila*

## 7 VISLUMBRES AO ENTARDECER DA TESE

O cair da tarde desponta no céu, a luz irradia diferente, a intensidade das cores provoca e inspira nostalgia. É hora de pausa para ‘ad-mir-ar’ a vista, respirar profundamente, agradecer e contemplar a beleza que o tempo, sempre em movimento, proporciona. A expressão **Entardecer da Tese**, utilizada no título deste capítulo, enfatiza que, depois de plenas construções teóricas e ações práticas, é momento de apreciar o desfecho do dia (da caminhada que envolveu todo o percurso até aqui). Nesse ínterim, saliento também que, neste capítulo, serão evidenciados vislumbres, pois, acredito que não há reflexões definitivas, nem finais. São vislumbres do tempo de agora, possíveis de mudanças e transformações num tempo outro, tempo posterior.

Foi um caminho muito frutífero, desde o início. Pensar uma tese, encarar uma tese e argumentar uma tese, criando uma proposição nova e com força para pensar uma outra comunicação, um outro turismo e outras relações, foi um grande desafio. Foi uma entrega corporal, mental e espiritual que se deu em processo de evolução. Aprendi e apreendi muito dessa caminhada, assim como ressignifiquei muita coisa. Posso dizer que, em meio a essa trama de feixes empírico-teóricos e de criações de ações práticas para a aplicação no *lócus* de pesquisa, me (auto)transpoietizei. Tenho me (auto)transpoietizado. Sempre me (auto)transpoietizarei, seja com pessoas com quem convivi, convivo e conviverei, ou, por lugares por onde passei, passo e passarei.

A Comunicação *Corpoiesis* trouxe a proposição de uma comunicação em estado de poesia, envolvendo um corpo vibrátil (para lembrar Suely Rolnik), em movimento, que possibilitou sentir com intensidade para comunicar, buscando fortalecer relações interpessoais em diversos ambientes; nisso, esse corpo (que é sujeito, mas que é também lugar, analisado no *lócus* de pesquisa) foi capaz, conforme relatos, de se autoproduzir, de se reinventar, estar em constante (auto)transpoiese, no ‘con(viver)’ consigo mesmo, com o outro, com o lugar, com o meio ambiente e, principalmente, com as diferenças (subjetivas, delicadas e complexas) existentes em todos.

Dito isso, pode-se afirmar que é a alteridade, relacionada à capacidade de entender e lidar com as diferenças, que nos põe em transformação. Isso se verifica, pois, quando somos capazes de olhar e perceber que o outro, o desconhecido, é também parte de nós, é possível que ele se integre à nossa textura sensível,

instaurando a possibilidade de entendimento de que somos um só. Formamos conjuntos rizomáticos, com entradas e saídas em todos os lados e com inúmeras possibilidades de engates, de entrelaçamentos. Compostos de diferenças. E essas diferenças, quando entendidas como algo complementar entre sujeitos e lugares, podem ter a capacidade de acionar e potencializar. Isso fica mais fácil de empreender na comunicação e no turismo, quando o corpo está em estado de *Corpoiesis* e quando o corpo é vibrátil (aberto a possibilidades).

Nessa ideia de corpo, que amplia o pensar de que não é só material, esse corpo, ele é um lugar de produção de vida (pensando Humberto Maturana) e produção de alegria (pensando Baruch de Espinosa). Ele é também um lugar de encontro com a dimensão do prazer (pensando Rubem Alves, em *Variações sobre o Prazer*). Posso lembrar, ainda, Michel Foucault, que vai falar do corpo como lugar também das durezas e dos embates com a máquina que tolhe, que castra, que controla. Todos esses olhares são formas de mostrar que o corpo pode se modificar e é capaz de transcender. Também são modos de pensar que ele está interligado com o meio, com outros corpos (vivos ou não), em sua extensão, com o ecossistema todo. A partir disso, é possível pensar que o corpo, ao estar em contato, ter interações, afeta e é afetado, sendo capaz de provocar uma ressignificação nas ações e reações diante do seu cotidiano, das organizações, do turismo. Estas pressuposições estão em concordância e são amplamente discutidas nesta tese e, de igual forma, no grupo de estudos Amorcomtur!, problematizando diversas questões, pertinentes para pensar Ciência, pensar outra comunicação, pensar outro turismo e pensar outras relações.

Nesse outro jeito de pensar, em que se trabalha Ciência a partir da lógica ecossistêmica, complexa, holística, esquizoanalítica, tem-se todo o cuidado e zelo com as teorias construídas anteriormente. Desse modo, a pesquisa avança, questionando o pensamento de autores, não desvalorizando, nem desconsiderando ou rejeitando o pensamento de nenhum autor, mas abrindo outras possibilidades, instigando-se um outro jeito de pensar, de fazer Ciência, pautado numa visão ampliada, que circunscreve o todo. Uma visão que interliga a amorosidade na ideia de trabalhar o corpo, como um lugar de produção de vida, de alegria, de prazer e de viver os limites desses embates todos, num entendimento de que esse corpo só faz sentido se ele, o corpo, for entendido como um só corpo.

Nesse sentido, é possível dizer que, a partir do momento que se processa algo pela vivência e pela experimentação, pelas trocas relacionais e comunicacionais,

enfim, pelo todo mesmo que rizomático (para lembrar Gilles Deleuze e Félix Guattari), experimenta-se o sabor e o sentir (evidenciado por Paulo Freire, por Rubem Alves). E isso para mim, conversa com todos os autores que foram apresentados na tese e também, entre tantos outros autores estudados no Amorcomtur!. Conversa com essa ideia de trazer que o sentimento, que o querer, que o 'fazer-fazendo', extrapole o interior e exteriorize no corpo, tornando forte esse corpo interna e externamente.

Dessa forma, essa condição *Corpoiesis*, de autoprodução constante, de (auto)transpoiese, demanda amor – como ética da relação e do cuidado, matriz de relações e entrelaçamentos –, sendo decorrente de processos intensos, delicados e complexos. São processos fundamentais, porque se constituem como base de sobrevivência humana, mais que isso, sobrevivência dos ecossistemas todos, dos corpos em suas múltiplas expressões.

Por isso mesmo, o conceito Comunicação *Corpoiesis* tem sido tão importante para pensar o Turismo, numa lógica de valorizar as pequenas nuances, os pormenores existentes nas relações, o conversar, a escuta atenta dos moradores (que aconteceu em São Luiz Gonzaga/RS); além de observar e valorizar o avesso das costuras – o avesso do Turismo, que é ensinado por Baptista –, onde dá para perceber a trama complexa dos nós e laços. Assim, através das Tramas Turístico-Comunicacionais para a (auto)transpoiese de sujeitos e lugares, em São Luiz Gonzaga, foi possível permitir o começo do nascimento de uma nova comunicação, uma comunicação sensível, amorosa e vibrátil (trazendo Muniz Sodré, Ciro Marcondes Filho e Maria Luiza Cardinale Baptista para a conversa). Assim, fica o vislumbre de que o processo desencadeado seja capaz de beneficiar e enaltecer a vida do sujeito e do lugar.

Esse meu jeito de pensar, entrelaçado a outros tantos olhares teóricos, desenvolvidos e discutidos na tese, busca no entrelaçamento com a comunicação, um turismo diferente para o pós-Pandemia. Um turismo que tenha mais fortemente um olhar pautado na responsabilidade com o ecossistema todo, responsabilidade ecossistêmica, como defende Baptista, em sintonia com James Lovelock, Fritjof Capra, Boaventura de Sousa Santos e tantos outros autores da tese, no diálogo. Que busque o equilíbrio entre Homem e Terra, Gaia, em que os dois possam conviver em harmonia, desfrutando das belezas contidas em cada um. Também, um turismo que não valorize tanto o capitalismo – o ter pelo ter, sem se lembrar do ser. O ter [ter posses, ter dinheiro, ter *status*, ter poder] não nos deixa pensar nas relações que

podemos desenvolver no contato com o outro, nem numa comunicação em que o sentir faça a diferença, muito menos em um turismo consciente da capacidade dos lugares e que se importe com a qualidade de vida dos moradores. Já o ser [ser empático, ser amoroso] possibilita o contato, o toque, o amor puro, que é o que realmente faz diferença na vida e para a *sobrevivência* plena.

Esses olhares que evidenciei, à primeira vista desconexos, rizomáticos, mas tão pertinentes no pensamento ecossistêmico, complexo, holístico e esquizoanalítico, são incursões necessárias para se ter uma outra visão de mundo, de vida, e estão em coerência com o que temos discutido no grupo de estudos e também foi discutido ao longo desta tese. E essas elucubrações compõem o pensar deste pesquisador, que, empolgado no conhecer, mergulhou e aprofundou as reflexões. Reforço que isso tudo está entrelaçado nesse corpo que é sujeito e que é lugar, capaz de ser um corpo produção de vida, de alegria, de prazer e de viver os limites desses embates todos. É então, um corpo em intensidade, vibrátil, como evidenciado pela Esquizoanálise, em que o sujeito se produz nos agenciamentos e nas transversalizações, nos atravessamentos contantes, sendo capaz de (auto)transpoietizar, alterando formas e formatos de ver, sentir e agir.

Metodologicamente, essa pesquisa, guiada pela Estratégia Metodológica Cartografia dos Saberes, associada às Matrizes Rizomáticas, de Baptista, trouxe quatro objetivos específicos que foram atingidos e que conversaram entre si. Acentuo que, em uma dimensão ampliada, a pesquisa propôs promover discussões para pensar a comunicação e o turismo para um mundo melhor. Dessa maneira, entre teoria e prática, objetivou-se a proposição de comunicar de uma outra maneira, envolvendo sintonia, cooperação, ética da relação e amor, entrelaçando o eu, o outro, o lugar e o meio ambiente, na intenção de acionar e potencializar sujeitos e lugares.

No primeiro objetivo, que foi **fundamentar teoricamente a proposição *Corpoiesis*, como fusão teórico-conceitual de corpo e autopoiese – (auto)transpoiese**, pode-se dizer que o objetivo proposto foi atingido. Ao aprofundar a contextualização teórica constituída pelo corpo tradicional e pelo corpo-trama, evidenciou-se, em relação ao corpo tradicional, mudanças significativas na passagem de tempo (períodos e séculos). O que faz entender a necessidade de estabelecer a forte relação com o corpo-trama, o corpo vibrátil da Esquizoanálise, que evidencia que um corpo que pulsa, que vê e percebe de uma outra maneira, quando se mostra buscando uma sintonia interior, um autoconhecimento, é capaz, mais facilmente, de



se modificar, de se transformar, de se (auto)transpoietizar. E com isso, é possível alterar as relações no 'con(viver)'.

No segundo objetivo, que foi **discutir o conceito de Tramas Turístico-Comunicacionais, com orientação ecossistêmico-complexa**, houve a ampliação do entendimento da importância das tramas que sustentam os fios, os nós, os entrelaços (amor, respeito, ética da relação, acolhimento, responsabilidade ecossistêmica, os avessos – da comunicação, do turismo, das relações). Bases importantes para solidificar um outro olhar, a trama-teia, que se sobressai frente as diferentes maneiras de abordagem do mundo ocidental, que preconizam outras prioridades, desvalorizando capacidades e inteligências (humanas ou não). O objetivo foi atingido no sentido de trazer uma proposição ampliada de visão de mundo.

No terceiro objetivo, que foi **apresentar São Luiz Gonzaga na concepção histórica, caracterização geral, dados de materialidade geográfica e potencialidades turísticas**, foi possível trazer a narrativa histórica do lugar que perpassou por constantes turbulências, entre construções e destruições do território. Houve, também, a observância de um potencial turístico no município permeando suas raízes entrelaçadas à música e à arte. Foi evidenciado, em termos operacionais, nos diferentes procedimentos utilizados – nas aproximações e ações investigativas – que o objetivo foi alcançado. Destaco aqui, nesse sentido, as aproximações investigativas: rodas de conversa com moradores, que possibilitaram obter narrativas de sujeitos do lugar; visitas à localidade, que oportunizaram interação com moradores e observação sistemática participante (em 2019 e primeiros dois meses de 2020); coletas de narrativas de moradores, via whatsapp (em 2021), com participação espontânea e desejo de contribuir para a pesquisa; levantamento bibliográfico (de 2019 a 2022) com documentação cedida pelos órgãos municipais; levantamento de informações veiculadas em plataformas digitais (de 2019 a 2023), feita com êxito e auxílio do Poder público municipal; produção e levantamento de fotografias, registradas em livros e sites (de 2019 a 2022) e análise documental de materiais relativos à história da cidade (de 2019 a 2022), com permissão das entidades para visitação e manuseio; e por fim, contato pessoal e permanente com responsáveis pelas ações governamentais ligadas ao Turismo, à Educação, ao Instituto Histórico e aos Meios de Comunicação da Cidade (de 2019 a 2023) que deram suporte para a pesquisa.

Quanto ao quarto objetivo, que foi **promover ações de Comunicação *Corpoiesis* relacionadas às Tramas Turístico-Comunicacionais envolvendo sujeitos e lugares de São Luiz Gonzaga**, os dados apresentados demonstram que também foi atingido. A partir da construção de narrativas do sujeito do lugar, que mostraram como o lugar é apresentado, visto pelos moradores, foram obtidos sinalizadores para pensar o turismo, entre eles, a concentração de olhares em lugares relacionados: à memória (lembranças pessoais), ao patrimônio (valorização histórica), à natureza (ênfase para lugares que proporcionam calma), às relações (espaços que possibilitam encontros e convivência), à religião, aos Esportes, à Comunicação Social e à Arte (Dança, Artesanato e Música).

Houve, também, através de ações investigativas, a execução do Projeto Comunicação *Corpoiesis*: práticas artístico-culturais. Projeto de intervenção direta no ecossistema turístico-comunicacional, que possibilitou não só a obtenção de informações, mas, ao mesmo tempo, pela sua lógica processual, contribuiu para, nas interações com os sujeitos, a potencialização e a ressignificação de sujeitos e lugares turísticos. Dessa forma, esses sinalizadores encontrados, tanto nas narrativas quanto nas ações práticas, demonstraram que, a partir de uma escuta atenta aos moradores, faz-se importante para (re)ver lugares e (re)pensar vínculos, para então, poder acionar novos olhares e novas percepções.

À vista disso, reflito sobre a importância do escutar o sujeito, os sujeitos do lugar, entrelaçados às tramas turístico-comunicacionais que envolvem cada lugar, para que possam, através das conversações, sinalizar caminhos a serem seguidos, respeitando os limites e a essência dos lugares. Aproximação estabelecida pela Comunicação *Corpoiesis* em São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Nesse pensar, holístico e ecossistêmico, espero que mais pesquisadores se interessem em ampliar a pesquisa e aplicar em outras localidades (pequenas, médias ou grandes), podendo abordar e aprofundar outros aspectos, que sejam relevantes para pesquisar cada lugar/cidade.

Finalizo trazendo que, ao vislumbrar o entardecer, nesse caminho percorrido, a Comunicação *Corpoiesis* ensina para o Turismo que, faz-se fundamental que tenhamos atenção para os grandes questionamentos do processo teórico de desenvolvimento do Turismo. Igualmente, é importante que no Turismo sejam repensados o seu modo de produção e o seu modo de desenvolvimento, nos mais diferentes lugares. Desse modo, não se trata de requerer transformações para viver o

futuro do Turismo, mas para pensar na *sobrevivência* de sujeitos e lugares, em sentido amplo, trata-se da preservação da vida.

Pessoas estão sempre em movimento, afetam e são afetadas por outras pessoas e pelo meio a todo instante. Dessa forma, são capazes de alterar os modos de viver e interagir. E nessa capacidade de alterar modos de vida, respeitando os lugares e as relações estabelecidas entre as pessoas, com amor, com respeito, com ética, está a Comunicação *Corpoiesis*. A Comunicação *Corpoiesis*, como já evidenciado, é capaz de produzir conhecimento novo, novas percepções e olhares, mais amorosos; também, é capaz de fazer rever e repensar atitudes e ações: na comunicação, nas expressividades do corpo, nas relações e no âmbito profissional. E, com isso, ao buscar se conhecer melhor, expressando-se com soltura e leveza, ao conhecer mais o outro, através de uma convivência relacional/afetiva, ao entender e respeitar as nuances que envolvem o meio ambiente, e ao conhecer o lugar/cidade/espço em que se vive e convive, é capaz de proporcionar enriquecimento tanto pessoal quanto profissional para as pessoas.

Presumo que é com esse olhar, com esse outro olhar, que é a Comunicação *Corpoiesis*, entrelaçada às Tramas Turístico-Comunicacionais que, se poderá ter um novo Turismo. A proposição de um novo Turismo tem que passar pelo reconhecimento de que há uma conformação de um corpo, um corpo que existe em associação e que tem os seus liames, os seus enlaces e que pode ser potencializado ou despotencializado. O turismo tradicional tem despotencializado destinações turísticas, relações entre sujeitos e lugares. Desse modo, entende-se que, na lógica da comunicação-trama e do avesso do Turismo, fica evidente o caminho para a *sobrevivência*. E mais, para além da *sobrevivência*, é possível pensar 'sobre(viver)' a vida. Há nessa lógica, uma atenção a diversos aspectos, há o pensar numa escuta do morador, uma escuta do ambiente, para ver o que o local apresenta de belezas e particularidades e o que pode trazer de benefícios para o lugar, de tal modo que ele possa, dessa maneira, natural e espontaneamente se mostrar ao turismo. Há uma trama de relações que se forma, nesse ínterim, entre moradores, entre gestão pública e entre empresas, que, em cooperação, em conexão, entrelaçados, irão levar a um desenvolvimento pautado na responsabilidade, na ética do cuidado e da relação.

Há, com isso, a urgência de alterar olhares e percepções, de transversalizar o 'com-versar' pela dimensão ética, com responsabilidade e com respeito ao lugar.

Nisso está incluída a proposição do avesso, que vai na contramão do capitalismo, da massificação dos lugares e da produção artificial de Turismo.

É esse avesso que estou propondo na tese, discutindo as Tramas Turístico-Comunicacionais de São Luiz Gonzaga que, em se tratando de turismo, não é exuberante em termos quantitativos, mas que tem uma enorme potencialidade, como destino a ser visitado. E isso não diz respeito somente a São Luiz Gonzaga. A ênfase no avesso abarca todas as possibilidades de lugares, pequenos, médios ou grandes, nacionais ou internacionais, com potencial de desenvolvimento, mas que devem ser pensados segundo a lógica amorosa do avesso do Turismo, para que o desenvolvimento do turismo seja gerador de alegria, bem-estar, ampliação de recursos, mas sobretudo de valorização da vida e das relações entre sujeitos e lugares.

A Comunicação *Corpoiesis* demonstrou para São Luiz Gonzaga que, ela é capaz de acionar e potencializar, bem como, contribuir para o bem-estar e o desenvolvimento de excelentes condições de vida. E entendo que isso só pode acontecer, o desenvolvimento e o bem-estar das cidades, se houver um alinhamento de respeito ao ecossistema e às pessoas do lugar. Saliento também, que toda e qualquer ação, no Turismo, na Educação, na Comunicação, na vida, precisa ser para gerar bem-estar e qualidade de vida para as populações. E isso, por si só, pode promover não só geração de renda, com a vinda de mais visitantes, mas pode gerar economia para as prefeituras. Assim, através da harmonia entre os lugares, a fraternidade entre as pessoas e a cooperação entre os diferentes territórios, será possível ocorrer uma união para que os visitantes/turistas possam circular de uma cidade para outra, possam compreender a singularidade dessas cidades.

Acredito que, na Comunicação *Corpoiesis*, a comunicação e o turismo são capazes de transformar o sujeito que se entrega à experiência, vivenciando, sentindo, experimentando, saboreando as relações e o lugar. Assim, o provocar dessas sensações, únicas e exclusivas, das pessoas e dos costumes do ambiente, torna possível que uma espécie de alteração de visão seja causada, entrelaçando-se ao antigo sujeito que irá produzir uma metamorfose no pensar e no agir, (auto)transpoietizar sujeitos e lugares.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Beatriz. Mesopotâmia: saiba tudo sobre esse berço da civilização humana! **Stoodi**, 24 ago. 2018. Disponível em:

<https://www.stoodi.com.br/blog/2018/08/24/mesopotamia/>

Acesso em: 25 fev. 2020.

ACONTECIMENTOS que marcaram a primeira década do século XXI. **G1 – Globo.com**, 2009. Disponível em:

[http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1428190-5602,00-](http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1428190-5602,00-ACONTECIMENTOS+QUE+MARCARAM+A+PRIMEIRA+DECADA+DO+SECULO+XXI.html)

[ACONTECIMENTOS+QUE+MARCARAM+A+PRIMEIRA+DECADA+DO+SECULO+XXI.html](http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1428190-5602,00-ACONTECIMENTOS+QUE+MARCARAM+A+PRIMEIRA+DECADA+DO+SECULO+XXI.html)

Acesso em: 13 fev. 2020.

AGENCIAMENTOS. Suely Rolnik - À escuta de futuros em germes. YouTube, 20 jul. 2020. (1h22min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TEjhX8Aqgnk>

Acesso em: 25 ago. 2020.

AGENDA 2030. **Nações Unidas Brasil**, 2015. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>

Acesso em: 22 fev. 2020.

ALMEIDA, Camila. Os 10 fatos mais marcantes de 2015. **Super interessante**, 2015.

Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/os-10-fatos-mais-marcantes-de-2015/>

Acesso em: 19 fev. 2020.

ALONSO, Kátia Morosov; SILVA, Danilo Garcia da; SILVEIRA; Maria Cristina da; STROBEL. Mabel Moreira. Diálogos possíveis: Entre a autopoiesis e as tecnologias da inteligência. **Educação & Sociedade**, Campinas/SP, v. 33, n. 121, p. 1073-1087, out./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n121/a09v33n121.pdf>

Acesso em: 17 abr. 2020.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Goiânia, GO:

EDUCAR, 2004. 64 p. ISBN 85-87507-42-7.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 12 ed. São Paulo:

Papirus, 2010. 140 p. ISBN 8530805895.

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. 14. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. 93 p.

ISBN 9788530805906.

ANDRADE, Claudia Castro de. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. **Griot – Revista de Filosofia**, Amargosa, BA, v. 6, n. 2, p. 98-121, 14 dez. 2012. DOI:

<https://doi.org/10.31977/grifi.v6i2.538>. Disponível em:

<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/538/259>

Acesso em: 5 ago. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 120 p. ISBN 9788535925548.

ANDRES, Leda Wesz; VENTURINI, Sérgio. Quando cada tostão podia virar um milhão. *In*: NASCIMENTO, Anna Olívia do. AVILA, Ivone. (Orgs.). **Presença** / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. São Luiz Gonzaga, RS: A Notícia, 2006. p. (103-133). 184 p. ISBN 9788575370797.

ARAÚJO, Miguel Almir Lima de. **Dos sentidos do amor**. Salvador: EDUFBA, 2016. 140 p. ISBN-13 978-8523215057.

ATRAÇÕES do natal luz das missões virtual continuam neste domingo. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2020. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/natal-luz/53656-atraco-es-do-natal-luz-das-missoes-virtual-continuum-neste-domingo>  
Acesso em: 5 dez. 2020.

ÁVILA, Newton Fernandes de. **Relações: Meios e entre-meios**. O corpo como sujeito-objeto no processo de comunicação. 78 f. Monografia (Graduação em Comunicação – Relações Públicas) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2012.

ÁVILA, Newton Fernandes de. **Dança circular e hospitalidade: um corpo que se expressa e acolhe com amorosidade**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3548/Dissertacao%20Newton%20Fernandes%20de%20%c3%81vila.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 26 fev. 2020.

ÁVILA, Newton Fernandes de; FLORES, Silvana Padilha. A (re) construção do homem no convívio social e organizacional: da complexidade à quebra de paradigmas. **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Intercom Sul**, 16, jun. 2015, Joinville, SC. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0072-1.pdf>  
Acesso em: 26 fev. 2020.

ÁVILA, Newton Fernandes de; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Operação 'sobre viventes!' - Entrelaçamentos de amorosidade, autopoiese e comunicação-trama, em 'tempos de casa', decorrentes da Pandemia Covid-19. **Rosa dos Ventos, Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 3 - Especial Covid-19, p. 1-24, jul./set. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v12i3a17>. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/8650>  
Acesso em: 26 jul. 2022.

AZEVEDO, Lívia Godinho Nery Gomes. Ética da alegria e do encontro: Elucidações espinosanas e perspectivas psicodramáticas. **Psicodrama**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 78-85, jun. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v25n1/v25n1a09.pdf>  
Acesso em: 1 jun. 2020.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Comunicação, mídia e cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 12, n.4, p. 11-16, 1998. Disponível em: [https://www.academia.edu/3997267/COMUNICA%C3%87%C3%83O\\_M%C3%8DDI\\_A\\_E\\_CULTURA](https://www.academia.edu/3997267/COMUNICA%C3%87%C3%83O_M%C3%8DDI_A_E_CULTURA)  
Acesso em: 27 fev. 2020.

BAITELLO JUNIOR, Norval. As Quatro Devorações. Iconofagia e Antropofagia na Comunicação e na Cultura. 2002. *In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Compós*, 11., 2002. **Anais [...]** Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_735.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_735.pdf)  
Acesso em: 20 jan. 2020.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjetiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Hospitalidade**, v. 5, n. 2, p. 5-14, 10 dez. 2008. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/150>  
Acesso em: 27 fev. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação: Trama de Desejos e Espelhos**. Canoas, RS: Ulbra, 1996. 180 p. ISBN 8585692170.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**. Um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. 440. f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/infotec/teses97-99/baptista-usp98.htm>  
Acesso em: 20 abr. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação, Amorosidade e Autopoiese**. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Intercom Sul, 27, ago./set. 2004, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>  
Acesso em 3 mar. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Emoção e Subjetividade na Paixão-Pesquisa em Comunicação. Desafios e Perspectivas Metodológicas. *In: II Seminário de Ciências da Comunicação*, 2010.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade comunicacional no turismo: dispositivo para hospitalidade em tempos de complexidade. *In: SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). Laços Sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014a. p. (33-48). 1 ed. 280 p. ISBN 978-85-7061-737-8.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, RS, v. 6, n. 3, p. 342-355, jul./set. 2014b.

Disponível em:

[http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf\\_273](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273)

Acesso em: 5 jan. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Caosmose, desterritorialização e amorosidade na comunicação. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. v. 2, n. 4, p. 1-8, jul./dez. 2014c. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9625/PDF>

Acesso em: 20 jan. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amor, Turismo e Responsabilidade Social (Conferência Magistral). Universidade da Coruña – Espanha. *In: I Congresso Iberoamericano de Turismo y Responsabilidad Social (CITuRS)*, 2016.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Matrizes Rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo. *In: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, ANPTUR, 14, Balneário Camoriú, SC, Brasil, 2017. Anais [...]*. Disponível em:

<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/14/841.pdf>

Acesso em: 6 jul. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica. **Projeto de Pesquisa**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2018.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Afetivações, amorosidade e autopoiese: sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. *In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana. (Orgs.). Narrativas midiáticas contemporâneas: sujeitos, corpos e lugares*. Santa Cruz do Sul/RS: Catarse, 2019. p. (59-78). 296 p. ISBN 978-85-69563-40-2.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “Amar la trama más que el desenlace!” Reflexões sobre as proposições Trama Ecossistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. **Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, jan./jun. 2020a. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18989/12720>

Acesso em: 4 mai. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Trama de ‘floresceres’ no ensino da ciência. Percursos orientados por entrelaços de amorosidade, confiança e alegria, em processos autopoieticos de ensino e produção da ciência. **RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 15, n. 3, p. 1322-1342, jul./set., 2020b. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3.13623>. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13623>

Acesso em: 27 jun. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Encontros caóticos Amorcomtur! A potência autopoietica de ‘Com-vers(ares)’ Alegres na Pesquisa em Turismo, Comunicação e



suas transversalidades. *In*: SILVEIRA; Éderson Luís; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. (Orgs). **Educação e Ciências Humanas: Reflexões entre desconfianças, a utilidade do inútil e a potência dos saberes**. Vol. 2. E-book (573 p.). ISBN 978-65-87645-43-8. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2020c. p. 366-380. Disponível em:

<https://ebookspedroejoaoeditores.files.wordpress.com/2020/08/ebookvol.-2ciecc82ncias-humanas-1.pdf>

Acesso em: 15 ago. 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. 'Stamos em Pleno Mar'! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 7-22, 2020d. DOI:

10.26512/revistacenario.v8i15.32698. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32698>

Acesso em: 6 jul. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. O avesso do Turismo como proposição de sinalizadores para o futuro. Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. *In*: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, ANPTUR, 17, Webseminário, Brasil, 2020e. **Anais [...]** Caxias do Sul, RS. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/17/1956.pdf>

Acesso em: 6 jul. 2021.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro: Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 258–271, 2021. DOI: 10.26512/revistacenario.v9i3.34894. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/34894>

Acesso em: 2 jun. 2023.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Usina Amorcomtur! Ecossistemas turísticos e Ciência Contemporânea - Proposição de estratégias metodológicas complexas, ecosófica e holísticas, envolvendo dinâmicas operacionais qualitativas, pautadas por amorosidade, autopoiese e responsabilidade ecossistêmica. **Projeto de Pesquisa**. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2022a.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. (Auto)Transpoiese em Narrativas de Viagens. *In*: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PASSOS, Matheus Yuri. (Orgs.). **Narrativas de viagem 2: percursos que transformam** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2022b. p. (257-271). 288 p. ISBN 978-85-69563-51-8.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 1, p.24-34, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>

Acesso em: 21 abr. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2016. 279 p. ISBN 9788562938047.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. Do discurso da Ciência do Turismo para a Ciência do Turismo. **Turismo & Desenvolvimento**, Portugal, n. 25, p. 9-30, 2016. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/5963/4610>  
Acesso em: 10 fev. 2020.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do Turismo. **Turismo – Visão e Ação**, Itajaí, SC, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017. DOI: 10.14210/rtva.v19n3.p430-457. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/11662/6706>  
Acesso em: 10 fev. 2020.

BERNARDO, Joice dos Santos. **Trama de marcas turístico-comunicacionais no processo dedesterritorialização desejanste de sujeito ‘entre mundos’**. 234 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10215/Disserta%  
%a3o%20Joice%20dos%20Santos%20Bernardo.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/10215/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Joice%20dos%20Santos%20Bernardo.pdf?sequence=1&isAllowed=y)  
Acesso em: 5 fev. 2023.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. 199 p. ISBN-13 978-8532632128.

BOLETIM epidemiológico – 24 de novembro de 2020. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2020. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-saude/53463-boletim-epidemiologico-%E2%80%93-24-de-novembro-de-2020>  
Acesso em: 25 nov. 2020.

BORGES, Hélia. Imagem-acontecimento, o saber-do-corpo e o psicanalismo. **Polêmica**, v. 15, n. 2, p. 15-24, jul./ago./set. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/17955/13297>  
Acesso em: 22 mai. 2022.

BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003. 168 p. ISBN 8574601845.

BRASIL registra 1.024 mortes por Covid-19 nas últimas 24 horas. **CNN Brasil.com.br**, 18 mai. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/09/brasil-registra-1024-mortes-por-covid-19-nas-ultimas-24-horas>  
Acesso em: 25 mai. 2021.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2009. 137 p. ISBN 978-85-88208-16-2.

CANAL Curta! Chico Cesar comenta sobre seu novo álbum "O Amor É Um Ato Revolucionário". **Youtube**, 17 dez. 2019. (4m39s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IM2C3LOTAmk>  
Acesso em: 2 mar. 2020.

CAPITAL Estadual da Música Missioneira. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/794-capital-estadual-da-musica-missioneira>  
Acesso em: 25 jan. 2020.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**. A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente. 27 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2007. 447 p. ISBN 9788531603099.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 1 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2012. 256 p. ISBN-13 978-8531605567.

CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**. Uma concepção unificada e suas implicações políticas, sociais e econômicas. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 2014. 616 p. ISBN-13 978-8531612916.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. 74 p. ISBN 978-85-7506-143-5.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales; SÁ, Geraldo Mateus de. As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Revista Eletrônica Metávoia** – Universidade Federal de São João Del-Rei, n. 14, 2012. Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4\\_GERALDO\\_CONFERIDO.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf)  
Acesso em: 10 jan. 2020.

CATELAN, Ivete Maria. A imigração italiana no Rio Grande do Sul: a expansão de seus descendentes nas Missões. *In*: **Fragmento**: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. NASCIMENTO, Anna Olímpia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (42-58).

CENTRO Esportivo Expedicionário Cícero Cavalheiro. **Portal das Missões**, 2019. Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/imagens/view/id/12/centro-esportivo-expedicionario-cicero-cavalheiro-.html>  
Acesso em: 15 out. 2019.

CHANLAT, Jean-François; TORRES, Ofélia de Lanna Sette. **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1993. 208 p. ISBN 8522409641.

CHEIBUB, Bernardo Lazary. A História das Práticas Turísticas no Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc-SP). **Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**,

Caxias do Sul, RS, v. 6, n. 2, p. 247-260, abr./jun. 2014. Disponível em: [http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2638/pdf\\_264](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2638/pdf_264)  
Acesso em: 5 fev. 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 8 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. 608 p. ISBN 9788535246711.

COBRA, Nuno. **A semente da vitória**. 104 ed. São Paulo: Editora Senac, 2017. 224 p. ISBN-13 978-8539606542.

CODO, Wanderley; SENNE, Wilson Alves. **O que é corpo(latria)**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 88 p. ISBN 9788511011555.

COIMBRA, Vânia Maria; MORAES, Pâmela Andrade de. Casa do Poeta – POEBRAS/SLG: A luta para a construção de um espaço cultural nos Sete Povos das Missões. 2016. In: 2º Encontro Missionário de Estudos Interdisciplinares em Cultura (Emicult), 2, 2016. **Anais [...]** São Luiz Gonzaga, RS. Disponível em: <http://omicult.org/emicult/anais/wp-content/uploads/2016/10/CASA-DO-POETA-%E2%80%93-POEBRAS-SLG-A-LUTA-PARA-A-CONSTRU%C3%87%C3%83O-DE-UM-ESPA%C3%87O-CULTURAL-NOS-SETE-POVOS-DAS-MISS%C3%95ES-2.pdf>  
Acesso em: 28 jul. 2022.

COIMBRA, Vinicius. Pandemia completa três anos com 699 mil mortes e 37 milhões de casos no Brasil. **GZH**, 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/noticia/2023/03/pandemia-completa-tres-anos-com-699-mil-mortes-e-37-milhoes-de-casos-no-brasil-clf1gkxjt008u017y61154ui8.html>  
Acesso em: 2 abr. 2023.

COLFERAI, Sandro Adalberto. **Um jeito amazônida de ser mundo**. A Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. 2014. 228 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5138/2/Tese%20-%20Sandro%20Adalberto.pdf>  
Acesso em: 21 jun. 2021.

CORRÊA, Evandro Milton. Acontecimentos do século XXI. **Web Artigos**, 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/acontecimentos-do-seculo-xxi/31276>  
Acesso em 13 fev. 2020.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. 5 ed. São Paulo: Summus, 1989. 133 p. ISBN 8532303528.

CREMA, Roberto. Inteligência integral – o desafio transdisciplinar. **Transdisciplinar**, São Paulo, v. 1, ano 1, n. 1, p. 7-10, jan. 2013. Disponível em: <http://revistatransdisciplinar.com.br/wp-content/uploads/2018/01/1.-Intelig%C3%Aancia-integral-%E2%80%93-o-desafio-transdisciplinar.pdf>

Acesso em 5 abr. 2021.

CREMA, Roberto. Inteligência integral: O desafio transdisciplinar. **Roberto Crema**, 2020. Disponível em: <https://robertocrema.com.br/inteligencia-integral-o-desafio-transdisciplinar/>

Acesso em: 25 jan. 2021.

CUMONT, Franz. **Os mistérios de Mitra**. 1 ed. São Paulo: Madras, 2004. 152 p. ISBN-13 978-8573747669

DADOS MUNDIAIS. Altura média na comparação mundial. **Dados Mundiais**, 2022. Disponível em: <https://www.dadosmundiais.com/altura-media.php>

Acesso em: 19 fev. 2022.

DECARLI, Cecília; FRAGA, Cristiano da Cruz. Amorismo: análise de perfis docentes e práticas pedagógicas envolvendo afeto, por docentes de diferentes níveis de ensino. **Competência**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 14-22, jul. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24936/2177-4986.v12n2.2019.672>. Disponível em:

<http://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/672/392>

Acesso em: 2 mar. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 128 p. ISBN 8585490659.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 560 p. ISBN-13 978-8573264463.

DE MASI, Domenico. **Criatividade e Grupos Criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 795 p. ISBN 8575420925.

DESEFRUTANDO a vida. Documentário audiovisual - O minimalismo como alternativa na sociedade de consumo. **Youtube**, 17 dez. 2018. (21m38s). Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=GtZ28H9-q\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=GtZ28H9-q_I)

Acesso em: 8 fev. 2021.

DEZ fatos que marcaram o ano de 2013. **Opinião & Notícia**, 2013. Disponível em: <http://opiniaoenoticia.com.br/noticia/dez-fatos-que-marcaram-o-ano-de-2013/>

Acesso em: 19 fev. 2020.

DORNELES, Larissa. Aprovada a criação da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2018. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/setor-de-turismo/34367-aprovada-a-criacao-da-secretaria-municipal-de-turismo-e-cultura>

Acesso em: 27 jan. 2020.

DORNELES, Larissa. Marli Miranda de Oliveira é a nova titular da Secretaria de Turismo e Cultura. **Rádio Missioneira Online**, 2020. Disponível em:

<https://www.radiomissioneira.com/marli-miranda-de-oliveira-e-a-nova-titular-da-secretaria-de-turismo-e-cultura/>

Acesso em: 15 abr. 2020.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1975. 282 p. ISBN 9788527301206.

EME, Jennifer Bauer. **'Quem não vive do mar, vive de quê?'** Sinalizadores de 'repuxo' do turismo em Torres/RS, a partir de 'com-versações' com moradores. 161 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9986/Disserta%  
a3o%20Jennifer%20Bauer%20Eme.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/9986/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Jennifer%20Bauer%20Eme.pdf?sequence=1&isAllowed=y)  
Acesso em: 5 fev. 2023.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. 1 ed. São Paulo: Edusp, 2015. 600 p. ISBN-13 978-8531415524.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. 1 ed. São Paulo: Elefante, 2019. 464 p. ISBN-13 978-8593115035.

FIGUEIREDO, Dannel. Retrospectiva Politize: Janeiro 2020. **Politize!**, 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/retrospectiva-janeiro-2020/>  
Acesso em: 19 fev. 2020.

FÓRUM de Ciência e Cultura da UFRJ. 10/10 - Conversa com Ailton Krenak e Suely Rolnik. **YouTube**, 11 de outubro, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k5SP0GHjWfw>  
Acesso em: 17 jul. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004. 236 p. ISBN 8521803443.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42 ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2014. 292 p. ISBN-13 978-8532605085.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 74 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019. 144 p. ISBN-13 978-8577534098.

GALLINA, Elisabete Patrícia. **A expressividade dos acadêmicos de educação física que cursam a disciplina de metodologia do ensino da dança escolar**. 96 f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13808/000655455.pdf?sequence=1>  
Acesso em: 20 mai. 2022.

GASTAL, Susana de Araújo. Correio Aéreo e aviação civil: Os primeiros passos da Varig. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 185-211, out. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/15835/10478>  
Acesso em: 10 ago. 2020.

GASTAL, Susana de Araújo; MOESCH, Marutschka, (Org.). **Um outro turismo é possível**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. 156 p. ISBN 8572442642.

GIACOMELLI, Maria Rita Dutra. Revisitando o passado ao som das serenatas em São Luiz Gonzaga. *In: Fragmento*: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (112-135).

GOMES, José. **História de São Luiz Gonzaga**. São Luiz Gonzaga, RS: Editora Ivar, 1981.

GREINER, Christiane. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005. 150 p. ISBN 9788574194868.

GRINOVER, Lucio. **A Hospitalidade, a Cidade e o Turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. 191 p. ISBN 9788576750271.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e poder**: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina. 10 ed. São Paulo: Vozes, 1994. 88 p. ISBN 8532604277.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 1992. 2012. 192 p. ISBN-13 978-8585490010.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 328 p. ISBN-13 978-8532610393.

HANSEN, Fabiana Cristina. A sensibilidade na mediação de conflitos escolares. *In: Fragmento*: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (29-41).

HINO de São Luiz Gonzaga. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/718-hino-de-sao-luiz-gonzaga>  
Acesso em: 27 jan. 2020.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 22.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: LTC, 2010. 316 p. ISBN-13 978-8521617341.

IBGE. **São Luiz Gonzaga**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-luiz-gonzaga/panorama>  
Acesso em: 15 mai. 2023.

JAYME Caetano Braun Mobiliza Tradicionalistas e Autoridades. **Portal das Missões**, 2016. Disponível em: <https://www.portaldasmissoes.com.br/noticias/view/id/806/jayme-caetano-braun-mobiliza-tradicionalistas-e-au.html>  
Acesso em: 15 out. 2019.

JORNAL Grande Bahia. Boaventura Sousa Santos aborda conceitos fundamentais das ciências sociais e novos paradigmas. **Youtube**. 2017. (1h31m46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X4EmPrCIVRE>  
Acesso em: 21 fev. 2020.

KNAPP, Mak L.; HALL, Judith A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. 2 ed. São Paulo: JSN, 1999. 492 p. ISBN 8585985054.

KORSTANJE, Maximiliano E. Problemas y obstáculos en la Investigación científica del Turismo. Conferencia. **III Seminario de Distribucion del Conocimiento**. Universidad Nacional de La Plata. REPOTUR & Ministerio Turismo de La Nación. 11 nov 2014. Disponível em:  
<http://repotur.yvera.gob.ar/bitstream/handle/123456789/4433/INVESTIGACION%20EN%20TURISMO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 20 fev. 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 104 p. ISBN 978-85-326-3327-9.

LEONI, Carlos. **Jammo in Cantina? C que Sabe!** A Italianidade na Gastronomia Paulistana: Marcas de Hospitalidade e Amorosidade. 99 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2017. Disponível em:  
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3564/Dissertacao%20Carlos%20Leoni.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 5 fev. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260 p. ISBN 85-7326-126-9.

LICKORISH, Leonard J.; JENKINS, Carson L. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 317 p. ISBN 8535206884.

LIMA, Dani. Body-Mind Centering – Aprendizagem de um corpo vibrátil. **Rev. Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 345-359, jan./abr. 2020. DOI: 10.12957/riae.2020.45828. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/45828/32183>  
Acesso em: 10 ago. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009. 371 p. ISBN 9788520442340.

LIMA, Renato dos Santos. **Turismo, Hospitalidade e Amorosidade**: os sujeitos-devotos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará. 197 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2017. Disponível em:  
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3336/Dissertacao%20Renato%20dos%20Santos%20Lima.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 5 fev. 2023.



LIMA, Katia de Oliveira; MONTEIRO, Gilson Vieira. Epistemologia Ecológica e Interdisciplinaridade: uma parceria necessária ao ensino escolar do século XXI. **Interdisciplinaridade. Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade, São Paulo**, n. 12, p. 9-31, abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/interdisciplinaridade/article/view/36782>  
Acesso em: 7 abr. 2022.

LOPES, Ary Portella. **O mapa da mina: Ruas e bairros de São Luiz Gonzaga**. São Luiz Gonzaga, RS: Gráfica A Notícia Ltda., 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 1999. 148 p. ISBN 85-15-00109-8.

LOVELOCK, James. **As eras de Gaia: a biografia da nossa Terra viva**. 1 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991. 236 p. ISBN-13 978-8570016874.

LUCAS, Clara de Lima. Entre a memória e a história cultural da Praça da Matriz: um discurso a muitas vozes. *In*: NASCIMENTO, Anna Olívia do. AVILA, Ivone. (Orgs.). **Presença** / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. São Luiz Gonzaga, RS: A Notícia, 2006. p. (19-70).

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995. 168 p. ISBN 8585418443.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis: Vozes, 1996. 350 p. ISBN 8532616755.

MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira. A formação de sentidos subjetivos potencializadores da amorosidade no espaço educacional. **EccoS**, n. 27, p. 145-162, jan./abr. 2012. DOI: 10.5585/EccoS.n27.2381. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/index.php?journal=eccos&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=2381&path%5B%5D=2258>  
Acesso em: 18 fev. 2022.

MAGNUS, Lucas Dorneles. Aspectos da evolução urbana de São Luiz Gonzaga: uma periodização possível, e sua implicação no reconhecimento do patrimônio. *In*: **Fragmento: artigos, crônicas e ensaios** / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (87-111).

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2001. 174 p. ISBN-13 978-8586179242.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação do sensível**. São Paulo: ECA-USP, 2019. 218 p. ISBN 978-85-7205-254-2.

MARTINO, Luiz Claudio; FRANÇA, Vera Veiga; HOHLFELDT, Antônio. (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 312 p. ISBN 9788532626158.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2009. 227 p. ISBN 9788515017706.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. 103 p. ISBN 8570411529.

MATURANA, Humberto R. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 203 p. ISBN 8570412495.

MATURANA, Humberto R.; D'ÁVILA, Ximena. **Habitar Humano** – em seis ensaios de biologia-cultural. 2 ed. São Paulo: SP: Palas Athena, 2009. 320 p. ISBN 9788560804092.

MATURANA, Humberto R.; D'ÁVILA, Ximena. **El Arbor Del Vivir**. Santiago, Chile: MVP Editores - Escuela Matriztica, 2015. 881 p. ISBN 9789569133077.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. G. **De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1997. 197 p. ISBN 8573073020.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. G. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. 9. ed. São Paulo: Palas Athena, 2011. 283 p. ISBN 9788572420327.

MAX-NEFF, Manfred A. **Desarrollo a escala humana: conceptos, aplicaciones y algunas reflexiones**. 1 ed. Montevideo: Icaria, 1993. 152 p. ISBN-13 978-8474262179.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2001. 408 p. ISBN 8531602580.

MEDINA, Cremilda; GRECO, Milton. (Orgs.). **Planeta inquieto: direito ao século XXI**. São Paulo: ECA-USP, 1998. 340 p. ISBN-13 978-8574749365.

MELO, Camila Carvalho de. **Caminhada noturna do turismo: tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4664/Dissertacao%20Camila%20Carvalho%20de%20Melo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 5 fev. 2023.

MELO, Francisco Vicente Sales; FARIAS, Salomão Alencar de. Sustainability communication and its effect in consumer intention to visit a tourist destination. **Tourism & Management Studies**, v. 14, n. 2, p. 36-44, 2018. DOI: 10.18089/tms.2018.14204. Disponível em:

[http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/view/1006/pdf\\_97](http://tmstudies.net/index.php/ectms/article/view/1006/pdf_97)  
Acesso em: 14 set. 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 4.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. 662 p. ISBN 9788578271169.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD. **Revista África e Africanidades**, ano I, n. 4, p. 1-19, fev./2009. Disponível em: [http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A\\_organizacao\\_do\\_etnoconhecimento.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/A_organizacao_do_etnoconhecimento.pdf)  
Acesso em: 26. Jul. 2022.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele**. 10 ed. [Tradução: Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1988. 427 p. ISBN 9788532303080.

MONTEIRO, Gilson Vieira. Mídias digitais e as tecnologias da sobrevivência. **Paulus**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 109-121, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.31657/rcp.v1i1.13>. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/13/13>  
Acesso em: 7 abr. 2020.

MONTEIRO, Gilson Vieira; COLFERAI, Sandro Adalberto. Por uma pesquisa amazônica: provocações para novos olhares. *In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Orgs.). Comunicação Midiatizada na e da Amazônia*. Belém: FADESP, v.2, 2011. p. (33-48).

MORAIS, Kelvin de. Secretaria de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga lança projeto para resgatar história da Estação Férrea. **Rádio São Luiz** [Versão Online], 13 jul. 2020. Disponível em: <https://radiosaoluiz.com/2020/07/13/secretaria-de-turismo-e-cultura-de-sao-luiz-gonzaga-lanca-projeto-para-resgatar-historia-da-estacao-ferrea/>  
Acesso em: 14 jul. 2020.

MORAIS, Marisete de Mattos. SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. Remanescentes da cultura negra em São Luiz Gonzaga: trajetória e memórias do Clube Recreativo Imperatriz. *In: Fragmento: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga*. NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (136-154).

MOREIRA, Marco Antonio. A Epistemologia de Maturana. **Ciência & Educação**, Bauru, SP, v. 10, n. 3, p. 597-606, dez. 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132004000300020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v10n3/20.pdf>  
Acesso em: 10 jul. 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3 ed. São Paulo: Instituto Piaget, 2001. 177 p. ISBN 9728245823.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2004. 118 p. ISBN 852490741X.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 20 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 128 p. ISBN 9788528607642.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 350 p. ISBN 9788528605792.

MORTES por Covid-19 no mundo podem ser o dobro do estimado, segundo estudo. **CNN BRASIL.com.br**, 8 mai. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/08/mortes-por-covid-19-no-mundo-podem-ser-o-dobro-do-estimado-segundo-estudo>  
Acesso em: 25 mai. 2021.

MOSTRA da Arte Missioneira será no aniversário de São Luiz Gonzaga. **Rádio Missioneira Online**, 2016. Disponível em: <https://www.radiomissioneira.com/mostra-da-arte-missioneira-sera-no-aniversario-de-sao-luiz-gonzaga/>  
Acesso em: 25 jan. 2020.

MUNICÍPIO registra a 16ª morte em decorrência da COVID-19. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2021. Disponível em: <https://saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-saude/54312-municipio-registra-a-16-morte-em-decorrencia-da-covid-19>  
Acesso em: 7 jan. 2021.

MUSEU Arqueológico. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/790-museu-arqueologico>  
Acesso em: 26 jan. 2020.

NASCIMENTO, Anna Olívia do.; OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). **Fragmento: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga**. São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017.

NASCIMENTO, Anna Olívia do.; OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). **Imagens missioneiras: testemunhas da história / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga**. São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2018.

NASCIMENTO, Eliane; SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. CORPO-ESPAÇO CIDADE-CORPO. Possibilidades de urbanografias na cidade habitada. *Pixo*, n.2, v.1, p. 22-33, inverno de 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/438/398>  
Acesso em: 12 abr. 2022.

NÓBREGA, Teresinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/06.pdf>  
Acesso em: 26 jan. 2022.

NOSCHANG, Juliane. **O modelo teórico SISTUR diante da complexidade do fenômeno turístico**. 2014. 182 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/16494>  
Acesso em: 2 abr. 2023.

NOVAES, Adauto (Org). **O homem-máquina** - A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras. 2003. 370 p. ISBN 8535904069.

NOVOS casos de COVID-19 são registrados no município. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2020. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-saude/51799-novos-casos-de-covid-19-sao-registrados-no-municipio>  
Acesso em: 27 jul. 2020.

NUNES, Camila Xavier. **Geografias do corpo**: por uma geografia da diferença. 2014. 261 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94741/000916424.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 19 fev. 2021.

NUNES, Camila Xavier; REGO, Nelson. As geografias do corpo e a educação (do) sensível no ensino da geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 1, n. 1, p. 186-107, 2011. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/17/15>  
Acesso em: 3 fev. 2022.

O AMOR é um ato revolucionário. **Chico César**, 2019. Disponível em: <https://www.chicocesar.com.br/index.php/release/o-amor-e-um-ato-revolucionario/>  
Acesso em: 2 mar. 2020.

OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Org.). **Uma jornada de emoções** – A história do INSA em São Luiz. Porto Alegre/São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro/Gráfica A Notícia, 2019.

O MUNDO em 2010: os principais fatos do ano. **Correio do Povo**, 2010. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/mundo/o-mundo-em-2010-os-principais-fatos-do-ano-1.50475>  
Acesso em: 19 fev. 2020.

OS PRINCIPAIS acontecimentos de 2011. **Revista Exame** [Online], 2011. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/mundo/os-principais-acontecimentos-de-2011/>  
Acesso em 19 fev. 2020.

PAIXÃO, Dario Luiz Dias. Thermae et Ludes: o início do turismo de saúde no Brasil e no mundo. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.18, n. 2, p. 133-147, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/62594/65382>  
Acesso em: 11 fev. 2020.

PANAZZOLO, Flavia de Brito. Turismo de Massa: Um breve resgate histórico e a sua importância no contexto atual. *In*: III Seminário em Pesquisa de Turismo do MERCOSUL, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2005. **Anais [...]**. Disponível em: <https://fd9204dd-57fc-46c8-83aa-https://www.ucs.br/site/pos-graduacao/formacao-stricto-sensu/turismo-e-hospitalidade/eventos-e-anais/iii-semintur/> Acesso em: 2 abr. 2023.

PARQUE Centenário. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/795-parque-centenario> Acesso em: 26 jan. 2020.

PATZDORF, Danilo. Artista-educa-dor: A somatopolítica neoliberal e a crise da sensibilidade do corpo ocidental. **Urdimento**, Florianópolis, v. 1, n. 40, p. 1-28. mar./abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/1414573101402021e0101>. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/19373/12802> Acesso em: 5 fev. 2022.

PELLANDA, Nize Maria Campos. Conversações: modelo cibernético da construção do conhecimento/realidade. **Educ. Soc. [online]**, v. 24, n. 85, p. 1377-1388, dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v24n85/a14v2485.pdf> Acesso em: 30 jul. 2020.

PERAZZOLO, Olga Araújo; PEREIRA, Siloe; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. Acolhimento e desenvolvimento socioturístico: para uma psicopedagogia do laço social. *In*: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, ANPTUR, 10, 2013. **Anais [...]** Caxias do Sul, RS. Disponível em: [https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[68\]x\\_anptur\\_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[68]x_anptur_2013.pdf) Acesso em: 2 mar. 2020.

PEREIRA, Pery Sommer. Ferrovias – Território, Sociedade e Memória. *In*: **Fragmento**: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (172-174).

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. São Paulo: Manole, 2001. 236 p. ISBN 8520411886.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão** (Organização de Maria da Conceição de Almeida e Edgard de Assis Carvalho). 2 ed. rev. e ampl. Belém: EDUEPA, 2009. 112 p. ISBN 978-85-7861-025-8.

PRIMEIRA Cavalgada da Mulher Missioneira acontece em São Luiz Gonzaga neste sábado (7). **G1 – Globo. Com**, 2020. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/primeira-cavalgada-da-mulher-missioneira-acontece-em-sao-luiz-gonzaga-neste-sabado-7/8380869/> Acesso em: 9 mar. 2020.

REALIZAÇÃO anual da Mostra da Arte Missioneira foi oficializada. **Rádio Missioneira Online**, 2013. Disponível em: <https://www.radiomissioneira.com/realizacao-anual-da-mostra-da-arte-missioneira-foi-oficializada/>  
Acesso em: 25 jan. 2020.

REIS, Cecília. Entrevista: Humberto Maturana e a importância do amor. **Casa.com.br**, 2016. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/bem-estar/entrevista-humberto-maturana-e-a-importancia-do-amor/>  
Acesso em: 6 jun. 2020.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Campinas: Papyrus, 1991. 432 p. ISBN 8530801369.

RIO Piratini. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 30 jun. 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/799-rio-piratini>  
Acesso em: 26 jan. 2020.

RODRIGUES, Denise Souza Simões; TEIXEIRA, Elizabeth; OLIVEIRA, Ivanilde; FARES, Josebel; FONSECA, Maria de Jesus. **Cartografia de saberes: abordagem de pesquisa em educação intercultural**. (mimeo). Belém: PPGED UEPA, 2006.

ROLNIK, Suely. “Fale com ele” ou como tratar o corpo vibrátil em coma. **Núcleo de estudos da subjetividade** (PUC/SP). 2003. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/falecomele.pdf>  
Acesso em: 10 ago. 2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2. reimp. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011. 247 p. ISBN 978-85-205-0424-6.

ROSA, Ariane da. O 4º Regimento de Cavalaria Blindado. **Uma importante realidade em São Luiz Gonzaga**. Monografia (Graduação em História). Departamento de Ciências Humanas, URI. Santo Ângelo, RS, 2005. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/707-historia>  
Acesso em: 5 out. 2019.

SABINO, Simone. **O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2012. 240 p. ISBN-13 978-8535629699.

SACHET, Zenaide. **“Tudo é dito por um observador”**. Da *autopoiesis* dos seres vivos à imersão humana na linguagem. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279250/1/Sachet\\_Zenaide\\_M.pdf](http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279250/1/Sachet_Zenaide_M.pdf)  
Acesso em: 17 jul. 2020.

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 289-310, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200003&lng=pt&tlng=pt)  
Acesso em: 3 fev. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. 91 p. ISBN 978-85-249-0952-8.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos. Prática docente na formação do turismólogo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR)**, v. 1, n.1, p. 84-109, set. 2007. DOI: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v1i1.80>. Disponível em: <https://rbtur.org/rbtur/article/view/80/79>  
Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; BAPTISTA, Isabel (Org.). **Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2014. 1 ed. 280 p. ISBN 978-85-7061-737-8.

SÃO Luiz Gonzaga registra primeira morte por coronavírus; em Porto Alegre, dois óbitos são confirmados. **G1 – Globo.com**, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/06/25/sao-luiz-gonzaga-registra-primeira-morte-por-coronavirus-em-porto-alegre-74o-obito-e-confirmado.ghtml>  
Acesso em: 25 jun. 2020.

SÃO Luiz Gonzaga é a capital gaúcha do Arroz Carreteiro. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 13 jul. 2021. Disponível em: [https://saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-turismo-e-cultura/61008-sao-luiz-gonzaga-e-a-capital-gaucha-do-arroz-carreteiro#:~:text=O%20projeto%20de%20lei%20472,estadual%20S%C3%A9rgio%20Turra%20\(Progressistas\)](https://saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/secretaria-de-turismo-e-cultura/61008-sao-luiz-gonzaga-e-a-capital-gaucha-do-arroz-carreteiro#:~:text=O%20projeto%20de%20lei%20472,estadual%20S%C3%A9rgio%20Turra%20(Progressistas)).  
Acesso em: 4 abr. 2023.

SCHMITZ, Anderson Iura Amaral. Do sonho à realidade: a implantação do Centro de Documentação e Memória do Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga. *In: Fragmento: artigos, crônicas e ensaios / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga*. NASCIMENTO, Anna Olívia do.; OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2017. p. (190-205).

SCHMITZ, Anderson Iura Amaral; OLIVEIRA, Lauro Machado de. Imagens Missioneiras: remanescentes da Missão de São Luiz Gonzaga. *In: Imagens missioneiras: testemunhas da história / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga*. NASCIMENTO, Anna Olívia do.; OLIVEIRA, Maria Ivone de Avila. (Orgs.). São Luiz Gonzaga, RS: Martins Livreiro, 2018. p. (7-89).

SIDNEY Brondani e Piti Werle assumem o executivo municipal para a gestão 2021-2024. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 4 jan. 2021. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/noticias/gabinete-do-prefeito/54193->



sidney-brondani-e-piti-werle-assumem-o-executivo-municipal-para-a-gestao-2021-2024

Acesso em: 5 jan. 2021.

SILVA, José Sancho de Sousa e. **A visão holística do turismo e a sua modelação**. 2009. 740 f. Tese (Doutorado em Turismo) - Universidade de Aveiro, Portugal, 2009. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/1853>

Acesso em: 2 abr. 2023.

SIMONINI, Eduardo; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Máquina e realidade: Autopoiese e produção de subjetividade em Félix Guattari. **Psicologia em Estudo**, v. 24, p. 1-13, 2019. DOI: 10.4025/psicolestud.v24i0.45522. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/45522/pdf>

Acesso em: 17 abr. 2020.

SÍTIO Arqueológico de São Lourenço. **Prefeitura Municipal de São Luiz Gonzaga**, 2014. Disponível em: <https://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/site/conteudos/782-sitio-arqueologico-de-sao-lourenco>

Acesso em: 26 jan. 2020.

SOBRE VIVER! Ricardo Trajano. TEDx Centro Universitário Newton Paiva.

**Youtube**. 4 fev. 2020. (19m08s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=pCajQCIXOZ4>

Acesso em: 4 abr. 2023.

SODRÉ, Muniz. Comunicação: um caos criativo. **LOGOS 37**, v. 19, n. 2, 2 sem. 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/5617/4133>

Acesso em 18 jul. 2021.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018. 232 p. ISBN-13 978-8574788517.

STELLO, Vladimir Fernando. **Além das Reduções: A paisagem cultural da Região Missioneira**. 2013. 239 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) -

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/97863>

Acesso em: 9 jan. 2020.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Geografia, ambiente e território. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral, CE, v. 17, n. 3, p. 128-144, dez. 2015.

Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/260>

Acesso em: 16 fev. 2020.

TANNIER, Kankyo. **A Magia do silêncio**. 1 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2018. 160 p. ISBN-13 978-8543106557.

THOMAZI, Mara Regina. **Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional**. 198 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) –

Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4706>  
Acesso em: 5 fev. 2023.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 427 p. ISBN 8532614841.

TONET, Fernando. Transformações autopoieticas e a viragem teórica sistêmica estaminal. **Redes – Revista Eletrônica Direito e Sociedade**, Canoas/RS, v. 2, n. 1, p. 7-18, mai. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18316/1646>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/redes/article/view/1646/1270>  
Acesso em: 3 ago. 2020.

TRINDADE, Wanderson. Relembre os 11 fatos mais marcantes de 2019 no Brasil. **O Povo Online**, 17 dez. 2019. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2019/12/17/relembre-os-11-fatos-mais-marcantes-de-2019-no-brasil.html>  
Acesso em 19 fev. 2020.

TRIXMAXXI. O ponto de mutação – Mind walk. Filme legendado. **Youtube**, 10 mar. 2016. (1h52m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hcr0cDo0UPQ>  
Acesso em: 21 fev. 2020.

TRONCA, Bruna. **Turismo, hospitalidade urbana e acessibilidade: estudo aplicado aos museus municipais de Caxias do Sul - RS**. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) – Universidade de Caxias do Sul, UCS, Caxias do Sul, RS, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4787/Dissertacao%20Bruna%20Tronca.pdf?sequence=1&isAllowed=y>  
Acesso em: 3 fev. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1 ed. Londrina, PR: EDUEL, 2013. 248 p. ISBN-13 978-8572166621.

TVPUC. Pensar e Fazer Arte – A corporeidade – as diferentes linguagens do corpo – 39. Entrevista com Prof. Dr. Norval Baitello Junior. **Youtube**. 11 out. 2013. (27m58s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=kyk7P\\_XILTg](https://www.youtube.com/watch?v=kyk7P_XILTg)  
Acesso em: 27 fev. 2020.

VENTURINI, Sérgio. (Org.). **Paróquia de São Luiz Gonzaga 1859/2009**. São Luiz Gonzaga, RS: A Notícia, 2009.

VEJA os principais acontecimentos de 2014 em todo o mundo. **Correio Braziliense**, 27 dez. 2014. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/12/27/interna\\_mundo,463686/veja-os-principais-acontecimentos-de-2014-em-todo-o-mundo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2014/12/27/interna_mundo,463686/veja-os-principais-acontecimentos-de-2014-em-todo-o-mundo.shtml)  
Acesso em 19 fev. 2020.

VICO, Roberto Paolo; UVINHA, Ricardo Ricci. Os destinos turísticos: entre a ecoeficiência e a competitividade. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 3, p. 135-147, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/464/306>  
Acesso em: 17 fev. 2020.

VIEIRA, Sonia Bressan. **Sobre as ruínas do templo... (porque templo já não é):** história municipal de São Luiz Gonzaga (1880-1932). 2010. 531 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2362>  
Acesso em: 15 out. 2019.

VISCOTT, David. **A linguagem dos sentimentos**. São Paulo: Summus, 1976. 136 p. ISBN 9788532301420.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 7 ed. Lisboa, Portugal: Presença, 2002. 271 p. ISBN 9722314408.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001. 301 p. ISBN 8572441638.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO  
(ENTREVISTA)**



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador(a) do C.P.F. \_\_\_\_\_,  
concordo em participar, como voluntário(a), do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de doutorado Newton Fernandes de Ávila, do curso de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS), que pode ser contatado pelo e-mail nfavila@ucs.br. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas com moradores do município, visando, por parte do referido aluno a realização de um trabalho de pesquisa de campo, parte integrante da tese de doutorado. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização, e que nesse caso será preservado o anonimato dos participantes, assegurando assim minha privacidade. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

\_\_\_\_\_  
Assinatura

São Luiz Gonzaga/RS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

## **APÊNDICE B – DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS-ARTISTAS SOBRE A RELAÇÃO COM A ARTE E A RELAÇÃO COM SÃO LUIZ GONZAGA/RS**

Transcrição, na íntegra, dos depoimentos, parte integrante da exposição virtual Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga.

### **Vinícius Ribeiro (escultor)**

*“Eu me chamo Vinícius Ribeiro e sou escultor. A minha relação com a arte e com São Luiz Gonzaga é de admiração, de respeito e de comprometimento. Admiração porque São Luiz Gonzaga é um dos trinta Povos Missioneiros, mais especificamente é um dos Sete Povos Orientais. Esses Sete Povos sempre foram diferentes dos demais, não melhor, mas diferente no aspecto de dificuldades. Esses nossos Sete Povos do lado de cá do Uruguai, eles sempre tiveram uma total dificuldade com relação aos demais. É como se fosse uma ponta de lança, os nossos Sete Povos sempre foi uma ponta de lança, era a zona de conflito, aqui era a zona de conflito, do lado de lá não existia essa dificuldade como existia aqui. Talvez isso tenha ficado, e eu acredito que sim, no nosso inconsciente, no nosso solo também, da gente herdar essa grande tradição, da gente defender tanto a nossa terra. De certa forma vem desses antepassados que aqui sofreram. Claro que nós somos uma miscigenação de vários povos, mas quem vive aqui, por mais que seja um visitante, ele sente algo diferente. Então, eu tenho admiração pela nossa história Missioneira, e todos, de certa forma, temos, e nós pouco conhecemos. Eu também tenho o respeito pela nossa arte, porque foi através da arte que eu tive o primeiro contato sobre a história das Missões. Os nossos músicos que interpretaram da maneira deles, a história das Missões e repassaram para nós.*

*Na minha infância não existia o nosso querido Instituto Histórico, o nosso forte Instituto Histórico hoje, tão importante para todos nós com suas pesquisas. Mas na minha infância não existia, não existia o Instituto Histórico, nem na infância do meu pai e nem na infância do meu avô. O primeiro contato que nós tivemos com as Missões foi tardiamente com os nossos músicos. Então, é um contato com a arte. A arte prestava e presta ainda o favor de repartir a nossa história com os demais.*

*Aí entra nesse último aspecto, que é o comprometimento, que é o comprometimento nosso, de todos os artistas com a nossa arte, de divulgar, e de certa forma de transformar ela em turismo. Porque essa é a melhor forma de turismo, é a*

*cultura, porque além da visitação se acrescenta conhecimento a tua existência. Então, esse comprometimento eu tenho com relação à arte e com relação a São Luiz Gonzaga. Não que o meu trabalho seja tão importante, mas eu quero transformar ele em importante, pra mim, eu quero melhorar cada vez mais para passar essa mensagem, assim como os nossos irmãos músicos fazem tão bem. Então, esse comprometimento eu tenho com a arte e com São Luiz. Então, é nesse aspecto que eu venho me manifestar e agradeço pela oportunidade ao Newton, de poder estar falando um pouco sobre esse amor que todos nós temos pelas nossas Missões. E tomara um dia, elas possam ser reconhecidas e aumente esse conhecimento não só ao Brasil para toda a América e para todo o mundo. O mundo precisa de conhecimento cultural. O mundo tá necessitando muito disso. E nós temos esse vasto material, só que temos que apresentá-lo de melhor forma. O nosso produto é bom, o nosso produto é maravilhoso, só que tem que ter uma melhor apresentação. E isso nós estamos fazendo a pequenos passos, nós estamos conseguindo, as Missões hoje são melhores que eram antigamente. Então, fica aqui o meu agradecimento, por essa oportunidade de falar um pouco pela arte e por São Luiz Gonzaga. Muito obrigado”.*

### **Vania Coimbra (cantora e poetisa)**

*“Eu sou Vania Maria Coimbra. Nasci na Capital da Música Missioneira – São Luiz Gonzaga. Tenho 73 anos, cronológicos. Energia de 20 anos, de prazer em fazer acontecer os meus objetivos. Estive professora por 30 anos. Tenho filhos e netos. Sou uma cidadã da vida e do mundo. Ativista ambiental e cultural. Me considero uma ‘escrevinhadora’ de textos poéticos, tendo vários publicados. Sou aquele ser que muitos amam, grande parte detesta e chama de preguiçoso, de vadio mas, que TODOS buscam em todos os momentos, seja de alegria ou de tristeza. SOU ARTISTA. Tenho o gosto e a humildade de trazer comigo a marca do primeiro dom artístico do ser humano. A FALA. Portanto o CANTO, pelo qual sou imensamente grata. Sempre digo: ‘Quando nasci não chorei, cantei!’”.*

### **Beto Barreto (cantor)**

*“Me chamo Roberto Galarce. Nasci e me criei na cidade de São Luiz Gonzaga/RS. Na Rua Sepé Tiaraju, no bairro da Gruta, cujo bairro possui um dos mais belos pontos turísticos da nossa cidade: a Gruta Nossa Senhora de Lourdes e sua igreja de pedra. Filho do grande acordeonista João Máximo e da professora Verinha.*

No meio artístico, meu pai é conhecido como gaiteiro 'João Cruzeiro', nome artístico que lhe foi dado na década de 80, quando esteve ao lado de grandes nomes da música e cultura missioneira como: Noel Guarany, Jayme Caetano Braun, Pedro Ortaça, Jorge Guedes, Cenair Maicá, sendo alguns destes, os tão conhecidos e renomados Troncos Missioneiros, entre outros. Também sendo meu pai um dos fundadores do grupo 'Os Nativos', juntamente com meu Padrinho Reinaldo Malaquias, esse filho do grande precursor da gaita botoneira Reduzino Malaquias, e Armando Schneider, nossa casa sempre foi muito frequentada por músicos. Ouvindo sempre boa música, entre ensaios e encontros, logo cedo me despertou a paixão por essa arte, aprendendo a cantar e tocar violão, sendo premiado em festivais regionais e estaduais, logo aos 6 anos de idade.

Em 93, com apenas 4 anos de idade, gravamos 12 músicas em fita cassete (mídia da época), no estúdio Master em Santa Maria. Inicia-se então, podemos dizer assim, minha carreira artística profissional. Junto com meu pai e meus irmãos, formando o grupo 'Irmãos Galarce', animando shows, festas e bailes em São Luiz e Região. Tenho atuado até em apresentações mais expressivas em nível de Estado, como o nacionalmente conhecido Festival de Cinema de Gramado. Em 2001, ainda com apenas 11 anos de idade, gravamos um CD com o grupo 'Irmãos Galarce', intitulado 'É assim que eu gosto', sendo esse apresentado em Rede Nacional, no Domingão do Faustão. Depois que o grupo familiar se desfez, iniciei, então, atuações com outros grupos e cantores regionais, como: Xirú Missioneiro, Moreno Batista e grupo Raça Pampeana, tendo participado junto a esse grupo da gravação do primeiro CD, intitulado 'Fiquei na Estação', como integrante do grupo, baixista e vocalista. E no segundo CD como compositor, inclusive participando da composição título desse álbum, chamada: 'Mão e Coração'. Integrei também, o grupo 'Os Orelhanos', da cidade de São Nicolau, Primeira Querência do Rio Grande.

Buscando maior visibilidade do meu trabalho e ampliar horizontes e experiências musicais, mudei pra Capital do Estado, Porto Alegre, juntamente com outros dois São-luizenses: o grande amigo e hoje compadre Roger Torres, filho do grande compositor São-luizense Telmo Torres, e o amigo, também São-luizense, Luciano Panegalli. Formamos, então, o 'Grupo Moda Brasileira'. Atuei também como baixista, cantor e compositor, junto a outros grupos e bandas da Região Metropolitana, entre eles: 'Grupo Bochincho', 'Banda Alegria', 'Luiz Cláudio & Tribo da Vaneira'.



*Colhida a experiência de grupos gaúchos e bandas de bailão, veio um novo desafio na carreira. Fazer parte da 'Banda Itamone' de Caxias do Sul, na Serra Gaúcha. Banda essa muito conhecida por ter um centenário de história, e também por atuar na área de animação de bailes mais formais, como costuma-se dizer, como: casamentos, formaturas, feiras expositivas. E também pelo seu repertório mais clássico, interpretando clássicos da MPB, Samba/Pagode, Rock nacional e internacional. Após mais essa grande experiência colhida junto à banda Itamone, por mais de 3 anos, fui convidado a fazer parte da 'Banda Legal', a banda dos amigos, da cidade de Boa Vista do Buricá, próximo a Santa Rosa, na região Celeiro do Estado.*

*Junto à Banda Legal, por quase 7 anos, como baixista, cantor e compositor, participei da gravação de 4 CD's, sendo um deles, agraciado com o tão sonhado Disco de Ouro, que é a venda de mais de 50 mil cópias de um volume. Com a Banda Legal migrando para Santa Catarina, atuei como vocalista da 'Banda Portal New', de Ijuí/RS. Após, retornei para a Serra Gaúcha, onde já havia iniciado anteriormente um trabalho em bares e restaurantes de Gramado e Canela, juntamente com um amigo, formando a dupla 'Betinho e Luciano'. Também, mais recentemente, cito algumas participações com 'San Francisco' e 'Tchê Chaleira', sendo essas, consideradas umas das maiores bandas do Sul do Brasil.*

*Volto então a atuar na Serra Gaúcha, porém agora em carreira solo, com o nome artístico de 'Beto Barreto', atuando em bares, restaurantes e churrascarias, onde destaco os quase 5 anos integrando o elenco do espetáculo da Churrascaria Garfo e Bombacha, uma das maiores do Brasil. Dou também início a um grande e importante passo na carreira. Seleciono do meu repertório de mais de 200 músicas autorais, 12 composições para a gravação de um CD solo, sendo duas canções premiadas em concursos nacionais. Um da Lucimara Parisi (Ex-produtora do Domingão do Faustão e do Programa do Ratinho), chamado 'Musifama', onde dentre 33 mil candidatos do Brasil, fui premiado com a música autoral intitulada: 'Mãe', em oitavo lugar. E o outro concurso, do Laércio Ferreira, diretor musical de novelas do SBT, chamado 'Top10', onde entre 13 mil candidatos no Brasil, fui premiado com a música 'Esqueminha do Rolê', em segundo lugar.*

*Com a chegada da Pandemia, retorno à minha Cidade Natal, São Luiz Gonzaga, e quando foi possível retomar os trabalhos na música, os bares, pub's e casas de show de São Luiz e Região me acolhem de braços abertos, abrindo as portas e incentivando meu trabalho. Em 26 de maio de 2022 lanço a uma dessas*

*composições autorais, 'Esqueminha do Rolê', em todas as plataformas digitais, e vídeo clipe no YouTube. Agradeço a Deus, meus pais, e minha São Luiz "Missioneira" por me acolher de volta. Hoje, atuo em bares, festas e eventos em São Luiz e Região, tendo como foco principal o estilo Sertanejo Universitário".*

### **Claudia Morais (pintora)**

*"Me chamo Cláudia Morais, sou artesã e artista plástica autodidata. Minha relação com a arte começou quando criança. Aos 9 anos, iniciei meus estudos de piano aqui mesmo em São Luiz Gonzaga e concluindo o curso em Santa Maria. Ministrei aulas de música por alguns anos, mas paralelo a isso sempre fazendo trabalhos artesanais. Foi só aos 28 anos que comecei a me dedicar mais a pintura, iniciando estudos em pintura em tela e porcelana. Posteriormente comecei a dar aulas de pintura em tela e pintura em tecido. Atualmente sigo com as aulas de pintura e produzindo obras, a maioria delas estão na Arte Nossa do Centro de Criatividade do qual sou vice-presidente. Também sigo aprendendo novas formas de artesanato sempre procurando me atualizar".*

### **Noeli Schnorrenberger (escritora e poetisa)**

*"Sou Noeli Schnorrenberger, residente em São Luiz Gonzaga, professora, pedagoga, pesquisadora e palestrante, dedicada às artes da escrita, da poesia e da fotografia. Tudo inicia com a realidade da sala de aula, quando, pelo trabalho pedagógico, compreendi a importância de trabalhar o autoconhecimento com os educandos. Percebi nos estudantes, características de baixa autoestima. Procurei pesquisar possíveis motivos para esta realidade, e assim surgiu o tema 'indígenas', pela hipótese de que a questão histórica local em relação à etnia, poderia ser causa da estima diminuída. À escola onde eu atuava chega, como coordenadora pedagógica, Guiomar Terra Batú dos Santos. Olha para o trabalho pedagógico sendo realizado, provoca qualificação, encaminha-o para o conhecimento da comunidade são-luizense e propõe que escreva sobre o tema. Durante as pesquisas, no espaço virtual, foi possível alguns contatos com indígenas, que disponibilizaram conhecimentos em relação à cultura de seus povos, como também, sobre a construção da poesia e técnicas em relação à arte da fotografia. Nesta troca, surge a provocação de amigos, para que escreva poesia a partir de uma fotografia publicada. Surge, assim, o primeiro verso. A curiosidade pelo saber encontra-se com a poesia.*

*Ao tomar conhecimento destes versos surge a então presidente da ASAS, Associação São-luizense de Autores, Solange da Cruz Battirola, que convida para fazer parte da publicação da Seleta em Prosa e Versos. Desta obra em diante, foi se consolidando o desejo de escrever e publicar. Ainda estava pendente o compromisso moral de escrever sobre as pesquisas realizadas na escola. Aos poucos, de um evento ao outro, em que era convidada a falar do tema aos estudantes e professores, foi se consolidando a minha visão sobre a história destes povos. Surge, então, a obra 'RODA DE FOGO: ENTRE DOIS MUNDOS', narrativa histórica, síntese dos estudos realizados em relação ao tema. O contato com o txamõe Pitotó Awadju, da aldeia Piaçaguera/SP, possibilitou, a seu pedido, a escrita da 'HISTÓRIA E VIDA TUPI-GUARANI'. A obra foi publicada pela editora Curt Nimuendajú e disponibilizada pela cooperativa da aldeia, Flora Tupi. Para a consolidação da aprendizagem da escrita foi significativo o coletivo Universo Feminino. Neste meio há formação nas artes literárias e aprofundamento das questões da mulher. Como a arte da fotografia foi tomando proporções significativas, surge o álbum de imagens e poesias sobre flores do campo x mulher, organizado por Rochele Schnorrenberger, que torna-se o protótipo do livro 'FLOR DO CAMPO', obra publicada pela editora Alcance/PA.*

*Uma oportunidade significativa de aprendizagem da arte da poesia foi através da leitura das obras de amigos. O mais relevante foi a participação das obras do poeta Cirne Colares com apreciação de poesias, organização dos livros e escrita dos prefácios. Considero a minha arte o resultado do trabalho pedagógico e social, no momento em que realizo o registro das pesquisas e palestras, escrita de livros, de poesias e participo de publicações comunitárias. Tenho por prática motivar e apoiar outros poetas, da mesma forma como amigos me incentivaram para escrever, a participar de entidades e eventos artístico-culturais. Toda a inspiração surge desta terra missioneira e do povo são-luizense. É uma honra o convite para participar da exposição virtual 'ARTE – NAS RAÍZES DE SÃO LUIZ GONZAGA'".*

### **Neiva de Melo (escritora e poetisa)**

*“Em primeiro lugar, a minha saudação aos ouvintes deste áudio e o meu agradecimento ao Newton Ávila pelo convite e oportunidade para expor a trajetória da minha arte nas raízes de São Luiz Gonzaga. Eu sou Neiva de Melo, nasci e moro em São Luiz Gonzaga/RS, Região das Missões, terra de que muito me orgulho. Sou professora, escritora e poetisa, graduada em Pedagogia com especialização em*

*Psicopedagogia Institucional. Atuei na Educação durante vinte e cinco anos, na Educação Infantil e alfabetização, sendo também coordenadora e vice-diretora de escola. A minha arte é a poesia, e a minha paixão pela escrita vem desde a fase da adolescência, pois, através de acrósticos, poemas e contos, eu fazia o relato dos namoros e sentimentos das colegas da escola. Desde então, a poesia passou a fazer parte do meu cotidiano, durante toda a minha trajetória de vida, mas o desejo de editar um livro surgiu a partir de 2015, pela influência do meu neto, Publicitário, Especialista em Marketing digital e Coach de mídias digitais, que me deu apoio e suporte necessários para retomada e realização do projeto. Em 2017, devido o óbito do meu marido, iniciou-se uma nova fase em minha vida, de superação e volta ao convívio social. Passei a me dedicar exclusivamente à escrita de poemas novos, bem como o resgate e lapidação dos poemas antigos. A convite da Vânia Coimbra, Presidente da Casa do Poeta, passei a fazer parte dessa entidade e a participar dos eventos culturais do município. Em 2020, editei meu primeiro livro solo, 'Clima de Festa – À Flor da Pele'. É uma trajetória de vida que resgata as memórias da adolescência que buscam aconchego na maturidade das minhas vivências.*

*Para mim, a poesia representa o encontro do 'eu mulher' com o 'eu escritora' num elo de completude e liberdade, entre ação e pensamento, corroborando com as emoções que vertejam à flor da pele e versejam em forma de poemas, pois a escrita cura as doenças da alma. O lançamento foi realizado, aqui em São Luiz Gonzaga, na 44ª Feira do Livro, no dia 03 de dezembro de 2021 na Praça da Matriz. Já havia feito o lançamento no 19º Acampamento da Poesia do Entre-Ijuís e na 13ª Feira do Livro Virtual de São Gabriel. Tal foi a minha surpresa com o sucesso alcançado e o reconhecimento e apoio dos leitores. Eu que pensava em escrever somente para familiares e amigos, passei a enviar meu livro para outras cidades, estados e até países. Eu tive o privilégio de nascer na mesma terra de Jaime Caetano Braun, uma cidade que é celeiro de artistas, capital Estadual da Música Missioneira e capital Gaúcha do Arroz de Carreteiro, onde toda a arte é valorizada. Vai desde o artesanato mais primitivo até a sétima arte: temos poetas, compositores, trovadores, pajeadores, músicos, cantores, grupo de danças, Cinema, escultores dentre outros.*

*Aqui todas as artes florescem... Ainda em 2020, a convite da professora e escritora, Guiomar Terra, passei a fazer parte do Grupo: Coletivo de Mulheres – Universo Feminino, composto por sete mulheres que buscam, através da arte e da literatura, a realização de ações voluntárias, nas escolas e comunidades, a fim de*

*diminuir a violência contra as mulheres. Já editamos um livro coletivo que está sendo trabalhado nas escolas. Atualmente, faço parte de vários grupos virtuais de poesia, participo de inúmeras Antologias e sou membro da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul (ALBL), cadeira número 92. Tenho o meu azulejo poético na ‘Galeria dos Imortais’, na pousada Casa dos Poetas na cidade de Petrópolis/RJ. Sou feliz em poder contribuir, um pouquinho que seja, com a arte e a cultura da minha querida São Luiz Gonzaga, pois tenho orgulho em ser filha deste chão missioneiro e levar seu nome por esse mundo a fora. Obrigada Newton Ávila, pela oportunidade e obrigada a minha querida cidade por acolher a minha arte”.*

### **Guiomar Terra (escritora e poetisa)**

*“Sou Guiomar Terra Batú dos Santos, professora aposentada, poeta, escritora, crítica literária. Natural de Santo Ângelo, há 21 anos residente em São Luiz Gonzaga. Minha vinculação à arte vem da infância. Minha mãe e meu pai, pessoas muito simples, fizeram minha iniciação literária sem o saber, ao ensinar-me quadrinhas que recitava para vizinhos. À noite, meu pai contava maravilhosas histórias que foram povoando meu imaginário. Gostaria de ressaltar que, num mundo cheio de grandes nomes da Literatura, não me considero artista, considero-me, sim, uma pessoa impregnada de arte literária. Na juventude, a literatura, romances, belos textos, sempre me arrebataram. O Curso de Letras me aproximou da leitura, mas não da produção textual, pois esta não era priorizada. Como professora, a palavra foi sempre meu instrumento de trabalho. Como uma pessoa que escreve, ela, a palavra, habita meu âmago entre metáforas e provocações, até sair de mim sem sair – fica sempre comigo, se multiplica e multiplica-me em diferentes eus líricos. É maravilhoso embrenhar-se na poesia. Descubri isso com Castro Alves, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Cecília Meireles, Mário Quintana, Carlos Drummond, e no eletrizante canto declamado de Noel Guarany. Noel Guarany foi de grande importância na minha aproximação com a arte. A poesia, a sonoridade, a pesquisa faz de Noel a gênese da música missioneira. Sigo, pesquiso e me deslumbro com sua genialidade. Isto levou-me à escrita do artigo usado a título de prefácio no Livro de Chico Sossa, sobre Noel. Continuo pesquisando por carinho, respeito e compromisso com a música missioneira.*

*Desde jovem preocupei-me em fazer leituras atentas da realidade. Além dos registros que inconscientemente foram ficando na memória, fui fazendo registros escritos, brincando com as palavras e elas comigo. Muitas coisas segredaram minhas*

*gavetas, minhas pastas. Contudo, sempre fui uma crítica severa da minha produção textual. Certo dia, reli meu poema TEMPO, interiorizei-o, e fiz a mim mesma a pergunta da última estrofe: ‘Tempo, que fiz eu de você? Que fez você de mim?’. Era agosto de 2016, tomei coragem – dei-me um prazo para publicar um livro – nascia então, em novembro 2016, ‘A Leveza da Bagagem’, conjunto de contos, crônicas e poemas – histórias e vivências acumuladas – a bagagem. Nossas vivências, experiências de vida, podem resultar em aceitação, revolta, aprendizagens. Fiquei com as aprendizagens – a leveza. Aprendizagens que são tessituras em meu livro e que, com muita humildade, tenho a pretensão de socializar com os leitores. ‘Há coisas só perceptíveis aos ouvidos e aos olhos do coração, e que é apenas a estes que tocam violinos e liras invisíveis’. ‘Haverá, no entanto, o dia de ver toda a humanidade sob a aquarela dourada da tão sonhada igualdade’. ‘Passos de mulher são para marcar – quer com saltos altos e vestidos novos, quer de pés descalços e vestidos rotos’. Urge o protagonismo das mulheres. A superação do medo. ‘É preciso embriagar-se de vida para por vezes viver’. ‘Pão em todas as mesas, e com igualdade’.*

*Seguindo uma ordem cronológica de minha trajetória, desde 2018, faço análise literária, em minha Coluna no Jornal A Notícia de São Luiz Gonzaga, onde tematizo Letras de músicas do Nativismo gaúcho entre outras. Em 2019, criamos o Coletivo de Mulheres Universo Feminino, que tem como objetivo principal diminuir a violência, em especial a violência contra as mulheres nos seus lares, no mundo do trabalho e na sociedade como um todo. Nasceu, então, nosso livro ‘Dicionário Poético - Universo Feminino’, onde dicionarizamos uma seleção de textos literários, construídos por nosso COLETIVO nesse tempo em que a Pandemia da COVID-19 nos fez reclusas. O Dicionário Poético do Universo Feminino é a palavra de sete mulheres que pensam o mundo como possibilidade. São produções, tão despretensiosas quanto carinhosas, que sonhamos possam, de alguma forma, contribuir para nova aurora, novo dia, novo olhar.*

*Por fim, escrever é um ato de coragem e de libertação. Quando escrevo sinto-me liberta, mas, dentro de mim, há uma fagulha latente que queima e me manda escrever mais. Digo que nenhum texto nasce pronto já na primeira escrita. É preciso conversar com o texto muitas vezes, ler e contra ler. Enfeitar, acrescentar e cortar, cortar muito, e nunca estará pronto. Pra concluir, muito obrigada ao Newton Ávila, que dentro de seu Projeto de Doutorado, me possibilitou este registro”.*

**Solange Battirola (escritora e poetisa)**

*“Olá! Sou Solange da Cruz Battirola e vou contar para vocês um pouco da minha história de vida. Nasci no ano de 1974, em São Luiz Gonzaga, fui batizada como Solange Walter da Cruz, filha de Iolanda Walter e Davi Rodrigues da Cruz. Nesta cidade, cresci e vivi feliz com meus pais e meus dois irmãos Matheus e Josiane.*

*Na infância, sempre gostei muito de escutar as histórias que o meu pai contava de suas pescarias, das viagens, das aventuras... Nas visitas aos parentes e amigos aos finais de tarde fazíamos uma animada roda de chimarrão, onde cada um contava um pouco de suas histórias. Eu criança ficava maravilhada! São lembranças lindas que eu trago marcadas na minha memória e no meu coração. Eu lembro que eu adorava histórias infantis e mesmo com poucos recursos na família sempre reservávamos um dinheirinho para os livros. Cresci lendo e ouvindo os clássicos contos infantis: O patinho feio, A bela adormecida, Chapeuzinho Vermelho, A menina dos cachinhos dourados, A pequena vendedora de fósforos... foram estes que fizeram parte da minha infância.*

*Estudei na Escola Senador Pinheiro Machado. Naquele tempo, não tínhamos acesso à Educação Infantil, e eu tive dificuldades para me alfabetizar. Minha mãe, pouco paciente, usava de suas afiadas unhas em minhas orelhas, o que me acarretava uma ansiedade, diante do medo de errar ao ler para ela. Mamãe, vendo que suas táticas de beliscão não funcionavam, então ela teve a feliz ideia de me encaminhar para duas fadas madrinhas da Leitura e da Escrita: a Dona Luiza Medeiros e a tia Hondina de Farias. Eram professoras aposentadas, uma tricoteira e a outra crocheteira, eram irmãs. Com elas, eu adentrei no mundo das Letras. Até herdei uma imensa prateleira de livros didáticos e de leitura. Estudei também na antiga Escola Estadual Professor Leovegildo Paiva, hoje Instituto Estadual Osmar Poppe.*

*Depois, na minha adolescência, fui cursar o Magistério no Instituto Nossa Senhora Auxiliadora, onde tive aulas maravilhosas com professores muito queridos. Lembro-me da Profe Marilda Portela, ela trabalhava muito com o teatro, a expressão oral, enfatizando sempre a nossa corporeidade. Eu, moça tímida, adorava e me soltava em suas aulas. No ano de 1994, casei com Luis Fernando Deves Battirola e passei então a Solange da Cruz Battirola. Somos um casal feliz, nos amamos e nos admiramos mutuamente! Casada, trabalhando fora, fiz vestibular para o Curso de Pedagogia e para minha felicidade passei e adentrei na Universidade Regional*

*Integrada do Alto Uruguai e das Missões, nossa URI, onde tive a oportunidade de ter mestres adoráveis e colegas queridas, onde destaco as aulas com a professora Ivone Ávila. Ela adentrava nossa sala de aula com os livros da autora Mara Rosler – ‘O trem de carretel’ ou de Sônia Junqueira – ‘O mistério preso no armário’, dentre outros. No ano de 1997 passei em concurso municipal iniciei minha carreira na escola municipal União, no interior município de São Luiz Gonzaga. Depois fiz mais dois concursos e entrei na rede estadual, onde atuo até hoje, como professora da rede pública Estadual do Rio Grande do Sul. Hoje trabalho no Instituto Estadual Rui Barbosa.*

*Afirmo, a cada novo dia, estou construindo-me enquanto educadora, escritora e contadora de histórias. Sempre fui muito atuante nas comunidades escolares nas quais lecionei, levantando as bandeiras da educação, da literatura e da inclusão. Sou uma lutadora dessas causas sociais. A partir de então, como professora, sempre gostei muito de trabalhar com os meus alunos e buscava ler sobre a contação de história para tornar cada vez mais atrativas as minhas aulas.*

*Eu fiz as escolhas certas, a cada nova história que eu escolhia eu me aprimorava com o tempo. Por exemplo, trabalhei através da música Escravos de Jó, o livro ‘Canção dos povos’ e, junto com aquela turma, confeccionávamos os instrumentos de percussão, ou a partir da canção da Borboletinha, eu trazia a história A menina das borboletas. Elaborando e confeccionando um cenário todo cor-de-rosa, inclusive as roupas da personagem em tons de rosa, eu contei a história: A ovelha rosa da Dona Rosa. Caracterizando-me como uma bruxa desesperada em busca de um noivo, eu contei a história: O casamento da Bruxa Onilda. Sempre faço contações de histórias quando me convidam. Já participei da Programação da Semana da Pessoa com Deficiência em Santo Antônio das Missões com a história: Chapeuzinho da cadeirinha de rodas vermelhas, do Projeto Era uma vez um conto de fadas inclusivo, com autoria de Cristiano Refosco.*

*Na minha vida, existem uma imensidão de livros que eu li, tenho uma estante de livros que eu já trabalhei, outra pilha de livros que eu gosto muito, tenho um monte de livros que eu indico e tem uma imensidão de livros que eu ainda desejo ler. Sempre carrego livros na minha bolsa, tenho na cabeceira da minha cama, no sofá da minha sala, tenho livros espalhados por toda minha casa. Na escola em que eu trabalho, tenho muitos livros à minha disposição e sempre que posso indico ou coloco algum livro nas mãos dos alunos ou professores. Eu visito periodicamente a biblioteca e incentivo a visitação de todos as bibliotecas escolares. Este meu vasto universo da*



*literatura me encanta. Não leio tanto quanto eu gostaria, mas leio, leio, leio... Leio sempre que eu posso. É a partir deles que eu fui e vou me construindo como pessoa, como Professora e como contadora de histórias. A partir deles eu faço as minhas contações de histórias e vou trilhando este vasto universo da Literatura Infanto-juvenil... até que, em 2019, surgiu o livro 'Mário e suas aventuras' que, para minha felicidade, está chegando nas mãos de ávidos leitores. Este livro foi fruto do Projeto Tudo a Ler, promovido pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), foi o resultado de uma oficina literária. Minha inspiração para o título do livro 'Mário e suas aventuras', foi de dois grandes mestres da literatura: nosso eterno menino Poeta Mário Quintana, reconhecido como o poeta das coisas simples, e também Mário Simon, que sempre incentivou minha escrita literária. Foi dele que eu escutei: 'Tens os versos nas mãos! Tens a sensibilidade do olhar!'.*

*Se sou uma autora, se vou tornar-me uma escritora, não sei. Isso quem define é o público leitor. Eu busco sim, com este livro, encontrar leitores que o abram, que leiam e que possam aventurar-se nessa minha proposta de brincar com as letras. Espero que cada leitor descubra muitas outras maneiras de aventurar-se pela vida, pois a partir da oportunidade que eu dou aos leitores, na leitura do livro e com a confecção do Jogo do Tangram, disponível no livro... basta deixar a criatividade fluir. Esta é a proposta do livro. Eu amo ler, amo aprender e espero contribuir na formação de novos leitores. Como ativista cultural, sou grande incentivadora de atividades culturais, desde pequenos eventos literários acontecendo em nossas escolas, em nossos municípios... até mesmo de grandes eventos como a Feira do livro da capital do nosso estado, onde tive orgulho em participar por diversas vezes, como Assessora Pedagógica da 32ª Coordenadoria Regional de Educação (2011/2014), levando diversos alunos de São Luiz Gonzaga e da nossa região para autografar na sessão de autógrafos do Programa Crianças do Rio Grande Escrevendo Histórias, que visa estimular a auto-expressão do aluno, valorizando sua produção gráfica e textual, consolidadas pelo hábito da leitura desenvolvido na Escola.*

*É com orgulho, que também não posso deixar de destacar a minha singela participação no coletivo de mulheres UNIVERSO FEMININO, onde já lançamos o livro 'Dicionário Poético', realizamos encontros periódicos de formação e somos convidadas para proferir palestras. Somos um grupo de sete mulheres, todas professoras, ligadas à Literatura que mantém entre si laços de amizade, apreço a arte, indignação frente as injustiças sociais, todas as formas de discriminação e violência*

*em especial, a violência contra mulher. Fazem parte do grupo: Guiomar Terra Batu dos Santos, Ivone Ávila, Neiva de Melo, Noeli Schnorrenberger, Teresinha Ferreira, Vânia Coimbra e eu, Solange da Cruz Battirola. Aproveitei a oportunidade e contei um pouquinho da minha história. Tenho tanto a dizer, mas agora, só tenho a agradecer. Eu agradeço de coração, o convite para participar da exposição virtual “ARTE – NAS RAÍZES DE SÃO LUIZ GONZAGA”.*

**Tere Ferreira (professora de teatro, escritora e poetisa)**

*“Acredito que a Arte está em mim desde muito cedo. Desde a infância, quando me entendi por gente e percebi que a cultura, em todas as suas dimensões, corria em minhas veias, não sei por que, mas a literatura, a Arte, a música, as histórias e experiências de vida das pessoas ou a minha própria vida se apresentavam de forma muito significativa para mim. Tudo era tão mágico, tão cheio de vida que, às vezes, me perdia entre o real e a fantasia. Lembro-me dos grandes banquetes de causos e histórias, nos encontros de família na casa de meus pais onde todos ficavam até tarde da noite contando, enfeitando as histórias de vida. Tudo era um prato cheio para navegar no mundo da imaginação.*

*Minha mãe, uma pessoa de extrema sabedoria, pouco estudada, mas com competência e habilidades criativas incríveis, fazia o limão virar limonada num segundo. A forma dela ver a vida me despertou para esse mundo encantado. Podia acontecer o que acontecesse, cair tormenta, ficar tudo escuro... e de repente o sol surgia do nada e lá estava ela reinventando, ressignificando a arte de viver com uma força que a natureza jamais explicou. Penso que somente pessoas resilientes provaram desse gostinho. Crochê, tricô, bordado, costura, o tramar do arame, o uso do couro do gado para produzir os arreios e apetrechos para o cavalo, a tosquia e o preparo da lã da ovelha, o preparo do pelego, tudo com muito zelo e cuidado, para mim, pareciam um ritual sagrado com alegorias que nem eu sabia explicar, mas estavam lá se preparando para encenar. As imagens de sombra feita com as mãos sobre a parede graças à luz de lamparina que meu pai fazia à noite, depois de chegar cansado de um dia de trabalho, também foi munição para meu processo criativo. Toda essa vivência com o mundo do artesanato e a intensidade das experiências do cotidiano me levaram para o mundo da arte. Sempre fui muito curiosa, sempre prestei muita atenção em tudo à minha volta e ao que o mundo tem para oferecer. Tanto me apropriei dessas lições, tanto absorvi, que esqueci do passar do tempo.... Quando*

*percebi, havia crescido, desabrochei, me transformei... pura metamorfose. Assim, como uma larva que se torna borboleta, me tornei esta pessoa que, com sua arte, luta por um mundo mais sensível, mais justo, mais humano, com pessoas que saibam ser gente de verdade.*

*Então, não tinha como ser diferente, depois absorver tudo isso e a explosão era certa. Precisei materializar tudo... Contar e escrever histórias, fazer teatro, performances e desenhar... Entre outras linguagens artísticas, tudo é possível! Estou pronta para as que ainda virão, pois me considero uma pessoa que está aprendendo sempre. O que posso dizer é que o mundo da arte está em mim, como alimento para me manter viva. Ser pobre ou rica, não importa. Embora com pais de pouco estudo, minha infância foi muito rica de sabedoria e vivências importantes para a pessoa, a profissional, a artista que me tornei hoje. A partir daí, surge a vontade de buscar a formação acadêmica para ampliar meus horizontes e entender as dimensões artísticas e estéticas da arte e como se dá o processo criativo na vida do artista. Posso dizer que, quando queremos que as coisas aconteçam, precisamos persistir e mostrar que somos capazes. Nada é fácil nessa vida, mas quando sabemos onde queremos chegar, temos de lutar e mostrar para que viemos nesse mundo.*

*Reconheço e sou grata pela contribuição de cada um e cada uma que fizeram e fazem parte da minha vida para me tornar quem sou. Professora, artista, escritora não importa, eu só quero que o pouquinho que faço chegue até o coração das pessoas e entendam que, neste mundo, tudo é possível. Basta querer e fazer!*

*Quanto à relação entre São Luiz Gonzaga e a artista que sou hoje, como ela aconteceu? Cheguei aqui em tempos difíceis, em meados dos anos 90, para reconstruir uma nova vida. Vim de Giruá, cidade onde nasci e cresci, lugar de onde jamais pensei em sair. Para uma jovem, sair de um lugar conhecido para outro totalmente desconhecido, que não a viu crescer, não sabe nada dela, não é fácil. Foi preciso muito trabalho para conquistar um espaço, ser conhecida como pessoa, como profissional e artista.... Aos poucos, porém, com um trabalho aqui e outro ali, fui me reconstruindo, personalizando uma nova identidade. Após vinte e poucos anos aqui, me considero cidadã são-luizense, e beber da vertente Missioneira, Capital Estadual Música Missioneira onde vários artistas se formam e saem a espalhar a arte para o quatro cantos do mundo inteiro é de extrema importância. Sou grata por tudo que aprendi aqui. Posso dizer, com toda certeza, que habita em mim uma artista, uma mulher missioneira”.*

**Lara Moreira (bailarina e professora de dança)**

*“Me chamo Lara do Nascimento Moreira, tenho 43 anos, sou bailarina, professora, coreógrafa, diretora e proprietária da Millenium Escola de Dança na cidade de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Minha relação com a dança iniciou muito cedo, quando tinha apenas 7 anos. Foi quando passei a integrar a invernada artística do CTG Galpão de Estância, no qual obtive o título de 2ª prenda mirim, ainda com 7 anos. Mais tarde, com 13 anos, obtive o título de 2ª prenda juvenil. Eu amava dançar, era apaixonada pela arte e estava sempre envolvida em todas as manifestações artísticas, tanto no CTG quanto na escola. Mas meu sonho era ser bailarina, tinha grande admiração pela arte, e um verdadeiro fascínio pela dança clássica.*

*Foi então no ano de 1992 que uma professora vinda do Paraná iniciou suas atividades com o ballet aqui em São Luiz Gonzaga. As aulas seriam ministradas na escola onde eu estudava. Quando soube, a minha alegria era tanta que nem cabia em mim, eu queria muito participar. E com muito orgulho digo que fui a primeira aluna do antigo ‘Ballet do INSA’. Estava lá eu, no primeiro dia de aula. Choveu muito naquele dia, e eu não tinha nada, nem sapatilhas, mas a vontade era tão grande que fui para a aula mesmo assim, e foi maravilhoso, a melhor sensação que tive na vida, eu tinha certeza que era aquilo que eu queria fazer. Foi ali, naquela sala de aula que eu me encontrei. E desde então meus dias se resumiam em estudar e dançar ballet. Com muita dedicação e amor, comecei a dar aulas num projeto da Prefeitura da minha cidade, onde descobri o prazer em ensinar.*

*Os anos foram passando e eu sempre me dedicando à essa linda arte. Entre o aprender e o ensinar, fui me moldando, fui crescendo. Dei aulas em diversas cidades, participei de festivais de dança como bailarina, participei também como coreógrafa, obtendo premiações e ganhando reconhecimento. E a minha história com a dança passou a ser a história da minha vida. Fiz parte do ballet do INSA, até o mesmo se extinguir em 2002, quando minha mestra Luciana Paludo mudou-se para outra cidade. Segui dando aulas, tanto em São Luiz como em outras cidades. Em 2015, criei a minha própria escola, a ‘Escola de dança Lara Moreira’ juntamente com o trabalho que realizava no Ballet da Cidade de São Luiz Gonzaga, projeto que atendia gratuitamente alunos de escolas municipais. Com o tempo, fui expandindo meu trabalho para outras modalidades além do ballet clássico, e em 2021 senti a necessidade de trocar o nome da escola, hoje chamada ‘Millenium Escola de Dança’,*

da qual sou proprietária, professora e diretora de uma equipe de profissionais dos mais variados estilos de dança.

*Mesmo tendo trabalhado em diversas cidades, foi aqui em São Luiz Gonzaga que tive a primeira oportunidade de trabalhar com a dança. Foi aqui que muitas portas se abriram, o que fortalece muito minha relação com a minha cidade e com as pessoas daqui. Desejo que crianças, jovens e adultos experimentem os benefícios que a dança traz. Quero, através da minha dança, fazer com que a arte tenha reconhecimento, como forma de expressão, de educação, de formação de valores, de formação de caráter. A dança é uma das três principais artes cênicas da Antiguidade, ao lado do teatro e da música. A dança é arte primeira por excelência, efêmera, passageira, impalpável, a mais física, a mais íntima e pessoal das artes, pois exige o envolvimento de todo o corpo – nosso corpo. Corpo que eu chamo de meu, corpo que vejo no outro, corpo que está atado a um mundo com o qual me comunico. A dança tem mil faces conforme o lugar onde ela se exprime, o lugar de onde a olhamos, que ela, seja folclórica ou tradicional, clássica ou contemporânea, ela é mestiça, toma várias formas, responde a múltiplas funções. Minha arte é precisamente um esforço para exprimir em gestos e em movimento a verdade do meu ser. Dançar é escolher o corpo e o movimento como campo de relação com o mundo, como expressão, como encantamento, como poética da vida em sua efemeridade. A dança é a poesia do corpo!”*

### **Vicente Fagundes (artesão)**

*“Me chamo Vicente Fagundes, tenho 40 anos, sou natural de São Luiz Gonzaga, venho de uma família onde o artesanato foi sempre uma constante na nossa vida. Desde os tempos da minha avó sempre fez crochê, tricô, ponto Russo vindo a ensinar minha mãe e assim eu e minhas irmãs aprendemos. Quando eu tinha 8, 9 anos eu e minhas irmãs fazíamos bijuterias, artesanato com pedra, Durepox, bolita, colocava em uma caixa e saía para vender. Quando eu tinha 15, 16 anos eu fazia colar, pulseira, anel de material reciclado, missanga, de barbante e isso era uma fonte de renda aqui para casa. O artesanato sempre fez parte da nossa casa da nossa rotina independente do material, sendo um complemento de nossa renda. Em 2005 fui embora para São Paulo onde me profissionalizei Cabeleireiro qual trabalho até os dias atuais. Em 2008, eu comecei a trabalhar com madeira apenas por hobby e o tempo passou, em 2015 voltei para minha cidade exercendo a atividade de cabeleireiro e,*

*por vezes, a marcenaria. Então, veio a pandemia que parou com o Salão, e a marcenaria, que era o hobby, ficou mais sério se tornando minha profissão. Atualmente eu concilio Marcenaria Amadora e salão de beleza”.*

### **Margareth Reichert (artesã)**

*“Minha trajetória nas artes começou em 1992, produzindo peças artesanais, com criações minhas e exclusivas, desde a costura e os tingimentos, onde eu confecciono peças únicas, como: vestidos, batas, calças e peças de decoração, e todas com tingimentos manuais, como batik que é uma técnica milenar. E após, comecei com a pintura na seda, e fui inserindo os grafismos das Missões, que nos identificam na nossa origem missioneira, e com o passar do tempo, fui fazer curso de tear. Assim, minha tecelagem ficou conhecida e teci muitas peças para grupos de danças da região, palas e chiripás, e toda essa minha caminhada nas artes veio agregar em ser a artesã referência nas minhas técnicas, em minha cidade São Luiz Gonzaga. Passado um tempo, li o livro de Auguste de Saint-Hilaire, ‘Viagem ao Rio Grande do Sul’, que ele, ao passar pelas Missões, comenta no livro que havia plantações de algodão, onde eram produzidos vestuários com tecelagem manual, e eu me senti feliz, pois não foi por acaso que me encantei com a tecelagem, honrando nossa ancestralidade missioneira.*

*Resido até hoje em São Luiz Gonzaga, porém criei asas por meio e através do meu trabalho artesanal, que tanto amo e me identifico. Asas essas que me levaram a várias exposições, como a ‘Mostra da Arte Missioneira’, na Argentina, e aqui em São Luiz Gonzaga, e feiras dentro do estado e na ‘Gift Paralela’, em São Paulo, onde também participei em vários encontros através do Sebrae, onde muitas designers conheceram meu trabalho e admiradas com minhas criações, criações essas, sempre de peças únicas e diferenciadas. Busco sempre me aperfeiçoar, mas, principalmente, seguir minha veia artística que é um dom de outras caminhadas, assim penso eu, por ser muito intuitiva nas minhas criações. Sou feliz pois levo sempre o nome de minha cidade por onde vou e vou voando em minha imaginação transcendental nas artes”.*

## APÊNDICE C – LIVROS DE SUJEITOS-ARTISTAS DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS

Abaixo, uma pequena lista de livros dos sujeitos-moradores-artistas de São Luiz Gonzaga, alguns deles foram citados nos depoimentos.

- **Letras da Casa**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2001.
- **Vertentes**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2002.
- **Criação**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2003.
- **Floração**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2004.
- **Nelson Fachonelli & Amigos**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora Borck, 2004.
- **Agenda Poética**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2010.
- **ASAS – Associação São-luizense de Autores**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora A Notícia Ltda., 2013.
- **Vultos e Fatos: da História de São Luiz Gonzaga**, Ana Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira (Orgs.), Editora A Notícia Ltda., 2013.
- **Raios de Sol**, Solange Battirola, Editora A Notícia Ltda., 2015.
- **A leveza da bagagem**, Guiomar Terra, Editora A Notícia Ltda., 2016.
- **Fragmento: artigos, crônicas e ensaios** / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, Anna Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira (Orgs.), Martins Livreiro-Editora, 2017.
- **Maturidade em belos versos**, Vania Maria Coimbra (Org.), Editora Alternativa, 2017.
- **Seleção de Versos e Prosa**, Solange Battirola; Guiomar Terra, Editora A Notícia Ltda., 2017.
- **Imagens missionárias: testemunhas da história** / Instituto Histórico e Geográfico de São Luiz Gonzaga, Anna Olívia do Nascimento; Maria Ivone de Avila Oliveira. (Orgs.), Martins Livreiro-Editora, 2018.
- **Mário e suas aventuras**, Solange Battirola, Editora Gráfica A Notícia Ltda., 2019.

- **Clima de festa: Á flor da pele**, Neiva de Melo, Editora Alcance, 2021.
- **História e Vida Tupi-Guarani**, Noeli Schnorrenberger, Editora Curt Numuendajú, 2021.
- **Universo Feminino – Dicionário Poético**, Guiomar Terra Batú dos Santos; Ivone Avila; Neiva de Melo; Vania Coimbra; Noeli Schnorrenberger; Solange da Cruz Battirola; Teresinha Ferreira (Orgs.), Editora A Notícia Ltda., 2021.
- **Poetas Gaúchos: Um Canto Lírico e Social**, Guiomar Terra Batú dos Santos, Martins Livreiro-Editora, 2022.
- **Flor de Campo**, Noeli Schnorrenberger, Editora Alcance, 2022.
- **Roda de Fogo: Entre dois mundos**, Noeli Schnorrenberger, Editora Metrics, 2023.



## APÊNDICE D – INFORMATIVO PROJETO COMUNICAÇÃO *CORPOIESIS* E AÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS ENTREGUE À SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO E CULTURA DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS



Informativo

### Projeto Comunicação *Corpoiesis* e Ações artístico-culturais

São Luiz Gonzaga, completa nesse ano, no dia 3 de junho, 335 anos de fundação e 142 anos de emancipação político-administrativa. Salienda-se que, na construção de sua história, foi possível perceber em São Luiz Gonzaga: traços fortes das missões jesuíticas; marcas de um povo que se forjou na conexão entre castelhanos e portugueses; potencial da cidade em narrativas que percorreram o mundo; conexão com comunidades indígenas; forte tradição de sociedade agrícola; marcas de religiosidade e arte sacra; história de contrastes entre construção e destruição; constante presença do fantasma da decadência; presença do exército; vocação e conexão com a política; e o município constitui-se como resultado de lutas.

Buscando ampliar o expoente turístico dessa cidade, a pesquisa de doutorado de Newton Fernandes de Ávila, iniciada em 2019, em que é orientado pela professora Doutora Maria Luiza Cardinale Baptista, pesquisa oriunda do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul (UCS), tem como *locus*, o município de São Luiz Gonzaga/RS.

A proposição do estudo é sobre tramas que envolvem comunicação, turismo e subjetividade, no que diz respeito a sujeitos e lugares, na perspectiva de reinvenção. Tramas de relações, que se entrelaçam no cotidiano das organizações em geral e do turismo, e que são marcadas, intensamente, pela comunicação e pela possibilidade de manifestação de um corpo-potência, pulsante, aqui chamado de Comunicação *Corpoiesis*.

A proposição conceitual Comunicação *Corpoiesis* surgiu, na produção desta tese pelo pesquisador Newton Ávila, com o objetivo de comunicar, de maneira diferente, com intensidade, com um corpo potente, capaz de acionar *autopoiese*, *corpoiesis*, a partir de práticas comunicacionais. Está em pauta uma comunicação interligada ao ecossistema todo (pessoas, plantas, animais, planeta) e de um corpo capaz de ser acionado e potencializado na (e pela) comunicação (verbal e não verbal)

em diversos ambientes (cotidianos, organizacionais, turísticos), proporcionando outros olhares, outras percepções, outros modos de viver e interagir, para construir outros caminhos e outras relações (mais sensíveis, mais amorosas, mais duradouras).

Essa proposição considera o corpo como campo de produção de sentidos e de reinvenção. Corpo como platô existencial, no sentido esquizoanalítico, de plano de intensidade contínua, o que implica pensar corpos-sujeitos e corpos-lugares turísticos. Com isso, é possível pensar que essa condição Comunicação *Corpoiesis*, de autoprodução constante, demanda amor – na convivência, na comunicação e também no turismo –, sendo decorrente de processos intensos, delicados e complexos.

O estudo empírico, envolvendo o município de São Luiz Gonzaga, embasado pela Estratégia Metodológica Cartografia dos Saberes, proposta por Baptista (2014), propõe a produção do conhecimento, a partir de uma trama de trilhas investigativas, em interações múltiplas e processos geradores de leitura ampliada da realidade, considerando seu caráter complexo ecossistêmico, plurimetodológico e processual. As trilhas são: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Relata-se que, a pesquisa já possibilitou três visitas de campo presenciais entre 2019 e 2020, com levantamento bibliográfico, levantamento de documentos, análise de documentos, levantamento de dados na internet, produção de fotografias, observação sistemática, observação participante e rodas de conversa com sujeitos-moradores.

Dessa forma, é possível dizer que, as rodas de conversa, já proporcionaram, alguns sinalizadores a partir de conversações com moradores. As narrativas de sujeitos envolvidos na pesquisa sinalizaram a concentração de olhares em lugares relacionados: à memória (lembranças pessoais), ao patrimônio (valorização histórica), à natureza (ênfase para lugares que proporcionam calma), às relações (espaços que possibilitam encontros e convivência), à religião, aos Esportes, à Comunicação Social e à Arte (Dança, Artesanato e Música). Os sinalizadores denotam que o exercício de (re)ver lugares e (re)pensar vínculos pode acionar novas percepções, visando à valorização do turismo responsável ecossistemicamente e à consequente reinvenção de sujeitos e lugares turísticos.

A partir desses relatos de 'sujeitos-moradores', complementam as ações investigativas, o Projeto 'Comunicação *Corpoiesis*', projeto de intervenção direta que será aplicado no ecossistema Turístico-Comunicacional, no mês de junho de 2022,

mês de aniversário da cidade, ampliando as atividades de comemoração propostas pelo município.

A proposição, por meio de cinco ações artístico-culturais, tem o intuito de acionar e potencializar os sujeitos e o lugar – São Luiz Gonzaga/RS, bem como, resgatar a tradição e a essência do município. As ações foram planejadas, como decorrência de uma escuta atenta aos moradores sobre o lugar, em rodas de conversa que aconteceram em aproximações e ações investigativas durante 2019 e 2020, e geraram inúmeros relatos. Assim, foi possível perceber uma relação forte do lugar com a arte e suas inúmeras expressividades, em especial a música – música missioneira.

Desse modo, as cinco ações são: 'Serata Missioneira'; 'CiranDança'; 'Tertúlia Poética'; 'Cartas de Amor'; 'Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga'.



**AÇÃO 'Arte – nas raízes de São Luiz Gonzaga'** – Trata-se de uma ação que envolve criar uma exposição virtual de artistas raiz da cidade, seja na área da música, da dança, da poesia, do artesanato, enfim, das várias ramificações artísticas. Para isso, as criações dos artistas serão registradas fotograficamente e também gravados áudios de 5 minutos, descontraídos, envolvendo a relação do artista com a arte e com São Luiz Gonzaga. Essa proposta cria uma conexão interior de si mesmo, com a arte, com o lugar e com a história que narra a vida do sujeito artista desse lugar.



**AÇÃO 'Tertúlia Poética'** – Trata-se de uma reunião de pessoas que, no encontro, irá misturar poesia, música e o compartilhamento do alimento/da comida. Essa proposta cria um elo muito forte envolvendo a comunidade para compartilhar experiências, trocas relacionais e comunicacionais, envolvendo suas histórias de vida. A ação acontecerá numa noite tendo como proposição um jantar beneficente da Casa do Poeta de São Luiz Gonzaga, embaixados de música, poesia e o ceiar junto.



**AÇÃO 'CirandaDança'** – Trata-se de um entrelaçamento de ciranda e de dança, onde o público-participante irá cirandar na praça, com isso, a proposta tende a criar a participação coletiva e o uso do espaço público. Dessa forma, professores/coordenadores de grupos de dança existentes na cidade, serão

convidados a comunicar, brevemente, sobre a história e o contexto da dança que atuam e depois, juntamente com seus grupos, apresentam duas danças para o público que está assistindo. Em seguida, convidam o público a aprender pequenos passos da sua dança, colocando todos em ciranda, em cooperação, se envolvendo e se entrelaçando, para deixar penetrar em si, o sabor que a dança proporciona na vida.



**'Serata Missioneira'**

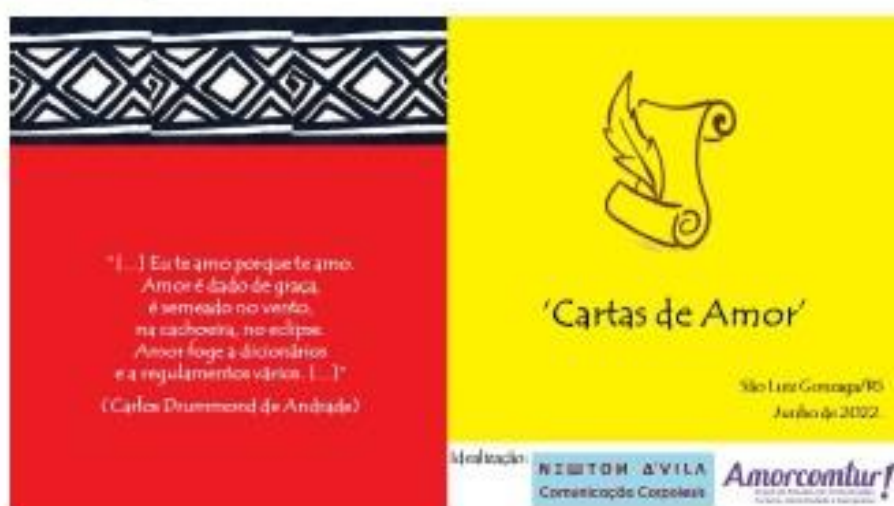
São Luiz Gonzaga/RS  
Junho de 2022

"Afeto, do latim 'affectus', que dizer 'à atrás'.  
É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome.  
É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar  
em busca do fruto anelado"  
(Rubem Alves)

Realização: **NEWTON A VILA**  
Comunicação Coletiva

**Amorcomtur!**  
Associação de Turismo Cultural de São Luiz Gonzaga/RS

**AÇÃO 'Serata Missioneira'** – Trata-se de uma serenata com músicas missioneiras que serão cantaroladas na rua, ao entardecer/anoitecer, com o objetivo de proporcionar bem-estar e alegria aos moradores (tanto aos que estão na condução musical, quanto dos que apreciarão, ouvindo as canções, e quem sabe, se juntando na caminhada).



"[...] Eu te amo porque te amo.  
Amor é dado de graça,  
é semeado no vento,  
na cachoeira, no eclipse.  
Amor foge a dicionários  
e a regulamentos vários. [...]"  
(Carlos Drummond de Andrade)

**'Cartas de Amor'**

São Luiz Gonzaga/RS  
Junho de 2022

Realização: **NEWTON A VILA**  
Comunicação Coletiva

**Amorcomtur!**  
Associação de Turismo Cultural de São Luiz Gonzaga/RS

**AÇÃO 'Cartas de Amor'** – Trata-se de uma ação, em formato de concurso, em que moradores com idade acima de 15 anos, podem escrever uma carta de amor, manuscrita ou digitalizada, de 3 a 10 de junho, a uma das três categorias, manifestando pela escrita, a expressão do amor. As categorias são:

**Categoria 1**-carta de amor a um amor vivido em São Luiz Gonzaga;

**Categoria 2**-carta de amor a São Luiz Gonzaga;

**Categoria 3**-carta de amor a um ponto turístico ou espaço público de São Luiz Gonzaga.

Para participar, basta escrever uma carta de amor, com até 25 linhas, manuscrita ou digitalizada, sinalizar a categoria escolhida de participação e enviar para o e-mail: [cartasdeamorsaoluizgonzaga@hotmail.com](mailto:cartasdeamorsaoluizgonzaga@hotmail.com)

Obs.: Para não desconfigurar a escrita das cartas, pede-se que:

1-As cartas manuscritas sejam fotografadas e enviadas em formato PDF ou JPEG;

2-As cartas escritas diretamente no computador – digitalizadas, sejam enviadas em formato de PDF).

A divulgação das 'cartas destaque' de cada categoria será na segunda-feira, dia 27 de junho, 16h. E a premiação, simbólica, será um troféu criado e confeccionado por Vinícius Chollet, da Design Serigrafia.

Com o objetivo de cultivar a reflexão de amor pelas pessoas da cidade e pela cidade, essa proposta poético-pedagógico-educativa, coloca em contato pessoas e suas histórias, revoluciona o interior de cada um e traz a calma num tempo pós-moderno e tão rápido.

Acredita-se que, essas ações, poderão valorizar a cidade, tanto em relação aos moradores, no sentido de produzir entrelaçamentos à história entendendo a sua importância, tanto em relação à visitantes que irão conhecer a história do lugar e poderão, com esse olhar, sentir-se pertencentes a esse espaço. Dessa forma, ao sentir-se pertencente, serão capazes de cuidar, valorizar e divulgar, e, se reinventar, enquanto sujeitos e enquanto lugar.

## APÊNDICE E – IDEIAS PÓS AÇÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS ENTREGUES À SECRETÁRIA MUNICIPAL DE TURISMO E CULTURA DE SÃO LUIZ GONZAGA/RS



À Secretária Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga – RS

Eu Newton Fernandes de Ávila, doutorando no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, PPGTURH, da Universidade de Caxias do Sul, UCS, orientado pela Profª. Drª. Maria Luiza Cardinale Baptista, venho, por meio deste documento, oportunizar proposições envolvendo turismo, a partir de ações artístico-culturais para a cidade de São Luiz Gonzaga/RS.

Salienta-se que essas proposições serão anexadas na pesquisa de Newton Fernandes de Ávila. A pesquisa tem como lócus de pesquisa a cidade de São Luiz Gonzaga. O objeto de tese envolve as áreas Turismo, Amorosidade e Autopoiese, a partir de narrativas de sujeitos do lugar.

As proposições foram construídas, como decorrência de uma escuta atenta aos moradores sobre o lugar, em rodas de conversa que aconteceram em aproximações e ações investigativas durante 2019 e 2020, e geraram inúmeros relatos. Assim, buscando ampliar o expoente turístico dessa cidade, eis as proposições:

- Criar uma apresentação artística com personagens vestidos a caráter, com roupas de época, para mostrar a história, contando com atores que contam o lugar.
- Fazer uma reportagem ou matéria, incluindo personagens conhecidos das ruas, em diferentes bairros, mostrando as diferentes misturas de culturas, a pluralidade que a cidade oferece. Contatar correspondentes dos jornais estaduais, dos veículos de imprensa estaduais.
- Criar uma cartilha sobre a História Jesuítica-Guarani, que possa dar conta de instruir o conhecer e manter viva a história que construiu São Luiz Gonzaga.
- Dar um espaço de visibilidade, na Biblioteca Pública, para os livros que abordam da história de São Luiz Gonzaga, colocando em uma prateleira à parte, com destaque.
- Contar em um blog ou no site da Prefeitura, em formato de depoimentos, a história de moradores que fizeram história em São Luiz Gonzaga. Pode-se ilustrar com fotografias desses moradores, ilustres ou anônimos.

- Criar uma galeria on-line com fotos e texto de todos os prefeitos que já passaram pela cidade, propondo uma linha do tempo. Quem sabe trazer algumas das ações que esses prefeitos fizeram/trouxeram para a cidade.

- Criar um Instagram com fotografia da cidade, não só pontos turísticos, mas fotografias registradas pela percepção dos moradores, de espaços que significam para eles. Como título fica a sugestão de: 'São Luiz Gonzaga pela luz dos teus olhos'. Aí é um momento para, quem sabe, fazer com que pessoas comuns, mostrem seus talentos e contêm outros pedaços da cidade, resgatando memórias e história.

- Propor que seja feito um evento que contemple a música missioneira, quem sabe resgatando aqueles eventos que existam e que foram perdidos ao longo dos anos, mas que demonstram a essência de São Luiz Gonzaga, que tem o título de 'Capital Estadual da Música Missioneira', desde 2012.

Acredita-se que, essas ações, poderão valorizar a cidade, tanto em relação aos moradores, no sentido de produzir entrelaçamentos à história entendendo a sua importância, tanto em relação à visitantes que irão conhecer a história do lugar e poderão, com esse olhar, sentir-se pertencentes a esse espaço. Dessa forma, ao sentir-se pertencente, será capaz de cuidar, valorizar e divulgar.

Colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.




---

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista  
mlcbaptista@ucs.br – 51-9.9373.4928



Doutorando Newton Fernandes de Ávila  
nfavila@ucs.br

Caxias do Sul/RS, junho de 2022.



**ANEXOS**

**ANEXO A – DECLARAÇÃO DO CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS  
NATURAIS E REGISTROS ESPECIAIS DA COMARCA DE SÃO LUIZ  
GONZAGAS/RS**

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
PODER JUDICIÁRIO  
SERVIÇO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS E  
REGISTROS ESPECIAIS  
COMARCA DE SÃO LUIZ GONZAGA



**CERTIDÃO**

Certifico, para os devidos fins, que, após pesquisas efetuadas nos assentos de nascimento desta Serventia, no período de 2020 até junho de 2022, foi constatado que o nome feminino e o nome masculino mais utilizado foi, respectivamente, MARIA (51 registros) e ARTHUR (29 registros).

Era o que me cabia certificar.

São Luiz Gonzaga – RS, 21 de junho de 2022.

  
ANA LÚCIA DA COSTA  
Registradora Titular

